OPERAÇÃO CAVALO DE TRÓIA 1
J. J. Benítez

Baseando-se em informações confidenciais, o prestigiado autor deste best-seller internacional revela dados novos e surpreendentes sobre a figura e a obra de Jesus de Nazaré.

Tudo começa quando um militar e cientista norte-americano confiam ao autor deste livro uma série de documentos que comprovam uma experiência prodigiosa: uma viagem no tempo permitiu ao protagonista presenciar, há quase dois mil anos, os últimos dias de Jesus Cristo na Terra, desde a sua entrada em Jerusalém, até à sua prisão, julgamento, crucificação e ressurreição.

Esta misteriosa e inacreditável experiência, batizada pela NASA como Operação Cavalo de Tróia teria sido realizada em Israel, no mais completo segredo e envolvendo sofisticada tecnologia de vanguarda. Trata-se de um relato objetivo e rigoroso, que impressiona, desde logo, pelos detalhes minuciosos dos acontecimentos desses dias, que tiveram uma importância decisiva na evolução da História da Humanidade.

Operação Cavalo de Tróia é, assim, um livro onde se entrecruzam o passado e o presente, como se Já não existissem - ou, afinal, nunca tivessem existido - fronteiras entre a ficção e a realidade.

J. J. BENÍTEZ é um dos mais populares escritores espanhóis da atualidade. Nascido em Navarra, há trinta e oito anos, foi jornalista antes de se dedicar à literatura. A sua primeira obra, Existió otra Humanidad, foi editada em 1975, seguindo-se, entre mais de duas dezenas de best-sellers internacionais, OVNIS: S.O.S. a La Humanidad (com mais de 80 mil exemplares vendidos), El Enviado (mais de 100 mil exemplares), Los astronautas de Yavé (mais de 30 mil exemplares) e El misterio de la Virgen de Guadalupe (mais de 50 mil exemplares). Com Operação Cavalo de Tróia - que, só na Espanha, conta Já com mais de 300 mil exemplares vendidos -, J. J. Benítez aventura-se abertamente no sugestivo universo dos livros-testemunho centrados em fatos que têm permanecido ocultos ou esquecidos.

Próximo volume:
Operação Cavalo de Tróia II
A continuação deste best-seller mundial.

OPERAÇÃO CAVALO DE TRÓIA I
J. J. BENÍTEZ

Tradução de
Fernando de SOUSA

Título original:

Caballo de Troya

Copyright (C) J. J. Benítez,1989
Publicado originalmente por Editorial Planeta, S. A.

Difusão Cultural - Sociedade Editorial e Livreira, Lda.

Av. Almirante Reis, 260 - 3.o Esq. - 1000 Lisboa

Capa: António Diogo

Ilustração da capa: Zé Paulo Washiington

Sumário
Washington
México D. F.
Tabasco
Iucatan
Espanha
Washington
O DIÁRIO
30 de Março, quinta-feira.
31 de Março, sexta-feira.
1 de Abril, sábado.
2 de Abril, domingo.
3 de Abril, segunda-feira.
4 de Abril, terça-feira.
5 de Abril, quarta-feira.
6 de Abril, quinta-feira.
8 de Abril, sábado.
9 de Abril, domingo

***

Assinalado com uma estrela, o ponto de contato onde pousou o módulo, no cume do monte das Oliveiras. O círculo que aparece um pouco mais ao sul marca o ponto da encosta do monte onde foi instalado o acampamento de Jesus e seus discípulos, em Getsémani permaneci submerso na realização de Operação Cavalo de Tróia.

Há ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se fossem escritas uma a uma, creio que o próprio mundo não poderia conter os livros que tinham de ser escritos.

S. João, 21,

WASHINGTON

Pelo meu relógio eram três da tarde. Faltavam duas horas para que o Cemitério Nacional de Arlington fechasse as portas. Eu tinha gastado quase toda aquela segunda-feira, 12 de Outubro, em frente aos três túmulos dos soldados desconhecidos e à minúscula e perpétua chama alaranjada que d vida à rústica laje cinzenta sob a qual repousam os despojos fúnebres do presidente John Fitzgerald Kennedy. Ainda que de tanto o ler Já o tivesse decorado, mais uma vez consultei o código que o Major me entregara.

Pela enésima vez examinei o maciço sarcófago de mármore branco que se ergue na face leste do Anfiteatro Comemorativo e constitui o monumento inicial e que mais sobressai do Túmulo ao Soldado Desconhecido. Na face oeste esculpiram três figuras que simbolizam a Vitória, obtendo a Paz por meio da Coragem. Mas aquele painel não parecia estar relacionado com o meu código...

Lentamente, como mais um turista, contornei o cordão que encerra o reduzido átrio retangular e fui sentar-me em frente da face posterior do túmulo central, nos degraus de um pequeno anfiteatro. Exausto, reli quanto tinha anotado. Na minha frente, a cinco metros dos túmulos, um soldado de infantaria do Primeiro Batalhão da velha guarda, com sede em Fort Myer, passava para cima e para baixo, espingarda ao ombro, a exibir a escura farda de gala.

Ainda que a corrente de segurança me separasse uns dez metros daquela parte do túmulo, a legenda gravada no mármore podia ler-se com facilidade: Aqui repousa gloriosamente um soldado dos Estados Unidos que só Deus conhece.

Estará ali a chave. Perguntei-me, com nervosismo. A solitária sentinela, esgalgada e fria como a baioneta que rematava o seu brilhante mosquetão, tinha parado. Depois de uma breve pausa, rodou, mudando a espingarda de ombro. Segundos depois percorria o mesmo caminho, parando em frente do túmulo. Ali repetiu a mudança de posição da espingarda e, rodando de novo, reiniciou o seu solene desfile.

O meu amigo, um major norte-americano, referia-se ao soldado que está de guarda, dia e noite, no cemitério dos heróis, em Washington. A sentinela que vela diante do túmulo te revelará o ritual de Arlington, dizia a primeira frase da sua última carta...

15

MÉXICO D. F.

Mas ser justo que, antes de prosseguir com esta nova aventura, conte quando e em que circunstâncias conheci o Major e como me vi envolvido numa das investigações mais estranhas e fascinantes de quantas empreendi. No mês de Abril de 1980, e por outras razões que não vêm a propósito, encontrava-me no México (Distrito Federal). Havia

poucos meses que tinha escrito o meu primeiro livro acerca das descobertas dos cientistas da NASA sobre o Santo Sudário, de Turim, e recordo que, numa das minhas intervenções na televisão asteca - concretamente, no prestigiado e popular programa informativo de Jacobo Zabludowsky -, eu tinha comentado alguns pormenores sobre as horríveis torturas a que fora submetido Jesus de Nazaré. Para minha surpresa e das pessoas da Televisão, naquela noite registrou-se uma torrente de chamadas vindas dos pontos mais distantes da república e até de Miami e da Califórnia.

De regresso ao hotel, a telefonista do Presidente Chapultepec passou-me uma chamada que nunca esquecerei.

- É o senhor J. J. Benítez?

- Sou eu, diga...

- O senhor é J. J Benítez?

- Sim, sou eu... Quem fala?

- Vi-o no programa do senhor Zabludowsky e teria grande honra se pudesse falar consigo.

- Bom, pois fale - respondi quase mecanicamente, ao mesmo tempo em que me deixava cair em cima da cama. Naqueles primeiros instantes confundi o meu interlocutor com o típico curioso. E preparei-me para acabar com a conversa na primeira altura.

- Como Já ter adivinhado pelo sotaque, sou estrangeiro...Sinceramente, ao ouvi-lo, impressionou-me o seu interesse por Cristo.

- Desculpe - interrompi-o, procurando saber com quem estava falando. - Como disse chamar-se?

- Não, não lhe disse o meu nome. E se o senhor me permite, dada a minha condição de antigo piloto da força aérea norte-americana, preferia não lho dar pelo telefone.

Aquilo me pôs em guarda. Refleti e procurei arrumar idéias.

- Não sei qual é o seu plano de trabalho no México continuou, em tom muitíssimo afável -, mas talvez possa ser de grande interesse para si que nos encontremos. Que lhe parece?

- Não sei - hesitei. - Onde é que o senhor se encontra?

- Estou lhe telefonando do estado de Tabasco. Tem alguma viagem prevista a esta região?

- Francamente, não, mas...

Mais uma vez me deixei guiar pela intuição. Um antigo piloto da USAF ? Podia ser interessante... A experiência como investigador tem-me ensinado a aceitar o risco. Que tinha eu a perder com aquela entrevista?

- Pode esclarecer-me Já alguma coisa? - insinuei, sem reprimir a curiosidade.

- Não... Acredite. Por telefone, não posso... Mas há mais, não desejo enganá-lo e desde Já lhe digo que nessa primeira conversa, se é

que virá a acontecer, provavelmente não obterá grandes conclusões. No entanto, insisto em que nos encontremos...

- Está bem - interrompi, com alguma indelicadeza. - Aceito. Onde e quando nos vemos?

- Pode vir a Villahermosa? Até sábado estarei aqui. Conhece a cidade?

- Sim, conheço - respondi, um tanto contrariado.

Se a memória não me falhava, em Julho de 1977, Raquel e eu tínhamos visitado a zona arqueológica de Palenque, no estado de Chiapas, e as colossais cabeças olmecas de Villahermosa. Porém, encontrava-me agora no Distrito Federal, a mil quilômetros da tórrida região tabasquenha.

- Acha bem sexta-feira, dia dezoito?

- Um momento. Deixe-me ver a agenda...

A verdade é que eu Já sabia não haver compromisso algum para a referida sexta-feira. Mas o fato de ter de viajar até Tabasco, sem garantias nem referências sobre a pessoa com quem pretendia encontrar-me tinha-me irritado. E procurei rapidamente qualquer desculpa que me livrasse de tão disparatada viagem. Foram uns segundos tensos. Por um lado, o instinto jornalístico puxava-me para Villahermosa. Por outro, a sensatez começara a minar o meu frágil entusiasmo. Felizmente para mim, impôs-se o primeiro e aceitei.

- Muito bem. Creio que há um avião que parte do México pela uma da manhã. Onde posso encontrá-lo?

- Conhece o Parque de la Venta?

O homem devia ter notado as minhas dúvidas e acrescentou:

- O das cabeças olmecas...

- Conheço, sim.

- Estarei à sua espera junto do Grande Altar...

- Mas como vou conhecê-lo?

- Não se preocupe.

Aquela certeza deixou-me fascinado.

- O mais provável - concluiu - é que eu o reconheça primeiro.

- Está bem. Em todo o caso, levarei um livro na mão...

- Como quiser.

- Então... Até sexta-feira.

- Ótimo. Muito obrigado por atender o meu pedido.

- Tive muito prazer - menti. - Boa noite.

Ao desligar o telefone, fui assaltado por um enxame de dúvidas. Porque fora eu aceitar tão rapidamente? Que certeza tinha de que aquele hipotético estrangeiro fosse um piloto reformado da USAF ? E se tudo aquilo fosse uma brincadeira? Ao mesmo tempo, alguma coisa me dizia que devia ir a Villahermosa.

O tom de voz daquele homem dava-me a convicção de estar tratando com uma pessoa sincera. Mas, que queria ele comunicar-me? Pensei, naturalmente, naquela enigmática informação. O mais lógico - dizia

comigo mesmo, enquanto tentava inutilmente conciliar o sono - será tratar-se de algum caso OVNI em que entraram os militares norte-americanos. Ou não? Porque se referiu ele ao meu interesse por Cristo? Que ter a ver um militar veterano com semelhante assunto?
Para dizer a verdade, quanto mais pensava no caso mais estranho e irritante ele me parecia. Optei assim pela única solução prática: esquecer-me até sexta-feira, 18 de Abril.

TABASCO

Às dez horas e quarenta e cinco minutos, apenas uma hora depois de levantar vôo do aeroporto Benito Juárez, da cidade do México, aterrava em Villahermosa. Ao pôr os pés na pista, um familiar formigueiro no estômago me anunciou o começo de uma nova aventura. Ali estava eu, debaixo de um sol tropical, com a inseparável bolsa preta das máquinas fotográficas no ombro e um exemplar do meu livro O Enviado na mão.

Veremos o que o destino me reserva, pensei, enquanto atravessava a crestante pista em direção ao edifício do aeroporto. Aquela situação - para quê negá-lo - fascinava-me. Sempre gostei de brincar de detetive...

Por isso, e desde o momento em que saí do avião da Companhia Mexicana de Aviação, fui fixando a minha atenção nas pessoas que esperavam no aeroporto. Estaria por lá o misterioso interlocutor? Pelo timbre da sua voz, o meu anônimo amigo devia andar pelos cinqüenta anos. Talvez mais, dado ser um piloto aposentado.

Agarrei o livro com a mão esquerda, fazendo que a capa ficasse bem à vista, e, vagarosamente, encaminhei-me para o serviço de câmbio. Se o norte-americano estava por ali tinha de me identificar. Troquei alguns dólares, e com a mesma calma dirigi-me para a porta de saída à procura de um táxi.

Ninguém fez o menor movimento nem a mim se dirigiu em momento algum. Era evidente que o estrangeiro não se encontrava no aeroporto, ou pelo menos, não quisera dar sinal de vida. Poucos minutos depois, pelas onze e um quarto daquela sexta-feira, 18 de Abril de 1980, um empregado do Parque Museo de la Venta entregava-me o correspondente bilhete de entrada, bem como uma simples
mas bem documentada planta para localização das gigantescas esculturas olmecas.

O parque parecia estar tranqüilo. Consultei o mapa e verifiquei que o Grande Altar - o nosso ponto de encontro - estava situado exatamente no centro daquele belo museu ao ar livre. O itinerário indicava um total de vinte e sete monumentos. Eu devia caminhar até ao número cinco. Se tudo corresse bem, era ali que deveria conhecer, finalmente, o meu informante.

Sem perda de tempo, meti-me pelo estreito caminho, seguindo as pisadas de uns pés a vermelho que tinham sido pintadas pelos responsáveis do parque e constituíam uma simpática ajuda ao visitante. Uns metros à minha esquerda, descobri o monumento número um.

Tratava-se de uma formidável cabeça de jaguar meio destruída, com um peso de trinta toneladas. Continuei a andar, metendo-me por um cerrado bosque. O coração começava a bater mais depressa.

A uns oitenta passos, à direita do caminho, apareceram as esculturas de um macaco e de outro jaguar. Eram os monumentos números dois e três. Em frente ao jaguar a planta indicava a figura de um manatim, esculpido em serpentina. Era o número quatro. Avancei mais uns trinta metros e, ao deixar para trás um dos cotovelos do caminho, reconheci entre o arvoredo o monumento número quatro, outro pequeno jaguar, também esculpido no basalto. O seguinte era o Grande Altar Triunfal.

Aqueles últimos metros até ao pequeno átrio onde se ergue o monumento número cinco foram singularmente intensos. Até àquele momento não encontrara sequer um turista. A minha única companhia eram os meus pensamentos, e aquela louca algaravia da multidão de pássaros multicores que esvoaçavam entre as copas dos grandes huayacãs, e cedros vermelhos.

Ao entrar na clareira parei. O coração teve um sobressalto. O Grande Altar estava deserto. Por baixo da ara, num nicho central, uma figura nua e musculosa empunhava uma adaga na mão esquerda. Com a direita, a estátua agarrava uma coroa a que estava amarrado um prisioneiro.

O furioso sol do meio-dia devolveu-me à realidade. Onde está o maldito yankee?, balbuciei, indignado. Só a idéia de que tivesse zombado de mim me perturbava. Avancei desconcertado para o Grande Altar sentindo chiar debaixo das botas o cascalho branco.

Talvez tenha chegado adiantado, pensei, numa débil tentativa para me tranqüilizar.

De repente, avisado - suponho - pelo som dos meus passos no cascalho, um homem apareceu atrás da grande mole de pedra.

Ambos permanecemos imóveis durante uns segundos, observando-nos. Nunca esquecerei aqueles instantes. Tinha na minha frente um indivíduo de considerável altura - talvez perto de um metro e oitenta – com o cabelo grisalho e vestindo casaco e calças brancas. Respirei, aliviado. Sem dúvida era aquele o meu anônimo interlocutor.

- Bom dia - exclamou, ao mesmo tempo em que tirava os óculos escuros e sorria. - É o senhor J. J. Benítez?

Confirmei e apertei-lhe a mão. Costumo dar grande importância a este gesto. Gosto daqueles que o fazem com força. Aquele aperto de mão foi sólido, como o dos amigos que se encontram passado muito tempo.

- Agradeço-lhe que tenha vindo - comentou. - Creio que não se arrependerá por me ter conhecido.

Nem nesta primeira entrevista nem nas que se seguiram durante vários meses, pude averiguar a idade exata daquele norte-americano.

A julgar pelo seu aspecto - ossudo e com um rosto riscado pelas rugas - talvez andasse pelos sessenta anos. Os olhos claros, penetrantes, inspiraram-me confiança. Não sei a razão, mas, desde aquele primeiro encontro junto ao Grande Altar, no Museu de la Venta, se estabeleceu entre nós uma mútua corrente de confiança.

- Conheço um restaurante onde podemos conversar. Tem fome?

Não tinha apetite algum, mas aceitei. O que me consumia era a curiosidade. Uns minutos depois estávamos sentados num estabelecimento em penumbra, quase no final da Rua do Paralelo Dezoito. Durante o trajeto, nenhum de nós falou. Suponho que o meu novo amigo fez o mesmo que eu, tentar descobrir o outro até aos menores pormenores... Depois daquele cumprimento no museu das gigantescas cabeças negróides, a certeza de que me encontrava ante uma possível boa notícia ia ganhando terreno.

- Diga - quebrei o silêncio, convidando o meu companheiro a que começasse a falar.

- Em primeiro lugar, quero lembrar-lhe o que Já lhe disse por telefone. É possível que se sinta desiludido, no fim da nossa primeira conversa.

- Porquê?

- Quero ser muito sincero consigo. Mal o conheço. Não sei até onde pode chegar a sua honestidade...

Deixei-o falar. O seu tom pausado e cordial tornava as coisas muito mais fáceis.

- Para depositar nas suas mãos a informação que possuo, primeiro tem de me demonstrar que confia em mim. Por isso - peço-lhe que não fique alarmado - tenho de experimentar e ter certeza da sua firmeza de espírito e, principalmente, do seu interesse por Cristo.

O americano levou à boca um sumo de laranja e continuou a perfurar-me com aquele olhar de falcão. Deve ter captado a minha confusão. Que tinha a ver a minha firmeza de espírito com Cristo ou, antes, com o meu interesse por Jesus?

- Permita-me duas perguntas, senhor...

- Se isso não o aborrece - respondeu, com um fugaz sorriso trate-me por Major. No momento, e por razões de segurança, não posso dizer-lhe o meu verdadeiro nome.

Aquilo me desagradou. Mas aceitei. Que mais podia eu fazer, se queria realmente chegar ao fundo daquele enigmático assunto?

- Está bem, Major. Vamos por partes. Em primeiro lugar, o senhor disse ser um oficial da força aérea norte-americana que passou à reserva. Estou enganado?

- Não, não está.

- Bem. Segunda pergunta: que tem a ver o meu interesse por Cristo com essa informação que diz possuir?

O criado pôs em cima da toalha vermelha várias travessas com postas de robalo e guisado de carne com pimenta, empadas de queijo e um imenso lombo à moda de Tampico.

O Major calou-se. Tenho agora certeza de que foi para ele uma situação difícil. O meu amigo teve de lutar contra si mesmo para se conter.

- Quando conhecer a natureza dessa informação – acentuou compreenderá as minhas precauções. Antes que isso aconteça, tenho de me convencer de que você, ou a pessoa escolhida será capaz de lhe dar valor e, principalmente, que fará bom uso dela.

- Não consigo entender porque me escolheu...

O Major deixou de me perscrutar e perguntou, por sua vez:

- Acredita na casualidade?

- Sinceramente, não.

- Quando o vi e o ouvi na televisão, houve uma frase sua que me levou a telefonar-lhe. Teve a coragem de reconhecer publicamente que, agora, a partir das suas investigações sobre as descobertas dos cientistas da NASA, tinha descoberto Jesus de Nazaré. O senhor não parece envergonhar-se de Cristo...

Sorri.

- E por que razão o faria, se realmente acredito nEle?

- Foi isso que transmitiu através do programa. E isso é, nem mais nem menos, o que eu procuro.

Não pude conter-me e lancei-lhe à queima-roupa:

- Desculpe. Pertence a alguma seita religiosa?

O Major pareceu ficar desconcertado. Mas acabou por sorrir, revelando-me um novo dado.

- Vivo só e isolado. Sou crente, e nem imagina até que ponto o sou... No entanto, sempre fugi a qualquer tipo de igreja ou grupo religioso. Pode ter certeza de que não se encontra na frente de um fanático...

Pareceu-me notar um pouco de tristeza e de melancolia em algumas palavras suas. Hoje, ao recordá-lo, e consoante fui descobrindo o enigma do major norte-americano, não posso evitar uma arrepio de emoção e de profundo respeito por aquele homem.

- Onde vive?

- No Iucatan.

- Posso perguntar-lhe porque vive só e isolado?

Mas, antes que me respondesse, tentei encurralá-lo com uma segunda pergunta:

- Tem alguma coisa a ver com essa informação que conhece?

- A isso posso responder com um terminante sim,.

De novo houve silêncio entre nós.

- E que deseja que eu faça?

O Major tirou de uma das algibeiras do casaco uma pequena e desbotada caderneta azul. Escreveu umas palavras e entregou-me a folha de papel. Tratava-se de um apartado dos correios na cidade de Chichén Itz , no mencionado estado do Iucatan.

- Quero que continuemos em contato - respondeu, indicando-me a direção. - Pode escrever para esta caixa postal?

- Naturalmente, mas...

O homem pareceu adivinhar os meus pensamentos e continuou com uma firmeza que não dava lugar a dúvidas:

- Tenho de provar a sua sinceridade. Suplico-lhe que não se aborreça. Só quero ter a certeza. Embora não o compreenda agora, eu sei que os meus dias estão contados. E tenho urgência em encontrar a pessoa que terá de difundir essa informação...

Aquela confissão deixou-me perplexo.

- Está me dizendo que sabe que vai morrer?

O Major baixou os olhos. E eu amaldiçoei a minha falta de tato.

- Perdoe...

- Não se desculpe - continuou o oficial, voltando ao seu tom alegre. - Morrer não é bom nem mau. Se o insinuei foi para que saiba que esse momento está próximo e que, por conseqüência, não está lidando com um brincalhão ou um louco.

- Como saberei se decidiu ou não que seja eu a pessoa adequada?

- Acho que em breve nos voltaremos a ver, não se preocupe. Saberá, simplesmente.

- Não posso esconder mais. Sabe que investigo o fenômeno OVNI...

- Sei.

- Pode ao menos me esclarecer se essa informação tem algo a ver com essas astronaves?

- Tudo o que posso lhe dizer é que não.

Aquilo acabou por me desorientar.

Duas horas mais tarde, com o espírito assaltado por dúvidas, levantava vôo de Villahermosa, rumo à Cidade do México. Não podia então imaginar o que o destino me reservava.

IUCATÇO

De regresso à Espanha, e durante alguns meses, o Major e eu trocamos uma série de cartas. Por aquela altura, as minhas atividades na investigação OVNI tinham Já atingido um volume e uma dimensão suficientemente notórios para tentar os diversos serviços de espionagem que atuam no meu país. Tinha então consciência - e ainda tenho agora - de que o meu telefone era vigiado e de que, em muitas alturas, dada a natureza de algumas indagações, os sutis agentes desses departamentos (civis e militares) de Informação tinham seguido muito de perto os meus passos e encontros. O que nunca souberam - pelo menos assim espero - é que, prevendo que a minha

correspondência pudesse ser interceptada, eu tinha alugado uma determinada caixa postal nos correios, aproveitando para tal a cumplicidade de um bom amigo, que figurou sempre como o legítimo locador. Esta habilidade permitiu-me desviar do canal oficial aquelas cartas, documentos e informações em geral que pretendia isolar daquela curiosidade doentia.

Naturalmente, pelo que poderia acontecer, e dada à antiga profissão e a nacionalidade do Major, sempre as suas cartas seguiram por essa via confidencial. Nem a minha mulher, Raquel soube da existência deste novo amigo nem dos meus sucessivos contatos com ele. Por outro lado, e ainda que as cartas do Major tivessem caído nas mãos dos serviços de espionagem, duvido muito que o seu conteúdo pudesse atrair-lhes a atenção. Por mais que insistisse, nunca consegui que largasse uma única pista sobre a informação que dizia possuir.

As suas amáveis palavras estavam sempre dirigidas para um mais intenso e extenso conhecimento da minha maneira de pensar, das minhas inquietações e, especialmente, dos meus passos e investigações em torno da Paixão e morte de Cristo. Recordo que uma das suas cartas foi dedicada inteiramente a interrogar-me sobre a última parte do meu livro O Enviado.

Segundo parece, a minha hipotética entrevista com Jesus de Nazaré, que conclui a obra, causou-lhe especial impressão. E chegou o Outono de 1980. Em honra da verdade, as minhas esperanças de obter algum indício sobre o impenetrável segredo do Major tinham ido enfraquecendo. Houve momentos difíceis, em que as dúvidas me assaltaram com grande violência. Acho que o meu fraco entusiasmo teria acabado por se extinguir se não tivesse recebido aquela lacônica carta - quase telegráfica - em que o meu amigo me rogava que largasse tudo e voasse até à cidade de Mérida, no estado do Iucatan. Durante alguns dias - não o nego - debati-me numa angustiante inquietação. Que devia fazer? Teria o Major resolvido falar-me com clareza?

Uma vez mais, estive tentado a lhe escrever e a pedir explicações.

Mas alguma coisa me deteve. Tinha a intuição de que podia ser outra prova, talvez a definitiva. Tomei por fim a decisão de apanhar o avião para a América e iniciei uma infinidade de medidas para procurar cobrir, no todo ou em parte, o elevado custo da viagem. Contrariamente ao que muitos possam pensar, os meus recursos econômicos são sempre escassos e aquele súbito salto para o outro lado do Atlântico acabou por desequilibrá-los.

Providencialmente, o meu amigo e editor José Manuel Lara aceitou a idéia de apresentar os meus últimos livros na América, e com esta desculpa aterrei em Bogotá.

Aquele desvio, embora atrasasse uns dias o meu encontro com o Major, pareceu-me extremamente prudente. Não estava disposto a conceder a menor possibilidade aos serviços de espionagem, e assim o anunciei ao meu amigo, numa carta que me precedeu e em que,

evidentemente, lhe indicava o dia e o vôo em que esperava aterrar em Mérida.

Concluídas as minhas obrigações na Colômbia, arranjei maneira de cancelar os meus compromissos em Caracas, voando rigorosamente incógnito - via Belmon - até Iucatan.

Ao passar pela alfândega, e antes de ter tempo para procurar o Major, esbarrei com um cartaz onde tinham escrito o meu primeiro nome. O escandaloso cartaz estava nas mãos de um homem rijo, de grande bigode preto e pele bronzeada. Ao apresentar-se, identificou-se como Laurêncio Rodarte, ao serviço do Major.

- Ele não pôde vir esperá-lo - desculpou-se, enquanto teimava em me levar a mala. - Se não se importa, eu levo-o até junto dele.

O meu instinto fez-me desconfiar. E, antes de sair do aeroporto, procurei averiguar que papel desempenhava aquele indivíduo e por que razão não viera o Major.

Laurêncio deve ter percebido o meu receio e, largando a mala, resumiu:

- O Major está doente.

- Onde está ?

- Sinto muito, mas não tenho autorização para o dizer. Mandou-me que viesse esperá-lo e...

- Olhe, Laurêncio - interrompi-o, procurando serenar os meus nervos -, nada tenho contra você. Mais, agradeço-lhe que tenha vindo esperar-me, mas, se me disser onde está o Major eu irei pelos meus próprios meios.

O homem hesitou.

- É que as minhas ordens...

- Não se preocupe. Diga-me onde é que o Major me espera e irei ao seu encontro.

O tom da minha voz era tão firme que Laurêncio acabou por encolher os ombros e perguntou de má vontade:

- Conhece Chichén Itz ?

- Conheço.

- O Major ordenou-me que o levasse até à cisterna sagrada.

Laurêncio apontou para o meu relógio e acentuou:

- Deve estar lá às quatro.

E, dando meia volta, encaminhou-se para a saída. Consultei a hora local e verifiquei que dispunha de duas horas, o que mal chegava para ir até à cisterna sagrada dos Maias. Tinha visitado noutros momentos o recinto arqueológico da escondida povoação de Chichén Itz , a leste de Mérida, e em plena selva da península do Iucatan. Conhecia também as suas famosas cisternas - a sagrada e a profana -, situadas a curta distância da cidade e que, segundo os arqueólogos, foram utilizadas pelos antigos Maias como reservatórios naturais de água. A cisterna sagrada era também um centro religioso, onde se praticavam sacrifícios humanos.

Ao ver afastar-se o Toyota preto que Laurêncio guiava, descansei por um instante, procurando pôr as minhas idéias em ordem. Como era evidente, não tardei em me censurar por aquela seca e radical atitude para com o emissário do Major. Especialmente, na altura de lidar com os motoristas dos táxis, estacionados junto ao aeroporto...

Depois de muito regatear, um dos motoristas aceitou levar-me por oitocentos e cinqüenta pesos. E pelas duas da tarde – sem ter comido nada e com a roupa encharcada em suor - o táxi meteu pela Estrada 180, em direção a Chichén.

Tal como tinha prometido, o motorista do táxi percorreu os cento e vinte quilômetros que separavam Mérida de Chichén Itz em pouco mais de hora e meia. Depois de uma vertiginosa ducha no hotel da Vila Arqueológica, encaminhei-me para o local escolhido pelo Major.

As quatro em ponto, com passo ligeiro e o coração a sair-me pela boca, deixei atrás de mim a impressionante pirâmide de Kukulc na e a plataforma de Vênus, enfiando-me pela Via Sagrada, como é conhecida, que morre precisamente numa cisterna ou tanque de quase sessenta metros de diâmetro e quarenta de profundidade.

Antes de chegar ao caminho para o poço sagrado, avistei duas pessoas sentadas junto de uma frondosa acácia com florzinhas rosadas. Ao ver-me uma delas levantou-se. Era Laurêncio. Caminhei mais devagar e enquanto me aproximava senti uma imensa e irreprimível vergonha. Mais uma vez me tinha enganado.

Mas aquele sentimento desvaneceu-se ao ver a segunda pessoa.

Fiquei atônito. Era o Major, mas com mais vinte anos do que aqueles que aparentava quando o conheci em Villahermosa. Continuou sentado na plataforma de pedra do velho altar dos sacrifícios, observando-me com uma mistura de incredulidade e de emoção. Lentamente, em silêncio, deixei escorregar a bolsa das máquinas fotográficas, ao mesmo tempo em que Laurêncio o ajudava a levantar-se. O Major estendeu então os seus compridos braços e, sem saber por que motivo, deixando-me arrastar pelo coração, abraçamo-nos.

- Querido amigo... - murmurou o ancião . - Querido amigo!...

Os seus olhos penetrantes, agora enterrados num rosto cadavérico, tinham-me umedecido. Algo de muito grave, efetivamente, minara a sua antiga e galharda figura. O seu corpo parecia curvado e reduzido a um molho de ossos, por baixo de uma pele ressequida e salpicada por pintas escuras de melanina. Uma barba branca e desleixada mais acentuava a sua decadência.

Tentei esboçar uma desculpa, apertando a mão de Laurêncio, mas este, sem perder o sorriso, pediu-me que esquecesse o incidente do aeroporto.

O Major, apoiando-se ao meu ombro, sugeriu-me que caminhássemos um pouco até ao prado que rodeia a pirâmide de Kukulc n.

Com passo vacilante e uma infinidade de paragens pelo caminho, fomos aproximando-nos do castelo ou pirâmide da Serpente Emplumada.

Assim, naquele primeiro dia em Chichén Itz , soube pela boca do próprio Major que o seu fim estava próximo e que, contrariamente ao que pudesse imaginar, a sua morte fixaria precisamente o começo do meu trabalho.

Soube também que - tal como me insinuara noutras alturas – a sua doença era conseqüência de uma falha não prevista num projeto secreto levado a cabo uns anos atrás, quando ainda pertencia à força aérea norte-americana. Quando o interroguei sobre o referido projeto, suspeitando que poderia ter uma estreita relação com a informação que prometera dar-me, o Major pediu-me que continuasse a ser paciente e esperasse um pouco mais.

Durante dois dias, a minha vida decorreu praticamente numa pequenina casa térrea, nos arredores de Chichén, muito próxima das grutas de Balankanchen, na estrada que segue em direção a Valhadolid maia.

Ali, Laurêncio e sua mulher tratavam do meu amigo havia seis anos. Nem é preciso dizer que aproveitei aquela magnífica oportunidade para mergulhar, na medida do possível, no passado e na identidade do Major. No entanto, as minhas pesquisas entre as diversas autoridades policiais e as pessoas de Chichén não foram tão frutíferas como eu teria desejado. Por um mínimo de delicadeza para com o meu amigo e por ter começado a estimá-lo, pondo até de parte a prometida informação, optei por suspender as tímidas e dissimuladas averiguações.

Sempre que me lançava naquele tipo de operação, um sentimento de repugnância fazia que eu próprio acabasse por me inibir. Era como se estivesse a
traí-lo.

Decidi acabar com tais manobras, a mim mesmo prometendo que seria implacável, se desse o caso de a suposta informação secreta ficar por fim em meu poder.

No entanto, e graças àquelas primeiras averiguações, confirmei como positivos alguns dos dados que o Major me facilitara sobre a sua pessoa: era, efetivamente, de nacionalidade norte-americana, o seu passaporte estava em dia e pertencera a USAF.

Talvez o Major nunca o tenha sabido, mas, antes de regressar a Espanha, Já eu descobrira a sua verdadeira identidade, bem como outros pequenos pormenores sobre aquela límpida e aprazível vida no lucatan.

Tudo isto, como é lógico, me tranqüilizou e aumentou a minha curiosidade e interesse por aquela informação de que tanto me falara o Major.

Antes de partir, ao anunciar-lhe a minha intenção de voltar à Espanha, expus com toda a clareza a minha inquietação perante o seu

mau estado de saúde e a não menos inquietante circunstância, pelo menos para mim, de não ter conseguido a mínima pista sobre o oculto segredo que dizia ter.

O Major pediu a Laurêncio que lhe trouxesse um sobrescrito branco que estava em cima de uma prateleira do armário da saleta onde conversávamos. Com gesto grave, colocou-me nas mãos e comentou:

- Aqui está a primeira parte. O restante chegará ao teu poder quando eu morrer...

Examinei o sobrescrito com algum nervosismo.

- Está fechado - notei. - Posso abri-lo?

- Te peço que o faça longe daqui... Talvez no avião.

Enquanto o guardava entre as folhas do passaporte, o meu amigo adotou um tom mais descontraído:

- Obrigado. Compreenda que a sua investigação começa agora.

- A minha investigação... mas, de quê?

O Major não respondeu às minhas perguntas.

- Só te peço que continue a acreditar em mim e se empenhe com todo o teu coração em decifrar a chave que te conduzirá ao meu legado.

- Continuo a não entender...

- Não importa. Agora, antes de partir, prometa uma coisa...

O Major pôs-se de pé e eu fiz o mesmo. Num extremo da casa, Laurêncio assistia à cena com o seu proverbial mutismo.

- Prometa-me - anunciou-me o ancião , ao mesmo tempo em que erguia a mão direita - que, aconteça o que acontecer, nunca revelará a minha identidade...

Apesar da minha crescente confusão, também levantei a mão direita e prometi, com a solenidade de que fui capaz.

- Obrigado outra vez - murmurou o Major, enquanto se deixava cair lentamente na cadeira. - Que Deus te abençoe...

ESPANHA

Foi aquela a segunda e última vez que vi o Major com vida. Ao regressar a Espanha, e enquanto o meu avião sobrevoava as crateras do Popocatepetl, peguei no misterioso sobrescrito que o norte-americano me dera. Apalpei-o lentamente e, com surpresa, apercebi-me de que continha qualquer coisa sólida e dura. A curiosidade, dificilmente contida, durante aqueles dias, transbordou e tratei de o abrir com todo o cuidado de que fui capaz. Ao olhar lá dentro, a decepção esteve a ponto de me provocar uma síncope. Estava vazio! Ou, melhor, quase vazio.

No interior do sobrescrito, minuciosamente colada com fita adesiva transparente, havia uma chave. Arranquei-a, sem poder conter o meu desencanto, e passei-a de uma mão para outra, sem saber que pensar.

Tentei tranqüilizar-me a mim próprio, iludindo-me com as idéias mais disparatadas. Porém, a verdade nua e fria continuava ali na minha

frente - na forma de chave. Para cúmulo, aquela peça de uns escassos quatro centímetros de comprimento não apresentava um só sinal ou inscrição que permitisse identificá-la. Tinha sido usada, isso era evidente. Mas, onde?

Durante horas, debati-me entre mil conjecturas, misturando o pouco que me adiantara o Major com um labirinto de especulações e fantasias minhas. O resultado final foi uma dor de cabeça muito incomodativa.

Aqui tens a primeira entrega...

Que mistério havia naquela frase? E, principalmente, em que poderia consistir o restante?

... O restante chegará quando eu morrer.

A única coisa clara - ou medianamente clara - em toda aquela embrulhada era que a informação em questão (ou o que quer que fosse), de algum modo tinha de estar relacionada com aquela chave. Mas em quê?

Era absolutamente necessário esperar, a não ser que quisesse enlouquecer. E foi o que fiz: esperar pacientemente. Durante a Primavera e o Verão de 1981, as cartas do Major foram cada vez mais espaçadas. Finalmente, pelo mês de Julho, e com natural alarme da minha parte, o fiel Laurêncio foi o encarregado de responder às minhas cartas.

O Major, dizia-me, numa das últimas cartas, caiu num profundo estado de prostração. Mal consegue falar...

Aquelas palavras anunciavam um rápido e fatal desenlace. Mentalmente, preparei-me para uma nova e última viagem a Iucatan. Mais que o meu inegável e forte interesse - chamemos-lhe jornalístico - prevalecia, graças a Deus, um arraigado afeto por aquele ancião prematuro. Bem sabe Deus quanto teria desejado estar junto dele no momento da sua morte. Porém, o destino reservava-me outro papel nesta desconcertante história.

Foi casualidade? Sinceramente, não sei que pensar...

A verdade é que, naquele 7 de Setembro de 1981- data do meu aniversário -, me chegou às mãos uma nova carta proveniente de Chichén Itz . Em algumas frases lacônicas, Laurêncio anunciava-me o seguinte:

- Assumo o doloroso dever de lhe comunicar que o nosso comum irmão, o Major, faleceu no dia 28 de Agosto. Cumprindo as suas instruções, junto um sobrescrito que só o senhor dever abrir...

Embora a notícia não me apanhasse de surpresa, tenho de confessar que o desaparecimento do meu amigo me afundou durante alguns dias numa singular melancolia, comparável talvez com a tristeza que me provocou um ano depois o falecimento de outro querido mestre e amigo, Manuel Osuna.

Naquela mesma tarde de 7 de Setembro em desânimo, guiei o meu automóvel até às escarpas de Punta Gales. E, ali, tendo na frente o azul e sereno Cantábrico, rezei pelo Major.

Ali mesmo no meio da solidão , quebrei o lacre que protegia o sobrescrito e retirei o conteúdo. Curiosamente, ao invés do que eu próprio teria imaginado semanas atrás, naqueles instantes a minha alvoroçada curiosidade e desenfreado interesse em conhecer o mistério do Major passaram a segundo plano.

Durante mais de duas horas, a tão esperada segunda entrega permaneceu quase esquecida no banco de trás do meu carro. Eu tivera uma verdadeira estima por aquele ancião.

Mas, por fim, como disse, a minha curiosidade impôs-se. O sobrescrito continha duas grandes folhas de papel espesso e quadriculado. Reconheci imediatamente a letra pontiaguda do major. Uma das folhas era uma carta escrita de ambos os lados.

Tinha data de Agosto de 1980!

Aquilo significava - por pura dedução – que o Major tomara a decisão de me confiar o seu segredo pouco depois do meu primeiro encontro com ele, ocorrido em 18 de Abril de 1980.

A carta, que vinha assinada com os seus nomes e apelidos, era na realidade uma última recomendação para que eu procurasse manter-me no caminho da honradez e do amor pelos meus semelhantes. No último parágrafo, e quase de passagem, o Major referia-se à famosa segunda entrega, explicando-me que para chegar à informação que tanto desejava, teria primeiro de decifrar a chave que juntava em folha à parte.

Por último, e com um rude, mas evidente sublinhado, rogava-me que fizesse bom uso da referida informação.

O meu desejo é que com ela possas levar um pouco mais de paz a quantos, como tu e como eu, estamos empenhados na procura da verdade.

O segundo papel, igualmente manuscrito pelo Major, apresentava um total de cinco frases, em inglês, que à primeira vista pareciam absurdas e incongruentes.

Eis a tradução:

A sentinela que vela diante do túmulo te revelará o ritual de Arlington.

Chave e ritual conduzem a Benjamim.

Abre os olhos perante John Fitzgerald Kennedy.

O irmão dorme em 44-W. A sombra da nespereira cobre-o pelo entardecer.

Passado e futuro são o meu legado.

Mais uma vez, o Major parecia divertir-se com aquele jogo. Mas se trataria de um jogo? Mil vezes me perguntei a razão de tantos rodeios e precauções. Se o meu amigo tinha morrido lógico seria que me

facilitasse aquela informação difícil, sem necessidade de mais complicações.

Mas as coisas eram como eram eu tinha como única escolha o desemaranhar daquela meada cada vez mais enredada. Como o leitor supor, passeio horas com os cinco sentidos concentrados naquelas frases.

Estive tentado a chamar alguns dos meus amigos, em busca de auxílio.

Mas contive-me. Me veria forçado a dar-lhes os antecedentes de tão longa e inacreditável história e, principalmente, conforme foi passando o tempo, longe de me desanimar, aceitei a questão como um desafio pessoal. E aqueles que me conhecem um pouco sabem que essa é uma das minhas fraquezas.

De início, a única coisa clara é que a chave que o Major me dera tinha uma indubitável e estreita relação com a segunda frase. Aquela chave deveria conduzir-me, ou levar-me até Benjamim. Mas o que ou quem era Benjamim?

Muitas e muitas vezes, durante quase três semanas, esmiucei frase por frase e palavra por palavra. Levei a cabo as mais disparatadas trocas e saltos nas frases, procurando um sentido mais lógico. Tudo inútil.

À força de estudar o texto acabei por sabê-lo de cor.

Naquele mês de Setembro, e parte do seguinte, vivi por e para aquela mensagem em cifra. Passava os dias a vaguear sem rumo, com o olhar perdido, praticamente alheio a quanto me rodeava. Foram os meus filhos e especialmente Raquel que padeceram com mais crueza as minhas aparentemente absurdas e inexplicáveis mudanças de humor, a melancolia constante e, até, uma injusta irascibilidade. Espero que, agora, ao lerem estas linhas, possam compreender-me e perdoar-me.

Cheguei mesmo a consultar peritos serralheiros, que examinaram a misteriosa chave de todos os ângulos possíveis. O resultado era sempre idêntico: dentes habituais... tudo vulgar.

Mas aquela situação - que começava chegando aos pouco desejáveis limites da obsessão - não podia continuar. E um belo dia fiz o balanço.

Que tinha realmente nas mãos? A que conclusão chegara?

Infelizmente, podiam limitar-se a duas pistas.

1º- O Arlington era um cemitério norte-americano. Eu sabia que se tratava da célebre necrópole dos heróis de guerra naquela nação. Documentei-me quanto pude e comprovei, efetivamente, que no referido lugar existe um túmulo que guarda os despojos de um soldado desconhecido. Por pura lógica deduzi que o referido túmulo estaria guardado ou vigiado por alguma guarda de honra.

Referir-se-ia o Major a essa sentinela?

2º- Também no Cemitério Nacional de Arlington está enterrado o presidente Kennedy. Mas porque teria de abrir os olhos diante de John Fitzgerald Kennedy?

Eram estes os únicos pontos comuns que eu fora capaz de obter.

A sentinela que vela diante do túmulo te revelar o ritual de Arlington.

Esta primeira frase tinha-me desorientado. Não era preciso ser muito esperto para compreender que uma das peças-chave tinha de residir na palavra ritual. E uma prova era o Major se encarregar de a repetir na segunda seqüência.

Que ritual era esse? Por que razão tinha de ser a sentinela a me revelar? Será que tinha de lhe perguntar? Mas, para ser assim, a quem teria de me dirigir?

Não havia volta a dar: o primeiro passo tinha de ser a solução do maldito ritual. Só assim poderia saber - era o que então pensava - que ou quem era Benjamim. Quanto às duas últimas frases da chave, sinceramente, delas prescindi por tempo indeterminado.

Pouco me faltou para chamar o meu bom amigo Chencho Arias, por aquela altura diretor da Repartição de Informação Diplomática do Ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol. Com toda a certeza, e mercê dos seus contatos com Washington, me teria desvendado parte do caminho. Mas pensei duas vezes e pus a idéia de lado.

Apesar de tudo, teriam ficado mais quatro frases por esclarecer... Não havia outra solução: tinha de voltar aos Estados Unidos e enfrentar o problema pessoalmente.

WASHINGTON

Pelas onze e cinqüenta de 11 de Outubro, um domingo, o vôo 903 da companhia norte-americana TWA descolava do aeroporto de Barajas, atingindo o seu nível de cruzeiro - 33 000 pés - em pouco mais de dezesseis minutos.

A nossa seguinte escala- Nova Iorque - ficava a milhares de milhas. Havia tempo de sobra para planificar a estratégia a seguir, uma vez em Washington, bem como para saborear uma fria cerveja e trocar impressões com os colegas e amigos que ocupavam boa parte daquele avião.

Era curioso. Simplesmente inacreditável...

Naquela altura, enquanto eu moia a cabeça para resolver a enigmática chave do Major, outro acontecimento veio enredar ainda mais as coisas.

Num esplêndido artigo, publicado no diário madrileno ABC, o escritor Torcuato Luca de Tena oferecia aos Espanhóis as primícias de fantásticas descobertas nos olhos da Virgem Guadalupe, na Cidade do México. Foi como uma bomba. Aquele novo isco, a dez mil quilômetros, precipitou a decisão de saltar novamente para o continente americano e

justificava duplamente a minha viagem. No entanto, mais uma vez tive de fazer frente ao sempre prosaico, mas inevitável problema do dinheiro.

O meu plano era claro: primeiro, Washington, depois, o México.

Mas, desta vez a fortuna sorriu-me rapidamente. Ou não foi a fortuna? O caso é que, antes que as coisas se tornassem complicadas, um providencial telefonema de Madrid pôs-me ao corrente da iminente viagem de Suas Majestades, os Reis de Espanha, aos Estados Unidos. Eu tinha acompanhado o rei Juan Carlos e a rainha Sofia noutras visitas de Estado, e sabia que aquela era a oportunidade que não podia deixar fugir. Entre outras importantes razões, porque aquele tipo de viagem é sempre muito oportuno para a modesta economia dos profissionais do jornalismo.

E foi assim que, naquele 11 de Outubro de 1981, e com mais cerca de trinta jornalistas espanhóis, um segundo avião da TWA - o vôo 407 me deixava no aeroporto nacional da capital federal dos Estados Unidos. Eram dezessete horas e cinqüenta e oito minutos (hora local de Washington).

Apesar da minha crescente inquietação e do meu nervosismo, a tão desejada visita ao Cemitério Nacional de Arlington teve de ser adiada até ao dia seguinte, segunda-feira. Naquele mês de Outubro, a necrópole dos heróis americanos fechava as suas portas às cinco da tarde. E, desculpando-me com o cansaço da viagem, recusei o convite dos meus grandes amigos Jaime C, Gane Ferrari e Alberto Schommer para visitar a cidade, fechando-me no quarto 549 do Hotel Marriot, sede e quartel-general da imprensa espanhola. Eles, como era evidente, ignoravam os verdadeiros motivos da minha viagem. Até altas horas da madrugada continuei mergulhado no possível plano de ataque. Um plano, diga-se de passagem, que, como sempre, acabaria por sofrer grandes alterações. Mas vamos por partes. Pelas nove da manhã do dia seguinte, 12 de Outubro, com as minhas máquinas fotográficas ao ombro e um ar inocente de turista perdido, fui aos escritórios do Temporary Visitors Center, às portas do Cemitério Nacional de Arlington. Ali, uma amável funcionária - planta na mão - apontou-me o caminho mais curto para localizar o Túmulo do Soldado Desconhecido. Uma leve e fresca brisa vinda do rio Potomac começara a agitar os ramos dos ramos e abetos que se alinham de ambos os lados da rua ou alameda de McClellan. Poucos minutos depois, e tremendo de emoção, avistei as praças de Weaton e Otis e, logo atrás, o túmulo a que, sem dúvida, se referia a mensagem do meu amigo, o Major.

Ainda que o cemitério tivesse aberto as portas há uma hora, talvez nem tanto, um grande grupo de turistas distribuía-se Já ao longo da corrente que isola a pequena esplanada das grandes lajes cinzentas em que se encontra o enorme mausoléu de mármore branco, no qual repousam os restos mortais de um soldado norte-americano caído nos campos de batalha da Europa, e mais duas sepulturas - à direita e à

esquerda da anterior -, em que foram enterrados outros dois soldados desconhecidos, mortos na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coréia, respectivamente. Lá estava a sentinela: a única, segundo me informaram no Centro de Visitantes, que está de guarda permanente em Arlington.

A sentinela que vela diante do túmulo te revelar o ritual ...

Os meus primeiros minutos diante do túmulo foram uma indescritível mistura de atordoamento, confusão e absurda pressa para assimilar quanto me rodeava. E em metade daquele caos mental, a primeira frase do Major:

(A sentinela que vela [...)].

Depois de duas horas de observação, um pouco mais sereno, tirei um caderno e garatujei umas frenéticas notas de quanto fora capaz de perceber.

A sentinela - ponto central das minhas indagações – era rendida de hora a hora. Era sessenta minutos... A verdade é que, à medida que ia escrevendo, muitas daquelas observações me pareciam ridículas. Mas não podia subestimar o mais ínfimo pormenor.

Fiz também uma exaustiva descrição da sua indumentária: domam azul-escuro, quase preto, calças igualmente azuis (um pouco mais claras) Altura oito botões prateados, luvas brancas com uma faixa amarela na costura quepe preto, liso. Ao ombro, a espingarda, de baioneta ca a a...

Observo, continuei anotando que a sentinela, ao chegar ao final do seu breve e marcial desfile diante dos túmulos, muda sempre a arma de ombro. Curiosamente, a espingarda nunca está apontada para o mausoléu.

Mas que tinha tudo aquilo a ver com o maldito ritual?

O curto percurso do soldado diante dos túmulos decorria monótona e silenciosamente. Era evidente que a sentinela não podia falar.

Como é fácil de compreender, não tive ilusões quanto à remota possibilidade de interrogá-la sobre o ritual de Arlington.

Naquela primeira frase da sua obscura chave, o Major também não afirmava que o referido soldado pudesse transmitir-me, de viva voz, o citado ritual. A expressão te revelará podia ser interpretada de muito diversas formas, embora quase desde o início afastasse a de um hipotético diálogo com o membro da velha guarda. O segredo tinha de estar noutro lado.

Certamente, e considerando que um ritual é uma cerimônia, teria de concentrar as forças em quanto respeitasse ao referido rito.

Um tanto aborrecido, e para não levantar suspeitas com a minha prolongada presença na praça leste do anfiteatro, procurei distribuir a manhã e parte da tarde entre o sempre concorrido recinto do Soldado Desconhecido e a l ide do malogrado presidente Kennedy, situada ouço

mais de trezentos metros, na encosta oriental da colina que, precisamente, os três túmulos dos soldados desconhecidos rematam.

Abre os olhos perante John Fitzgerald Kennedy, rezava a terceira frase da mensagem. Mas, por mais que os abrisse, a minha mente continuou em branco.

Somei, mesmo, os números das suas datas de nascimento e de morte (1917-1963), sem resultado algum. Por simples inércia, brinquei com a idade do residente, imaginando uma infinidade de cabalas tão absurdas quanto estéreis. Creio que a única coisa positiva daquelas longas horas em frente à sepultura de Kennedy, e às dos dois filhos que faleceram antes dele, foi o Padre Nosso que rezei em silêncio, como um modesto reconhecimento ao seu trabalho.

Pelas três da tarde, faminto e meio derrotado, deixei-me cair nos belos e brancos degraus do minúsculo anfiteatro que se ergue na frente das três se ulturas. No meu caderno cheio de números, comentários mais ou menos certos e até desenhos das dez sentinelas que vira desfilar até aquele momento, Já só havia espaço para a desilusão.

Acho que vou falhar, escrevi. Não sou suficientemente inteligente. Isso, depois de uma daquelas monótonas pausas. A sentinela número se passou a espingarda para o ombro contrário e recomeçou a ronda. Da forma mais tola, atraído, provavelmente, pelo brilho dos botins, comecei a contar cada uma das passadas ao mesmo tempo em que as fazia coincidir com um impropério, prêmio da minha provada incapacidade.

Um... Três (idiota)... quatro (imbecil)... sete (estúpido)...vinte (mentecapto)... vinte e um (palerma).

O soldado parou. Nova pausa. Rodou. Mudou a espingarda. Nova pausa. E prosseguiu no burro... doze (calamidade)... vinte (passos... (bêbado)... paranóico)... vinte e um...

Vinte e um? O último insulto foi substituído por um arrepio. Contei bem?

A sentinela dera vinte e um passos. O meu desânimo desvaneceu-se.

Pus-me de pé e voltei a contar. ... dezenove, vinte, vinte e um!

Não me tinha enganado. Aquela nova pista fez ressuscitar o meu entusiasmo. Como pudera eu não notar aquilo antes?

Avancei para a corrente de segurança e, relógio na mão, cronometrei o tempo que o soldado levava em cada deslocamento.

Vinte e um segundos! Vinte e um passos e vinte e um segundos?

Fiz novas medições e todas - absolutamente todas - davam o mesmo resultado. Que significava aquilo? Tratava-se de uma casualidade?

Espicaçado no meu amor próprio, resolvi contar até o mais insignificante dos movimentos da sentinela.

Foi então, ao contar o tempo gasto pelo soldado em cada uma das suas pausas, que o meu coração começou a bater mais depressa: vinte

e um segundos! Não pode ser, disse de mim para comigo, tremendo de emoção com certeza estou cometendo um erro...

Mas não. Como se fosse um autômato, a sentinela dava vinte e um passos em vinte e um segundos. Parava exatamente durante vinte e um segundos, rodando e mudando a arma de posição. A nova pausa, antes de continuar, durava outros vinte e um segundos, e assim sucessivamente.

Anotei a minha, descoberta e reli a chave do Major com especial prazer.

A sentinela que vela diante do túmulo te revelará o ritual de Arlington.

Não pode ser uma casualidade, repetia eu obsessivamente. Mas porquê vinte e um? Que significa o número vinte e um?

Com o objetivo de me certificar, esperei pelas duas últimas rendições da guarda e repeti os cálculos. Os soldados números sete e oito comportaram-se exatamente do mesmo modo.

Obcecado por aquele número, por pouco não fiquei fechado no cemitério. Com estranha alegria voltei a refugiar-me no hotel, afundando-me numa infinidade de especulações. Na manhã seguinte, e depois de uma noite praticamente em branco, juntei-me à comitiva de jornalistas. Embora os meus pensamentos continuassem presos ao Túmulo do Soldado Desconhecido e àquele misterioso número vinte e um, optei por aproveitar a oportunidade, que não se repetiria, de visitar o interior da Casa Branca e ver de perto o presidente Reagan, o general e secretário de Estado, Haig, e, como era evidente, os reis do meu país.

Depois de passar por uma infinidade de controles e verificações, fiquei com os meus companheiros no impecável relvado que se alonga em frente à famosa Casa Branca.

Pelas dez em ponto, e coincidindo com a chegada do rei Juan Carlos e a rainha Sofia, as baterias situadas a umas centenas de metros atroaram o espaço com as salvas da praxe. Alguém, nas minhas costas, fora contando os tiros de canhão e fez um comentário que nunca poderei agradecer devidamente:

- Vinte, vinte e um!

Virei-me como que movido por uma mola e perguntei:

- Mas são vinte e um?

O jornalista olhou-me muito sério e exclamou, como se tivesse na sua frente um estúpido ignorante:

- É a saudação ritual... Vinte e uma salvas!

De regresso ao Marriot, peguei no telefone, disposto a afastar as minhas dúvidas de uma vez por todas. Marquei o 6931174 e pedi para falar com Mister Wilton encarregado das Relações Públicas e Imprensa no Cemitério Nacional de Arlington.

O homem deve ter ficado atônito ao escutar o meu problema.

- Sou jornalista espanhol e desejava perguntar-lhe se o número vinte e um está relacionado com algum ritual...

- O senhor refere-se ao Túmulo do Soldado Desconhecido?

- Sim.

- Efetivamente - acentuou Mister Wilton -, o ritual de Arlington baseia-se precisamente nesse número. Como o senhor sabe, a saudação aos mais altos dignitários baseia-se no número vinte e um.

- Desculpe a minha insistência, mas tem a certeza?

- Naturalmente.

Ao desligar o telefone, tive vontade de saltar e de gritar. Abri o meu caderno de notas e voltei a olhar a chave do Major.

Se o ritual de Arlington é o número vinte e um, a segunda frase - chave e ritual conduzem a Benjamim - começava a ter certo sentido.

Era claro que a minha chave e o número vinte e um mantinham estreita relação e que, se eu fosse capaz de descobrir quem ou o que era Benjamim, parte do mistério poderia ficar a descoberto.

Mas por onde começar?

Era verdade, aquela pequena chave tinha de abrir alguma coisa. Uma vivenda, talvez? As suas reduzidas dimensões no entanto, não me pareciam que encaixassem com as chaves que habitualmente são utilizadas nas casas norte-americanas.

Afastei de momento aquela possibilidade e fixei-me noutras idéias mais lógicas.

Teria o Major guardado a sua informação nalgum banco ou num apartado postal? Tratar-se-ia, pelo contrário, de um armário de depósito numa estação de caminhos-de-ferro?

Só havia uma maneira para decifrar Benjamim: encher-me de paciência e passar - uma por uma - as listas telefônicas, os correios e os guias de caminhos-de-ferro de Washington.

Se esta primeira exploração falhasse, haveria tempo para aprofundar noutras direções. Mas aquela laboriosa busca ia ficar subitamente suspensa por um telefonema. Apesar da minha intensa dedicação ao assunto do major norte-americano, eu não esquecera o tema das fascinantes descobertas dos cientistas da NASA nos olhos da Virgem Guadalupe. Assim que pisei a terra dos Estados Unidos, uma das minhas primeiras preocupações foi telefonar para o México e averiguar se o doutor Aste Tonsmann, um dos mais distintos peritos, se encontrava no Distrito Federal, ou se, como me tinham informado em Espanha, podia encontrar-se em Nova Iorque, onde trabalha como professor da Universidade de Cornell. Era vital para mim localizá-lo, para que não fizesse em vão uma viagem à República mexicana.

Naquela mesma manhã de terça-feira, 13 de Outubro, pedi à telefonista do hotel que insistisse - pela terceira vez – e marcasse o número de telefone da residência do professor Tonsmann. E, pelo meio da tarde, como disse, o aviso da amável telefonista ia alterar todos os meus planos. Do outro lado do fio telefônico, a mulher de José Aste confirmaria que o cientista pensava em regressar ao México, partindo de Nova Iorque, na próxima quarta ou quinta-feira.

Depois de algumas dúvidas, impôs-se o meu sentido prático e considerei que o mais oportuno era adiar as minhas investigações em Washington. Tonsmann era uma peça básica no meu segundo projeto e não podia desperdiçar a sua fugaz passagem pelo México. Depois, era eu a única pessoa que possuía a chave do segredo do Major, e isto me dava uma certa tranqüilidade. E antes de poder arrepender-me, fiz as malas e embarquei no vôo 905 da Easter Lines, rumo às cidades de Atlanta e México (D. F.).

Naquela quarta-feira,14 de Outubro de 1981, ia começar para mim uma segunda aventura, que meses mais tarde ficaria refletida no meu décimo quarto livro: O Mistério da Virgem Guadalupe.

É hábito acontecerem-me estas coisas...

Durante horas tinha permanecido em frente ao túmulo do presidente Kennedy, incapaz de penetrar no segredo daquela terceira frase na chave do Major.

Abre os olhos perante John Fitzgerald Kennedy.

Pois bem, os meus olhos abriram-se a dez mil metros de altitude e quando me encontrava a milhares de quilômetros de Washington. Enquanto o avião se dirigia para a cidade de Atlanta, nossa primeira escala, tive a idéia de tentar introduzir o número vinte e um nas três últimas frases da mensagem. Devo ter perdido a cor, porque a bonita hospedeira da Easter, com ar de preocupação e apontando a chávena de café que oscilava junto da minha boca, comentou, ao mesmo tempo em que se inclinava por cima do encosto do meu lugar:

- Não gostou do café?

- Desculpe...

- Perguntei se se sente bem...

- Ah! - respondi, voltando à realidade -, sinto-me perfeitamente... A culpa é do número vinte e um...

A hospedeira levantou os olhos e verificou o número do meu lugar.

- Não, desculpe - antecipei-me eu, numa tentativa de evitar que aquele diálogo disparatado acabasse nalguma coisa pior -, é que, ultimamente, sonho com o número vinte e um...

A moça esboçou um sorriso de cumplicidade e, pondo-me a mão no ombro, sentenciou:

- Já experimentou jogar na loteria?

E desapareceu no corredor, convencida – suponho de que o mundo está cheio de doidos. Por um instante, as compridas pernas da aeromoça conseguiram arrancar-me às minhas reflexões. Bebi o café e voltei a contar as letras que formam o nome do presidente norte-americano. Não havia dúvida: somavam vinte e um!

Aquela segunda descoberta - e muito especialmente o fato de ambos apontarem para o número vinte e um - confirmou as minhas suspeitas iniciais. O Major devia ter guardado o seu segredo nalgum depósito ou recinto estreitamente ligado com a referida cifra e, obviamente, com a chave que me entregara em Chichén Itz . Considerei

também a possibilidade de que Benjamim fosse algum familiar ou amigo do Major mas, nesse caso, que faziam em tudo aquilo o número e a chave.

Durante a minha prolongada estada no México, estive tentado a fazer uma pausa nas investigações sobre a Virgem Guadalupe e voar até ao Iucatan para visitar Laurêncio. Mas os meus recursos econômicos estavam diminuindo tão alarmantemente que, muito contra vontade e porque, na verdade, queria terminar as minhas investigações em Washington, tive de resistir e adiar aquela visita a Chichén para outro momento.

Um ano depois, em Dezembro de 1982 ao voltar ao México para a apresentação do meu livro O Mistério da Virgem Guadalupe, verifiquei com algum espanto que se me tivesse deslocado naquela altura até ao Iucatan a minha visita teria sido inútil: segundo me confirmaram as autoridades locais, Laurêncio e sua mulher tinham deixado a cidade de Chichén Itz pouco depois do falecimento do Major. E, ainda que se não desistisse de os localizá-los, até este momento continuaria sem notícias do fiel companheiro do ex-oficial da força aérea norte-americana. Também não é preciso dizer que os meus primeiros passos daquele Inverno de 1982 foram encaminhados para a localização do túmulo do meu amigo. Ali, diante da modesta cruz de madeira, tive com o Major o meu último diálogo, agradecendo-lhe que tivesse posto nas minhas mãos o seu maior e mais precioso tesouro...

Ao caminhar novamente por Washington a minha primeira preocupação não foi Benjamim. Sentado na cama do quarto do meu novo hotel - nessa altura muito mais modesto que o Marriot -, estendi em cima da colcha todo o meu capital. Depois de um rigoroso exame, as minhas reservas ascendiam a um total de setenta e cinco dólares e mil e quinhentas pesetas.

Embora a tragédia parecesse inevitável, não me deixei abater pela crua realidade. Dispunha ainda dos cartões de crédito...

Durante aqueles dias limitei a minha dieta a um pequeno-almoço o mais sólido possível e um copo de leite com um modesto sanduíche à hora de me deitar. A verdade é que, absorto nas pesquisas, e dado que também não sou homem de grandes apetites, aquilo não foi para mim excessivamente penoso. A minha grande obsessão, embora pareça mentira, foram os táxis. Isto, sim, minou - e de que maneira! - o meu exíguo pecúlio.

Chave e ritual conduzem a Benjamim.

Esta segunda frase no código cifrado do Major foi uma cruz que me atormentou durante quatro dias. Nesse tempo, tal como tinha previsto antes da minha partida de Washington, empenhei-me de corpo e alma na consulta de enciclopédias e de listas telefônicas da capital federal, assim como nas correspondentes visitas às estações de trem, central dos Correios e Aeroportos Dulles e National.

Os serviços de depósito das estações foram riscados da minha lista, à vista da sensível diferença entre as chaves utilizadas nos referidos depósitos e a que estava em meu poder. Por outro lado, nos aeroportos não existiam os supostos armários, pelo que o meu interesse acabou por se fixar nos cofres particulares dos bancos e nas caixas postais.

Estas duas últimas hipóteses pareciam mais lógicas, se quisesse guardar qualquer coisa de valor.

E comecei pelos bancos. Folheei a longa lista de sedes e sucursais da cidade, não encontrando nem uma só pista que mencionasse ou referisse o nome Benjamim.

Por outro lado, e segundo pude verificar pessoalmente, se o Major tivesse encerrado a sua informação num dos cofres de segurança de qualquer daqueles bancos, nem eu nem ninguém poderia ter acesso, por não dispor da correspondente documentação que o identificasse como legítimo proprietário ou locador da caixa. Nalguns casos mesmo, estas medidas de segurança viam-se reforçadas com a existência de uma segunda chave, na posse do responsável ou vigilante da casa-forte do banco. Não obstante, e para que nada ficasse por apurar, iniciei uma última e dupla investigação. Eu conhecia a identidade do Major, e comecei a servir-me de uma série de recursos e contatos - a nível da Embaixada
Espanhola e do próprio Pentágono -, a fim de esclarecer se o falecido militar norte-americano tinha algum parente em Washington.

Aquilo, em todos os aspectos, foi a minha maior imprudência, a julgar pelo que sucederia dois dias depois...

A segunda frente - a que, graças a Deus!, concedi maior dedicação - consistiu em obter os endereços das duas centrais e cinqüenta e oito estações de correios na cidade. Na U. S. Postal Service (Head Quarters), que é o cérebro central do serviço dos Correios de todo o país, um amável funcionário estendeu na minha frente a longa lista de estações postais de Washington D. C.

Ao inclinar-me para estudar a citada relação, em busca de algum indício sobre o misterioso nome de Benjamim, os meus olhos não puderam passar da primeira estação. Tive um sobressalto. Na lista, via o seguinte:

Box. Nos. - 1-999 - Benjamin Franklin. STa. (Washington D.C. 20044).

Tomei nota daqueles elementos, sem poder evitar que a mão me tremesse numa mistura de emoção e nervosismo. Fumei um cigarro, para me acalmar. Tinha de estar absolutamente certo de que era aquela a tão desejada pista. E percorri as sessenta quadras com uma meticulosidade que eu próprio não consigo explicar.

Com surpresa, descobri que o nome de Benjamin Franklin se repetia três vezes mais: nas estações catorze dezenove e trinta e três.

Nos restantes serviços dos Correios de Washington, o nome Benjamin Franklin não figurava.

Mas havia uma coisa que eu não conseguia compreender. Para quê quatro serviços de correio na Rua Benjamin Franklin? Na estação número catorze, o cabeçalho tinha os números 6100-6199. O da estação dezenove, os números 7100-7999 e o último, na estação trinta e três era precedido pela numeração 14001-14999. Dirigi-me novamente ao funcionário e pedi-lhe que me explicasse o significado daquela numeração. A resposta, clara e concisa, dissipou as minhas dúvidas:

- São quatro estações, correspondentes a outros tantos P. Box, ou apartados dos correios. Na primeira da lista, como o senhor vê figuram os apartados compreendidos entre os números 1 e 999, inclusive ambos...

Suponho que até àquele dia nunca o funcionário dos Correios tinha recebido um obrigado tão efusivo e feliz como o meu...

Desci três a três os degraus da escadaria da gigantesca U. S. Postal Service e corri como um meteoro para o primeiro táxi que vi passar. Era meio-dia do 4 de Novembro de 1981.

Enquanto me aproximava da Rua Benjamim Franklin, disposto a aproveitar aquela rajada de boa sorte, voltei à chave do Major. Começava agora a ver claramente. A minha chave e o ritual, quer dizer, o número vinte e um, conduzem a Benjamin.

Casualmente, dos sessenta serviços dos Correios de Washington, só existe um na Rua Benjamin Franklin. E, curiosamente também, naquela estação, e só naquela, se encontrava o apartado número vinte e um. Se tivermos em conta que os sessenta serviços somavam em 1981 mais de vinte e quatro mil apartados, a que conclusão podia chegar?

Mas, no meio do trajeto, a minha alegria caiu num poço. Tinha-me esquecido da chave no hotel! Neste caso, a minha franciscana prudência fizera-me dar um passo em falso. Vi as horas. Não tinha tempo de voltar ao hotel e ir depois à estação dos Correios. Mal-humorado, entrei nos serviços, disposto pelo menos a dar uma olhadela.

Perguntei pela venda de selos e, com a desculpa de escrever alguns bilhetes-postais, vadiei durante pouco mais de quinze minutos pelas imensas e luminosas salas. No primeiro andar, numa parede de mármore negro, alinhavam-se centenas de pequenas portas metálicas, de uns doze centímetros de largo, com os seus correspondentes números.

Estava ali o meu objetivo.

Felizmente para mim, o movimento de pessoas era tal que o policial negro que vigiava aquele primeiro andar não reparou os meus movimentos. Antes de sair fiz uma breve inspeção às caixas, detendo-me uns segundos diante o número vinte e um. Por um momento tive a sensação de que era alvo de dezenas de olhares. O orifício da fechadura parecia corresponder - pelo seu reduzido tamanho
- ao de uma chave como a que eu guardava...

Ao retomar ao hotel, percebi que os bilhetes-postais continuavam nas minhas mãos suadas. Nem Ana Benítez, nem meus pais, nem Alberto Schommer, nem Raquel, nem Castillo, nem Gloria de Larra chegando alguma vez a receber tais lembranças.

Naquela tarde, num último esforço para me descontrair, fui ao Museu do Espaço, na Alameda de Jefferson. Apesar da iminente, e aparentemente simples, fase final da minha pesquisa, as dúvidas tinham aumentado. E se estivesse enganado? E se aquele apartado dos correios não fosse o que procurava com tanto empenho?

A verdade é que estava chegando aos limites das minhas possibilidades. Aquelas - tinha a certeza - eram as minhas últimas horas nos Estados Unidos. Se não conseguisse resolver o dilema, teria de esquecer o assunto durante muito tempo. Sentado no hall do museu, inevitavelmente só e com uma angústia capaz de matar um cavalo, senti a falta de alguém com quem partilhar aqueles momentos de tensão. No centro da sala, uma comprida fila de turistas e curiosos aguardava pacientemente a sua vez para passar diante da urna em que se exibe um fragmento de rocha lunar, não maior que um cigarro. Um segundo troço, muito mais reduzido, fora incrustado junto da vitrina.

E, como se fosse uma relíquia sagrada, cada visitante, ao passar em frente da urna, passava os dedos pela negra e desgastada pedra. Distraidamente, abri o meu caderno de notas e fui descrevendo o que observava. E, naturalmente, acabei por cair na chave do Major. Mas, desta vez, fixei-me no original, na versão inglesa.

O meu péssimo costume de sublinhar, desenhar e fazer mil rabiscos nos livros ou apontamentos que manejo, ia sacudir-me daquela profunda tristeza.

Na realidade, tudo começou como um jogo, como um simples e inconsciente alívio da tensão que suportava. Sei de muitas pessoas que, quando falam ao telefone, meditam ou, simplesmente, conversam, acompanham as suas palavras ou pensamentos com os mais absurdos desenhos, linhas, círculos, etc., traçados em qualquer folha de papel. Pois bem, como disse, naqueles instantes dediquei-me a enquadrar - sem ordem nem coerência - algumas das palavras de cada uma das cinco frases que formavam a mensagem cifrada.

Quis a sorte - ou não era a sorte? - que eu fechasse em variados retângulos, entre outras, as primeiras palavras de cada uma das frases da chave. Com a continuação, insistindo naquele passatempo, distraí-me a atravessá-los com outras tantas linhas verticais.

Ao ler de cima para baixo aquela aparente confusão, uma das absurdas construções deixou-me imóvel de espanto. As cinco primeiras palavras de cada frase lidas no sentido vertical, encerravam um significado.

E que significado A chave abre o passado.

O resto das frases assim obtidas, no entanto, não tinha sentido.

Antes de dar por boa a nova pista, reli a mensagem, escrevendo e unindo as palavras de cima para baixo, da esquerda para a direita e até em diagonal. Mas foi inútil. As únicas que continham algo de coerente - por acaso - eram as cinco primeiras...

Eis a mensagem no original inglês:

The Guard who keeps the vigil in front of the Tomb will reveal the ritual of Arlington Cementery to you.

KEY and ritual lead you to Benjamin

OPEN your eyes before John Fitzgerald Kennedy

THE brother lies to restáin 44-W. The shadow of the medlar tree covers him in the late afternoon.

PAST and future are my legacy.

Que tinha querido dizer o Major com esta sexta pista? Intuitivamente, liguei a nova frase com a última da mensagem: Passado e futuro são o meu legado. Que relação podia existir entre a chave, o passado e o futuro?

Animado por aquela súbita descoberta, ainda que impotente reconheço - para desfazer tanto mistério, dispus-me a esperar pela luz da manhã daquela quinta-feira, que pressentia particularmente intensa...

Ao levantar-me na quinta-feira, 5 de Novembro de 1981, em frente à estação dos Correios da Rua Benjamin Franklin, reparei que os joelhos se me vergavam. Na minha mão direita, apertada como numa armadilha, a pequena chave que o Major me entregara em Iucatan estava ligeiramente embaciada por um suor frio e incomodo. Inspirei profundamente e atravessei o umbral, dirigindo-me com passo resoluto para a parede onde brilhava o enxame de portinhas metálicas. Sem dúvida fora acertado esperar que o relógio desse as dez da manhã. Àquela altura, uma pequena multidão se movimentava nas várias dependências da estação. Ao colocar-me em frente ao apartado número vinte e um, um grande grupo de usuários – especialmente pessoas de idade - tratava de abrir os seus respectivos depósitos, indiferentes a quanto os rodeava.

Passei a chave para a mão esquerda e, com um gesto mecânico enxuguei o suor da palma da mão direita contra o tecido das calças. Voltei a respirar o mais fundo possível e empunhei a pequena chave, levando-a tremulamente à fechadura. Mas os nervos traíram-me. Antes mesmo de verificar se entrava ou não no orifício, a chave fugiu-me por entre os dedos, caindo no polido ladrilhado branco. O tilintar da chave nos seus múltiplos ressaltos no pavimento fez-me empalidecer. Lancei-me como um autômato atrás da maldita chave, furioso contra mim mesmo por tanta falta de habilidade. Mas, quando me preparava para a apanhar, uma mão grande e segura chegou primeiro. Ao levantar os olhos um fio de fogo perfurou-me o estômago. O prestável indivíduo era um dos polícias de serviço na estação. Em silêncio, e com um sorriso

aberto como único comentário, o guarda estendeu a mão e entregou-me a chave.

Quis Deus que eu soubesse responder àquele gesto com outro sorriso de circunstância e que, sem sequer abrir a boca, desse meia volta em direção à caixa número vinte e um.

Tremo agora, ao pensar no que poderia ocorrer se aquele representante da lei me tivesse feito alguma pergunta...

Ainda assustado, tateei o orifício com a ponta da chave. O coração batia desesperadamente. Por favor, entra!... Entra!...,

Docemente, como se me tivesse ouvido, a chave penetrou até ao fundo.

Tive vontade de gritar. Tinha entrado! Na realidade, não era a minha mão direita que agarrava a chave. Era o meu coração, o meu cérebro, todo o meu ser...

Antes de prosseguir, olhei cautelosamente à esquerda e à direita. Tudo parecia normal.

Engoli saliva e tentei abrir. Por mais que puxasse, a portinha metálica não se movia. Senti como que outra onda de sangue a bater-me no estômago. Que estava a acontecer? A chave tinha entrado na ranhura... Por que razão não conseguia abrir o apartado?

No meio de tanto nervosismo e agitação compreendi que estava a forçar a fechadura num só sentido: o esquerdo. Girei então para a direita e a portinha abriu-se com um leve rangido.

Quisera que o tempo parasse! Depois de tantos sacrifícios, angústias e dores de cabeça, ali estava eu, às dez horas e quinze minutos de quinta-feira, 5 de Novembro de 1981, prestes a esclarecer o mistério do Major...

Naqueles instantes, ainda que pareça incrível, antes de proceder à exploração do apartado, lamentei não dispor de uma máquina fotográfica.

Porém um elementar sentido de prudência fez-me deixar o equipamento no hotel.

Estendi a mão e tateei a superfície metálica da caixa. Naquela meia penumbra vislumbrei a presença de dois volumes. Estavam ao fundo do estreito nicho retangular. Pelo tato, identifiquei-os como qualquer coisa de semelhante a tubos ou cilindros. Tirei um e vi que se tratava de uma espécie de canudo de cartão de uns trinta centímetros de comprimento, perfeita e solidamente defendido por um invólucro de plástico ou de papel plastificado. Era muito leve. Não apresentava inscrição ou numeração, à exceção de um pequeno número (um I), desenhado a negro e à mão numa pequena etiqueta branca, colada ou aderente, por sua vez numa das faces do cilindro. Tudo isto, como disse, por baixo de um material plástico brilhante, cuidadosamente agarrado ao canudo.

Apressei-me a tirar o segundo embrulho. Era outro cilindro, gêmeo do primeiro, mas com um 2 noutra das suas faces.

Logo comecei a sentir uma estranha pressa. Tive a intensa sensação de ser observado. Porém, dominando o desejo de me voltar, introduzi a mão na caixa do apartado, fazendo uma terceira verificação. Os meus dedos esbarraram então num sobrescrito. Coloquei-o à entrada do nicho e, antes de o tirar, certifiquei-me de que a caixa estava vazia. Percorri mesmo as paredes superior e laterais. Uma vez convencido de que o Box número vinte e um ficara totalmente vazio, deitei mão àquele sobrescrito branco e, sem o examinar, tratei de fechar a caixa. Aparentando naturalidade, guardei a chave e encaminhei-me para a saída da estação.

Por um momento, tive vontade de correr. Mas, fazendo das fraquezas força, parei a meio caminho. Peguei num dos últimos Ducados e aproveitei aquele falso motivo para me voltar. A verdade é que nada notei de suspeito. O intenso movimento de pessoas tinha diminuído ligeiramente, embora ainda se vissem pequenos grupos em frente das mesas de mármore, nos diferentes balcões e junto dos blocos de apartados. Um pouco mais tranqüilo e supondo que aquele pressentimento podia ser devido à minha excitação, saí e afastei-me da estação dos Correios.

Quarenta e cinco minutos depois pendurava na maçaneta da porta do meu quarto um letreiro verde: Não incomodar. Coloquei os dois canudos em cima do vidro da mesinha que me servia de secretária e recuei dois passos. Tinha conseguido! Dava tudo por bem empregado: tempo, dinheiro, solidão ...

Deixei-me cair no soalho e, como se tratasse de um filme, fui recordando os passos que dera naqueles meses.

Mas, finalmente, a curiosidade impôs-se e abri o sobrescrito. Por fora não havia uma só palavra ou indicação. Mal retirei a folha de papel que continha, logo identifiquei a letra bicuda e agitada do Major.

Estava datada de 7 de Abril de 1979, Washington D. C. Nela, simplesmente, informava que o seu irmão (...) na grande viagem falecera dois anos antes - em 1977 - e que obedecendo aos impulsos da sua consciência, naquele mesmo dia 7 de Abril de 1979 dava por concluído o diário da referida viagem...

A breve mensagem terminava com as seguintes palavras:

Só peço a Deus que o nosso sacrifício possa ser conhecido um dia e que leve a paz aos homens de boa vontade, da mesma forma que meu irmão (...) e eu tivemos a graça de a encontrar.

Em baixo, na folha, o Major suplicava que a pessoa que tivesse acesso ao diário e à presente carta respeitasse o anonimato de ambos.

Por esta razão suprimi a identidade da pessoa que o Major mencionou referindo-me a ela como irmão. Posso esclarecer – isso sim na realidade, não se trata de um irmão de sangue, mas sim de uma qualificação espiritual...

A minha primeira reação ao ler o bilhete foi a de consultar a primeira mensagem. Aquela confissão do falecido oficial da USAF

parecia estar contida plenamente na quarta e não menos misteriosa frase:

O irmão dorme em 44-W. A sombra da nespereira cobre-o pelo anoitecer.

De novo me lembrei do nome de Arlington...

Sim, agora sim, pode ter sentido, disse para comigo.

Agora começo a compreender...

Tinha de visitar de novo o cemitério. Na realidade, tal como pude verificar ao ler o diário do Major, as duas últimas frases da sua mensagem cifrada não eram mais que uma confirmação - para a pessoa que chegasse até ao seu legado - da realidade física do seu companheiro na grande viagem e, obviamente, da natureza do referido diário.

Em abono da verdade, depois de conhecer a inacreditável informação encerrada nos cilindros, não era vital a localização do falecido companheiro do meu amigo. Os que me conhecem um pouco sabem, no entanto, que gosto de aprofundar as minhas investigações e com tanto mais razão quanto - como naqueles momentos - me encontrava tão perto do final.

Mas as surpresas não tinham acabado naquela inesquecível quinta-feira... Antes de proceder à solene abertura dos canudos de cartão, coloquei o sobrescrito junto dos cilindros e fotografei-os com gosto. A seguir, e depois de comprovar que o plástico protetor não oferecia a menor falha por onde começar o trabalho de abertura, peguei numa das minhas navalhas de barba e, delicadamente, separei o círculo que cobria uma das hastes do cilindro, precisamente a oposta à que apresentava a pequena etiqueta com o número 1.

Nervosamente, tateei o cartão. Parecia muito sólido. Depois de um minucioso - quase me atreveria a chamar-lhe microscópico - exame, vi-me obrigado a cortá-lo pela circunferência. Uma hora depois, a tenaz tampa (de cinco milímetros de espessura e dez centímetros de diâmetro) saltava, por fim, deixando a descoberto o interior do tubo.

Segundos depois, tinha na minha frente um maço de papéis, formando um rolo perfeito. Tinha sido introduzido numa capa de plástico transparente, hermeticamente fechada na parte superior. Tive de me valer de um corta-unhas para arrancar os dezessete grampos. Com uma excitação difícil de descrever, lancei uma primeira olhadela aos documentos e verifiquei que tinham sido datilografados a um espaço e naquilo que conhecemos por papel-bíblia. Cada folha (20cm x 3lcm +) tinha sido assinada e rubricada no canto inferior esquerdo pelo Major, num total de duzentas e cinqüenta. Era a mesma letra - e eu diria que a mesma tinta - que figurava no rodapé da carta que eu retirara do apartado dos Correios número vinte e um, e que tinha acabado de abrir.

O texto, em inglês, arrebatou-me a partir do momento em que nele pus os olhos. E creio que não teria podido afastar-me da sua leitura, se não fosse aquela inesperada chamada telefônica...

Pelas treze horas, como disse, o telefone do meu quarto devolveu-me
à crua realidade.

- Senhor Benítez...?

- Sou eu... Diga.

- Dois senhores perguntam pelo senhor... Estão aqui...

- Dois senhores? - perguntei, por minha vez, desconcertado ante a súbita visita. - Quem são?

- Um momento... - hesitou o empregado do hotel. - Não sei... Quem podia ter interesse em me ver? Além disso, pensei, com um estranho pressentimento, quem sabe que estou em Washington?

- Um deles - anunciou-me o recepcionista, uns segundos depois diz ser do FBI.

- Ah! - exclamei, num fio de voz. - Bom... vou descer agora mesmo... Fora tudo tão rápido e imprevisto que, mal acabei de pousar o auscultador, comecei a empalidecer. Não era lógico nem normal que o FBI se interessasse por mim. Que teria acontecido? Em que nova embrulhada me tinha metido?

De repente, lembrei-me. Dias atrás tinha cometido o erro de me interessar, junto da Embaixada espanhola e do Pentágono pelos possíveis familiares do Major. Enquanto guardava precipitadamente os cilindros e o sobrescrito, escondendo-os no fundo da bolsa das minhas máquinas fotográficas, um turbilhão de temores, hipóteses e contra-hipóteses me embaralharam mais ainda o cérebro.

Com a chave do meu quarto na mão, e morto de medo, apresentei-me no hall.

Dois homens corpulentos e muito bem vestidos levantaram-se das poltronas em frente da porta do elevador. Nem sequer tive oportunidade de me aproximar do balcão da recepção e perguntar pelos meus insólitos visitantes. Com um sorriso um tanto forçado, um deles saiu-me ao caminho, estendendo-me a mão.

- Senhor Benítez?

Ao apresentar-me, o que me tinha apertado a mão em primeiro lugar e parecia ter uma voz cantante, convidou-me a sentar-me junto deles.

- Não se preocupe - anunciou com um evidente desejo de me tranqüilizar -, trata-se de uma simples formalidade...

Também eu me esforcei por sorrir, ao mesmo tempo que lhes pedia que se identificassem.

- Por telefone - acrescentei - disseram-me que um dos senhores é agente do FBI. Poderia ver as suas credenciais?

Instantaneamente, e como se aquele meu simples pedido fizesse parte de um cerimonial igualmente rotineiro e habitual, ambos tiraram do bolso do casaco umas carteiras de plástico preto.

Na primeira pertencente ao homem que logo me identificara, ao ver-me no hall - pude ler, em caracteres que se destacavam dos

restantes, as palavras FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. Aquilo, com efeito, correspondia à famosa sigla FBI, ou Serviço Federal de Investigação. Na segunda credencial - que não foi retirada da minha vista com tanta rapidez como a do agente do FBI - pude ler, o seguinte: DEPARTAMENTO DE ESTADO. SERVIÇO DE IMPRENSA, uma espécie de morada, 2201 STREET... (WASHINGTON D. C.) e um número que começava por (202)632...

- Muito obrigado - respondi, ainda com mais medo, se isso fosse possível. - Os senhores façam favor de dizer...

- Sabemos quem o senhor é e conhecemos igualmente a sua condição de jornalista espanhol - replicou o agente do FBI, ao mesmo tempo que abria uma pequena caderneta e recusava amavelmente um dos meus cigarros. Foi-nos comunicado que na passada terça-feira, pelas onze e quinze da manhã, o senhor se interessou pelos possíveis parentes do Major (...).

Que tipos dos diabos!, pensei. Raio de serviço de informação!

Pois bem - prosseguiu o agente, indicando-me as notas que se viam no seu bloco -, em primeiro lugar, queríamos averiguar se estes dados estão corretos.

- Efetivamente. Estão...

- Nesse caso, gostaríamos de saber qual o seu interesse pela família do Major (...).

O meu cérebro, alertado por causa - disse eu - do medo, foi procurando as respostas com uma frieza que ainda me assusta.

- Bom, isso é uma velha história. Conheci o Major numa das minhas viagens ao México e estabeleci com ele uma amizade sincera menti. Ao visitar novamente aquele país, soube que tinha falecido. Sem pestanejar agüentei o olhar desconcertante do policial. Talvez estivesse à espera de outra versão e, ao verificar que lhe dizia a verdade (pelo menos, parte da verdade),mostrou-se indeciso. Foi esse o seu primeiro erro.

Antes que conseguisse formular nova pergunta, aproveitei aqueles segundos e tomei a iniciativa:

- Os senhores devem também saber que sou investigador e escritor do fenômeno OVNI...

O agente sorriu.

- Em certa ocasião - continuei, improvisando -, o Major me deu a entender que conhecia determinada informação... relacionada com este tema. E me deu o nome de um colega, nos Estados Unidos, que me daria esses dados, se eu viesse a saber que o Major tinha morrido...

O meu interlocutor, tal como eu desejava, mordeu o anzol.

- Pode nos dizer o nome dessa pessoa?

Fingi uma certa resistência e acrescentei:

- A verdade é que não gostaria de prejudicar alguém...

- Não se preocupe...

- Está bem. Não vejo inconveniente em lhes dar o nome dessa pessoa que procuro, desde que os senhores me deixem de lado e respondam a uma pergunta...

Os dois personagens trocaram um olhar de cumplicidade e o funcionário do Departamento de Estado, que não abrira a boca até aquele momento, perguntou por sua vez:

- De que se trata?

- Poderiam os senhores dar-me uma pista sobre algum familiar do Major, ou desse amigo que procuro localizar?

Antes que o seu colega tivesse tempo de responder, o agente do FBI interveio novamente:

- Está combinado. Diga-nos: como se chama essa pessoa que o senhor quer contatar?

Ao tomar nota do nome e apelido do irmão de viagem do Major, vacilou e trocou de novo um olhar fugaz com aquele que o acompanhava. Foi o seu segundo erro.

Aquela quase imperceptível hesitação acabou por me pôr alerta. Nesse instante - pela primeira vez - comecei a ter consciência de que me aventurara por um assunto extremamente perigoso. Aqueles indivíduos - isso saltava à vista - sabiam muito mais do que diziam.

Porém, não era isso o pior. O que era dramático era eu ter em meu poder por um desses acasos do destino - uma informação que começava a queimar-me as mãos e pela qual os serviços de espionagem dos Estados Unidos seriam capazes de tudo.

- E quanto a essa pista? - pressionei, com fingido ar de satisfação.

O agente do FBI ficou em silêncio, e, depois de escrever qualquer coisa numa das fichas do seu caderno, arrancou-a e a meteu na minha mão.

- É tudo o que podemos lhe dizer - resmungou, contrariado. Pensamos que seja um dos familiares do major (...).

No papel pude ler o nome da cidade de Nova Iorque e dois apelidos. Simulei certa contrariedade.

- Mas não podem dizer-me mais nada?

Os dois indivíduos puseram-se de pé e, depois de me desejarem sorte, encaminharam-se para a saída. Sem o querer, aqueles gorilas tinham me oferecido o melhor dos pretextos para eu sair de Washington rapidamente. Antes de voltar ao meu quarto, tive a idéia de olhar dissimuladamente à porta giratória do hotel e vi que os dois homens se metiam num carro azul-metálico, estacionado a vinte ou trinta metros do ponto onde me encontrava. Voltei
imediatamente ao hall, dirigindo-me para o elevador e sentindo o peso do olhar curioso do recepcionista. Antes de fechar a porta do meu quarto voltei a pendurar o letreiro Não Incomode e coloquei a corrente de segurança. Começaram então a tremer-me os joelhos e tive de me deixar cair em cima da cama. Suponho que a minha perturbação era devida em parte àquela – digamos delicada visita e, principalmente, ao

que continha o primeiro cilindro. Não sei quanto tempo estive deitado na cama, com o olhar perdido na penumbra do meu quarto. Uma coisa, sim, era clara em toda aquela embrulhada; agora, mais do que nunca, teria de atuar sem dar nas vistas. Se o FBI tinha entrado no jogo era porque, logicamente, sabia da grande viagem que o Major e o seu irmão tinham realizado. Não era preciso ser guia para perceber que os serviços da espionagem norte-americana não estavam dispostos a que aquela informação secreta passasse à imprensa. De momento, a sutil prudência do Major proporcionara-me certa vantagem. E estava disposto a utilizá-la, naturalmente.

Se o FBI e o Departamento de Estado - que sabiam muito bem do falecimento dos dois veteranos da USAF -, continuavam a acreditar que eu apenas procurava localizar o amigo do Major, talvez a minha saída do país fosse mais fácil do que eu previra. Esta, em síntese foi a decisão mais importante que acabei por adotar ao meio-dia daquela quinta-feira 5 de Novembro de 1981: voltar a Espanha imediatamente... e com o meu tesouro como era evidente. Saltei da cama e preparei-me para pôr em prática a última fase do meu plano: a visita ao Cemitério Nacional de Arlington. Ainda que, repito, a confirmação da morte do companheiro e irmão do meu amigo não revestisse Já uma especial importância, no meu foro íntimo necessitava de encerrar aquele misterioso círculo que a chave constituía. Preparei as máquinas fotográficas e vi as horas.

Eram duas da tarde. Ainda tinha três horas antes que a necrópole fechasse as suas portas ao público. Mas, quando me dispunha a sair do quarto, um elementar sentido de prudência levou-me a espreitar pela janela. Por um momento não reagi. Estacionado junto do passeio do hotel, no mesmo lugar em que o vira, continuava o carro azul-metálico dos agentes. Instintivamente, lancei-me para trás e fechei a janela. Não podia ser um acaso.

Aquele era o carro do FBI. Evidentemente que eu tinha subestimado os agentes... Se me arriscasse a sair agora, refleti, procurando uma solução, que aconteceria?

Podia ser discretamente seguido, uma hipótese nada improvável, ou, muito pior, a minha ausência podia ser aproveitada pelos dois homens para uma busca no quarto. Esta ótima idéia encheu-me de terror. Que podia eu fazer?

Também não me resignava a ficar enclausurado entre aquelas quatro paredes...

De repente, veio-me a mente a escada de salvação.

Sim, disse para comigo, tentando animar-me, pode estar aí a solução. Liguei a televisão e, tentando não fazer barulho algum, abri lentamente a porta. O corredor estava deserto. Rapidamente, cheguei ao fundo, junto à saída de emergência. Ao contrário do que acontece na Espanha, os Norte-Americanos querem que estas portas permaneçam constantemente abertas. Ao olhar para fora, da plataforma metálica ou patamar que une a escada com o sexto andar, em que me encontrava,

verifiquei que aquela saída dava diretamente para uma rua estreita e com pouco trânsito. Nas imediações não havia um único veículo.

Aquilo me tranqüilizo. Dali a poucos minutos fechava novamente a porta do meu quarto e preparava-me para a fuga. O mais importante era não levantar suspeitas. E, assim, seguindo um metódico plano, telefonei para o saguão e solicitei um frugal almoço. A seguir, despi-me, enfiando-me no pijama. Marquei o número da recepção e, em tom lento e cansado, expliquei ao empregado de turno que estava muito cansado e deseja dormir. Por fim, e depois de insistir que não queria atender telefonema algum, pedi-lhe que me acordasse às seis e meia da tarde. Se, como suspeitava, os responsáveis do hotel tinham ordens para vigiar e comunicar as minhas entradas e saídas, esta podia ser uma boa cartada.

Quinze minutos depois um criado batia à porta. Empurrou o carrinho com a comida e, depois de lhe meter na mão uma bela gorjeta, anunciei-lhe que não me incomodasse ao voltar para levar a pequena mesa rolante.

- Eu mesmo a ponho no corredor quando acordar - disse eu.

O homem pareceu concordar e desapareceu ao fundo do corredor, enquanto eu voltava a pendurar o letreiro Não incomodar. Vesti-me em segundos, mordisquei um dos pãezinhos e peguei na bolsa das máquinas fotográficas, em cujo fundo tinha guardado os cilindros de cartão e a carta do Major. No meu relógio faltava quinze para as três.

Depois de me certificar de que a porta do meu quarto estava perfeitamente fechada, guardei a chave e, como um fantasma, percorri os escassos trinta passos que me separavam da escada de salvação. Ao fechá-la atrás de mim dediquei uns segundos a uma exaustiva exploração da rua e dos lances que tinha de descer. Tudo calmo. Sem perder um minuto, desci as escadas de salvação, tentando não fazer barulho. Chegado ao último patamar, detive-me. Não me cabia o coração no peito... Olhei à volta e, depois de verificar que o caminho estava livre, prossegui a minha descida, com excessivo otimismo. E faço esta observação
porque, ao olhar para os últimos degraus, não parti a cabeça por pouco. Não contara com um pequeno-grande obstáculo: a escada de salvação acabava a considerável altura do chão.

Debrucei-me e compreendi, angustiado, que, se queria continuar a fuga tinha de saltar aqueles dois ou três metros. (A verdade é que nunca soube, com certeza, a que distância me encontrava do passeio.) Tinha de atuar com rapidez: ou voltava ao sexto andar ou me atirava. A minha posição no final daquela escada de incêndio era francamente comprometedora.

Qualquer transeunte que passasse naquele instante poderia me descobrir.

Engoli saliva e encostei a bolsa à barriga, rodeando-a com ambos os braços. Depois, num ato inconsciente, saltei. Apesar da flexão de

pernas, o choque foi respeitável. Na minha ânsia de proteger o equipamento fotográfico, inclinei-me em excesso e rolei com quanto peso tenho pelo duro cimento.

Poucas vezes me pus de pé com tanta rapidez. A minha única preocupação - verdade seja dita - era que alguém pudesse ter-me visto saltar. Mas a sorte parecia estar ainda do meu lado. A viela continuava solitária. Limpei a samarra com duas palmadas e saí assobiando em direção ao cruzamento que se adivinhava ao fundo. Se tudo corresse como eu desejava, do outro lado do quarteirão e na direção oposta à que eu seguia, deveria estar ainda o carro do FBI.

Vinte minutos depois - quando no meu relógio eram quase três e meia - um táxi deixava-me no Memorial Drive, mesmo às portas do cemitério. Ainda que na minha rápida ida até Arlington eu não tivesse notado - apesar de olhar para trás freqüentemente - que o temido carro azul me seguisse, nesta nova visita ao cemitério dos heróis norte-americanos evitei a entrada pela porta principal. Caminhei pela alameda de Schley e, passados cinco minutos, estava diante do balcão do Temporary Visitors Center.

Sinceramente, enquanto explicava a uma das funcionárias que o meu objetivo era localizar o túmulo de um velho amigo, as minhas esperanças - à vista dos escassos dados que possuía - não eram muito sólidas. A mulher tomou nota do nome e apelidos, bem como o ano da possível morte (1977), e, sem mais perguntas, como se aquela consulta fosse mais uma entre tantas, fez meia volta e dirigiu-se a um monitor, colocado à esquerda da sala. Vi-a carregar em teclas e, poucos segundos depois, no visor do terminal do computador surgiram uns sinais e umas palavras de cor verde que não consegui decifrar. Logo a seguir, a funcionária pegou num dos pequenos mapas que eu Já conhecia e escreveu a vermelho o primeiro apelido e o nome do meu amigo e, na linha inferior, a negro e nos espaços destinados a grave (sepultura) e a seção, os números correspondentes a cada uma delas.

- Conhece o Cemitério? - perguntou-me.

- Não muito...

- Bem, é fácil - acrescentou, em voz monótona. - Nós estamos aqui...

Com o marcador vermelho assinalou o Temporary Visitors Center e no seu prolongamento traçou uma linha por cima das alamedas de LEnfant e de Lincoln. Com uma precisão que me deixou estupefato, marcou um ponto na quadra quarenta e três, concluindo:

- Aqui encontrará a lápide. Se for a pé são dez minutos...

- Muito obrigado.

É possível que a jovem interpretasse aquele agradecimento e o meu amplo sorriso como um sentimento lógico ao poder localizar tão rapidamente o que procurava. Mas os meus tiros iam noutra direção ... Enquanto caminhava para o ponto indicado na planta, a minha excitação aumentava. O fato do computador e Arlington ter respondido

afirmativamente -mostrando que ali, efetivamente, tinha sido sepultado o irmão do Major -, fizera-me vibrar de emoção, esquecendo momentaneamente os passados dissabores.

No cruzamento da alameda de LElephant com a alameda de Lincoln parei. Se as indicações da funcionária não estavam erradas, devia encontrar-me a pouco mais de trezentos metros da sepultura. Ao olhar novamente para o mapa reparei noutro pormenor que precipitou a minha alegria: as coordenadas 44 e W confluíam matematicamente naquela zona da quadra quarenta e três: isto esclarecia a primeira parte da quarta frase da mensagem do Major: O irmão dorme em 44-W.

A pequena caminho asfaltada levou-me até um relvado em que se alinhavam centenas de lápides brancas, com apenas meio metro de altura. Consultei o número da sepultura e, depois de várias voltas pela relva bem tratada, o nome e o apelido do também oficial da USAF surgiram diante de mim como um milagre.

Como nos outros túmulos de Arlington, havia uma pequena luz dentro de um círculo, gravada na parte superior da lápide. Por baixo, a identidade do falecido o seu posto, o exército a que pertencera e as datas do nascimento e da morte, respectivamente. E mais nada. Senti uma mistura de raiva e de tristeza. Aquele homem, tal como o meu velho amigo, o Major, fora enterrado sem uma só referência à fascinante missão que levara a cabo em vida. E o pior é que o seu próprio país - pelo menos os serviços de espionagem - estava empenhado em que a referida viagem continuasse a ser classificada como secreta e confidencial.

No horizonte, esfumado entre o verde, o amarelo e o vermelho das árvores do Cemitério Nacional, o branco monólito erigido à memória do primeiro presidente dos Estados Unidos apontava paradoxalmente o céu... Ajoelhei-me e jurei que lutaria até ao fim. Nada nem ninguém me deteria ante o compromisso de difundir o legado daqueles homens. Pelas quatro e meia, depois de fotografar a lápide, e quando me dispunha a retirar-me, uma sombra fez que me sobressaltasse. Parte da inscrição tinha começado a escurecer. Levantei os olhos e reparei numa pequena árvore. Uma nespereira! (...A sombra da nespereira - recordei a última parte da quarta frase da mensagem do Major - Cobre-o pelo entardecer. Fiquei absorto, contemplando como a sombra daquela humilde companheira de solidão ia roubando a luz da pedra, segundo a segundo. Ao observar o relvado dei conta de que aquela era a única árvore que crescia junto desta quadra da necrópole. Já não havia dúvida: a mensagem estava decifrada.

Apanhei algumas das nêsperas que tinham caído na relva e guardei-as na minha bolsa. Por último, cortei um pequeno ramo e coloquei-o junto da lápide.

Pouco a pouco, com o sol descendo nas minhas costas fui me afastando daquele lugar. Não voltei à frágil nespereira de folhas verdes

e pequeninas que acompanha o herói norte-americano, mas ambos sabemos que, naquela tarde, parte do meu coração ficou em Arlington.

No traçado original do meu plano de fuga, não tinha previsto, nada que se parecesse, que o regresso fosse precisamente pela porta principal do hotel. Penso agora passado todo este tempo, que muito bem sabia eu que não tinha possibilidade de chegar à escada de salvação pela viela, e que, portanto, joguei tudo por tudo naquela desnecessária diligência no Cemitério Nacional de Arlington. Mas Já não podia voltar atrás. Sou um homem que aceita riscos e que, além disso, gosta de os correr.

O crepúsculo tinha começado a diluir as cores da grande cidade quando o táxi parou em frente da porta giratória do meu hotel. Enquanto pagava a corrida respirei aliviado ao reconhecer na minha frente, a uma vintena de passos, o carro dos meus perseverantes guardas. Ou muito me enganava, ou eles julgavam-me dormindo que nem uma pedra. Depressa o ia comprovar... Saltei do táxi e atravessei o passeio, olhando de soslaio para a esquerda. Ainda que fosse por uma questão de segundos, pude notar como um dos agentes - o que continuava ao volante - se agitava, tocando com precipitação no ombro do seu companheiro, que estava lendo um jornal. Não sei o que aconteceu depois. Deslizei pelo hall e evitei o elevador.

Graças ao céu, o recepcionista estava de costas e acho que não me viu desaparecer, subindo as escadas.

Ofegando e amaldiçoando o tabaco, entrei no meu quarto justamente no momento em que tocava o telefone. Tentei recuperar o fôlego e deixei-o tocar duas vezes. Ao atender reconheci a voz do recepcionista!

- O senhor desculpe - disse o empregado, num tom muito pouco convincente -, mas disse-me que o chamasse às cinco e meia ou às seis e meia...?

Tive vontade de lhe torcer o pescoço, mas dissimulei, dando como certo que junto dele devia estar um dos agentes, se é que não estavam os dois...

- Às seis e meia, por favor - respondi, em voz cortante.

- O senhor desculpe... Foi um erro.

Aceitei as desculpas e, por via de dúvidas, despi-me acabando por comer o esquecido almoço. Eram cinco e meia da tarde. Se o FBI engolisse a isca e considerasse que tudo tinha sido uma confusão, que eu não tinha saído do quarto, talvez aquelas últimas horas em Washington não fossem demasiado difíceis. Mas, e se não fosse assim?

Tinha de tirar as dúvidas.

E comecei a maquinar novo plano. Tinha de averiguar até que ponto acreditavam na minha palavra...

A minha preocupação, como é fácil de adivinhar estava centrada nos documentos. Tinha de os pôr a salvo a todo o custo. Mas como? Levei mais de meia hora em reconhecimento e exploração de cada

canto do quarto. No entanto, nenhum dos possíveis esconderijos me pareceu bastante seguro. Cheguei mesmo a desenroscar o chuveiro, considerando a possibilidade de enrolar e esconder parte do diário do Major no cano, que saía um pouco mais de trinta e cinco centímetros da parede da casa de banho. Graças a Deus, o instinto ou a intuição - ou ambos ao mesmo tempo - fizeram que temesse a sorte dos papéis e, finalmente, decidi-me pela solução mais simples... e arriscada. Abri cuidadosamente o segundo cilindro e retirei outro maço de folhas minuciosamente datilografadas, igualmente protegido por um envoltório de plástico transparente. Meti todos os rascunhos dentro da garrafa de vinho, que ficara meio vazia e, com a ajuda de várias tiras de papel adesivo, prendi ambos os maços de folhas ao peito e às costas.

Depois, vesti-me cuidadosamente, tratando de encher os canudos de cartão com rolos de fotografias, sem uso.

Guardei-os no fundo da bolsa das máquinas fotográficas e retirei as películas das duas máquinas, substituindo-as por outras, ainda virgens.

O meu objetivo era sair do hotel bem à vista e deixar o campo livre aos tipos do FBI. Corria o gravíssimo risco de que eles, em vez de fazerem busca ao quarto, optassem por me seguir e revistar-me. Nesta segunda suposição, os documentos voariam em questão de minutos... Na previsão de que esta delicada circunstância chegasse a ser realidade, guardei os rolos de Tri-X e de diapositivos que obtivera da minha recente investigação no México, bem como as imagens de Arlington, nos bolsos da samarra e das calças. Em caso de busca, pensei, sempre é melhor que localizem primeiro as películas. Talvez fiquem satisfeitos e se esqueçam do resto...

Não que aquele estratagema me convencesse, mas podia fazer outra coisa? Cortei as pontas das películas de uma dezena de rolos, ainda por fotografar, e coloquei-as em fila, em cima da minúscula secretária, simulando que se tratava do fruto do meu trabalho gráfico naqueles últimos dias. Pelas seis e um quarto peguei numa folha de papel, com o timbre do hotel, e escrevi em letra sem muito apuro:

Sexta-feira (6-XI-81)... ligar para o Dr. Garzón às 13 horas (telefone 6525783).

Rasguei a folha aos bocadinhos e deitei-os para o cesto de papéis, separando previamente um dos quadradinhos de papel em que podia ler-se: efone 6525. Deixei esta parte do escrito no assoalho do quarto, muito perto do cesto dos papéis, como se no gesto - ao deitar fora os papéis -, um deles tivesse caído fora do recipiente. Depois esvaziei um dos cinzeiros no cesto e tratei de desfazer a cama, enrugando minuciosamente os lençóis.

Às seis e meia, tal como esperava, tocou o telefone. O empregado, num tom muito mais amável, lembrou-me a hora.

- Muito obrigado - respondi, aproveitando a oportunidade para rematar o meu plano - Gostaria de ir ao cinema... sabe se por aqui perto há algum?

- Há, sim, senhor... Que tipo de filme deseja ver?

- Bom, Já que é tão amável, vá o senhor mesmo vendo. Vou descer Já. Ao desligar, esfreguei as mãos. Apesar de tudo, aquilo era eletrizante... Por último, e antes de sair do quarto, envolvi cuidadosamente o meu caderno de notas em dois jornais, escondendo entre as páginas a carta que retirara da box número vinte e um. Certifiquei-me de que levava o passaporte, os bilhetes - ainda válidos – da minha viagem de regresso a Espanha, via Nova Iorque, e os meus últimos trinta dólares. Abrindo a porta, empurrei o carrinho do almoço para o corredor. Retirei o letreiro NÃO INCOMODAR e fechei a porta. Ao encaminhar-me para o elevador passei diante de uma bandeja - com alguns restos de comida que tinha sido colocada no assoalho, junto de um outro quarto. Logo me lembrei dos agrafos e, voltando atrás, peguei na minha garrafa de vinho, trocando-a sorrateiramente pela do outro hóspede.

Uma vez no hall conversei sem pressa com o recepcionista que gentilmente - e a meu pedido - me acompanhou até à rua, indicando-me o caminho mais curto para o cinema. Fingi não ter entendido bem e o homem repetiu as suas indicações com todos os pormenores. Tanto ele como eu observávamos furtivamente o carro azul-metalizado, que continuava estacionado a curta distância. Aquela comédia, na realidade, fazia parte da segunda fase do meu plano. Desejava que ficasse perfeitamente estabelecido que, no decorrer das horas seguintes eu ia procurar distrair-me pacificamente a ver um filme. E, naturalmente, era vital que eles notassem...

Com as mãos nos bolsos e o diário de bordo bem seguro debaixo do braço, camuflado entre as folhas do jornal, fui-me afastando com ar distraído, como quem se prepara para dar um agradável passeio. O peso das folhas - em especial as do peito- começava a incomodar-me.

Duas ou três paragens, aparentemente casuais, diante de outros tantos estabelecimentos comerciais, foram mais que suficientes para verificar que os agentes não tinham saído do carro. Com passada igualmente displicente desapareci da Rua Dezessete à procura da movimentada Avenida Pensilvânia, onde, entre restaurantes galerias comerciais pubs e cinemas sempre é mais fácil passar despercebido. Comprei um bilhete e às sete e meia entrava numa das salas de projeção. Mas a minha intenção não era ver um filme. Quinze minutos depois, e perante a indiferença do porteiro, saí do cinema, dirigindo-me a uma cabina telefônica.

Embora me encontrasse muito perto da Rua Catorze, achei que era muito mais prudente telefonar primeiro para os escritórios da agência Efe em Washington. Um dos jornalistas – velho amigo - ia desempenhar um papel decisivo nesta última parte do plano. Como era

de esperar, o primeiro número estava sempre interrompido. Marquei o segundo

- 3323120 - e, por fim, consegui falar com a redação.

Não me vi forçado a dar-lhe demasiadas explicações. O companheiro e colega, cuja identidade não posso revelar, por razões óbvias, percebeu que me acontecia qualquer coisa fora do normal e aceitou me ver imediatamente.

Cerca das oito e meia da noite voltei atrás, até McPherson Square, e, convencido de que ninguém me seguia, deslizei rapidamente para o vetusto elevador do National Press Building, na Rua Catorze da zona noroeste da cidade. O meu amigo esperava-me no departamento 969, sede da Agência Efe.

Uma hora depois, com o mesmo ar despreocupado, empurrava a porta giratória do hotel. De bom grado, e sem fazer muitas perguntas, o jornalista tinha-me prometido o seu auxílio.

Pelas dez da manhã do dia seguinte - tal como tínhamos combinado – se apresentaria no meu hotel...

A minha intuição não falhou desta vez. Ao aproximar-me da porta principal descobri que o carro azul-metalizado tinha desaparecido. Ao pedir a minha chave na recepção, observei que os empregados eram outros. E, ainda que ultimamente em mim só houvesse desconfianças, compreendi que se tratava de novo turno. Dei ordem para que me acordassem às oito e meia de sexta-feira e, com um preocupante formigueiro no estômago, segui a caminho do sexto andar. Não podia tirar da cabeça a circunstância suspeita de o veículo do FBI não se encontrar em frente do hotel. Que teria acontecido naquelas três horas? Não precisei de muito tempo para o averiguar. Bastou-me fechar a porta do meu quarto e pôr os olhos na pequena secretária. Os rolos virgens que alinhara no tampo de vidro da mesa tinham desaparecido! Antes de entrar por uma rigorosa inspeção geral, abri a bolsa do material fotográfico, verificando, com alívio, que as minhas máquinas continuavam.

No entanto, tal como supusera, também os rolos – meio utilizados -, que eu substituíra no último momento, tinham sido retirados (possivelmente rebobinados) das respectivas câmaras. O resto do equipamento estava intacto. Os canudos de cartão, onde eu guardara películas, não pareciam ter chamado a atenção dos intrusos. Continuavam no fundo da bolsa, cobertos pelas mini toalhas verdes que eu costumo pedir emprestadas nos hotéis onde me hospedo e que, seguindo o costume do meu mestre e compadre Fernando Múgica, utilizo para evitar os choques e o roçar entre câmaras e objetivas. Também as quatro ou cinco nêsperas que trouxera de Arlington não tinham sido subtraídas pelos agentes. Porque, por esta altura, e tal como pude confirmar minutos mais tarde, saltava aos olhos que o meu quarto sofrera uma busca do FBI. (Pelo menos uma vez na minha vida, tinha acertado em cheio.)

Numa primeira observação pude deduzir que o resto dos meus haveres - mala, roupa, utensílios de higiene, etc. - continuava onde o deixara. Atuando com extremo cuidado o indivíduo ou indivíduos que tinham entrado no quarto tentaram não alterar a rígida ordem que sempre imponho à minha volta.

Aqueles tipos procuravam informação - qualquer dado que pudesse estar relacionado com o Major ou o amigo que eu dizia procurar - e eu não tardaria em confirmá-lo.

Um pouco mais tranqüilo depois daquele rápido inventário, fui direito ao cesto dos papéis, para onde deitara os pedacinhos de papel, bem como as beatas de um dos cinzeiros. Os papelinhos continuavam no fundo do recipiente, à exceção do que eu deixara cair intencionalmente no soalho. Este, num lamentável erro do agente, foi encontrado por mim no fundo do cesto, junto dos seus irmãos... conhecendo como conheço os serviços de espionagem, sabia que uma das coisas que sempre vêem são, precisamente, os cestos dos papéis. A armadilha dera resultado. O agente, depois de reconstruir a folha de papel que eu rabiscara, devolveu-a ao cesto procurando fazer que os vinte e oito pedaços caíssem todos no cubo de metal.

Aquele desajeitado representante do FBI deixara, além disso, no vidro da secretária, outro sinal da sua passagem. Como o leitor ter imaginado, o fato de despejar um dos cinzeiros no cesto dos papéis - e, mais concretamente, por cima dos papelinhos - não foi um gesto de asseio, embora possa ser essa a primeira impressão...

Aquela manobra foi perfeitamente calculada. E, agora, ao examinar o vidro, em cima do qual, com toda a evidência, fora minuciosamente reconstruída a folha de papel, não tardei em detectar a pista do intruso. Ao juntar os pedacinhos de papel, o agente não se acautelou e uma porção de cinza mínima - mas suficiente para o que eu pretendia caíra em cima do vidro da mesa. Uma vez adivinhado o quebra-cabeças, o homem restituiu os restos ao seu devido lugar, sem ter a precaução de limpar a superfície sobre a qual trabalhara.

Com a ajuda de uma minúscula lupa, Agfa Lupe 8 x, que sempre me acompanha e é de grande utilidade no exame de diapositivos, localizei imediatamente numerosas partículas branco-acinzentadas, que não eram mais que parte da cinza com que cobrira os papelinhos.

Se os agentes - como era fácil supor - tinham tomado devida nota do que estava escrito na folha, havia uma grande probabilidade de que caíssem em nova armadilha...

Antes de me deitar, e prevendo que o meu telefone estivesse sob escuta, marquei o número do Consulado espanhol disse à pessoa que me atendeu que era amigo do senhor Garzón, conselheiro de Informação e pedi para lhe transmitir que eu telefonaria no dia seguinte, às treze horas. Desta forma, e na mais que provável suposição de a minha

conversa ter sido gravada, o FBI recebia assim a confirmação daquilo que, sem dúvida, lera no meu quarto.

Deixei a mala praticamente feita e preparei-me para descansar. Mas ao ir lavar os dentes tive outra surpresa. Aqueles malditos agentes tinham furado - de lado a lado e em três sítios - a bisnaga da pasta dentrífica. O tubo de creme de barbear, tal como temia, estava igualmente furado. De que foram capazes e que mais surpresas me reservam estes gorilas?, interroguei-me, inquieto. Naquela noite, à cautela, pus a corrente de segurança e escorei a porta com a única cadeira do quarto. Como última precaução, decidi não descolar os documentos do peito e das costas. Contrariamente ao que imaginava, aquela incomoda carga não foi obstáculo a que o sono acabasse por me vencer. Tinha graça. Era a primeira vez que dormia com um alto segredo... no estômago. De acordo com o plano estabelecido na tarde anterior na sede da agência de notícias Efe, pelas dez em ponto da manhã de sexta-feira entreguei a chave do meu quarto na recepção, dirigindo-me em seguida para um dos táxis que esperavam à porta do hotel.

Depois de tomar o pequeno-almoço no quarto, voltei a encher os tubos de cartão com parte da minha roupa suja - lenços e sapatos, fundamentalmente - fechando-os novamente e escrevendo em cada um deles o meu apelido, nomes, e direção na Biscaia.

E ainda que o tempo em Washington D. C. estivesse fresco e com sol, vesti uma gabardina amarela-clara. Com as máquinas fotográficas ao ombro e os cilindros do Major nas mãos meti-me num táxi, pedindo ao motorista que me levasse ao Main Post Office, a central dos Correios da cidade. Se o FBI seguia os meus movimentos, aqueles canudos e o meu colega jornalista iam ajudar-me a pregar-lhes uma boa rasteira.

Às dez e meia o motorista do táxi parava em frente dos Correios. Com a promessa de uma excelente gorjeta, pedi-lhe que esperasse uns minutos; apenas o tempo de pôr selos e registrar dois volumes. O homem concordou amavelmente e saí do táxi a tempo de ver um automóvel preto a ultrapassá-lo, indo estacionar cerca de cem metros mais à frente. Calculando que os ocupantes do carro muito tinham a ver com os que me tinham invadido e revistado o quarto na noite anterior, entrei na concorrida central. Graças a Deus, o meu amigo Já lá estava à minha espera. A toda velocidade, e ante os olhos atônitos de uma mocinha que preenchia não sei que impressos na mesma mesa onde me encontrara com o repórter da Efe, despi a gabardina e passei-a ao meu colega. Escrevi a matrícula do táxi num dos formulários que se alinhavam nos cacifos e, ao entregar-lhe o papel, avisei-o - em castelhano - que tivesse cuidado com o automóvel preto. Cumprindo o plano previsto, o meu colega vestiu a gabardina, enquanto eu me misturava à multidão , caminhando para o balcão das encomendas postais. Se corresse tudo bem, dali a cinco minutos o jornalista ter-se-ia metido no táxi que esperava o meu regresso. Com a finalidade de tornar

ainda mais difícil a sua identificação, pedira-lhe que trouxesse uma bolsa parecida com aquela que eu habitualmente trazia. Quando o funcionário dos Correios guardou os canudos de cartão, dirigi-me para a porta e, do limiar, verifiquei que o táxi e o automóvel preto tinham desaparecido.

Sem perder um minuto, encaminhei-me para a boca do metro de Gallery Place. Dali, seguindo a linha Macpherson-Farragut West, reapareci na estação de Foggy Bottom. Eram onze e meia. Uma hora depois, outro táxi deixava-me no aeroporto nacional de Washington. Ou muito me enganava, ou os agentes do FBI estavam quase a enfiar um grande barrete... Pelas treze horas e vinte e cinco minutos daquela agitada manhã, o vôo 104 da companhia BN arrancava-me - por fim - da capital federal.

Dificilmente posso descrever aquelas últimas quatro horas no aeroporto de Nova Iorque. Se o meu amigo não fosse capaz de enganar os teimosos agentes norte-americanos, a minha segurança e, o que era muito pior, o meu tesouro tinham corrido grave risco.

As quatro em ponto da tarde, tal como tínhamos combinado, marquei o número de telefone da Efe em Washington. O meu cúmplice - a quem nunca poderei agradecer devidamente a sua audácia e cooperação - saudou-me com a contra-senha que só eu e ele conhecíamos:

- De Santurce a Bilbau...?

- Vou por toda a margem - respondi, com voz entrecortada pela emoção. Aquilo significava, entre outras coisas, que o nosso plano dera resultado. Em poucas palavras, o meu colega pôs-me ao corrente do que acontecera, a partir do momento em que entrara no táxi. As minhas suspeitas eram fundamentadas: aquele automóvel preto, que estacionara a pequena distância da fachada principal da estação dos Correios, recomeçou a sua discreta perseguição. Os agentes, três, no total, não podiam imaginar que o meu amigo ocupara o meu lugar e que todo aquele enredo não tinha outro objetivo que não fosse permitir a minha fulminante saída do país.

Obedecendo às indicações do novo passageiro, o condutor do táxi que viu aumentada a importância da corrida com uma súbita gorjeta de cinqüenta dólares (gorjeta que, segundo o meu colega, o deixou temporariamente mudo e surdo) -, ante o provável desespero dos homens do FBI, conduziu o seu veículo até ao Consulado espanhol, no N.o 2700 da Rua Quinze. Ali permaneceram ambos até à uma e meia. A essa hora, um vôo regular descolava de Washington, levando-me, como Já referi, à Cidade de Nova Iorque.

Quando viram de novo surgir o táxi que tinham esperado pacientemente o assombro dos gorilas deve ter sido memorável, pois os passageiros Já eram outros. O meu amigo, que tinha largado a gabardina e a bolsa no Consulado, enfiou um gorro vermelho e pediu a um funcionário amigo que o acompanhasse.

O FBI caiu novamente na armadilha e, acreditando que eu estava ainda na embaixada, continuou à espera. - É possível - comentou divertido o jornalista da Efe - que ainda lá estejam...

Às sete e quinze, com os documentos bem colados ao peito e às costas e - para quê negá-lo - quase à beira de um ataque de coração, o vôo 904 da TWA levava-me pelos ares, rumo a Espanha.

No dia seguinte, sábado, uma vez confirmada a minha descida em Madrid-Barajas, o colega apresentou-se no hotel. levou a minha mala e pagou a conta. Tal como eu suspeitava, os canudos de cartão que eu tinha registrado em Washington nunca chegando ao seu legítimo destino...

Como me enganava. As minhas angústias não terminaram com o resgate do diário do Major. Foi a partir da leitura daqueles documentos que o meu espírito se viu envolvido em toda a espécie de dúvidas... Durante dois anos, sempre no mais impenetrável dos silêncios, multipliquei-me em mil diligências para tentar confirmar a veracidade de quanto deixou escrito o falecido piloto da USAF. No entanto - apesar dos meus esforços - pouco consegui. A natureza do projeto é tão fantástica que, mesmo que tenha sido realizado, a classificação muito secreto, tornou-o inacessível. Uma coisa a que os Soviéticos e Norte-Americanos - seja dito de passagem - nos têm habituado desde que se empenharam na sua louca corrida aos armamentos. Não é preciso ser um lince para compreender que, tanto na conquista do espaço como no desenvolvimento do potencial bélico, uns e outros ocultam boa parte da verdade e - o que é pior - não sentem o menor pudor em mentir... ou desmentir. Também não é de estranhar, portanto, que tenha caído uma cortina de ferro sobre o projeto que o Major descreve no seu legado. No presente trabalho levei a cabo a transcrição - o mais fiel possível - das primeiras trezentas e cinqüenta folhas do total de quinhentas que ambos os cilindros continham. Embora não vá desvendar, de momento, o conteúdo do resto do Projeto, posso antecipar - isso sim que corresponde a um denominador comum: uma grande viagem, tal como a define o próprio Major. Uma viagem que faria empalidecer Júlio Verne...

Como é evidente, não sou ingênuo ao ponto de acreditar que, com o achado e posterior transferência destes documentos para fora dos Estados Unidos, tenham desaparecido os perigos. Pelo contrário. É precisamente agora, por motivo do seu salto para a luz pública, que os serviços de espionagem podem apertar o cerco em torno de um jornalista irresponsável. É um perigo que assumo, não sem certa preocupação... Mas, como homem prevenido vale por dois, depois de uma fria avaliação do assunto, também eu tomei algumas precauções. Uma delas – a mais importante, sem dúvida - foi depositar os originais do Projeto no cofre-forte de um banco, em nome do meu editor, José Manuel Lara. Caso eu fosse eliminado, aquela documentação seria publicada ipso fato.

Naturalmente, assim que pisei terra de Espanha, uma das minhas primeiras preocupações - antes de pôr a bom recato ambas as documentações originais - foi fotocopiar em duplicado as quinhentas folhas que tinha trazido de Washington. Para evitar, o mais possível o risco de desaparecimento do diário, uma das reproduções foi guardada - juntamente com os documentos oficiais que me foram entregues em 1976 pelo então general-chefe do Estado-Maior, Filipe Galarzal – noutro cofre-forte, em nome de um velho e leal amigo, residente numa cidade costeira espanhola.

Ao longo destes dois anos, e depois de conhecer o testamento do Major, levei a cabo numerosas consultas - especialmente a cientistas e médicos -, tentando esclarecer, pelo menos, a parte de ficção que ambas as viagens apresentam. Diga-se – em abono da verdade - que os primeiros se mostraram céticos quanto à possibilidade de materialização de semelhante projeto. Apesar disso, e antes de passar ao diário propriamente dito, quero deixar assente que a minha obrigação como jornalista começa e acaba, precisamente, com a obtenção e difusão da notícia. Ser o leitor - e quem sabe se os homens do futuro, como aconteceu com Júlio Verne - quem dever retirar as suas próprias conclusões e conceder ou retirar a sua confiança a quanto encontre nas próximas páginas. Em todo o caso - e com isto termino - se a grande viagem do Major foi apenas um sonho daquele homem estranho e atormentado, que Deus abençoe os sonhadores.

Estas trezentas folhas fazem parte de doze investigações secretas da Força Aérea espanhola sobre outros tantos casos de OVNIs na Espanha. Foram publicados no livro OVNIs: Documentos Oficiais do Governo Espanhol.

O diário

Hoje, 7 de Abril de 1977, ano da minha voluntária partida para a selva do Iucatan, uma vez conhecida a morte de meu irmão (...), e pelo quarto ano do nosso regresso da grande viagem, peço humildemente ao Todo-Poderoso que me conceda as forças e a vida necessárias para deixar escrito quanto sei e contemplei - pela infinita misericórdia de Deus – na Palestina.

É meu desejo que este testemunho seja conhecido entre os homens de boa vontade - crentes ou não - que, como nós, caminham em busca da Verdade.

Sei há mais de um ano - como também o soube meu irmão na grande viagem - que a minha morte está próxima. Por isso, seguindo os seus reiterados pedidos e os sempre mais firmes impulsos da minha própria consciência, tratei de organizar as minhas notas, recordações e sensações. Espero que a pessoa ou pessoas que algum dia possam ter acesso a este humilde e sincero diário façam sua a minha vontade de

permanecer, como meu irmão, no mais rigoroso anonimato. Não somos nós os protagonistas, mas sim ELE.

Não é fácil para mim resumir aqueles anos anteriores ao definitivo lançamento da grande viagem. E, ainda que nunca tenha sido minha intenção desvendar os programas e projetos confidenciais do meu país, aos quais tive acesso dada a minha condição de militar e membro ativo - até 1974 – do OAR (Office of Aerospace Research)t entendo que antes de oferecer os frutos da nossa experiência em Israel devo falar dos seus antecedentes a quantos leiam este relatório de alguns fatos anteriores àquele histórico Janeiro de 1973.

Devo igualmente avisar que, dada a natureza da descoberta efetuada pelos nossos cientistas e as dramáticas conseqüências que poderiam derivar de uma utilização errada ou premeditadamente negativa da mesma, os meus esclarecimentos prévios só terão um caráter puramente descritivo. Como antes mencionei, não é o meio o que importa, neste caso, mas sim os resultados que gostosamente houvemos por bem alcançar. Livro-me assim dos meus escrúpulos de consciência e confio em que algum dia - se a Humanidade recuperar o sentido da justiça e dos valores do espírito - sejam os responsáveis desta sublime descoberta os que a dêem a conhecer ao mundo na sua integridade.

Foi na Primavera de 1964 que, confidencialmente e por pura casualidade, me chegou aos ouvidos a existência de um ambicioso e revolucionário projeto, sob os auspícios da AFOSI e da AFORS1 e na qual trabalhava, havia anos, uma numerosa equipe de peritos do Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

Eu tinha sido selecionado em Outubro de 1963, com mais treze pilotos da USAF, para um dos projetos da NASA. Na minha qualidade de médico e engenheiro em Física Nuclear, e dado que continuava a pertencer à OAR, encomendaram-me um trabalho específico de supervisor do chamado VIAL, ou Veículo para a Investigação da Aterragem Lunar. Nessa Primavera de 1964, duas destas curiosas máquinas voadoras - com as quais se iniciaram os primeiros ensaios para as futuras alunagens do Projeto Apolo - chegaram por fim ao local a que eu fora destinado: o Centro de Investigação de Vôos da NASA, na Base de Edwards, da Força Aérea Norte-Americana, oitenta milhas a norte de Los Angeles.

Naquela paisagem desolada - em pleno coração do deserto de Mojave - permaneci até aos últimos dias de 1964, em que se concluíram, com êxito, as provas preliminares de vôo dos VIAL.

Não preciso repetir que aquelas provas e outros projetos - em especial os da USAF - tinham sido qualificados como altamente secretos. A entrada no recinto da base e no das experiências, em especial era limitado ao pessoal credenciado para o efeito.

Durante meses convivi com outros candidatos a astronautas, oficiais, cientistas e técnicos - todos eles de posse de nível de segurança

ultra-secreto - chegando-me aos ouvidos um fantástico projeto: a Operação Swivel (Elo).

Uma vez terminado o meu trabalho em Edwards, a NASA considerou que devia incorporar-me no Centro Marshall, de vôos espaciais. A minha verdadeira vocação foi sempre a investigação. Concretamente, o jovem mundo da teoria unificada das partículas elementares. No entanto, naquele mês de Dezembro de 1964 as minhas inquietações andavam por outros rumos. Os custos da NASA tinham começado a disparar e o Centro Marshall trabalhava dia e noite para encontrar novos sistemas ou fontes de energia, que tornassem mais baratas as dispendiosas baterias químicas dos projetos Explorer, Mercury e Gemini.

Uma semana antes do Natal, e por razões de trabalho, tive de voar novamente para a Base de Edwards. Durante um dos almoços com o pessoal especializado, conheci o novo chefe do Projeto Swivel, o general (...), um homem sereno e de brilhante inteligência, que soube escutar pacientemente as minhas investigações e lamentos sobre a miopia mental de alguns altos cargos da NASA, que tinham repudiado mais de AFOSI e AFORS são as siglas do Air Force Office of Special Investigations (Organização de Investigações Espaciais da Força Aérea) e do Air Force Office of Scientific Research (Organização de Investigação Científica da Força Aérea), respectivamente. uma vez as sugestões apresentadas por mim sobre a necessidade de substituir as antiquadas baterias químicas por células de carburante ou por baterias atômicas.

O general pareceu interessar-se por alguns dos pormenores das pilhas atômicas e eu - reconheço-o - abusei, saturando-o com uma chuva de dados e de informação em torno das excelências do plutônio 238, do cúrio 244 e do promécio 147...

Antes de se levantar da mesa, o general fez-me uma única pergunta: Quer trabalhar comigo?

Graças aos céus, a minha resposta foi um retumbante: Sim.

Desta forma, em Janeiro de 1965 saía definitivamente da NASA, para entrar no módulo de experiências da USAF, no Mojave. Eu tinha conhecido boa parte dos cientistas e militares que se empenhavam naquele fantástico projeto, durante a minha anterior etapa na Base de Edwards. Isto facilitou as coisas e a minha definitiva integração na Operação Swivel foi rápida e total.

Nos primeiros meses, o meu papel - de acordo com os desejos do general que me contratara e a quem de agora em diante tratarei pelo falso nome de Curtiss - fixou-se numa frenética investigação em volta de um sistema auxiliar de abastecimento de energia, mediante uma bateria atômica chamada SNAP-9A, que
são as siglas de Systems for Nuclear Auxiliary Powersl.

Por esta data, o projeto fora Já além das primeiras e obrigatórias fases da experimentação. Estas tinham realizado - sempre no mais férreo dos segredos - entre 1959 e 1963. Nunca soube - e também não

me preocupei com isso excessivamente - qual ou quais tinham sido os promotores ou autores do sistema básico que permitira conceber tal aventura.

Em algumas das minhas múltiplas conversas com o general Curtiss, este insinuou que - ainda que na equipe inicial tivessem participado alguns dos cientistas veteranos do Projeto Manhattan, que deu à luz a bomba atômica - a mudança de critérios em relação à natureza das indevidamente chamadas partículas elementares ou subatômicas vinha da Europa. Pelo que parecia, e através da CIA, a força aérea norte-americana tinha recebido - proveniente da Europa ocidental uma série de documentos em que se falava de uma brusca mudança de cento e oitenta graus na interpretação da física quântica.

No essencial, Já que não é minha intenção, aqui e neste momento, alongar-me excessivamente em questões puramente técnicas, aquele "sistema básico" que dera impulso à operação consistia na descoberta de uma entidade elementar -generalizada no Cosmos - em que a ciência não reparara até àquele instante, e que foi e seria, no futuro, a pedra angular para uma melhor compreensão da formação da matéria e do próprio Universo.

Esta entidade elementar - que foi batizada com o nome de swivel- pôs em evidência que todos os esforços da ciência para detectar e classificar novas partículas subatômicas não eram mais que uma estéril. Foram utilizados efetivamente. pela NASA e pela AEC para usos espaciais. Estas baterias de isótopos radioativos podem produzir várias centenas de watts de eletricidade durante períodos superiores a um ano.

A razão - minuciosamente comprovada pelos homens da operação em que trabalhei - era tão simples quanto espetacular: um swivel tem a propriedade de alterar a posição ou orientação dos seus hipotéticos eixos, transformando-se, assim, num swivel diferente.

A descoberta deixou perplexos os poucos iniciados, arrastando-os irremediavelmente para uma visão muito diferente do espaço, da configuração íntima da matéria e do tradicional conceito de tempo. O espaço, por exemplo, Já não podia ser considerado como um contínuo escalar em todas as direções. A descoberta do swivel lançava por terra as tradicionais abstrações do ponto, plano e reta. Estes não são os verdadeiros componentes do Universo. Cientistas como Gauss, Riemann, Bolyai e Lobatschewski tinham compreendido genialmente a possibilidade de ampliar os apertados critérios de Euclides, elaborando uma nova geometria para um espaço.

Neste caso o auxílio da matemática evitava o grave escolho da percepção mental de um corpo de mais de três dimensões. Nós tínhamos imaginado um universo em que os átomos, partículas, etc., formam as galáxias, sistemas solares, planetas, campos gravitacionais, magnéticos, etc. Mas a descoberta e posterior comprovação dos swivels deu-nos uma visão muito diferente do Cosmos: o Espaço não era mais que um conjunto associado de fatores angulares, integrado por cadeias

e cadeias de swivels. Segundo este critério, poderíamos representar o cosmos não como uma reta mas como um enxame destas unidades elementares. Graças a estas bases os astrofísicos e matemáticos que tinham sido recrutados pelo general Curtiss para o Projeto Swivel foram verificando, com assombro, como no nosso universo conhecido se registram periodicamente uma série de curvaturas ou ondulações, que oferecem uma imagem geral muito diferente da que sempre tivemos.

Mas não quero desviar-me do objetivo principal que me levou a escrever estas linhas. Em princípios de 1960, e como conseqüência de um mais intenso aprofundamento nos swivels, uma das equipes do Projeto materializou outra descoberta que, em minha opinião, será um marco histórico da Humanidade: mediante uma tecnologia que não posso sequer insinuar, aqueles hipotéticos eixos das unidades elementares foram invertidos na sua posição. O resultado encheu de espanto e alegria, ao

Hoje, ainda, e dado que esta sensacional descoberta não foi dada a conhecer à comunidade científica do Mundo, numerosos investigadores e peritos em física quântica continuam a descobrir e a detectar uma infinidade de subpartículas (neutrinos mésons ,antiprótons, etc.) que só contribuem para obscurecer o intrincado campo da física. No dia em que os cientistas tenham acesso a esta informação, compreenderão que todas aquelas partículas elementares que constituem a matéria não são mais que diferentes cadeias de swivel, cada uma delas orientada de forma peculiar em relação às outras.

Tanto os especialistas que trabalham nesta operação como eu próprio tivemos de alterar as nossas velhas concepções do espaço euclidiano, com a sua rede de pontos e retas, para assimilar que um swivel é formado por um feixe de eixos octogonais que não podem cortar-se entre si. Esta aparente contradição ficou explicada quando os nossos cientistas provaram que não se tratava de eixos,
propriamente ditos mas sim de ângulos. (Daí que tenha colocado entre aspas a palavra eixo, e me tenha referido a hipotéticos eixos.) A chave estava. portanto, em atribuir aos ângulos uma nova propriedade ou caráter: o dimensional. (Nota do Major.

Ao mesmo tempo, todos os cientistas: o minúsculo protótipo com o qual se
fizera a experiência desapareceu à vista dos investigadores. No entanto, o instrumental continuava a detectar a sua presença... A partir de então, todos os esforços se concentraram no aperfeiçoamento do referido processo de inversão dos swivels. Quando entrei no Projeto, o general explicou-me que, com um pouco de sorte, uns anos mais e estaríamos em condições de efetuar as mais sensacionais explorações... no tempo e no espaço.

Pouco tempo depois compreendi o verdadeiro alcance das suas afirmações.

Ao multiplicarmos os nossos conhecimentos sobre os swivels e dominarmos a técnica da inversão da matéria, apareceu diante da equipe uma fascinante realidade: mais além ou do outro lado das nossas limitadas percepções físicas existem outros universos (as palavras só servem para amordaçar a descrição destes conceitos) tão físicos e tangíveis como o que conhecemos (?). Em sucessivas experiências, os homens do general Curtiss chegaram à conclusão de que o nosso cosmos goza de uma infinidade de dimensões desconhecidas. (Matematicamente, foi possível a comprovação de dez.) Destas dez dimensões, três são perceptíveis para os nossos sentidos, e uma quarta - o tempo - chega até aos nossos órgãos sensoriais como uma espécie de fluir, num sentido único, e que poderíamos definir grosseiramente como flecha ou sentido orientado do tempo.

Neste caudal de informações apareceu diante dos nossos olhos atônitos outra descoberta que modificar um dia a perspectiva cósmica e que batizamos como o nosso cosmos gêmeo.

Alongar-me-ei pouco sobre este nosso “cosmos” ou cosmos gêmeo. mas não resisto a revelar algumas das suas características básicas. Aquelas análises humilharam mais ainda, se é que era possível, a nossa soberba científica. Na realidade. não existe um só cosmos - como sempre tínhamos acreditado - mas sim um infinito número de pares de cosmos. A diferença fundamental detectada entre os elementos de um e de outro (os nossos, por exemplo), consiste em que as suas estruturas atômicas respectivas diferem no sinal da carga elétrica que os nossos cientistas chamaram, e continuam a chamar incorretamente, matéria e antimatéria. O nosso cosmos gêmeo, por exemplo, apresenta as seguintes diferenças:

1) Nos seus átomos, a parte exterior é formada por elétrons positivos orbitais e o seu núcleo por antiprótons (prótons negativos).

2) Nunca poderão entrar em contato os dois cosmos. Também não faz sentido pensar que possam sobrepor-se, Já que não os separam relações dimensionais,. (Não existem distâncias nem simultaneidade no tempo.)

3) Ambos os cosmos possuem a mesma massa e o mesmo raio, correspondente a uma hiperesfera de curvatura negativa.

4) Cada um deles goza de singularidades distintas; quer dizer, no nosso cosmos gêmeo não há o mesmo número de galáxias nem elas possuem a mesma estrutura que as nossas. Não há, portanto, outro planeta Terra gêmeo.

5) Ambos os cosmos foram criados, simultaneamente, mas as suas flechas
do tempo não têm razão para estar orientadas no mesmo sentido. (Não podemos dizer, por conseqüência, que o referido cosmos coexiste com o nosso no tempo ou que existiu antes ou que existirá depois. Unicamente podemos afirmar que existe.)

Mas talvez o que mais impressionou a nossa equipe de investigadores fosse verificar que esse cosmos gêmeos exercem uma determinada influência sobre o nosso...

A mim pessoalmente tal como ao general-chefe do projeto, o que acabou por nos cativar foi o novo conceito de tempo. Ao manipular os eixos dos swivels comprovou-se que estas unidades elementares não sofriam a ação do tempo. Elas eram o tempo.

Longas e laboriosas investigações puseram em relevo, por exemplo, que aquilo a que chamamos intervalo infinitesimal de tempo não era mais do que uma diferença de orientação angular entre dois swivels intimamente ligados. Aquilo constituiu um autêntico cataclismo nos nossos conceitos do tempo.

Não foi muito difícil detectar que - por um daqueles milagres da Natureza - os eixos do tempo de cada swivel se orientavam segundo uma direção comum... para cada um dos instantes que poderíamos definir como o agora. No instante seguinte e no seguinte se - e assim sucessivamente -, esses eixos imaginários variavam na sua posição, dando assim diferentes agora. E o mesmo agora a que chamamos passado, acontecia obviamente com os outros.

Aquele potencial - simplesmente ao alcance da nossa tecnologia - fez-nos vibrar de emoção imaginando as mais esplêndidas possibilidades de viagens ao futuro.

Provavelmente - porque isto ainda não foi demonstrado.(Nota do Major.)

As verificações seguintes d g e asse € elhar-se a uma série de swivels cujos eixos estão orientados horizontalmente em relação aos raios vetores que implicam distâncias. De acordo com isto, descobrimos que pode - que um observador, no seu dar-se o caso - se a inversão dos eixos for a adequada novo marco de referência, considere como distância o que no antigo sistema referencial era avaliado como intervalo de tempo. É então fácil de compreender porque é que um evento ocorrido longe da Terra (por exemplo, num planeta do cúmulo globular M-13, situado a 22 500 anos-luz) nunca pode ser simultâneo com outro que se registre no nosso mundo. Isto nos deu a explicação do motivo por que um objeto que pudesse viajar à velocidade da luz encurtaria a sua distância no eixo de translação, até se reduzir a um par de swivels. Distância que, ainda que tenha para zero, não é nula, como afirma erradamente uma das transformações do matemático Lorentz. (Talvez possa referir-me noutro ponto deste relato ao que descobrimos quanto à velocidade limite da luz, ao inverter os eixos dos swivels e passar, portanto, a outros marcos dimensionais.)

E Já que mencionei o processo de inversão dos eixos dos swivels, devo assinalar que, no inicio, muitas das tentativas de inversão da matéria falharam, precisamente por uma falta de precisão na referida operação. Por não se conseguir uma inversão absoluta, o corpo em referência – por exemplo, um átomo de molibdênio - sofria o conhecido

fenômeno da conversão da massa em energia. (Ao desorientar no seio do átomo - um próton, por exemplo - obtínhamos um isótopo do Nióbi.) Que dessa inversão foi absoluta, o próton parecia aniquilado, mas sem quebrar o princípio universal da conservação da massa e da energia. (Nota do Major.)

Embora fizesse uma ligeira alusão a esta transcendente descoberta. Procurarei indicar algumas das linhas básicas referentes à nova definição de intervalo de tempo.

Os nossos cientistas entendem um intervalo de tempo T como uma sucessão de swivels, cujos ângulos diferem entre si em quantidades constantes. Quer dizer, consideremos, num swivel os quatro eixos (que não são mais extremidades por outro ponto dimensional de referência), e que não existem são tão convencionais como um símbolo, embora sirvam ao matemático para fixar a posição do ângulo real. Se dentro desse marco ideal oscila o ângulo real, imaginemos agora um novo sistema referencial dos ângulos, cada um dos quais faz noventa graus com os quatro anteriores. Este novo marco de ação de um ângulo real e o anteriormente definido definem, respectivamente, espaço e tempo. Observemos que os eixos vetores, que definem espaço e tempo, possuem graus de liberdade distintos. O primeiro pode percorrer ângulos-espaço em três orientações diferentes, que correspondem às três dimensões típicas do espaço; o segundo está ,condenado a deslocar-se num só plano. Isto leva-nos a crer que dois swivels cujos ângulos difiram num ângulo tal que não exista no Universo outro swivel cujo ângulo esteja situado entre ambos definirão o mínimo intervalo de tempo. A este intervalo, repito, chamamos instante. (Nota do Major.)

Como exprimi anteriormente. nem sequer posso sugerir a base técnica que conduz à mencionada inversão de todos e cada um dos eixos dos swivels, mas posso adiantar que o processo é instantâneo e que a contribuição de energia necessária para esta transformação física é muito considerável. Essa energia necessária, posta em jogo até ao instante em que todas as subpartículas sofrem a sua inversão, é restituída integralmente (sem perdas), transformando-se no novo marco tridimensional em forma de massa. As experiências prévias demonstraram que, imediatamente depois desse salto de marco tridimensional, o módulo se deslocava a velocidade superior, sem que a mudança brusca de velocidade (aceleração infinita) no instante da inversão fosse acusada pelo veículo. Este processo de viagem - como é fácil de adivinhar - torna inúteis os restantes esforços dos engenheiros e especialistas em foguetes espaciais, empenhados ainda em conseguir aparelhos cada vez mais sofisticados e potentes... mas sempre impelidos pela força bruta da combustão ou da fissão nuclear. (Talvez agora se comece a entender por que razão não posso nem devo alongar-me aos pormenores técnicos de tal descoberta...). Ao levar a cabo estes saltos, ou mudanças de marco tridimensionais, observamos com

espanto que - no novo marco - velocidade limite ou velocidade da luz (299, 792, 45A0 > G 0,0012 quilômetros por segundo) se alterava notavelmente.

Ao ponto de a única referência que pode refletir a alteração de eixos seria, precisamente, a medida de velocidade, ou constante C. Teremos assim uma família de valores: Co C CZ C3... C, que se alonga de Co = 0 (velocidade da luz nula) a Cn = infinito, cada uma representando um sistema referencial definido. (Nota do Major).

A partir desse momento (1966), o Projeto subdividiu-se em três ambiciosos programas. Ainda que estreitamente vinculados, as três equipes trabalharam no aperfeiçoamento de outros tantos módulos que nos permitissem a exploração - no terreno - em três direções bem distintas: em primeiro lugar, com uma viagem a outro marco dimensional, dentro da nossa própria galáxia; em segundo lugar, e forçando os eixos do tempo dos swivels para a frente, transferir todo um laboratório incluindo os astronautas - para o nosso próprio futuro imediato; por último, e seguindo um processo contrário, situar outro módulo, ou laboratório, no passado da Terra.

Eu fiquei ligado a este terceiro projeto - batizado como Cavalo de Tróia - e a ele e a quanto o rodeou até ser consumado, em Janeiro de 1973, me referirei nesta primeira parte do diário.

De 1966 a 1969, o nosso módulo - batizado entre os membros da equipe como o berço, devido à sua semelhança com o referido móvel - passou por sucessivas modificações, até alcançar um volume suficientemente grande para dar lugar a dois tripulantes. A atenção do reduzido grupo de cientistas selecionados para a Operação Cavalo de Tróia fixou-se durante muitos meses na consecução de um sistema que permitisse uma total e segura manipulação dos eixos do tempo dos swivels de todo o berço, tanto manual como eletronicamente.

Finalmente, e com a colaboração da Bell Aerosystems Co., de Niagara Falls - a mesma empresa que desenhou e construiu o ML, ou módulo lunar, para o Projeto Apolo – nos vimos com um laboratório de dez pés de altura, com quatro pontos de apoio extensíveis, de treze pés cada um e o peso total de três mil libras.

Diferindo do módulo do primeiro projeto que citei – cuja operação foi batizada como Marco Pólo - o nosso não precisava de sistema de propulsão. A operação de inversão de todas as subpartículas atômicas do berço, incluindo o seu recinto geométrico, os seus ocupantes e a totalidade dos gases, fluidos, etc. que o integram, podia efetuar-se em seco; quer dizer, sem que o habitáculo e seus pés de sustentação tivessem de se mover do lugar escolhido. O nosso habitat de trabalho em todos aqueles anos (o coração salitroso do deserto de Mojave) reunia, além disso, outro requisito de grande importância para as primeiras e decisivas experiências da Operação Cavalo de Tróia. Os relatórios geológicos tranqüilizaram-nos muito ao garantirem-nos que aquela zona - apesar de se encontrar ao longo da placa tectônica norte-

americana, de grande atividade telúrica - não tinha sofrido grandes mudanças desde finais do período jurássico, há mais de 135 milhões de anos, quando se deu a chamada perturbação nevadiana. Apesar de tudo, e como medida complementar, o berço foi munido de um equipamento auxiliar de propulsão, que consistia num motor gêmeo do VIAL, em que eu tinha trabalhado no ano de 1964. A General Electric proporcionou-nos um motor principal (de turbina a jato CF-200-2T), que foi montado verticalmente e permitiu um rápido e seguro movimento ascensional.

Estas medidas de segurança, que foram muito pouco utilizadas, revestem, no entanto, grande importância. Uma das nossas obsessões enquanto se ia desenhando a primeira grande viagem do Projeto Cavalo de Tróia, era acertar com a geografia do terreno escolhido para o salto-atrás no tempo. Se os nossos dados técnicos estivessem errados, quanto ao que se referia à configuração física e geológica do ponto de contato, a inversão dos eixos do tempo dos swivels podia tornar-se catastrófica. O berço, por exemplo, pousado em pleno século XX numa planície, podia ficar desintegrado se aparecesse – por erro - no interior de uma montanha que, no passado, podia ter ocupado esse espaço que utilizávamos hoje como ponto de contato.

Este não era mais que um motor a propulsão a jato JB, a que se acoplara uma ventoinha na popa, aumentado assim o seu arranque de velocidade zero de 2800 para 4200 libras. Foi montado num anel cardan e mantido giroscopicamente, apontando a direito, para baixo, mesmo no caso de possível inclinação do berço. Nas experiências prévias de aterragem, o seu arranque era regulado exatamente para cinco sextos do peso do módulo.

A restante sexta parte do peso do habitáculo completo foi suportada por mais dois foguetes auxiliares ascensionais, reguláveis, de peróxido de hidrogênio, de quinhentas libras de arranque máximo cada um. Foram montados na estrutura principal do berço podendo inclinar-se com o veículo. Oito pequenos motores -foguete também impelidos por peróxido de hidrogênio - controlavam a posição do berço. Cada foguete de posição podia ser acionado por uma válvula selenoidal individual do tipo de intervalos. Como se tratasse de um pequeno avião, o piloto podia controlar a inclinação por meio do movimento proa-popa e o bamboleio direito-esquerda com uma alavanca. O berço, ia munido até de pedais, que proporcionavam o controle de guinada. Tanto a alavanca como os pedais foram ligados eletricamente às válvulas dos solenóides. (Nota do Major.)

Portanto, depois de muitos e muitos cálculos e estudos, nós, os homens do general Curtiss, aceitamos de bom grado – salvo poucas exceções - que a fase de inversão devia ser provocada sempre no ar, em estado estacionário. Uma vez localizado, eletrônica e visualmente, o ponto de contato, o berço poderia aterrar com toda a comodidade e sem risco algum de choque ou de desintegração.

As primeiras provas de vôo do berço, cujo equipamento de inversão de massa foi suprimido naquela altura por elementares razões de segurança, foram então levadas a cabo pelo piloto-chefe de investigações do Centro da NASA em Edwards, Joseph. Walker, Já falecido, e que nos anos 1964 e 1965 tomou parte em mais de vinte e quatro vôos experimentais do VIAL. Ele conhecia bem os sistemas de propulsão dos simuladores do módulo de aterragem lunar e o seu veredicto foi positivo: o berço - apesar do seu estranho aspecto respondia com docilidade.

Em 1969, com uma centena de ensaios altamente satisfatórios a equipe fixou definitivamente em oitocentos pés a altitude ideal para proceder à inversão de massa. O tempo médio gasto na operação de arranque e estacionário, antes da fase de inversão, foi fixado em cinco minutos.

No final do Outono de 1969, o general deu luz-verde e quatro daqueles singulares astronautas que formavam a primeira equipe de vôo ao passado, tiveram a fortuna de experimentar um máximo de seis retrocessos no tempo. Todos eles executados sempre aos pares e no estacionário estabelecido (oitocentos pés de altitude), em pleno deserto de Mojave.

Ocupar-me agora destas fascinantes experiências levar-me-ia muito longe do meu verdadeiro propósito. Prescindirei, portanto, da sua descrição, porque, além disso, ficaram minuciosamente registradas noutros tantos relatórios, atualmente em poder do Air Force Office of Special Investigations e, infelizmente, da DIA (Defense Intelligence Agency).

No entanto, anotarei, sim, que o delicado sistema de retrocesso e ajustamento dos eixos do tempo dos swivels, nas datas programadas pela equipe, demonstrou ser assombrosamente preciso, graças à revolucionária rede de computadores que servira, desde o começo, para a loca diversas unidades de memória periférica, de fita magnética, discos, tambores, varetas com banda helicoidal, etc. Todas elas são capazes de acumular, codificados magneticamente, um número muito limitado de bits, ainda que se fale sempre em números de milhões de dígitos. As bases técnicas, em contrapartida, dos computadores do Projeto Cavalo de Tróia - baseados no titânio - são diferentes. Sabemos que a camada eletrônica de um átomo pode excitar-se, atingindo os elétrons diversos níveis energéticos a que chamamos quânticos,. A passagem de um estado a outro faz-se libertando ou absorvendo energia quantificada que tem associada uma freqüência característica. Assim, um eletrôn de um átomo de titânio pode mudar de estado na camada libertando um fóton, mas no átomo de titânio, como noutros elementos químicos, os elétrons podem passar a vários estados, emitindo diversas freqüências.

Denominamos este fenômeno como espectro de emissão característico deste elemento físico o que permite identificá-lo por

avaliação espectroscópica. Pois bem, se conseguimos alterar, à vontade, o estado quântico desta camada eletrônica do titânio, podemos convertê-lo em portador, armazenador ou acumulador de uma mensagem elementar: um número. Se o átomo for capaz de alcançar, por exemplo, doze ou mais estados, cada um desses níveis simboliza ou codificar um algarismo, do zero ao doze. Mas uma simples pastilha de titânio é constituída por bilhões de átomos. Nenhuma outra base macrofísica de memória se lhe pode comparar.

De momento, não me é lícito explicar como conseguimos a excitação desses átomos de titânio... (Nota do Major.)

Embora também não considere oportuno desvendar a natureza íntima deste formidável conjunto de computadores, posso, sim, esclarecer que, diferindo dos sistemas tradicionais de computadores, os utilizados na Operação Cavalo de Tróia não são integrados por circuitos eletrônicos. Quer dizer, por tubos de vácuo, componentes baseados no estado sólido, tais como transistores ou diodos sólidos. condutores e semicondutores, indutâncias, etc..., mas sim por órgãos integrados topologicamente em cristais estáveis chamados amplificadores nucléicos. A sua característica principal é que, neles, não se amplificam as tensões ou intensidades elétricas, como nos amplificadores comuns, mas sim a potência. Uma função energética de entrada injetada no amplificador nucléico é refletida à saída noutra função, analiticamente mais elevada. A libertação controlada de energias realiza-se a expensas da massa integrada no amplificador, e o fenômeno verifica-se, dimensionalmente, à escala molecular. No processo. intervêm os átomos suficientes para que a função possa ser considerada, macroscopicamente, como contínua.

Quanto à estrutura básica destes supercomputadores – e também com caráter puramente descritivo - posso dizer o seguinte: os computadores digitais usados correntemente utilizam, geralmente, uma memória central de núcleos magnéticos de ferrite e realização dos swivels, e que foi incorporada ao sistema de inversão de massa.

Como é natural. de pouco teria servido aquele gigantesco esforço se a nossa tecnologia não tivesse sido capaz de modificar os feixes dos swivels - e, concretamente, dos eixos do tempo - forçando-os a novos ângulos. A rede de computadores, por um complexo processo, chegou a afinar aquela deslocação dos eixos e, em definitivo, do módulo, com um erro de +- duas horas, nas datas desejadas.

E chegou, por fim, o grande dia. O general Curtiss convocou-nos para uma reunião de urgência.

Os homens da Operação Cavalo de Tróia - sempre sob o comando de Curtiss - apuraram-se em meia dezena de viagens qual delas a mais fascinante. No entanto, a lógica e um rigoroso sentido da ordem tornavam pouco recomendável pôr em marcha vários projetos ao mesmo tempo. Era preciso escolher uma primeira exploração, sem que por isso se atirasse para o esquecimento o resto das propostas.

Depois de muitas horas de discussão, e por unanimidade, a cúpula de cientistas e especialistas - em sessão de urgência na Base de Edwards escolheu três momentos da história da Humanidade como possíveis e imediatos candidatos para uma eleição final. Foi a 10 de Março de 1971.

Os três objetivos em questão foram os seguintes:

1.o Março-Abril do ano 30 da nossa Era. Justamente, os últimos dias da Paixão e morte de Jesus de Nazaré.

2.o O ano de 1478. Lugar: ilha da Madeira. Objetivo: tentar averiguar se Cristóvão Colombo pôde receber alguma informação confidencial, de um pré-descobridor da América, sobre a existência de novas terras, bem como sobre a rota a seguir para lá chegar.

3.o Março de 1861. Lugar: os próprios Estados Unidos da América do Norte. Objetivo: conhecer com exatidão os antecedentes da Guerra de Secessão e o pensamento do recém-eleito presidente Abraham Lincoln.

Cada um dos projetos fora preparado exaustivamente, até aos seus mínimos pormenores. Eu vinha à cabeça, e defendi ferrenhamente a segunda das viagens. Através de numerosas leituras e contatos com peritos da Universidade de Yale, convencera-me de que Colombo não fora o primeiro descobridor das terras americanas, e aquela era uma magnífica oportunidade para conhecer a verdade. Mas, tanto a viagem à Guerra de Secessão como à ilha portuguesa da Madeira acabaram por ser postas de lado, em benefício da primeira: a transferência no tempo para o ano 30 da nossa Era. Apesar do natural desgosto dos defensores dos projetos eliminados, todos reconhecemos que o nível de riscos era, sensivelmente, inferior na grande viagem à Jerusalém de Cristo do que à Guerra da Secessão dos Estados Unidos ou ao século xv. No caso da exploração em tempos de Lincoln, os astronautas escolhidos podiam correr evidentes perigos físicos, e nem o general Curtiss nem os restantes componentes da Operação Cavalo de Tróia estavam dispostos a pôr em jogo a segurança dos seus homens. Quanto à viagem que eu defendia, a falta de precisão na data, em que o pré-nauta pôde descer com a sua caravela à ilha da Madeira foi determinante. A nossa contribuição histórica, ainda que rigorosa, vinha com uma inevitável margem de erro.

Tomando como referência - mais que provável - a data de 1478 para a fixação de Cristóvão Colombo na ilha da Madeira, onde sua sogra era dona de uma taberna, e de acordo com os testemunhos de Las Casas e da lenda taina, era muito possível que os misteriosos pré-descobridores da América tivessem visitado as ilhas das Caraíbas (especialmente, a espanhola) nos meses imediatamente anteriores à referida data. Talvez em 1476 ou 1477. Teria sido, portanto, nesse ano de 1478 que se dera o regresso dos involuntários descobridores, à

Europa, com uma fortuita escala naquela ilha portuguesa. (Nota do Major.)

Como um só homem, a partir daquela decisiva e final determinação, os sessenta e um membros da equipe Cavalo de Tróia – de exploração do passado - voltaram-se para o desafio que ia ser a primeira aventura oficial no tempo.

Não vou negar que, naquelas semanas que se seguiram à minha escolha pelo general Curtiss para tripular o berço e descer no tempo de Jesus de Nazaré, o meu estado de ânimo se viu profundamente alterado.

Apesar da inegável alegria que me provocou ser um dos dois primeiros exploradores de outro tempo, a responsabilidade de tão complexa operação esmagou-me e foram necessários muitos dias para me adaptar e aceitar serenamente o meu compromisso.

Nunca soube com exatidão o motivo por que o chefe do Projeto Swivel me designou para aquela grande viagem. É muito possível que, na altura de avaliar conhecimentos e condições pessoais, outros camaradas devessem ter ocupado o meu lugar, por ampla margem de méritos.

Curtiss, numa das múltiplas entrevistas que tive com ele por causa da minha nomeação, deixou-me vislumbrar que a natureza da exploração exigia, fundamentalmente, a presença de um homem cético em matéria religiosa. Contrariamente a muitos membros da equipe, eu não militava em igreja ou movimento religioso algum, sendo evidente o meu caráter agnóstico. Pela minha rígida educação científica e militar, e ainda que sempre procurasse respeitar as crenças e inclinações religiosas dos outros, nunca eu sentira a menor necessidade de me refugiar ou procurar encorajamento em idéias transcendentes.

Como estava longe de imaginar o que o destino me reservava! E tive de reconhecer, como o general, que, com efeito, a objetividade era uma das condições básicas para desempenhar aquela observação da história com um mínimo de rigor. O meu trabalho naquela transferência para o ano 30 – tal como o
do meu companheiro - exigia a aceitação e cumprimento de uma norma, que se convertera em regra de ouro para a totalidade da equipe do Projeto Cavalo de Tróia: os exploradores não podiam – por razão alguma, nem mesmo a da própria sobrevivência - alterar, trocar ou influir nos homens, grupos sociais ou circunstâncias que fossem o objetivo das nossas observações ou que, simplesmente, pudessem surgir no decurso das mesmas. Qualquer hesitação, na altura de assumir esta premissa principal, era motivo para uma fulminante expulsão do grupo de exploradores. Este fato inviolável pressupunha Já uma absoluta objetividade nos observadores. Não obstante, o general, numa atitude de sutil prudência, preferiu que a objetividade fosse reforçada por uma especial assepsia em matéria religiosa.

Como é fácil de compreender, um meio tão poderoso como a manipulação dos eixos do tempo dos swivels poderia ser extremamente

perigoso,se caísse nas mãos de indivíduos sem escrúpulos ou com uma visão fanática e partidária da história. Nas seis primeiras inversões de massa que foram praticadas com o caráter puramente experimental, no deserto de Mojave, pôde ser demonstrado que a passagem do módulo e dos pilotos para outras datas remotas não afetava a sua natureza física, nem sequer o psiquismo ou a memória dos tripulantes. Estes, enquanto durou o salto para trás , estiveram conscientes em todo o momento da sua própria identidade, lembrando com normalidade a que época pertenciam. Discutiu-se no grupo, a fundo, e com toda a honestidade, as gravíssimas repercussões que traria para uma pessoa ou para uma coletividade, a trágica circunstância de que alguém de uma época passada pudesse ser morto num combate, por exemplo, com alguns dos nossos exploradores. Se o princípio causa-efeito correspondia a uma realidade, os resultados históricos podiam ser funestos.

Daí que a nossa missão - acima de tudo - só pudesse aspirar à observação e análise dos fatos, personagens ou épocas escolhidas. E não era pouco...

Felizmente para o Projeto Cavalo de Tróia, as nossas relações com o Estado de Israel não podiam ser melhores, em especial a partir da Guerra dos Seis Dias. Era primordial para a execução da grande viagem que o berço pudesse ser transferido para a Palestina e colocado no ponto de contato escolhido. Tudo isto - para mais – sem levantar suspeitas. Mas pouco posso referir sobre estes passos, que caíram inteiramente nas costas do general Curtiss. Só no final, quando apenas faltavam dois meses para a contagem regressiva, os mais próximos do chefe do projeto souberam dos obstáculos surgidos, das duras condições impostas pelo Governo de Golda Meir e das falhadas, mas irritantes, tentativas da CIA para obter o controle da operação.

Aqueles combates à sombra dos despachos e da burocracia estatal passaram despercebidos para mim e para o resto da equipe, empenhados na última fase dos preparativos da aventura. (Dou agora graças aos céus por esta ignorância...)

No restante período de 1971, bem como na quase totalidade de 1972, o meu centro operacional modificou-se notavelmente. Durante aqueles dois anos, o meu tempo dividiu-se entre a aldeiazinha de Malula, a Universidade de Jerusalém e a Base de Edwards. A Operação Cavalo de Tróia abrangia duas fases perfeitamente claras e definidas.

Uma, em que o módulo sofreria o Já conhecido processo de inversão de massa, forçando os eixos do tempo dos swivels até ao dia, mês e ano previamente estabelecidos. Neste primeiro passo, como é lógico, o meu camarada e eu permanecíamos a bordo até à entrada na data designada e definitiva colocação no ponto de contato.

A segunda, sem dúvida a mais arriscada e atraente, obrigava ao abandono do berço, por um dos exploradores, que devia misturar-se com o povo judeu daqueles tempos, convertendo-se em testemunha de

exceção dos últimos dias de vida de Jesus da Galiléia. Era esse o meu trabalho.

Esta façanha - em que não quis pensar até que chegasse o momento final -obrigou-me, durante aqueles anos, a uma febril aprendizagem dos costumes, tradições mais importantes e línguas de uso comum entre os israelitas do ano 30.

Dediquei boa parte daqueles vinte e um meses à dura aprendizagem da língua que Cristo falava: o aramaico ocidental ou galilaico. Seguindo os textos de Spitaler e do seu mestre na Universidade de Munique, Bergstrasser, não foi muito difícil localizar os três únicos cantos do Planeta onde ainda se fala o aramaico ocidental: a aldeia de Malula, no Antilíbano, e as pequenas populações, hoje totalmente muçulmanas, de Yubbadin e Baha, na Síria.

E ainda que o árabe acabasse por saltar as montanhas do Líbano, influenciando a linguagem dos três povos, a fonética e a morfologia continuam a ser, fundamentalmente, aramaicas. Uma oportuna documentação, que me fazia passar por antropólogo e investigador de línguas pela Universidade de Cornell, abriu-me todas as portas, podendo completar os meus estudos na Universidade de Jerusalém Como informação complementar. posso acrescentar que o acesso à aldeia de Malula - pelo menos nos anos de 1971 e de 1972 - se conseguia pela estrada de Damasco a Homs. Ao alcançar o quilometro cinqüenta, tem de se voltar a um desvio à esquerda. Depois de subir nove quilômetros de encosta, aparece diante dos olhos um mosteiro católico de frades basilianos. Junto daquele mosteiro encontra-se Malula, com os seus escassos mil habitantes. Toda a população era católica. A igreja está entregue a um sacerdote libanês que fala árabe. Nesta língua, precisamente, se dizia a liturgia, ainda que a linguagem do povo seja o aramaico ocidental, muito misturado Já com o árabe e outras palavras e expressões turcas, persas e européias. (Nota do Major.)

Ali apurei os meus conhecimentos do aramaico galilaico, aprendido entre as pessoas simples do Antilíbano com outras fontes como o targum palestino e o aramaico literário de Qumrân, o nabateu e o palmirense.

Por último, como complemento, a minha preparação viu-se enriquecida com noções básicas, mas suficientes, do grego e do hebreu mishnico, que também se falava na Palestina de Cristo.

Percorri uma infinidade de vezes o que os católicos chamam os Santos Lugares, embora estivesse consciente de que aquele reconhecimento do terreno de pouco me ia servir na hora da verdade...

Também não quis aprofundar excessivamente os textos bíblicos em que se narra a Paixão, Morte e Ressurreição do Salvador. Por razões óbvias, preferi enfrentar os fatos sem idéias preconcebidas e com espírito aberto. Se a minha obrigação era observar e transmitir a verdade do que aconteceu naqueles dias, o mais aconselhável era conservar aquela atitude isenta de preconceitos.

Ao voltar à Base de Edwards, por finais de 1972, só via caras aborrecidas. Depressa soube - e a confirmação final chegou da boca do próprio Curtiss - que, apesar das negociações, ao mais alto nível, o Governo israelita não dava a sua autorização para a entrada no seu país do berço e do resto do sofisticado equipamento. Logicamente tinham direito a saber do que se tratava e o chefe do Projeto Cavalo de Tróia também não dera facilidades para resolver este aspecto da questão.

O mais rigoroso sentido da segurança, no entanto, tornava inviável que o general pudesse avisar os Israelitas sobre a autêntica natureza da operação. Que podíamos fazer?

Depois de um agitado Dezembro - em que, sinceramente, chegamos a temer pelo êxito da grande viagem - o Pentágono, seguindo as recomendações de Curtiss, planeou uma estratégia que persuadiu os Judeus. Desde 1959, tanto a União Soviética como o nosso país vinham desenvolvendo um programa secreto de satélites espiões, destinados a uma mútua observação de todo o tipo de instalações militares, industriais, agrícolas, urbanos, etc. Estes olhos volantes foram ganhando em penetração, especialmente a partir dos chamados satélites da terceira geração, em 1966. Numa quarta geração, o Pentágono com a colaboração de empresas especializadas em fotografia (a Eastman Kodak, a Itek Corporation e a Perkin Elmer) - conseguira colocar em órbita um novo modelo de satélite (a série Big Bird), cuja aparelhagem era capaz de fotografar, a cento e cinqüenta quilômetros de altitude, os títulos do jornal de um homem que estivesse sentado na Praça Vermelha em Moscovo. Apesar da grande reserva do National Reconaissance Office - um departamento especializado e responsável por este tipo de informações, com sede no próprio Pentágono - algumas das características do Big Bird acabaram por chegar ao conhecimento dos serviços de espionagem de outros países. Em numerosas ocasiões, o Governo de Golda Meir tinha exercido pressão para que a eficiente rede dos nossos satélites espiões lhe proporcionasse informação gráfica dos movimentos das tropas, instalação de rampas de mísseis, novas construções, etc... dos países árabes. Pois bem, aquela foi a nossa oportunidade.

Havia aproximadamente ano e meio - desde começos de 1971que o Pentágono tinha começado a trabalhar num novo desenho de satélites Big Bird: o KHÁ11. Curtiss, com prévia autorização do Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos, e depois de se encontrar pessoalmente com o presidente Nixon e o secretário de Estado Kissinger, voou novamente para Jerusalém. Desta vez, ofereceu ao primeiro-ministro, Golda Meir, e ao seu ministro da Guerra, o lendário moshe Dayan, uma explicação satisfatória: dentro do mais rigoroso dos segredos, os Estados Unidos desejavam colaborar com o país amigo - Israel - montando um laboratório de recepção de fotografias do seu Big Bird. Desta forma, os Israelitas podiam dispor de um rápido e fiel sistema de controle dos seus inimigos e o meu país de uma nova estratégica

estação, que poupava tempo e boa parte da sempre embaraçosa manobra de recuperação das oito cápsulas expelidas que cada satélite levava e eram recuperadas, de quinze em quinze dias, nas cercanias do Hawai. De um ponto de vista puramente militar, a operação era, além disso, de grande interesse para os Estados Unidos, que podiam assim fotografar à sua vontade franjas tão instáveis (politicamente falando), como as das fronteiras da URSS com o Irã e o Afeganistão e outras zonas do Paquistão e do Golfo Pérsico, podendo receber centenas de negativos na nova estação própria (a israelita), três minutos depois de terem sobrevoado as referidas áreas.

Graças a este sutil engano, o general Curtiss e parte da equipe do Projeto Cavalo de Tróia conseguiram aterrar em Telavive, nos primeiros dias de Janeiro de 1973. Para evitar suspeitas, e de mútuo acordo com o Mossad (serviço de espionagem de Israel), a USAF preparou um avião Jumbo em que tinham sido retirados os bancos, carregando nas suas cabinas dez toneladas de aparelhagem altamente secreta. Do falso jato de passageiros, camuflado, juntamente, com os distintivos da companhia israelita El Al, desceu um grande grupo de pessoas que pareciam ser pacíficos turistas norte-americanos. Foi a 5 de Janeiro.

O que os sagazes agentes do serviço de espionagem israelita nunca souberam é que, misturado com o material para a estação de recepção das fotografias via satélite, viajava também o nosso berço...

O plano de Curtiss era simples. Num minucioso estudo, elaborado em Washington pelo CIRVIS (Communication Instruction for Reporting Vital Intelligence Sightings), com a colaboração do Departamento Car - A série de satélites artificiais Big Bird, ou Grande Pássaro - e, em especial.

O protótipo KHÁ11 -,pode voar a uma velocidade de 25000 quilômetros por hora, necessitando de um total de noventa minutos para dar uma volta completa ao Planeta.

Como a Terra oscila ligeiramente neste espaço de tempo (22 graus e 30 minutos). o Big Bird sobrevoa, durante a volta seguinte, uma faixa diferente da Terra e volta à sua trajetória original ao cabo de vinte e quatro horas. Se o Pentágono descobre algo de interessante, o satélite pode modificar a sua órbita, aumentando o tempo de revolução durante uns minutos e fazendo-o descer a órbitas até cento e vinte quilômetros de altitude. Uma diferença de 1 grau e 30 minutos por exemplo, todos os dias, permite colar, de dez em dez dias, uma zona de conflito, sobrevoando todas as suas cidades e nas de interesse militar. Posteriormente, o Big Bird é empurrado para uma órbita superior. (Nota do Major.)

Astutamente, o general Curtiss fizera coincidir a primeira das possibilidades de localização da estação receptora com o nosso ponto de contato para a grande viagem. Muito antes de o Governo de Golda Meir ter levantado obstáculos à marcha da nossa operação, os especialistas do Projeto Cavalo de Tróia tinham considerado que o monte das Oliveiras era a zona apropriada para a implantação do berço. A sua

proximidade com a aldeia de Betânia e com Jerusalém tinham-no convertido no lugar estratégico para a descida. E ainda que os Israelitas mostrassem uma certa estranheza pela escolha daquela colina, como primeira das
três bases de experimentação, pareceram ficar convencidos perante as explicações dos norte-americanos. Israel via-se envolvido ainda em numerosas escaramuças com os seus vizinhos, os Egípcios e os Sírios. Se a instalação da estação receptora se tivesse iniciado no Sinai ou em Golan, os riscos de destruição pela aviação inimiga teriam sido muito altos.

Era necessário ganhar tempo e - principalmente - treinar os israelitas no manejo dos equipamentos, com uma ampla margem de segurança e sem sobressaltos. Uma vez decidida a localização ideal, verificados os numerosos controles e instruídos os israelitas, o laboratório entraria na fase operativa, compartilhado sempre pelos dois países. Isto pressupunha, segundo todos os indícios, um prazo de tempo mais que suficiente para o nosso trabalho.

Os israelitas, em suma, aceitaram com excelente submissão os conselhos dos norte-americanos e colaboraram estreitamente no transporte e guarda dos equipamentos.

Desde meados de 1972 que os homens da Operação Cavalo de Tróia tinham chegado à conclusão que o ponto de contato devia ser a pequena praça onde se encontra a mesquita octogonal chamada da Ascensão do Senhor. O alto muro que rodeia a relíquia da época das Cruzadas era o baluarte perfeito para evitar os olhares curiosos. Curtiss, com o resto do grupo, previra até os mais insignificantes pormenores.

A experiência foi marcada, sem falta, para o dia 30 de Janeiro de 1973.

Era o momento perfeito, por várias razões: em primeiro lugar, porque a montagem dos equipamentos eletrônicos da estação receptora do Big Bird deveria iniciar-se entre 20 e 25 desse mesmo mês de Janeiro. Em segundo lugar, porque, nessas datas, a afluência de peregrinos aos Lugares Santos passaria por uma acentuada baixa. Por último, porque o grupo desejava honrar assim a memória de um dos maiores vultos da Humanidade: o Mahatma Gandhi.

Justamente naquele 30 de Janeiro de 1973 se celebrava o vigésimo quinto aniversário da sua morte. Como era evidente, a razão principal era a primeira. Cavalo de Tróia precisava de uma semana para a montagem e verificação geral do berço. O general Curtiss, na altura de redigir o projeto de instalação do laboratório receptor de fotografias via satélite, impusera uma condição, que foi entendida e aceite por Golda Meir e pelo seu Gabinete: dado o caráter altamente secreto dos scanners óticos utilizados e de alguns elementos eletrônicos, a montagem da aparelhagem deveria ficar a cargo - única e exclusivamente - dos norte-americanos.

A segurança e vigilância interna da estação enquanto durasse esta fase, seria missão intransmissível dos Estados Unidos. O Governo de Israel teria a seu cargo a proteção externa, podendo participar no projeto uma vez terminada a referida montagem. Este argumento não tinha outra justificativa que não fosse manter os israelitas afastados, permitindo-nos assim o completo desenvolvimento do nosso verdadeiro programa. O salto no tempo - programado como disse, para terça-feira, 30 de Janeiro - fora limitado a um total de onze dias. Cavalo de Tróia dispunha portanto, de um máximo de três semanas para preparar o berço, para a realização da aventura, propriamente dita, e para o não menos delicado regresso.

Uns dias antes de o falso grupo de turistas norte-americanos partir dos Estados Unidos com destino a Telavive, moshe Dayan dera as ordens necessárias para que o seu serviço secreto preparasse uma operação de pequena envergadura, mas vital para a tomada de posse da mesquita da Ascensão. Era preciso que os nossos técnicos pudessem trabalhar no interior da praça, sem levantar suspeitas entre a população judaica e muito menos entre os muçulmanos, responsáveis pelo culto no tabernáculo octogonal que se ergue no centro do recinto.

Naqueles dias, tanto a OLP (Organização para a Libertação da Palestina), como os serviços secretos egípcios (o Mukhatarat el Kharbeiyah), em perfeita conexão com os agentes soviéticos que ainda operavam no Cairo tinham lançado uma intensa vaga terrorista em Israel. As cartas bombas estavam na moda e raro era o dia em que não se detectava ou não explodia um destes mortíferos artefatos em Jerusalém, Telavive ou no resto do país. (Justamente na véspera da nossa operação - 29 de Janeiro - foram recebidas em diferentes dependências e organismos da cidade de Jerusalém um total de nove destas cartas bombas.)

O plano do eficientíssimo serviço secreto israelita (o Mossad) consumou-se na tarde de 1 de Janeiro. Dois jovens agentes, com todo o aspecto de turistas, esqueceram uma maleta suspeita junto das fortes paredes do tabernáculo da Ascensão. O próprio Mossad se encarregou de dar o alarme e, numa questão de minutos, a praça e o octógono foram desalojados, enquanto uma equipe de especialistas em desarmar explosivos se encarregava de inspecionar e fazer explodir, ali mesmo, o volume - bomba dos presumíveis terroristas. O acontecimento, dado a natureza do lugar e prévio acordo com os responsáveis da custódia dos Santos Lugares foi ocultado aos meios informativos.

Tal como tinham previsto os israelitas de Dayan, a explosão nem danos causou nas paredes exteriores da mesquita. No entanto, numa rotineira mas obrigatória inspeção do resto do octógono, agentes doamosd - fazendo-se passar por arquitetos da Divisão de Sapadores do Exército - descobriram e mostraram aos guardas do local chapas ou radiografias dos alicerces da parede leste da mesquita, seriamente afetados pelo atentado. Aquilo deixou os muçulmanos confusos.

Mas o Mossad previra tudo. Num gesto de boa vontade, e perante a desorientação dos árabes - o vice-presidente judeu, Ygal Allon, convocou os responsáveis da mesquita, informando-os que o Governo tomara a decisão de reparar os danos, como prova de boa fé. A iminente proximidade da Páscoa judaica e da Semana Santa católica justificou às mil maravilhas a insólita pressa do Governo de Golda Meir para cuidar dos reparos do monumento. Ninguém podia suspeitar que, por baixo daquela oportuna e aparente manobra política se escondia uma dupla intenção.

A comédia foi simplesmente perfeita. Ainda que os alicerces da mesquita estivessem intactos, ninguém se atrevia a pôr em dúvida os relatórios dos supostos arquitetos. Quarenta e oito horas depois da explosão, uma divisão especial, constituída por arqueólogos e técnicos da Universidade de Jerusalém, da Escola Bíblica e Arqueológica Francesa da Cidade Santa e do Museu de Antiguidades de Aman, iniciou os trabalhos de escavação em volta do perímetro da pequena mesquita, perante o beneplácito dos árabes. Sinceramente, nunca soubemos como o serviço secreto israelita se arranjou para levar o referido grupo a tal trabalho de restauração. Em certos momentos, chegamos a suspeitar de que aqueles discretos e diligentes arqueólogos não eram mais que homens do Mossad.

O fato é que, quando o general Curtiss e as pessoas do Projeto Cavalo de Tróia deram uma primeira volta de inspeção à praça da Ascensão,os operários tinham aberto valas junto da mesquita, montado dois grandes barracões, um de cada lado do octógono, e de acordo com as medidas previamente dadas por Curtiss ao exército de Dayan. Os setenta e um pés de diâmetro da praça , cercada por um muro de pedra de nove pés de altura, eram mais do que bastantes para os nossos objetivos e, naturalmente, para a instalação do laboratório receptor das fotografias.

A partir de 7 de Janeiro, de forma escalonada e aproveitando as constantes entradas e saídas de material, os israelitas e os norte-americanos trataram de introduzir nos barracões a totalidade do material secreto.

Uma semana depois, com o natural regozijo de Curtiss e da totalidade dos cientistas e militares que tinham tomado parte no transporte da aparelhagem, tudo estava preparado para a hipotética montagem da estação receptora do Big Bird.

Aquilo significou um avanço de quase sete dias no programa. A partir de 15 de Janeiro, o chefe do Projeto Cavalo de Tróia comunicou às autoridades militares israelitas que os engenheiros norte-americanos se dispunham a iniciar os trabalhos de montagem do laboratório e que, por conseqüência e de acordo com o negociado, o acesso aos barracões era rigorosamente proibido à totalidade do pessoal não americano. Os israelitas retiraram-se para fora do recinto mantendo-se, no entanto, um corredor central por onde puderam circular os arqueólogos, cuja

incumbência não devia ser suspensa por motivo algum. Se os árabes chegassem a perceber que aquelas obras de reparação da sua mesquita não passavam de uma capa para esconder objetivos puramente militares, o Cavalo de Tróia e a própria localização da estação receptora ter-se-iam visto em situação muito comprometedora. As equipes de restauração, continuaram, portanto, com a sua missão, junto das paredes do octógono, enquanto nós íamos retirando o material das suas embalagens, entregando-nos a uma frenética tarefa de montagem do berço.

Porém, a alegria do general e, também, a nossa iam sofrer um súbito revés.

Os venenosos tentáculos da CIA - nunca soubemos como - tinham pressentido e detectado a operação conjunta israelo-norte-americana e a Defense Intelligence Agency (DIA) estava a pressionar para que Kissinger os pusesse ao corrente.

As sucessivas negativas do secretário de Estado criaram tensões entre a CIA e os reduzidos círculos militares do Pentágono que estavam a par da missão. A situação tornou-se tão insustentável que o general Curtiss foi chamado a Washington, a fim de acalmar os ânimos e tentar encontrar uma solução. Entretanto, a equipe do Cavalo de Tróia continuou a sua tarefa, ainda que deprimida pela proximidade da sempre perigosa sombra da CIA. Neste caso, a manifesta habilidade de Curtiss não serviu de grande coisa. O diretor da Central Intelligence Agency (CIA), Richard Helms, não estava disposto a ceder. Ante a gravidade dos acontecimentos, e por sugestão de Kissinger o presidente Nixon aconselharia poucos dias depois que Helms se demitisse da direção da CIA. Com o fim de reforçar a confiança do Pentágono, a 4 de Janeiro era designado o íntimo colaborador de Curtiss general Alexander Haig, como segundo-diretor do Supremo Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos. Os jornais publicaram então que a demissão do diretor da CIA era devida a profundas diferenças de Helms com Kissinger em assuntos relacionados com a segurança do Estado. Não estavam errados, embora nunca soubessem as verdadeiras razões daquela drástica operação cirúrgica no topo da Central Intelligence Agency e do Supremo Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos.

Uma vez passado o temporal, Curtiss regressou a Jerusalém, voltando a tomar parte nos últimos preparativos daquilo que - sem dúvida - ia ser uma das grandes aventuras da História da Humanidade.

A 25 de Janeiro de 1973, o berço descansava Já no centro do barracão principal. Fora montado na sua totalidade, com exceção dos quatro pontos de apoio. Estes, por elementares razões de prudência, seriam montados só uma hora antes da decolagem. Um hábil dispositivo hidráulico permitia total abertura do telhado do improvisado hangar onde decorriam as nossas operações. Desta forma, e de acordo com o previsto, o lançamento do módulo na noite de 30 de Janeiro não teria motivos para apresentar especiais dificuldades.

Suponho que quem leia este diário se perguntará como um artefato com as características do nosso berço podia elevar-se por cima do monte das Oliveiras sem chamar a atenção da população e do Exército israelita. Muito antes de dar andamento a esta operação, o Projeto Swivel incorporara nos seus módulos - como condição básica para todas, ou quase todas, as missões futuras - um sistema de emissão permanente de radiação infravermelha. O berço, no caso de que trato, dispunha de uma espécie de membrana externa, que cobria todo o veículo, e cujas funções - entre outras que não posso especificar - eram as seguintes:

1º) Dissimulação do módulo mediante um estudo ou almofada de radiação infravermelha (acima dos setecentos nanômetros). Esta fonte de luz infravermelha tornava invisível a totalidade do aparelho, podendo manobrar por cima de qualquer núcleo humano sem ser visto. Como antes dizia, este requisito era inteiramente imprescindível para as nossas observações, sem assim prejudicarem o ritmo natural dos indivíduos que pretendíamos estudar ou controlar.

2º) Absorção - sem reflexo ou retorno - das ondas dessimétricas, utilizadas, fundamentalmente, nos radares. (No caso das telas militares israelitas, estes dispositivos de segurança foram previamente ajustados às ondas utilizadas por tais radares - 1347 e 2402 megahertz). Este processo simples anulava a possibilidade de localização eletrônica do módulo, enquanto era elevado a oitocentos pés, ponto ideal para a fase imediata de inversão de massa.

3º) A membrana que reveste a blindagem exterior do berço (cuja espessura total é de 0 0329 metros) devia provocar uma incandescência artificial que eliminasse qualquer tipo de germe vivo e que sempre poderia aderir à sua superfície. Esta precaução evitava que tais germens fossem invertidos tridimensionalmente com a nave. Uma involuntária entrada de tais organismos noutro tempo ou noutro padrão tridimensional poderia provocar imprevisíveis conseqüências de caráter biológico.

Quanto ao inevitável rugido do motor a jato J85, que tinha de nos colocar no estacionário Já mencionado, os cientistas conseguiram reduzi-lo a um silvo agudo, mediante o acoplamento de potentes silenciadores. Outra questão - impossível de
solucionar até àquele momento - era o trovão originado no instante da inversão de massa do berço. Felizmente para nós, aquele estampido podia ser atribuído a qualquer dos caças israelitas sobrevoando dia e noite o território, que, ao atravessarem a barreira do som, perturbavam as moléculas do ar, dando lugar aquilo que, em termos aeronáuticos, é conhecido como um bang sônico.

Como acontecera com as seis experiências anteriores, no deserto de Mojave, o cada vez mais próximo lançamento do módulo modificou-nos o estado de ânimo. Curtiss tentou que o meu companheiro de

viagem e eu nos afastássemos uns dois dias da mesquita da Ascensão. Porém, os nossos passos acabavam sempre por nos levar ao hangar.

Como informação puramente descritiva, posso dizer que a referida membrana ou revestimento do berço possui propriedades de resistência estrutural muito especiais. Uma finíssima rede vascular, pelos condutos flui uma liga que pode se liquefazer, mantendo ativa a membrana. (Alguns dos seus elementos - para que se faça uma idéia - não ocupam volumes superiores a 0,07 milímetros cúbicos, sendo compostos, por sua vez, por microdispositivos à escala celular). Este revestimento poroso do berço, - de composição cerâmica - goza de um elevado ponto de fusão: 7260,64 graus centígrados, sendo o seu poder de emissão externa igualmente muito elevado. A sua condutibilidade, em contrapartida é muito baixa: 2,07113. 106 Cal/Cm/s/oC/. (Para esta membrana é muito importante que a ablação se mantenha dentro de uma margem de tolerância muito ampla.) Para isso utiliza-se um sistema de arrefecimento por transpiração, na base do lítio liquefeito. Além disso, foi munido com uma fina camada de platina coloidal, colocada a 0,0108 metros da superfície exterior. (Nota do Major).

Três dias antes do início da grande viagem, o chefe de Cavalo de Tróia convocou-nos para uma última reunião, em que recapitulamos as linhas mestras da operação. Curtiss parecia ter a obsessão da nossa segurança. Ambos conhecíamos as respectivas obrigações, porém, a insistência do general inquietou-nos. Que poderia estar a esconder o diretor do Projeto Swivel? Meses depois daquela experiência, o meu irmão e eu tivemos oportunidade de conhecer o verdadeiro motivo da sua inquietação. A estratégia a seguir na descida ao tempo de Jesus de Nazaré fora meditada a fundo. Uma vez em terra, e depois de várias horas de verificação de comandos, o meu companheiro de módulo - a quem daqui em diante chamarei Eliseu - teria de permanecer, durante os onze dias de exploração, no comando do berço. Só em caso de grande emergência poderia abandonar a nave. O meu papel, como julgo ter Já insinuado exigia o desembarque em terra e a aproximação até ao Mestre da Galiléia, a quem deveria seguir e observar durante todo o tempo que me fosse possível.

Com o fim de evitar uma provável tentação dos exploradores para reduzir o tempo estabelecido para a operação, o computador central do berço fora previamente programado – sem possibilidade alguma de prorrogação ou anulação do referido programa - para a decolagem automática e para o regresso dos eixos do tempo dos swivels às sete horas de 12 de Fevereiro de 1973. Nesses instantes, tudo estaria preparado, no recinto da mesquita da Ascensão, para o regresso do módulo e sua imediata desmontagem.

Para um hipotético observador que se encontrasse a curta distância do nosso módulo - e supondo que tivessem sido desativados os

sistemas infravermelhos de camuflagem – no instante da denominada inversão de massa, ele teria a sensação de que a nave fora aniquilada. Nada mais longe da realidade. Como Já afirmei antes, no instante em que todos os swivels correspondentes ao espaço limitado pela membrana mudam os eixos no padrão tridimensional em que está situado o observador, toda a massa integrada no referido espaço deixa de possuir existência física. Não que a referida massa seja aniquilada dado o substrato de tal massa será constituído pelos swivels. Dito de outra maneira: a massa deverá ser encarada como uma espécie de prega da trama dos swivels. Os
nossos cientistas interpretam este fenômeno como se a orientação desta depressão, ou prega das entidades constitutivas do espaço mudasse de sentido, de modo que os órgãos sensoriais ou os instrumentos físicos do observador não fossem capazes de captar tal mudança. Nesse instante – que podemos chamar T0 - o vazio no espaço é absoluto. Não existe uma única molécula gasosa, e como é natural, nenhuma partícula sólida ou líquida, nem sequer uma partícula subatômica (próton, neutrino, fóton, etc.) pode localizar-se probabilisticamente no referido espaço ou módulo. Dito por outras palavras: a flutuação de probabilidade é nula em T. No entanto, tal situação instável dura uma fração infinitesimal de tempo. O espaço vê-se invadido, consecutivamente, por quanta energéticos. (Quer dizer, propagam-se no seu seio campos eletromagnéticos e gravitacionais de diferentes freqüências.) Imediatamente, é atravessado por radiações iônicas e no final, produz-se uma implosão, ao precipitar-se o gás exterior no vácuo deixado pela estrutura desaparecida (Nota do Major).

Enquanto durasse a aventura, os homens de Curtiss dariam por concluído, no segundo barracão, a montagem do laboratório receptor de fotografias do Grande Pássaro. Isto permitiria uma rápida evacuação do material do Cavalo de Tróia, bem como a entrada do pessoal israelita nos hangares.

Antes de terminar aquela última sessão de trabalho, Curtiss comunicou-nos que - em conformidade com o Pentágono e, naturalmente, com Kissinger - vinte e quatro ou trinta e seis horas antes da descolagem a atenção mundial estaria centrada a milhares de milhas de Jerusalém, reforçando assim as medidas de segurança do nosso salto para o século I. Efetivamente, tal como o general anunciara, a 28 de Janeiro de 1973, e depois de intensos esforços feitos por ambas as partes, os Estados Unidos e o Vietnã assinavam, em Paris, o acordo definitivo que prometia pôr termo à trágica guerra...

A 30 de Janeiro, Eliseu e eu pouco saímos do hangar. O dia, na sua quase totalidade, decorreu dentro do berço, verificando os equipamentos. O meu companheiro teve de se submeter a uma última e delicada operação: a inserção no reto de uma reduzida sonda, preparada para recolher as fezes. Estas, tratadas previamente com

umas turbulentas correntes de água a trinta e oito graus centígrados, seriam aspiradas durante os onze dias da sua permanência obrigatória no módulo por um dispositivo miniaturizado que lhe ficou acoplado às nádegas.

Desta forma, as fezes são dissociadas nos seus elementos químicos básicos. Uma parte é gelificada e transmutada em oxigênio e hidrogênio, servindo assim para a obtenção sintética de água que é recuperada e devolvida ao ciclo urina-água, para ingestão. O resto dos elementos é convertido em lodo e expulso para o exterior em forma gasosa. No meu caso, este dispositivo para defecar não era aconselhável, Já que uma das normas básicas da conduta para os exploradores que tinham de trabalhar no exterior era a de transportar o equipamento mínimo imprescindível e sempre oculto da vista de possíveis exploradores.

Tinha no entanto, de se levar aquilo a que, no calão de Cavalo de Tróia, chamávamos a pele de serpente. Mediante um processo de pulverização, o explorador cobria o corpo nu com uma série de diferentes aerossóis protetores, formando uma epiderme artificial e milimétrica, capaz de proteger zonas vitais, tanto de uma possível agressão mecânica como bacteriológica. Ainda que esta segunda pele pudesse aderir à totalidade do corpo, dada a indumentária que tinha de vestir, o chefe do Projeto considerou que a couraça – transparente e de extrema elasticidade - devia limitar-se a uma zona que ia dos órgãos genitais às áreas do pescoço, para proteção das artérias carótidas.

Este eficientíssimo traje protetor - que um dia virá a ser de grande utilidade aos nossos astronautas, mergulhadores, etc. - pode resistir, à maneira dos antiquados coletes à prova de bala, a impactos como o de um projétil (calibre 22 americano), a vinte pés de distância, sem que se interrompa o processo normal de
transpiração e evitando a infiltração através dos poros de agentes químicos ou biológicos.

O Projeto Swivel tinha desenvolvido - em especial para os astronautas da fascinante Operação Marco Pólo – dispositivos que fariam empalidecer de inveja os técnicos da NASA. Eis alguns dos mais sugestivos: os olhos e a boca dos exploradores em outros padrões tridimensionais da nossa galáxia podem ser protegidos com um sistema absolutamente revolucionário. Os primeiros, por exemplo, são equipados com um sistema ótico - formado por lentes de gás - que, perfeitamente controladas por um computador, permitem a adaptação da visão tanto ao meio atmosférico adverso como ao vazio dos espaços siderais. Os ouvidos dos astronautas, por outro lado, podem levar incorporados estreitas cápsulas acústicas miniaturizadas, ativadas por um equipamento receptor de ondas gravitacionais.

Estes dispositivos servem para transmitir breves mensagens entre os componentes de um grupo ou, como no nosso caso, para manter uma permanente comunicação durante os onze dias que a aventura ia durar.

Graças a estas cabeças de fósforos - facilmente escondidas no interior do ouvido - tanto Eliseu como eu podíamos saber um do outro, sem necessidade de transportar incômodos aparelhos de rádio, que, por outro lado, destruiriam a rigorosa pureza da exploração.

Quanto à alimentação, no caso de viagens de longa duração, os astronautas são dotados de um tubo que conduz, por uma extremidade, a um dispositivo especial colocado na região lombar e, pela outra, a um mecanismo extremamente frágil e preso ao lábio inferior. O tubo está preparado por dentro com uma rede de cílios mecânicos que impelem lentamente cápsulas que encerram diversos alimentos concentrados. Estas são de seção elíptica e são protegidas por uma delgadíssima película gelatinosa muito solúvel na saliva. A pálpebra do astronauta, aberta e fechada uma série de vezes, envia um sinal codificado ao equipamento da zona lombar e as cápsulas são impelidas para a boca.

A outra conduta transporta um soro nutritivo, com diferentes concentrações reguladas. Finalmente cápsulas alojadas nas fossas nasais geram oxigênio e nitrogênio, partindo da transmutação do carbono puro. Além disso, o CO^2 é captado pelo mesmo dispositivo e dissociado nos seus elementos básicos: carbono e oxigênio e convertidos, o primeiro com libertação energética, que é utilizada no aquecimento da epiderme. Ainda que o nosso módulo estivesse preparado com estes equipamentos, na realidade quase não foram usados, com exceção da pele de serpente e do sistema de transmissão auditiva. O berço foi dotado com uma reserva especial de água e de alimentos, suficiente para ambos os expedicionários durante um período de tempo um pouco superior a catorze dias. Pelo que me dizia respeito, o problema do regime alimentar não envolvia excessivas complicações. No meu intenso treino durante os dois anos anteriores, aprendera os esquemas do regime alimentar dos judeus, bem como o dos gentios, que naqueles tempos conviviam com os povoadores da Judéia. Como estrangeiro - o meu aspecto e costumes tinham sido estabelecidos por Cavalo de Tróia como os de um comerciante grego de vinhos e de madeiras – sabia perfeitamente quais eram as minhas limitações neste sentido. No entanto, numa eventual emergência, existia sempre o recurso de um regresso ao módulo.

Naquela inesquecível terça-feira, a minha única saída fora do hangar foi pelo entardecer. Sem saber a razão evitei o andaime dos arqueólogos que continuavam a trabalhar na restauração da mesquita e entrei no octógono. Era estranho. Ali, sozinho diante das três pequenas velas que iluminavam a pedra na qual - segundo a piedosa imaginação dos peregrinos católicos - ainda se vê a marca de um pé que se ergue, perguntei-me por que motivo Cavalo de Tróia escolhera precisamente a mesquita da Ascensão de Cristo aos céus como nosso ponto de partida para aquela outra ascensão...

Em silêncio, Eliseu e eu abraçamos Curtiss e os outros companheiros. Não houve muitas palavras naquela despedida. Todos

estávamos conscientes do momento histórico de que éramos protagonistas e dos obscuros perigos que nos podiam esperar do outro lado.

- Até doze de Fevereiro... - murmurou o general, com alguma emoção nas suas palavras.

- Sorte! - acrescentaram os homens do Cavalo de Tróia. E pelas vinte e três horas (T.M.G., hora de Greenwich), o berço começou a elevar-se para um firmamento iluminado pelas estrelas.

Em trinta segundos atingimos o nível de oitocentos pés levando a cabo o estacionário do módulo. Todos os sistemas funcionavam segundo o plano previsto.

Embora a nossa nave não fosse viajar no espaço - tal como aconteceria meses depois com os expedicionários do Projeto Marco Pólo, Eliseu e eu, seguindo as recomendações do chefe da Operação Swivel, tínhamos a missão de experimentar um dos fatos espaciais, especialmente desenhados para os processos de inversão de eixos dos swivels e para uma melhor resistência nas fortíssimas acelerações.

A grande viagem ao ano 30 da nossa Era - como oportunamente referi - não pressupunha uma transferência física pelo espaço ou por outros padrões tridimensionais, tal como nós, humanos, concebemos habitualmente as viagens. No entanto, em expedições imediatamente posteriores à nossa - como foi o caso de Marco Pólo os astronautas viram-se submetidos à dinâmica destas fortíssimas acelerações chegando a alcançar, em alguns momentos, 254 metros por segundo, em cada segundo. E ainda que estes picos de gradientes, em função da velocidade durassem frações de segundo, tanto a nave como o grupo de pilotos tiveram de ser devidamente protegidos. Não vou entrar agora nos pormenores da referida aventura, porém, resumirei, sim, a título puramente descritivo, algumas das extraordinárias características dos fatos espaciais, experimentados pelo meu companheiro e por mim, que tinham sido desenhados e aperfeiçoados - em parte - pela Hamilton Standard Division da United Aircraft, em Windson Locks (Connecticut).

Este fato consta de uma membrana extremamente complexa que rodeia perifericamente o corpo do astronauta, sem estabelecer contato mecânico algum com a pele do piloto. O espaço que medeia entre a superfície interna do fato espacial e a epiderme humana está rigorosamente controlado em função do grau de vasodilatação capilar da pele, assim como da sua transpiração. Deste modo, a temperatura corporal mantém o seu valor normal, permitindo ao viajante desenvolver a sua atividade física. Os componentes do meio interno são regulados em função da informação dada por detectores da atividade fisiológica dos aparelhos respiratório e circulatório, bem como da epiderme. Os equipamentos de controle fisiológico foram dotados de sondas que verificam quase todas as funções orgânicas, sem necessidade de introduzir dispositivos acessórios no interior dos tecidos orgânicos. Desde a atividade muscular e da avaliação dos níveis de glicose e ácido

láctico até ao controle da atividade neurocortical, que fornece dados precisos sobre o estado psíquico do indivíduo, bem como toda a gama de dinamismos biológicos, tudo é registrado e canalizado através de 2,16 106 túneis, ou redes, informativos. Um computador central compara-as com padrões Standard, ditando as respostas motoras correspondentes. Este fato está munido, no rosto do astronauta, de uma ampliação - em forma tronco-cônica - que permite uma visão natural ou artificial. A base do referido tronco, abarcável pelos olhos, segundo um ângulo de cento e trinta graus sexagesimais, encontra-se a uma distância de vinte e três centímetros. Trata-se, na realidade, de uma tela que permite a visão artificial, em casos concretos da viagem. Está munida, em toda a superfície, de cerca de 16.10 centros excitáveis, capazes de irradiar individualmente, e com diferentes níveis de intensidade, todo o espectro magnético, entre 3,9. 10 ciclos por segundo. A visão binocular consegue-se graças à disposição prismática de cada núcleo emissor. A excitação de faces opostas, de modo que qualquer dos olhos não tenha acesso à imagem ou mosaico do outro é conseguida por um método muito complexo. Uma sonda registra os campos elétricos gerados pelos músculos oculares de ambos os olhos (autênticos eletromiogramas) e o computador central do módulo conhece, assim, em cada instante, a orientação do eixo pupilar. Por outro lado, os prismas excitáveis que constituem a tela - de dimensões microscópicas - estão situados na superfície de uma camada de emulsão viscosa, que Ihes permite o livre movimento. Estes prismas estão controlados mecanicamente por meio de um campo magnético duplo, de modo que metade obedece a um componente horizontal do campo e os restantes à transversal. Assim, um e outro grupos orientam as suas faces independentemente, tal como duas persianas orientam as suas lâminas quando se puxa pelos cordéis que regulam o ângulo de entrada de luz. (Neste caso, os cordéis seriam ambos os campos magnéticos e o fator motor a resposta do computador central aos micromovimentos musculares do globo ocular.) A percepção binocular oferece imagens de relevo normal, de modo que o astronauta crê viver um mundo real longe do envoltório e da massa gelatinosa que o envolve em certos momentos da viagem. Em determinadas faces do vôo, e que a nave se vê obrigada a experimentar grandes variações em função da velocidade, o interior do módulo enche-se, previamente, de uma massa viscosa em estado de gel. Trata-se de um composto de baixo ponto de gelificação, em suspensão hidrossol. A sua coagulação nuns casos e regressão ulterior ao estado sol, coloidal efetua-se graças às características do dissolvente empregue, dado que, para uma temperatura limiar de 24,611 graus centígrados, passa a converter-se num eletrólito de elevada condutibilidade. As suas propriedades tixotrópicas são nulas, de forma que qualquer efeito dinâmico no seu seio - agitação, por exemplo - não provoca a sua transformação em sol. Entre outras funções, esta geléia

viscosa atua como protetor ou amortecedor perante os elevados picos de aceleração que o módulo experimenta em determinadas ocasiões.

Pelas vinte e três horas e três minutos, o computador central acionava eletronicamente o sistema de inversão axial das partículas subatômicas da totalidade do berço, bem como da camada limite da membrana exterior, empurrando os eixos do tempo dos swivels para ângulos equivalentes ao recuo desejado: 709137 dias. Por outras palavras, para 30 de Março do ano 30.

Décimos de segundo depois da substituição do nosso antigo sistema referencial de três dimensões pelo novo tempo, e segundo nos explicaram os homens do Cavalo de Tróia, quando do nosso regresso, uma violentíssima explosão se ouviu no cimo do Monte das Oliveiras, com a conseqüente alegria dos nossos camaradas e o assombro dos israelitas.

Depois daquele primeiro rastreio dos nossos arredores imediatos, o meu irmão de exploração e eu executamos a segunda fase do plano: uma nova inversão de massa, com o fim de polarizar os eixos dos swivels desaparecidas estas circunstâncias, a massa gelificada é conduzida, mediante um duplo efeito de modificação térmica e ionização controlada, ao estado de hidrossol. Sendo bombeada pelo exterior da cabina de comando (Nota do Major).

Até à hora limite, que nos serviria de autêntico ponto de partida para uma posterior aterragem no cume do monte das Oliveiras. Pelas vinte e três horas e trinta e três minutos, o módulo recuou no tempo, aparecendo quinze horas antes. Ainda que a corrente do gerador atômico nos tivesse permitido a conservação da nave no estacionário até ao amanhecer do dia seguinte, 31 de Março, os objetivos da expedição recomendavam esta segunda inclinação dos eixos do tempo dos swivels até alcançar as oito horas e trinta e três minutos de 30 de Março do ano 30. Embora não deseje antecipar-me aos acontecimentos, as nossas fontes informativas prévias indicavam a sexta-feira, 31 de Março, como a data em que o Mestre da Galiléia entrou em Betânia, vindo da vizinha cidade de Jericó, situada a cerca de trinta e quatro quilômetros da citada povoação de Betânia, onde residia a família de Lázaro. Se tudo decorresse com normalidade, eu deveria estar ali com uma antecipação aproximada de vinte e quatro horas.

30 DE MARÇO, QUINTA-FEIRA

Foi talvez o instante de maior tensão. Eliseu e eu, metidos nos nossos fatos espaciais, sentimos como os nossos corações aceleravam o seu ritmo até ao limiar das cento e cinqüenta pulsações. No computador eram vinte e três horas, três minutos e vinte e dois segundos de quinta-feira, 30 de Março do ano 30. Tínhamos recuado um total de 17 019 289 horas.

Pouco a pouco, recuperamos o controle da freqüência cardíaca, concentrando-nos na operação de manutenção do estacionário e na verificação geral dos sistemas. Nada parecia ter mudado. A fonte externa da luz infravermelha continuava a esconder-nos e os altímetros marcavam os primitivos valores: cota de oitocentos pés sobre o terreno e oscilação nula no módulo. Durante o processo infinitesimal de inversão de massa, a pilha nuclear SNAP-IOA continuara a alimentar o motor principal da turbina a jato CF200-2V. Portanto, a nossa posição no espaço não variara.

Uma vez verificados os circuitos principais Eliseu e eu efetuamos um primeiro contato visual da zona. A oeste da nossa posição e a pouco mais de mil pés, avistamos um extenso núcleo luminoso. Apesar das muitas horas de treino, a emoção deixou-nos sem voz. Os radares confirmavam o perfil de uma povoação humana, com uma infinidade de construções de fraca estrutura e duas edificações de superior envergadura: uma, localizada no lado leste da cidade - muito mais volumosa -, e outra, a noroeste. Logo soubemos que se tratava do grande bloco do templo e da Torre Antonia e do palácio de Herodes, respectivamente. As nossas suposições - apesar da densa escuridão - estavam corretas: aquelas luzes amarelas e pestanejantes correspondiam à Cidade Santa de Jerusalém. A totalidade do núcleo urbano surgia encerrado na muralha. Um segundo muro de características muito semelhantes ao que constituía o perímetro da população dividia Jerusalém pelo seu terço norte, justamente desde a fachada oeste do templo à fachada norte do palácio de Herodes. A és-sueste do nosso módulo, igualmente se avistavam mais dois grupos de luzes mortiças, infinitamente menores que o primeiro e situados, praticamente, na encosta do monte sobre o qual nos encontrávamos estacionados, e que pensávamos ser o das Oliveiras. Os equipamentos de ondas de setecentos e quarenta milímetros de comprimento voltaram a emitir umas primeiras e confusas imagens destes núcleos humanos, não sendo possível confirmar - como suspeitávamos se se tratava das aldeias de Betânia e Betfagé.

Como poderei descrever aquele amanhecer de 30 de Março sobre a vertical do monte das Oliveiras?

O sol nascente apagara os archotes de Jerusalém, oferecendo aos nossos olhos atônitos um imenso cacho de casitas brancas e ocres, apertadas umas contra as outras e dirigidas em mil direções por sinuosas vielas. E, destacando-se daquele mosaico, uma formidável fortaleza retangular, levantada no lado oriental da cidade. Era o templo erigido por Herodes, o Grande, com imensas colunas limitando espaçosos pátios e átrios. Tal como descrevera o historiador Flávio Josefo, uma brilhante cúpula - correspondente ao santuário - resplandecia, qual montanha coberta de neve.

De norte a sul, junto da muralha oriental de Jerusalém avistamos o leito seco e estreito de um rio que identificamos como o Cédron. Para

sueste, ligeiramente esfumado pela neblina, perdia-se no horizonte a depressão do mar Morto. A sua superfície azul espelhava-se timidamente, sobressaindo como um milagre nas ressequidas e cinzentas ondulações do deserto de Judá. Muito mais ao fundo, perdidos num verde-azul inverossímil, os contrafortes do Moab. Em alvoroço, Eliseu e eu descobrimos, junto do vértice sul das muralhas da Cidade Santa, o diminuto retângulo de águas castanhas que, segundo os nossos mapas, tinha de corresponder à piscina de Siloé. Naquela mesma direção, e a escassa distância dos muros, um declive morria no leito do Cédron. Naquelas paragens - conhecidas por terras estéreis de Hakeldama - iria dar-se o trágico final de Judas Iscariotes. E, por baixo do módulo, um promontório, que se alongava em paralelo com a grande muralha leste de Jerusalém. Tratava-se, efetivamente do monte das Oliveiras, coberto por olivais. As primeiras inspeções, mediante sistema de eco-sonda, confirmaram a abundância de terreno calcário num amplo raio em volta de Jerusalém. Os aparelhos de análise de vida vegetal - baseados num processo estereográfico muito semelhante aos raios X - ratificaram a presença de vegetação num cinturão aproximado de 16,650 quilômetros. Toda a franja norte e noroeste da cidade apresentava uma extraordinária abundância de jardins e plantações de árvores frutíferas. A sul e sueste - especialmente no monte das Oliveiras - eram muito mais freqüentes os olivais, destacando-se, aqui e além, renques de vinhedos.

Estes cresciam, principalmente, na colina ocidental do vale do Cédron e, mais exatamente, ao sul do terreiro do templo. Como pormenor curioso, direi que os nossos dispositivos detectaram, a sudoeste da cidade, um pequeno núcleo humano (soubemos logo que se tratava da aldeia de Erebinthon), à volta do qual cresciam amplas plantações de grão-de-bico.

Um caminho poeirento rodeava o lado oriental do monte das Oliveiras, unindo as povoações de Betfagé e Betânia com Jerusalém. Os arredores destas aldeias viam-se igualmente cobertos por palmeiras, figueiras e sicômoros. Em metade daquele esplêndido vergel chamou-nos a atenção o leito seco do Cédron e, concretamente, um débil fio de água vermelha que brotava ao fundo da escarpa que começava logo abaixo das muralhas e a escassa distância do não menos célebre pináculo do templo. (Numa das minhas incursões pela Cidade Santa teria ocasião de descobrir o mistério daquele fio de água vermelha).

Antes de proceder à descida definitiva no cimo do monte das Oliveiras, o meu companheiro e eu terminamos as medições topográficas. Alguns destes cálculos, sinceramente, ultrapassaram a nossa capacidade de assombro.

As medidas do templo, por exemplo, eram portentosas. Aquele retângulo - que ocupava mais da quinta parte da superfície da cidade - surgia encerrado em robustas muralhas de cento e cinqüenta pés de altura. A sua fachada norte, conhecida como o Átrio dos Gentios, e em

cuja extremidade mais ocidental se encontrava apoiada a Torre Antonia, media novecentos pés de comprimento. Em frente do monte das Oliveiras, a fachada leste do templo - toda de mármore branco - atinge os 1285,5 pés. A muralha ocidental era praticamente das mesmas dimensões que a anterior e, por último, o lado sul, que encerrava o recinto sagrado, e onde se distinguia do módulo duas amplas portas, chegava aos oitocentos pés de comprimento.

Quanto ao templo de Herodes, propriamente dito - que se erguia no centro daquele grande retângulo - os equipamentos deram-nos 578,4 pés de comprimento por 417,6 pés de largura. A fortaleza ou Torre Antonia, residência do representante de César durante as festas mais importantes dos judeus, elevava-se numa cota de 2200 pés acima do nível do mar. Era outra soberba construção de 450 por 384 pés, ladeada nas suas quatro esquinas por outros tantos poderosos torreões de 105 pés de altura.

A Oeste da cidade, na cota mais alta de Jerusalém (2280 pés), a família Herodes construíra a sua residência-fortaleza. O palácio e os jardins reais ocupavam uma faixa de terreno, junto à mencionada muralha mais ocidental da Cidade Santa, de novecentos por trezentos pés. A edificação sobressaía pelas suas altas torres, de cento e vinte, noventa e setenta e cinco pés respectivamente.

A partir da ala norte do palácio de Herodes - tal como os nossos Porta Dupla e Porta Tripla. (N. do M.)

Herodes chamou a estas torres: Hépica, Fasael e Mariamme, respectivamente. (N. do M.)

Os radares tinham detectado na noite anterior - estendia-se outra muralha até metade, pouco mais ou menos, da fachada Oeste do templo, dividindo a cidade em dois setores. Finalmente, as dimensões de Jerusalém eram as seguintes: comprimento máximo (da Torre Antonia ao vértice sul), 3696 pés. Neste canto sul da cidade - junto à piscina de Siloé - detectamos a cota mais baixa do terreno: 1980 pés. A largura da Cidade Santa, contando a partir do muro exterior ocidental (correspondente ao palácio de Herodes) até ao pináculo do templo: 2667,6 pés. A inexpugnável muralha que defendia Jerusalém erguia-se a 225 pés sobre a superfície do vale. (O curso do Cédron oscilava entre os 1860 pés, na sua cota mais baixa, em frente de Hakeldama e do esporão formado pelas muralhas ao sul da povoação, e os 2040 pés, na sua passagem em frente do jardim de Getsémani, na falda ocidental do monte das Oliveiras.)

O computador calculou o comprimento total da muralha exterior da cidade, registrando na tela 11378,1 pés. Por seu lado o muro que atravessa por entre as residências, dividindo Jerusalém em duas cidades perfeitamente diferenciadas – como teria oportunidade de comprovar pessoalmente -, tinha o comprimento aproximado de 1446,6 pés. Na nossa vertical, o monte das Oliveiras oferecia duas cotas máximas: 2220 pés em frente da piscina de Siloé; quer dizer, ao sul da cidade, e 2454

pés (elevação máxima) diante do templo. O jardim de Getsémani - localizado numa cota inferior a estas - encontrava-se a uma distância de 739,2 pés (em linha reta a partir do declive ao muro oriental do templo).

Aquela cota máxima do monte das Oliveiras (2454 pés acima do nível do mar), situava-se cerca de cento e oitenta pés acima do templo. Isto, unido à localização pelos nossos equipamentos de uma pequena formação rochosa que despontava no referido cume, entre um mar de oliveiras, decidiu-nos a estabelecer o nosso ponto de contato sobre a reduzida clareira de dura pedra calcária.

Pelas dez horas e quinze minutos, o módulo pousou - por fim - no cimo do monte das Oliveiras. Num primeiro apalpar, os quatro pés extensíveis do berço enterraram-se ligeiramente entre as pedras rochosas. Finalmente, a nave ficou estabilizada e procedemos à desativação do motor principal. Embora a descida não pudesse ser vista pelos habitantes de Jerusalém, ou dos seus arredores, um observador relativamente próximo do nosso ponto de contato teria podido descobrir um súbito remoinho de pó e de terra, provocado pelo choque dos gases contra o solo, na operação final de travagem do módulo.

Felizmente, aquela poeirada desapareceu em pouco mais de sessenta segundos, bem como o agudo silvo do reator. Apesar de tudo, Eliseu e eu continuamos alerta durante quase meia hora, atentos a qualquer inesperada emissão de radiações infravermelhas, provenientes de seres humanos, que pudessem irromper no campo de segurança do nosso veículo, fixado para um raio de cento e cinqüenta pés. Qualquer indivíduo ou animal que penetrasse nessa faixa de terreno seria automaticamente assinalado nos painéis do módulo. No caso de um eventual ataque, o tripulante que permanecia no interior do berço estava autorizado a desencadear um dispositivo especial de defesa - localizado na
membrana exterior da fuselagem - que projetava a trinta pés da nave uma parede de ondas gravitacionais em forma de cúpula. Embora esta semi-esfera protetora não pudesse ser vista, o intruso ou intrusos que tentassem atravessá-la teriam a sensação de avançar contra um vento de furação. (Como Já referi, na altura devida, nenhum dos expedicionários podia provocar qualquer dano, e muito menos matar, os elementos que constituíam a rede social que observavam.)

Pelas onze horas, depois de verificar a temperatura à superfície (11,6 graus centígrados), a umidade relativa (57 por cento), a direção e intensidade do vento (ligeira brisa de noroeste) e outros valores mais complexos - de caráter biológico -, iniciei os últimos preparativos da minha definitiva saída para o exterior.

Enquanto Eliseu continuava vigilante à nossa roda despi-me, procedendo a uma minuciosa revisão do meu corpo. Tinha de me desembaraçar de qualquer objeto impróprio naquela época: relógio de pulso uma corrente com chapa de identidade, obrigatória nas Forças

Armadas, e uma pequena aliança de ouro, que sempre usara no dedo mínimo esquerdo.

A seguir, submeti-me à pulverização - mediante aspersão – do tronco, ventre, órgãos genitais, costas e base do pescoço e nuca, envolvendo-me, assim, na defesa obrigatória a que chamávamos pele de serpente. Como Já antes referi, esta segunda epiderme era uma fina película, cuja substância base era constituída por um composto de silício em dissolução coloidal num produto volátil. Este líquido, ao ser pulverizado sobre a pele, evapora rapidamente o diluente, ficando aquela coberta por uma delgada camada ou película opaca porosa, de caráter antieletrostático. A sua cor pode variar, segundo a missão, podendo ser utilizada, inclusivamente, como um código, quando se trabalha em grupo. No entanto, e com o fim de evitar possíveis e desagradáveis surpresas, preferi adaptar-me a uma epiderme absolutamente transparente... Cavalo de Tróia tinha estudado com idêntico escrúpulo o papel que eu deveria desempenhar durante aqueles onze dias. Dado ter de passar por um honrado comerciante estrangeiro - grego, por sinal -, os peritos tinham preparado um duplo jogo de vestuário: uma saia escura ou fraldelim (castanho-escuro); uma túnica simples cor de osso; um cíngulo, ou cinto trançado com cordas egípcias, que prendia a túnica, e um incomodo manto, ou roupão, susceptível de ser enrolado em volta do corpo ou suspenso dos ombros. A embaraçosa chlamys, que estive quase para perder em vários momentos da minha exploração, fora confeccionado à mão, tal como a túnica, com lã das montanhas da Judéia, e tingida com glasto até lhe dar uma discreta cor azul-celeste. Para a confecção das duas túnicas, os peritos tinham contratado os serviços de hábeis tecelões da Síria, herdeiros do antigo núcleo comercial de Palmira, que ainda manipulavam o linho de sequeiro.

Na previsão de uma eventual avaria no dispositivo de transmissão auditiva - que levava no ouvido direito -, Curtiss ordenara que a chlamys dispusesse de uma fivela de cinco centímetros, com que pudesse prender o pallium ou manto no meu ombro esquerdo. Esta fivela de bronze encerrava um microtransmissor, capaz de emitir mensagens de curta duração, mediante impulsos eletromagnéticos de 0,0001385 segundo cada um. Desta forma, estava garantida uma eficaz e permanente ligação com a base.

Quanto ao calçado, tinham sido desenhados dois pares de sandálias, com sola de esparto, entrançado nas montanhas turcas de Ancara. Cada exemplar foi perfurado manualmente, incrustando nos rebordos das solas pares de finas tiras de couro de vaca, devidamente curtidas. Cada cordão - de cinqüenta centímetros - permitia segurar o rústico calçado, com folga suficiente para o poder enrolar em quatro voltas na perna.

Um mês antes do lançamento - com o fim de simplificar a minha limpeza diária durante a grande viagem - deixei crescer a barba de forma desordenada.

Aquela roupagem e a minha barba crescida desencadearam o bom humor de Eliseu, vendo-me submetido durante aqueles últimos minutos no módulo a todo o tipo de brincadeiras e graças.

Aqueles momentos de diversão foram altamente relaxantes, fazendo-nos esquecer momentaneamente onde estávamos e o que o destino me reservava. Seguindo um dos costumes populares na Palestina daqueles tempos, impregnei o cabelo com umas gotas de azeite vulgar. Desta forma, ficaram mais suaves e sedosos. Por fim, suspendi do cinto uma pequena bolsa de borracha impermeável em que Cavalo de Tróia depositara uma libra romana em pepitas de ouro. A evidente dificuldade para conseguir moedas de curso legal, das aceites em Jerusalém no ano 30, fora superada por aqueles gramas de ouro, extraídos especialmente dos antiqüíssimos filões de Tharsis, nos contrafortes da serra ibérica de Las Camorras. Segundo os nossos dados, não teria dificuldade em trocá-las por denários de prata e moedas mais baixas como o asse, o óbolo ou sestércios.

Eliseu verificou mais uma vez os sistemas de transmissão, ampliando a banda inicial de recepção dos 10 500 a 15 000 pés.

Embora pudesse ouvir Eliseu diretamente - sempre que ele achasse oportuno quando eu desejasse estabelecer a minha comunicação auditiva com o módulo era imprescindível que pressionasse com os dedos a parte externa do ouvido direito.

Com o fim de evitar desconfianças ou possíveis más interpretações por parte dos habitantes de Jerusalém, Cavalo de Tróia tinha pensado que eu fingisse uma leve surdez no referido ouvido. Desta forma, e ainda que a comunicação com Eliseu tivesse de ser levada a efeito longe de testemunhas, o gesto de abertura do canal de transmissão sempre podia ser justificado. (N. do M.)

2. Segundo os nossos estudos naquela época, o estático ou padrão-ouro greo (de 8,60 gramas) podia conservar uma relação ou equivalência de 1 a 30 com o denário de prata de uso legal em Jerusalém. Aquela pequena quantidade de ouro pressupunha cerca de 758 denários, dinheiro mais que suficiente para as minhas necessidades durante os onze dias de permanência na zona. se tivermos em conta, por exemplo, que o preço de um bom terreno andava à volta dos cento e vinte denários. (Cada denário de prata tinha vinte e quatro asses. Com um asse era possível comprar dois pássaros.)(N. do M.)

Antes da aterragem, os aparelhos eletrônicos tinham medido a distância existente entre Betânia e a Cidade Santa - seguindo o percurso do caminho que rodeia o lado oriental do monte das Oliveiras - obtendo o resultado de 8325 pés. O palco onde tinha de atuar naqueles dias fora limitado justamente entre as duas povoações - Betânia e Jerusalém, com o pequeno povoado de Betfagé a curta distância da aldeia de Lázaro -,

pelo que, provavelmente, a minha distância máxima em relação ao berço (que se encontrava num enclave eqüidistante de ambos os agregados urbanos) nunca deveria ser superior a mil pés. A margem estabelecida para a transmissão e recepção auditiva entre mim e Eliseu era, portanto, mais que suficiente.

Pelas doze horas, depois de um comovido abraço, o meu companheiro acionou a pequena escada de descida e saltei em terra.

A minha primeira preocupação ao caminhar naquela terra esbranquiçada pelo sol do meio-dia foi comprovar a minha posição no monte das Oliveiras. Ao dar uns passos em direção ao bosquezinho de oliveiras que se alongava para sul, apercebi-me daquele grande silêncio, apenas quebrado pelo zumbir das libélulas. Parei, e, depois de me orientar, estabeleci comunicação auditiva com Eliseu. A julgar pelo trajeto que percorrera desde aquele grupo de rochas amareladas nas quais pousara o módulo, devia encontrar-me a pouco mais de noventa pés de Eliseu. As palavras do irmão soaram claras e fortes aos meus ouvidos:

- É muito possível que a razão desse silêncio – argumentou Eliseu - se deva à presença do berço... Apesar do painel de ocultação, alguns animais puderam detectar as emissões de ondas...

Um pouco mais tranqüilo, continuei na minha pormenorizada localização de pontos de referência, vitais para um possível e precipitado regresso à nave. Ainda que o microtransmissor da fivela atuasse ao mesmo tempo como rádio-farol onidirecional (com sinais VHF de altíssima-frequência), tornando possível, desta forma, que um dos radares de bordo pudesse receber o meu eco ininterruptamente e num raio aproximado de cinqüenta milhas, eu não estava autorizado a levar um sistema de localização do invisível módulo. A natureza da missão tinha desaconselhado aos responsáveis do Cavalo de Tróia a inclusão no meu escasso equipamento de uma das balizas - de tipo manual -, que funcionam na freqüência de setenta e cinco megaciclos e que se tornaria utilíssima para o meu reencontro com o berço. Teria de me valer, em suma, do meu sentido de orientação, pelo menos até ao limite da zona de segurança da nave, a cento e cinqüenta pés da mesma. Uma vez dentro daquele círculo, Eliseu podia guiar-me, mediante o transmissor que eu tinha no ouvido.

Graças a Deus, o ponto de contato encontrava-se numa das cotas máximas do monte das Oliveiras. Esta circunstância, unida à presença da reduzida clareira pedregosa, tornava relativamente cômoda a localização da base do nosso veículo, quer se subisse pela encosta oriental (que finda em Betânia) quer pela ocidental, que desemboca no despenhadeiro de Cédron.

Fiz uma rápida revisão ao meu aspecto e com passos cautelosos meti-me pelo olival à minha direita, entre as ramadas de velhas oliveiras, avistava-se a cúpula dourada do templo e boa parte das muralhas de Jerusalém. Porém, apesar dos meus intensos desejos de me

aproximar da encosta ocidental da montanha das azeitonas (como os Israelitas também chamavam ao monte das Oliveiras) e gozar aquele espetáculo inigualável que era a Cidade Santa, cingi-me ao plano previsto e iniciei a descida pela vertente sul, em busca do caminho que tínhamos avistado do ar e que me levaria até Betânia.

De repente, ao inclinar-me para me esquivar de uma das frondosas ramadas, reparei, com algum sobressalto, como o meu calçado atraía a atenção, pois, tão novo e limpo, não podia ser o de um andarilho e inquieto comerciante estrangeiro. Sem ter qualquer dúvida, sentei-me numa das raízes de uma vetusta oliveira e, depois de lançar uma olhadela à minha volta, agarrei em várias mancheias daquela terra ocre e esponjosa, com ela esfregando o esparto e os atilhos.

A inesperada paragem no caminho foi registrada no módulo e Eliseu interessou-se pela minha segurança.

- Algum problema, Jasão?

A partir da minha saída do berço, ia ser aquele o meu nome de guerra. O nome Jasão vinha do herói dos Tessálios e Beócios, comandante da famosa expedição dos Argonautas, cantada pelo poeta grego Apolônio de Rodes e pelo vate épico Valério Flaco. Eu aceitara tal nome, ainda que estivesse consciente de que nunca teria estofo de herói e que a minha missão no Cavalo de Tróia não era precisamente a procura do velo de ouro, a que tanto esforço dedicara o bom Jasão.

Depois de explicar a Eliseu aquela momentânea contrariedade, recomecei a marcha, sempre atento ao meu possível primeiro encontro com os habitantes da zona.

Quando caminhara Já um pouco mais de trezentos passos deixei para trás o olival. Na minha frente abria-se um prado, a que dois corpulentos cedros de quase quarenta metros de altura davam sombra.

O coração bateu-me mais depressa no peito. Por baixo daquelas árvores tinham sido armadas quatro grandes tendas. Durante uns segundos, não soube como reagir. Fiquei quieto. Indeciso. Debaixo das lonas escuras das tendas agitavam-se numerosos indivíduos. Pressionei no ouvido direito e Eliseu apareceu
imediatamente:

- Que há? - perguntou o meu companheiro.

- Primeiro contato humano à vista... Pelo que me parece, trata-se de mercadores... Vejo alguns rebanhos de ovelhas junto de várias tendas.

Eliseu consultou a memória histórico-documental do computador central instalado no berço e transmitiu-me a informação que se lia na tela.

- Papai Noel afirmativo. Segundo o Livro das Lamentações (R.2,5 versículo 2,2 (44.a 2) e o escrito rabínico Ta anit N, 8,69.Q 36 (IV/1,191) Já, nesse extremo da encosta do monte das Oliveiras, onde agora te encontras, instalava-se, tradicionalmente, um grupo de tendas, em que se vendia o necessário para os sacrifícios de purificação no Templo.

Segundo estes dados, debaixo de um desses cedros deverá encontrar também um mercado de pombinhos para os sacrifícios. Volume aproximado, ah... Quer dizer, umas quarenta arrobas ou seiscentos quilos de borrachas, se prefere... Papai Noel também menciona um texto de Josefo (Guerras dos Judeus, V 12,2/505), no qual se descreve uma muralha edificada por Tito, quando cercou Jerusalém. Esta muralha conduzia ao monte das Oliveiras e encerrava a colina até à rocha chamada do pombal. É muito provável que nas proximidades encontres pombais escavados na rocha...

- Recebido. Obrigado... Vou ter com eles.

- Um momento, Jasão - interveio novamente Eliseu. – Estas informações podem ser-te úteis... Papai Noel acrescenta que segundo o escrito rabínico Menahot (87.o), estes carneiros vinham do Moab os cordeiros, do Hébron, os vitelos de Saron e as pombas da Montanha Real ou Judéia. O gado vacum vem da planície costeira compreendida entre Jaffa e Lydda. Parte do gado para abate chega da Transjordânia (possivelmente, os carneiros). Idiomas dominantes entre estes mercadores: aramaico, sírio e talvez alguma coisa de grego...

- O.K.

- Sorte!

Conforme me fui aproximando das tendas, assim a minha excitação aumentava. Aquela podia ser a minha primeira oportunidade, não só de estabelecer contato com os israelitas, como ainda de praticar o meu arameu galilaico ou grego.

Ao passar entre as tendas, uma baforada indescritível - mistura de gado lanígero, fumo e azeite cozido - levou-me ao ponto de pensar ter seguido por mau caminho. Três das tendas tinham sido adaptadas a apriscos. Por baixo das barracas de lona enegrecida cheia de remendos, apinhavam-se uns cento e cinqüenta carneiros e borregos. Na quarta tenda alinhavam-se grandes talhas com azeite e farinha.

Abrigados por ela, um grupo de homens, com amplas túnicas vermelhas, azuis e brancas faziam roda, sentados em cima dos seus mantos. A curta distância, fora da sombra da lona, várias mulheres - quase todas com grandes túnicas verdes - afadigavam-se em volta de uma fogueira. Junto delas, algumas crianças seminuas e de cabeça rapada ajudavam naquilo que pensei tratar-se do almoço comum. Uma panela de grandes dimensões fervia ao lume, presa por uma argola e assente em três pés de ferro, com tanta fuligem quanto a barriga da marmita. Algumas mocinhas, com o rosto coberto por um véu branco e diademas na testa, permaneciam ajoelhadas junto de umas pedras retangulares.

Mecanicamente, cada moça tirava uma mancheia de trigo de um saco junto do grupo e colocava-a sobre a superfície de pedra, ligeiramente côncava. Depois, agarravam com ambas as mãos uma outra pedra estreita e punham-se a triturar o punhado de trigo. Uma das

mulheres fazia passar a farinha por uma peneira com aro de madeira, depositando o resultado da moenda numa espécie de vaso de barro.

Permaneci uns minutos absorto naquele espetáculo. O grupo tinha reparado Já em mim e, depois de trocarem algumas palavras que não cheguei a entender, um deles pôs-se de pé, encaminhando-se na minha direção.

O mercador - possivelmente um dos mais velhos - apontou para os rebanhos e perguntou-me se desejava comprar algum cordeiro para a próxima Páscoa. Ao falar, o homem mostrou-me uma dentadura dizimada pela cárie.

Sorri, e no mesmo aramaico popular em que me tinha interrogado expliquei-lhe que não, que era estrangeiro e que ia apenas de passagem para Betânia. Ao notar, tanto pela minha pronúncia como pelo meu vestuário, que, efetivamente, era um gentio, o hebreu lamentou-se por se ter levantado e, com uma careta de repugnância pela presença daquele impuro, deu meia volta e voltou para junto dos outros vendedores.

Um elementar sentido de prudência me fez afastar dali, encosta abaixo, em busca do caminho desejado. Ao passar em frente do segundo cedro - aquele em que, tal como Já tinha vaticinado o computador, fora montada uma quinta tenda, por baixo da qual se amontoavam numerosas gaiolas com pombas - não diminuiu o passo. Embora tivesse recuperado a confiança em mim ao verificar que não tivera grande dificuldade para entender e ser entendido por aquele israelita, também não desejava desafiar a sorte.

O sol continuava descendo para poente, diminuindo perigosamente o meu tempo naquela quinta-feira, 30 de Março. Tinha de me apressar, se queria chegar a tempo em Betânia. Pelas dezoito horas e vinte e dois minutos, o ocaso poria termo ao dia judaico. Nessa altura, Já eu deveria ter entrado em contato com a família de Lázaro.

Apressei o passo e depressa me vi na comija de um pequeno terreno. Ali terminava a encosta do monte das Oliveiras. A meus pés, a cerca de cinco ou seis metros, apareceu o caminho que unia Jerusalém a Jericó, passando por Betânia. Da minha improvisada atalaia avistavam-se grupos de caminhantes que iam e vinham num e noutro sentidos.

Eram, na sua maioria, peregrinos que iam à Cidade Santa ou que saíam do recinto murado, a caminho dos seus acampamentos. De ambos os lados da calçada poeirenta - perdendo-se no horizonte - estendia-se um aglomerado de tendas e barracas improvisadas.

Desci até o caminho e comuniquei ao módulo a minha intenção de iniciar a marcha na direção leste, quer dizer, no sentido oposto a Jerusalém. Depressa verifiquei que aquelas pessoas eram, na sua quase totalidade, galileus chegados em sucessivas caravanas e que, de acordo com um ancestral costume, costumavam acampar deste lado da cidade. A festa da Páscoa, uma das mais solenes do ano, reunia em Jerusalém centenas de milhares de israelitas, provenientes das diferentes

províncias e do estrangeiro. Naquele ano, além disso a solenidade era duplamente importante, por coincidir com um sábado.

Segundo as Ieis hebraicas, todo o Israelita era obrigado ,a comparecer perante Deus no Templo, a não ser que seja surdo, idiota, menor, homem de órgãos tapados (sexo duvidoso) andrógino, mulher, escravo não alforriado, cego, entrevado, doente, velho ou não pudesse subir a pé até à montanha do Templo. A
escola de Shammay definia o menor como aquele que não pode (ainda) cavalgar os ombros de seu pai para subir a Jerusalém à montanha do Templo. (N. do M.)

Em Jerusalém o alojamento devia ser muito difícil e os peregrinos acabavam por se acomodar nos arredores. Entre as tendas distingui dezenas de mulheres e de crianças, ocupadas em animadas conversas ou no arranjo dos seus frágeis pavilhões de peles e panos multicores. Apesar de não serem obrigadas a participar na festa, era evidente que as famílias judaicas acorriam na sua totalidade à Cidade Santa, e ali permaneciam durante os dias e noites anteriores aos sagrados ritos da oferenda e da ceia pascal.

Enquanto caminhava entre aquela multidão alegre, variada e tagarela comecei a pensar como podia - como ia ser - a entrada triunfal de Jesus de Nazaré às primeiras horas da tarde de domingo, em Jerusalém...

Com grande contentamento da minha parte, nenhum dos acampados que se cruzavam comigo mostravam o menor assombro ao ver-me. No entanto, a minha inquietação aumentou quando avistei ao fundo do caminho um grupo de cavaleiros, pertencentes à guarnição romana em Jerusalém, que certamente regressavam aos seus aquartelamentos na Fortaleza Antonia. Como precaução, sentei-me à beira do caminho, junto de uma das tendas. Instintivamente, levei a mão ao ouvido e, baixando o tom de voz, comuniquei a Eliseu a proximidade da patrulha.

O meu irmão, depois de prévia consulta ao computador, proporcionou-me alguns dados sobre os soldados:

- Pode tratar-se de uma pequena unidade - uma turma - formada por uns trinta e três cavaleiros. A legião com base em Cesareia dispõe de 5600 homens, dos quais cento e vinte pertencem à cavalaria.

A presença de uma das quatro turmas em Jerusalém pode significar que Pôncio Pilatos se mudou Já para a sua residência na Torre Antonia, a fim de administrar a justiça na Páscoa... Atenção! - acrescentou Eliseu. - Papai Noel especifica que estes cavaleiros podem ser originários de terras germânicas. A sua origem social é muito baixa e o seu comportamento particularmente agressivo para com os Judeus. Cada uma destas unidades é comandada por três oficiais - decuriões - cabeças-de-fila.

Papai Noel estava certa. Os cavaleiros avançaram a passo, afastando os descuidados com as afiadas bases de ferro dos seus pilum ou lanças. Contei no total trinta e três soldados, perfeitamente fardados com escuras cotas de malha, capacetes dourados e reluzentes, grevas, longas espadas no cinturão e escudos hexagonais, orlados com uma faixa metálica. Todos os cavaleiros traziam calças avermelhadas, muito justas e até o meio da perna.

Marchavam em três fileiras, ocupando praticamente todo o caminho.

Ao passarem por mim, vi, com surpresa, que, com exceção dos chefes ou decuriões, eram todos muito novos, talvez entre os dezoito e os trinta anos. Naturalmente, também não podia conceder demasiado crédito àquela impressão. No ano 30, a média de vida devia andar pelos quarenta anos...

Fechava o grupo armado um átrio de soldados montados em cavalos tordilhos, em cujas garupas tinham sido amarrados feixes de azagaias, um pouco mais curtas que os pilum que levavam à direita e que, possivelmente, iriam além dos dois metros de comprimento.

Apesar de ver com os meus próprios olhos, era muito difícil, naquelas primeiras horas, habituar-me à idéia de que recuara no tempo e que, à minha volta, estava de fato, a Palestina do imperador Tibério!

Quando me preparava para me levantar e recomeçar a caminhada, senti a leve pressão de uma mão no ombro. Ao voltar a cara deparei com um menino moreno e profundos olhos pretos. Trazia vestida uma curta túnica de amplas mangas e cor indefinida. Na mão esquerda trazia uma escudela de madeira com água. Sem pronunciar uma só palavra, esboçou um sorriso e ofereceu-me o escuro recipiente. Molhei os lábios na água e devolvi-lhe o vaso, agradecendo-lhe o gesto.

- De onde vens? - perguntei-lhe, acariciando-lhe o crânio rapado.

O pequeno voltou-se para um pequeno grupo de homens e mulheres que repousavam dentro de uma tenda. Uma das mulheres - provavelmente a mãe - animou-o com um aceno de mão a que respondesse.

- Somos de Magdala.

- Isso é perto do lago, não é?

O menino disse-me que sim com a cabeça.

- Ouviste falar de Jesus, o Nazareno?

Antes que o meu jovem amigo chegasse a responder, um dos homens
encaminhou-se para mim. Aparentava uns trinta e cinco ou quarenta anos e tinha uma abundante barba preta. Agarrou a criança pelos braços e perguntou-me:

- Será que és adepto do tekton?

Aquela palavra deixou-me confuso.

- Perdoe-me - respondi-lhe. - Sou estrangeiro e não sei o significado dessa palavra.

O homem soltou a criança e, cruzando os braços entre as pregas do manto, acrescentou:

- Nós conhecemos seu pai como José, o carpinteiro e ferreiro. E assim chamamos também ao filho. Estive tentado a juntar-me àquela família de galileus e a atrasar a minha entrada em Betânia. Mas pensei duas vezes e compreendi que ninguém melhor que Lázaro e suas irmãs me podia falar do Mestre...

Enquanto prosseguia o meu caminho, perguntei a Eliseu se podia obter informação sobre aquela nova definição de Jesus. Papai Noel foi muito conciso: O Galileu, efetivamente, recebia a designação de tekton - como carpinteiro, construtor ou ferreiro -, de acordo com a versão que sobre o referido termo fazia o escrito rabínico Shabbat, 31. Também São Marcos alude a tekton em 6.3.

É possível que tivesse andado um pouco mais de metade do caminho entre Jerusalém e Betânia quando deixei para trás o denso acampamento dos peregrinos israelitas. A partir dali, as tendas eram muito mais raras. Talvez estivesse enganado, mas quase seria capaz de jurar que no acesso à Cidade Santa se tinham instalado mais de um milhar de improvisados albergues. Isto podia significar - a uma média de seis ou sete pessoas por tenda - uns seis ou sete mil peregrinos.

Naquele último quilômetro não observei, no entanto uma diminuição da intensa circulação de gente e de animais de carga. Grupos de judeus, com asnos e alguns camelos, continuavam a fluir num e noutro sentido, transportando molhos de lenha, pesados e pontiagudos cântaros ou tocando rebanhos de cabras.

A vegetação, de ambos os lados do caminho, tornara-se mais florescente. À minha esquerda, a encosta oriental do monte das Oliveiras surgia fechada pelos olivais, cedros e alguns sicômoros. À minha direita, junto às palmeiras e figueiras, chamou-me a atenção uma série de cinamomos, com os seus incipientes cachos de flores violetas, extraordinariamente aromáticas.

O fato de não poder levar relógio preocupava-me. Não se tornava fácil para mim averiguar em que momento do dia me encontrava. O sol lançara-se Já para ocidente porém ignorava quanto tempo decorrera desde que abandonara o berço. Por outro lado, desejava acostumar-me o mais cedo possível à minha nova situação, e isso obrigava-me a prescindir, quanto pudesse, da conexão auditiva com Eliseu.

A julgar pelo caminho percorrido e pelas paragens, devia ser uma e meia da tarde quando, ao sair da única curva do caminho, avistei à esquerda um minúsculo grupo de casas. Ao fundo, e à direita, descobri também outra aldeia, maior do que a primeira, segundo me pareceu.

Entusiasmado, acelerei o passo. Aquelas povoações tinham de ser Betfagé e Betânia, respectivamente. Conforme me ia aproximando da primeira povoação, assim o meu desencanto aumentava. Betfagé não era mais que um mísero amontoado de pequenas casas de um só piso. As paredes tinham sido levantadas com pedras - provavelmente

basálticas - e os interstícios mal tapados com outras pedras e barro. A maioria dos telhados daquela meia-dúzia de moradas - à exceção de um ou dois terraços - tinham sido cobertos com ramos de árvores, reforçadas com várias camadas de juncos e palha.

Os arredores estavam cheios de figueiras e pequenos jardins, por onde cacarejavam galinhas em número incontável. As últimas e fortes chuva de Janeiro e Fevereiro tinham convertido as ruas num lamaçal.

Desiludido, saí novamente do caminho, informando Eliseu da minha passagem pela mísera Betfagé e da minha iminente chegada a Betânia. A distância entre as duas aldeias não era superior a setecentos ou oitocentos metros.

Em compensação, o local da residência de Lázaro e da sua família apresentava um aspecto muito mais sólido e esmerado. As casas, ainda que modestas, dispunham de terraços e as suas paredes - quase todas caiadas - tinham sido construídas com pedra lavrada.

Ao entrar na aldeia, surpreendeu-me ver algumas das ruas cobertas por um pavimento feito à base de calhaus. Outras, no entanto, continuavam a ser estreitos caminhos, agora poeirentos e malcheirosos.

O núcleo principal de Betânia estendia-se à direita do caminho que vai de Jerusalém a Jericó. Do outro lado do caminho, um grupo mais reduzido de casas apoiava-se na encosta do monte das Oliveiras. Algumas destas moradas encontravam-se praticamente encravadas na encosta da montanha. A animação na aldeia era considerável. Nas ruas, numerosos grupos de judeus andavam de um lado para outro, formando tertúlias às portas das casas ou à sombra dos alpendres de canas e ramadas, por onde trepava a hera ou que nuas e intermináveis parreiras cobriam.

Não tardei em perceber que aquela agitação se tornara habitual em Betânia desde que o Mestre de Galiléia realizara o prodígio de ressuscitar de entre os mortos o seu amigo Lázaro. A notícia correra como rastilho de pólvora por todo o reino, chegando, mesmo, à vizinha Síria e às costas da Fenícia. Desde então, uma corrente interminável de simpatizantes, adeptos de Jesus ou amigos de Lázaro acorriam à casa do ressuscitado, apenas na ânsia de satisfazerem a sua curiosidade. Esta torrente de curiosos vira-se seriamente aumentada naqueles dias, devido à próxima celebração da Páscoa. O caminho entre Jerusalém e Betânia podia percorrer-se, com bom passo, em pouco mais de uma hora, e isso justificava aquela esgotante azáfama pelas ruas da localidade, até então tranqüila.

Não foi muito difícil chegar a casa de Lázaro. Bastou juntar-me a um dos grupos de judeus que acabava de entrar em Betânia. Poucos minutos depois encontrava-me diante de uma casa situada nos arrabaldes do aglomerado principal da povoação. Na fachada muito bem caiada, abria-se uma porta com os lintéis e ombreiras trabalhados com pedras lavradas. Em frente da casa havia um pequeno jardim de cinco ou seis metros de comprimento por seis ou sete de largura. Nele, num

banco de pedra e à sombra de uma frondosa figueira, estava sentado um homem.

Vestia uma túnica com franjas verticais vermelhas e azuis e amplas mangas. Uns trinta homens o rodeavam. Alguns tinham-se sentado até a seus pés. Absortos, aqueles judeus escutavam e contemplavam o homem de corpo magro e cara picada pelas bexigas. Era Lázaro! Um estremecimento percorreu-me o corpo dos pés à cabeça. Tentei passar, mas era inútil. Ninguém estava disposto a ceder lugar.

Lázaro convertera-se na atração máxima daqueles dias. Com voz cansada - como se repetisse o acontecimento pela milésima vez -, foi desfiando a sua aventura e respondendo a quantas perguntas lhe faziam.

Olhando por cima das cabeças dos curiosos vi que se tratava de um homem relativamente jovem (possivelmente não tinha completado os quarenta anos), ainda que a palidez do rosto e umas acentuadas olheiras o envelhecessem consideravelmente.

Poucos minutos depois, para meu desespero, Lázaro levantou-se, despedindo-se dos que ali estavam reunidos. Vi-o desaparecer na penumbra da casa, enquanto os hebreus se dispersavam, gesticulando e comentando quanto tinham visto e ouvido.

E ali fiquei eu, pensativo e solitário, diante da pequena cerca de madeira que rodeava o jardim. Que devia fazer? Entrava na casa? Esperava? Mas o quê e para quê? Deixei-me cair na poeirenta praça que se abria diante da morada do amigo de Jesus e procurei cobrir-me com o manto. Começava a sentir o fresco do entardecer. Dei-me então conta de que nada tinha comido e que, a julgar pela posição do sol, devíamos estar naquilo a que os Israelitas chamavam a hora nona, quer dizer, as três da tarde.

Nesse momento compreendi a razão por que Lázaro dera por terminada aquela animada tertúlia. Era o momento da refeição principal, aquela a que chamamos o jantar.

Mas não me deixei arrastar pelo abatimento. Cavalo de Tróia tinha previsto que eu tentasse uma entrevista com Lázaro naquela quinta-feira e assim devia ser. Esperaria.

Pensei em aproveitar aqueles minutos - enquanto a família restaurava forças - para comprar algumas provisões , mas logo desisti. Na minha precipitação para chegar a Betânia não tomara a precaução de entrar em Jerusalém e procurar trocar algumas das pepitas de ouro por moedas. Por outro lado, isso ter-me-ia atrasado consideravelmente. Para dizer a verdade, não era a fome o que me preocupava naqueles instantes. Os meus olhos, fitos na porta, estavam atentos ao possível aparecimento de algum membro da família de Lázaro.

A intuição não me traiu. Não passara ainda meia hora quando, vindo da parte posterior da casa entrou no jardim uma mulher com o rosto coberto pelo véu tradicional. Era acompanhada por dois adolescentes. Sobre a cabeça da volumosa matrona balançava

levemente um cântaro avermelhado. Ao ver-me deve ter ficado surpreendida. Eu sabia que as boas maneiras nas relações sociais judaicas não permitiam que um homem estivesse a sós com uma mulher, nem que estas sorrissem ou falassem com desconhecidos. Assim, vencendo a minha natural inclinação para a saudar ou pôr-me de pé, continuei em silêncio, deixando que passasse pela minha frente. A boa mulher desviou o olhar e apressou o passo perdendo-se num dos caminhos que desembocavam na praça .

Suponho que deve ter notado qualquer coisa estranha na minha presença porque, minutos depois, um dos rapazes voltava em corrida, entrando em casa como um meteoro. Imediatamente, apareceram à entrada do jardim dois homens e o rapazinho, que, sem dúvida, os alertara quanto àquele estrangeiro que continuava sentado junto das brancas estacas da cerca.

Pus-me de pé e esperei. Os homens, envoltos em grossos mantos cor de canela, aproximaram-se de mim.

- Que procuras, irmão? - perguntou-me o que parecia ser o mais velho.

O tom da voz dele tranquilizou-me. Havia uma grande suavidade no seu semblante.

- Chamo-me Jasão e sou da Tessalónica. Estou aqui porque procuro o rabi da Galiléia...

- Não está aqui.

Fingi grande contrariedade e, olhando bem nos olhos do meu interlocutor, perguntei com veemência:

- Onde posso encontrá-lo?

- Para que o queres?

- Sou estrangeiro, mas ouvi falar dele de Antioquia a Corfu. Percorri muitas léguas porque sou homem a quem não satisfazem os deuses romanos nem gregos e porque desejaria conhecer a nova doutrina do rabi a que chamam Jesus.

- Porque o procuras aqui em frente da casa de Lázaro?

- Desde a minha chegada às costas de Tiro que não ouvi falar de outra coisa que não fosse o último prodígio do rabi, dizem que devolveu à vida o seu amigo Lázaro, morto cinco dias antes...

- Eram três dias aqueles que o meu senhor tinha de sepultado, - corrigiu-me o servo.

- Logo, é verdade - acrescentei,mostrando grande alegria.

Antes que pudesse intervir de novo, supliquei-lhe para ser recebido por Lázaro.

- Talvez ele saiba onde posso encontrar o Mestre...

Os homens trocaram entre si um rápido olhar.

- Espere aqui - concluíram. - O amo ainda não está recomposto de todo...

Concordei, enquanto os servos desapareciam no interior da casa.

Ante a possibilidade iminente de uma primeira entrevista com Lázaro, aproveitei aqueles segundos em que estive sozinho para informar o módulo de quanto se passava.

Devia ter causado boa impressão aos criados de Lázaro. Poucos minutos depois era convidado a entrar em casa. Atravessei o limiar com uma mistura de timidez e emoção. O que eu imaginara como a fachada da casa era, na realidade, a parede de um átrio ou pequeno pátio interior. A casa, pelo que pude observar, era muito mais extensa do que eu tinha imaginado. No centro deste átrio retangular, e a céu aberto, abria-se um tanque com cerca de três metros de lado. O piso, coberto de ladrilhos vermelhos, parecia ser ligeiramente inclinado e com estrias, de forma a que as águas pluviais pudessem cair dos beirais dos edifícios situados à esquerda e à direita até ao recinto central. Ambas as construções tinham a mesma altura da parede da fachada: uns quatro metros, aproximadamente. Logo soube que a direita era, na realidade uma cavalariça e que a da esquerda estava destinada a armazém de alfaias agrícolas, arreios e relhas de arado.

No fundo do pátio, a uns sete metros do portão por onde eu tinha entrado abria-se outra porta, quase em frente da principal. Ali me esperava o homem que tinha visto uma hora antes junto da figueira. Perto dele, três judeus todos eles envoltos até aos pés numa indumentária de cores vivas. Tal como observara em muitos peregrinos galileus, usavam uma faixa de pano enrolada em volta da cabeça, deixando cair uma das pontas sobre a orelha esquerda. Tinham todos uma barba cerrada, mas o bigode perfeitamente rapado. Lázaro, em contrapartida,
Mantinha a cabeça descoberta, com um cabelo liso, curto e prematuramente encanecido.

Os servos convidaram-me a que me aproximasse do seu senhor. Ao chegar a esse ponto, pouco me faltou para lhes estender a mão. Lázaro e os que o acompanhavam permaneceram imóveis, examinando-me dos pés à cabeça. Foi um momento difícil. Mais tarde compreenderia que aquela frieza era justificada. Desde a sua ressurreição, os inimigos de Jesus - em especial os fariseus e outros membros destacados do Grande Sinédrio - vinham demonstrando uma preocupante hostilidade contra o vizinho de Betânia. Se o Nazareno, só por si, Já representava uma ameaça para os sacerdotes de Jerusalém, Lázaro - com o seu
Regresso à vida - agitara os ânimos, erigindo-se como prova de exceção do poder do Mestre. Era lógico, portanto, que a família desconfiasse de tudo e de todos.

Aquela tensa situação se veria aliviada - felizmente para mim - quando os meus anfitriões notaram a dureza da minha pronúncia, que me denunciava como estrangeiro.

- Procuravas-me? - interveio Lázaro, com gesto grave.

- Venho de terras estranhas, em busca do rabi de Nazaré, de quem contam que é homem sábio e justo. Ao desembarcar soube que és seu amigo. Por isso estou aqui em busca da tua compreensão...

Lázaro não respondeu. Com um gesto convidou-me a acompanhá-lo.

E ao transpor aquela segunda porta encontrei-me num espaçoso pátio com colunas, igualmente aberto, mas quadrangular. Aquela, sem dúvida, era a parte principal da casa. Um total de catorze colunas de pedra de pouco mais de dois metros de altura sustentavam um segundo piso, todo ele construído de tijolo. A fachada inferior da casa (situada por baixo do pórtico) fora erguida com grandes pedras retangulares. Contei sete portas, todas elas de sólida madeira cor de cinza. No centro do pátio fora escavada uma segunda cisterna. Dos seus quatro vértices partiam outros tantos regos de pedra, por onde eram recolhidas as águas da chuva. A piscina estava praticamente cheia, com uma água de cor duvidosa. Quase metade do pátio se encontrava tapado com uma cobertura de canas entrelaçadas, onde se apoiavam os rebentos de duas parreiras trazidas pelo pai de Lázaro da distante Corinto, nas costas da Grécia.

O fruto desta videira - de uma casta muito apreciada – tinha a particularidade de dar uvas sem sementes. Durante a minha passagem por Betânia tive a oportunidade de saber que Jesus de Nazaré sentia uma especial predileção pelos frutos daquelas parreiras.

Lázaro e os seus amigos atravessaram o empedrado piso do pátio e dirigiram-se a uma das portas da esquerda. Ao passar por baixo do pórtico reparei em quatro mulheres, sentadas num dos bancos de pedra encostados a cada uma das quatro fachadas existentes por baixo do claustro. Todas elas vestiam compridas túnicas de cores claras - geralmente esverdeadas - com as cabeças cobertas por grandes lenços. No entanto, nenhuma escondia o rosto.

Conservarei sempre uma grata e inesquecível recordação daquela sala retangular a que me levara o amigo de Jesus. Ali decorreriam alguns dos momentos mais agradáveis da minha incursão em Betânia... Tratava-se da sala familiar. Uma espécie de salão-casa de jantar, de uns oito metros de comprimento por quatro e meio de largura.

Três janelas altas e estreitas, abertas na parede oposta à porta, mal deixavam entrar a claridade. Uma branca mesa de pinho presidia ao centro da quadra, cujo soalho fora rebocado com argamassa. Num dos cantos, uns troncos largavam fagulhas, alimentados pela forte tiragem da lareira. O fogão cumpria uma dupla tarefa. Por um lado, servir de aquecimento nos rudes meses de Inverno e, por outro permitir a preparação dos alimentos. Para tal, os proprietários tinham levantado a pequena distância da chaminé propriamente dita, um pequeno muro circular com aproximadamente trinta centímetros de altura, formado por quatro camadas em que alternavam o barro e o entulho.

Dentro, entre as brasas, eram depositadas as panelas, bem como umas travessas convexas que serviam para cozer tortas feitas com massa sem fermento. Quando se desejava cozinhar sem a aplicação direta do fogo, as mulheres depositavam umas pedras lisas em cima do lume. Uma vez aquecidas, as brasas eram afastadas e o guisado era feito em cima das pedras.

Em quase todas as paredes tinham sido dispostos armários e prateleiras de madeira, em que alinhavam vasos, travessas, terrinas e outras louças, na sua maioria de barro ou de bronze.

Na parede oposta ao fogão, e enterradas no soalho, distinguiam-se duas grandes e barrigudas talhas, com uma tonalidade vermelho-acastanhada. Atingiam pouco mais de um metro de altura e, segundo me comentaria Marta, dias depois, eram destinadas ao consumo diário de trigo e de vinho. Uma delas, em especial, era tida em grande apreço por Lázaro e sua família. Tinha sido obtida muitos anos atrás, nas cercanias da cidade de Hébron, e pertencera - segundo o selo real que apresentava numa das suas quatro asas – aos vinhedos reais. Numa minuciosa inspeção posterior, pude corroborar que, efetivamente, a talha em questão apresentava uma gravação superior com as letras lmlk, que significava pertencente ao rei. A sua capacidade – sensivelmente inferior à da talha destinada ao trigo - era de dois batos israelitas. Mantinha-se sempre hermeticamente fechada com uma tampa de barro, segura, por sua vez, com faixas de pano.

O teto do aposento, situado a dois metros, era atravessado por seis vigas de madeira, provavelmente de coníferas, muito abundantes nos arredores. Outras partes cobertas da casa, com exceção dos terraços, apresentavam uma construção menos sólida. A cavalariça e o armazém das alfaias do campo, por exemplo, tinham sido cobertas com materiais muito combustíveis: palha misturada com barro e cal. Este tipo de cobertura - segundo me explicou Lázaro - tinha um grande inconveniente. Sempre que chovia era necessário alisá-lo de novo, com o fim de consolidar o material da superfície e evitar as goteiras. Para isso valiam-se de pequenos rolos de pedra, com cerca de sessenta centímetros de comprimento.

Lázaro e os restantes hebreus dispuseram-se em volta do crepitante fogão e sentaram-se em cima de algumas das peles de cabra que atapetavam o chão. Eu fiz o mesmo e preparei-me para o diálogo.

Naquele momento, entrou na sala uma mulher. Trazia na mão esquerda uma frágil apara acesa. Sem dizer palavra, foi percorrendo as seis candeias de barro que estavam suspensas ao longo das brancas paredes e que continham azeite. Depois, pegou numa lanterna - também de argila - e introduziu a chama do improvisado archote pela boca do recipiente bojudo. Logo saltou uma chamazinha amarelenta. A mulher, com passada diligente, colocou aquela lanterna portátil na extremidade da mesa mais próxima do grupo. Depois, aproximou-se da lareira e atirou para as brasas os restos da apara e duas bolinhas de

aspecto resinoso. As cápsulas de canafístula - um perfume empregue com freqüência entre os hebreus - lançaram como que uma exalação, invadindo o recinto um aroma suave e duradouro.

De repente, quase sem crepúsculo, a escuridão encheu aquele histórico aposento.

- Rogamos-te que desculpes o nosso receio - solicitou um dos amigos de Lázaro. - Desde que o sumo sacerdote José ben Caifás e muitos dos archiereis do Sinédrio concordaram em pôr termo à vida do Mestre, todas as nossas precauções são poucas...

- Sabemos que os betusianos e esbirros de Ben Bebayz têm ordens para prender Jesus - afirmou outro dos participantes na reunião.A festa da Páscoa está perto e os nossos informantes garantem que os bastões e cacetes da guarda do Grande Sinédrio estarão dispostos a cair sobre o Rabi. Esperam apenas uma oportunidade.

- Para quê? - intervim, aparentando vivos desejos de compreender. - O Mestre, segundo entendi, é homem de paz. Nunca fez mal a ninguém...

Lázaro deve ter notado uma especial vibração na minha voz. Aquele foi o primeiro passo para a definitiva abertura do seu coração.

- Tu és grego - respondeu o ressuscitado, dando-me a entender que eu ignorava muitas das circunstâncias que rodeavam o Rabi da Galiléia. - Não sei se conheces a profecia que afaga e contempla o nosso povo desde tempos remotos. Um dia, nascerá em Israel um messias que tornará os homens livres. Pois bem, a casta sacerdotal acredita e, fez o povo acreditar, que esse salvador terá de ser, em primeiro lugar e principalmente, um sumo sacerdote.

- O Messias terá de ser membro do Grande Sinédrio?

- É o que eles dizem. Os longos anos de domínio estrangeiro fortaleceram a esperança nesse messias, convertendo-o num chefe político que liberte Israel do jugo romano. Os sacerdotes sabem que o Mestre prega um outro tipo de libertação e por isso o consideram um impostor. Isto Já seria bastante para acabar com a vida de Jesus. Mas há mais...

Lázaro continuava a observar-me com os olhos brilhantes de uma progressiva e incontrolável cólera.

- Esses sepulcros caiados - como o Mestre lhes chamou não perdoam que Jesus os tenha ridicularizado publicamente. É a primeira vez em muitos anos que alguém os desmascara, minando a sua influência no povo simples. Jesus, com as suas palavras e os seus milagres, arrasta multidões e isto multiplica a sua inveja e rancor. Por isso juraram matá-lo...

- Mas não o conseguirão - exclamou um outro hebreu.

Interroguei Lázaro com o olhar. Que queriam dizer aquelas vigorosas palavras?

O amigo amado de Jesus desviou a conversa.

- Por favor, desculpa a nossa indelicadeza. A julgar pela poeira das tuas sandálias e pela fadiga do teu rosto, deves ter caminhado muito. Suplico-te - como irmão nosso - que aceites a minha hospitalidade...

Aquela brusca reviravolta na conduta de Lázaro desconcertou-me, mas nada disse.

O homem deixou a quadra, voltando poucos minutos depois na companhia de uma mulher.

- Marta, minha irmã mais velha - explicou Lázaro, referindo-se à hebréia que o acompanhava -, te lavará os pés...

O meu coração bateu com força. E, sem me aperceber do erro que estava cometendo, levantei-me. O resto do grupo continuou sentado. Era tarde de mais para emendar. Procurei serenar os meus nervos. Não podia negar-me às delicadezas do meu anfitrião. Teria sido considerado como um insulto ao arraigado sentido oriental da hospitalidade. Assim, colocando as minhas mãos nos ombros do ressuscitado, sorri-lhe, agradecendo a sua delicadeza o melhor que soube.

Quase não tive tempo de reparar em Marta, a senhora, pois é este o significado do referido nome. Antes de o irmão ter acabado de falar, Já ela atravessara o limiar da sala, afastando-se no pátio de colunas.

Lázaro pediu-me que me sentasse num dos pequenos e dispersos tamboretes de quatro pernas e assento de vime que rodeavam a mesa. Cinco minutos depois, novamente a figura de Marta se recortava na porta. Trazia nas mãos um vaso vazio e do antebraço esquerdo pendia um longo pano branco. Acompanhava-o um menino com uma jarra de bronze cheia de água.

Como se se tratasse do hábito mais rotineiro, a irmã mais velha de Lázaro pousou a vasilha a meus pés, cingindo-se com o que hoje chamaríamos toalha. Apressei-me a desatar os atilhos de couro das minhas sandálias, enquanto a mulher despejava parte do conteúdo da jarra no vaso. Ao introduzir os pés no largo recipiente de barro experimentei uma agradável sensação. A água estava quente!

- Obrigado... - murmurei. - Muito obrigado...

Marta levantou o rosto e sorriu, deixando a descoberto um fio de ouro que servia para prender alguns dentes postiços.

Aquele era outro sinal inequívoco de abastada posição da família.

Enquanto a mulher procedia à lavagem dos meus doridos pés (as quatro voltas dos cordões tinham deixado outras tantas marcas avermelhadas na pele), procurei observá-la demoradamente. Sem dúvida, Marta era mais velha que Lázaro. Aparentava ter entre quarenta e cinco e cinqüenta anos. As mãos, fortes e calejadas, refletiam uma intensa e longa vida de trabalho. Era de uma estatura muito semelhante à de seu irmão - cerca de 1,60 m -, mais gorda e com um rosto redondo e queimado. Deduzi que o cabelo - coberto por um véu preto que lhe caía pelas costas - devia ser negro, tal como os olhos e as sobrancelhas.

Uma vez terminada a lavagem, Marta envolveu-me os pés no lenço com que cingia a cintura e foi pressionando o suave tecido

(provavelmente de algodão) até que ambas as extremidades ficassem completamente secas. Pegou nas sandálias e, ante a minha surpresa, entregou-as ao rapazinho. Fiquei em silêncio, imaginando que a boa mulher mandara limpá-las.

Quando pensava que a operação tinha terminado, Marta rogou-me que arregaçasse as mangas da minha túnica. Obedeci e, com extrema delicadeza, agarrou-me as mãos, pondo-as por cima do vaso.

Sobre elas verteu a água que restava na jarra, convidando-me a que as esfregasse energicamente. Por fim, secou-as, pondo de lado o vaso. Nesse instante, a senhora da casa - que continuava ajoelhada na minha frente - levou a mão a um fino cordão que lhe rodeava o pescoço, extraindo de entre os seios uma bolsinha de pano, de cor azeviche. Abriu-a, despejando o conteúdo na palma da mão esquerda. Tratava-se de um punhado de suaves e diminutos grânulos - em forma de lágrimas que cintilavam à luz das candeias. Marta esfregou aquela substância, de aspecto gomo-resinoso, em cada um dos meus pés. Depois, fez o mesmo com as mãos, devolvendo o aromático produto à bolsa.

Não pude conter a minha curiosidade e perguntei-lhe o nome daquele perfume.

- É mirra.

Nos dias que se seguiram à minha saída do módulo, pude saber que muitas das mulheres israelitas - em especial as das classes média e alta - traziam por baixo da túnica, tal como Marta, aquelas bolsinhas de mirra. Aquilo proporcionava-lhes uma permanente e agradabilíssima fragrância. Tanto a mirra como o aloés, a erva do bálsamo e outras resinas aromáticas eram consumidas com grande profusão pelo povo judeu, que as utilizava não só para aromatizar os templos mas também na higiene pessoal, no lar e mesmo no leito.

Marta e o menino abandonaram a quadra e eu, agradecido e aliviado, Nas minhas indagações durante aqueles dias na Palestina verifiquei que embora muitas destas plantas que serviam de base à fabricação de perfumes se cultivassem em solo israelita, a maioria provinha, originariamente, de outros países. O incenso, por exemplo, que se obtinha da bosvélia, peregrinara desde a Arábia e Somália. E o mesmo acontecera com a commiphora myrrha ou árvore da mirra. O aloés, por seu lado, viera da ilha de Socotor , na embocadura do mar Vermelho.

Quanto ao apreciado bálsamo, cuja erva é conhecida entre os botânicos como commiphora opobalsamum, segundo parece, em princípio, foi originária da Arábia. No entanto, como muito bem afirma Ezequiel (27,17), Judéia e Israel forneciam a Tiro perfumes, mel, azeite e bálsamo. A explicação estava num dos livros do historiador judeu romanizado, Flávio Josefo. As sementes da erva do bálsamo tinham chegado até à Palestina em tempos do rei Salomão e foram segundo Josefo, um dos muitos presentes da mítica rainha do Sabá a Salomão.

No dia seguinte, sexta-feira, 31 de Março, eu mesmo teria oportunidade de comprovar como Jesus entregava a Marta e a Maria uma preciosa oferta: ervas de
bálsamo, provenientes das férteis planícies de Jericó. O Papai Noel me confirmaria igualmente que, no ano 60, Tito Vespasiano ordenaria que fossem protegidas com uma guarda especial as plantações de bálsamo de Jericó. Mil anos mais tarde, os cruzados que entraram em Israel não encontraram rasto algum de tão valiosa planta. Os Turcos tinham talado grande parte das árvores, destruindo, também, os arbustos que eram cultivados nas proximidades do rio Jordão . (N. do M.)

Naquela noite, no meu último contato com o módulo, Eliseu esclareceu-me o significado de archiereis. Tratava-se de um numeroso grupo de sacerdote-chefes que ocupavam cargos permanentes no Templo e que, em virtude do referido cargo, tinham voz no Sinédrio. Papai Noel trouxe documentação complementar (Atos dos Apóstolos, 4,5-6, e Antiguidades, de Josefo, XX 8,11/189 sgts.), na qual se especifica que o chefe supremo do Templo e tesoureiro eram membros do Sinédrio. O número mínimo deste grupo era de um (sumo sacerdote) mais um (chefe supremo do Templo) mais um (guardião do Templo, sacerdote) mais três (tesoureiros). Quer dizer, seis. A este número mínimo teriam de acrescentar-se os sumos sacerdotes cessantes e os sacerdotes guardiões e tesoureiros. O Sinédrio, portanto, era formado por setenta e um membros.

O computador central do módulo confirmou o nome de Ben Belay como um dos chefes, do Templo, com o cargo concreto de esbirro (escrito rabínico Sheqalim, V, 1-2). Este personagem estava encarregue, entre outros misteres, de açoitar, por exemplo, os sacerdotes que tentavam fazer trapaças no sorteio das funções do culto. Outra das suas funções era a fabricação e colocação das mechas, que se confeccionavam com os calções e cinturões velhos dos sacerdotes. (N. do M.)

Juntei-me ao grupo. Lázaro atiçava o fogo. Na minha mente fervilhavam tantas perguntas que nem soube por onde reatar a conversa. Desejava conhecer a doutrina e a personalidade do Mestre da Galiléia, mas também sentia uma aguda curiosidade por aquele exemplar único: um hebreu devolvido à vida, depois de morto e enterrado. Como também não podia desperdiçar aquela oportunidade, que não podia ser melhor - programada, além do mais, no esquema de trabalho do general Curtiss -, roguei ao meu amável anfitrião que me desfizesse algumas dúvidas em torno do conhecido milagre de Jesus. Na minha qualidade de médico, e apesar dos textos evangélicos e dos numerosos comentários que recolhera até àquele momento, era para mim muito difícil imaginar sequer que aquele homem tivesse sofrido o que hoje conhecemos por morte clínica e que, para cúmulo, vários dias depois do seu falecimento, outro homem o tivesse arrebatado ao sepulcro.

- Que deseja saber? - respondeu Lázaro, sem deixar de trabalhar no fogão.

Mesmo com o perigo de parecer impertinente, coloquei a minha primeira dúvida com a astúcia suficiente para provocar a loquacidade dos que ali estavam reunidos.

- Não podia acontecer que estivesses dormindo?

Lázaro esqueceu a chaminé e, olhando-me com dureza, replicou:

- É melhor que sejam eles a responder a essa pergunta...

Os seus amigos ficaram em silêncio. Por um momento, cheguei a pensar que tinha forçado a situação. Mas, finalmente, um deles, em tom compreensivo, agarrou o fio da conversa.

- É natural que duvides. Tu, como muitos outros, não estavas aqui quando, nos últimos dias de Fevereiro, o nosso irmão Lázaro adoeceu com grandes febres. Apesar dos cuidados de suas irmãs e das prescrições dos sangradores vindos de Jerusalém, o mal foi aumentando sempre. A sua fraqueza chegou a tal extremo que não era capaz de segurar nas mãos uma escudela de leite. Nem sequer o médico do templo, Ben Ajiat, pôde dar-lhe remédio. O Mestre não se encontrava na Judéia e a família, à vista de tão grave doença, tomou a decisão de enviar um mensageiro para lhe rogar que sarasse o seu amigo. Contudo, poucas horas depois da partida do cavaleiro, Lázaro morreu.

Eliseu confirmaria horas depois que segundo uma das duas listas contidas no escrito rabínico Sheqalim V, 1-2, o nome de Ben Ajia correspondia, com efeito, a um dos chefes do Templo, com o cargo específico de médico. O computador deu a seguinte informação. Encarregado dos doentes do ventre. A alimentação dos sacerdotes era extraordinariamente abundante em carnes, não podendo beber senão água. Tudo isto originava freqüentes doenças gástricas. Papai Noel remetia-nos para uma mais completa informação, para o manuscrito de Erfurt, atualmente em Berlim. Dois dias depois ao assistir à desconcertante entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, tive oportunidade de comprovar como na chamada parte baixa da cidade, uma das profissões artesanais era precisamente a de médico. Os sangradores, a que os companheiros de Lázaro se referiam, encontravam-se concentrados numa das ruas - aliás, tal como os restantes umman ou artesãos - e ali desempenhavam o seu ofício, que ia da cirurgia à circuncisão, passando pela receita de ervas medicinais, extração de dentes e, até, o corte de cabelo e barba. (N. do M.)

- Recordai-vos da data? - intervim.

- Como esquecer o dia do falecimento de um amigo? O luto caiu nesta casa nas últimas horas da tarde de domingo, cinco de Março.

- Isso significa - e interrompi novamente o meu interlocutor – que Lázaro Já tinha morrido quando o mensageiro encontrou Jesus...

- Efetivamente. O Rabi encontrava-se então na cidade de Bethabara, em Pereiat, e, embora o emissário cavalgasse toda a noite, Jesus só recebeu a notícia no dia seguinte, segunda-feira.

- Há qualquer coisa que não entendo. O mensageiro tinha ordem de rogar ao Mestre que acorresse a Betânia?

- Não. As irmãs de Lázaro têm muita fé no Rabi, tanta que sabiam não ser necessária a sua presença. Elas estavam conscientes de que Jesus se encontrava pregando e que bastaria apenas uma palavra Sua para curar o irmão. Por isso, ao morrer Lázaro, pouco depois da partida do mensageiro, toda as pessoas compreendeu e aceitou que era demasiado tarde.

O que se tornou incompreensível, mesmo para Marta e Maria - prosseguiu o meu narrador com voz triste, pela triste recordação daqueles momentos -, foi a resposta de Jesus ao emissário.

Quando este regressou a Betânia na manhã de terça-feira, garantiu uma e outra vez ter ouvido dizer ao Rabi que aquela doença não conduzia à morte.

Todos, como te disse, crentes ou não, ficamos desconcertados. Ninguém conseguia compreender por que razão Jesus, o grande amigo da família, não dava sinais de vida. Ao saberem da morte de Lázaro, muitos dos seus familiares e
Amigos das aldeias próximas, bem como de Jerusalém, puseram-se a caminho para acompanharem as irmãs em tão triste momento. Cumprida a primeira parte das normas do luto, o nosso amigo foi sepultado junto de seus pais, em túmulo familiar, no fim do jardim.

- Um momento - intervim de novo -, Lázaro foi enterrado aqui, na sua própria casa?

- Sim, no sepulcro dos seus maiores.

Ainda que a minha pergunta pudesse parecer de pouco interesse, encerrava para mim um indiscutível valor. Segundo todos os textos bíblicos por mim consultados antes da Operação Cavalo de Tróia, o sepulcro de Lázaro fora localizado pelos comentaristas fora da aldeia e, concretamente, na encosta oriental do monte das Oliveiras. Na manhã seguinte, a irmã mais velha de Lázaro, a pedido meu, me conduziria, à gruta natural que se abria ao pé de um penhasco de dez metros de altura, a pouco mais de quatrocentos metros das traseiras da casa e ao fundo do frondoso jardim que a herdade formava. Aquela verificação desfez as minhas dúvidas, fortalecendo a minha primeira impressão sobre a desafogada situação econômica da família, que herdara de seus pais, amplas zonas de vinhedos e de olivais. O fato indiscutível de dispor até, de sepulcro familiar dentro do recinto de sua casa, falava, só por si, da riqueza dos irmãos.

- Em que dia foi sepultado Lázaro? Na quinta-feira, nove de Março, pela manhã. Ao passarem os três dias estabelecidos pela lei, a família e amigos depositamos os restos mortais de Lázaro num dos leitos de pedra escavados na gruta e fechamos a abertura com a laje...

Os que me esclareciam referiram-se depois à difícil situação que atravessavam as irmãs do falecido. Apesar dos numerosos amigos e parentes que tinham vindo consolá-las, Maria e a senhora encontravam-

se mergulhadas numa dor profunda. Alguma coisa, no entanto, as diferenciava, enquanto Maria parecia ter perdido toda a esperança, Marta continuou aferrada à sua idéia, o Mestre tinha de aparecer, de um momento para o outro. E, embora não soubesse muito bem o que o Rabi podia fazer por aquela altura, com o irmão morto e amortalhado, a senhora viveu os quase quatro dias que se seguiram com o fervoroso desejo de ver aparecer Jesus. A sua fé no Mestre era tal que, naquela mesma manhã de quinta-feira, quando o túmulo foi fechado, pediu a uma vizinha de Betânia que se pusesse no alto de uma colina, a leste da aldeia, com o fim de vigiar o caminho que vai dar a Jericó e pelo qual teria de chegar o Rabi de Galiléia. Poucas horas depois, a jovem entrou na casa de Lázaro avisando Marta, em segredo, da iminente chegada de Cristo e dos seus discípulos.

Pouco depois do meio-dia, a senhora foi ao encontro do Nazareno no alto da colina. Marta, ao ver Jesus, lançou-se a seus pés, exprimindo a sua mágoa, ao mesmo tempo que exclamava entre grandes gritos:

- Mestre, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido!

Jesus inclinou-se então e depois de a levantar disse-lhe:

- Tenha fé e teu irmão ressuscitará.

E Marta, que não se atrevera a criticar a aparentemente incompreensível atuação do Mestre, respondeu:

- Sei que ressuscitará na ressurreição do último dia mas agora acredito que nosso Pai Te dará quanto lhe peças.

O Rabi pousou as mãos nos ombros da mulher e, olhando-a fixamente nos olhos, disse-lhe:

- Eu sou a ressurreição e a vida!

As lágrimas continuavam a correr pela face da irmã de Lázaro e Jesus prosseguiu:

- Aquele que creia em Mim viverá, mesmo que tenha morrido. Em verdade te digo que quem viva acreditando em Mim, nunca morrerá realmente. Marta, acreditas nisto?

A mulher fez com a cabeça um aceno afirmativo e, depois de enxugar os olhos, acrescentou:

- Sim, há muito tempo que acredito que és o Libertador, o Filho de Deus vivo... o que tem de vir a este mundo.

Os companheiros de Lázaro continuaram o seu relato, expondo a estranheza do Mestre por não ver Maria junto de sua irmã. A senhora, que recuperara Já o seu comportamento habitual, explicou a Jesus o profundo e doloroso transe que Maria atravessava. E o Nazareno pediu-lhe que a fosse avisar.

Marta entrou novamente em casa e, chamando sua irmã de parte, deu-lhe a notícia da chegada do Mestre.

Os meus interlocutores deviam ter notado a estranheza que eu demonstrava perante esta atitude da irmã mais velha de Lázaro e, antecipando-se aos meus pensamentos, esclareceram:

- Entre as numerosas pessoas que tinham acorrido a esta casa, contavam-se alguns inimigos de Jesus; Marta, procurando evitar qualquer incidente, considerou oportuno não falar em público da recente chegada a Betânia do Rabi. Mais ainda: a sua intenção foi permanecer em casa com os amigos e familiares, enquanto Maria corria à procura de Jesus.

Mas a impetuosa saída da irmã mais nova alarmou os presentes, que a seguiram, pensando que Maria se dirigia ao túmulo do seu irmão. Quando Maria chegou junto do Mestre, igualmente se lançou a seus pés, exclamando:

- Se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido!

O grupo, ao ver Jesus com as duas irmãs, permaneceu a uma prudente distância. Naqueles momentos, enquanto o Rabi as consolava, muitos dos amigos e parentes recomeçaram as suas lamentações e gemidos.

O Sol começara Já a cair para Oeste quando Jesus perguntou a Marta e a Maria:

- Onde está?

A senhora respondeu-lhe:

- Vem e verás.

E as irmãs conduziram-no para a herdade, atravessando o jardim. Quando estavam em frente do grande penhasco, Marta indicou-lhe a laje que encerrava o sepulcro familiar, enquanto Maria - em nova crise de lágrimas - se ajoelhava aos pés do Galileu, soluçando e enterrando o rosto na terra. Fez-se um grande silêncio, e os que estávamos perto do Rabi vimos como os Seus olhos se enchiam de lágrimas, que Lhe corriam pela face. Um dos amigos de Jesus, ao vê-lo chorar, exclamou:

- Vede como lhe queria. Aquele que abriu os olhos aos cegos, não poderia
impedir que este homem morresse?

Mas outros dos ali reunidos, implacáveis detratores do Mestre, aproveitaram aquela oportunidade para ridicularizar Jesus, dizendo:

- Se tinha em tão alta estima este homem, porque não salvou o Seu amigo?
De que serve curar estranhos na Galiléia se não pode salvar os que ama?

Jesus, no entanto, permaneceu em silêncio. Então, levantando Maria, estreitou-a entre os braços, aliviando a sua aflição.

- Que hora era? - perguntei.

- Faltava muito pouco para a nona. Naquele momento, o Rabi, dirigindo-se a alguns dos Seus discípulos, ordenou-lhes:

- Levantai a pedra!

Mas Marta, avançando para o Mestre, perguntou-Lhe:

- Devemos mover a pedra de lado?

Interroguei os amigos de Lázaro sobre o significado daquela pergunta da senhora. Sinceramente, não conseguia compreender. Que quisera ela dizer?

- Marta, tal como os que ali estavam presentes explicaram-me – ela pensou que Jesus desejava ver Lázaro pela última vez. Ainda que todos acreditássemos na ressurreição dos mortos, ninguém (nem sequer Marta) imaginou quais eram, na verdade, as verdadeiras intenções do Rabi.

Por isso, a senhora acreditou que seria suficiente retirar parcialmente a lousa. Desta forma, o Mestre teria podido inclinar-se para a sepultura e contemplar o cadáver do Seu amigo.

A irmã mais velha de Lázaro, no entanto, tentou persuadir Jesus, dizendo-lhe:

- Meu irmão morreu Já há quatro dias... a decomposição do corpo principiou...

Os cinco homens que se preparavam para deslocar a pedra olharam Marta, sem saberem que fazer. Mas Jesus, que se colocara na frente deles, e num tom que não dava lugar a dúvidas, censurou a lógica insinuação da senhora.

- Não lhes afirmei desde o princípio que esta doença não é mortal? Não vim cumprir a Minha promessa? E depois de vos ter visto, não disse que, se acreditásseis, veríeis a glória de Deus? Porque duvidais? De quanto tempo necessitais para crer e obedecer?

Marta olhou fixamente para o Mestre e, num dos seus típicos impulsos, animou os apóstolos e vizinhos de Betânia, que se tinham oferecido para empurrar a pedra, a que abrissem a caverna. O pesado silêncio foi rasgado com o gemido da lousa circular ao roçar pela rocha e pelos entrecortados gritos de encorajamento que proferiam os voluntários, no seu esforço em afastar para o lado o pesado obstáculo. A quarta ou quinta tentativa, a boca do túmulo ficou a descoberto.

O nosso Rabi levantou então os olhos para o azul daquele entardecer e exclamou, de forma a que todos pudéssemos ouvi-lo:

- Pai... agradeço-te que tenhas ouvido a minha súplica. Sei que sempre Me escutas, mas, por causa dos que estão junto de Mim, falo contigo para que acreditem que Me enviaste ao Mundo e saibam que intervéns Comigo no ato que nos preparamos para realizar.

E, logo a seguir, pondo o joelho esquerdo em terra e assomando-se à galeria que conduz à câmara funerária, gritou com força:

- Lázaro!...

- Aproxima-te de mim!

O eco ressoou no interior da caverna, enquanto as quarenta ou cinqüenta pessoas que ali estavam sentiam um calafrio. Alguns mais próximos do Mestre meteram-se no túmulo e distinguiram, na penumbra do fosso, a forma de Lázaro, fortemente envolvido em faixas de linho branco e repousando no nicho inferior direito do sepulcro.

Maria, assustada, abraçou-se a sua irmã. Nunca um silêncio foi tão dramático. Durante um breve espaço de tempo, todos suspendemos a respiração.

Embora muitos de nós tivéssemos sido testemunhas de outros prodígios do Rabi, a palpável e crua realidade daqueles quatro dias de enterramento fazia-nos duvidar.

Que ia acontecer?

Aquele insólito silêncio propagara-se até aos arredores. As primeiras e familiares andorinhas tinham desaparecido do céu e até o forte vento, tão próprio desta época, serenara inexplicavelmente.

De repente, o Mestre deu um passo atrás. Pelas escadas que conduziam à boca da caverna apareceu um vulto. Maria lançou um grito dilacerante e caiu, desmaiada. Instintivamente, todos recuamos.

Um homem coberto por um lençol lutava para sair. Mas as mãos e os pés estavam presos com as faixas e isto dificultava-lhe a marcha. Da surpresa passou-se ao terror e a maioria dos homens e mulheres fugiram pelo jardim, entre gritos e quedas.

Era Lázaro!

Com muita dificuldade, apoiando-se nos cotovelos e nas mãos, aquele vulto foi-se arrastando pelas úmidas escadas de pedra, até chegar aos últimos degraus. Aliás se deteve, ofegante, enquanto um suor frio nos escorria pelo rosto.

Mas ninguém - nem sequer Marta - se atreveu a dar um único passo para o ressuscitado. dirigindo-se à senhora, Jesus compreendeu o nosso pânico, e ordenou que lhe tirassem as faixas e o deixassem andar.

Com os olhos marejados de lágrimas, Marta aproximou-se valentemente, começando por desatar, primeiro, as faixas que lhe oprimiam os pulsos, e a seguir, sem esperar para lhe soltar as ataduras dos tornozelos, rasgou o lençol e deixou a descoberto o rosto de seu irmão. Tinha os olhos muito abertos e a face branca como a cal.

Uma vez liberto, Lázaro saudou o Mestre e os Seus discípulos, interrogando sua irmã Marta sobre o significado daquelas roupas funerárias e por que motivo tinha acordado no jardim. Enquanto a senhora lhe falava da sua morte, enterro e ressurreição, Jesus deu meia volta e, com a sua habitual serenidade inclinou-se, levantando o corpo de Maria.

A moça ainda não tinha recuperado os sentidos e o Mestre esquecendo-se por completo de Lázaro e de nós, levou-a nos braços até casa.

Pouco depois, os três irmãos prostraram-se ante o Rabi, agradecendo-lhe quanto fizera. Mas Jesus, agarrando as mãos de Lázaro, levantou-o, dizendo:

- Meu filho, o que te sucedeu também acontecerá a todos aqueles que creiam no Evangelho, mas ressuscitarão sob forma mais gloriosa. Tu serás a testemunha viva da verdade que proclamei: Eu sou a

ressurreição e a vida. Vamos agora tomar alimento para os nossos corpos físicos.

- Isto é tudo que podemos dizer-te.

Lázaro observava-me fixamente. Suponho que com menor curiosidade do que aquela que eu sentia por ele.

- Se me permite - intervim, dirigindo-me ao ressuscitado -, gostaria de te fazer uma última pergunta.

O amigo de Jesus acenou afirmativamente com a cabeça.

- Que recordação tens daqueles dias em que conheceste a morte?

- Nunca falei disso - respondeu Lázaro -, mas não é muito o que posso dizer-te.

Aquela pergunta e a insinuação do dono da casa surpreenderam o grupo. Curiosamente, ninguém se tinha preocupado em averiguar o que Lázaro tinha visto ou sentido durante os quatro dias em que estivera morto.

- Houve um momento - suponho que no instante da minha morte - em que a minha cabeça se encheu de um estranho ruído... Foi assim como o zumbido de um enxame de abelhas. Depois, não sei por quanto tempo, experimentei uma sensação desconhecida: era como se me precipitasse por um estreito e escuro corredor...

- Quando voltei a abrir os olhos tudo era escuridão . Não sabia onde estava nem o que tinha acontecido. Senti frio nas costas. Apercebi-me então de que jazia num leito de pedra. Tentei pôr-me de pé mas vi que me encontrava amarrado e coberto por uma mortalha. Tentei gritar mas um pano enrolado na cabeça prendia-me fortemente o queixo. Imediatamente, compreendi que estava numa das cavidades subterrâneas que servem para enterrar os nossos mortos. No entanto contrariamente ao que possas crer, não senti medo. Pelo contrário. Uma grande paz se apoderou de mim e, lentamente como pude, fui-me arrastando para a coluna de luz que se avistava ao fundo da câmara. O resto Já conhecem.

Não sei como pôde ocorrer-me mas, de repente, lembrei-me que no relato da ressurreição se tinha mencionado um lençol.

Abusando da tua hospitalidade - expus-lhe -, gostaria de saber se ainda conservas as mortalhas?

- Sim, ainda as tenho.

- Poderia vê-las?

Aquele meu inusitado interesse pela mortalha confundiu os presentes.

Mas Lázaro acedeu, rogando a um dos amigos que a fosse buscar. Minutos depois, o hebreu punha nas minhas mãos um rolo de pano.

Com o auxílio do próprio Lázaro, e a meu pedido, estendemos o lençol de linho em cima da mesa. Providencialmente, as irmãs tinham optado por guardar a mortalha e as faixas, tal como foram retiradas do corpo de Lázaro. E, ainda que a rigorosa lei judaica proibisse todo o contato com cadáveres ou com objetos que, tivessem permanecido

junto de restos mortais de homens ou de animais, a singularidade do acontecimento - que quebrava todos os esquemas legais - e a vontade liberal destes seguidores da doutrina de Jesus tinham feito o possível para que as vestes fúnebres não fossem destruídas e a família as manejasse sem escrúpulos de consciência.

Ao passar uma das candeias de azeite por cima do tecido pude observar um rasgão mesmo no centro do lençol; justamente na parte que devia cobrir a cabeça. Ao examinar atentamente o pano comprovei a existência de umas manchas castanhas causadas por misturas de ungüentos que tinham sido utilizadas no embalsamento.

Como médico, prestei especial interesse à detecção de possíveis sinais ou marcas que pudessem denunciar o processo natural de putrefação. A julgar pelas informações dos meus amigos, Lázaro falecera vinte e cinco dias antes, pelo entardecer do domingo, 5 de Março. Apesar do isolamento da gruta sepulcral, da sua baixa temperatura e da possível ação retardadora dos óleos e dos aloés, a advertência de Marta a Jesus sobre o cheiro do cadáver era, sem dúvida, um sintoma claro de que seu irmão devia apresentar Já, pelo menos, a chamada mancha verde abdominal, primeiro sinal de decomposição. (Esta mancha costuma aparecer vinte e quatro dias depois do falecimento e Lázaro, no momento de abertura do túmulo, devia andar pelas noventa horas de morte.) No entanto, por mais que explorasse a mortalha, não pude encontrar vestígio algum de líquidos provenientes, por exemplo, da ruptura de bolhas na epiderme. O que notei, sim, ao cheirar algumas das áreas do tecido, foi um inconfundível odor sulfídrico, emanação muito própria da putrefação da matéria orgânica. Ainda que não se tratasse, obviamente, de uma prova definitiva, aquilo deu-me uma certa idéia sobre a possível causa da morte de Lázaro, provavelmente, um processo infeccioso, agudo e generalizado. (A título pessoal, e depois da grande viagem, interessei-me por todos os textos, apócrifos ou não, tradições, etc., em que se falasse da sorte que teve Lázaro nos anos seguintes. Os escassos dados que encontrei apontavam para o fato de o amigo de Jesus ter morrido pela segunda vez na idade de sessenta e quatro anos e, curiosamente, como conseqüência do mesmo mal que o levou à sepultura no ano 30. Mas estas informações, logicamente, não puderam ser comprovadas).

O que me atraiu, sim, poderosamente a atenção foi verificar como o testemunho de Lázaro e dos seus amigos se encaixava plenamente na tradição judaica sobre a sua morte. Em geral, os Hebreus acreditavam em a gota de fel na ponta da espada do anjo da morte começava a agir no final do terceiro dia. Ao quarto, portanto, a decomposição do cadáver era Já um fato indiscutível. De acordo com a informação da família de Lázaro, o Mestre recebeu a notícia da grave doença do seu amigo quando este Já estava morto havia onze horas, quer dizer, na manhã de segunda-feira, 6 de Março, Jesus conhecia esta crença judaica sobre a morte, e, sabiamente, esperou até terça-feira para se pôr a caminho,

chegando a Betânia quando os restos mortais de Lázaro estavam Já sem
vida há perto de noventa e seis horas. Tempo mais que suficiente para que todos os judeus que sabiam do falecimento não pudessem duvidar do prodígio que se preparava para consumar.

Nas horas que se seguiram graças a estas e a outras informações, consegui entender, a sua verdadeira medida, por que razão a aristocracia sacerdotal judaica - encabeçada naqueles anos pela saga do ex-sumo sacerdote Anás - procurava a morte de Jesus de Nazaré. Poucas horas receberam ordem de procurar e capturar Jesus onde se encontrasse. Mas a iminente entrada de sábado (pelo entardecer de sexta-feira) salvaria o Nazareno. Ainda que toda a Jerusalém soubesse da presença de Jesus em Betânia, os levitas decidiram aguardar o domingo para executar a ordem de caça e captura. Os amigos do Mestre apressaram-se em comunicar-lhe a grave resolução, insistindo para que fugisse.

(Durante o século I antes de Cristo e o I da nossa Era havia famílias sacerdotais descendentes do ramo saduceu legítimo. (O primeiro e o último dos sumos sacerdotes em funções entre os anos 37 a. C. e 70 d. C. foram de origem saduceia: o babilônio Anane(- dc 37 a 35 antes de Cristo e a partir de 34, pela segunda vez - e Pin Jás de Jabta, o Canteiro, que o foi de 67 a 70 depois de Cristo. Um terceiro sumo sacerdote legítimo ocupou este cargo no ano de 35 a. C.; tratava-se de Aristóbulo.) Os outros vinte e cinco sumo sacerdotes que preencheram estes cento e sete anos procediam, na sua totalidade, de famílias sacerdotais vulgares. Quase todas tinham a sua origem fora de Israel ou da província da Judéia, mas depressa formaram uma nova hierarquia, sumamente poderosa e influente. Destacaram-se especialmente quatro sagas ou clãs que lutaram encaniçadamente por ,colocar os seus homens no pontificado. Entre esses vinte e cinco sumos sacerdotes ilegítimos da época herodiana e romana, nada menos de vinte e dois pertenceriam a essas quatro famílias. Eram as sagas, de Boetos (com oito sumos sacerdotes no seu ativo). Anás (com mais oito), Phiabi (com três) e Kamithá(com mais três sumos sacerdotes). A mais poderosa pelos menos nos começos - foi a família dos Boetos. Era originária da Alexandria e o seu primeiro representante foi o sacerdote Simão. sogro de Herodes, o Grande
(22-5 a.C.). Da extrema dureza deste clã procedia a denominação de betusiano, ou boetusiano, de que Já me tinham falado os amigos de Lázaro. Mais tarde, a família de Anás conseguiu 3 depois da ressurreição de Lázaro, os chefes do Templo - e, naturalmente, o genro de Anás - souberam, minuciosamente, quanto acontecera no cemitério de Betânia. Enquanto a imensa maioria dos amigos do ressuscitado, que tinham sido testemunhas excepcionais do acontecimento dele se faziam arautos, apregoando aos quatro ventos o portentoso sinal do mestre da Galiléia,

outros judeus – uma minoria, ainda que de mau coração - apressaram-se a informar a casta dos fariseus, que gozava então de grande primazia sobre os outros sacerdotes e levitas.

É quase certo que se o milagre tivesse tido lugar noutro momento do ano judaico e não em vésperas da solene Páscoa - e com um protagonista menos abastado e prestigiado entre os dignitários de Jerusalém obra do Rabi talvez tivesse ido engrossar, a título de inventário, a Já longa lista de prodígios. Mas o Nazareno tinha retirado à morte - poder reservado unicamente ao Divino - Lázaro de Betânia. (Demasiado perto, demasiado espetacular e demasiado importante para ser esquecido ou condenado ao silêncio.)

O fato adquiriu tais proporções que - segundo me contaram Lázaro e seus amigos -, Jerusalém sofreu uma comoção. A circunstância de entre os testemunhos da sua ressurreição se contarem alguns membros do Templo e distintos judeus, amigos da família de Lázaro, precipitou ainda mais os acontecimentos. E o Sinédrio, inquieto com a notícia, convocou uma assembléia urgente para uma hora depois do meio-dia de sexta-feira: O tema único podia resumir-se na seguinte frase:

- Que faremos com o impostor?

Ainda que a suprema assembléia de Israel tivesse discutido Já noutras alturas a possibilidade de deter e julgar Jesus de Nazaré, acusando-o de blasfemo e transgressor das leis religiosas, desta vez foi diferente. Um dos fariseus chegou a propor uma resolução para que se decretasse a imediata captura do Galileu e sua execução sem julgamento prévio.

Isto provocou azedas discussões entre os setenta e um membros do Sinédrio, em especial entre alguns ancião sou representantes da nobreza laica (caso de José de Arimatéia) e os fariseus. Aqueles consideravam ilegal e abominável tal decisão.

Depois de duas horas de discussão, e em vista do fraco êxito dos que pretendiam que o processo contra Jesus se desenrolasse sob a mais rigorosa ortodoxia, catorze membros da assembléia judaica levantaram-se, apresentando ali mesmo a sua demissão. Duas semanas depois, quando o Sinédrio aceitou estas demissões , o conselho exonerou dos seus cargos mais cinco destacados membros, com a acusação de refletirem sentimentos de amizade pelo Nazareno. Estas circunstâncias abriram caminho ao Sinédrio, que tomou a decisão quase unânime de prender e justiçar o Mestre.

Lázaro e sua família não se enganavam ao crer que a sorte de Jesus estava lançada. O ódio do Sinédrio contra o Rabi era tal, que naquela mesma tarde de sexta-feira, 10 de Março, os guardas do Templo supremacia. Este manteve-se no cargo durante nove anos (de 6 a 15 d. C.). Depois sucederam-lhe os seus cinco filhos, seu genro Caifás (de 18 a 37 d. C., aproximadamente) e seu neto Matias (ano 65 d. C.). (IV. do M.)

Mas Jesus não fez caso e continuou em Betfagé até à manhã de domingo 12 de Março. Depois de se despedir de Lázaro e de suas irmãs, o Rabi e o seu grupo partiram para o seu acampamento da cidade de Péla. Poucos dias depois da marcha do Mestre, o ludibriado Sinédrio centrou as suas iras no ressuscitado. Lázaro e sua família foram convocados a depor em Jerusalém e os sacerdotes tiveram de render-se à evidência do milagroso ato de Jesus. Neste sentido, o testemunho do médico do templo, Ben Ajua, que tinha assistido ao vizinho de Betânia durante a sua fulminante doença e comprovado com os próprios olhos o ritual do embalsamamento, foi decisivo. No entanto, o pérfido coração de Caifás e dos seus partidários ordenou que se registrasse nos arquivos do Sinédrio que aquele prodígio tinha a sua origem no maléfico poder do príncipe dos demônios, aliado do Rabi da Galiléia.

Esta ressurreição - insisto -, longe de abrir a alma dos representantes religiosos do povo hebreu, envenenou ainda mais os seus sentimentos contra Jesus. O sumo sacerdote e os chefes do Templo encarregaram-se de convencer o
resto do tribunal de que, seguindo por aquele caminho, todo o povo de Jerusalém acabaria por acatar a doutrina do Galileu, podendo conduzir a nação a uma catástrofe. De certo modo, o Sinédrio tinha razão, Já que muitos hebreus - entre os quais figurava boa parte dos seus próprios discípulos - consideravam o Messias como um libertador político, um revolucionário, que expulsaria os Romanos de Israel.

Foi precisamente numa daquelas reuniões do Sinédrio segundo me informou Nicodemo - que Caifás aludiu, pela primeira vez, ao antigo adágio judeu, repetido mais tarde, e que rezava:

- Mais vale ver morrer um homem, que ver perecer uma comunidade.

Mas os problemas da suprema assembléia de Israel não terminavam em Jesus. O Sinédrio ganhara perfeita consciência de que era mister eliminar também Lázaro. Que conseguiam prendendo e executando o Mestre, se continuava com vida o máximo expoente do Seu poder?

A popularidade do ressuscitado alcançara tal grau que Caifás e os fariseus decretaram igualmente a eliminação de Lázaro.

Apesar de ter solicitado vários esclarecimentos a Lázaro a suas irmãs e ao próprio grupo de Jesus sobre a cidade para onde fora o Mestre depois da ressurreição do Seu amigo, todos coincidiram em Péla. Isto desorientou-me, pois que, no texto evangélico de São João (11, 54-55) se fala de outra localidade: Efrém – a atual et-Taiybe -, situada a uns dezenove quilômetros em linha reta, a nordeste de Jerusalém.

O deserto, propriamente dito, estendia-se entre a referida cidade e o rio Jordão . Esta zona montanhosa recebe hoje o nome de el-barriyeh, o deserto. A cidade de Péla ou Péla é citada por Flávio Josefo, na sua obra Guerra dos Judeus (livro III), como uma das povoações situadas ao norte da região da Pereia, na margem do Jordão , e relativamente

próxima de Filadélfia (mais a leste), onde terminou por refugiar-se Lázaro, escapando à perseguição dos Judeus. (N. do M.)

* O nome de Lázaro, para cúmulo. significa etimologicamente, Deus socorreu. Isto foi tomado entre muitos judeus como um novo sinal a favor de Jesus. (N. do M.)

Os planos do Sinédrio acabaram por transpirar e o amigo de Jesus foi informado com todos os pormenores. Esta dramática situação mergulhara a família de Betânia numa permanente angústia. Começava agora a compreender a sua natural desconfiança quando, poucas horas antes, eu tinha solicitado falar com Lázaro...

Talvez, em minha opinião, outro dos graves erros do Sinédrio fosse não prender primeiro o ressuscitado. Ao verificarem que Jesus tinha desaparecido, os sacerdotes esqueceram temporariamente Lázaro e deram ordens expressas a Yojanan ben Gudgeda, porteiro-chefe, como aos restantes levitas, ou guardas ao serviço do Templo, para que, caso fizesse ato de presença, o Nazareno fosse imediatamente capturado.

Um dos comentários mais repetidos naqueles dias antes da celebração da Páscoa - e que eu tivera de escutar desde a minha chegada a Betânia - era, precisamente, se o Nazareno teria a coragem suficiente para ir a Jerusalém e celebrar, como todos os anos, os sagrados ritos. Este rumor popular desorientara os sacerdotes, até ao extremo de passarem o problema Lázaro a segundo plano.

Assim decorreu o meu primeiro encontro com o amado amigo de Jesus, interrompido, finalmente, pela entrada de Marta na sala. Numa bandeja de madeira ofereceu-me um refresco, que novamente agradeci, com todo o meu coração. Depois do relato dos hebreus que me acompanhavam, a minha admiração pela senhora aumentara sensivelmente.

E suponho que ela, com a sua grande intuição feminina, o devia ter notado. Ao entregar-me a comida, Marta baixou os olhos, corando.

- Rogo-te, irmão Jasão - falou Lázaro -, que hajas por bem aceitar este humilde alimento. Sabemos que necessitas dele. E suplico-te igualmente que te consideres em tua casa. Esta noite, e de quantas precises, este ser o teu teto...

Tentei dissuadi-lo, mas foi inútil. Lázaro e os seus amigos tinham descoberto que - na verdade - a minha atitude era límpida e nobre.

As emoções do dia tinham-me aberto o apetite e, ante a mirada compadecida dos meus novos amigos, não tardei em dar boa conta do trigo tostado, dos figos secos, das tâmaras, do mel e da tigela de leite de cabra que foram a minha ceia.

Bem Já noite, o próprio Lázaro me guiou até uma das salas do andar de cima. Nela fora armado um catre dos chamados de tesoura, com uma cama de pano e cordas entrelaçadas. A armação da cama fora construída à base de dois alizares de madeira de pinho, cada um deles solidamente amarrado a duas pernas que se cruzavam em forma de aspa e que não se erguiam a mais de quarenta centímetros do solo.

Como mobiliário, o reduzido quarto retangular (de 1,80 m por 2,50 metros) apresentava uma grande arca de sólida madeira de acácia (a mesma que deve ter servido para construir a lendária Arca da Aliança), de um metro de altura. Em cima, Marta colocara as minhas sandálias, muito bem lavadas, uma bacia, uma jarra de metal com água, um lenço e um pequeno ramo de alecrim, de fragrantes flores azuladas.

Na cabeceira do leito, suspensa da parede branca e a curta distância do chão de tijolo vermelho, estava acesa uma singela candeia de azeite em forma de concha.

Ao fechar a porta, e ficando sozinho, assomei à estreita fresta que fazia as vezes de janela e os meus olhos encheram-se de lágrimas, ao contemplar aquela legião de estrelas iguais à que costumava ver no deserto de Mojave. Depois de uma longa ligação com o módulo, caí extenuado no catre. Na realidade, a minha agitada exploração ainda mal começara.

31 DE MARÇO, SEXTA-FEIRA

Durante a madrugada, fui despertado por um som rouco e monocórdio. Ao chegar à janela, verifiquei, surpreendido, que aquele som parecia sair de toda a aldeia. Não o consegui explicar. Depois de uma rápida lavagem, estabeleci contato com o berço, mas também Eliseu não me soube dar informação a esse respeito.

Intrigado, desci as escadas de pedra que conduziam ao pátio central da herdade. Ao chegar às pilastras, aquele irritante ronronar aumentou. Notei que vinha da sala onde tinha permanecido boa parte da tarde anterior e para ali me encaminhei. O fogo da lareira erguia-se vigoroso de lenhos recentemente depositados no fundo da chaminé. Junto do muro circular do fogão, Marta e uma das servas procediam com ímpeto ao moer do trigo, sobre uma pedra muito parecida com as que eu vira na manhã anterior, na minha descida pela encosta sul do monte das Oliveiras. Diferindo daquelas, este triturador era negro e muito polido. Ao aproximar-me das mulheres e ao saudá-las verifiquei que se tratava de uma pedra basáltica de quase meio metro de comprimento e trinta centímetros de largura, muito gasta na parte superior, como conseqüência da diária e vigorosa fricção. Num instante, as minhas dúvidas se dissiparam. E, a partir daquele dia, aprendi a identificar o quotidiano despertar de Betânia e da própria Jerusalém com
aquele som obrigatório e generalizado em todas as casas - poderosas e humildes da moenda do trigo. Como me contaram os anciãos da aldeia de Lázaro, se algum dia se deixasse de ouvir o barulho da mó, convertendo o trigo em farinha, era por que a ruína e a desolação - como escrevera Jeremias tinham chegado a Israel.

Naturalmente, não tinha sido eu o primeiro a levantar-me. Desde muito antes do amanhecer, as mulheres da casa afadigavam-se Já nas tarefas domésticas. Enquanto Marta se encarregava da compra do pão

no forno comunal da aldeia, Maria e outras moças traziam água e acabavam de limpar a casa. Os homens, por seu lado, ultimavam os preparativos para o duro trabalho nos campos. O pai Lázaro – rico lavrador deixara a seus filhos terra suficiente para viverem sem dificuldades, permitindo folgadamente em cada colheita que os pobres pudessem recolher um dos cantos dos seus campos, tal como ordenavam os velhos preceitos.

Quando entrei na sala de jantar, a diligente e incansável Marta preparava a farinha para cozer umas pequenas tortas sem levedura. Ao ver-me, levantou-se, pedindo que desculpasse o irmão. Lázaro tivera de acompanhar os seus trabalhadores até um dos campos próximos, onde se andava a trabalhar no que chamavam a semeadura tardia, quer dizer, na cultura de produtos como o milho, sésamo, lentilhas, melões, etc, e que, necessariamente, tinham de se plantar entre
Janeiro e Março.

Antes que eu pudesse reagir, Marta suplicou-me que me sentasse à mesa. Num abrir e fechar de olhos pôs diante de mim uma larga escudela de madeira na qual verteu leite quente. Sempre em silêncio, enquanto a sua companheira continuava a triturar o trigo, cortou várias fatias de uma fogaça de pão escuro, que, possivelmente, pesaria mais de três libras. Duas generosas porções de queijo e mel completaram o meu pequeno-almoço.

Desde a terceira hora (as nove da manhã, aproximadamente) que grupos de peregrinos provenientes da Galiléia, de Pereia, velhos conhecidos da família, parentes de Jerusalém e muitos curiosos tinham chegado até às portas da casa de Lázaro. Como quase todos os dias, aqueles hebreus tinham aproveitado a sua forçada presença na Cidade Santa para se distraírem, vendo e ouvindo o ressuscitado. Ao vê-los sentados no jardim e invadindo, mesmo, o átrio e pátio central, senti uma certa raiva. Pois Lázaro não reparava que a maioria daqueles indivíduos só procurava um motivo para mexericos?

Compreendi que o paciente amigo de Jesus preferira sair dali...

Ao consultar Marta sobre o caminho que devia seguir para encontrar seu irmão, a senhora abandonou gentilmente os seus afazeres e rogou-me que a seguisse pelo espaçoso jardim situado nas traseiras da casa, e onde se alinhavam numerosas árvores de fruto. Ainda não tínhamos andado trezentos passos quando, ao desembocar num pequeno terreiro, parei em sobressalto. Na minha frente erguia-se um enorme penhasco de calcário. Junto daquela mole acinzentada, salpicada nalgumas das suas gretas superiores pelos ninhos de barro das primeiras andorinhas, distingui uma pedra circular.

Marta compreendeu o motivo da minha surpresa e, com um gesto de mão, convidou-me a aproximar-me do sepulcro familiar.

Em silêncio, inspecionei a tampa da boca da caverna. Tratava-se de uma lousa perfeitamente lavrada, de um escasso metro de diâmetro e apenas trinta centímetros de grossura. Aquela pedra, muito

semelhante às mós de um moinho, constituía o fecho de uma entrada, a julgar pelas dimensões, era bastante estreita. A parte da frente do penhasco, numa superfície de dois metros - a partir do solo - por mais três metros de largura fora esculpida à maneira de fachada e rebocada de branco.

Eu sabia que retirar a lousa constituía uma falta de respeito pelos mortos. Assim, sem fazer comentário algum, esqueci aquele impulso que me levava a pedir à irmã de Lázaro que me permitisse deslocar a rocha. Por outro lado, o mais provável é que, ainda que Marta tivesse consentido, nem ela nem eu juntos teríamos sido capazes de mover aqueles trezentos ou quinhentos quilos que a tampa do sepulcro devia pesar.

Minutos depois, saía do jardim, metendo por uma das caminhos que ia na direção Oeste e que, segundo a senhora, me levaria ao encontro de seu irmão. Aquelas horas da manhã a temperatura era ainda fresca, dez graus centígrados e um moderado vento de norte de dez nós, confirmaria Eliseu. Na noite anterior, o equipamento especial do berço à base de um feixe de luz laser - tinha detectado uma barreira de nuvens tormentosas (cumulonimbos) com cerca de trezentos quilômetros de extensão, que se levantava a três mil pés sobre o perfil da costa fenício-israelita.

De momento, estas ameaçadoras nuvens de desenvolvimento vertical pareciam travadas no seu avanço para Jerusalém por uma corrente de ar frio proveniente de norte.

Não ponha de parte, no entanto, anunciou-me o meu companheiro que possam alterar-se as condições e que em vinte e quatro ou quarenta e oito horas se registrem chuvas na nossa área. Envolvi-me na chlamys e prossegui pelo caminho tortuoso, entre os campos ondulantes de cevada. Alguns camponeses tinham iniciado Já a ceifa. Os ceifeiros apanhavam os caules com a mão direita e com a outra cortavam-nos a pouca distância da base das espigas. As foices consistiam em pequenas folhas curvadas de ferro, solidamente fixadas com rebites a uma pega de madeira. A debulha fazia-se numa eira próxima do caminho. As mulheres carregavam as paveias, espalhando-as no chão.

Depois, separavam o grão de palha, ou à mão ou com a ajuda dos bois.

Neste último caso - o mais freqüente, segundo pude comprovar os animais pisavam a cevada. Depois, os homens passavam a debulhadora por cima, puxada pelos bois. As mais vulgares eram construídas com uma tábua lisa, em cuja face inferior tinham sido cravados pequenos pedaços de pederneira, outras eram simples rolos, também de madeira.

Numa segunda operação, as mulheres afastavam a palha, amontoando o grão e guardando-o, finalmente, em sacas. Vários asnos e alguns carros se encarregavam do seu transporte até à aldeia, onde era despejado para grandes silos ou grandes vasilhas de barro, como as que tinha visto em casa de Lázaro.

Não tardei a encontrar o ressuscitado e os seus trabalhadores. Lázaro alegrou-se ao ver-me, mas recusou logo a minha idéia de os ajudar nos trabalhos de semeadura. Encontrávamo-nos em plena batalha dialética quando alguns dos servidores nos chamaram a atenção. Vindo da aldeia aproximava-se um cavaleiro.

Lázaro colocou a mão esquerda à maneira de viseira e observou atentamente. De repente, sem fazer o menor comentário, soltou o saco das sementes que lhe pendia do ombro e foi a correr direito à caminho. O cavaleiro chegou a trote junto do seu amigo e, desmontando, abraçou Lázaro. Um instante depois, voltou a montar, afastando-se na direção de Betânia. O ressuscitado fez sinais para que me aproximasse. Ao chegar junto dele o seu rosto parecia iluminado.

- O Mestre vem - largou-me a novidade com uma incontrolada alegria. - Poderás enfim conhecê-lo... Vamos, temos muito que fazer.

- Mas... onde está?... Já chegou? - comecei eu a perguntar-lhe, atabalhoadamente, enquanto o ia seguindo. Mas Lázaro não me respondeu.

Antes que pudesse raciocinar, tinha-me ganho uma dianteira de meia centena de metros. Apesar da sua aparente fraqueza, corria como um gato selvagem.

Ao entrar em casa, notei que a notícia agitara a família e os seus amigos. Marta, principalmente, corria de um lado para o outro, sorridente e nervosa. Ao ver-nos, abraçou-se a Lázaro, confirmando-lhe a boa nova:

- Vem... Jesus vem!...

O irmão tentou serená-la, perguntando-lhe alguns pormenores.

- Dizem que está a uns dez estádios de Betânia acrescentou a senhora.

Fiz um rápido cálculo mental. Aquilo significava que o Rabi se encontrava a uns 1860 metros da aldeia. Posso jurar que, apesar da minha intensa preparação, dos longos anos de treino e da minha condição de cético, a família de Lázaro conseguiu transmitir-me o seu nervosismo. Sem o poder evitar, um calafrio percorreu-me a coluna vertebral. Inexplicavelmente, a minha garganta ficara seca. Mas, num esforço para me acalmar, atribui-o à louca correria pelos campos (uma vez mais me enganava...)

Seguindo os conselhos de Lázaro, permaneci em casa. A minha primeira intenção foi sair ao encontro do Nazareno, mas o ressuscitado sugeriu-me que era muito melhor esperá-lo ali.

- Ele vem sempre a nossa casa... Além disso - insinuou -, a notícia Já terá chegado a Jerusalém, e, dentro em pouco, não se poder andar pelas ruas de Betânia.

- Então - comentei com preocupação -, o Mestre aceitou o desafio e passar a Páscoa na Cidade Santa...

O meu amigo não quis responder. No entanto, adivinhei no seu olhar uma sombra de preocupação. Eles pressentiam que aquela podia

ser a última Páscoa de Jesus de Nazaré... Nem é preciso dizer que o sumo sacerdote e os seus sequazes podiam estar informados da presença do impostor na aldeia vizinha. E isso, como muito bem sabiam Lázaro e suas irmãs, era perigoso.

Pouco depois da nona hora - talvez fossem as quatro ou quatro e meia da tarde -, a agitação entre as numerosas pessoas que se encontravam no pátio em claustro da casa aumentou subitamente.

Marta e Maria precipitaram-se para o átrio e desapareceram entre os grupos de homens e mulheres que, praticamente, obstruíam a entrada principal. O meu coração bateu mais depressa. Ouvia-se lá fora um som de vozes, gritos e saudações. Sem saber a razão, senti medo. Recuei uns passos, ocultando-me atrás de uma das colunas da ala direita do pátio. As palmas das minhas mãos tinham começado a suar. Carreguei dissimuladamente na orelha e, em voz baixa, informei Eliseu da iminente chegada de Jesus.

Poucos minutos depois, os criados, amigos e familiares de Lázaro foram-se afastando e um grande grupo de homens entrou no pátio. De repente, entre risadas, beijos, mantos multicores, os meus olhos ficaram presos num indivíduo que muito sobressaía dos outros... Aquele tinha de ser Jesus!

A Sua extraordinária estatura - num primeiro instante calculei um pouco mais de um metro e oitenta - convertia-o, ao lado da quase totalidade dos que ali estavam reunidos, num gigante. Trazia um manto cor de tijolo, que lhe cingia o tórax, com as pontas enroladas em volta do pescoço e caindo sobre uns ombros largos e poderosos. Uma comprida túnica branca de amplas mangas cobria-o quase até aos artelhos. Não Lhe vi faixa ou cinturão algum. A envolver-lhe a testa, trazia um lenço branco, que lhe caía do lado direito do cabelo.

Nem sequer no instante da inversão da massa do módulo, naquela noite de 30 de Janeiro de 1973, experimentei uma aceleração cardíaca como a que estava a suportar naqueles momentos.

O Gigante caminhou devagar até ao centro do pátio. O seu braço direito apoiava-se no ombro de Lázaro. À sua volta, Marta e Maria gesticulavam e davam palmas, entre o alvoroço geral.

Era, sem dúvida, um homem branco, de rosto comprido e estreito, próprio dos povos caucasianos. O cabelo liso e de um tom ligeiramente de caramelo, caía-lhe sobre os ombros. Pouco depois, ao soltar-se a faixa de pano que trazia enrolada na testa, e que quase todos os homens do grupo usavam, verifiquei que se penteava com risca ao meio.

Usava bigode e uma fina barba, partida em duas, cor de ouro-velho, semelhante aos cabelos. O bigode, ainda que pronunciado, não chegava a esconder os lábios, relativamente finos. O nariz desconcertou-me.

Era comprido e ligeiramente proeminente. Desde a sua entrada em casa, Jesus não tinha deixado de sorrir,mostrando uma dentadura

branca e impecável, muito diferente da que apresentava a maioria dos Hebreus.

O Mestre foi sentar-se à beira da piscina central, num dos tamboretes que alguém trouxera da casa de jantar. Os homens, mulheres e crianças juntaram-se à sua volta. Os raios de sol incidiram então no seu rosto e fiquei maravilhado. O contraste com aquelas caras endurecidas, semeadas de rugas e envelhecidas dos seus amigos e discípulos era simplesmente admirável. A sua pele parecia curtida e bronzeada.

Timidamente, pus-me atrás de um pilar e espreitei. Jesus, a pouco mais de quatro ou cinco metros, levantou repentinamente o rosto e penetrou-me com o Seu olhar. Uma espécie de fogo me percorreu as entranhas. Ante a surpresa geral, o Rabi levantou-se, abrindo passagem entre as pessoas que tinham começado a sentar-se nos tijolos vermelhos do pavimento. Os joelhos começaram a tremer-me. Porém, Já não era possível escapar. Aquele Gigante estava na minha frente...

Nunca esquecerei Aquele olhar. Os olhos do Galileu ligeiramente rasgados e de uma viva cor de mel - tinham uma virtude singular: pareciam concentrar toda a força do Cosmos. Mais do que observava, trespassava. Umas pestanas compridas e densas proporcionavam-lhe um especial atrativo. A testa, ampla, terminava numas sobrancelhas retas e bem separadas. Não pestanejou. A sua face, serena e francamente iluminada pelo sol, infundia um estranho respeito.

Levantou os braços e, pousando uma das mãos compridas e macias nos meus ombros, sorriu, ao mesmo tempo que me piscava o olho. Um inesperado calor me inundou dos pés à cabeça. Tentei corresponder ao Seu gesto mas não pude. Estava confuso e aturdido, comovido...

- Sê bem-vindo...

Aquelas palavras, pronunciadas em grego, acabaram por me desarmar. Havia tal segurança e afeto na Sua voz que precisei de muito tempo para reagir.

O Rabi voltou para junto da cisterna, enquanto os Seus amigos O contemplavam num mutismo total. Alguns dos discípulos quebraram por fim o silêncio e perguntaram ao ressuscitado quem eu era.

Lázaro, com evidente satisfação, explicou-lhes que era seu convidado. Um
estrangeiro chegado expressamente de Tiro para conhecer Jesus. Eu permaneci imóvel - como que petrificado -, tentando pôr em ordem os meus pensamentos. Não pode ser, repetia para comigo uma e outra vez. É impossível que tenha adivinhado... Como pode ser?...

Por mais voltas que desse, chegava sempre à mesma encruzilhada. Se ninguém Lhe falara de mim - porque haviam de o fazer? -, como podia saber quem era e porque estava ali? No pátio havia meia centena de pessoas. Muitas conhecia - isso era claro -, mas outras não. Era este o meu caso e, no entanto, encaminhara-se para mim...

Nunca, nem sequer agora, quando escrevo estas memórias, tive a certeza, mas só um ser com um poder especial poderia ter atuado assim.

Para que vou mentir. O resto da tarde foi para mim como um relâmpago que rasga os céus de oriente a ocidente. Quase não me apercebi de nada. Sei que Marta, tal como fizera comigo, lavou os pés do Nazareno e os esfregou com mirra. Lembro-me vagamente - entre saudações constantes - como Jesus saiu de casa, acompanhado por Lázaro e por numeroso grupo. Marta me informaria depois que as dependências da casa estavam completamente ocupadas pelos amigos e familiares chegados a Betânia e que - de comum acordo com Simão, um
ancião inseparável do Mestre e velho amigo da família – Jesus pernoitaria na casa deste antigo leproso.

De início, muitos dos habitantes de Betânia e dos peregrinos chegados à aldeia discutiram entre si, acreditando que o Rabi entraria nessa mesma tarde de sexta-feira em Jerusalém, como desafio ao decreto de prisão que o Sinédrio promulgara. Mas enganavam-se. Jesus e a Suas pessoas prepararam-se para passar a noite em casa de Simão, bem como noutros lares de amigos e parentes da família de Lázaro. Todos – essa é a verdade - fizeram o possível para que o Mestre se sentisse feliz durante a sua passagem pela pequena povoação.

Segundo Marta, Simão quisera receber condignamente Jesus, e anunciara um grande banquete para o dia seguinte, sábado. Isto significou um novo esforço em ambas as casas, Já que - de acordo com as rigorosas prescrições da Lei judaica - o dia sagrado para os Hebreus começava, precisamente, no crepúsculo do dia anterior.

Durante o resto da jornada, o Mestre da Galiléia recebeu uma infinidade de amigos e visitantes, com todos conversando. Pelo anoitecer, Jesus regressou a casa de Lázaro e ali, na companhia dos seus íntimos e da família do ressuscitado, recompôs as forças,mostrando-se de um humor excelente.

Lázaro pediu-me que os acompanhasse. Os homens tomaram lugar em volta da grande mesa retangular da casa-de-jantar e as mulheres - dirigidas por Marta - começaram a servir. Num primeiro momento, fiquei prudentemente junto da chaminé. Mas Lázaro insistiu e vi-me obrigado a partilhar com eles as abundantes iguarias: caça, feijões, legumes, frutos secos e vinho. Surpreendeu-me comprovar que em nenhuma das comidas se bebia água. Esta era substituída habitualmente pelo vinho.

Antes de começar a tardia ceia, o Mestre e as catorze ou quinze pessoas que compartilhavam os alimentos puseram-se de pé, entoando um breve cântico. Fiz o mesmo, embora ficasse logicamente em silêncio. Ao terminar, Marta - numa das apressadas idas e vindas - explicou-me que aquele hino, intitulado Ouve, Israel, era na realidade uma oração. Surpreendeu-me ver como o Rabi, apesar das suas públicas e

acentuadas diferenças com os doutores da Lei, respeitava os velhos costumes do Seu povo. Não sei se mencionei que o Mestre fizera gala, durante toda a tarde, de um contagioso sentido de humor, rindo e gracejando por qualquer coisa. Aquilo ia ser - pelo menos nos dias que antecederam sexta-feira, 6 de Abril - outro dos aspectos com que Ele me surpreendeu. Que longe estava daquela imagem grave, atormentada e distante que se deduz ao ler muitos dos livros do século XX!... Jesus de Nazaré era uma mistura de criança e de general; de ingênuo pastor e de conscienciosо analista; de homem que vive o dia-a-dia e de prudente conselheiro. Mas, principalmente, notava-se que era feliz. Muito mais alegre e despreocupado que os seus discípulos e amigos, visivelmente assustados pelas ameaças do sumo sacerdote. A seguir, Jesus - que presidia à mesa, junto de Lázaro -tomou a Seu cargo uma fogaça de pão e, segundo o Seu costume, partiu-a e distribuiu pelos comensais.

Mal tínhamos começado a comer quando, de repente, o Mestre se dirigiu a um dos homens do grupo. Ao tratá-lo pelo seu nome, o coração deu-me um baque. Era Judas Iscariotes!

O discípulo levantou-se lentamente e, aproximando-se do Rabi, entregou-lhe qualquer coisa. Depois voltou ao seu lugar. Fiquei como que hipnotizado, contemplando aquele indivíduo fraco e esgrouviado, com um pouco mais de um metro e setenta de estatura e cabeça pequena. O nariz aquilino destacava-se numa pele pálida, quase macilenta, dando-lhe o clássico perfil de pássaro que eu estudara na classificação tipológica de Ernest Kretschmer. (O grande psiquiatra ter-se-ia sentido muito satisfeito ao saber que a sua definição do tipo lisossômico coincidia plenamente, neste caso, com o temperamento esquizotímico de Judas: sério, introvertido, reservado, pouco sociável e até tortuoso. A verdade é que, conforme fui conhecendo o caráter deste homem, me apercebi de que se tratava na realidade de um grande tímido, que não tivera oportunidade de desenvolver o seu imenso potencial afetivo.) O cabelo negro, fino e abundante contrastava com um rosto praticamente imberbe. Ao aproximar-se de Jesus notei que a sua túnica, em vez do simples cordão ou cinto, estava presa na cintura com um hagoraháou faixa escura, de onde retirara aquela pequena bolsa de couro. Segundo parecia, pelo que pude ir observando, a mencionada faixa servia, principalmente, para guardar dinheiro ou pequenos objetos, além das armas. Judas trazia uma pequena espada, presa na ilharga direita. Naqueles instantes, no entanto, não me apercebi de um fato singular: tal com Judas Iscariotes, outros discípulos também escondiam espadas por baixo dos seus mantos e hagorahs.

O Rabi pediu às irmãs de Lázaro que se aproximassem dEle. Maria foi a primeira a deixar os afazeres a que estava entregue junto do fogão, colocando-se num dos cantos da mesa, perto do Galileu. Dali a pouco entrava Marta, enxugando as mãos no avental. A luz de uma das duas grandes candeias ou lanternas portáteis que tinham sido colocadas em cima da mesa punha em evidência o atraente perfil de Maria. Uma

espessa cabeleira, negra e cuidadosamente penteada, caía-lhe pelas costas, quase até à cintura. Na testa, Maria, prendendo parte do cabelo, usava uma faixa azul-celeste que sobressaía na sua pele azeitonada. Tinha as feições pequenas e delicadas, próprias dos seus dezesseis ou dezessete anos. Nem uma só vez tinha conseguido falar com ela e, não obstante, os seus enormes olhos negros revelavam um coração singularmente sensível. Jesus pôs a bolsinha nas mãos de Maria e, dirigindo-se a ambas, pediu-lhes que aceitassem aquela pequena oferta. Enquanto Maria se ruborizava, Marta, invadida pela curiosidade, arrebatou o presente das mãos de sua irmã abrindo-o com rapidez. Do meu lugar mal consegui ver uns grânulos. Soube depois que se tratava de sementes de bálsamo, compradas pelo próprio Rabi na sua passagem por Jericó.

Ante o regozijo geral, Maria - sempre em silêncio - aproximou-se de Jesus dando-lhe dois sonoros beijos na cara. Pouco a pouco, no entanto, o tom alegre e despreocupado da refeição foi decaindo, por obra e graça de alguns dos homens de Cristo. Saltava aos olhos que estavam seriamente preocupados com a direção que iam tomar os próximos passos do seu Mestre e que eles, não oferecia qualquer dúvida, ignoravam totalmente. Não tardou em vir à tona a questão da ordem de captura de Jesus por parte do sumo sacerdote, e as medidas que deviam ser adotadas para salvaguardar a segurança do Rabi, em primeiro lugar, e do grupo, ao mesmo tempo.

Um dos mais fogosos e radicais era um discípulo de barba grisalha, bigode rapado, calvo, praticamente, e de olhos claros. A cabeça redonda destacava-se de um pescoço grosso. Aquele homem de cara toda enrugada - considerei que era um dos mais idosos (talvez andasse pelos quarenta ou quarenta e cinco anos) - não era partidário da entrada em Jerusalém. Temia, logicamente, pela vida do Rabi e procurou, por todos os meios ao seu alcance, convencer o grupo do perigo de tal ação.

Simão Pedro pertencia também ao tipo pícnico, que Kretschmer cita: cara larga, branca e arredondada. O seu rosto, visto de frente, lembrava um escudo. A testa era ampla, conservando algum cabelo nas zonas temporais. No entanto, Pedro não apresentava uma excessiva obesidade. A sua caixa torácica, bem como ombros e braços, era forte e musculosa, própria de uma vida consagrada ao rude trabalho da pesca.

No que realmente coincidia com a classificação de Kretschmer era no seu temperamento ciclotímico: aberto espontâneo, de amizade rápida e com grandes oscilações no seu estado de humor. Pela sua grande capacidade de sintonização afetiva era fácil de contagiar, tanto pela alegria como pela tristeza. E tive muitas probabilidades para o confirmar. Em suma, Pedro era muito sociável e bem aceito pelo resto do grupo. (N. do M.)

Jesus assistiu impassível e sério a toda a discussão. Deixava falar uns e outros, sem pronunciar palavra. Até que, num momento mais

tenso da controvérsia, o Mestre deixou ouvir a Sua voz grave. E, dirigindo-se ao apóstolo de olhos claros, sentenciou.

- Pedro, ainda não entendeste que nenhum profeta é recebido pelo seu povo e nenhum médico cura aqueles que o conhecem?

Depois, fixando aqueles olhos de falcão nos meus, acrescentou:

- Se a carne foi feita por causa do espírito é uma maravilha. Se o espírito foi feito por causa do corpo, é a maravilha das maravilhas. Porém, Eu maravilho-Me com isto: como esta grande riqueza se instalou nesta pobreza?

Um silêncio denso pairou na sala. E o Mestre, levantando-se, retirou-se para descansar. Naquela noite, e nas seguintes, os discípulos - temerosos de tudo e do leproso – montaram guarda, aos pares, às portas da casa de Simão, de todos

Tanto Judas Iscariotes como Pedro, seu irmão André Simão, conhecido pelo Zelota e os surpreendentes irmãos gêmeos Judas e Tiago de Alfeu iam armados com espadas curtas praticamente iguais aos gládius dos legionários romanos: Hispânicus, ou espada espanhola, como a definiu Políbio. Eram armas de sessenta a setenta centímetros de comprimento, de folha larga e duplo fio, com uma ponta que as tornava temíveis.

Os discípulos de Jesus procuravam escondê-las por baixo dos mantos - geralmente na ilharga direita - e dentro de uma bainha de madeira. Jesus não ignorava que alguns dos Seus mais próximos adeptos traziam armas. No entanto, salvo no triste momento da Sua prisão, na noite de sexta-feira, na herdade de Getsémani, nunca as mencionou ou censurou.

1 DE ABRIL, SÁBADO

Diferindo dos restantes dias, aquele amanhecer de sábado não foi despertado pelo barulho da moenda do grão. A aldeia parecia adormecida, estranhamente silenciosa. Os Hebreus - amos, servos e mesmo os seus animais de carga – paralisavam praticamente a vida a partir daquilo que eles denominavam a vigília do sábado quer dizer, desde o crepúsculo de sexta-feira. A Lei proibia todos os trabalhos mais pesados as grandes deslocações, fazer amor, tirar água dos poços e até acender o lume... Aquelas pesadas normas de origem religiosa transtornam por completo o ritmo diário da vida social dos Judeus. E o que em princípio devia ser um motivo de alegria e repouso acabou por deformar-se, convertendo-se num emaranhado código de disposições, na sua maioria absurdas e ridículas.

Lázaro e sua família seguindo o exemplo de Jesus, adotavam uma posição muito mais liberal.

Naquela mesma tarde teria oportunidade para verificar os muitos desgostos e dores de cabeça que tinham em conseqüência da sincera observância da doutrina que o Rabi da Galiléia vinha pregando.

Apesar de tudo, fiquei francamente surpreendido ao ver - desde as primeiras horas da manhã - um incessante movimento de gente que, proveniente de Jerusalém e do acampamento erguido junto das suas muralhas, pretendia saudar Lázaro e o homem que fora capaz de desafiar o grande Sinédrio. Segundo as minhas informações, um dos preceitos sabáticos especificava que o homem da casa devia dar três ordens quando começava a escurecer, quer dizer, na recolha do dízimo. Por último o chefe tinha de ter separado o dízimo. Haveis disposto o erub. A família devia ordenar que se preparasse a candeia.

Pois bem, se a distância de Jerusalém a Betânia era de uns quinze estádios (quase três quilômetros), como é que aqueles judeus não respeitavam uma das normas mais severas de sábado: caminhar mais dos dois mil côvados fixados pela Lei?

Lázaro, com um sorriso malicioso veio explicar-me que, também naqueles tempos, feita a lei, feita a fraude...

Os Israelitas, para suavizarem esta disposição dos dois mil côvados tinham inventado o erub. Se uma pessoa, por exemplo, colocava na véspera de sábado (sexta-feira) alimentos para duas refeições. erubdenéra desse limite dos dois mil côvados, ou mil metros, aquilo considerado como uma residência temporária, podendo então caminhar mais dois mil côvados em qualquer direção.

Isto explicava a presença em m ndo o e meu amigo e p habitantes de Podiam ter colo Jerusalém em Betânia, que s gcado um ou dois erub na caminho que une as três povoações; Jerusalém, Betfagé, e a aldeia em que me encontrava.

A minha condição de estrangeiro e gentio proporcionou-me, por fim, uma oportunidade para ajudar a família que me acolhera debaixo do seu teto. Até à hora terceira (nove da manhã), e depois de vencer a resistência de Marta, ocupei-me do transporte da água, bem como de alimentar o fogo da chaleira e recolher os ovos da capoeira, e de limpar e pôr em funcionamento um engenhoso artefato a que chamavam antiki, e que não era mais que um aquecedor metálico, com um recipiente para as brasas. O descanso sabático proibia que dele se tirassem as cinzas e, naturalmente, voltar a enchê-lo. Aquele utensílio, munido de um tubo interior, em contato com o fogo, era de grande utilidade para aquecer água. Por não ser judeu, eu estava livre daquelas normas, e isto permitiu-me compensar, em parte, a gentileza e a hospitalidade dos meus amigos.

Mas o meu coração ardia no desejo de ir ao encontro de Jesus. Marta, com o seu finíssimo instinto, sugeriu-me que largasse tudo e fosse à procura do Mestre. Pouco antes, numa das suas visitas à casa do seu vizinho, Simão, a pretexto da preparação do festim que os habitantes de Betfagé e Betânia queriam oferecer ao Rabi, tivera oportunidade de O ver no jardim.

Quando me dispunha para sair de casa, a senhora recordou-me que também eu fora convidado e que, se assim o considerasse, ela

mesma me levaria até ao lugar que me fora atribuído. Eu sabia muito bem que naquela ceia ia dar-se um acontecimento especial. O que eu não podia imaginar naquela altura, era a gravíssima repercussão que iria ter no Mestre...

A casa de Simão, o homem mais rico e importante de Betânia desde a morte do pai de Lázaro, erguia-se a pouca distância e também no aglomerado oriental da povoação. A única diferença substancial com a casa do meu amigo era o frondoso jardim - com muitos ciprestes, alfarrobeiras e palmeiras -, perfeitamente rodeado por um muro de pedra de dois metros de altura. Em Jerusalém, com exceção dos roseirais, os jardins eram proibidos. Aquela norma, em compensação não era obrigatória para as restantes cidades. Simão fervoroso crente e adepto de Cristo, era, além disso, um apaixonado das plantas, passando boa parte da Já avançada velhice entre as suas rosas, gálbanos, luminosos e perfumados estoraques de flores brancas, estevas e os curiosos tragacantos, de cujos ramos e troncos flui uma apreciada goma esbranquiçada, altamente medicinal. Às portas da herdade amontoava-se uma silenciosa multidão , à espera de poder ver o Mestre. Como se se tratasse de um estadista do século XX, alguns discípulos de Jesus estavam a postos junto do portão, com as espadas escondidas pela faixa do manto, controlando entradas e saídas dos amigos, familiares e criados da casa: os únicos autorizados a transpor o limiar.

Não tive o menor problema para passar pelos homens do Galileu. A minha amizade por Lázaro e o oportuno gesto de Jesus, saudando-me na tarde do dia anterior, tinham feito com que eu ganhasse as simpatias e a confiança dos apóstolos. Ao ver-me, um dos discípulos - Judas de Santiago, gêmeo do outro Alfeu - perguntou-me se procurava alguém em especial. Disse-lhe que procurava Jesus e ofereceu-se encantado, para me acompanhar. Ao passar a porta principal encontrei-me ante o cuidado e espaçoso jardim. Um caminho estreito, pavimentado com pedras brancas (calcário, sem dúvida), levou-nos diretamente ao terreiro, aberto mesmo ao pé da escadaria de mármore que dava acesso à casa.

Não foi preciso que Judas me indicasse ao seu mestre. O gigante encontrava-se rodeado por uma dezena de crianças e brincava com elas!

Aquele espetáculo fascinou-me de tal forma que, em silêncio, quase nas pontas dos pés, rodeei o pequeno terreiro, sentando-me nos primeiros degraus da escadaria. E ali fiquei, absorto, divertindo-me como os pequeninos. Jesus desembaraçara-se do manto. A sua esplêndida túnica branca aparecia desta vez cingida por um cordão . Entre a algaravia dos garotos, destacava-se por vezes o seu riso, límpido e aberto como aquela luminosa manhã. Na verdade, o que mais me comoveu foi verificar como aquele homem feito e forte - capaz de desafiar os sumos sacerdotes ou de ressuscitar os mortos -, saltava,

corria ou rolava pelo chão, entregue por completo às exigências daquelas pessoas miúda.

Algumas mulheres apareciam dissimuladamente no átrio, espreitando a cena e escapando depois entre risos mal contidos.

Uma daquelas brincadeiras era especialmente curiosa. O Galileu punha-se de costas para o grupo de crianças e atirava um pauzinho para trás , de modo a cair o mais perto possível da criançada. Os rapazes disputavam a posse do pau até que um deles - geralmente o que mais saltava - o agarrava. Nesse instante, tanto Jesus como as crianças corriam em todas as direções enquanto o proprietário do testemunho se esforçava por perseguir e tocar com o pau em qualquer dos jogadores. Não era por acaso que todas as crianças queriam caçar o Rabi.

Porém, este, longe de dar facilidades, punha-os loucos, esquivando-se e enganando-os entre as árvores e os arbustos. Não sei quanto tempo durou aquilo. Talvez uma ou duas horas... Subitamente, assaltou-me um pressentimento. Ou muito me enganava ou iam ser aquelas as últimas brincadeiras de Jesus de Nazaré. De súbito, quando mais pungente era aquela inexplicável melancolia, o Mestre interrompeu o jogo. Retirou dos olhos a venda de pano com que brincava à cabra-cega e acariciou as crianças, dando por terminado o divertimento. Embora Jesus tivesse tido múltiplas oportunidades de me ver ali, sentado foi nesse momento que dirigiu o Seu olhar para mim. As crianças espalharam-se pelo jardim e o Mestre encaminhou-se para a escadaria. Quis levantar-me, porém, o Rabi estendeu a mão, indicando-me que não me movesse.

Sentou-se a meu lado, com a respiração ainda agitada e a testa encharcada de suor.

- Jasão amigo, que se passa contigo?

Aquela descoberta voltou a mergulhar-me em confusão. O Mestre, sem sequer me olhar e sem esperar por uma resposta - que tipo de resposta lhe poderia dar? - continuou, num tom de cumplicidade que logo adivinhei. -... Estás aqui para dar testemunho e não deves desfalecer.

- Então sabes quem sou...

Jesus sorriu, e pondo-me o seu comprido braço nos ombros, apontou a porta do jardim, onde ainda os seus discípulos montavam guarda.

- Passará muito tempo até que eles e as gerações vindouras compreendam quem sou e porque fui enviado por Meu Pai... Tu, por vires de onde vens, estás mais perto do que eles da Verdade.

- Não compreendo, Mestre, por que razão os teus homens andam armados. Bem poucos acreditariam... no meu tempo.

- Os que estão comigo - respondeu com um timbre de tristeza - não me entenderam.

- Senhor, há tantas coisas de que desejaria falar-te!...

- Ainda temos tempo. A cada dia o seu trabalho. Era irritante. Tanto tempo esperando por aquela oportunidade e agora, ali tão perto dEle, não sabia que dizer nem que perguntar... - Perguntaste-me antes o que se passava comigo - comentei, intrigado. - Como te apercebeste? - Levanta a pedra e lá Me encontrarás. Corta a madeira e Eu estou lá . Onde há solidão , também Eu estou...
Sabes, toda a minha vida me senti só. Jesus replicou de modo fulminante:

- Eu sou a luz que todos ilumina. HÁ muitos que estão junto da porta mas, em verdade te digo, que só os solitários entrarão na câmara nupcial.

- Tranquiliza-me saber que também os que duvidam têm um canto no Teu coração.

O gigante sorriu pela segunda vez. Porém, desta vez os seus olhos brilhavam como bronze polido.

- O mundo não é digno daquele que a si mesmo se encontra... - Mil vezes para mim tenho feito a mesma pergunta: porque estamos aqui?

- O mundo é uma ponte. Passai por ela, mas não vos instaleis nela.

- Mas - insisti -, não respondeste à minha pergunta...

- Sim, Jasão, respondi. Este mundo é como a antecâmara do Reino de Meu Pai. Prepara-te na antecâmara, a fim de que possas ser admitido na sala do banquete. Sê caminhante que não se detém!

- Mas, Senhor, conheço muitos que se instalaram na sua sabedoria e dizem possuir a Verdade...

- Diz-me uma coisa, Jasão. Onde cresce a semente?

- Na terra.

- Em verdade te digo que a verdadeira sabedoria só pode nascer no coração que chegou a ser como o pó... O sábio e o ancião que não hesitarem em perguntar a um menino de sete dias pelo lugar da Vida, viverão. Porque muitos primeiros serão últimos e virão a ser um só... - Se os que vos guiam vos dizem: Olhai, o Reino está no céu; então os pássaros do céu vos precederam. Se vos dizem que está no mar, então os peixes do mar vos precederam. Porém, eu digo-te que o Reino de Meu Pai está dentro e fora de vós. Quando vos conhecerdes sereis conhecidos e sabereis que sois os filhos do Pai vivente. Mas se não vos conhecerdes, estareis na pobreza e sereis a pobreza.

O Rabi deve ter notado a minha confusão. E acrescentou:

- Alguma vez escutaste o teu próprio coração?

Concordei, sem saber onde queria chegar.

- O segredo para possuir a Verdade está apenas em Meu Pai. E em verdade te digo que meu Pai sempre esteve no teu coração. Só tens de olhar para dentro... Bem-aventurado o que procura, embora morra acreditando que nunca encontrou. E ditoso aquele que, à força de procurar, encontra. Quando encontra, perturbar-se- . E, tendo-se perturbado, maravilhar-se-á e reinará em tudo. - Senhor, eu olho à minha volta e maravilho-me e entristeço-me ao mesmo tempo...

- Eu garanto-te, Jasão, que todo aquele que sabe ver o que tem diante dos olhos receberá a revelação do oculto. Nada há ocultado que não venha a ser revelado.

A minha timidez inicial foi-se dissipando. O calor e a cordialidade daquele Homem acabavam por destruir as muralhas mais inexpugnáveis. Mas a nossa conversa viu-se subitamente interrompida por alguns dos seus discípulos. A multidão que se apinhava às portas da casa de Simão exigia o Rabi e os homens do Nazareno sentiam-se impotentes para a conterem. Quando o Mestre se afastou, jurei para comigo que procuraria novas oportunidades de conversas com Ele e Lhe expor as minhas intermináveis dúvidas.

Segui-o. A multidão que vira às portas do jardim da casa de Simão agitou-se ao ver o Mestre. Mas Jesus não passou do portão. Ali, ladeado pelos Seus discípulos, saudou os peregrinos. Porém estes, informados do milagre que fizera com Lázaro, não se contentaram em vê-Lo e começaram a pedir-Lhe um sinal. Eu não saía do meu assombro. A julgar pelos seus gritos, aqueles hebreus - galileus na sua maioria – não pretendiam escutar o Nazareno. O que realmente lhes interessava era assistir a outro prodígio...

Jesus, com evidentes sinais de desilusão, levantou os braços e fez-se silêncio. Um silêncio de expectativa. E muitos dos ali apinhados começaram a sentar-se no chão, convencidos de que a sua longa caminhada não seria estéril e que depressa contemplariam outro espetáculo. Mas o Mestre, em tom enérgico, disse-lhes:

- Néscios!... Eu apareci no meio do mundo e em carne fui visto por ele. E encontrei todos os homens ébrios, e entre eles não encontrei nenhum sedento... O meu espírito ficou dorido com os filhos dos homens, porque são cegos de coração e não vêem!

E antes que algum dos presentes pudesse reagir deu meia volta, encaminhando-se com passo rápido para a mansão do Seu anfitrião. Sinceramente, alegrei-me. Aquela turba, sedenta de emoções e prodígios, não merecia outra coisa. Pouco a pouco, fui-me apercebendo de que as multidões muito pouco tinham assimilado da mensagem daquele Homem. Nem sequer os mais chegados - como verificaria no dia seguinte, pela entrada triunfal em Jerusalém - tinham distinguido, naquela altura do ensinamento de Cristo, de que reino falava o Mestre. Começava a compreender o verdadeiro alcance daquelas frases do Rabi, pronunciadas pouco antes, nas escadas: Os que estão comigo não me entenderam...

Pelas três da tarde, na companhia de Lázaro e de suas irmãs, entrava pela primeira vez no pátio com arcadas da casa de Simão. O ancião ia recebendo no centro do recinto aquela larga meia centena de convidados. Todos - conhecidos ou não do dono da casa - eram saudados com o ósculo, ou beijo da paz.

Imediatamente, os familiares e criados do antigo leproso acompanhavam os convidados até aos lugares que lhes eram atribuídos,

em redor de uma mesa muito baixa e em forma de U. Diferindo do pátio da casa de Lázaro, o de Simão estava coberto na sua totalidade por um toldo ou lona, preso por cordas aos capitéis das colunas que rodeavam o formoso local.

A cisterna central fora tapada com tábuas, de tal modo que no centro do U ficava um espaço mais que suficiente para a movimentação dos criados. Ao chegar em frente de Simão, Lázaro encarregou-se de me apresentar ao ancião. Ao beijá-lo verifiquei como a sua face direita conservava ainda as profundas cicatrizes da sua doença. Parte do olho, e a zona correspondente do lábio superior estavam rasgadas e deformadas. A barba branca e abundante não conseguia ocultar a marca do temível mal. A mão esquerda ficara mutilada nas últimas falanges dos três dedos do meio.

No entanto, o venerável ancião parecia ter esquecido aqueles anos difíceis e mostrava-se agora feliz e satisfeito, ostentando as melhores galas: uma túnica de linho, tingida de púrpura, e um manto de brilhante seda, com franjas azuis e escarlates.

Quando Lázaro e eu fomos encaminhados para os nossos lugares à mesa, verifiquei com alívio que o ressuscitado ia ficar a meu lado. Instintivamente, olhei para Marta, que permanecia de pé junto das restantes mulheres, e me sorriu maliciosamente.

Segundo o costume, tive de reclinar-me sobre a minha ilharga direita. Embora, habitualmente, os Judeus comessem sentados em cadeiras ou tamboretes, nos grandes momentos - e aquela era uma festa em que ambas as aldeias, Betânia e Betfagé, prestavam uma sincera homenagem ao Mestre - tinham adotado a tradição helenística de almoçar reclinados sobre cômodas almofadas e esteiras. A única exceção, neste caso, foi Jesus. Como convidado de honra, ocupava o centro do U, tendo sido preparado uma espécie de divã baixo, que mal sobressaía da mesa.

Ainda que todos os convidados tivessem recebido na manhã de sexta-feira o respectivo convite com os nomes dos restantes comensais, de acordo com uma arraigada tradição, o dono da casa enviara naquela mesma manhã de sábado outros tantos mensageiros aos domicílios dos seus amigos, recordando-lhes o lugar e a hora do banquete. Respeitosamente, esquecendo mesmo a grande amizade que unia as duas famílias, Lázaro tinha esperado esta segunda e última comunicação do mensageiro. Só nesse momento saímos de casa. Ao subir as escadarias da casa de Simão atraiu-me a atenção uma tela branca, pendurada nas portas do átrio. Lázaro explicou-me que aquele pano dava a entender que ainda era tempo de entrar na ceia. O aviso só era retirado depois de ter sido servido o terceiro prato. Jesus e os Seus discípulos - os doze - estavam Já no pátio quando o meu amigo e eu fomos recebidos pelo anfitrião. Pelo que pude apreciar, o Rabi parecia ter esquecido o desagradável encontro com a multidão que Lhe pedira um milagre, e ria abertamente, demonstrando um humor invejável. Em

contrapartida, os Seus homens, apesar de terem prescindido das espadas, não refletiam demasiada alegria. Senti-os nervosos e tensos. Em seguida, compreendi a razão. Entre os convidados encontravam-se quatro ou cinco sacerdotes de uma das comunidades de fariseus: mortais inimigos do Mestre. Às portas permaneciam alguns guardas do Templo - levitas, na sua maioria - que tinham acorrido a Betânia com a suspeitíssima missão de escoltar os altos dignitários do sacerdócio de Jerusalém.

Lázaro comentou-me, em voz baixa, que havia algumas dúvidas quanto às verdadeiras finalidades daqueles fariseus. Era muito possível que - cumprindo ordens de Caifás -, naquele mesmo entardecer, uma vez passado o sábado, os homens do Sinédrio prendessem Jesus. Mas os separados ou os santos - como também eram conhecidos os fariseus - não fizeram gesto algum que pudesse alertar os adeptos de Cristo. Pelo contrário: embora em momento algum se aproximassem do grupo em que dialogava Jesus, depois de arregaçarem as amplas mangas das túnicas deixaram que as mulheres procedessem à obrigatória lavagem de mãos e pés, reclinando-se nos seus lugares com vivos sinais de satisfação. Suponho que a sua cordialidade podia obedecer aos magníficos alimentos que Já tinham começado a circular pela mesa. Os criados de Simão tinham disposto uma espécie de grandes tigelas de fina cerâmica (hoje conhecida como terra sigillata), compactas e de cuidada forma, fabricadas de barro vermelho e - segundo me disse Lázaro - provenientes de Itália. Ao levantar a minha tigela pude ver na sua base o selo do fabricante: um tal Camurius, conhecido oleiro de Arezzo.

(Decorei aquele nome e, na tarde de segunda-feira, quando, por fim, pude regressar ao módulo, Papai Noel confirmou que o citado artesão italiano vivera e trabalhara em tempos de Tibério e Cláudio, desde os anos 14 e 54 depois de Cristo.)

Simão, seguindo os costumes, contratara um cozinheiro de Jerusalém. Curiosamente, se as coisas saíam mal e se todos se mostravam desgostosos com a ementa, o chefe de cozinha devia reparar a afronta, pagando do seu bolso os gastos, numa proporção que sempre dependia da categoria social do anfitrião e dos seus comensais. Não foi este o caso. A verdade é que tudo se passou de modo estranho. (Pelo menos para os Hebreus.)

Depois do caldo, à base de verduras e ervas aromáticas, único prato em que se utilizou a colher, os convidados saborearam peixe cozido e cordeiro assado, habilmente condimentados à base de cebolas e alhos. servidos em bandejas de bronze e prata. O quarto ou quinto prato consistiu em frutos secos, especialmente passas de uva, tâmaras e mel silvestre. Tudo isto, naturalmente, generosamente regado - do princípio ao fim - com um vinho do Hébron, servido em altos copos de cristal primorosamente facetados. Nas costas de cada comensal fora colocada uma bacia de metal, com o fim de nela poderem lavar as

mãos. (O costume judaico estabelecia que os alimentos deviam ser comidos com os dedos.)

Ao chegar às sobremesas, o alvoroço geral aumentou sensivelmente. Alguns dos criados e músicos contratados por Simão começaram a tanger os seus instrumentos - fundamentalmente flautas e cítaras - e as mulheres, que tinham permanecido de pé ou sentadas num grupo à parte, dependentes dos convidados, uniram-se à música, batendo palmas por cima das cabeças e acompanhando o ritmo com o corpo.

Jesus - que tinha comido com grande apetite - bebeu o seu terceiro copo de vinho e sorriu ao grupo, em que se destacava Maria. A irmã mais nova de Lázaro, como as suas outras companheiras, tinha modificado a sua indumentária comum e vestia uma atraente túnica, tingida com a célebre púrpura de Tiro e Sídon. (As nossas informações apontavam para o fato de o célebre molusco das praias da Fenícia - o murex - ser a matéria-prima da qual se obtinha a púrpura. Este gastrópode segrega uma tinta que, em contato com o ar, fica vermelho-escura. Os Fenícios descobriram-no e souberam comercializá-lo.) Maria - tal como ordenavam as normas sabáticas - prescindira da sua habitual faixa na testa e deixava flutuar a negra e longa cabeleira.

Naquele momento, enquanto os criados retiravam as bandejas, dava começo, na realidade, o que nós conhecemos por sobremesa. Os comensais, eufóricos pelos vapores do vinho, embrenhavam-se nas mais diversas e intermináveis polêmicas. Jesus e Simão, no centro da mesa, dialogavam sobre o mítico Josué e de como foram derrubadas as muralhas de Jericó. Os discípulos, por seu lado, permaneciam estranhamente sóbrios e calados, atentos apenas ao grupo dos fariseus, que não paravam de beber copo atrás de copo. Para minha surpresa, alguns dos comensais começaram a arrotar sem o menor pudor. Aquilo converteu-se de repente em algo de coletivo. Ninguém parecia dar excessiva importância ao fato, com exceção do anfitrião e de mim. Mas as razões de Simão - que correspondia a cada um dos grosseiros gestos com uma leve inclinação de cabeça - obedeciam a outra escala de valores. Aqueles arrotos vinham demonstrar publicamente a satisfação de cada um dos convidados pela esplêndida comida e tratamento que lhe fora dado.

Naturalmente, tive de me esforçar por arrotar, agradecendo assim ao meu novo amigo a sua sabedoria e delicadeza gastronômicas. Depois de serem servidas as sobremesas, várias donzelas foram passando junto de cada um dos comensais, oferecendo umas minúsculas bolinhas ou cápsulas transparentes e branco-amareladas. Ante a minha dúvida, Lázaro animou-me a tirar uma ou duas daquelas lágrimas e a introduzi-las na boca.

Tratava-se de uma espécie de goma de mascar, muito refrescante e aromática. Segundo o meu amigo, eram extraídas dos lentiscos, que existiam aos milhares por toda a Palestina. Para os Hebreus, aquelas

bolinhas reforçavam os dentes e a garganta, proporcionando, além disso, um hálito mais fresco e agradável.

Nos dias seguintes - e graças às lágrimas de lentisco que Lázaro me proporcionaria - a minha falta de limpeza dentária viu-se notavelmente aliviada. Mas, ainda que tudo parecesse decorrer dentro da mais sã e intensa alegria, não tardaria a rebentar o escândalo...

Creio que todos, ou quase todos os presentes – distraídos com a música e a agradável tertúlia - tardaram uns minutos em reparar naquela donzela que, saída às escondidas do grupo das mulheres, se ajoelhara nas costas de Jesus. Era Maria.

Dentro de mim, uma como que chicotada me avisou. Estava prestes a assistir à cena da unção. Sem o poder evitar, pus-me de pé e ante a desorientação de Lázaro, insinuei-me por detrás da mesa, até me colocar num dos cantos do U, a poucos metros dos convidados de honra.

Progressivamente, os comensais foram ficando em silêncio, atônitos perante o que estava acontecendo. A irmã mais nova, com o seu habitual mutismo, tinha aberto uma garrafa, de uns trinta centímetros de altura e de forma afunilada. Parecia feita de um material extremamente translúcido (soube depois que se tratava de alabastro oriental). E ante o olhar complacente de Jesus, a adolescente verteu boa parte do conteúdo no cabelo do Mestre. Um líquido cor de conhaque foi impregnando lenta e suavemente a cabeleira acastanhada do Rabi, enquanto um penetrante aroma foi enchendo o recinto. Maria fechou o recipiente e, depois de o colocar junto das pernas, foi espalhando o perfume entre os sedosos cabelos do Galileu. Aquela unção foi feita com tanta simplicidade e amor que os olhos do gigante se encheram de lágrimas.

Uma vez concluída a operação, Maria voltou a abrir a jarra, despejando a essência de nardo sobre os pés nus do Mestre. Espalhou o líquido ao longo dos artelhos, calcanhares e dedos, proporcionando a Jesus suaves e prolongadas massagens até o líquido ficar perfeitamente espalhado. Por aquela altura da unção, alguns dos comensais tinham começado a murmurar entre si, lamentando aquele esbanjamento. Num dos extremos da mesa, alguns dos discípulos - entre os quais se destacava Judas Iscariotes, pelos seus exuberantes gestos e palavras em voz alta apoiavam com os seus comentários os convidados que se mostravam abertamente aborrecidos com a atitude da jovem.

Nem Maria nem Jesus se perturbaram com aqueles sussurros.

Pelo contrário: a belíssima irmã de Lázaro - que tinha adornado as unhas das mãos e dos pés com um pó vermelho-amarelado (2) - lançou a cabeça para trás , e passando as mãos pela nuca, inclinou-se para os pés do Rabi, lançando para a frente a sua espessa cabeleira. Depois, sem pressa, foi enxugando com o cabelo os pés do Mestre, até ficarem secos e brilhantes. Os comentários, infelizmente, tinham-se tornado azedos. Judas, com manifesta indignação, chegou junto de André - irmão de Pedro - perguntando-lhe de forma que todos puderam ouvir:

- Porque não se vendeu este perfume e se entregou o dinheiro para alimentar os pobres?... Deves falar ao Mestre para que a repreenda por esta perda...

* Naquela noite, uma vez em casa de Lázaro, Maria mostrou-me o recipiente: era, efetivamente, uma espécie de pequena jarra, belamente trabalhada, com uma capacidade superior a trezentos gramas. (Um pouco mais de uma tradicional garrafa de refrigerante.) Roguei-lhe que me permitisse molhar um pequeno lenço no que restava do perfume e, dali a poucos dias, na minha obrigatória entrada no módulo - com o fim de preparar a segunda fase da exploração - os sistemas de bordo analisaram a essência, confirmando a sua origem como uma planta herbácea, cultivada em jardins, da família das valerianáceas.

Apresentava-se (hoje quase só é trabalhada como essência pura) em fragmentos de raiz, curtos, grossos, como o dedo mínimo e de cor cinzento-escuro. Terminam num molho de fibras avermelhadas, em forma de espiga. É de cheiro forte e agradável e de sabor amargo e aromático. Também é conhecido como nardo do Índico, do Ganges Estaquide e Espicanardo. A sua densidade era ligeiramente superior ao normal. (N. do M.)

Os Israelitas fabricavam este cosmético com a casca e folhas do arbusto chamado junção (henna para os Árabes). (N. do M.)

Maria, assustada com o aspecto que os acontecimentos tinham ganhado, tentou levantar-se, mas Jesus deteve-a. E, pondo a mão esquerda na cabeça da jovem, dirigiu-se a quem ali estava, com voz serena mas firme:

- Deixai-a em paz, todos vós!...Porque a molestais por isto, se ela fez o que lhe saía do coração? A vós, que murmurais e dizeis que este ungüento devia ter sido vendido e o dinheiro dado aos pobres, deixai-Me dizer-vos que sempre tereis os pobres convosco para que possais assistir-lhes a qualquer momento que bem vos pareça...Porém, eu nem sempre estarei convosco. Em breve irei para junto do Meu Pai!

Depois, assestando Aquele olhar - a que nem parecia escapar o ondular das chamas das candeias – nos olhos de Judas Iscariotes, continuou num timbre muito mais enérgico:

- Esta mulher guardou muito tempo este ungüento para o Meu Corpo, no Seu enterro. E agora, que lhe pareceu bem fazer esta unção em antecipação à minha morte, não lhe deve ser negado tal desejo. Ao fazer isto, Maria a todos vós censurou, pois com este ato evidencia fé no que lhe disse sobre a Minha morte e a ascensão até Meu pai do céu. Esta mulher não deve ser condenada pelo que fez esta noite. Mas antes vos digo que nos tempos vindouros, onde quer que se pregue este evangelho por todo o Mundo, o que ela fez ficar para Sua memória.

Maria desapareceu do pátio e eu retirei-me para o meu lugar.

Lázaro parecia triste. Tanto ele como Marta sabiam que sua irmã poupara durante muito tempo para comprar aquele caríssimo perfume. A família, contrariamente ao que tinha observado entre os próprios discípulos, tinha chegado ao fundo do problema e compreendia que aquela podia ser a última Páscoa de Jesus.

Os murmúrios baixaram, mas alguns dos apóstolos continuaram a comentar o acontecido, movendo negativamente a cabeça, em sinal de desacordo com o Rabi. Judas Iscariotes caíra num impenetrável silêncio. Os seus olhos assustaram-me, exprimiam um ódio surdo e contido. Saltava à vista que tomara aquelas palavras de Jesus como uma censura pessoal e, sem dúvida alguma, se sentira ridicularizado diante dos outros. Em minha opinião, fora a partir daquele incidente que o traidor começou a tramar a sua vingança contra o Galileu. Duvido muito que Judas pensasse naquele momento em entregar o Mestre aos membros do Sinédrio. Não tinha sentido, Já que a própria guarda do Templo recebera ordens concretas para o prender. No entanto, o seu espírito vingativo viu assim aberto um caminho para tentar humilhar Cristo e obter satisfação.

Estava Já próxima a vigília do domingo quando alguns dos fariseus, que tinham permanecido num prudente silêncio, se dirigiram a Jesus e, não falando da valiosa natureza do perfume, o recriminaram por ter consentido que aquela mulher
tivesse violado as sagradas leis do descanso sabático. Segundo consegui entender, uma das normas estabelecia que uma mulher não podia sair de casa com uma agulha que tivesse buraco (quer dizer, apta para coser), nem com um anel que tivesse sinete, nem com um gorro em forma de caracol, nem com um frasco de perfume. Se infringia este código era obrigada a pagar e oferecer sacrifício, como compensação do seu pecado.

Jesus olhou divertido para os sacerdotes.

- Dizei-me - perguntou-lhes -, de onde vindes?

- De Jerusalém - afirmaram.

- E como é possível que condeneis uma mulher que caminhou menos de um estádio, quando haveis percorrido mais de quinze?

Recordei então que os Hebreus tinham uma manha para irem além dos dois mil côvados ou um quilômetro, que era o trajeto máximo permitido ao sábado. Jesus sabia que, embora o povo simples pusesse em prática o erub, os santos ou separados enalteciam publicamente a sua extrema pureza não hesitando, contudo, em infringir estas leis quando estava em jogo uma boa comezaina. Os fariseus agitaram-se, inquietos. Mas Cristo não estava disposto a dar-lhes quartel. A quase totalidade dos cinco mil membros das comunidades ou irmandades de fariseus de Israel era composta por comerciantes, artesãos ou camponeses, sem a sólida formação dos escribas e, baseados nas suas rigorosas normas de pureza e de pagamento do dízimo, tinham-se elevado em relação aos ammé ha-ares ou grande massa do povo de

Israel. Esta presunção e dureza de coração era algo que o Rabi da Galiléia não suportava. E não tardou em dizê-lo nas suas caras, para regozijo de uns e nervosismo de outros; em especial dos Seus mais chegados, que temiam a ira dos que se autoproclamavam como partido do povo.

* O conteúdo da pequena jarra representava cerca de trezentos gramas de essência de nardo índico. O seu valor andava à volta de trezentos denários. (Com duzentos se podia dar de comer a umas cinco mil pessoas.) (N. do M.)

- Ai de vós, fariseus - lançou Jesus, corajosamente. – Sois como um cão deitado no estábulo dos bois, nem come ele nem deixa comer os bois.

- Quem és tu - esgrimiram os representantes de Caifás com ar de suficiência -, para nos ensinares onde está a Verdade?

- Para que viestes ao campo? - atacou o Nazareno. – Talvez para ver uma cana agitada pelo vento?... Para ver um homem de roupas delicadas? Os vossos reis e os vossos grandes personagens - vós próprios - cobris-vos de trajes de seda e de púrpura, porém Eu vos digo que não podereis conhecer a Verdade.

- Vinte e quatro profetas falaram em Israel e nós seguimos o seu exemplo...

Os convidados voltaram os seus rostos para Jesus. Mas o Galileu continuava imperturbável. O Seu domínio da situação crispara os ânimos dos fariseus.

- Falais dos que estão mortos e escorraçais O que vive entre vós?

- Diz-nos quem és para que acreditemos em ti - responderam.

- Observais atentamente a superfície do céu e da terra e não haveis conhecido Aquele que está entre vós...

E, virando o olhar para mim, acrescentou:

- Não sabeis conhecer este tempo...

Uma onda de sangue me subiu do ventre.

Os fariseus optaram por se levantarem, renunciando àquela batalha dialética. Entre expressivos sinais de indignação, lavaram as mãos nas bacias. Mas Jesus não tinha terminado. E antes que tivessem abandonado o recinto, atirou-lhes:

- Ai de vós, fariseus! Lavais a parte de fora da taça sem compreender que quem fez a parte de fora também fez a parte de dentro...

Começava a tornar-se muito clara para mim a razão por que as castas dos sacerdotes, escribas e fariseus se tinham conspirado para prender e dar morte àquele homem.

A tempestuosa cena culminou com a saída dos sacerdotes. Quando Já os convidados se despediam de Simão, Pedro aproximou-se

do seu Mestre e, com ar conciliador, propôs-lhe que Maria fosse afastada do grupo, Já que as mulheres, comentou, não são dignas da Vida. O Nazareno deve ter ficado tão perplexo como eu. E, no mesmo tom, respondeu ao impulsivo discípulo:

- Eu a guiarei para a fazer homem, para que ela se transforme também em espírito vivente semelhante a vós, homens. Porque toda a mulher que se faça homem entrará no Reino dos Céus. Naquela noite, ao retirar-me para o meu quarto e ao estabelecer ligação com o módulo, Eliseu anunciou-me que a frente fria tinha penetrado Já pelo Oeste e que, muito provavelmente, a entrada de Jesus em Jerusalém - prevista para o dia seguinte, domingo - ver-se-ia ameaçada pela chuva.

2 DE ABRIL, DOMINGO

Naquela noite de sábado precisei de muito tempo para adormecer. Tinham sido demasiadas as emoções... Mas, principalmente, havia algo que me preocupava. Porque se manifestara Jesus daquela maneira sobre as mulheres?

Depois de muito meditar, só pude chegar a uma conclusão: o Nazareno tinha consciência da deprimente situação social da mulher e propunha-se melhorá-la. Nos estudos que tinham precedido a Operação Cavalo de Tróia, eu tivera a oportunidade de verificar que, na quase totalidade do Oriente - e Israel não era exceção - o papel da mulher na vida pública e social era nulo. Porém, os textos e documentos que eu manipulara na minha preparação estavam muito distantes da realidade. Pelo pouco que observara, o desprezo dos homens pelas suas companheiras bradava aos céus. Quando a mulher judia, por exemplo, saía de casa - pouco importava para quê - tinha de levar a cara coberta por um toucado, que compreendia dois véus sobre a cabeça, um diadema na testa - com fitas pendentes até ao queixo - e uma rede de cordões e nós. Deste modo não se podiam ver os traços do rosto. Entre os Hebreus contava-se o sucedido com um sacerdote importante de Jerusalém que não chegou a conhecer a própria esposa, ao aplicar-lhe a sentença prescrita para a mulher suspeita de adultério. (Poucos dias depois teria a magnífica oportunidade de assistir a uma triste e fanática tradição que os Judeus denominavam as águas amargas, compreendendo um pouco melhor a revolucionária atitude de Jesus para com as hebréias.)

A mulher que saísse do seu lar sem levar a cabeça coberta ofendia a tal ponto os bons costumes que o seu marido tinha direito e - segundo os doutores da lei - até o dever de a repudiar sem ser obrigado a pagar-lhe a soma estipulada em caso de divórcio. Pude verificar que, neste aspecto, havia mulheres tão rigorosas que nem em sua própria casa se descobriam. Foi este o caso de uma tal Qimjit que - segundo se conta - viu sete filhos chegarem a sumos sacerdotes, o que se considerou uma recompensa divina pela sua austeridade. Que caia sobre mim isto e

aquilo, dizia a pudica, se as vigas da minha casa alguma vez me viram a cabeleira. Só no dia da boda, se a mulher era virgem e não viúva, aparecia no cortejo de cabeça descoberta.

Nem é preciso dizer que as israelitas - especialmente as da cidade deviam passar despercebidas em público. Um dos escribas - Yosé ben Yojanan - tinha chegado dizendo, por volta de 150 antes de Cristo: Não fales muito com uma mulher. Isto é válido para a tua mulher, mas muito mais para a mulher do próximo. As regras da boa educação proibiam, mesmo, encontrar-se alguém a sós com uma hebréia, olhar para uma casada ou saudá-la. Era uma desonra para um aluno dos escribas falar com uma mulher na rua. Aquela rigidez chegava a tal extremo que a judia que falasse com toda as pessoas na rua ou ficasse à porta de sua casa podia ser repudiada, sem receber a paga estipulada no contrato matrimonial.

A situação da mulher na casa não se via modificada, em relação a esta conduta pública. As filhas, por exemplo, deviam ceder sempre os primeiros lugares e - até a passagem nas portas - aos rapazes. A sua instrução limitava-se estritamente aos trabalhos domésticos, bem como o coser e o tecer. Cuidavam dos irmãos mais novos e, em relação ao pai, tinham a obrigação de o alimentar, de lhe dar de beber, de o vestir, de o tapar, de o tirar e de o meter na cama quando velho, de lhe lavar a cara, as mãos e os pés. Os seus direitos, no que se refere à herança, não eram os mesmos que os dos varões. Os filhos e os seus descendentes precediam as filhas. O poder paterno era extraordinariamente grande em relação às filhas menores antes da sua boda. Encontravam-se em poder dos pais. A sociedade judaica daquele tempo distinguia três categorias: a menor (até idade de doze anos e um dia), a jovem (entre os doze e os doze anos e meio), e a adulta (depois dos doze anos e meio). Até à idade dos doze anos e meio, o marido tinha todo o poder, a não ser que a jovem - ainda mais nova - estivesse Já prometida ou separada. Segundo este código social, as filhas não tinham direito a possuir absolutamente nada, nem o fruto do seu trabalho nem o que pudessem encontrar, por exemplo, na rua. Tudo era do pai. A filha - até à idade de doze anos e meio - não podia recusar um casamento imposto por seu pai.

Chegou a dar-se o caso de serem casadas com homens disformes. O escrito rabínico Ketubot falava, até, de alguns pais tolos que chegaram a esquecer a quem tinham prometido as filhas. O pai podia vender a filha como escrava, desde que não tivesse completado ainda os doze anos. Os esponsais costumavam celebrar-se muito cedo. Um ano depois, geralmente, a filha celebrava a boda propriamente dita, passando então do poder do pai para o do marido. (E realmente não se sabia qual podia ser pior.) Depois do contrato de compra e venda, porque no fundo era isso a cerimônia de esponsais e matrimônio a mulher passava a viver na casa do esposo. Isto, geralmente, significava uma nova carga, além de enfrentar uma família que lhe era estranha e

que quase sempre manifestava uma aberta hostilidade pela recém-chegada. Para dizer a verdade, a diferença entre a esposa e uma escrava ou uma concubina era dispor a primeira de um contrato matrimonial e a última não. A troco de poucos direitos, a esposa encontrava-se sobrecarregada de deveres: tinha de moer, coser, lavar, cozinhar, amamentar os filhos, fazer a cama do marido e, como compensação pelo seu sustento, fiar e tecer. Outros juntavam mesmo a estas obrigações as de lavar a cara, mãos e pés e preparar o copo do marido. O poder do marido e do pai chegava ao extremo de, em caso de perigo de morte, se ter de salvar primeiro o marido. Sendo permitida a poligamia, a esposa tinha de suportar a presença da ou das concubinas.

Quanto ao divórcio, o direito estava única e exclusivamente da banda do marido. Isto dava lugar, logicamente, a constantes abusos. Naturalmente, do ponto de vista religioso, a mulher israelita também não estava equiparada ao homem. Via-se submetida a todas as prescrições da Tora e ao rigor das leis civis e penais - incluída a pena de morte - não tendo acesso, em contrapartida, a nenhum tipo de ensino religioso. Mais: uma sentença de R. Eliezer dizia que quem ensina a Tora (a lei) a sua filha, ensina-lhe a libertinagem. Este eminente doutor -que viveu até ao ano 90 depois de Cristo - dizia também: Mais vale queimar a Tora que transmiti-la às mulheres. Na casa, a mulher não era contada no número das pessoas convidadas - tal como tivera oportunidade de verificar no banquete oferecido por Simão, o Leproso - e também não tinha o direito de prestar testemunho num julgamento. Simplesmente, era considerada como mentirosa por natureza. Era muito significativo que o nascimento de um varão fosse motivo de alegria, e o de uma menina se visse acompanhada pela indiferença, mesmo pela tristeza. Os escritos rabínicos Qiddushin (82 b) e até o Nidda (31 b) afirmavam: Desgraçado daquele cujos filhos são meninas! Só conhecendo este deplorável quadro social em que tão mal vivia a mulher judia, alguém podia entender na sua justa medida a coragem de Jesus ao rodear-se de mulheres, conversar com elas e instruí-las e tratá-las como os homens. Fiquei muito surpreendido ao verificar que o Rabi da Galiléia não só tinha escolhido doze varões, como também procurara rodear-se de outro grupo de mulheres (cheguei a contar dez), que seguiam o Mestre para onde ele ia. Este fato, como outros que pouco a pouco iria descobrindo não fora incluído com clareza nos Evangelhos canônicos que conhecemos.

Tal como me anunciara Eliseu na última ligação auditiva, aquela manhã de domingo, 2 de Abril, amanheceu enevoada. Uma chuva ligeira refrescou sensivelmente a temperatura, dando um brilho especial às campinas e perfumando Betânia com um agradável cheiro a terra molhada.

Assim que me foi possível, fui a casa de Simão. O Mestre, madrugador, chamara os Seus homens e mulheres, com eles se reunindo no jardim. Ali, o Gigante - que apresentava um semblante mais

sério que no dia anterior - deu-lhes instruções concretas, em relação à próxima celebração da Páscoa. Insistiu especialmente em que não levassem a cabo manifestação pública alguma enquanto permanecessem dentro da Cidade Santa e que, principalmente, não saíssem de junto dEle. Uma vez mais, os discípulos associaram aquelas medidas de precaução à ordem de captura ditada pelo Sinédrio. Jesus, como julgo ter mencionado, sabia que alguns dos Seus homens andavam permanentemente armados. No entanto, não fez alusão alguma às suas espadas. Quando Jesus Cristo começou a fazer uma recapitulação do que fora o Seu ministério, desde a Sua ordenação em Cafarnaum, até aquele dia, observei como Judas Iscariotes, sem prestar atenção, dedicava todos os seus cuidados à conferência da bolsa comum. Pouco depois, abandonou o grupo, entrando em casa. Naquela mesma manhã, muito de madrugada, David Zebedeu lhe entregara os fundos conseguidos
pela venda do acampamento instalado semanas antes na cidade de Péla, na margem oriental do Jordão , a umas quarenta milhas do mar Morto.

A bolsa comum devia ser suficientemente importante para que Judas a confiasse naquela mesma manhã ao velho anfitrião. Segundo parecia, a iminente entrada de Jesus em Jerusalém não aconselhava que o administrador do grupo levasse consigo tanto dinheiro. Na realidade, era naquela data da Páscoa que os Israelitas eram obrigados por uma antiqüíssima lei a satisfazer aquilo a que chamava o segundo dízimo. Por outras palavras, uma vez postas de lado a importância da oferenda que se fazia no templo e o primeiro dízimo (1), cada hebreu tinha a obrigação de consumir ou gastar em Jerusalém - isto era imprescindível - o citado segundo dízimo, de acordo com as suas possibilidades econômicas. Se o judeu vivia longe da Cidade Santa podia converter o segundo dízimo em dinheiro e levá-lo para Jerusalém, onde tinha a obrigação de o gastar em alimentos e bebidas, precisamente durante a festa da Páscoa. (A Misn dedica cinco capítulos ao que se pode e ao que não se pode fazer com o referido imposto.)

Judas conhecia perfeitamente esta obrigação e, provavelmente, ao fazer o balanço dos fundos gerais, tinha separado Já o dinheiro que devia ser gasto em Jerusalém, na acepção de segundo dízimo. No entanto, o fato de o deixar nas mãos de Simão dava a entender que Jesus e os Seus homens tardariam ainda uns dias antes de ida a Jerusalém para celebrar a tradicional ceia pascal. Embora se tratasse apenas de uma presunção muito pessoal - que nunca tentei averiguar - é possível que Jesus tivesse Já trocado impressões com Judas, como responsável pelo dinheiro, marcando mesmo o dia para o referido rito.

Uma vez que se punha de parte e se entregava ao sacerdote a oferenda (teruma gedola) que, segundo a disposição rabínica, devia ser, em média, cinqüenta avos da produção obtida no campo do restante

tinha de pôr de lado um dízimo, que era destinado aos levitas (guardas do Templo), e que era chamado primeiro dízimo ou dos dízimo dos levitas. O Pentateuco refere-o em várias passagens: “Toda a décima parte da terra, tanto das sementes da terra como dos frutos da árvores, é do Senhor, é coisa sagrada ao Senhor“. (Levítico, 27-30).
“E dou como herança aos filhos de Levi todos os dízimos pelo serviço que prestam, pelo serviço ao tabernáculo da reunião”. (Números, 18 21). A Misn dedica mais cinco capítulos aos pormenores deste primeiro dízimo: Que frutos estão sujeitos ao dízimo, em que momento tem de fazer-se, em que casos podem comer-se frutos sem ter separado o dízimo e aplicação do dízimo em casos de replantio, venda, aproveitamento do subproduto e plantas livres da obrigação do pagamento do dízimo. (N. do M.)

Ao visitar Jerusalém nos dias seguintes, pude perceber a grande importância que tinha para os residentes da Cidade Santa a presença daqueles milhares de peregrinos - chegados de todas as províncias e do estrangeiro - e, principalmente, o benefício econômico que para eles representava o fato de cada hebreu ter de gastar durante a Páscoa uma parte dos seus ganhos anuais. Um dinheiro que era sempre considerável, se tivermos em consideração que esse segundo dízimo era retirado dos ganhos globais das vendas do gado, dos pomares e dos vinhedos de quatro anos, além dos trabalhos artesanais. O Nazareno terminou o sua conversa prometendo-lhes que ainda lhes deixaria muitas instruções e lições... antes de voltar ao Pai. Porém os discípulos acabaram por não compreender o que ele dizia.

No final, nenhum se atreveu a fazer uma só pergunta. Uma vez concluída a conferência, chamando de parte Lázaro, que me acompanhara a casa de Simão, Cristo recomendou-lhe que fizesse os preparativos necessários para deixar Betânia.

Jesus, o ressuscitado e todos nós sabíamos que - depois do milagre - o Sinédrio discutira e chegara à conclusão de que Lázaro devia ser também eliminado. De que servia prender e executar o Galileu se ficava com vida o seu amigo, testemunha de exceção do milagroso acontecimento? Este pensamento – não destituído de lógica - levara os sacerdotes a planear uma ação paralela, que culminasse com a prisão de Lázaro.

O meu amigo obedeceu e uns dias depois fugia para a povoação de Filadélfia, na zona mais oriental da fértil Pereia. Quando os guardas do Sinédrio vieram para o prender, só Maria, Marta e os seus criados estavam em casa. Na parte restante da manhã - até à uma e meia da tarde, altura em que se deu ordem de partida para Jerusalém -, o Rabi preferiu retirar-se para a zona mais frondosa do jardim de Simão. Na mesma noite, de regresso a Betânia, tive a coragem de lhe perguntar porque escolhera aquela maneira de entrar na cidade Santa. O Mestre, perfeito conhecedor das Escrituras, respondeu abertamente:

- Assim era preciso, para que se cumprissem as profecias...

Efetivamente, tanto no Gênese (29, 11) como em Zacarias (9,9) se diz que o Messias libertador de Jerusalém viria do monte das Oliveiras, montado num burrinho. Zacarias, concretamente, disse: Alegrai-vos muito, ó filha do Sião! Gritai, ó filha de Jerusalém!, Olhai, o vosso rei veio até vós. É justo e traz a salvação. Vem como o mais humilde, sentado num burrinho, a cria de um burro.

Pela hora sexta (o meio-dia), depois de um frugal almoço, Jesus - que tinha recuperado o excelente bom humor do dia anterior - pediu a Pedro e a João que seguissem à frente até à povoação de Betfagé.

- Quando chegardes à encruzilhada dos caminhos - disse-lhes encontrareis presa a cria de um asno. Soltai o burrinho e trazei-o.

- Mas, Senhor - argumentou Pedro com razão -, e que devemos dizer ao dono?

- Se alguém vos perguntar a razão por que o fazeis, dizei simplesmente: O Mestre tem necessidade dele.

Pedro, muito habituado Já a estas situações desconcertantes, encolheu os
ombros e partiu para Betfagé. O jovem João - um rapaz silencioso, quase taciturno (deveria andar pelos dezesseis ou dezessete anos), magro como um caniço e de olhos pretos como o carvão - permaneceu ainda uns instantes contemplando o seu ídolo. No seu olhar adivinhava-se a surpresa e um certo temor. Que estava planejando o Mestre? De repente, reparou que Pedro Já se encaminhava para a saída e, dando um pulo, correu em perseguição do amigo.

A essa altura, David Zebedeu - um dos mais ativos adeptos de Cristo -, sem nada dizer ao Mestre nem aos doze, tivera a genial idéia de se meter a caminho de Jerusalém e, na companhia de outros crentes, começou a avisar os peregrinos da iminente chegada de Jesus de Nazaré. Aquela iniciativa – como depois ficou demonstrado - ia contribuir decisivamente para a entrada triunfal do Mestre na Cidade Santa. Além das centenas de hebreus que, como todos os dias, tinham acorrido a Betânia, milhares de habitantes de Jerusalém e dos recém-chegados para a Páscoa tiveram conhecimento da presença daquele Galileu - que fazia milagres - e com coragem para fazer frente aos sumos sacerdotes. Não foi preciso esperar muito tempo. Pela uma e meia da tarde, Pedro e João reuniram-se à comitiva, que os esperava, Já fora da aldeia de Lázaro. Tal como o Mestre dissera, quando o voluntarioso Pedro chegou a Betfagé, lá estavam os animais: um asno e a sua cria. A verdade é que, conhecemos a povoação e a suas pessoas - todos fervorosos adeptos de Jesus - encontrar nas suas ruas os mencionados jumentos e convencer o dono a que emprestasse um deles ao Rabi não podia ser considerado como um ato milagroso. Aquela, pelo menos, foi a minha impressão. Se nalguma coisa Betânia e Betfagé se distinguiam das restantes povoações de Israel era precisamente naquilo: no profundo afeto e na férrea fé dos seus habitantes por Cristo. Lázaro confessou-me

que estava convencido de que aquele milagre do Nazareno - possivelmente um dos mais extraordinários de quantos levou a cabo durante a sua vida pública - tivera por palco Betânia, não para que as pessoas das suas aldeias acreditassem, mas antes porque Já acreditavam. A teoria não era má. Cidades e povoações muito mais importantes - casos de Nazaré, Cafarnaum, Jerusalém, etc. - tinham repelido Jesus... O caso é que, segundo contou Pedro, quando este se dispunha a soltar o jumento, apareceu o dono. Ao perguntar-lhe porque fazia aquilo, o discípulo explicou-lhe para quem era e o hebreu, sem querer saber mais, respondeu:

- Se o vosso mestre é Jesus de Galiléia, levai-lhe o burrinho. Ao ver o pequeno asno - de pêlo pardo, apenas com um metro de estatura e possivelmente da chamada raça silvestre (muito vulgar em África e no Oriente) -, quase todos os presentes fizeram a mesma pergunta. Para que precisaria o Mestre daquela dócil cria de asno? Jesus sempre trilharia os caminhos com a única ajuda das suas fortes pernas, que hoje seriam invejadas por muitos corredores de maratona... Pouco depois, ao vê-lo caminhar entre a multidão que se apinhava no caminho e nas ruas de Jerusalém - no lombo do burrinho - comecei a suspeitar de quais podiam ser as verdadeiras razões que tinham impelido Jesus a procurar o auxílio daquele pequeno animal.

O Mestre, sem mais demora, deu ordem de partida para Jerusalém. Os gêmeos, num gesto que Jesus agradeceu com um sorriso, estenderam os mantos por cima do burro, agarrando-o pelo cabresto enquanto aquele gigante montava escarranchado, o Nazareno agarrou a corda que fazia as vezes de rédeas e bateu levemente no asno com os joelhos, incitando-o a avançar. A considerável estatura do Rabi obrigava-o a dobrar as compridas pernas para trás , a fim de não arrastar os pés no pó do caminho. Com todo o meu respeito pelo Senhor, a Sua figura, cavalgando daquela maneira o jumento, era um espetáculo meio ridículo meio cômico. Pouco a pouco, fui-me apercebendo que aquele, precisamente, era um dos efeitos que o Mestre parecia pretender. A tradição - tanto oriental como romana - estabelecia que os reis e heróis entrassem também nas cidades montados em garbosos corcéis ou em engalanados carros. Algumas das profecias judaicas falavam, mesmo, de um rei - um messias - que entraria em Jerusalém como aguerrido libertador, sacudindo de Israel o jugo da dominação estrangeira.

Mas, que gênero de sentimento podia provocar no povo um homem de semelhante estatura, no lombo de um burrinho?

Sem dúvida, uma das razões para entrar assim na Cidade Santa tinha de ser procurada numa idéia intencional de ridicularizar o poder puramente temporal. E Jesus ia consegui-lo...

De início, tantos os homens do Seu grupo como as dez ou doze mulheres escolhidas por Jesus - e que se tinham unido à comitiva - ficaram desconcertados. Mas o Mestre era assim imprevisível, e eles amavam-No acima de tudo. E assim aceitaram o fato com resignação. O

próprio Jesus, com as Suas constantes brincadeiras, contribuiu - não pouco – para desfazer os receios dos Seus fiéis adeptos. Eu próprio me vi surpreendido ao observar, como o Nazareno se ria da Sua própria sombra.

Aquele ambiente festivo foi-se intensificando à medida que nos afastávamos de Betânia. Uma multidão que não se poderia calcular fora se juntando de ambos os lados do caminho, saudando, vitoriando e reconhecendo Cristo como o profeta da Galiléia. Os doze, que rodeavam estreitamente o Rabi (tanto Pedro, como Simão, o Zelota, Judas Iscariotes e mesmo o próprio André, tinham tomado precauções, e as suas espadas tinham voltado às faixas), estavam estupefatos. O seu medo inicial pela segurança do chefe e do resto do grupo foi-se dissipando à medida que avançávamos.

Centenas - talvez milhares - de peregrinos de toda a Judéia, da Pereia e até da Galiléia pareciam ter-se tornado repentinamente loucos. Muitos homens se despojavam dos seus roupões e estendiam-nos no pó do caminho, sorrindo e mostrando-se encantados à passagem do burrinho. Como uma só pessoa, mulheres, crianças, velhos e adultos gritavam e repetiam sem cessar: Bendito o que vem em nome do divino!... Bendito seja o reino que vem do céu!...

Tal como supunha, as pessoas não gritavam os conhecidos hosanna pela simples razão de que esta exclamação era um sinal ou pedido de auxílio, segundo a etimologia original da palavra judaica.

Quero crer que aquele mesmo calafrio que me percorreu as costas e me fez tremer foi também experimentado pelos apóstolos quando, espontaneamente, muitos daqueles hebreus cortaram ramos de oliveiras, saudando o Mestre, lançando à Sua passagem as flores violetas dos cinamomos e queimando, mesmo,
os ramos desta árvore, de modo que um fragrante aroma se espalhou pelo ambiente.

Sinceramente, nenhum dos adeptos de Cristo podia esperar uma recepção como aquela. Onde estavam as ameaças e a ordem de captura do Sinédrio?

Algumas mulheres erguiam os filhos, pondo-os nos braços do Nazareno, que os afagava sem cessar. O coração de Jesus, sem nenhum gênero de dúvidas, estava alegre. Mas, para minha surpresa, quando tudo fazia pensar que a comitiva seguiria pelo caminho habitual - aquele por onde fora, para me dirigir a Betânia -, Jesus e os doze viraram à direita, iniciando a subida da ladeira oriental do monte das Oliveiras. Eu não tinha reparado naquela íngreme e pedregosa caminho que, efetivamente, servia para encurtar caminho. Poucos metros depois, Jesus saltava agilmente do burrinho, continuando a pé a subida até ao cimo da montanha das Oliveiras.

A chuva havia muito que tinha passado, embora o céu continuasse com umas negras e ameaçadoras nuvens. Enquanto o grupo se adelgaçava, caminhando praticamente em fila, um atrás do outro, por

entre as plantações de oliveiras, senti um sobressalto no coração. Embora o módulo se encontrasse na cota mais alta do monte das Oliveiras e em cima de uns penhascos onde não tínhamos visto caminho alguma, havia sempre a possibilidade de os participantes naquela agitada manifestação de júbilo poderem penetrar na faixa de segurança do berço. Instintivamente, afastei-me do caminho e avisei Eliseu da aproximação da comitiva. Ao chegar ao cume, o Mestre parou. Respirei, aliviado, ao verificar que o ponto de contato do módulo se encontrava muito mais à direita e a uns trezentos pés do ponto onde tínhamos parado.

Jerusalém, daquela posição privilegiada, aparecia em todo o seu esplendor. As torres da Fortaleza Antonia, do palácio de Herodes e, principalmente, a cúpula e as muralhas do Templo tinham-se tingido de amarelo com o entardecer, destacando-se de um mosaico de casas e vielas branco-acinzentadas. Um repentino silêncio pairou sobre a comitiva, apenas quebrado pelo rumor de pintalgados grupos de israelitas, que corriam, vindos das portas da Fonte e das Telhas - ao sul das muralhas -, avisados da chegada do Profeta.

A inclusão dos familiares Hosanna ao filho de David!, que aparecem nos evangelhos canônicos, parece ser uma concessão posterior da Igreja primitiva, baseada no Salmo 118, 25, e que servia como profissão de fé. tal como indicou muito acertadamente Leonardo Boff. (N. do IIT.)

Subitamente, o semblante de Cristo mudou. Daquele aberto e contagiante bom humor tinha passado a uma extrema gravidade. Os discípulos aperceberam-se disso, mas, simples como eram, não entendiam as razões do Rabi. Tudo estava saindo melhor do que teriam podido imaginar. O silêncio tornou-se definitivamente total, quase angustiante, quando os que ali se reuniam verificaram como Jesus de Nazaré, avançando até à crista da ladeira ocidental do monte das Oliveiras, começava a chorar. Foi um choro suave, sem estridência alguma. As lágrimas correram tranqüilamente pela face e pela barba do Nazareno. Eu senti um estremecimento e na minha garganta formou-se um nó áspero. Com os braços descaídos ao longo da túnica, Cristo, sem poder evitar a sua comoção, e com a voz entrecortada, exclamou:

- Ó Jerusalém, bastava que soubesses, mesmo tu, pelo menos neste teu dia, das coisas respeitantes à tua paz e que tão livremente poderias ter... Mas, agora, essas glórias estão prestes a ficar escondidas dos teus olhos... Tu preparas-te para repudiar o Filho da Paz e voltar as costas ao evangelho da salvação... Não tardam os dias em que os teus inimigos farão uma trincheira ao teu redor e te sitiarão por todos os lados. Destruir-te-ão completamente, a tal ponto que não ficará pedra sobre pedra. E tudo isto acontecerá porque não conhecias o tempo da tua divina visita... Preparas-te para repudiar a oferta de Deus e todos os

homens te repudiarão. Obviamente, nenhum daqueles que escutaram aquelas frases podia ter sequer a intuição do trágico fim que o Rabi acabava de profetizar. Trinta e três anos mais tarde, de 66 a 70, o general romano Tito Flávio Vespasiano cairia primeiro sobre Israel com três legiões de elite e numerosas tropas auxiliares do Norte. Seu filho Tito terminaria a destruição do Templo e de boa parte de Jerusalém, no meio de um banho de sangue. Mais de oitenta mil homens, formando as legiões S.a, l0.a, 12.a e 15.d, reforçadas pela cavalaria, chegariam pouco antes da lua cheia da Primavera do ano 70 diante das muralhas da Cidade Santa. Em Agosto daquele mesmo ano, e depois de encarniçados combates, os romanos cravaram as suas insígnias no sagrado recinto dos Judeus. Em Setembro, tal como Jesus tinha avisado, não restava pedra sobre pedra da que fora a cidade umbigo do Mundo. Segundo os cálculos de Tácito, naquelas datas se tinham reunido em Jerusalém - com o fim de celebrar a tradicional Páscoa - à volta de seiscentos mil judeus. Pois bem, o historiador Flávio Josefo afirma que, durante o assédio, o número de prisioneiros - sem contar os crucificados e os que conseguiram fugir - se elevou a noventa e sete mil. E acrescenta que, no decorrer de três meses, só por uma das portas da cidade passaram cento e quinze mil cadáveres de israelitas. Os que sobreviveram foram vendidos como escravos e dispersos. As lágrimas e os lamentos do Nazareno estavam mais que justificados...

O jovem João, um dos discípulos mais queridos de Jesus – sem dúvida pela sua inocência e generosidade - aproximou-se do Mestre e, com a alma comovida ofereceu-lhe, um lenço, dos que habitualmente se usavam para enxugar o suor do rosto e que era costume levar atado num dos braços. Cristo, sem pronunciar uma palavra mais, limpou as lágrimas e voltou a montar no jumento, iniciando assim a descida para a cidade.

O rio de gente que tínhamos visto de cima subia Já a encosta, soando sempre mais alto os seus gritos de alegria. Jesus, fortemente escoltado pelos Seus homens, correspondia àquelas manifestações de afeto, avançando sempre com maior dificuldade. O gentio que saía em caudal pelas muralhas de Jerusalém não se contentava só em aclamá-lo de ambos os lados do caminho. Muitos, especialmente os meninos e os adolescentes, faziam remoinho em volta do burrico, obrigando os discípulos a abrir passagem aos empurrões e gritos. Era o delírio.

O alvoroço entusiasmara de tal modo os hebreus da cidade e dos acampamentos montados à sua volta que, dali a pouco, quando a comitiva tentava passar por baixo do arco da Porta da Fonte, no vértice sul de Jerusalém, um grupo de fariseus e levitas - alertados pelo tumulto, e que, segundo os indícios, saía precipitadamente com a idéia de prender o impostor - fez a sua aparição entre a multidão. Os guardas do Templo, armados com espadas e maças, permaneceram na expectativa, esperando pela ordem dos sacerdotes. Mas o entusiasmo e o clamor daqueles milhares de judeus eram tais que tiveram de pensar

com mais calma e, prudentemente, deixaram passar Jesus e os Seus adeptos. O Rabi, com uma invejável astúcia, evitara a Sua tumultuosa entrada pela zona norte-oriental de Jerusalém. Do cume do monte das Oliveiras, a entrada na Cidade Santa fora muito mais rápida, passando o leito seco do Cédron e penetrando pela chamada Porta Probática ou pela do Oriente, no lado oriental das muralhas. Aquela manobra, no entanto, tinha em si um perigo latente, passar muito perto da Fortaleza Antonia, sede e quartel-general das forças romanas de ocupação. Por outro lado, ao planejar a entrada triunfal pela zona mais meridional, Jesus via-se obrigado a passar por algumas das ruas mais populosas da parte baixa e velha da capital. Ainda que também nunca chegasse a perguntar-lhe, ao contemplar aquela imponente manifestação do povo judeu, feita a Jesus, tive a certeza de que o Mestre quis encaminhar os Seus passos para aquele setor de Jerusalém, precisamente com uma dupla intenção: permitir assim um mais prolongado e caloroso acolhimento que - de passagem - O protegeria e aos Seus homens contra a ordem de captura passada pelo Sinédrio. Aquela explosão foi tão sincera e clamorosa que, como Já mencionei, os sacerdotes não se atreveram a consumar a decisão tomada. Ao entrar nas ruas de Jerusalém, a multidão tornou-se tão expressiva que muitos jovens e mulheres, ao chegarem ao roseiral (único jardim permitido na Cidade Santa), arrancaram dezenas de flores, lançando-as à passagem de Cristo.

* O nosso computador central, com base nos cálculos feitos na tlisn . tinha-nos prevenido quanto à afluência de judeus que poderíamos encontrar naqueles dias, na Páscoa, em Jerusalém. De acordo com as medidas dos diferentes Átrios do Templo, o Papai Noel fixara em cerca de dezoito mil os Israelitas que podiam ter acesso ao recinto sagrado, em três turnos, e que representava o sacrifício de outros tantos cordeiros pascais. Tendo em conta que cada vítima podia ser consumida por uma média aproximada de dez pessoas, isso significava um volume de uns cento e oitenta mil assistentes à festa. Destes, vinte mil eram habitantes da própria cidade de Jerusalém e talvez cinco ou dez mil mais estivessem acampados fora das muralhas. Em suma, os peregrinos chegados naqueles dias à Cidade Santa podiam andar à volta dos cem mil ou cento e vinte e cinco mil. Isto nos dá uma idéia bastante aproximada do que realmente constituiu a multidão à passagem de Jesus e dos seus discípulos, naquela tarde de domingo, 2 de Abril. (N. do L1).

Aquele gesto enfureceu os perturbados espíritos dos fariseus e escribas que tinham vindo ao encontro do impostor e alguns - os mais audazes - abriram caminho a cotoveladas e empurrões, cortando a passagem ao Nazareno. Elevando as vozes por cima do tumulto, os sacerdotes gritaram a Jesus:

- Mestre, deverias repreender os teus discípulos e exortá-los a que se portem com mais decoro!

Mas o Rabi, sem perder a calma, respondeu-lhes:

- É conveniente que estes meninos acolham o Filho da Paz, que os sacerdotes principais repeliram. Seria inútil mandá-los calar... Se assim fizesse, no seu lugar poderiam falar as pedras da calçada.

Os fariseus, desanimados e enraivecidos, deram meia volta e com a mesma violência se perderam na multidão , sem dúvida a caminho do Templo, onde - segundo pude verificar pouco depois - o Sinédrio celebrava um dos seus habituais conselhos. Estes sacerdotes informaram os seus colegas o que estava acontecendo nas ruas do bairro velho de Jerusalém. José de Arimatéia, membro deste Sinédrio e bom amigo de Jesus, relataria na manhã seguinte a André e aos outros apóstolos como os fariseus tinham entrado de rostos transtornados na sala das pedras talhadas - (lugar das sessões do Sinédrio) exclamando: Olhai, tudo o que fazemos é inútil! Fomos confundidos por esse Galileu. As pessoas ficaram loucas por ele... Se não determos esses ignorantes, toda as pessoas o seguirá!

A triunfal comitiva prosseguiu a sua marcha pelas estreitas e íngremes vielas da cidade. As pessoas assomavam às janelas ou saudavam-No dos terraços e muitos - que, na realidade, viam o Nazareno pela primeira vez - perguntavam: Quem é este homem? A própria multidão e os discípulos se encarregavam de responder gritando: Este é o profeta da Galiléia! Jesus de Nazaré!

Pelas três e meia ou quatro da tarde, chegamos à longa parede oeste do hipódromo. Uma vez ali, ao sul do grande recinto do Templo, Jesus desceu definitivamente do jumento, pedindo aos gêmeos Alfeu que regressassem a Betfagé e devolvessem o burrico ao dono. Atraídos pela incessante gritaria dos judeus, alguns dos membros do Sinédrio apareceram entre os altos arcos do aqueduto que unia o vértice sul-ocidental do Templo à zona alta da cidade, contemplando atônitos como a multidão solicitava, gritando, que Jesus falasse e fosse proclamado rei. No ânimo geral - incluindo os mais íntimos do Nazareno - flutuava a crença de que era ele o libertador esperado. Por um instante, deixei-me arrastar pela fantasia e imaginei o que poderia acontecer se o Rabi tivesse cedido aos incessantes pedidos do povo...

Mas não eram essas - nem nada que se parecesse – as intenções do Galileu. Muito pelo contrário. Não se importando com as sugestões dos próprios discípulos, que lhe suplicavam que se dirigiu à multidão, Jesus de Nazaré, em silêncio e com o seu peculiar passo rápido, deixou-os, entrando no grande terreiro do Templo pela chamada Porta Dupla. Os apóstolos e as mulheres recordaram as ordens de Cristo de não se dirigirem publicamente aos Hebreus e, de cara fechada e mal humor, acompanharam o Mestre até ao interior do Templo, observando como parte dos que o tinham vindo aclamando se dispersava, enquanto outras centenas se decidiam, finalmente, por acompanhar o Mestre. Ao

penetrar no grande terreiro que rodeava o santuário - e apesar de ter visto aquele formidável retângulo do ar -, fiquei impressionado pela magnificência da obra. Herodes jogara tudo por tudo na construção daquele Templo. Enormes blocos de pedra - meticulosamente esquadrejados e unidos (os maiores de 4,80 m x 3,90 m) - constituíam as fileiras inferiores dos olhares. O imenso Átrio dos Gentios, que rodeava totalmente o santuário propriamente dito, fora cercado por uma soberba colunata. Uma balaustrada isolava o Templo da zona destinada aos que não eram judeus (o mencionado Átrio dos Gentios). Por cima de duas das suas treze portas de acesso ao interior, e nas quais montavam guarda os levitas ou guardas, comandados pelos sete guardas permanentes, pude ler advertências - em grego - que, naturalmente, respeitei a todo o momento. Diziam textualmente: "Nenhum estrangeiro pode penetrar na cerca e muralha em torno do santuário. Todo aquele que for surpreendido violando esta ordem será responsável pela pena de morte que daí lhe vier."

Realmente, os historiadores, como Josefo e Tácito, não tinham exagerado ao descreverem aquela maravilha. Ao entrar no gigantesco retângulo- fosse qual fosse o acesso que se utilizasse - ficava-se deslumbrado pelo luxo. Todas as portas - tanto a Probática como a Dourada ou os pórticos Duplo, Triplo e o Real - tinham sido cobertos por placas de ouro e de prata. (Só havia uma exceção, ainda que não me fosse possível verificá-la, pois que se encontrava mesmo no centro do Templo.Era a chamada Porta de Nicanor. Segundo Josefo e a Misn , todas as portas que ali havia eram douradas, exceto a Porta de Nicanor, pois nela acontecera um milagre, segundo outros, porque o seu bronze brilhava como ouro.)

O arquivo contido no computador central do módulo afirmava - segundo o escrito rabínico Middot II, 3 - que a referida Porta de Nicanor, situada entre o Átrio das Mulheres e o dos Israelitas (todo ele no interior do Templo) era e bronze de Corinto. Segundo Josefo, nove portas do Templo, juntamente com dintóis e ombreiras, estavam completamente revestidas de ouro e de prata. Só uma era de bronze de Corinto, a qual superava muito as outras em valor. Ao incendiar as portas para conquistar o Templo, fundiu-se o revestimento e as chamas alcançaram, assim, as partes de madeira. Continuando a descrever esta suntuosidade, Flávio Josefo assegurava que o vestíbulo estava inteiramente forrado por placas de ouro de cem côvados quadrados e da grossura de um denário de ouro. Das vigas do vestíbulo pendiam correntes de ouro. Havia ali duas mesas; uma de mármore e outra de ouro; ouro maciço. Por cima da entrada que dava para o vestíbulo e deste ao Santuário estendia-se uma parreira, também de ouro a qual crescia constantemente com as doações de ornamentos de ouro, que os sacerdotes se encarregavam de pendurar. Além disso, por cima desta entrada pendia àquelas horas do entardecer, com a luz solar incidindo obliquamente sobre Jerusalém, as

agulhas que sobressaíam do telhado - inteiramente banhadas em ouro - reluziam e cintilavam -, dando ao conjunto um halo quase mágico e fascinante.

O átrio dos Gentios - em especial toda a zona próxima das colunatas do chamado Pórtico Régio - apresentava um movimento fora do vulgar. Boa parte desta área do grande retângulo do Templo encontrava-se cheia de barraquinhas, mesas e gaiolas com pombas. Tendo em conta que o referido terreiro media, na sua parte mais estreita (justamente ao pé da colunata do Pórtico Régio), 735 pés, é fácil fazer uma idéia do volume de postos de venda que, em três ou quatro filas, ali tinham sido montadas. Não cheguei a cont -las na sua totalidade, mas duvido muito que as bancadas dos vendedores fossem menos de trezentas ou quatrocentas.

Na sua maioria tratava-se de intermediários, que negociavam com os animais que deviam ser sacrificados na Páscoa. ali se vendiam cordeiros, pombas e até bois. Em muitas das barracas, que não eram mais que simples tabuleiros de madeira montados sobre as próprias gaiolas ou, quando muito, munidos de pernas
ou suportes com dobradiças, se ofereciam e cantavam ao público muitos dos produtos necessários ao rito do sacrifício pascal: azeite, vinho, sal, ervas amargas, nozes, amêndoas tostadas e até marmelada. E em metade daquele mercado ao ar livre pude distinguir também uma comprida fileira de mesas dos chamados cambistas - gregos e fenícios, na sua maioria -, que se dedicam ao câmbio de moedas. A circunstância de muitos milhares de peregrinos serem judeus residentes no estrangeiro quase tornara obrigatória a presença de tais banqueiros. Ali vi moedas gregas (tetradracmas de prata, didracmas ticos, dracmas, óbolos, calcos e leptons ou caldeirinhas de bronze), romanas (denários de prata, sestércios de latão, dispôndios, asses ou assarius, semis e quadrantes) e, naturalmente, todas as variantes da moeda judaica (denários, maas e pondios -todas elas de prata - e asses, musmis, kutruns e perutas, de bronze, entre outras). Além disso, estes cambistas ofereciam um importante serviço aos hebreus, Já que lhes proporcionavam o câmbio necessário para poderem satisfazer o tributo obrigatório ou contribuição ao tesouro do Templo. A sua presença no local, portanto, era tão antiga quanto um espelho de ouro, que refletia os raios do Sol nascente através da porta principal (que não tinha batentes). Fora uma doação da rainha Helena de Adiabena. No Santuário, que ficava atrás do vestíbulo. encontravam-se singulares obras de arte, que constituíram os troféus de Tito na sua entrada triunfal em Roma, o candelabro maciço de sete braços, de dois talentos de peso (cada talento equivalia a 34 quilos e 272 gramas) e a mesa maciça dos pães da oração, também de vários talentos de peso. Finalmente. o santasanctorum devia encontrar-se vazio e as suas paredes totalmente cobertas de ouro.

Uma vez dentro do Átrio das Mulheres, o ouro resplandecia também por toda a parte. Havia candelabros de ouro, com quatro cálices nos vértices. As tesourarias do Templo estavam a abarrotar de objetos de prata e de ouro. Segundo Josefo, ao registrar-se a destruição do Templo pelos Romanos, a província da Síria viu-se inundada por uma gigantesca oferta de ouro. que trouxe como conseqüência a queda da libra de ouro. (N. do M.) tolerada. E dou previamente todos estes pormenores porque, no dia seguinte, segunda-feira - 3 de Abril - ia ser testemunho excepcional de um fato histórico - impropriamente designado por expulsão dos vendilhões do Templo por Jesus - que, a julgar pelo que pude ver, não tinha sido descrito corretamente pelos evangelistas. Enquanto o Mestre e os Seus discípulos passeavam por entre os postos de venda, contemplando os preparativos para a Páscoa, eu aproveitei para trocar algumas das minhas pepitas de ouro por moeda romana e hebraica, em partes iguais. No total, e depois de não pouco regatear com um daqueles malditos especuladores fenícios, obtive quatrocentos denários de prata e várias centenas de asses, ou moeda fraccionária, por quase metade da minha bolsa.

Ao contemplar o Rabi da Galiléia, rodeado pelos Seus amigos, falando pacificamente com aquelas centenas de mercadores, assaltou-me uma inquietante dúvida: como podia mostrar-se Jesus tão tranqüilo e natural com aqueles cambistas e intermediários quando o Evangelho afirma que, numa das suas múltiplas visitas ao Templo, se lançou contra eles com um chicote, atirando pelos ares as mesas? A explicação - lógica e simples - chegaria, como disse, no dia seguinte...

Pouco a pouco, a multidão que O tinha seguido até ao grande terreiro que rodeia o Santuário foi esquecendo o Nazareno, e o Mestre, na companhia dos Seus discípulos, entrou no Templo pelo Pórtico Corinto, perdendo-se lá dentro. Eu não tive outro remédio senão esperar no Átrio dos Gentios. Esta circunstância ia impedir-me de estar presente no conhecido episódio da viúva, que, naqueles instantes, devia ir a um dos mealheiros onde os Judeus depositavam a sua contribuição para o Templo. Quando o grupo saiu, André falou-me da lição que Jesus acabava de lhes dar e que, no essencial, foi corretamente narrada pelos evangelistas. O que eu não sabia é que aqueles mealheiros, em número de treze, estavam estrategicamente situados numa sala que rodeava o Átrio das mulheres. (As hebréias não podiam sair daquele recinto e entrar-se nos pátios dos homens ou dos sacerdotes.) Eram recipientes em forma de trombeta - estreitos na boca e largos no fundo -, para os proteger dos ladrões. O terceiro mealheiro estava confiado a um tal Petajia, responsável pelos sacrifícios das aves e que controlava o dinheiro depositado no terceiro mealheiro. (Em vez de realizar a oferenda dos animais, o Judeu podia entregar o equivalente em dinheiro.) Pois bem, Petajia - cujo verdadeiro nome era Mardoqueu - recebera este apodo por causa da sua extraordinária facilidade como poliglota: conhecia setenta línguas! (A palavra pataj

significa abria; quer dizer, abria as palavras, ao interpretá-las.) Aquela alusão de André ia ser muitíssimo vantajosa para mim, uma vez que - dias depois - o tal Petajia ia jogar um importante papel numa das negações de Pedro...

Enquanto esperava a saída do grupo do Santuário, sentei-me muito perto dos mercadores e pude assistir a um fenômeno que, segundo parece, era freqüente na compra e na venda. Muitos dos intermediários abusavam cruelmente dos hebreus mais humildes, chegando a vender-lhes uma rola por nove ou dez asses. (Se tivermos em conta que em Jerusalém, o preço normal destas aves era de um oitavo de denário ou três asses, os lucros destes usurários eram exagerados.)

Contudo o mais irritante é que aquele negócio, isento de encargos, era propriedade da poderosa família de Anás, ex-sumo sacerdote. Isto, sim, explicava a tolerância do comércio de animais para o sacrifício naquele lugar, apesar da sua santidade. (Também aquela observação ia ser importante para compreender o que iria acontecer no dia seguinte.) Indignado com a atitude miserável dos intermediários, procurei distrair-me, fixando o maior número de pormenores de quanto tinha ao meu redor. Contei, até, o número de colunas do Pórtico Régio: 162 esbeltas colunas de estilo coríntio. As balaustradas tinham sido trabalhadas em pedra. Uma delas – de três côvados de altura (157,5 centímetros) - separava o átrio interior e o exterior, que nos era acessível, a nós, pagãos. Nalgumas zonas desta balaustrada exterior tinham sido também gravados os mesmos avisos que eu lera nalgumas das portas de acesso ao Templo. Os pórticos que rodeavam este imenso adro - cuidadosamente lajeado com pedras de diferentes cores - estavam cobertos com ornatos de madeira de cedro, trazida, possivelmente, dos bosques do Líbano.

Quando vi aparecer os primeiros discípulos, um grupo de gregos que chegara naqueles dias a Jerusalém e que, naturalmente, tinha ouvido falar de Jesus, aproximou-se de Filipe e expôs-lhe o desejo de conhecer o Mestre. Jesus ainda não tinha saído do Templo e o discípulo foi consultar o apóstolo que, mesmo depois da ressurreição do Galileu, representaria a autoridade moral do grupo: André, o irmão de Pedro. Desde o primeiro momento que este pescador me tinha chamado a atenção, pela sua seriedade. Aparecia quase sempre silencioso, como que preocupado e distante. Talvez aquela introversão fosse devida à sua cultura rudimentar ou à sua acentuada timidez. Era um pouco mais magro que o irmão, de
estatura semelhante (1,60m aproximadamente), cabeça pequena e cabelo fino e abundante, diferindo de Pedro, que sofria de uma extrema calvície. Aparecia sempre cuidadosamente barbeado. É de supor que fosse um pouco mais velho que Pedro, ainda que a calvície deste o fizesse parecer mais idoso. André escutou em silêncio a mensagem do seu companheiro e, depois de observar o grupo de gregos, regressou

com Filipe ao interior do Santuário. Dali a pouco apareceu Jesus, que, com satisfação, conversou com aqueles gentios.

Alguns dos gregos sabiam do misterioso anúncio do Rabi sobre a Sua morte e interrogaram-No sobre isso. Jesus respondeu-lhes:

- Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo arrojado à terra não morre, fica só, mas, se morre, produz muito fruto... - Será que é preciso morrer para viver? - perguntou um dos gentios, visivelmente intrigado com as palavras do Mestre.

Quando interroguei André sobre o dinheiro que a viúva metera no mealheiro do Templo, este disse-me que lhe pareceu ver um total de dois lepta, ou quarto de asse. Por outras palavras, pura caldeirinha. (Uma ração diária de pão custava em Jerusalém um par de asses. O normal é que com um asse se pudessem comprar dois pássaros.) (N. do M.)

- Quem ama a sua vida - respondeu-lhe Jesus - perde-a. Quem a odeia neste mundo, conserva-la-á para a vida eterna.

- E que nos acontecerá - perguntaram novamente os gregos - se Te seguirmos?

- O que se aproxima de Mim, aproxima-se do fogo. Quem se afasta de Mim, afasta-se da vida.

Um dos que ouviam interrompeu o Galileu, replicando-lhe que aquelas palavras eram semelhantes às de um velho aforismo grego, atribuído a Esopo: Quem está perto de Zeus, está perto do raio.

- Diferindo de Zeus - comentou o Mestre -, Eu, sim, posso dar-vos o que olho algum viu, o que ouvido algum escutou, o que mão alguma tocou e o que nunca entrou no coração do homem. Se algum de vós quer servir-Me - concluiu -, que Me siga. Onde Eu estiver, estará também o Meu servidor. Se alguém Me serve, Meu Pai o honrará...

Mas os gregos não pareciam muito dispostos a porem-se às ordens do Rabi e acabaram por se afastar.

Jesus, sem poder dissimular a Sua tristeza, comentou entre os seus discípulos:

- Agora, a minha alma está perturbada... Que direi? Pai, livra-Me desta hora!... No entanto, Cristo pareceu arrepender-se imediatamente daqueles pensamentos em voz alta e acrescentou, de modo a que todos os Seus adeptos o pudessem ouvir:

- Mas para isto vim Eu a esta hora...

E, erguendo o rosto para o céu enevoado de Jerusalém, gritou:

- Pai, glorifica o Teu nome!

O que aconteceu imediatamente é algo que não saberia explicar com exatidão. Mal tinha o Mestre pronunciado aquelas comovedoras palavras, quando, na base ou no interior das nuvens que cobriam a cidade (e cuja altura média, segundo Eliseu me confirmou, era de, aproximadamente, seis mil pés) se deu uma espécie de relâmpago ou labareda. Se não fosse a voz forte e metálica que logo a seguir se ouviu, eu explicaria o fenômeno por uma possível descarga elétrica, tão vulgar

neste tipo de nuvens tempestuosas. Mas, quase em uníssono com aquela chama, as centenas de pessoas que se encontravam no grande terreiro ouviram uma voz que, em aramaico, dizia:

- Já glorifiquei e glorificarei de novo.

A multidão , os discípulos e eu próprio ficamos aterrorizados. Por fim, as pessoas começaram a reagir e a maioria procurou tranqüilizar-se, afirmando que aquilo fora apenas um trovão. Mas todos, no íntimo dos corações, sabíamos que um trovão não fala...

Os Hebreus voltaram a apinhar-se em volta do Mestre, que lhes anunciou:

- Esta voz veio não por Mim, mas por vós. É agora o juízo deste mundo, agora vai ser expulso o príncipe deste mundo. E Eu, levantado da terra, atrairei a Mim todos os homens...

Mas, tal como eu temia, aquela turba não entendeu uma única palavra. Os próprios discípulos se entreolhavam, como que dizendo:

- Por que está falando?

Alguns dos sacerdotes que tinham saído do santuário, ao escutarem aquela enigmática voz, replicaram-lhe que sabiam pela lei que o messias viveria sempre. Jesus, sem se perturbar, voltou-se para os recém-chegados e respondeu-lhes:

- Apenas um pouco mais de tempo estará a luz entre vós. Caminhai enquanto tiverdes a luz e que não vos surpreenda a escuridão, o que caminha na escuridão não sabe para onde vai. Enquanto tiverdes luz, acreditai na luz, para que sejais filhos da luz...

- Somos nós, os sacerdotes - atacaram os representantes do Templo, procurando ridicularizar Jesus -, que temos o poder de ensinar a luz e a verdade a estes...

O Rabi, apontando a multidão com a mão direita, replicou:

- Cegos!... Vedes o argueiro no olho do vosso irmão, mas não a trave no vosso. Quando tiverdes conseguido tirar a trave vereis com clareza e podereis tirar o argueiro dos olhos destes...

Jesus atravessou então as muralhas do Templo, seguido pelos Seus mais chegados.

A noite não tardaria a cair e o Mestre, tal como tinha por costume, atravessou o bairro velho de Jerusalém, em direção à Porta da Fonte, com o fim de descansar em Betânia.

Durante a entrada triunfal do Nazareno na cidade, a multidão fora tal que, francamente, mal tive oportunidade para reparar nas ruas e construções. Agora, em compensação, era diferente. Ao deixar para trás os 195 metros de parede exterior do hipódromo, o grupo meteu-se pelas estreitas vielas - quase todas em declive - da cidade velha.

Jerusalém dividia-se, então, em dois grandes núcleos: este setor por onde agora circulávamos (conhecido também como sug-ha-tajtôn ou Akra) e a zona alta ou sug-ha-elyon, localizada a noroeste. Ambas as cidades estavam separadas por uma depressão ou vale: o Tiroppeon. Aquela raiz – súg designava a natureza de ambos os lugares. Esta

palavra significa bazar. E foi isto que pude ver neste e nas seguintes caminhadas por Jerusalém: uma infinidade de bazares, em que se vendia de tudo.

Cada um dos setores da cidade era atravessado por ruas principais, adornadas com colunas: a grande rua do mercado, na zona alta. E a pequena rua do mercado, na cidade velha. Estas duas artérias comerciais estavam unidas por um enxame de ruas transversais, que constituíam um labirinto. Nesta rede de vielas - a maioria por empedrar e mergulhadas num cheiro pestilento, mistura de azeite queimado, comida velha e urinas atiradas para o centro das ruas - amontoavam-se milhares de casas, quase todas de um só piso e com as paredes escalavradas.

Mas o grupo, sempre com Jesus na frente, evitou as vielas incômodas e escuras, dirigindo os seus passos por uma das calçadas mais largas da parte baixa de Jerusalém. Para minha surpresa, entramos, de repente, numa rua de quase oito metros de largura, perfeitamente calçada, que desembocava junto da piscina de Siloé.

Os archotes e lanternas - estrategicamente colocadas nas paredes das casas - começavam Já a iluminar a noite da Cidade Santa. No entanto, e apesar das súbitas trevas, o trânsito de peões era constante.

Esta corresponde à atual Rua el-Wad. (N. do IT.)

Às portas dos edifícios daquela rua, de mais de duzentos metros de comprimento, observei numerosos artesãos, empenhados inteiramente nos seus trabalhos ou em intermináveis regateios com eventuais compradores. Naquela zona baixa ou velha tinham-se estabelecido as profissões mais nobres e consideradas de Jerusalém. Os pagãos, prosélitos e impuros, em contrapartida, tinham os seus domínios na parte alta. O fanatismo dos Judeus neste ponto chegara a tal extremo que, por exemplo, o escarro de um habitante da cidade alta era considerado como impuro; o que não acontecia com as expectorações dos residentes nesta zona da cidade.

André explicou-me que, no fundo, tudo tivera raiz na instalação dos pisoeiros ou branqueadores de tecidos na referida área alta. Estes apareciam entre as profissões desprezadas da comunidade israelita.

Junto das mais variadas tendas ou janúyôt alinhavam-se sempre na rua - alfaiates, barbeiros, médicos ou sangradores, fabricantes de sandálias, carpinteiros, sapateiros, vendedores de lanternas e de utensílios de cozinha, artesãos do cobre e até fabricantes de vestidos de Tarso, sem esquecer os solicitados vendedores de perfumes e de ungüentos.

Aquilo, em absoluto, constituía um espetáculo único, em que os pregões das mercadorias, gritos infantis, risos e o cheiro de frituras acabavam por envolver uma pessoa, cativando-a.

Foi numa daquelas lojas ao ar livre que, subitamente, resolvi comprar um formoso frasco de essência de nardo. Sem esconder a sua

estranheza, o bom André - que me servia de oportuno intermediário conseguiu um substancial abatimento, pagando um total de duzentos e cinqüenta denários pela jarra preciosa. O recipiente em questão fora primorosamente lavrado, pelo antiqüíssimo processo a que os Hebreus chamavam decantação de líquidos, de polimento circular. O revestimento e o brunido tinham reduzido a porosidade dos vasos, com um polimento tão brilhante que, à primeira vista, dava a impressão de um processo de vidrado.

Alcançamos o Mestre e os restantes discípulos quando passavam por baixo da Porta da Fonte, no extremo meridional de Jerusalém.

Eu sabia que a cidade, em especial naqueles dias antes da Páscoa, era um ninho de mendigos, mas, ao passar junto das muralhas, fiquei impressionado. Dezenas de leprosos se dispunham a passar ali a noite, envoltos nos seus mantos e farrapos, enquanto uma legião de coxos, aleijados, corcundas e cegos nos saíram ao caminho, suplicando-nos uma esmola.

Se não fosse André, que me arrancou sem contemplações, o mais provável é que os meus restantes cento e cinqüenta denários tivessem ido parar às mãos daqueles supostos infelizes. E digo supostos porque - segundo o irmão de Pedro - a imensa maioria eram simuladores profissionais, que aproveitavam a festa para comover os corações dos forasteiros e dar-lhes o golpe...

Creio que só me apercebi realmente da desilusão geral dos discípulos de Cristo quando tínhamos Já andado pouco mais de um quilômetro, em direção a Betânia. O Mestre, silencioso, ia na frente do grupo, puxando pelos dez com as suas características passadas.

Nem um só abriu a boca em todo o trajeto. Aqueles galileus pareciam confusos, deprimidos e até mal-humorados. Não tardei a deduzir a razão. Depois da apoteótica e inesperada recepção prestada ao Mestre, os apóstolos não tinham compreendido por que razão Jesus não aproveitara aquela magnífica oportunidade para se proclamar rei e instalar, definitivamente, o seu reino na Judéia, estendendo-o depois às restantes províncias. Ao ver os seus rostos não era difícil imaginar quais fossem os seus pensamentos.

André, preocupado com as sua responsabilidade como chefe do grupo ou talvez o que menos valorizava aquela explosão popular em torno do Mestre.

A verdade é que, nos dias seguintes, alguns dos íntimos – em especial Pedro, Tiago, João e Simão, o Zelota - tiveram de fazer consideráveis esforços para assimilar tantas emoções...

Simão Pedro foi, possivelmente, um dos mais afetados pela manifestação popular. E, mais que pelo acolhimento excitante, pelo fato incompreensível de o Mestre não se ter dirigido à multidão ou, pelo menos, ter permitido que o fizessem eles. Para Pedro, aquela fora uma magnífica oportunidade perdida.

Enquanto caminhava para Betânia senti-o angustiado e triste. No entanto, a sua paixão por Cristo era tal que soube aceitar o estranho comportamento do Nazareno sem a menor censura ou sinal de desgosto.

Os sentimentos de Tiago, o Zebedeu, eram muito parecidos com os de Simão Pedro. O seu medo inicial fora-se desvanecendo à medida que iam descendo pela encosta do monte das Oliveiras. À vista daquela multidão que aclamava o Mestre, concebera esperanças de poder e de influência. Mas tudo viera abaixo quando Jesus desceu do burrinho, perdendo-se no Templo. Como podia renunciar assim, tão perdulariamente, a uma oportunidade de ouro como aquela?

Por seu lado, João Zebedeu fora o único a ter a percepção das intenções de Jesus. Recordava que, em certa altura, o Mestre lhes falara da profecia de Zacarias e, não sem dificuldade, associou aquela entrada triunfal com as verdadeiras intenções de Jesus. Aquilo salvou-o, em boa medida, da depressão geral que o traumatizante final provocou.

Além disso a sua juventude e amor cego pelo Nazareno impediam-no, de suspeitar ou imaginar sequer que o Mestre se tivesse enganado... Filipe, o intendente e homem prático do grupo, tinha sofrido outro tipo de preocupação. Ao ver aquele rio humano pensou por um momento que Jesus podia pedir-lhe - como fizera noutras alturas – que lhes desse de comer. Por isso, ao vê-lo abandonar a procissão e passear tranqüilamente no recinto do templo, sentiu um alívio profundo.

Quando aqueles temores desapareceram da sua mente, Filipe uniu-se aos sentimentos de Pedro, compartilhando o critério de que fora uma pena não ter Jesus aproveitado a ocasião para instalar definitivamente o reino. Naquela noite, afundado em dúvidas, para si perguntou muitas vezes que poderiam querer dizer todas aquelas coisas. Porém, a sua fé no Galileu era sólida e não tardou em esquecer as incertezas.

Mateus, o homem cauteloso, ainda que de uma fidelidade extrema, ficou maravilhado com aquela explosão colorida em redor do Rabi. No entanto, o seu natural ceticismo sobrepôs-se e não tardaria em esquecer aquelas emoções da tarde de domingo. Só houve um momento em que Mateus estava prestes a perder a sua calma habitual.

Aconteceu em plena explosão popular, quando um dos fariseus troçou publicamente de Jesus, dizendo:

- Olhai todos, vede quem vem: o rei dos Judeus em cima de um asno.

Estava quase a sair dos eixos e pouco faltou segundo me confessou dias depois - para que se atirasse ao sacerdote. Na manhã seguinte, como disse, Mateus superara a crise geral, mostrando-se tão alegre como sempre. Depois de tudo aquilo, sabia perder e encarar a vida com filosofia...

Tomás, como Pedro, continuava aturdido. O seu profundo coração não conseguia encontrar razões para aquele festejo, absolutamente

infantil em sua opinião: Nunca vira Jesus numa situação como aquela e isso desorientara-o. Por momentos, o prático e frio Tomás chegou a supor que todo aquele alvoroço só podia obedecer a um motivo: confundir os membros do Sinédrio, que - como toda as pessoas sabia -, tencionavam prender o Mestre. E não lhe faltava razão.

Outro dos grandes confundidos por aquele acontecimento foi Simão, o Zelota. O seu sentido do patriotismo levara-o a conceber todo o gênero de sonhos em relação ao futuro político do seu país. Alimentava a idéia de libertar Israel do jugo romano e devolver ao povo a sua soberania. E Jesus, naturalmente, devia ocupar o trono derrubado de David.

Ao assistir à entrada triunfal em Jerusalém, o seu coração tremeu de emoção e viu-se no comando das forças militares do novo reino. Ao descer o monte das Oliveiras imaginou, até, os sacerdotes a simpatizantes do Sinédrio executados ou desterrados. Foi, sem dar lugar a dúvidas, o apóstolo que gritou mais alto e animou constantemente a multidão . Por isso, ao cair da noite, era também o homem mais humilhado, silencioso e desiludido. Tristemente, não se recomporia daquele golpe, mesmo muito depois da ressurreição do Mestre.

Com os gêmeos Alfeu não houve problema algum. Para eles, descuidados e brincalhões, foi um dia perfeito. Gozaram intensamente e recordaram aquela experiência como um dia em que mais perto estiveram do céu. A sua superficialidade evitou que neles germinasse a tristeza. Simplesmente, naquela tarde culminaram todas as suas aspirações.

Quanto a Judas Iscariotes, nunca cheguei a saber com exatidão quais foram os seus verdadeiros sentimentos. Em alguns momentos pareceu-me notar no seu rosto sinais evidentes de desacordo e repulsa. É possível que tudo aquilo lhe parecesse infantil e ridículo. Como os Gregos e Romanos, considerava grotesco e desprezível todo aquele que consentisse em cavalgar num asno. Não creio enganar-me ao pensar que esteve quase para abandonar ali mesmo o grupo. Mas, possivelmente, deteve-o o fato de ser ele o administrador dos bens. Aquilo significava uma permanente possibilidade de dispor de dinheiro e Judas sentia uma especial inclinação pelo ouro.

Talvez um dos momentos mais dramáticos para o vingativo Judas se desse pouco antes de chegar às muralhas de Jerusalém. De repente, um importante saduceu - amigo da família de Jesus - aproximou-se dele e, dando-lhe uma palmadinha nas costas, disse-lhe:

- Qual a razão desse ar de desorientação, querido amigo? Anima-te e une-te a nós, enquanto aclamamos este Jesus de Nazaré, o rei dos Judeus, que entra pelas portas da cidade no lombo de um burro.

A zombaria deve tê-lo ferido muito fundo. Judas não podia suportar aquele sentimento de vergonha e isso pode ter sido mais uma razão de peso para apressar o seu plano de vingança contra o Mestre. O apóstolo

tinha tão enraizado o sentido do ridículo que ali mesmo se converteu num desertor.

Salvo bem poucas exceções, os discípulos de Cristo demonstraram naquele histórico acontecimento - apesar dos seus três longos anos de aprendizagem e convivência com o Mestre - que não tinham entendido nada de nada.

Compreendi e respeitei o duro silêncio de Jesus, na frente daqueles homens acabrunhados e perplexos. Encontrava-se a um passo da morte e ninguém parecia captar a sua mensagem...

3 DE ABRIL, SEGUNDA-FEIRA

Segundo soube, foram muito poucos os discípulos que conseguiram conciliar o sono naquela noite de domingo para segunda-feira, 3 de Abril. À exceção dos gêmeos, os outros continuaram a ruminar os seus pensamentos. Era tal a sua perturbação que nem sequer estabeleceram os habituais turnos de guarda às portas da casa de Simão, onde se alojavam Jesus, Pedro e João.

Ao despedirem-se, cada um foi em silêncio para o respectivo refúgio.

Também o Rabi não abriu a boca. Como era natural, devia conhecer o estado de alma dos Seus amigos e, possivelmente, com o objetivo de evitar maiores tensões, preferiu jantar na casa de Lázaro.

Apesar da hora tardia, Marta e Maria de novo se desvelaram conosco. Lavaram-nos as mãos e os pés e, na companhia de seu irmão, comemos um pouco de queijo e de fruta. Nem o Mestre nem eu tínhamos muito apetite. Durante um bom espaço de tempo Jesus esteve encerrado num mutismo hermético, com os olhos postos nas chamas ondulantes da chaminé.

Antes que se retirasse para descansar pedi a Maria que aceitasse o frasco de essência de nardo que eu tinha comprado naquela mesma tarde na companhia de André. Resistiu muito, mas, por fim, aceitou-o.

Aquele gesto pareceu animar o Mestre, que saiu do seu enigmático isolamento, unindo-se plenamente à tranqüila conversa em que eu e Lázaro estávamos.

Durante a frugal refeição eu fora explicando ao ressuscitado e a suas irmãs o esplêndido acontecimento que tínhamos vivido poucas horas antes. Lázaro, contrariamente aos apóstolos, apercebeu-se imediatamente da transcendência do ato de Jesus. Sem esquecer a simbologia, aquela multidão não fizera mais que proteger o Rabi das garras do Sinédrio.

Não me cansarei de repetir este aspecto da questão. Nos Evangelhos que eu tinha estudado, em momento algum se falava disso, e sinceramente, qualquer pessoa de bom senso e um mínimo de informação sobre o que estava acontecendo naquelas últimas semanas

não poderia passar por alto que a referida manobra foi uma jogada magistral do Galileu. Como se diz no nosso tempo, matou dois coelhos de uma cajadada.

Ao verificar que Jesus de Nazaré se oferecia com gosto para o diálogo, aproveitei o momento e perguntei qual era a sua opinião sobre aquela tarde.

- Estive no meio das pessoas e a elas Me revelei na carne. A todos encontrei ébrios. Não encontrei um sedento. A Minha alma sofre pelos filhos dos homens, porque estão cegos no seu coração: não vêem que vieram vazios ao mundo e que tentam sair vazios do mundo. Agora estão ébrios. Quando vomitarem o vinho se arrependerão...

- São palavras muito duras - disse-lhe. - Tão duras como as que pronunciaste no monte das Oliveiras, à vista de Jerusalém...

- Talvez os homens pensem que vim trazer a paz ao mundo. Não sabem que estou aqui para lançar na terra divisão, fogo, espada e guerra... Pois haverá cinco numa casa, três contra dois e dois contra três; o pai contra o filho e o filho contra o pai. E eles estarão sós.

- Muitos no meu mundo - acrescentei fazendo que as minhas palavras não fossem excessivamente estranhas para Lázaro poderiam associar essas Tuas frases sobre o fim de Jerusalém com o fim dos tempos. Que dizes a isso?

- As gerações futuras compreenderão que a volta do Filho do Homem não se dará pela mão do guerreiro. Esse dia será inesquecível: depois da grande tribulação - como não houve desde o princípio do mundo - o Meu estandarte será visto nos céus por todas as tribos da Terra. Será essa a Minha verdadeira e definitiva volta: sobre as nuvens do céu, como o relâmpago que sai pelo Oriente e brilha até ao Ocidente...

- O que será a grande tribulação?

- Podereis chamar-lhe um parto de toda a Humanidade...

Jesus não parecia muito disposto a revelar-me pormenores.

- Pelo menos, diz-nos quando acontecerá.

- Desse dia e dessa hora, ninguém sabe. Nem os anjos nem o Filho. Só o Pai. Unicamente posso dizer-te que será tão inesperado que muitos serão apanhados no meio da sua cegueira e iniqüidade.

- O meu mundo, aquele de onde venho - tentei pressioná-lo distingue-se precisamente pela confusão e pela justiça... - O teu mundo não é melhor nem pior que este. Só falta a ambos o princípio que rege o Universo: o Amor.

- Dá-me, ao menos, um sinal para que saibamos quando Te revelarás aos homens pela segunda vez...

- Quando vos desnudardes sem ter vergonha, quando pegardes nas vossas roupas e as pisardes com os pés como as crianças, então vereis o filho do Vivente e não o temereis.

Felizmente, Lázaro continuava a identificar o meu mundo com a Grécia. Isso permitia-me continuar a fazer perguntas ao Mestre, com uma certa margem de amplitude.

- Então - continuei -, o meu mundo está muito longe desse dia. Por lá os homens são inimigos dos homens e até do próprio Deus...

Jesus não me deixou continuar.

- Estais então enganados. Deus não tem inimigos.

Aquela incisiva frase do Nazareno trouxe-me à memória muitas das crenças sobre um Deus justiceiro, que condena ao fogo do inferno os que morrem em pecado. E assim lho expus. Cristo sorriu, movendo a cabeça negativamente.

- Os homens são hábeis manipuladores da Verdade. Um pai pode sentir-se aflito perante as loucuras de um filho, mas nunca condenaria os seus a um mal permanente. O inferno - tal como acreditam no teu mundo - significaria que uma parte da Criação tinha fugido das mãos do Pai... E posso garantir-te que isso é não conhecer o Pai.

- Porque falaste então em certa altura do fogo eterno e do ranger de dentes?

- Se falando por parábolas não me entendeis, como posso então ensinar-vos os mistérios do Reino? Em verdade, em verdade vos digo que aquele que aposta forte, e se engane, sentirá como rangem os seus dentes.

- Será que a vida é uma aposta?

- Tu o disseste, Jasão. Uma aposta pelo Amor. É o único bem em jogo desde que se nasce.

Fiquei pensativo. Aquelas palavras eram novas para mim.

- Que te preocupa? - perguntou Jesus.

- Sendo assim, que podemos pensar dos que nunca amaram?

- Não existe tal gente.

- Que me dizes dos sanguinários, dos tiranos?...

- Também eles, amam à sua maneira. Quando passaram para o outro lado apanharão um bom susto...

- Não compreendo.

- Verão que - ao deixarem este mundo - ninguém lhes perguntará pelos seus crimes, riquezas, poder ou beleza. Eles próprios e só eles se perceberão de que a única medida válida no outro lado é a do Amor. Se não amaste aqui, no teu tempo, só tu te sentirás responsável.

- E que acontecerá com os que não souberam amar?

- Queres dizer, com os que não quiseram amar.

Novamente me senti confuso.

. Esses, amigo - prosseguiu o Rabi captando as minhas dúvidas -, serão os grandes enganados e, conseqüentemente, os últimos no Reino de meu Pai.

- Então, o Teu Deus é um Deus de amor...

Jesus pareceu aborrecer-se:

- Tu és Deus!

- Eu, Senhor?

- Em verdade te digo que todos os nascidos levam o sinete da Divindade.

- Mas não respondeste à minha pergunta. É Deus um Deus de amor?

- Se não fosse assim, não seria Deus.

- Nesse caso, devemos excluir da Sua mente qualquer tipo de castigo ou prêmio?

- E a nossa própria injustiça que se manifesta contra nós próprios.

- Começo a ter a intuição, Mestre, de que a tua missão é muito simples. Engano-me se Te disser que todo o Teu trabalho consiste em deixar uma mensagem?

O Nazareno sorriu, satisfeito. Pôs-me a mão no ombro e replicou:

- Não o podias resumir melhor...

Lázaro, sem fazer o menor comentário, teve um aceno afirmativo de cabeça.

- Tu sabes que o meu coração é duro - acrescentei. Poderias repetir-me essa mensagem?

- Diz ao teu mundo que o Filho do Homem veio apenas para transmitir a vontade do Pai: que sois Seus filhos!

- Isso Já sabemos...

- Tens a certeza? Diz-me, que significa para ti ser filho de Deus?

Senti-me outra vez confuso. Sinceramente, não tinha uma resposta válida. Nem sequer estava convicto da existência daquele Deus.

- Eu te direi - interveio o Mestre com grande doçura. - Ter sido criado pelo Pai pressupõe a máxima manifestação de amor. A vós se deu por inteiro, sem nada pedir em troca. Eu recebi o encargo de vos vir recordar isso. É essa a minha mensagem.

- Deixa-me pensar... Então, façamos o que fizermos, estamos condenados a ser felizes?

- É questão de tempo. O necessário para que o mundo entenda e ponha em prática que o único meio para isso é o Amor.

Tive de meditar muito bem a minha pergunta seguinte. Naqueles instantes a presença do ressuscitado podia representar um certo problema.

- Se a tua presença no mundo obedece a uma razão tão elementar, como a de deixar uma mensagem para toda a humanidade, não achas que a tua igreja está a mais?

- A minha igreja? - perguntou por sua vez Jesus que, em minha opinião, compreendera perfeitamente. - Eu não tive nem tenho a menor intenção de fundar uma igreja, tal como pareces entendê-la.

Aquela resposta deixou-me estupefato.

- Mas tu disseste que a palavra do Pai deveria ser espalhada até aos confins da Terra...

- E em verdade te digo que assim será. Porém, isso não implica condicionar ou submeter a Minha mensagem à vontade do poder ou das leis humanas. Um homem não pode montar dois cavalos nem disparar dois arcos ao mesmo tempo. E não pode um criado servir dois amos. Porque honrar um e ofender o outro. Ninguém que beba um vinho velho deseja naquele momento beber um vinho novo. Não se trasfega vinho novo para odres velhos, para que não se rasguem, nem se trasfega vinho velho para odres novos para que não se estrague. Nem se cose um remendo velho num vestido novo porque se faria um rasgão. Do mesmo modo te digo: a minha mensagem só necessita de corações sinceros que a transmitam: não de palácios ou falsas dignidades e púrpuras que a cubram.

- Tu sabes que não será assim...

- Ai dos que interponham a sua permanência à Minha vontade!

- E qual é a tua vontade?

- Que os homens se amem como Eu os amei. Mais nada.

- Tens razão - insinuei -, para isso não é preciso montar novas regras nem códigos nem chefias... No entanto, muitos dos homens do meu mundo desejariam fazer-te uma pergunta...

- Vamos - animou-se o Galileu.

- Poderíamos chegar a Deus sem passar pela igreja?

O Rabi suspirou.

- Será que precisas dessa igreja para entrares no teu coração?

Uma confusão extrema me apertou a garganta. E Jesus percebeu.

- Muito antes de existir a tribo de Levi, irmão Jasão, muito antes de o homem ser capaz de se erguer sobre si mesmo, o meu Pai tinha semeado a beleza e a sabedoria na Terra. Quem está primeiro, portanto, Deus ou essa igreja?

- Muitos sacerdotes do meu mundo - repliquei -, consideram essa igreja como santa.

- Santo é o meu Pai. Santos sereis vós no dia em que me ameis.

- Então - e peço-Te que me perdoes pelo que vou dizer-te -, essa igreja está a mais...

- O Amor não precisa de templos ou de religiões. Um homem retira o bem ou o mal do seu próprio coração. Um só mandamento vos dei e tu sabes qual é... No dia em que os meus discípulos dêem a saber a toda a humanidade que o Pai existe, a sua missão estará concluída.

- É curioso, esse Pai parece não ter pressa.

O Gigante fitou-me, condoído.

- Em verdade te digo que Ele sabe que acabará triunfando. O homem sofre de cegueira mas Eu vim abrir-lhe os olhos. Outros seres descobriram Já que vive mais quem vive no Amor.

- Que acontece então conosco? Porque não acabamos por encontrar essa paz?

- Eu disse que vomitarei os lábios da minha boca, mas não procures aborrecer os teus irmãos pela moleza ou pela pressa. Deixa

que cada espírito encontre o seu caminho. Ele próprio, no final, será seu juiz e defensor.

- Então, tudo isso do juízo final...

- Porque vos preocupa tanto o final, se nem sequer conheceis o princípio? Já te disse que no outro lado vos espera a surpresa...

- Tenho a impressão de que Tu serias excessivamente liberal para as igrejas do meu mundo.

- Deus como dizes, é tão liberal, que permite mesmo que te enganes. Ai daqueles que se arrogam o papel de salvadores, respondendo ao erro com o erro e à maldade com a maldade. Ai daqueles que monopolizem Deus!

- Deus... Estás sempre a falar de Deus. Poderias explicar-me Quem ou O que é?

O fogo daquele olhar voltou a trespassar-me. Duvido que exista parede, coração ou distância que não pudesse ser atingido por semelhante força.

- Podes tu explicar a estes homens de hoje de onde vens e como? Pode o homem prender as cores entre as mãos? Pode uma criança guardar o oceano entre as pregas da sua túnica? Podem alterar os doutores da Lei o curso das estrelas? Quem tem o poder para devolver a fragrância à flor que foi pisada pelo boi? Não me peças que te fale de Deus, sente-o. Isso basta...

- Vou bem se te disser que o sinto como uma... energia? Não me dava por vencido e Jesus sabia-o.

- Vais por bom caminho.

- E que existe por baixo dessa energia?

- É que não há por cima nem por baixo - atalhou o Nazareno, indo ao encontro dos meus embrulhados pensamentos. - O Amor, quer dizer, o Pai. é Tudo.

- Porque é tão importante o Amor?

- É a vela do navio.

- Permite-me que insista: que é o Amor?

- Dar.

- Dar? Mas o quê?

- Dar. Desde um olhar até à tua vida.

- Que podemos nós dar, os angustiados?

- A angústia.

- A quem?

- À pessoa que te queira...

- E se não tiver ninguém?

O Mestre fez um gesto negativo.

- Isso é impossível... Mesmo os que não te conhecem podem amar-te.

- E que me dizes dos teus inimigos? Também deves amá-los?

- Esses principalmente... Aquele que ama os que o amam, Já recebeu a sua recompensa.

A conversa prolongar-se-ia ainda muito pela madrugada. Sei agora que o meu ceticismo em relação àquele Homem começara a quebrar-se...

Quatro horas mais tarde, com a alvorada, Eliseu despertou-me. Na véspera, Mestre tinha dado ordens precisas aos Seus discípulos para partirem cedo para Jerusalém. Pelas sete (duas horas antes da terceira), apresentei-me em casa de Simão, o Leproso. Jesus e os doze encontravam-se reunidos no jardim. Desta vez, as indicações do Rabi foram muito mais concisas: nada de ostentações e manifestações em público. Os apóstolos, salvo os gêmeos Alfeu, não se tinham recomposto da experiência do dia anterior. Continuavam mudos, absortos. Com sinceridade, nenhum conhecia as intenções de Jesus e este, por seu lado, também não se mostrava excessivamente explícito. Ir à Cidade Santa naquela altura era uma caixa de surpresas. O Sinédrio continuava de emboscada e os íntimos do Galileu não sabiam o que o destino lhes podia reservar.

Pelas oito da manhã, metemo-nos a caminho. Jesus, como sempre, ia na frente. Enquanto subíamos a encosta do monte das Oliveiras, procurei sondar os discípulos. Que diferente foi aquela caminhada! A alegria e entusiasmo do domingo anterior tinham-se transformado em temor, expectativa e confusão. Havia um pensamento comum naqueles homens: Que devia fazer: acompanharem o Mestre ou renunciarem e retirarem-se?

Mas nenhum tinha a coragem suficiente para enfrentar Jesus e expor-lhe as suas inquietações. Por volta das nove, o grupo entrava em Jerusalém. A julgar pelo movimento dos peões, o núcleo de peregrinos aumentara consideravelmente. O Mestre, sem perda de tempo, encaminhou-se para o Templo. A proximidade da Páscoa mantinha o Átrio dos Gentios em plena ebulição. As bancas e barracas pareciam muito mais concorridas que na tarde de domingo. Centenas de judeus, de todas as classes sociais, esforçavam-se por comprar ou trocar as suas moedas, preparando-se assim para as oferendas obrigatórias, para o pagamento do tributo ao tesouro do santuário ou, simplesmente, escolhendo uma vítima sem mácula para a ceia pascal. Gradualmente, por causa dos abusos dos sacerdotes, as pessoas vulgar acabara por acorrer àqueles intermediários, ali comprando os seus cordeiros e aves. A astúcia e a avareza dos servidores do Templo tinham chegado a tais extremos que qualquer animal comprado fora daquele recinto podia ser recusado, por causas técnicas. Por outras palavras, os encarregados dos sacrifícios - que tinham a obrigação de examinar previamente cada uma das suas vítimas - podiam pôr de parte um anho ou um par de rolas, pelo simples fato de considerarem que a cor do animal não era a mais adequada. Isto representava a vergonha pública e, o que era pior, ter de comprar uma nova vítima. Indo pelo seguro, os Hebreus acorriam a este mercado, procurando, assim, animais de total garantia. Como Já afirmei anteriormente, esta manha era sempre acompanhada por um aumento

de preço, que era tão desonesto quanto ruinoso para as famílias mais humildes. Para cúmulo, o imposto ou tributo que cada hebreu tinha de satisfazer fora fixado numa moeda comum: o siclo (uma moeda do tamanho de dez centavos, mas com uma espessura dupla). Um mês antes da Páscoa, os cambistas oficiais instalavam as suas mesas nas diferentes cidades da Palestina, proporcionando assim aos peregrinos o dinheiro necessário para tal mister. Nem é
preciso dizer que, em cada operação, estes banqueiros ficavam com uma comissão, que oscilava entre cinco e quinze por cento do valor do câmbio. Se a moeda objeto de troca era mais alta, estes usurários podiam ficar com uma dupla comissão. Finalmente, quando a festa era Já iminente, os cambistas dirigiam-se a Jerusalém, estabelecendo o seu quartel-general no Átrio dos Gentios.

Este negócio dava grandes lucros aos verdadeiros proprietários do gado, das mesas de câmbio e da multidão de ingredientes e de utensílios que tinham de ser utilizados no sacrifício pascal. Estes proprietários não eram senão os sacerdotes e, muito especialmente os filhos de Anás.

Jesus conhecia esta situação e também as pessoas do povo. Mas o poder e a tirania destes indivíduos era tal que ninguém ousava levantar a sua voz contra aquela profanação da Casa de Deus.

Neste ambiente, entre gritos, discussões , regateios e o incessante ir e vir de centenas de hebreus, o Nazareno - tal como tinha por costume - dispôs-se, naquela manhã de segunda-feira, 3 de Abril, a dirigir a palavra aos numerosos crentes e adeptos que se iam juntando perto das lojas dos vendedores e cambistas O Mestre começou a Sua pregação mas, dali a pouco, a Sua poderosa voz viu-se abafada por dois incidentes que iam precipitar os acontecimentos. Numa das mesas de câmbio, muito próxima da escadaria onde se sentara o Rabi, um judeu de Alexandria começou a discutir acaloradamente com o responsável do câmbio. O peregrino, com razão, protestava pela abusiva comissão que o cambista pretendia cobrar-lhe. A coisa subiu de tom e foi-se apinhando gente à volta dos hebreus vociferantes.

E, como não bastasse aquele tumulto, nesse momento o terreiro foi invadido por uma manada de bois - bem mais de uma centena que era levada pelo átrio, até aos currais situados na ala norte, junto da Porta Probática. Os animais, propriedade do Templo, estavam destinados a ser queimados nos próximos sacrifícios e, por conseqüência eram habitualmente encerrados em estábulos, anexos ao Átrio dos Gentios. Confrontado com aqueles mugidos e a cada vez mais exaltada conduta do cambista, do judeu e de quantos o apoiavam, Jesus optou por fazer uma pausa e esperar. A quinze ou vinte passos, os discípulos permaneciam afastados e em silêncio. Mas aquela situação violenta, longe de amainar, piorou. A densa multidão fazia que fosse quase impossível ao pastor manter domínio nos bois, que se tinham espalhado por entre as mesas. E aqui, enquanto o Nazareno esperava,

impassível, um terceiro incidente veio provocar a faísca final. Entre os judeus que pretendiam ouvir Jesus encontrava-se um Galileu, velho amigo do Mestre (soube depois que se tinha encontrado com o Rabi durante a sua passagem por Iron). Este humilde lavrador tinha começado a ser maltratado por um grupo de peregrinos da Judéia. Entre empurrões e cotoveladas, aqueles orgulhosos indivíduos riam-se dele pela sua incredulidade.

Quando o Gigante se apercebeu desta última cena, ante o assombro dos Seus discípulos e de quantos ali estavam presentes, soltou o manto e, deixando-o
cair na escada foi ao encontro do pastor, arrebatando-lhe o látego de cordas. Com uma segurança inaudita, o Galileu foi reunindo os bois tresmalhados, tirando-os do Templo entre os sonoros gritos secos e fortes chicotadas no ladrilhado do Átrio. Quando a multidão viu o Mestre guiar o gado ficou eletrizada. Porém, não se quedou por ali. Uma vez concluída a operação de limpeza, Jesus de Nazaré, em silêncio, abriu majestosamente passagem entre a multidão , encaminhando-se a grandes passadas e com o chicote na mão esquerda para os currais, situados no outro lado do Átrio dos Gentios, junto da Fortaleza Antonia.

Aquilo era novo para mim e corri atrás dEle. Ao chegar aos estábulos, o Mestre - com uma firmeza que me deixou sem fala - foi abrindo um após outro, todos os portões, incitando os bois, machos, carneiros e cabritos a saírem dos seus recintos. Num instante, centenas de animais irromperam no átrio. E o Rabi, com a mesma decisão e destreza com que tirara do Templo a primeira manada, dirigiu aqueles assustados animais na direção das mesas dos cambistas e intermediários.

Como era de prever os animais espantados provocaram o pânico dos hebreus que, na sua fuga desordenada para os pórticos de saída, derrubaram uma infinidade de barracas. Os bois, por seu lado, acabaram por espezinhar as mercadorias, derramando numerosos cântaros de azeite e de sal.

A confusão foi aproveitada por um grande grupo de peregrinos, que se vingaram virando as poucas mesas que ainda estavam de pé. Em questão de minutos, aquele comércio fora literalmente varrido, com o conseqüente regozijo dos milhares de judeus que odiavam a profanação permanente. Quando apareceram os soldados romanos tudo estava tranqüilo e em silêncio.

Jesus de Nazaré, que não tocara com o látego num só hebreu nem derrubara mesa alguma - de tal posso dar testemunho, pois estive muito perto do Mestre - voltou então para o alto da escadaria e, dirigindo-se à multidão , gritou:

- Haveis sido testemunha neste dia do que está escrito nas Escrituras: A Minha casa será chamada uma casa de oração para todas as nações, porém, dela haveis feito um covil de ladrões.

A minha surpresa chegou ao cúmulo quando, ainda o Rabi não concluíra as Suas palavras, um grupo de jovens judeus se destacou da multidão aplaudindo Jesus e cantando hinos de agradecimento pela audácia e coragem do Galileu.

Este acontecimento, como se vê, nada tinha a ver com o que se conta nos Evangelhos e onde - seja dito de passagem - o Messias surge como um colérico, capaz de bater e de chicotear pessoas.

Como Já mencionei, Jesus pregara muitas outras vezes naquele mesmo terreiro do Templo e nunca se comportara daquele modo. Conhecia perfeitamente
as trapaças e os roubos feitos diariamente no Átrio dos Gentios e, não obstante, nunca se manifestou violentamente contra tal situação. Se, na manhã daquela segunda-feira, provocou a debandada do gado foi, em minha opinião, como conseqüência de uma situação muito concreta e insustentável.

Os que não poderiam faltar, obviamente, eram os responsáveis pelo Templo. Quando os sacerdotes tiveram conhecimento do incidente acorreram, pressurosos, ao local onde se encontrava Jesus, interrogando-o com severidade:

- Não ouviste o que dizem os filhos dos levitas?

Mas Jesus respondeu-lhes:

- Nas bocas dos meninos e das crianças se aperfeiçoam os louvores.

Os jovens intensificaram então os seus cânticos e aplausos, obrigando os fariseus a afastarem-se do local. A partir daquele momento, grupos de peregrinos colocavam-se junto das portas de acesso ao Templo, impedindo que pudesse restabelecer-se o câmbio de moedas e a venda normal dos intermediários. Os jovens não consentiram que fosse transportada uma única vasilha para o terreiro.

Talvez o mais triste daquele acontecimento fosse a atitude dos doze. Durante a fogosa intervenção do Mestre, o grupo permaneceu encolhido num canto, sem levantar uma mão para ajudar ou proteger Jesus. Esta nova e surpreendente ação do Galileu lançara-os numa desorientação total.

Mas se grande era a confusão dos discípulos de Cristo, a dos chefes do Templo, escribas e fariseus não era menor. Aquilo fora a gota de água que lhes esgotou a paciência. Aproveitando a ausência de José de Arimatéia, Nicodemo e outros amigos de Jesus, o Sinédrio convocou uma reunião de emergência, para análise da situação. Era preciso prender o impostor sem perda de tempo. Mas como e onde? Os escribas e os restantes sacerdotes viam que a multidão estava do lado do Galileu.

Havia, além disso, outro fato que não podiam perder de vista, a presença do procurador romano Pôncio Pilatos em Jerusalém.

Se a prisão de Jesus se materializasse à luz do dia e à vista dos milhares de peregrinos vindos de todos os cantos da Palestina e do

estrangeiro, a captura podia dar lugar a uma revolta generalizada. Isso significaria, com toda a certeza, uma violenta repressão das forças romanas aquarteladas na Torre Antonia e no acampamento provisório, montado pelos soldados na zona noroeste da cidade, nas imediações das piscinas de Bézatha. Que podiam, então, fazer?

Durante horas, os membros do Sinédrio discutiram quanto à maneira ideal de prender Jesus. Mas acabaram por não chegar a um acordo.

A única solução válida foi criar cinco grupos de peritos especialmente escribas e fariseus -, que seguiram os passos do Galileu e tentaram confundi-lo e ridicularizá-lo em público, destruindo assim o Seu prestígio e influência entre as pessoas simples.

Obedecendo a esta orientação, pelas duas da tarde, um destes grupos pôs-se a caminho do lugar onde Jesus fazia a Sua pregação. E, com o seu estilo característico - soberbo e autoritário -, perguntaram ao Mestre:

- Com que autoridade fazes estas coisas? Quem Te deu tal autoridade?

Eles sabiam que o Nazareno não tinha passado pelas obrigatórias escolas rabínicas e que, portanto, os Seus ensinamentos e até o título de rabi, que muitos lhe atribuíam, não eram corretos, segundo o rigoroso ponto de vista legal e jurídico.

Mas Jesus - com aquela rapidez de reflexos que o caracterizava respondeu-lhes com outra interrogação:

- Também me agradaria fazer-vos uma pergunta. Se me responderdes, eu vos direi igualmente com que autoridade faço estes trabalhos. Dizei-me: o batismo de João, de onde partiu? Conseguiu João esta autoridade pelo céu ou pelos homens?

Os escribas e fariseus formaram círculo e começaram a deliberar em voz baixa, enquanto Jesus e a multidão esperavam em silêncio. Tinham pretendido encurralar o Galileu e eram eles que se viam agora numa situação embaraçosa. Por fim, voltando-se para Jesus, replicaram:

- Em relação ao batismo de João, não podemos responder. Não sabemos...

A razão daquela negativa era bem clara. Se afirmassem que fora do céu, Jesus poderia responder-lhes: Então porque não haveis acreditado nele? Além disso neste caso o Mesíre podia acrescentar que a Sua autoridade vinha de João. Se, pelo contrário, os escribas dissessem que fora dos homens, aquela multidão - que considerara João como um profeta poderia atacar os sacerdotes...

A estratégia de Cristo, mais uma vez, fora brilhante e vencedora. E o Rabi, olhando-os fixamente, acrescentou:

- Pois também eu não vos direi com que autoridade faço estas coisas. Os Hebreus soltaram ruidosas gargalhadas, ante a impotência dos mestres máximos de Israel vermelhos de ira e de vergonha.

A grande diferença entre os escribas e o restante sacerdócio - fariseus, levitas, chefes do Templo, etc. - baseava-se no saber. Os escribas eram os depositários da ciência e da iniciação. Para chegar a fazer parte das chamadas corporações de escribas, o aspirante via-se obrigado a freqüentar numerosos estudos, que começavam nos seus anos de juventude. Quando o talmid ou aluno conseguia domar a matéria tradicional e o método da halaja (determinadas seções da literatura rabínica de argumento legal), até ao ponto de ser considerado como pessoa capacitada para tomar decisões pessoais em questões de legislação religiosa e de direito penal, então e só então, era designado como doutor não ordenado, ou talmid hakan.

Depois, chegado aos quarenta anos - idade canônica para à ordenação - o aspirante a escriba podia entrar na corporação, como membro de pleno direito ou hakan. A partir desse momento, o novo escriba estava autorizado a conciliar por si mesmo as questões de legislação religiosa ou ritual, a ser juiz nos processos criminais e a tomar decisões nos juízes de caráter civil, fosse como membro de um tribunal de justiça ou, então, individualmente.

Tinha direito a ser chamado rabi. As suas decisões tinham o poder de atar e desatar, para sempre os judeus do mundo inteiro. Nicodemo, por exemplo, amigo de Jesus, era um destes prestigiados escribas, a cuja passagem deviam levantar-se todos os filhos de Israel, com exceção de determinadas profissões artesanais. Porém, o que mais poder e influência lhes proporcionou entre os seus compatriotas foi o fato de serem portadores da ciência secreta,: a tradição esotérica. Um dos seus textos dizia: Não devem ser explicadas publicamente as leis sobre o incesto na frente de três ouvintes, nem a história da criação do mundo na frente de dois, nem a visão do carro de fogo na frente de um, a não ser que este seja prudente e de bom senso. A quem considere quatro coisas, mais lhe valera não ter vindo ao mundo a saber: (em primeiro lugar) o que está em cima (em segundo lugar) o que está em baixo (em terceiro lugar) o que era antes (em quarto lugar) o que ser depois. (Escrito rabínico flagíga II,1 e 7).

É fácil compreender a audácia de Jesus quando, em muitas das suas pregações públicas, se lançou contra os escribas, acusando-os de terem tomado para si as chaves da ciência, fechando aos homens o acesso ao reino de Deus. Nunca os escribas lhe perdoariam tal afirmação. (N. do M.)

Jesus dirigiu então o olhar para os que tinham querido perdê-Lo e disse-lhes:

- Uma vez que estais em dúvida sobre a missão de João e em inimizade com o ensinamento e os atos do Filho do Homem, prestai atenção enquanto vos conto uma parábola. Certo grande e respeitado agrário - começou o Galileu a sua história - tinha dois filhos.

Desejando que o ajudassem na administração das suas terras, dirigiu-se a um deles e disse:

- Filho, vem trabalhar hoje na minha vinha. E este filho, sem pensar respondeu a seu pai: Não quero ir. Mas logo se arrependeu e foi. Quando o pai encontrou o segundo filho disse-lhe: Filho, vem trabalhar na minha vinha. E este filho, hipócrita e desleal, respondeu:

- Sim, pai, vou. Mas, quando o pai se afastou, não foi. Deixai que vos pergunte: qual destes filhos fez realmente a vontade de seu pai?

Todos, como um só homem, responderam:

- O primeiro filho.

Jesus replicou então, olhando para os sacerdotes:

- Pois assim Eu declaro que os taberneiros e prostitutas, embora pareçam recusar o apelo ao arrependimento, verão o erro do seu caminho e entrarão no reino de Deus antes de vós que tendes grandes pretensões de servir o Pai do Céu, mas que recusai os trabalhos do Pai. Não haveis sido vós, escribas e fariseus, os que acreditaram em João, mas os taberneiros e pecadores. Também não haveis acreditado nos Meus ensinamentos, mas as pessoas simples escuta com gosto as minhas palavras.

Aquela segunda crítica pública obrigou os escribas e fariseus a dar meia volta entrando no santuário. E o Mestre continuou pregando em paz, fazendo as delícias da multidão .

Por José de Arimatéia soubemos que a cólera dos sacerdotes chegara a tal paroxismo que pouco faltou para que os levitas cercassem Jesus naquela mesma manhã, procedendo à sua captura. Mas a entrada em jogo dos saduceus (1) - que constituíam maioria no Sinédrio - atrasou José, conhecido por Caifás, era saduceu). A sua teologia, era diferente da dos fariseus. Cingia-se rigorosamente ao texto da Tora, em especial no que se referia às prescrições relativas ao culto e ao sacerdócio. A sua oposição aos fariseus e a sua halak ou tradição oral era completa e, até, furiosa. Dispunham, além disso, do seu próprio código penal, de uma severidade extrema. Como é evidente, houve muitos escribas que praticavam a doutrina saduceia. (N. do M.)

Naqueles tempos, o Sinédrio encontrava-se, basicamente, dividido em dois grandes grupos: os fariseus e os saduceus. Estes últimos formavam um partido organizado, integrado, fundamentalmente, pela nobreza laica e sacerdotal, pelos anciões ou notáveis do povo e pelos sacerdotes-chefe. (O sumo sacerdote em funções naqueles dias, novamente os planos dos inimigos de Cristo. Esta casta sacerdotal aceitara pessimamente o desmantelamento dos cambistas e intermediários e, pela primeira vez, apoiou os planos dos fariseus e escribas para eliminar Jesus. Isto significou maioria absoluta na hora de decidir e condenar o Rabi da Galiléia. Entretanto, Jesus começara a contar uma segunda parábola – a do rico proprietário que chegou a enviar o próprio filho para convencer os trabalhadores rebeldes da sua vinha a que lhe pagassem a renda -, perguntando aos que assistiam que deveria fazer o dono da vinha com aqueles arrendatários malvados.

- Destruir esses homens miseráveis - respondeu a multidão e arrendar o seu vinhedo a outros lavradores honestos, que lhe dêem os seus frutos em cada estação.

Muitos dos presentes compreenderam o sentido da parábola de Jesus e exprimiram-se em voz alta!

- Deus perdoe a quem continue fazendo coisas destas! Mas alguns fariseus não se davam por vencidos e voltaram ao local onde Jesus pregava. O Mestre, ao vê-los, disse-lhes:

- Sabeis como vossos irmãos repudiaram os profetas e bem sabeis que estais resolvidos a repelir o Filho do Homem. - Depois de alguns instantes de silêncio, o Seu olhar tornou-se mais agudo e acrescentou:

- Nunca lestes na Escritura sobre a pedra que os construtores recusaram e que, quando o povo a descobriu, dela fez a pedra angular?... Mais uma vez vos aviso. Se continuais repudiando o Evangelho, o reino de Deus será levado para longe de vós e entregue a outras pessoas, desejosa de receber boas novas e de levar em frente os frutos do espírito. Eu digo-vos que existe um mistério nessa pedra: quem cai sobre ela, ainda que fique partido aos pedaços, salvar-se-á. Mas aquele sobre quem caia esta pedra angular, ser moído até ficar em pó e as suas cinzas serão espalhadas aos quatro ventos.

Nesta altura, os escribas e chefes nem sequer tentaram replicar. E o Mestre prosseguiu nos Seus ensinamentos, contando uma terceira parábola : a do festim das bodas.

Quando terminou, Jesus pôs-se de pé e preparou-se para se despedir da multidão . Nesse instante, um dos crentes levantou a voz e interrogou o Rabi:

- Mas, Mestre, como saberemos essas coisas? Que sinal nos darás para que saibamos que és Tu o Filho de Deus?

Houve um novo e pesado silêncio. Mas quando os fariseus, muito atentos, consideravam que o impostor caíra na Sua própria armadilha, o Galileu - com voz sonora e apontando com o indicador esquerdo o próprio peito - afirmou:

- Destruí este Templo e em três dias o erguerei.

Deu Jesus por terminada a Sua pregação e, descendo a escadaria, convidou os discípulos a que o seguissem.

A multidão começou a dispersar-se, trocando uma infinidade de comentários. Evidentemente - pelo que pude escutar – não tinham compreendido o verdadeiro significado daquela última e lapidar frase de Cristo.

- Quase cinqüenta anos esteve este templo em construção - diziam uns aos outros -, e diz que o destruir e o erguerá em três dias? Como era natural, também os apóstolos não entenderam a intenção do Rabi. Só depois - muito depois da Sua ressurreição - se fez luz nos seus corações.

Pelas quatro da tarde, o grupo saía novamente de Jerusalém, rumo a Betânia.

Enquanto subíamos pela encosta ocidental do monte das Oliveiras, encurtando assim o caminho para a aldeia de Lázaro, Jesus deu instruções a André, Tomás e Filipe para que, a partir do dia seguinte, terça-feira, os discípulos preparassem um acampamento nas cercanias da Cidade Santa. Aquilo significava que o Nazareno tinha a intenção de instalar o seu local habitual de repouso - até àquele momento em Betânia - nos arrabaldes de Jerusalém. Mas, para quê? Que nos reservava o destino naqueles dois dias - terça e quarta-feira -, tão escassamente conhecidos, no que às atividades do Mestre se refere?

A inesperada decisão de Jesus - que, logicamente, não estava prevista no nosso plano de trabalho, uma vez que os textos canônicos e apócrifos não mencionam este acampamento – ia precipitar o meu regresso ao módulo, fixado por Cavalo de Tróia para o entardecer de terça-feira, 4 de Abril. Poucas horas depois, precisamente pelo anoitecer da referida terça-feira, e à vista do que aconteceu, comecei a compreender a razão por que o Rabi de Galiléia dera aquela ordem...

Pela segunda vez, enquanto caminhávamos para Betânia, tive oportunidade de verificar como a quase totalidade dos doze homens de confiança de Jesus não entendera a mensagem nem as intenções do Nazareno. Os seus comentários e, principalmente, os seus silêncios refletiam uma profunda confusão.

A majestosa ação do seu Mestre ao longo daquela manhã de segunda-feira, arruinando o sacrílego comércio dos cambistas e intermediários do Templo, tinha-lhes devolvido as esperanças de um Jesus poderoso, capaz de instaurar um reino terreno e político em Israel. Porém, ao chegar a tarde, o repúdio dos sacerdotes judeus dos Seus ensinamentos de novo os fez cair na incerteza. Aqueles homens pressentiam qualquer coisa. Apesar do seu escasso nível cultural, o permanente contato com a tensa realidade daqueles dias e as repetidas advertências de Jesus de Nazaré sobre o Seu fim próximo fazia-os ter a intuição de uma catástrofe. Estrangulados pelo medo e pelas dúvidas, os discípulos encaminharam-se para os seus respectivos locais de repouso, ainda que - conforme verifiquei na manhã seguinte - muito poucos fossem os que conseguiram dormir.

E, naquela noite de segunda-feira, 3 de Abril do ano 30, depois de me despedir temporariamente de Lázaro e de sua família, abordei o berço, iniciando os preparativos da segunda fase da exploração. Sem dúvida a mais trágica e apaixonante de quantas algum homem tenha empreendido.

A escuridão era total quando comecei a subir o monte das Oliveiras pelo lado oriental. Tinha Já avisado Eliseu do meu iminente regresso ao módulo, como conseqüência da alteração de planos do Mestre da Galiléia. Estive tentado a arranjar um archote, a fim de caminhar com maior segurança pela caminho que passava por entre os olivais. Mas um elementar sentido de prudência fez-me desistir.

O eco do microtransmissor colocado na fivela do meu manto chegava nitidamente ao berço. Aquilo tranquilizou-me. Naquele momento, o meu objetivo era alcançar a cota superior do monte das Oliveiras, situada à direita da caminho. Uma vez localizada a clareira pedregosa onde estava pousado o módulo, Eliseu encarregar-se-ia de me guiar, mediante a ligação auditiva. Uma hora antes, quando regressávamos a Betânia, eu tinha ficado para trás, atando a um dos ramos de um zambujeiro - justamente no cimo do monte das Oliveiras - o pequeno lenço branco que me servia para enxugar o suor e que, como os Hebreus, sempre trazia atado no pulso esquerdo.

Tal como esperava e, com o conseqüente alívio da minha parte, não cheguei a cruzar-me com nenhum caminhante. Ao distinguir o pano ondulando suavemente ao vento, apressei o passo. E, depois de o tirar da oliveira brava deixei o caminho, metendo-me por entre o mato na direção norte. À minha esquerda, avistavam-se as luzes amarelas e pestanejantes de Jerusalém, ao longe. Uma meia lua aparecia de quando em quando entre as compactas faixas de nuvens, facilitando consideravelmente a minha aproximação da nave. Poucos minutos depois, entrava na clareira, localizando o suave promontório pedregoso sobre o qual devia estar pousado o módulo. Eliseu, em ligação permanente, fora orientando os meus passos, corrigindo, através da tela do radar, alguns dos meus inevitáveis desvios de rumo. Ao penetrar na zona de segurança do módulo - a cerca de cento e cinqüenta pés do ponto de contato -, o meu companheiro anunciou-me que ia desligar parcialmente a barreira infravermelha, com o fim de tornar visíveis as bases de sustentação do berço, tornando assim mais fácil a minha entrada na nave.

De repente, a meio da escuridão e como que cravados nas rochas, apareceram quatro largos tubos, apontando como fantasmas azulados para a imensidão dos céus.

Simultaneamente, e com um suave resfolegar, o sistema hidráulico fez descer a pequena escada de alumínio. Sem perda de tempo introduzi-me no trem de aterragem do berço, subindo ao interior do módulo. Suponho que se alguém pudesse ver-me naquele momento, subindo por uma escadinha que, aparentemente, não dava para parte alguma, e desaparecendo progressivamente - primeiro a cabeça, ombros e braços e depois o resto do tronco, ventre, pernas, o susto teria sido considerável, acreditando talvez que estava presenciando uma visão divina... O meu encontro com Eliseu foi especialmente tenso e emotivo. Uma vez no berço, o meu companheiro voltou a levantar o painel sobre a base de sustentação e, depois de verificar que tudo continuava calmo em redor da nave, preparamo-nos para a revisão e execução da segunda fase da operação.

A minha entrada no módulo foi registrada pelas vinte horas e cinco minutos. Isto significava que ainda dispunha de umas nove horas antes

do meu regresso ao grupo de Jesus, previsto, segundo Cavalo de Tróia para as seis e trinta da manhã do dia seguinte, terça-feira, 4 de Abril.

Depois de me lavar e mudar de roupa - o calçado, não - Eliseu entregou-me aquilo que, familiarmente, conhecíamos por a vara de Moisés: o único instrumento usado fora do berço e que ia desempenhar um papel fundamental na minha exploração seguinte, em especial a partir da prisão do Nazareno, na noite de quinta-feira, 6 de Abril. Obviamente, numa viagem daquela natureza, os homens do general Curtiss tinham previsto - pelo menos para as horas de máxima tensão - a filmagem dos principais acontecimentos: noite da chamada Quinta-feira Santa sexta-feira e domingo de Ressurreição.

Além da citada filmagem, Cavalo de Tróia tinha especial interesse na seqüência exaustiva - minuto a minuto – das torturas que o Nazareno ia sofrer, bem como das Suas horas na Cruz. A seqüência de uma dupla fonte: por um lado, o meu testemunho pessoal e, por outro, sem dúvida mais importante, através de um sofisticado equipamento técnico, capaz de simultaneamente, filmar e analisar, de um ângulo estritamente médico.

Como é natural, estas delicadas operações não podiam efetuar-se abertamente. Isso iria contra os princípios básicos do Projeto. Era inviável, portanto, que eu andasse com uma câmara de cinema ou com os complexos aparelhos de rastreio das funções vitais de Jesus de Nazaré. E como, naturalmente, também não era possível a implantação de fios ou dispositivos eletrônicos no corpo do Mestre da Galiléia que nos permitiriam um controle das suas funções orgânicas, tensão arterial ritmo cardíaco, etc., Cavalo de Tróia desenhou e fabricou um complexo sistema, minuciosamente camuflado no que chamávamos a vara de Moisés.

Este engenho - que irei pormenorizando de forma progressiva consistia num simples cajado de madeira de pinheiro de um metro e oitenta de comprimento por três centímetros de diâmetro, com o correspondente remate superior, em forma de arco (1). Para o observador comum, alheio às nossas intenções, não deveria apresentar maior interesse que o de qualquer vara vulgar, como as usadas habitualmente pelos caminhantes e peregrinos. No seu interior, no entanto, fora colocado um delicadíssimo equipamento. A um metro e sessenta - contando sempre a partir da base do bastão - encontravam-se quatro canais de filmagem simultânea, com as objetivas distribuídas em cruz, de forma a poderem filmar, ao mesmo tempo, quanto sucedia nos trezentos e sessenta graus à nossa volta. As quatro bocas de filmagem – de quinze milímetros de diâmetro cada uma - tinham sido dissimuladas mediante um anel de três centímetros de largura, formado por um cristal semi-reflexo, de modo a que só permitisse a visão de dentro para fora. Esta espécie de braçadeira, primorosamente trabalhada pelos nossos técnicos, de modo a parecer uma simples faixa de tinta preta sobre a madeira branca, fora reforçada e adornada com

duas filas de pregos de cobre, que a prendiam firmemente. Estes pregos de cabeça larga tinham sido trabalhados de acordo com as antiqüíssimas técnicas da indústria metalúrgica descobertas por Nelson Glueck no vale de Arab , ao sul do mar Morto, e em Esyón-Guéber, o lendário porto marítimo de Salomão, no mar Vermelho. Evitando possíveis problemas, os homens de Curtiss tinham seguido rigorosamente as normas de Misn ou tradição oral judaica que, na sua Ordem Sexta - dedicada às prescrições entre purezas e impurezas -, especifica que um bastão pode ser suscetível de impureza se não for adornado com três filas de pregos. Um destes pregos, de cor esverdeada, mais intensa do que o restante, e ligeiramente separado da superfície do cajado, podia ser premido manualmente, iniciando-se, assim - de maneira automática -, a filmagem simultânea. Bastava uma nova pressão para que o prego voltasse à posição inicial, interrompendo-se a gravação.

O remate do cajado ou vara de Moisés - em forma de asa encurvada - fora estudado meticulosamente pelo Projeto Cavalo de Tróia, na base de uma das minhas missões, em que tinha de desempenhar o papel de guru ou adivinho. Estes astrólogos distinguiam-se, precisamente, pelo seu lituus: uma pequena vara com uma parte curva superior enroscada ou dobrada, em forma de asa curvada ou fraca espiral, tal como tínhamos observado num baixo-relevo famoso, existente no Museu de Florença, em Itália. O fato de ter escolhido, precisamente, a madeira de pinho para o fabrico da vara de Moisés teve uma justificativa puramente sentimental: desta madeira - reza a lenda - se fez precisamente o Cavalo de Tróia, que o exército helênico colocou em frente das portas de Tróia. (N. do M.)

Também por altura da grande viagem, Cavalo de Tróia prescindiu das objetivas habitualmente usadas nas câmaras de filmagem, ajustando nas bocas de cinema um sistema revolucionário que, estou certo, se impor , um dia, na atual técnica fotográfica. Dada a extrema miniaturização dos sistemas, tornava-se muito difícil a mudança de objetivas nas câmaras, que permitiria a tomada de planos diferentes.

Mediante uma técnica extremamente complexa, as lentes de vidro foram substituídas pelo que poderíamos chamar lentes gasosas, suscetíveis de se transformarem (sem necessidade de substituição de objetivas) em grande-angulares, teleobjetivas, lentes de aproximação, etc.

Embora não pretenda alongar-me na legião de fatores técnicos que formavam o recentíssimo sistema das lentes gasosas, quero oferecer algumas das suas características mais gerais, consciente de que talvez possa servir de pista aos investigadores e profissionais do mundo da fotografia, Já que, como temo, este magnífico processo não

seja dado a conhecer ao mundo imediatamente. A chave ou fundamento encontra-se no fenômeno de refração da luz. Todos sabem que, quando um raio de luz passa de um meio transparente a outro de diferente natureza ou densidade sofre uma mudança de direção. Toda a teoria ótica geométrica tende para a análise destas mudanças no caso de dióptricos, e lentes ou diferentes tipos de superfícies refletoras ou espelhos. Por outras palavras: os técnicos conseguem integrar a imagem visual de um objeto luminoso qualquer refratando os raios de luz por meio de um objeto de perfil estudado cuidadosamente, e composição química definida, a que chamam lente, embora de estrutura rígida. No entanto, o fenômeno de refração também é provocado num meio elástico, como é o caso de um gás. As lentes gasosas partem, em suma, deste princípio, que recorda em parte, o mecanismo fisiológico do olho, em que a lente, - o cristalino - não é rígida, mas elástica. Pois bem, as nossas câmaras substituíram estes meios - rígido (vidro) ou semi elástico (gelatina) - por um meio gasoso de refringência variável.

Comentemos outro exemplo: num recipiente cheio de ar, aquecido na sua parte inferior e arrefecido na superior, as camadas inferiores serão menos densas que as superiores. Neste caso, e devido à dilatação térmica do gás, um raio de luz sofrer sucessivas refrações, curvando-se para cima. Se invertermos o processo, o raio se curvará para baixo. Baseando-se nestes princípios, Cavalo de Tróia conseguiu um controle de temperaturas muito exato nos diversos pontos de uma massa sólida, líquida, gasosa ou de transição. Isto conseguiu-se emitindo dois feixes de ondas ultra-curtas, que esvaziaram o gradiente de temperatura num ponto concreto de uma massa de gás, quer dizer, obteve-se o aquecimento de uma pequena massa de gás nessa zona. Por este processo se pôde aquecer, por exemplo, a totalidade de um recipiente, deixando no interior uma massa de gás frio, que adota uma forma lenticular que, por sua vez, pode ser alterada, conseguindo-se uma alteração na sua espessura e forma ótica. A luz que atravessa essa massa, previamente trabalhada, de gás frio seguir direções definidas, de acordo com as leis óticas universais. Esta foi a chave para substituir, definitivamente, as lentes tradicionais de vidro pelas de natureza gasosa. Estas lentes revolucionárias são criadas no interior de um cilindro transparente de paredes muito delgadas, cheio de gás nitrogênio. Uma série de radiadores de ultra-frequência (em número de mil e duzentos) distribuídos perifericamente, aquecem à vontade e a diferentes temperaturas os diversos pontos da massa gasosa, conseguindo-se assim o que pode ir de um simples menisco lenticular de luminosidade f:32 a um complexo sistema equivalente, por exemplo, a uma teleobjetiva ou uma grande-angular de cento e oitenta graus. Estas câmaras não dispõem de diafragma, para que a luminosidade da ótica varie à vontade. O filme, de selênio, carregado eletrostaticamente, registra uma imagem elétrica, que substitui a imagem química. Esta película é formada por cinco lâminas transparentes sobrepostas, cuja

sensitometria está calculada para outras tantas imagens de diferentes comprimentos de onda. Além de uma segunda câmara de gás xénon, para um novo complicado tratamento ótico das imagens (criando, instantaneamente, uma espécie de prisma de reflexão), as nossas câmaras de lentes gasosas são alimentadas por um minúsculo computador nuclear, que constitui o cérebro do aparelho. Este microcomputador, munido também de memória de titânio, rege o funcionamento de todas as suas partes, programando os diversos tipos de sistemas óticos no cilindro de gás e tendo em conta todos os fatores físicos que intervêm, intensidade e brilho de imagem, distâncias focais, distância do objeto para a sua correspondente focagem, profundidade do campo, filtragem cromática, ângulo do campo visual, etc. (N. do M.)

É possível que muitas pessoas se perguntem como se pode conseguir um microcomputador nuclear de dimensões tão reduzidas, que seja possível meter dentro de uma vara de pinheiro de trinta milímetros de diâmetro. Embora não esteja autorizado a descrevê-las inteiramente, tentarei esboçar algumas das suas características essenciais. Em geral, os dispositivos amplificadores de voltagem ou de intensidade dos computadores atuais estão baseados nas propriedades da emissão catódica no vácuo, controlada por um elétron auxiliar, ou nas características do estado sólido, como no caso dos diodos e transistores de germânio e de silício. Mas os referidos circuitos não amplificam a energia. Mais ainda, a potência de saída é sempre menor que a de entrada (rendimento menor que a unidade). Apenas amplificam a tensão à custa de energia gerada numa fonte energética auxiliar, pilha ou retificador de corrente alternada. Pelo contrário, os elementos dos computadores de Cavalo de Tróia (amplificadores nucléicos) têm características distintas. Em primeiro lugar, a base não é eletrônica - também não é de vácuo ou de estado sólido (cristal) - mas sim nucléica. Uma débil energia de entrada (nêutrons ou prótons unitários incidindo sobre uns quantos átomos) provoca, por fissão do núcleo, grande energia. O rendimento, portanto, é muito maior que a unidade. À saída do amplificador elementar obtemos esta energia, não elétrica mas sim térmica, embora, num processo posterior, o calor se transforme em energia elétrica. E sendo a base destes elementos puramente atômica - e entrando em jogo, não trilhões de átomos, mas umas quantas unidades -, o grau de miniaturização é extraordinário, conseguindo armazenar complexíssimos circuitos em volumes reduzidíssimos. (N. do M.)

Este dispositivo de lentes gasosas ia ser de extrema utilidade. Ao longo das tensas e dramáticas quinta e sexta-feira, a substituição instantânea de uma grande-angular por uma teleobjetiva, por exemplo, me permitiria filmar pormenores de extrema importância, especialmente durante as horas que durou a crucificação. Embora prefira referir-me a isso mais adiante, o processo de filmagem encontrava-se intimamente

ligado a outro sistema, de exploração médica, a emissão infravermelha, igualmente colocada na vara de Moisés, embora num mecanismo alojado na zona superior do cajado, a um metro e setenta da base. Tanto o equipamento de filmagem como o de infravermelhos eram apoiados pelo Já referido microcomputador nuclear, estrategicamente encerrado na base da vara. A sua complexidade era tal que, além das funções de controle automático das filmagens, acumulação de película (com capacidade para cento e cinqüenta horas de filmagem), regulação das emissões, recepção e processamento das ondas ultra-sônicas e radiação infravermelha, traduzindo-as por imagens e sons, alimentação dos geradores de ultra-frequência, etc., a sua memória de titânio (1) permitia-lhe, até, controlar, a cada instante, os movimentos de turbulência em cada um dos pontos das quatro câmaras gasosas de cinema, corrigindo-as e conseguindo uma perfeita estabilidade ótica.

4 DE ABRIL, TERÇA-FEIRA

Na madrugada daquela terça-feira, 4 de Abril, pelas cinco horas e quarenta e dois minutos desci do módulo, iniciando o caminho de regresso a Betânia. O céu recuperara o seu formoso azul-celeste e a temperatura, ainda que ligeiramente mais baixa que nos dias anteriores, no momento de me despedir de Eliseu (o berço registrou onze graus centígrados), era suportável.

Além de me permitir um breve mas profundo repouso e uma limpeza completa, aquele breve período no módulo servira para satisfazer um pequeno capricho, intensamente desejado durante os cinco primeiros dias de exploração, poder tomar o pequeno-almoço à maneira antiga (embora neste caso tão especial devesse talvez dizer-se à maneira futura...) tal como tinha por costume nos Estados Unidos. Assim, diante dos olhos divertidos do meu companheiro, eu mesmo preparei os ovos mexidos, o bacon, as torradas com manteiga e as generosas xícaras de café fumegante.

E, com ânimo renovado, agarrei o meu novo e inseparável companheiro - a vara de Moisés -,guardando na bolsa de borracha um diminuto microfone, as lentes de contato, duas esmeraldas, uma corda colorida e a carta do suposto amigo da Tessalónica. Tudo isto, como iremos ver, de extrema importância para o desenvolvimento da minha missão...

À medida que me aproximava de Betânia, seguindo o mesmo caminho que tomara na noite anterior para o meu regresso ao berço, uma crescente curiosidade se foi apossando de mim. Que me reservaria o destino naqueles dois dias - terça e
quarta-feira -, dos quais mal se fala nas crônicas evangélicas? Que faria Jesus de Nazaré durante as horas que antecederam a Sua prisão?

Aquela inquietação fez-me apressar o passo. Quando me encontrava a uma pedrada do caminho que vai de Jerusalém a Jericó, e

que atravessava Betânia, um cerrado matagal atraiu-me a atenção. Tratava-se de belos ramos de junco - da espécie sultão -, muito apreciados pelas mulheres judias. Eu sabia que as hebréias gostavam de adornar os cabelos com feixes destas aromáticas flores, extraindo também dos seus pequenos tubérculos ovóides (um pouco menores que avelãs) uma espécie de licor refrescante, de sabor muito semelhante à orchata.

Contente com a minha descoberta, arranquei um ramo abundante e prossegui a marcha. Ao chegar à aldeia, o ruído familiar da moenda do grão pôs-me de sobreaviso: os habitantes de Betânia esforçavam-se nos seus afazeres e, provavelmente, o Mestre da Galiléia - consumado madrugador - teria iniciado Já o Seu dia. Não tinha tempo a perder.

Ao entrar na casa de Lázaro, a família saudou-me com vivas manifestações de alegria, oferecendo-me o tradicional beijo na face. Marta, em especial, parecia muito mais nervosa e feliz que os outros pela minha nova visita. Porém, a sua perturbação atingiu o cúmulo quando, inesperadamente, lhe pus nas mãos o cacho de junças. Os seus profundos olhos negros afundaram-se nos meus. E logo, num dos seus peculiares impulsos, se afastou do grupo, em corrida, refugiando-se numa das casas do pátio central. Maria e Lázaro não puderam conter o riso. Mas os meus pensamentos estavam em Jesus e imediatamente interroguei Lázaro quanto ao paradeiro do Mestre. Aquele meu interesse pelo Galileu deve tê-lo enchido de satisfação e, atendendo o meu pedido, ofereceu-se para me acompanhar à casa de Simão, o Leproso.

Pela posição do Sol deviam ser sete da manhã quando, depois de atravessar o jardim, me juntei ao grupo de discípulos que conversavam com o Rabi junto das escadarias onde eu tivera a minha primeira conversa com o Mestre.

Prudentemente, mantive-me afastado daquela grande reunião, observando que, além dos doze homens de confiança, assistia uma dezena de mulheres - eleitas igualmente por Jesus no princípio do seu magistério - bem como vinte ou vinte e cinco discípulos, todos eles muito amigos do Galileu, além do proprietário da casa, o velho Simão.

Pelo tom da Sua voz, mais grave que o habitual, compreendi que aquela reunião tinha um sentido muito especial. Não me enganei. Jesus, ante os olhos atônitos dos Seus amigos, foi-lhes dizendo adeus. Naquele instante, apertei dissimuladamente o prego de cobre ativando a filmagem simultânea. Ninguém percebeu a manobra. No entanto, e acredito assim que o devo registrar em honra da verdade, no momento em que iniciei a gravação, o Gigante - que se encontrava de costas e conversando com o grupo de mulheres - virou subitamente a cabeça, lançando primeiro o olhar para mim e, logo a seguir, para a vara que eu empunhava com a mão direita. Uma onda de sangue me subiu ao rosto. Mas o Mestre, em questão de segundos, acabou por esboçar um largo sorriso, a que julgo ter correspondido, ainda que não esteja muito

certo... Por um momento, julguei que tudo estava perdido. Os apóstolos e discípulos, atentos e cada um dos
gestos do Mestre, associaram aquele olhar e o imediato sorriso à minha presença, não lhe concedendo mais transcendência que a de uma calorosa saudação a um gentio que demonstrava aberto e sincero interesse pela doutrina do Rabi. Depois, Jesus dirigiu-se aos seus doze discípulos, dedicando a cada um deles umas calorosas palavras de despedida.

E começou por André, o verdadeiro responsável e chefe do grupo dos apóstolos. Num dos seus gestos favoritos, pôs as mãos nos ombros do irmão de Pedro dizendo-lhe:

- Não desanimes com os acontecimentos que estão para se dar. Mantém a mão firme entre os teus irmãos e esforça-te para que não te vejam cair em desânimo.

Depois, dirigindo-se a Pedro, exclamou:

- Não ponhas a tua confiança no braço de carne nem nas armas de metal. Apoia-te nos alicerces espirituais das rochas eternas.

Aquelas frases deixaram-me perplexo. Quase inconscientemente, associei as palavras de Jesus com as outras, postas pelo evangelista Mateus no capítulo dezesseis, onde, depois da confissão de Pedro sobre a origem divina do Mestre, Este afirma textualmente: Bem-aventurado és ó, Simão Barjonas... e Eu te digo a ti que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja...

Ao estudar os Evangelhos canônicos , durante a minha preparação para a Operação Cavalo de Tróia, tinha detectado um dado - repetido em diferentes passagens - que me causou certa confusão. Algumas frases do Nazareno, ou acontecimentos relacionados com o seu nascimento e vida pública, só eram recolhidos por um dos evangelistas enquanto os outros três não se davam por informados. Este era o caso do citado parágrafo de São Mateus que alimenta a crença entre os católicos de que Jesus de Nazaré quis fundar uma Igreja, tal como hoje a entendemos. E desde o primeiro momento nasceu em mim uma dúvida, como era possível que uma afirmação assim decisiva de Jesus não fosse igualmente registrada por Marcos, Lucas e João? Alguma vez o Mestre da Galiléia teria pronunciado aquelas palavras sobre Pedro e a Igreja? Seria esta confissão de Pedro uma deficiente informação parte da chamada do evangelista? Ou encontrava-me perante uma manipulação muito posterior à morte de Cristo, quando os ensinamentos do Rabi tinham começado a ser canalizados segundo a terrível legião própria que exigiam a justificação - da sua existência?

Os acontecimentos que ia ter oportunidade de presenciar na tarde e na noite daquela mesma terça-feira, 4 de Abril confirmariam as minhas suspeitas sobre a péssima recepção, por parte dos apóstolos, e muitas das coisas que Jesus fez e que, principalmente, disse. E ainda que nunca eu negue a possibilidade de o Galileu ter pronunciado essas palavras sobre Pedro e a Sua Igreja ao escutar aquela despedida pessoal do

Mestre a Pedro, no jardim de Simão, o Leproso, a minha dúvida sobre uma possível confusão de São Mateus aumentou consideravelmente.

Pedro, ao escutar aquelas comovidas palavras - e num movimento reflexo que o traiu -, procurou ocultar com o roupão o punho da espada, que escondia entre a túnica e a faixa. Mas Jesus, simulando não ter visto, pôs-se na frente de Tiago, dizendo-lhe:

- Não desfaleças com as aparências. Mantém-te firme na tua fé e depressa conhecerás a realidade daquilo em que crês.

Passou a Nataniel e, no mesmo tom de doçura, afirmou:

- Não julgues pelas aparências. Vive a tua fé quando tudo pareça desvanecer-se. Sê fiel à tua missão de embaixador do reino.

Ao imperturbável Filipe - o homem prático do grupo - fez a sua despedida com estas palavras:

- Não te intimides com os acontecimentos que se vão dar. Permanece tranqüilo, mesmo quando não possas ver o caminho. Sê leal ao teu voto de consagração.

Em seguida, a Mateus, falou assim:

- Não esqueças a graça que recebeste do reino. Não permitas que ninguém te roube na tua recompensa eterna. Assim como resististe às tuas inclinações de natureza mortal, deves permanecer resoluto.

Quanto a Tomé, a sua despedida foi esta:

- Não importa quão difícil possa ser, agora tens de caminhar pela fé e não pelos olhos. Não duvides que Eu possa terminar o trabalho que comecei.

Aquelas palavras a Tomé - o grande cético – foram especialmente proféticas

- Não consinteis que o que não compreendeis vos esmague - disse aos dois gêmeos. – Sede fiéis aos afetos dos vossos corações e não tenhais fé nos grandes homens ou na atitude volúvel das pessoas. Permanecei entre os vossos irmãos.

Depois, na frente de Simão, o Zelota, o discípulo mais politizado, prosseguiu:

- Desorientação te esmague, porém - Simão, pode acontecer que o teu espírito se erguerá contra todos aqueles que venham contra ti. O que não soubeste aprender de Mim, o Meu Espírito te ensinará. Procura as verdadeiras realidades do espírito e deixa de te sentir atraído pelas sombras irreais e materiais.

O penúltimo apóstolo era o jovem João. O Mestre, envolvendo as mãos dele nas suas, disse-lhe:

- Sê suave. Ama mesmo os teus inimigos. Sê tolerante. E lembra-te que acreditei em ti...

João, com lágrimas nos olhos, reteve as mãos de Jesus, ao mesmo tempo que exclamava num fio de voz:

- Mas, Senhor, vais-te embora?

A julgar pelas expressões dos seus rostos, tenho a certeza de que todos tinham feito a mesma pergunta. No entanto, os seus ânimos

estavam tão magoados e confusos que nenhum, exceto o sincero e valente João, se atreveu a exprimi-la em voz alta. Por último, o Mestre aproximou-se do esgrouviado Judas Iscariotes. Desde o primeiro momento, a complexa e atormentada personalidade daquele homem me tinham atraído de forma especial. Na medida das minhas possibilidades, procurei não o perder de vista. E posso dizer que as motivações que o levaram a trair Jesus não foram - como se insinua nos Evangelhos - as do dinheiro. Para um homem como ele, a consideração dos outros e a glória pessoal estavam muito acima da avareza...

- Judas - disse-lhe o Galileu -, amei-te e rezei para que ames os teus irmãos. Não te sintas cansado de fazer bem. Aviso-te para que tenhas cuidado com os escorregadios caminhos da adulação e com os dardos venenosos do ridículo.

Jesus, evidentemente, conhecia muito bem o caráter do traidor.

Quando acabou de se despedir, o Mestre, com uma certa sombra de tristeza no rosto, puxou Lázaro pelo braço e afastou-se do grupo, entrando no jardim. Só depois da sua morte, quando faltavam poucas horas para o meu regresso ao módulo, Marta me confessaria qual fora o tema daquela conversa privada entre Jesus de Nazaré e seu irmão. Jesus recuperou bem depressa o seu habitual bom humor. E depois de ordenar aos discípulos que levantassem naquela mesma manhã o acampamento no monte das Oliveiras, pediu a Pedro, André, João e Tiago que fossem com ele a Jerusalém.

A minha escolha não oferecia dúvida e na companhia de um reduzido grupo de discípulos segui os passos daqueles cinco homens.

Como Já era costume, o Nazareno, com uma invejável forma física, trepou a íngreme vertente oriental do monte das Oliveiras em pouco mais de meia hora. Quando, por fim, chegamos ao cimo, Jesus e os apóstolos - longe de pararem e descansarem - afastavam-se Já, colina abaixo, em direção ao leito seco do Cédron.

Mas, contrariamente ao que eu imaginava, o Mestre não parecia ter excessiva pressa em entrar na Cidade Santa, e parou na encosta ocidental do monte das Oliveiras, num terreiro onde se apertavam dezenas de tendas, na sua maioria ocupadas por peregrinos da Galiléia bem como por comerciantes de lãs e vendedores de animais para os sacrifícios rituais.

Pelo que me foi possível comprovar, algumas daquelas famílias conheciam há muito o Galileu e pediram-lhe que se sentasse junto delas. O Mestre aceitou com gosto, acariciando as crianças e mostrando-se encantado quando uma das hebréias lhe apresentou uma tigela de barro com leite de cabra recém-ordenhada, segundo disse. Logo outra mulher colocava em cima da esteira de palha em que o Rabi se sentara, uma bandeja de madeira com uma mancheia de tâmaras e uma espécie de torta branco-amarelada, que, segundo um dos meus companheiros de jornada, era conhecida por pão de figos.

Nota - Numa posterior ligação a Eliseu, o nosso computador central confirmou que os figos, juntamente com as tâmaras, proporcionavam ao povo judeu o maior índice de açúcar. Geralmente, eram postos para secar, sendo armazenados na forma de tortas. Este pão de figos era utilizado, inclusive, como fármaco para sarar úlceras. Papai Noel ampliou a minha informação, revelando que aquela torta de figos, que fora oferecida a Jesus, podia ser formada pela variedade chamada figo do sicômoro, muito freqüente na Palestina do século I.

Este alimento, de baixíssima qualidade, sofria uma punção quando ainda se encontrava na árvore. obtendo-se assim. Um amadurecimento mais rápido. (N. do M.)

Sorridente, o Nazareno sacudiu com a mão esquerda as numerosas moscas que tentavam pousar no leite, pegando no recipiente com ambas as mãos, bebendo lentamente e com prazer.

Pouco depois, tendo-se despedido dos seus anfitriões, fez mais duas visitas. Era a terceira hora (as nove da manhã) e o grupo continuou o seu caminho para Jerusalém. Foi então que Pedro e Tiago, que havia dias andavam em polêmica sobre os ensinamentos do Mestre quanto ao perdão dos pecados, resolveram tirar as dúvidas. E Pedro tomou a palavra:

- Mestre, Tiago e eu não estamos de acordo sobre os teus ensinamentos quanto à redenção do pecado. Tiago afirma que tu ensinas que o Pai nos perdoa, mesmo antes de Lhe pedirmos. Eu defendo que o arrependimento e a confissão devem vir antes do perdão . Qual de nós tem razão?

Um pouco surpreendido pela pergunta, Jesus parou em frente da muralha oriental do Templo e, fitando intensamente os quatro, respondeu:

- Meus irmãos, errais nas vossas opiniões porque não entendeis a natureza das íntimas e amantes relações entre a criatura e o Criador, entre os homens e Deus. Não conseguis compreender a simpatia compreensiva que os pais sábios têm pelos filhos não amadurecidos e por vezes em erro. É, verdadeiramente duvidoso que um pai inteligente e amante se ponha alguma vez a perdoar um filho normal. Relações de compreensão, associadas com o amor, impedem, efetivamente, essas desavenças, que, mais tarde, precisam de reajuste e arrependimento do filho e perdão do pai. Digo-vos que uma parte de cada pai vive no filho. E o pai goza de prioridade e superioridade de compreensão em todos os assuntos relacionados com seu filho. O pai pode ver a imaturidade do filho por meio da sua própria maturidade, a experiência mais amadurecida do velho. Pois bem, com os filhos pequenos, o Pai celestial possui uma infinita e divina simpatia e compreensão amorosa. O perdão divino, portanto, é inevitável. É inerente e inalienável à infinita compreensão de Deus e ao Seu perfeito conhecimento de tudo o que respeita aos Juízos errados e escolhas enganosas do filho. A divina

justiça é tão eternamente justa que inclui, inevitavelmente, o perdão compreensivo.

Quando um homem sábio entende os impulsos íntimos dos seus semelhantes, o amará. E quando amas o teu irmão, Já lhe terás perdoado. Esta capacidade para compreender a natureza do homem e perdoar os seus aparentes equívocos é divina. Em verdade, em verdade vos digo que se sois pais sábios, esta deverá ser a forma com que ameis e compreendeis vossos filhos, com que lhes perdoareis até quando uma falta de compreensão momentânea vos tenha separado.

O filho, sendo imaturo e falho de plena compreensão sobre a profunda relação pai-filho, terá, freqüentemente, uma idéia de separação quanto a seu pai. Porém, o verdadeiro pai nunca está consciente desta separação.

O pecado é a experiência da consciência da criatura, não é parte da consciência de Deus.

A vossa falta de capacidade e de desejo de perdoar aos vossos semelhantes é a medida da vossa imaturidade e a razão dos fracassos no momento de alcançar o amor. Conservais rancores e alimentais vinganças na razão direta da vossa ignorância sobre a natureza interna e os verdadeiros desejos de vossos filhos e próximos. O amor é o resultado da divina e íntima necessidade da vida. Baseia-se na compreensão, alimenta-se no serviço generoso e aperfeiçoa-se na sabedoria.

Os quatro amigos de Jesus ficaram em silêncio. Possivelmente Tiago e João compreenderam parte das explicações do Mestre. Não os dois irmãos pescadores. Pedro, coçando nervosamente a calva bronzeada, seguiu os passos do Galileu, mergulhado numa infinidade de reflexões.

Pelas nove e meia da manhã, Cristo e os Seus discípulos passaram por baixo da Porta Oriental, na muralha leste do Templo, encaminhando-se para as escadarias do Átrio dos Gentios, lugar habitual dos Seus discursos e ensinamentos. Os cambistas e vendedores de cordeiros e mais produtos próprios da Páscoa tinham voltado a instalar as suas mesas e barracas, aproveitando os primeiros alvores da madrugada. Tudo parecia tranqüilo. Nenhum daqueles intermediários fez o menor gesto de desaprovação ao ver entrar o Rabi da Galiléia e o reduzido grupo de adeptos. Jesus apercebeu-se perfeitamente de que aquele comércio sacrílego voltava a exercer-se. Mas, tal como acontecera noutras alturas, não lhe prestou grande atenção. Aquela atitude do Mestre confirmou a minha convicção de que o sucedido na manhã do dia anterior fora devido, fundamentalmente, a uma situação limite.

Muitos habitantes de Jerusalém bem como peregrinos, que de dia para dia iam engrossando a população da Cidade Santa e arredores, esperavam Já, impacientes, o aparecimento do Rabi da Galiléia. A maior parte, movida por uma curiosidade doentia, dados os graves

acontecimentos registrados na manhã de segunda-feira no adro do Templo e pela atuação do Sinédrio.

Não era segredo para ninguém que Caifás e todo o grande conselho de justiça judeu tinham tomado a decisão de prender e executar Jesus. Mas, se atreveram a fazê-lo em público? O próprio Rabi, por intermédio dos anciãos e fariseus que tinham apresentado a sua demissão no Sinédrio, estava ao ciente destas intrigas e da negra ameaça suspensa sobre Ele. Por isso, muitos dos hebreus aplaudiam em segredo a coragem do Nazareno, que não manifestava temor ou nervosismo, apresentando-se e avançando serena e majestosamente entre os levitas ou guardas do Templo e, principalmente, à vista dos sacerdotes.

Sem mais preâmbulos, e no meio daquela expectativa, Jesus começou as Suas palavras. Mas, mal tinha ainda começado quando um grupo de alunos das escolas de escribas, destacando-se da multidão , interrompeu o Mestre, perguntando-lhe:

- Rabi, sabemos que és um professor, que estás certo, e sabemos que proclamas os caminhos da Verdade e que serves a Deus, pois não temes homem algum. Sabemos também que não Te importa quem sejam as pessoas. Senhor, somos apenas estudantes e gostaríamos de conhecer a verdade sobre um assunto que nos preocupa. É justo para nós dar tributo a César? Devemos ou não
devemos dar?

Naquele instante, um dos serventes de Nicodemo – que professava havia algum tempo a doutrina de Jesus - fez um comentário em voz baixa, lembrando-nos que aquela impertinente interrupção fazia parte do plano estabelecido na fatídica reunião do Sinédrio do dia anterior. Os fariseus, escribas e saduceus, com efeito, tinham unido os seus votos para, em princípio, formarem grupos especializados, que procurassem ridicularizar e desprestigiar publicamente o Galileu.

Aquele silêncio peculiar - próprio dos momentos de grande tensão - foi quebrado pelo Nazareno que, em tom irônico – como se conhecesse perfeitamente a falsa ignorância daqueles rapazes, entre os quais se encontrava uma especial representação dos herodianos perguntou.

- Porque vindes assim provocar-Me?

E, imediatamente, estendendo a mão esquerda para os estudantes, ordenou-lhes em voz firme:

- Mostrai-me a moeda do tributo e eu vos responderei.

O porta-voz dos alunos entregou-lhe um denário de prata (*) e o Mestre, depois de olhar para ambas as faces, recomeçou:

- Que imagem e inscrição tem esta moeda?

Os jovens entreolharam-se com estranheza e responderam, dando como certo que o Rabi conhecia perfeitamente a resposta:

- A de César.

- Então - respondeu Jesus, devolvendo-lhes a moeda -, dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus e a Mim o que é Meu...

A multidão , maravilhada ante a astúcia e sagacidade de Jesus, rompeu em aplausos, enquanto os aspirantes a escribas e seus cúmplices, os herodianos, se retiravam, envergonhados.

Instintivamente, enquanto Jesus contemplava aquele denário, tirei da bolsa uma moeda semelhante e examinei-a atentamente. Aquele grupo era partidário da dinastia de Herodes e, entre outras missões , cabia-lhe denunciar à autoridade romana qualquer movimento ou ataque - mesmo verbal - contra César.

O denário de prata era uma moeda que corria legalmente naquele tempo. Segundo Papai Noel, equivalia a pouco menos do soldo de dois dias de um legionário romano. Nos tempos de César, o estipêndio anual de um soldado romano (legionário) era de cento e cinqüenta denários. Augusto lhe acrescentaria um reforço de soldo, atingindo os duzentos e vinte e cinco denários de prata ou três mil e seiscentos asses. Esta importância foi confirmada por Tácito em tempos de Tibério (Ann. 1, 17: denis in diem assibus animam et corpus aestimari). Os centuriões, por seu lado, recebiam dois mil e quinhentos denários/ano e os chamados primi ordines cinco mil (N. do M.)

Numa das faces tinha a imagem de César, sentado de perfil numa cadeira. · à sua volta podia ser lida a seguinte inscrição: Pontif Maxim. Na outra face a efígie de Tibério coroada de louros, com outra legenda à volta: Ave Augustos Ti Caesar Divil.

Aquela nova armadilha pública fora muito bem planejada. Todas as pessoas sabiam que o denário era o máximo tributo que a nação judaica tinha de pagar, inexoravelmente, a Roma, como sinal de submissão e vassalagem. Se o Mestre tivesse negado o tributo, os membros do Sinédrio teriam corrido imediatamente ao procurador romano, acusando Jesus de sedição. Se, pelo contrário, se tivesse mostrado partidário de acatar as ordens do Império, a maioria do povo judeu teria se sentido ferida no seu orgulho patriótico, com exceção dos saduceus, que tinham gosto em pagar o tributo.

Foram estes últimos os que, poucos minutos depois deste incidente, e seguindo a estratégia preparada pelo Sinédrio, se encaminharam para Jesus - que tentava continuar com os seus ensinamentos - preparando-lhe uma segunda armadilha:

- Mestre - disse-lhe o porta-voz do grupo -, Moisés disse que, se um homem casado morresse sem deixar filhos, seu irmão devia aceitar a esposa e lançar semente pelo irmão falecido. Aconteceu, então, este caso: certo homem, que tinha seis irmãos, morreu sem descendência. Seu irmão seguinte aceitou a esposa, mas também morreu cedo e sem filhos. E o mesmo fez o segundo irmão, que, igualmente, morreu sem prole. E assim até os seis irmãos terem aceitado a esposa e todos faleceram sem filhos. Então, depois de todos eles, também a esposa

morreu. Eis o que Te queríamos perguntar: quando ressuscitarem, de quem será a esposa?

Ao escutar a dissertação do saduceu, alguns dos discípulos de Jesus moveram negativamente a cabeça, em sinal de desaprovação. Segundo me explicaram, as leis judaicas, nestes aspectos, havia muito que era letra morta para o povo. Além de que aquele caso tão concreto era muito difícil de se tornar realidade. Só algumas comunidades de fariseus - os mais puristas - continuavam a respeitar e a praticar o chamado matrimônio de levirato.

O Rabi, embora sabendo a falta de sinceridade daqueles saduceus, transigiu em responder. E disse-lhes:

- Errais todos ao fazer tais perguntas porque não conheceis as Escrituras nem o poder vivente de Deus. Sabeis que os filhos deste mundo podem casar-se e ser dados em matrimônio, mas não pareceis compreender que os que se tornam merecedores dos mundos vindouros através da ressurreição dos justos não se casam nem são dados em matrimônio. Os que experimentam a ressurreição de entre os mortos são mais como os anjos do céu e nunca morrem. Estes ressuscitados são eternamente filhos de Deus. São os filhos da luz. Mesmo vosso pai, Moisés, compreendeu isto. Ante a sarça ardente ouviu o Pai dizer: Sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob. E assim, juntamente com Moisés, Eu declaro que Meu Pai não é o deus dos mortos, mas dos vivos. Nele, todos vós reproduzis e possuís a vossa existência mortal.

Os saduceus retiraram-se em grande confusão, enquanto os seus seculares inimigos, os fariseus, respondiam gritando:

- Verdade, verdade, verdade, Mestre! Respondeste bem àqueles incrédulos.

Fiquei novamente surpreendido, tal como aquela multidão, pela sagacidade e reflexos mentais daquele gigante. Jesus conhecia a doutrina desta seita, que só aceitava como válidos os cinco textos chamados os Livros de Moisés. E recorreu precisamente a Moisés na Sua resposta, desarmando os saduceus.

Mas, do meu ponto de vista, os fariseus que aplaudiram o Mestre também não entenderam a profundidade da mensagem do Nazareno, quando aludiu com voz vibrante aos que experimentam a ressurreição de entre os mortos. Os santos ou separados - como popularmente eram conhecidos os fariseus – acreditavam que, na ressurreição, os corpos se levantavam fisicamente. E Jesus, nas suas afirmações, não se referiu a este tipo de ressurreição...

O Mestre parecia resignado a suspender temporariamente a sua pregação e esperou em silêncio uma nova pergunta. A verdade é que chegou pouco depois, dos lábios daquele mesmo grupo de fariseus que simulara tão calorosos elogios ao Rabi. Um deles, apresentando-se a Jesus, expôs um tema que novamente comoveu a multidão :

- Mestre - disse -, sou advogado e gostaria de te perguntar qual é, em tua opinião, o maior mandamento. Sem conceder um segundo

sequer à reflexão - e elevando mais ainda a sua poderosa voz - o Gigante respondeu:

- Não existe mais que um mandamento e é ele o maior de todos. É este: Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, o Senhor é uno. E ama-lo-ás com todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua mente e com toda a tua força. Este é o primeiro e o grande mandamento. E o segundo é como este primeiro. Na realidade, sai diretamente dele é. Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe mandamento maior do que estes, neles se baseiam toda a Lei e os profetas.

Aquele homem de leis, comovido pela sabedoria da resposta de Jesus, inclinou e louvou abertamente o Rabi:

- Verdadeiramente, Mestre, disseste bem. Deus, bendito seja! É uno e nada mais há senão Ele. Amá-lo com todo o coração, entendimento e força e amar o próximo como a si mesmo é o primeiro e o grande mandamento. Estamos de acordo em que este grande mandamento tem de ser considerado muito mais em conta que todas as oferendas e sacrifícios que se queimam.

Ante semelhante resposta, o Nazareno sentiu-se satisfeito e sentenciou, ante o espanto dos fariseus:

- Meu amigo, noto que não estás longe do reino de Deus...

Jesus não se enganava. Naquela mesma noite, em segredo, aquele fariseu veio ao acampamento situado no jardim de Getsémani, sendo instruído por Jesus e pedindo para ser batizado. Aquela sucessão de fracassos dialéticos acabou por dissuadir os restantes grupos de escribas, saduceus e fariseus, que começaram a retirar-se dissimuladamente. Ao ver que não havia mais perguntas, o Galileu levantou-se e, antes de os venenosos sacerdotes desaparecerem, lançou-lhes esta questão:

- Uma vez que não fazeis mais perguntas, gostaria Eu de vos fazer uma: Que pensais do Libertador? Quer dizer, de quem é filho. Os fariseus e seus sequazes ficaram como que eletrizados, enquanto um murmúrio percorria aquela zona do terreiro.

Os membros do Templo deliberaram durante alguns minutos e, finalmente, um dos escribas, apontando um dos papiros que trazia atado ao braço direito e que continha a Lei respondeu:

- O Messias é o filho de David.

Mas o Nazareno não se contentou com esta resposta. Ele sabia que existia uma azeda polêmica sobre se era ou não o filho de David - mesmo entre os seus próprios adeptos - e reforçou:

- Se o Libertador é na verdade o filho de David, como é que no salmo que atribuís a David ele próprio, falando com o espírito, disse: O Senhor disse ao meu senhor: senta-te à minha direita até que faça dos teus inimigos o escabelo dos teus pés. Se David lhe chama Senhor, como pode ser Seu filho?

Os fariseus e responsáveis do Templo ficaram tão confusos que não se atreveram a responder.

Pela hora quinta (as onze da manhã, aproximadamente), Jesus deu por concluída a sua estada no Templo e, dado ser tempo de almoçar, encaminhou-se com os discípulos para a Porta Tripla com o fim - segundo me comentou o próprio Pedro – de se dirigir a casa de José de Arimatéia, na cidade baixa. Ao descobrir que eu ficava para trás, disposto a não incomodar, na medida do possível, a intimidade do grupo, André voltou atrás e convidou-me a partilhar com eles a segunda refeição do dia. Entretanto, Jesus, e os outros tinham Já atravessado por entre as mesas dos cambistas e mercadores, desaparecendo na soberba Porta Sul do Templo.

Estava quase aceitando, naturalmente, quando um tumulto proveniente do lado mais oriental do Santuário nos fez olhar para lá.

Entre gritos desesperados, uma mulher estava praticamente sendo arrastada pelas escadarias de acesso ao Pórtico Coríntio. Uma patrulha da guarda do Templo (os levitas), possivelmente dos destacados para o Átrio das Mulheres, encaminhavam-se, através do terreiro onde nos encontrávamos, na direção do Pórtico de Salomão e, mais concretamente, para a Porta Oriental. Dois dos levitas desta guarda de dia agarravam a hebréia pelas axilas, enquanto um terceiro lhe pegava nos pés, agüentando com muita dificuldade os violentos chutes da moça. Atrás meio escondidos num enxame de curiosos, caminhavam um dos guardas de turno do Templo e vários sacerdotes.

A multidão que se encontrava entre os lugares dos vencedores correu naquele instante para a patrulha, lançando gritos de adúltera... adúltera!, como se aquele acontecimento fosse algo vulgar e até festejado pela turba.

Interroguei André com os olhos e o chefe do grupo com expressão grave, lamentou aquela sombria coincidência, resumindo o lamentável espetáculo com a seguinte frase:

- São águas amargas.

Recordei naquele instante que numa das minhas investigações nos textos bíblicos - em Números (5 11-31), Yavé especificava a atitude a ter com a mulher suspeita de adultério. Quando o marido acreditava que a esposa lhe era infiel levava-a ao sacerdote obrigando-a a confessar. Se se negava a reconhecer a sua culpa, a infeliz tinha de passar por uma prova (uma espécie de juízo de Deus) das águas amargas. O sacerdote preparava uma beberagem especial - composta, segundo reza a Bíblia, por terra do Tabernáculo e pela tinta com que escrevia o ritual das maldições, previamente diluída em água - e, entre cerimônias religiosas, dava a beber a referida poção à suspeita. A crença judaica ensinava que, se a mulher fosse realmente culpada, o misterioso líquido lhe atacava as entranhas, matando-a. Pelo contrário, se estivesse inocente, as águas amargas não alteravam o seu organismo (1).

Diz assim o citado texto bíblico: Falou Yavé a Moisés, dizendo Fala aos filhos de Israel e diz-lhes: Se a mulher de um homem fornicar e lhe for infiel, dormindo com outro em concubinato de sêmen, sem que tenha podido vê-lo o marido nem haja testemunhas, por não ter sido encontrada no leito, e por se ter apoderado do marido o espírito dos ciúmes e ter ciúmes dela, tenha-se ela maculado na realidade ou não se tenha maculado, leva-la-á ao sacerdote, e oferecerá por ela uma oblação da décima parte de um efa de farinha de cevada, sem derramar azeite sobre ela nem lhe pôr incenso por cima, porque é min Já de ciúmes, min Já de memória para trazer o pecado à memória. O sacerdote fará que se aproxime e se apresente ante Yavé, deitará água santa numa vasilha de barro e apanhando um pouco de terra do solo do tabernáculo o lançará na água. Depois, o sacerdote, colocando a mulher diante de Yavé, lhe descobrirá a cabeça e lhe colocará nas mãos a min Já de memória, a min Já dos ciúmes, tendo ele na mão água amarga da maldição, e a conspiração dizendo: Se ninguém dormiu contigo e se não erraste, contaminando-te e sendo infiel ao teu marido, indemne sejas à água amarga da maldição, mas se erraste e fornicaste e foste infiel a teu marido, contaminando-te e dormindo com outro [...]. Aqui o sacerdote a conspiração com o juramento de execração, dizendo:

- Faça-te Yavé maldição e execração no meio do teu povo, e sequem-se os teus músculos e inche o teu ventre entre esta água de maldição nas tuas entranhas para fazer com que o teu ventre inche e apodreçam os teus músculos. A mulher responder : Amem, amem. O sacerdote escreverá estas maldições numa folha e as diluirá na água amarga e fará que a mulher beba a água amargada e a levará ao altar, e pegará a mão da mulher a min Já dos ciúmes e a agitará.

Pegando num punhado da oferenda da memória o queimará no altar, fazendo depois que a mulher beba a água. Dar-lhe-á a água a beber, e se ela se contaminou sendo infiel ao seu marido, a água da maldição nela entrará com a sua amargura, e lhe inchará o ventre, lhe secará os músculos e será maldição no meio do povo. Se, pelo contrário, não se contaminou e é pura, ficará ilesa e será fecunda... Assim o marido ficará livre de culpa e a mulher sobre si levará o seu pecado. (N. do M.)

Para uma mente racional, aquela prova deixava muito a desejar quanto à sua possível objetividade. Mas o que despertou a minha curiosidade foi a fórmula da poção. Que poderia conter? Estava perante uma oportunidade única e supliquei a André que me acompanhasse. Queria presenciar a execução da sentença e, se fosse possível, arranjar uma mostra da tinta utilizada para a fabricação das águas amargas. André não compreendeu bem o meu, aparente, doentio desejo e, contrariado, consentiu em conceder-me uns minutos. Passamos por baixo do arco de pedra da Porta Oriental, abrindo caminho pela multidão que Já rodeava a patrulha. Vários levitas tinham formado um círculo ou

cordão de segurança de cerca de dez metros de diâmetro. No centro, a mulher, sempre segura pelos guardas do Templo, permanecia de pé, soluçando.

Tinham-na vestido com uma túnica negra e fora despojada de todos os seus adornos.

O meu companheiro explicou-me que aquela era a última fase de um processo que se tinha iniciado na manhã da passada segunda-feira. (Os juízes do Grande ou do Pequeno Sinédrio reuniam-se precisamente às segundas e quintas-feiras de cada semana, para despachar os assuntos pendentes.) Este caso de provável adultério fora levado ao Pequeno Sinédrio, formado por vinte e três juízes. A pedido do marido, a suspeita - uma jovem que não teria mais de vinte anos - fora conduzida naquela manhã de segunda-feira, 3 de Abril, perante o tribunal de Justiça e ali, interrogada e atemorizada com fórmulas como a seguinte:

- Minha filha, muito pecado traz o vinho, muito o riso, muito a juventude, muito os maus vizinhos; fá-lo (reconhece a verdade) em nome de Deus, que está escrito com santidade, para que não seja apagado pela água. Mas, julgando pelo que lhe estava acontecendo, a infeliz tinha-se declarado inocente e o Pequeno Sinédrio sentenciou que devia ser submetida à prova das águas amargas. Quando interroguei André sobre a sorte daquela hebréia, no caso de se ter declarado culpada, o apóstolo deu-me a entender que não saberia o que podia ser pior. Se a mulher judia dissesse perante o tribunal sou impura, era obrigada a assinar a renúncia ao seu dote, procedendo-se então à consumação do libelo de divórcio. Como bem afirmava André, nestas circunstâncias, a esposa ficava na mais absoluta miséria, tinha de abandonar o lar e os seus filhos, sendo desprezada para toda a vida. Aquelas leis estabeleciam o direito ao divórcio, única e exclusivamente por parte do homem. Isto prestava-se a constantes abusos, caprichos e injustiças. Se o marido desejava ficar com o dote que a mulher trazia ao casamento e, ao mesmo tempo, recuperar o celibato, tinha apenas de acusar a mulher de infidelidade. Das duas uma: ou a mulher falecia por causa das águas amargas ou assumia a suposta culpa, com as conseqüências Já referidas.

Papai Noel, o nosso computador, completou a minha informação sobre as águas amargas, acrescentando que Já no Código de Hammurabi existia um precedente semelhante. Se uma mulher era suspeita de adultério, era atirada à corrente do Eufrates. Se escapava com vida era considerada inocente. Se perecia, a sua culpabilidade era manifesta. (N. do M.)

Tal como suspeitava, era extremamente raro que a vítima sobrevivesse à ingestão daquela beberagem. Em suma, aquela desgraçada, depois de declarar que era pura, fora levada pela Porta de Nicanor - tal como estabelecia a tradição – ao estreito terreiro existente

ao pé da muralha oriental do Templo, ao mesmo lugar onde eram levadas a cabo as cerimônias de purificação de leprosos e de parturientes. Um dos sacerdotes saiu então da turba e, com passo decidido, pôs-se em frente da jovem, puxando-lhe a túnica com a mão esquerda e à altura do ventre. Depois de um forte puxão, rasgou-lhe a roupa, deixando a descoberto uns seios brancos e pequenos. O grito da esposa foi abafado pelo bramido da multidão , excitada ante a contemplação daquele formoso peito. Imediatamente, o mesmo sacerdote se colocou nas costas da mulher, soltando-lhe a sua comprida cabeleira negra.

André, nervoso e desgostoso, fez um movimento para se retirar. Procurando então ganhar tempo e aproveitar aquele desejo lógico do meu amigo de evitar tão lamentável acontecimento, peguei na minha bolsa de borracha e meti-lhe na mão dois denários de prata. André olhou-me sem compreender.

- Desejo pedir-te um novo favor - disse-lhe. - É importante para mim adquirir uma mostra da tinta com que foi escrita essa maldição... O Galileu ficou perplexo. E, antecipando-me ao seus pensamentos, acrescentei:

- Confia em mim. Sabes que não posso entrar no Santuário e tentar comprá-la pessoalmente. Bastar uma pequena quantidade, talvez seja suficiente uma décima de log.

Continuei olhando fixamente para André, tentando transmitir-lhe um mínimo de confiança. A sorte voltou a sorrir-me e o discípulo, encolhendo os ombros, concordou pedindo-me que não saísse dali. Enquanto André tornava a entrar no recinto do Templo, voltei a acompanhar os acontecimentos. O sacerdote que rasgara a túnica da mulher encontrava-se agora a deliberar com os outros membros do Templo. De vez em quando voltavam a cabeça para a infeliz, envolvendo-se em novas e calorosas polêmicas. Um deles deixou o grupo e deu uns passos, ficando a um palmo da suspeita de adultério. Sem se comover com as lágrimas da mulher, inclinou-se ligeiramente, inspecionando de perto os pequenos e morenos mamilos. Ao cabo de uns minutos voltou ao centro da reunião, iniciando-se nova e ainda mais áspera controvérsia. No final, e depois de chegar a um acordo, um outro sacerdote pegou num cinturão egípcio - formado por cordas entrelaçadas - e encaminhou-se para a moça. Tapou-lhe o torso cingindo o pano por cima do peito, de modo que a túnica não pudesse cair.

(1) A mulher judia só tinha direito a pedir o divórcio se seu marido exercesse uma destas três profissões : apanhasse esterco de cão (lixeiro), fosse fundidor de cobre ou curtidor. (Lista tirada do escrito rabínico Ketubot VII.lOs.) E isso era devido, unicamente, ao mau cheiro provocado pelas referidas atividades.

A Lei estipulava também que a esposa podia solicitar o divórcio se, a partir dos treze anos, o marido a obrigasse a fazer votos, abusando da sua dignidade, ou se padecesse de lepra ou pólipos (N. do M.)
(2) Um log – medida usada para líquidos e secos - equivalia a meio litro aproximadamente. (N. do M.)

A uma ordem do guardião do Templo e chefe da patrulha de levitas, um dos hebreus que permanecia junto dos sacerdotes, e era o marido, avançou até ao centro do círculo, depositando aos pés de sua mulher um cesto de palha com três ou quatro quilos de farinha de cevada. Depois, com a mesma frieza, retirou-se. Por um momento, acreditei que o querelante ia pôr o pequeno cesto nas mãos da condenada, mas, por indicação de um dos levitas que segurava a mulher, acabou por colocá-lo no chão. No meu regresso ao módulo, na manhã de domingo, o computador esclareceria este ponto: a tradição bíblica especificava que a oferenda do marido - a efa de farinha de cevada - devia ser posta nas mãos da vítima. O sacerdote, então, colocava a mão por baixo das da mulher, agitando o recipiente de forma ritual. Depois, aproximava-o do altar, tirava um punhado e queimava-o. O resto era destinado à alimentação dos sacerdotes do Templo.

A forte resistência da infeliz - que não podia ser libertada do firme controle dos guardas - aconselhou que, neste caso, o sacerdote passasse por alto aquela parte do ritual. Não tardou, que os judeus fossem abrindo um corredor, pela zona mais próxima da muralha dando passagem a outro sacerdote, bem escoltado por seis levitas. Um murmúrio percorreu a multidão, ao ver-se que aquele sacerdote trazia qualquer coisa nas mãos.

O objeto em questão - bastante leve, a julgar pelo pouco esforço feito pelo hebreu - vinha coberto com um lenço branco. Logo imaginei que devia tratar-se do recipiente que continha as águas amargas. Infelizmente, não tive de esperar muito
tempo para tirar a dúvida. A recém-chegada escolta acercou-se da mulher e dos guardas que a agarravam, formando um segundo cordão de segurança.

O sacerdote retirou o lenço e apareceu aos olhos dos presentes uma pequena tigela de barro avermelhado, com a capacidade aproximada de um litro. Ao vê-lo, a esposa sofreu um novo ataque de desespero, com convulsões violentas e soltando gritos que fizeram com que numerosas pombas pousadas nos torreões e na cúpula do Templo levantassem vôo. Um silêncio total - quebrado unicamente pelos gritos da prisioneira - abateu-se pouco a pouco sobre o local. O sacerdote que tinha a vasilha de barro levantou então a voz, incitando a mulher, pela última vez, a que se declarasse culpada ou inocente.

A multidão aguardou, ansiosa. Porém, a hebréia, entre gemidos cada vez mais apagados, só conseguiu pronunciar duas palavras fatídicas: Sou pura.

O membro do Templo, que parecia ter uma pressa incompreensível, voltou a cabeça para um dos levitas, murmurando-lhe qualquer coisa ao ouvido. Então, o guarda saiu do seu lugar, unindo-se aos três colegas que agarravam a jovem. E, pondo-se atrás da vítima, agarrou-a pela espessa cabeleira, puxando os cabelos para baixo e obrigando-a a ficar com o rosto voltado para o céu. Os gritos aumentaram. Enquanto a patrulha fincava os pés no terreno áspero, prendendo com novas forças os braços e as pernas da mulher, mais guardas se colocaram a poucos centímetros dela, cada um do seu lado. Como se aquela operação tivesse sido demoradamente estudada ou praticada, enquanto o levita do flanco esquerdo apertava com os dedos o nariz da adúltera, o do lado direito colocou as mãos a pouca distância do rosto , esperando que a asfixia obrigasse a judia a abrir a boca. Entre soluços mal contidos, a moça acabou por aspirar. Como que movidas por uma mola, as mãos do guarda enfiaram-lhe na boca, separando violentamente o maxilar inferior. Em décimos de segundo, o sacerdote que trazia a malga deu um passo em frente, vertendo o seu conteúdo na boca da vítima. Apesar dos seis guardas que tomavam parte na imobilização da hebréia, esta conseguiu voltar levemente a cabeça, fazendo com que parte do líquido escuro lhe corresse pela cara, pescoço e túnica.

* Uma efa - medida judaica de capacidade - equivalia a setenta e dois log. Neste caso, a Bíblia considerava que devia oferecer-se um décimo de efa , quer dizer, 7,2log ou, o que é o mesmo, 3 quilos e 600 gramas, aproximadamente. (N. do M.)

Uma vez engolida a beberagem, o sacerdote recuou, ao mesmo tempo que os levitas dos flancos deixavam livres o nariz e a boca. O que puxava o cabelo, no entanto, tal como os três que lhe aprisionavam os braços e as pernas continuaram nos seus lugares.

Apesar de ter sido preparado para esta missão, uma onda de indignação me percorreu dos pés à cabeça. No entanto, tal como fora estabelecido pelo Cavalo de Tróia, não podia fazer mais que assistir impassível àquele trágico acontecimento. Agora reconheço que foi uma prova decisiva para suportar a minha missão e poder assistir - com toda a frieza às não menos dramáticas horas da Sexta-Feira Santa...

Não teriam decorrido sequer cinco minutos quando a mulher começou a sofrer uma série de espasmos. Os joelhos vergaram, enquanto os levitas procuravam mantê-la de pé. (Depois, ao analisar a mostra de tinta, compreendi que aquela atitude dos guardas tinha como único e bem estudado objetivo evitar que, ao cair no chão, se vergasse e pudesse vomitar as águas amargas, anulando assim os seus efeitos.) Lentamente, a jovem esposa foi perdendo força. O seu rosto ganhou um tom amarelado e os olhos - muito abertos e fitos naquele azul infinito do

céu de Jerusalém - abriram-se mais, ao mesmo tempo que as grandes artérias do pescoço inchavam de forma alarmante.

Evidentemente, o veneno fizera efeito. Os sacerdotes sabiam-no e, ao notarem aqueles sintomas, ordenaram à patrulha que soltasse a mulher. Ao libertarem-na, ela caiu por terra desamparada, enquanto as dezenas de curiosos começavam a passar em silêncio, atravessando de novo a muralha ou afastando-se encosta abaixo, para o Cédron.

Foi a voz de André, chamando-me do arco da Porta Oriental, que me arrancou à triste contemplação daquele corpo desmaiado, ou talvez Já sem vida, rodeado pela guarda do Templo.

O meu amigo devia ter notado logo a minha desolação e puxando-me pelo braço, levou-me pelo Átrio dos Gentios em direção à Cidade Baixa. Uma vez fora do Templo, o discípulo, tirou dissimuladamente de entre a roupa um pequenino jarro (cerca de dezessete centímetros de altura), munido de uma só asa e com a reduzida boca circular perfeitamente tapada com um tampão de pano. Sem mais explicações, colocou o recipiente de barro vermelho nas minhas mãos, tal como um dos denários que eu lhe tinha entregado. André não fez uma só pergunta e eu
agradeci duplamente a sua eficácia e discrição. Dias mais tarde, quando foi possível analisar o conteúdo daquele recipiente, as minhas suspeitas foram confirmadas. A tinta em questão continha quatro substâncias principais: anil, carbonato de potássio, ácido arsenioso e caláviva. Tudo isto diluído em água vulgar. A circunstância chave de - segundo o Antigo Testamento - a tinta ser susceptível de se dissolver na água, reduziu consideravelmente o conjunto de tintas utilizadas provavelmente no século I em Israel. Este importante requisito da dissolução da tinta na água, e o não menos decisivo fato de provocar no ser humano os Já referidos efeitos, conduziu-nos quase irremissivelmente à chamada tinta azul. Os nossos técnicos descobriram igualmente que um dos seus ingredientes - o ácido arsenioso - na realidade não fazia parte das substâncias originais e necessárias para a composição da tinta. Junto ao anil, o carbonato de potássio e a cal viva aparecia o álfureto de arsênio, mas nunca o ácido arsenioso. Como podia ser isto? A explicação era elementar: os Israelitas utilizavam o tipo denominado sulfureto amarelo de arsênio, que se formava espontaneamente na Natureza em massas compostas de lâminas semitransparentes, amarelo-ouro, inodoras, insípidas insolúveis na água e voláteis ao fogo.

Este sulfureto amarelo de arsênio não é tóxico. Isso explicava que pudesse ser manipulado sem problema. No entanto, no seu interior albergava-se um veneno muito ativo: o ácido arsenioso puro, de efeitos enérgicos. Os Judeus conseguiam a dissolução deste veneno (insolúvel na água, como Já anteriormente citei), mercê de outras substâncias que apareciam na composição da tinta azul: o carbonato de potássio e a cal viva, ambos de forte poder alcalino 2.

* Provavelmente, o sacerdote encarregado da fabricação das águas amargas fervia as quatro primeiras substâncias - anil, carbonato de potássio, sulfureto amarelo de arsênio e cal viva -, conseguindo uma dissolução total. A seguir, depois de filtrar o líquido resultante, acrescentava uma pequena porção de goma-arábica pulverizada - encontra
Este sulfureto - diferindo do chamado sulfureto vermelho de arsênio, que se encontra abundantemente na Boemia, é fácil de encontrar na Pérsia. Daí que os Israelitas pudessem ter mais acesso ao amarelo,. Ambos, no entanto, reúnem características parecidas, quanto ao fato de serem solúveis em soluções alcalinas. No entanto, o amarelo, ao conter ácido arsenioso, torna-se muito mais tóxico que o vermelho. Era também muito mais abundante no comércio daquela época, sendo conhecido mesmo por Teofrasto que viveu trezentos anos antes de Jesus Cristo. (N. do M.)

2 O carbonato de potássio, em especial é fortemente alcalino em contato com a água, gozando, além disso de um forte poder caustico ou corrosivo, que poderia conter tinta. (N. do M).

A desintegração das lâminas de sulfureto de arsênico e a dissolução dada pelos nossos especialistas na tinta azul e numa proporção idêntica à da cal viva -, dando origem a um líquido duplamente útil: como tinta e como veneno.

Quanto ao sabor amargo, que deu o nome à poção, poderia dever-se à presença do carbonato de potássio, de forte sabor acre.

Dado o caráter sagrado desta tinta o mais lógico é que só fosse composta pouco antes da sua utilização. A Mrsn na sua Ordem Terceira (dedicada às mulheres), explica que o sacerdote enchia uma malga nova de barro com uma quantidade que oscilava entre um quarto e meio log de água do tanque (quer dizer, entre 125 e 250 gramas de água vulgar). Em seguida, entrava no Santuário e dirigia-se para a direita, onde havia um lugar de um côvado quadrado cerca de quarenta e cinco centímetros quadrados), com uma mesa de mármore e um anel fixado nela. Depois de a levantar, colhia a cinza que tinha por baixo e punha-a na malga, de tal modo que se tornasse perceptível na água, tal como está escrito: Da cinza que haja no pavimento do santuário tomar o sacerdote e a por na água.

Por último, o sacerdote fazia a tinta e escrevia as fórmulas rituais. Yavé - tal como especificava o livro sagrado (Números 5, 23) - ordenava que se escrevesse num livro. Por outras palavras, num rolo. Também não devia ser utilizada goma, nem vitríolo nem qualquer outra substância fixante. Logicamente, se o que se pretendia era que a acusada bebesse veneno contido na tinta, esta tinha de ser perfeitamente solúvel na água. Depois daquelas verificações, uma série

de dúvidas – mais intensas e fascinantes, se é possível - ficaram a flutuar no espírito dos homens do projeto Cavalo de Tróia.

Em primeiro lugar, se a saída dos Judeus do Egito se registrou pelo ano 1290 antes de Cristo, como é possível que o povo hebreu conhecesse o ácido arsenioso e a sua funesta ação sobre o organismo humano, se as primeiras notícias sobre o referido ácido começaram a difundir-se pelo mundo no século IX da nossa Era 2? E, se não foram eles os descobridores ou criadores de tal fórmula, quem foi? A conclusão imediata só pode ser uma: Yavé. Mas aceitando esta hipótese, quem era este Yavé, capaz de transmitir fórmulas químicas tão precisas, antecipando-se, além disso aos tempos? E, principalmente, por que razão um ser que se auto definia como Deus estabelecia processos tão injustos e horrendos na altura de decidir quanto à culpabilidade de uma pessoa? Segundo os especialistas em toxicologia e medicina legal, a mulher que ingerisse uma substância com as características das águas amargas sofreria um quadro clínico gastrenterítico. Na realidade, com uma dose de cento e vinte miligramas de ácido arsenioso poderia provocar-se a sua morte. Poucos minutos depois, apareciam os sintomas típicos: sede muito intensa, vômitos, disenteria, cãibras e crispação das feições, provocando a morte por asfixia. Outros técnicos em venenos foram de opinião que talvez as águas amargas pudessem conter, em vez do ácido arsenioso, outro poderoso tóxico, extraído da víbora do deserto conhecida por Gariba. Neste caso, e para tornar ativo tão mortífero veneno, os sacerdotes introduziam na poção a cal viva, que queimava e dilacerava as mucosas internas da infeliz, ativando o veneno da víbora, inócuo por via oral. Se as Águas amargas eram preparadas com este último veneno, sempre existia a possibilidade de se dar o milagre. Bastava suprimir o tóxico produzido pela Gariba ou Echis Carinatus - muito freqüente nos desertos da península do Sinai - para que a suposta adúltera não sofresse dano algum.

Naturalmente, este truque - também ensinado pelo suspeito Yavé - prestava-se a numerosas manipulações da multidão ignorante e - porque não? - à possível chantagem dos responsáveis pelas águas amargas. Um assunto digno de um estudo em profundidade...

* Contrariamente à crença popular, o ácido arsenioso não tem um sabor amargo, mas sim levemente açucarado. (N. do M.)

2 Ainda que os Gregos e os Romanos conhecessem os sulfuretos de arsênio naturais, parece não se ter tido conhecimento do ácido arsenioso - pelo menos na Europa - antes da época de Geber (século IX). O mesmo metal, embora Já citado por Paracelso, só foi bem definido nas suas propriedades e natureza em 1732, pelo famoso alquimista Brand. (N. do M.)

* O professor E. Kochva, do Departamento de Zoologia da Universidade de Telavive, Israel, manifestou-se também de acordo com esta última hipótese. Se as mucosas que protegem as paredes internas do intestino

são rasgadas, as águas amargas podem converter-se num veneno ativo. (N. do M.)

Com certa pressa, justificadíssima, como é natural, André foi-me guiando pelas estreitas vielas daquela parte baixa de Jerusalém, até chegar a uma casa situada entre a Sinagoga dos Libertos e a piscina de Siloé, na ponta meridional da Cidade Santa. A fachada, inteiramente de pedra lavrada, ostentava sobre um pétreo dintel um escudo circular com estrela de cinco pontas. No formoso alto-relevo, gasto pela passagem do tempo, pude ler a palavra JExusni.n.t, formada pelas cinco letras hebraicas, cada uma delas situada entre as pontas da famosa estrela de David.

José, José de Arimatéia, nobre decurião (uma espécie de assessor do Sinédrio, dada a sua riqueza e nobre estirpe: a sua família vinha, como a de Jesus, do mítico rei David), era uma personagem de grande prestígio na Cidade Santa. A sua tendência liberal, fruto, sem dúvida, das suas viagens pela Grécia e pelo Império Romano, tinham-no arrastado desde o começo para os ensinamentos de Jesus de Nazaré. E ainda que tivesse nascido na aldeia de Arimatéia (hoje Rantis, a nordeste de Lida), a sua infância e juventude tinham decorrido quase por completo em Jerusalém. Aquela casa - segundo me contou, ao longo do almoço - fora erguida pelos seus antepassados, justamente sobre o que restava da antiga Cidade de David, no promontório chamado Ofel.

A sua considerável fortuna - amontoada, principalmente, com os negócios da construção - tinha-lhe permitido preparar aquela mansão com o mais requintado dos luxos notando-se em toda a sua decoração uma clara influência helenística. A sua profissão - e este foi um dos aspectos que mais me atraiu em José - permitira-lhe ainda um estreito contato com o procurador romano, Pôncio Pilatos. A sua chegada à Judéia, por ordem do imperador romano Tibério, Pilatos desenvolveu grande atividade. Uma das suas primeiras obras foi a construção de um aqueduto com cerca de trezentos estádios (quase cinqüenta quilômetros). Pois bem, José de Arimatéia foi um dos principais administradores de obras públicas. André conhecia bem a casa e guiou-me diretamente para o espaçoso pátio - a céu aberto - onde se encontravam o Mestre, os discípulos, uma trintena de gregos (os mesmos que abordaram Jesus nas primeiras horas da tarde de domingo e que, pelo que parecia, tinham reconsiderado, procurando de novo o Mestre) e José, José de Arimatéia, com os dezenove membros do Sinédrio que tinham apresentado a sua demissão, perante as graves irregularidades do supremo tribunal para com Jesus. A comida, consistindo, fundamentalmente, de caça e de legumes, ia Já no terceiro prato quando me sentei numa ponta da mesa.

O Nazareno, em tom fatigado, parecia dirigir-se àqueles estrangeiros de Alexandria, Roma e Atenas:

- Sei que a Minha hora se está aproximando e estou angustiado. Percebo que a as pessoas estão decididas a desdenhar o reino, porém, alegro-me, ao receber estes gentios, que procuram a Verdade, que vêm aqui hoje perguntar-me pelo caminho da Luz.

- No entanto - prosseguiu Jesus -, o coração dói-me pelo meu povo e a minha alma entristece-se com o que está diante de Mim... O Mestre fez uma pausa e os convivas entreolharam-se, desorientados perante a idéia obsessiva, que o Rabi manifestava, desde há dias. Ao entrar no pátio, eu tinha procurado encostar a minha vara a uma das paredes de mármore branco, carregando no prego que punha a filmagem em funcionamento. E, para dizer a verdade, no tempo que permaneci em casa de José, a minha atenção esteve mais dependente do cajado - não fosse ele ser derrubado pela infinidade de servos que entravam e saíam com as iguarias - que do meu anfitrião e dos seus convidados.

- Que posso dizer - continuou Jesus - quando olho em frente e vejo o que vai acontecer?

Pedro cravou os olhos azuis no seu irmão André, mas, a julgar pelas expressões dos rostos de ambos, nenhum conseguia compreender.

- Devo dizer: salvai-Me dessa hora horrorosa? Não! Para este fim vim ao mundo e, justamente, para esta hora. Mas direi e rogarei que vos unis a Mim: Pai, glorificai o seu nome. A tua vontade será cumprida.

Ao terminar a refeição, alguns dos gregos e discípulos levantaram-se, rogando ao Mestre que lhes explicasse mais claramente o que significa e quando teria lugar a hora horrorosa. Mas Jesus não deu qualquer resposta.

* Efetivamente, na sua obra Guerras dos Judeus, Flávio Josefo, fala deste aqueduto, que constitui outro dos graves erros de Pilatos. Sem o menor tato político, o procurador mandou utilizar o tesouro que os Judeus chamavam Corboman para trazer água. Aquilo provocou uma revolta, mas Pilatos atuou com energia, ordenando que os seus soldados espancassem os manifestantes com bastões e paus, dando lugar a uma grande mortandade. Recentes descobertas arqueológicas demonstraram que o aqueduto em questão ia até ao monte dos Francos, nas cercanias de Belém, Sobre o qual se apoiava a fortaleza do Herodium. (N. do M.)

Enquanto empunhava a minha vara, chamou-me a atenção um esplêndido copo de cristal, fechado juntamente com uma reduzida coleção de pedras ovóides e esféricas numa vitrina.

José deve ter-se apercebido do meu interesse por aquelas peças e, aproximando-se, explicou-me que se tratava de um valioso copo de diatreta, coberto com filigrana de prata. Fora encontrada na Germânia e constituía um exemplar único na difícil arte do vidro, tão magistralmente praticada pelos Romanos. Quanto às pedras - de uns cinco centímetros cada -, faziam parte de outra singular coleção. Eram antigos projéteis de

funda - pederneira e calcário - utilizados, segundo os antepassados de José, pelas tropas especiais de setecentos soldados benjaministas canhotos, capazes de disparar contra um cabelo sem falhar o tiro, tal como cita o Livro dos Juízes (20, 16).

- É muito possível - insinuou José - que David utilizasse uma pedra semelhante contra Golias. Aquele breve encontro com o venerável José - que deveria rondar Já pelos sessenta anos - foi de grande utilidade para os planos que Cavalo de Tróia traçara para mim. Um dos meus objetivos, antes do anoitecer de quinta-feira, era, justamente, estabelecer contato com o procurador romano em Jerusalém. Quando expus o meu desejo de ter uma entrevista com Pôncio Pilatos, José mostrou-se indeciso. Procurei então ganhar a sua confiança, explicando-lhe que trabalhara como astrólogo ao serviço de Tibério e que, aproveitando a minha curta passagem por Israel, seria de extremo interesse para Pilatos que pudesse conhecer os graves acontecimentos assinalados nos astros.

José, tal como eu esperava, manifestou uma enorme curiosidade e prometeu obter a entrevista para a manhã do dia seguinte, quarta-feira, mas desde que pudesse estar presente.

Concordei, encantado.

Pelas duas da tarde, Jesus despediu-se de José de Arimatéia, subindo pelas empedradas ruas até à parede sul do Templo. Pelo caminho avisou os Seus amigos de que aquele ia ser o Seu último discurso público. Mas os Seus homens de confiança não fizeram qualquer comentário. Na realidade, os seus corações encontravam-se mergulhados numa profunda confusão. Seria que o Mestre, que sempre tinha escapado das garras do Sinédrio, ia permitir que O capturassem? Uma vez no Átrio dos Gentios, o Rabi sentou-se no Seu lugar habitual - as escadarias que rodeavam o Santuário - e, num tom extremamente carinhoso, começou a falar:

- Durante todo este tempo estive convosco, indo e vindo por estas terras, proclamando o amor do Pai para com os filhos dos homens. Muitos vieram à luz e, pela fé, entraram no reino do céu. Apoiando este ensinamento e pregação, o Pai fez coisas maravilhosas, incluindo a ressurreição dos mortos. Muitos doentes e aflitos foram curados porque acreditavam. Porém, toda esta proclamação da Verdade e cura das enfermidades não serviram para abrir os olhos dos que recusaram a luz e dos que estão decididos a recusar o evangelho do Reino.

- Eu e todos os Meus discípulos fizemos o possível para viver em paz com os nossos irmãos, para cumprir os sensatos mandamentos das leis de Moisés e as tradições de Israel. Procuramos persistentemente a paz, mas os dirigentes desta nação não a podem ter. Repelindo a verdade de Deus e a luz do céu colocam-se do lado do erro e da escuridão . Não pode haver paz entre a luz e as trevas, entre a vida e a morte, entre a verdade e o erro. Muitos de vós vos haveis atrevido a crer nos Meus ensinamentos e Já haveis entrado na alegria e liberdade da consciência de ser filho de Deus. Sereis testemunhas de que ofereci a

mesma filiação em Deus a todo o Israel. Até a estes mesmos homens que hoje procuram a Minha destruição. Mas digo-vos mais, mesmo agora receberia Meu Pai estes mestres cegos, estes dirigentes hipócritas, se voltassem, o seu rosto para Ele e aceitassem a Sua misericórdia...

Jesus fora indicando com a mão os diferentes grupos de escribas, saduceus, fariseus, que se foram juntando às centenas de judeus que desejavam escutar o Rabi da Galiléia.

Alguns dos discípulos, especialmente Pedro e André, empalideceram ao escutar os audazes ataques do Mestre.

- Mesmo agora não é demasiado tarde - continuou Jesus - para que essas pessoas receba a palavra do céu e dê as boas-vindas ao Filho do Homem.

Um dos membros do Sinédrio, ao escutar estas expressões , irritou-se visivelmente, arrastando os outros elementos do seu grupo a que saíssem do terreiro. Jesus apercebeu-se perfeitamente do fato e, levantando o tom de voz lançou-se contra eles:

- Meu Pai tratou com clemência aquelas pessoas. Geração após geração enviamos os Nossos profetas para que os ensinassem e avisassem. E, geração após geração, eles mataram os Nossos enviados. Agora, os vossos poderosos sumos sacerdotes e casmurros dirigentes continuam fazendo o mesmo. Tal como Herodes assassinou João, vós, igualmente, vos preparais para destruir o Filho do Homem.

- Enquanto houver uma possibilidade de os Judeus voltarem o seu rosto para Meu Pai e procurarem a sua salvação, o Deus de Abraão, Isaac e Jacob manterá as Suas mãos estendidas para vós. Mas, uma vez que tiverdes transbordado a taça da vossa impertinência, esta nação será abandonada aos seus próprios conselhos e irá rapidamente para um final pouco glorioso...

O arraigado sentimento de patriotismo dos Hebreus ficou visivelmente impressionado com aquelas sentenças de Jesus. E a multidão que O escutava, sentada sobre as lajes do Átrio dos Gentios, agitou-se, inquieta, entre murmúrios de desaprovação.

Mas o Nazareno não se impressionou. Aquele Homem, na verdade, era valente.

- Estas pessoas foram chamadas para ser a luz do mundo e para mostrar a glória espiritual de uma raça que conhecia Deus... Mas, até hoje, haveis-vos afastado do cumprimento dos vossos privilégios divinos e os vossos dirigentes preparam-se para cometer a loucura suprema de todos os tempos...

Jesus fez uma brevíssima pausa, mantendo o auditório ansioso.

- Digo-vos que estão prestes a recusar a grande oferta de Deus a todos os homens e a todas as épocas, a revelação do Seu amor. Em verdade, em verdade vos digo que, uma vez que tenhais repelido esta revelação, o reino do céu será entregue a outras pessoas.

Em nome do Pai que Me enviou, Eu vos aviso: estais a um passo de perder o vosso lugar no mundo como sustentáculos da eterna

verdade e como custódias da lei divina. Justamente agora vos estou oferecendo a vossa última oportunidade para que entreis, como crianças, pela fé sincera, na segurança da salvação do reino do céu. Meu Pai trabalhou durante muito tempo pela vossa salvação, e Eu desci para viver entre vós para vos mostrar pessoalmente o caminho. Muitos dos judeus e samaritanos e, até, gentios, acreditaram no evangelho do reino. E vós, os que deveríeis ser os primeiros a aceitar a luz do céu, haveis recusado a revelação da verdade de Deus revelado no homem e do homem elevado a Deus.

Esta tarde, os Meus apóstolos estão ante vós em silêncio. Mas depressa escutareis as suas vozes, clamando pela salvação. Agora vos peço que sejais testemunhas, discípulos meus e crentes no evangelho do reino, de que, uma vez mais, ofereci a Israel e seus dirigentes a liberdade e a salvação. De todas as formas vos advirto que estes escribas e fariseus se sentam ainda na cadeira de Moisés e, portanto, até que os poderes mais altos que dirigem o reino dos homens os desterrem e destruam Eu vos ordeno que coopereis com estes grandes de Israel. Não vos é pedido que vos unais a eles nos seus planos para destruir o Filho do Homem mas sim em qualquer outra coisa relacionada com a paz de Israel. Nestas questões, fazei o que vos ordenarem e observai a essência das leis, mas não retireis exemplo das suas ações. Recordai que é este o seu pecado, dizem o que é bom, mas não o fazem. Bem sabeis vós como estes dirigentes vos fazem suportar pesadas cargas sem levantarem um dedo para vos ajudarem. Oprimiram-vos com cerimônias e escravizaram-vos com as tradições. E ainda vos direi mais: estes sacerdotes, só pensando em si próprios, se deleitam fazendo boas obras, de modo a serem vistos pelos homens. Aumentaram as suas faixas e alargaram as orlas dos seus trajes oficiais. Solicitam os lugares principais nos festins e pedem as primeiras cadeiras nas sinagogas. Cobiçam as saudações e louvores nos mercados e desejam que todos os homens lhes chamem rabis. E, até, enquanto procuram todas estas honras, tomam secretamente posse das viúvas e beneficiam dos serviços do Templo sagrado. Por ostentação, estes hipócritas fazem grandes orações em público e dão esmolas para chamar a atenção dos seus semelhantes.

Naqueles momentos, quando Jesus lançava os Seus primeiros e fatais ataques contra os sacerdotes e membros do Sinédrio, os apóstolos que se tinham encarregado da instalação do acampamento na encosta do monte das Oliveiras apareceram no terreiro, unindo-se ao grupo dos discípulos. Foi pena que não tivessem escutado a primeira parte do discurso de Jesus. Em especial, Judas Iscariotes. A título pessoal, creio que se o traidor tivesse sido testemunha daquelas primeiras frases, oferecendo misericórdia, talvez tivesse mudado de idéia. Mas, pelo que pude deduzir na tarde de quarta-feira, a última metade do discurso do Mestre no Templo foi decisiva para que desertasse do grupo. O seu

sentido do ridículo e o seu negativo condicionamento, ao que dirão, estavam muito mais acentuados na sua alma do que eu acreditava.

- E assim é como deveis honrar os vossos chefes e reverenciar os vossos mestres - continuou o Rabi – não deveis chamar a nenhum homem pai no sentido espiritual. Só Deus é vosso Pai. Também não deveis tentar dominar os vossos irmãos do reino. Recordai: Eu ensinei-vos que aquele que for maior entre vós deve ser servo de todos. Se vos pretendeis exaltar a vós próprios ante Deus, certamente sereis humilhados; porém, o que se humilha sinceramente, certamente será exaltado: Procurai na vossa vida diária, não a própria glória, mas a de Deus. Subordinai inteligentemente a vossa própria vontade à do Pai do Céu.

Não confundais as Minhas palavras. Não tenho malícia para com estes sacerdotes principais, que pretendem mesmo a Minha destruição. Não tenho maus desejos contra estes escribas e fariseus, que repudiam os Meus ensinamentos. Sei que muitos de vós acreditais em segredo e sei que professareis abertamente a vossa lealdade quando chegar a hora. Mas, como se justificarão a si mesmos os vossos rabis se dizem falar com Deus e pretendem repudiá-lo e destruir O que vem ao mundo para revelar o Pai? Ai de vós, escribas e fariseus!

Hipócritas!... Fechais as portas do reino dos céus aos homens sinceros porque são incultos. Recusais entrar no reino e, ao mesmo tempo, fazeis tudo o que está na vossa mão para evitar que entrem os outros. Permaneceis de costas para as portas da salvação e lutais com todos aqueles que querem entrar.

Ai de vós, escribas e fariseus! Sois hipócritas Abarcais o céu e a terra para fazer prosélitos e, quando o conseguis, só ficais contentes quando os fazeis duas vezes piores do que aquilo que eram como filhos dos gentios.

Ai de vós, sacerdotes e chefes principais. Dominais a propriedade dos pobres e exigis pesados tributos aos que querem servir Deus. Vós, que não tendes misericórdia, podeis esperá-la dos mundos vindouros?

Ai de vós, falsos mestres! Guias cegos. Que pode esperar-se de uma nação em que os cegos guiam os cegos? Cairão todos no abismo da destruição. Ai de vós, que dissimulais quando prestais juramento Sois trapaceiros mais que Ensina um homem! pode jurar ante o Templo e quebrar o seu juramento, mas o que jura ante o ouro do Templo permanecer ligado. Sois todos cegos e loucos.

Jesus pusera-se de pé. O ambiente, pesado por aquelas verdades como punhos que toda as pessoas conhecia mas que ninguém se atrevia a proclamar em voz alta e muito menos na presença dos dignitários do Templo, ficava cada vez mais tenso.

Ninguém se atrevia sequer a respirar. Os discípulos, cada vez mais acovardados baixavam o rosto ou olhavam com temor para os grupos de sacerdotes.

Mas o Nazareno parecia estar disposto a tudo...

- Nem sequer sois conseqüentes com a vossa desonestidade. Quem é maior, o ouro ou o Templo? Ensinais que se um homem jura ante o altar, nada significa.

- Mas se jurar ante a oferenda que está em frente do altar, então, permanece como devedor. Sois cegos à verdade! Quem é maior: a oferenda ou o altar que santifica a oferenda? Como podeis justificar tanta hipocrisia e desonestidade?

- Ai de vós, escribas e fariseus! Certificai-vos de que trouxeram dízimos, hortelã e cominhos e, ao mesmo tempo, não quereis saber das questões mais importantes da fé, misericórdia e justiça. Com razão deveis fazer uma coisa, mas sem esquecer a outra. Sois certamente mestres cegos e surdos! Espantais os mosquitos e suportais o camelo... Ai de vós, escribas, fariseus e hipócritas! Sois escrupulosos a limpar a parte de fora da taça e das travessas, mas por dentro continua a ferrugem da extorsão e dos excessos e da decepção. Sois espiritualmente cegos. Reconhecei Comigo que melhor seria limpar por dentro da taça. Então, o que dela transbordasse limparia por fora. Malvados réprobos! Fazeis que os atos exteriores da vossa religião estejam conformes à letra, quando as vossas almas estão impregnadas de iniqüidade e assassínios. Ai de vós, de todos vós, que recusais a verdade e desdenhais a misericórdia! Muitos de vós sois como sepulcros caiados. Por fora parecem formosos mas, por dentro, estão cheios de ossos de homens e de toda a espécie de porcaria. Mesmo assim, vós, os que repelis conscientemente o conselho de Deus, apareceis ante os homens como santos e retos, porém, por dentro, os vossos corações estão doentes de hipocrisia. Ai de vós, falsos guias da nação! Com o tempo haveis construído um monumento aos profetas martirizados pelos antigos, enquanto vós conspirais para destruir Aquele de quem eles falaram. Adornais os túmulos dos retos e louvais-vos a vós próprios dizendo que, se tivésseis vivido no tempo de vossos pais, não teríeis morrido os profetas. E com este pensamento tão justo vos preparais para assassinar Aquele de quem os profetas falaram: o Filho do Homem. Em frente, pois, e enchei até aos bordos a taça da vossa condenação! Ai de vós, filhos do pecado! João, com verdade, vos chamou filhos das víboras. E perguntou-Me: como podeis escapar à sentença que João pronunciou contra vós?

O Nazareno conservou-se uns segundos em silêncio, enquanto os membros do Sinédrio - vermelhos de ira - iam tomando notas nos rolos ou livros que costumavam trazer nos braços. Aquele fato trouxe-me à mente outra realidade, que, tal como ia verificando, seria lamentável. Nenhum dos apóstolos ou adeptos de Jesus tomava alguma vez uma só nota de quanto fazia e, principalmente, de quanto dizia o seu Mestre. Dados os múltiplos ensinamentos do Rabi da Galiléia e a Sua considerável extensão - como o discurso que pronunciava naquele momento -, ia ser quase impossível que as Suas palavras pudessem ser

recolhidas no futuro, na sua integridade e total fidelidade. Era lamentável que nenhum daqueles homens tivesse chamado a si a importantíssima missão de ir recolhendo os discursos e fatos que o Nazareno protagonizou. Naquela mesma noite, no acampamento do monte das Oliveiras, teria ocasião de verificar que não estava enganado nas minhas apreciações pessoais.

- Porém, Eu vos ofereço, em nome do Meu Pai, misericórdia e perdão. Mesmo agora – acrescentou Jesus num tom mais suave e conciliador -, vos ofereço a Minha mão. Meu Pai vos enviou os profetas e os sábios. Haveis matado os primeiros e haveis perseguido os segundos. Então, apareceu João, proclamando a vinda do Filho do Homem, e também o haveis destruído, apesar de muitos terem acreditado nos seus ensinamentos. E agora preparais-vos para derramar mais sangue inocente. Compreendeis que chegar um dia terrível em que o Juiz de toda a terra vos pedirá contas pela forma como haveis recusado, perseguido e destruído estes mensageiros do céu? Compreendeis que tereis de prestar contas por todo este sangue honrado, desde o primeiro profeta, assassinado nos tempos de Zacarias entre o Santuário e o altar? E mais Eu vos digo: se prosseguirdes com esta malvada conduta, essas contas podem ser exigidas, mesmo nesta geração. Ó Jerusalém e filhos de Abraão! Vós, que haveis apedrejado os profetas e assassinado os mestres, mesmo agora reuniria vossos filhos como a galinha reúne os seus pintos debaixo das suas asas... Mas não quereis! Vou deixar-vos agora. Haveis ouvido a minha mensagem e tomado a vossa decisão. Os que acreditaram no Meu evangelho estão salvos. Os que recusam a oferenda de Deus Me verão ensinar no Templo. O Meu trabalho está feito.

- Tende cuidado, agora! Eu sigo com os Meus filhos e a vossa casa fica deserta.

As cruas denúncias de Jesus de Nazaré tinham fechado toda a possibilidade de reconciliação com os dirigentes do Sinédrio e da classe sacerdotal de Jerusalém. Ao terminar as suas palavras, o Mestre ordenou aos discípulos que O seguissem, e todos saímos do Templo, em direção ao acampamento do monte das Oliveiras. Mas no ambiente da Cidade Santa ficou, flutuando, esta pergunta: Que sorte aguardaria o Rabi da Galiléia?

Quando nos preparávamos para sair, um dos doze - Mateus, que recordava a profecia do seu Mestre no cimo do monte das Oliveiras aproximou-se de Jesus e, apontando os pesados silhares da muralha do Templo, comentou com evidente
incredulidade:

- Mestre, repara de que forma isto está construído. Olha as pedras maciças e os formosos adornos. Como podem estas edificações ser destruídas? O Rabi, sem abrandar a Sua marcha pelas ruas da cidade, rumo à Porta da Fonte, disse-lhe:

- Haveis visto aquelas pedras e aquele templo maciço? Pois em verdade, em verdade vos digo que muito próximos estarão os dias em que não ficará pedra sobre pedra. Todas serão deitadas abaixo.

E o Gigante calou-se. O grupo entrou, então, em intermináveis polêmicas, considerando que era muito difícil que aquela fortaleza pudesse ser demolida. Nem sequer o fim do mundo, chegaram a insinuar alguns dos apóstolos, poderia originar a destruição do Templo. O dia encaminhava-se para o ocaso e Jesus, procurando evitar a multidão de peregrinos que iam e vinham pelo vale de Kidrón, sugeriu aos seus discípulos que deixassem o caminho que ia para Betânia, indo por um dos atalhos que percorria a encosta sul do monte das Oliveiras, na direção norte.

Ao alcançar um dos cumes, Jerusalém surgiu de repente à nossa esquerda, majestosa e banhada em ouro pelos últimos raios solares. No santuário e nas vielas tinham começado a acender-se as primeiras candeias de azeite. Aquele espetáculo deteve o grupo. Então, um dos discípulos - indicando a Cidade Santa - perguntou a Jesus:

- Diz-nos, Mestre, como saberemos que esses acontecimentos estão para acontecer?

O grupo acabou por sentar-se na erva e o Rabi, de pé e sem pressa, foi-lhes dizendo:

- Sim, contar-vos-ei alguma coisa sobre os tempos em que estas pessoas ter enchido a taça da sua iniqüidade e a justiça cair sobre esta cidade de nossos pais... Quando a vós - Estou prestes a deixar-vos. Vou para junto de Meu Pai. - deixar, tende cuidado em que nenhum homem vos engane. Muitos virão como libertadores e levarão muitos pelo mau caminho. Quando ouvirdes rumores sobre guerras, não vos consterneis. Ainda que tudo isso aconteça, o fim de Jerusalém não terá ainda chegado. Também não vos deveis preocupar quando fordes entregues às autoridades civis e perseguidos pelo evangelho...

Os apóstolos entreolharam-se, com o medo refletido nos semblantes.

- Sereis expulsos da Sinagoga e feitos prisioneiros por Minha causa. E alguns de vós morrerão. Quando fordes levados aos governadores e dirigentes ser como testemunho da vossa fé e para que mostreis firmeza no evangelho do reino. E quando estiverdes perante juízes, não tenhais antecipadamente angústia quanto ao que deveis dizer: o Espírito vos ensinará nesse mesmo momento o que deveis responder aos vossos adversários. Nesses dias de dor, até os vossos parentes, sob a direção daqueles que repeliram o Filho do Homem, vos entregarão à prisão e à morte. Por algum tempo sereis odiados por Minha causa mas até nessas perseguições, vos não abandonarão, não duvideis dos que o evangelho deixará desamparados. Sede pacientes, o meu reino triunfará de todos os inimigos e, a seu tempo, será proclamado por todas as nações.

O Mestre calou-se, enquanto contemplava a cidade. E eu, sentado como os outros, fiquei maravilhado ante a precisão daquelas frases. Certamente, quarenta anos mais tarde, quando as legiões de Tito cercaram e assolaram Jerusalém, nenhum dos apóstolos se encontrava na cidade. Se não tivessem sido avisados pelo Mestre, teria sido mais que provável que alguns, talvez, tivessem perecido ou sido aprisionados.

O silêncio foi quebrado por André:

- Mas, Mestre, se a Cidade Santa e o Templo vão ser destruídos e se Tu não estás aqui para nos dirigires, quando deveremos abandonar Jerusalém? Jesus, então procurou ser extremamente claro e preciso:

- Podeis ficar na cidade depois de Eu ter partido, mesmo naqueles tempos de dor e amarga perseguição. Mas, quando finalmente virdes Jerusalém cercada pelos exércitos romanos, depois da revolta dos falsos profetas, sabereis então que a sua desolação está à porta. Deveis então fugir para as montanhas. Não deixeis que ninguém vos detenha nem que outros entrem. Haverá uma grande aflição. Serão os dias da vingança dos gentios. Quando tiverdes fugido da cidade, essa gente desobediente cairá pelo gume das espadas dos gentios. Entretanto vos aviso: não vos deixeis enganar. Se algum homem vier dizer-vos: Olha, este é o Libertador, aqui o tens, não acrediteis. Virão muitos falsos mestres e outros serão levados por mau caminho. Não vos deixeis enganar. Como podeis ver, avisei-vos de antemão.

Como soaram claras e proféticas aquelas palavras aos meus ouvidos! Os apóstolos e discípulos não podiam querer que tenha estudado, ainda que parte daquela profecia. Para quem só sumariamente, a aproximação dos exércitos romanos de Jerusalém pouco antes da lua cheia da Primavera do ano 70 o aviso do Mestre só pode ser lapidar. Tal como acabava de anunciar o Galileu, Israel converter-se-ia num inferno, entre os anos 66 e 70. Naquele tempo, o partido dos zelotas, os fanáticos, armados até aos dentes, acabou por sublevar toda a comunidade judaica. Em Maio de 66, a guarnição romana é derrotada, em conseqüência do pedido do procurador Floro, que exigiu dezessete talentos do tesouro do Templo. Os Judeus tomam Jerusalém e proíbem o sacrifício diário em honra do Imperador. Aquilo esgotou a paciência de Roma que envia uma legião às ordens do governador da Síria, Céstio Galo. Mas as revoltas tinham incendiado o país e os romanos vêem-se obrigados a retirar.

A nação judaica prepara-se para a guerra e saque das suas cidades,

(1) sendo nomeado generalíssimo dos seus exército o que depois seria historiador, Flávio Josefo. E, efetivamente, Nero confia três legiões a Tito Flávio Vespasiano, que, acompanhado por seu filho Tito, cai sobre a Galiléia, chacinando-a. Mas Nero suicida-se e Tito Flávio tem de regressar precipitadamente a Roma. Seu filho se encarregaria de completar a grande vingança de Roma.

Os Hebreus ficam aterrorizados ao verem passar a caminho de Jerusalém milhares de soldados pertencentes às 5.a, l0.a 12.a e 15. legiões, acompanhados por forças de cavalaria e tropas auxiliares, bem como um pesado equipamento de assalto e demolição. No que foram tomando homens, que - como Jesus profetizara no ano 30, - metiam nas prisões e cercando a Cidade Santa. Jerusalém, cheia de peregrinos, viu-se submetida a fortes tensões internas, pela loucura de súbitas aparições de libertadores que procuravam arrastar as massas, e pelo medo. Porém quando os homens de Tito começam os ataques, os apóstolos de Jesus, que recordaram aquelas palavras pronunciadas na tarde de terça-feira, 4 de Abril de 30, diante de Jerusalém, Já tinham fugido da cidade. Poucos meses depois, a artilharia romana - capaz de arremessar pedras de um quintal de peso a 185 metros de distância - arrasaria Jerusalém sem deixar pedra sobre pedra.

Pedro, apesar da sua boa vontade, não parecia compreender o que Jesus lhes estava anunciando. Pelos seus comentários, deduzi que associava aquela destruição com o fim do mundo e não com a queda de Jerusalém. Ao formular a sua pergunta ao Rabi, convenci-me por completo:

- Mas, Mestre - disse Pedro -, todos sabemos que estas coisas se darão quando os novos céus e a nova terra apareçam. Como saberemos então que Tu vens para trazer tudo isto?

O Gigante olhou-o com infinita compaixão, compreendendo que o seu fogoso amigo não entendera a mensagem. E disse-lhe:

- Pedro, erras sempre porque sempre procuras relacionar o novo ensinamento com o velho. Estás condenado a interpretar mal o Meu ensinamento. Insistis em interpretar o evangelho, de acordo com as vossas crenças estabelecidas. No entanto, tentarei explicar-vos. Porque continuas tentando que o Filho do Homem se sente no trono de David e esperas ver cumpridos os sonhos materiais dos Judeus? As coisas a que agora dás valor vão acabar e será um novo começo, a partir do qual o evangelho do reino chegará a todo o mundo. Quando o reino chegue ao seu pleno cumprimento, estai certos de que o Pai do céu não deixar de vos visitar. E assim continuará meu Pai, manifestando a Sua misericórdia e mostrando o Seu amor, mesmo a este escuro e malvado mundo. E assim, depois de Meu Pai Me ter investido com todo o poder e autoridade, também Eu acompanharei os vossos destinos, guiando-vos nas questões do reino com a presença do Meu espírito, que não tardará a ser vertido sobre toda a carne. Estarei, portanto, presente entre vós em espírito, e prometo que voltarei ainda a este mundo, onde vivi esta vida da carne e tive a experiência de revelar simultaneamente Deus ao homem e levar o homem a Deus. Bem cedo tenho de vos deixar e realizar a obra que o Pai em minhas mãos confiou, mas tende coragem: voltarei um dia. Entretanto, o Meu Espírito de Verdade vos confortar e guiará .

Sem que eu o esperasse, Jesus passara da profecia sobre a destruição de Jerusalém a um tema que profundamente me interessava e de que Já falara com ele: a Sua anunciada e confusa segunda vinda à Terra. E, assim, todos os meus sentidos se concentraram naquelas palavras, tão mal interpretadas, e transmitidas pior ainda, no futuro, pelos Seus adeptos.

- Agora Me vedes na debilidade e na carne. Mas, quando voltar - acentuou o Rabi, voltando os Seus olhos para mim -, será com poder e espírito. O olho da carne vê o Filho do Homem em carne, mas só o olho do espírito contemplará o Filho do Homem glorificado pelo Pai e aparecendo na Terra com o Seu próprio nome.

Mas os tempos da reaparição do Filho do Homem só são conhecidos pelos conselhos do paraíso. Nem sequer os anjos sabem quando isto acontecerá. No entanto, deveis compreender que, quando este evangelho do reino tenha sido proclamado por todo o mundo para a salvação dos homens e quando a plenitude da época tiver chegado, o Pai vos enviará outra outorga de designação divina, ou o Filho do Homem voltar á para encerrar a época.

Ao escutar aquelas revelações fiquei perplexo. E estive tentado a interrogar Jesus sobre este misterioso encerramento de uma época. No entanto, a minha condição de simples observador manteve-me à margem do diálogo.

- E agora, relacionado com a dor de Jerusalém, em verdade vos digo que esta geração passará sem que se cumpram as minhas palavras. Quanto à nova vinda do Filho do Homem, ninguém na terra ou no céu, pode ter pretensões a falar.

Como se o Rabi tivesse lido os meus pensamentos, prosseguiu com estas palavras:

- Deveis ser sábios em relação à maturidade de uma época. Deveis estar alerta para discernir os sinais dos tempos. Sabeis que quando a figueira mostra os
seus tenros ramos e estende as suas folhas o Verão está perto. De igual forma, quando o mundo tiver passado o longo Inverno da mentalidade material e virdes a chegada da Primavera espiritual, deveis então saber que chegou o Verão para a Minha nova visita.

De todos estes conhecimentos do Nazareno, nenhum, em minha opinião, nenhum, como este, foi mais confuso para as mentes dos apóstolos e simpatizantes.

Quando alguém lê o que foi escrito, depois da Sua morte, em relação a esta segunda vinda e sobre a destruição de Jerusalém, e conhece, como eu, o verdadeiro sentido do discurso de Jesus naquele entardecer de terça-feira, só pode sentir uma grande tristeza. Pelo menos nesta parte, os evangelhos canônicos foram pessimamente construídos. Porém, infelizmente, não ia ser esta a única passagem ignorada ou mal interpretada pelos evangelistas...

Uma lua quase cheia se erguia Já a leste quando o grupo retomou o caminho. Jesus, na frente, continuou pelo acidentado cume do monte das Oliveiras, sempre em direção a norte. Ao chegar às proximidades do acampamento público, onde se tinham instalado os peregrinos vindos da Galiléia, o Mestre desviou-se para a direita, procurando rodear as tendas e a infinidade de fogueiras que se avistavam a curta distância, na encosta ocidental do monte. Evidentemente, o Rabi não desejava um novo encontro com os seus patrícios e amigos. Minutos mais tarde, quando nos encontrávamos em frente do santuário do templo, começamos descendo para o Cédron, atravessando uma das caminhos, que vai de Jerusalém a Betânia. A escuridão não me permitia distinguir bem as cercanias, mas deduzi que não devia estar longe do ponto de contato, onde se encontrava o módulo. (Talvez fossem mil ou mil e quinhentos pés o que nos separava de Eliseu.)

O grupo penetrou então numa das plataformas naturais que tão abundantes eram na encosta Oeste do monte das Oliveiras. Embora na manhã seguinte pudesse explorar o terreno com maior comodidade, observei que se tratava de um espaço com cerca de setenta metros de comprimento por trinta a quarenta de largura, aproximadamente, cercado, por completo, de um pequeno muro de pedra, com a escassa altura de um metro. Num dos lados do retângulo, e muito próxima da cancela de entrada, distingui uma enorme cuba de pedra de metro e meio de altura.

Ao fundo, confundidas com a escuridão, perfilavam-se oliveiras de grossos torturados troncos.

Jesus e os discípulos dirigiram-se diretamente para a direita do olival a poucos passos, e aproveitando o muro, os homens do Nazareno tinham montado duas rudimentares tendas ou abrigos. Várias peças de pano encerado e presas à base de cordas constituíam o telhado. As barracas, de quatro metros de profundidade por três de largura, estavam escoradas por dois ramos rugosos de conífera, na sua parte frontal, e por um terceiro, situado no centro da tenda. O telhado terminava na cerca de pedra. Ali, as lonas tinham sido esticadas e presas por meio de grandes pedras. Os lados, por sua vez, eram formados por outras faixas de pano e peles de cabra, pessimamente cosidas entre si. A entrada, de dois metros de altura, no terreno avermelhado e poeirento, necessitava de proteção. À luz da fogueira que se fizera à frente dos dois refúgios pude observar que o chão das tendas fora coberto com mantos e esteiras. Ao fundo, vi alguns volumes, que pensei fossem utensílios de cozinha. Mas, a escuridão era tão cerrada que preferi deixar para o dia seguinte um reconhecimento mais exaustivo do terreno e do que fazia parte daquele lugar, propriedade do velho Simão, o Leproso.

O reencontro com os restantes discípulos levantou os ânimos decaídos dos homens que acompanhavam Jesus. E bem depressa nos vimos sentados ao redor do fogo. A temperatura tinha baixado

consideravelmente e os apóstolos, apertados uns contra os outros, tinham-se envolvido nos seus pesados roupões. Ali, entre os reflexos avermelhados dos ramos de nogueira e de figueira (de que Filipe, o encarregado dos abastecimentos, fizera abundante provisão) largando fagulhas por baixo de um céu estrelado, conheci pela primeira vez um rapazinho de doze ou treze anos, de cabeça rapada e olheiras acentuadas, que não pronunciou uma só palavra e seguia os ensinamentos e gestos do Mestre com um interesse e devoção como ainda não vira até àquele momento. O seu nome era João Marcos e ia desempenhar um importante papel nas próximas horas de quinta-feira.

A conversa de Jesus com os apóstolos, enquanto regressávamos ao acampamento de Getsémani, divulgou-se imediatamente entre os discípulos e, muito contra a vontade do Rabi, o assunto da Sua partida não tardou a surgir entre metade daqueles homens rudes e lentos de pensamento. Tomé, usando a palavra, dirigiu-se ao Mestre, perguntando-Lhe:

- Uma vez que vais voltar para terminar o trabalho do reino, qual deve ser a
nossa atitude enquanto estejas fora, nas questões do Pai?

Jesus, sentado do outro lado da fogueira, brincava com um pau, avivando o fogo. Aquelas labaredas altas davam ao Seu rosto uma majestade estranha. Com uma paciência invejável, o Nazareno olhou Tomé por cima do fogo, respondendo-lhe:

- Nem sequer tu, Tomé, consegues compreender o que estive dizendo. Não vos ensinei que a vossa relação com o reino é espiritual e individual? Que mais tenho de vos dizer? A queda das nações, a ruína dos impérios, a destruição dos judeus não crentes, o fim de uma época e, mesmo, o fim do mundo, que têm a ver com alguém que acredita neste evangelho e conseguiu a sua vida na segurança do reino eterno? Vós, que conheceis Deus e acreditais no evangelho, haveis recebido Já a certeza da vida eterna. Uma vez que as vossas vidas estão nas mãos do Pai, nada vos deve preocupar. Os cidadãos dos mundos celestiais, os construtores do reino, não devem preocupar-se com os ações temporais ou perturbar-se com os cataclismos terrestres. Que vos importa se as nações se afundam, as épocas terminem ou todas as coisas visíveis caiam, se sabeis que a vossa vida é uma oferenda do Filho e que está eternamente segura no Pai?

- Tendo vivido a vida temporal com fé e tendo entregado os frutos do espírito como prova de serviço pelos vossos semelhantes, podeis olhar em frente com confiança. Cada geração de crentes tem de levar para a frente a sua obra, tendo em vista o regresso possível do Filho do Homem, exatamente como cada crente particular conduz a sua vida, tendo em vista a inevitável, e sempre certa, morte natural. Quando vos tiverdes estabelecido como filhos de Deus, nada mais vos deve preocupar. Mas não vos enganeis! Esta fé viva exige - cada vez mais - os frutos daquele divino espírito que foi inspirado pela primeira vez no

coração humano. O terdes aceitado ser filho do reino não vos salvará de conhecer o repúdio persistente daquelas verdades que têm a ver com os progressivos frutos espirituais dos filhos encarnados de Deus.

- Vós, que haveis estado comigo nos assuntos do Pai na terra, podeis, até, abandonar agora esse reino. Se virdes que não vos agrada a forma do serviço da humanidade ao Pai, como indivíduos e como crentes, escutai-Me enquanto vos conto uma parábola...

Sem querer, ao escutar aquelas últimas frases de Jesus, desviei o meu olhar para Judas Iscariotes. O homem que, no seu coração, Já desertara, seguia as palavras do seu Mestre com uma frieza que me deu arrepios.

- ...houve um homem - continuou o Nazareno - que, antes de começar uma longa viagem até outro país, chamou todos os seus servos de confiança e lhes entregou todos os bens. Deu a um cinco talentos (1), a outro dois e ao terceiro, um. A todos confiou os seus bens, consoante as suas diferentes capacidades. Quando o senhor se foi, puseram-se os seus servos a trabalhar para retirar lucro da fortuna que lhes confiara. Imediatamente, o que recebera cinco talentos começou a negociar com eles e bem depressa realizou um lucro de mais cinco talentos. De igual modo, o que tinha recebido dois talentos ganhou outros dois. E assim fizeram os servos, acumulando novos ganhos para o seu amo, exceto o terceiro. Este foi-se embora e na sua terra fez uma cova, onde escondeu o dinheiro. Porém, o senhor voltou inesperadamente e chamou os seus criados. O que recebera cinco talentos dirigiu-se ao seu senhor e, entregando-lhe dez, disse-lhe: Senhor, deste-me cinco talentos e dá-me alegria apresentar-te mais cinco. Então, disse-lhe o senhor: Bem fizeste, bom e fiel servo. De ti farei mordomo de muitos.

- Então, o que tinha recebido dois talentos, adiantou-se e disse: Senhor, entregaste nas minhas mãos dois talentos. Olha, ganhei mais dois. E seu senhor lhe disse: Bem fizeste, bom e fiel servo. Tu também foste fiel e agora te colocarei acima dos outros. Por último, chegou para prestar contas o que só tinha recebido um talento. Senhor disse-lhe, conhecia-te e dei-me conta de que és um homem astuto porque esperavas ganhos quando tu, pessoalmente, não tinhas trabalhado. Portanto, eu temia arriscar o que me tinhas confiado guardei o teu talento a salvo na terra e aqui o tens. Tens agora o que te pertence. Mas o seu senhor respondeu: És um criado indolente e preguiçoso. Pelas tuas próprias palavras confessaste que sabias que te ia pedir contas com lucro razoável, como os teus colegas fizeram. Sabendo isto, deverias, pelo menos, ter colocado o meu dinheiro nas mãos dos meus banqueiros para que, à minha volta, eu pudesse receber o meu dinheiro com juros.

- Então, o senhor disse ao chefe dos criados: Tirai o talento a este servo e dai-o ao que tem 10. A todo o que tem lhe será dado muito mais e terá abundância. Mas, ao que não tem, até o pouco que tenha lhe será tirado. Não podeis ficar quietos nos assuntos do reino eterno. Meu Pai exige que todos os Seus filhos cresçam em graça e em

conhecimento da Verdade. Vós, que conheceis estas verdades, deveis produzir o incremento dos frutos do espírito e manifestar uma devoção crescente no generoso serviço aos vossos companheiros servos. E recordai que o que derdes ao menor dos Meus irmãos o tereis feito em Meu serviço.

- E assim deveis fazer a obra de Meu Pai, agora e mais tarde. Continuai até que Eu volte. A Verdade é a vida. O Espírito da Verdade sempre dirige os filhos da luz para novos reinos de realidade espiritual e serviço divino. Não vos é dada a verdade para que a cristalizeis em formas feitas, seguras e honrosas. Que pensarão as gerações futuras daqueles depositários da verdade, se os ouvirem dizer: Aqui, Mestre, está a verdade que nos confiaste há centenas ou milhares de anos. Nada perdemos. Defendemos fielmente quanto nos deste. Não permitimos alterações no que nos ensinaste. Aqui está a verdade que nos deste.

- Livremente haveis recebido. Portanto, livremente deveis dar a liberdade do céu. Em verdade, em verdade vos digo que, então, essa verdade se multiplicará e irradiará nova luz. Mesmo quando a administrais vós. Já bem avançada a noite, o grupo levantou-se, distribuindo-se pelas tendas. Jesus, no entanto, continuou sozinho, em frente da fogueira, mergulhado em pensamentos. Eu instalei-me perto de uma das velhas oliveiras, envolvendo-me no manto. E antes que o Nazareno se retirasse para descansar numa das tendas, o sono acabou por me vencer.

* Um talento valia seis mil denários. Portanto. os oito talentos eram uma considerável fortuna. (N. do M.)

5 DE ABRIL, QUARTA-FEIRA

Pouco antes das madrugadoras andorinhas despertarem o acampamento com os seus negros e tumultuosos vôos, Eliseu alertara-me Já, mediante a ligação auditiva, da proximidade do amanhecer.

O berço registra nove graus centígrados. Ligeira baixa da umidade relativa... Segundo parece, o vento aumentou. Prevêem-se algumas rajadas de vinte a quarenta nós, especialmente durante a tarde... Sorte!

Eliseu não se enganava. Aqueles primeiros momentos do dia pareceram-me especialmente frios. O azul-celeste do meu manto estava salpicado por uma infinidade de gotinhas de orvalho. O mesmo acontecia com a erva rala que conseguia despontar junto de algumas oliveiras. Conforme foi clareando, um distante e misterioso som de castanholas começou a intrigar-me. Parecia nascer em algum lugar, ao fundo do campo onde me encontrava.

Levantei-me e, depois de lançar uma olhadela ao acampamento, verifiquei que tudo estava calmo. Os discípulos dormiam nas tendas. Outros, embrulhados nos seus roupões, descansavam junto do muro de

pedra ou, como eu, debaixo da primeira fila de oliveiras. Em frente dos abrigos, na pequena clareira existente à entrada do jardim distinguiam-se as cinzas da fogueira. O Mestre - pensei - devia estar dormindo.

Mas aquele som de castanholas continuava a encher a manhã, cada vez mais luminosa, quebrando o profundo silêncio de Getsémani. Não hesitei mais. Agarrei a vara de Moisés e dirigi-me para o interior da quinta, seguindo pela vedação de pedra. Aquela propriedade de Simão, o vizinho de Betânia, era dedicada exclusivamente à cultura da oliveira. Do lugar onde tinham sido montadas as tendas, o terreno ia-se elevando ligeiramente. Ao chegar ao fundo do jardim tinha contado meia centena de velhas oliveiras, alinhadas quatro a quatro.

Algumas daquelas árvores impressionaram-me pela sua envergadura. Uma delas, em especial, devia abranger uns oito metros de circunferência. Dos seus ramos nodosos fluía uma substância parda-avermelhada, formando rugas brilhantes ao sol nascente, que avançava Já para além do cume do monte das Oliveiras.

Os últimos metros do retângulo que o jardim das Oliveiras formava - onde ia ter lugar a famosa oração de Jesus – tinham uma elevação mais acentuada. O misterioso ruído tornava-se mais claro e intenso. Deixei para trás o olival e, a pouco mais de dez metros, apareceu na minha frente uma massa pétrea de cerca de cinco metros de altura, com uma entrada mais larga que alta (tive de me inclinar para entrar), que dava para o interior de uma gruta natural. Em frente da caverna viam-se outras formações de calcário branco, que muito tinha sofrido a erosão da chuva e do vento. A presença da mole rochosa e das pedras - com uns escassos trinta ou quarenta centímetros de altura - que ocupavam aquele extremo do jardim explicavam por que motivo Simão não pudera aproveitar a extrema norte para o cultivo do olival. À direita da caverna, e quase unido à rocha, crescia uma árvore corpulenta. Ao levantar os olhos, o insólito som de castanholas ficou explicado. Tratava-se de uma canafístula. Aquele belíssimo exemplar - muito parecido com uma nogueira - estava sendo agitado incessantemente pelo vento, e os seus longos frutos, ao chocarem entre si, provocavam o som penetrante de castanholas. Entre a árvore e o pequeno muro de pedra encostado naquele ponto à parede oriental da caverna, descobri uma pequena plantação de gálbano e tragacanto, ambos de reconhecidas virtudes medicinais. A gruta, praticamente mergulhada no escuro, tinha uns vinte metros de profundidade por dez de largura. O teto, muito baixo nos primeiros metros da entrada, era mais alto no interior. As paredes tinham sido caiadas. Na parede oriental apareciam dois prolongamentos ou grutas menores. Numa delas havia uma prensa de madeira, destinada, sem dúvida, à trituração da azeitona, a julgar pelo cheiro e pelos restos de azeite que, meio seco, ainda impregnavam o interior da rudimentar máquina. Uma comprida viga, que fazia as vezes de braço da prensa, encravava-se numa pequena cavidade situada a pouco mais de um metro, na parede meridional da gruta. Ao fundo, no lado norte,

em cima de uma esteira, estavam vários sacos. Dois continham trigo e os três restantes figos secos, legumes de diferentes tipos, cebolas, alhos, etc. (Soube depois que se tratava dos abastecimentos que Filipe comprara na manhã do dia anterior, e constituía a dieta básica dos homens do acampamento.) Inspecionei também a parte exterior da gruta, verificando como, pelo seu lado norte - no extremo oposto ao da entrada -, fora aberto um pequeno canal que descia até uma espécie de pia de depuração. Simão escavara o cimo da enorme rocha, aproveitando assim as águas da chuva, que desceriam pela conduta até à pia.

Dali, uma vez filtrada, a água era acumulada numa concavidade inferior, feita também na rocha. Uma vez satisfeita a minha curiosidade, regressei ao acampamento, indo desta vez pelo muro ocidental. Ao chegar à entrada do jardim, algumas das mulheres do grupo de Jesus azafamavam-se Já em volta de uma pequena fogueira. Enquanto duas moíam o trigo, preparando a farinha, outras traziam água, enchendo vários vasos. À direita da cancela e unida ao muro, encontrava-se a grande cuba de pedra que eu tinha visto na noite anterior. Tratava-se de um velho moinho de azeite de, aproximadamente, quatro metros de diâmetro, perfeitamente circular e com um parapeito de cerca de um metro de altura. Estava vazia. Um pesado tronco, totalmente enegrecido e cravado, numa das extremidades, num nicho aberto no muro de pedra, apoiava-se no centro geométrico da cuba. Aquela viga fora munida de grandes lajes circulares e lisas, presas à segunda extremidade por meio de grossas cordas, que as atravessavam por orifícios centrais. Pelo que pude deduzir, quando o tanque se enchia de azeitonas, aquele enorme peso da ponta do madeiro devia atuar como prensa, esmagando o fruto. No fundo da cuba amontoavam-se também grandes carrinhos de esparto, usados, possivelmente, no transporte da azeitona.

Estava ainda inspecionando a cuba quando, pelas sete, vi aparecer na clareira Jesus de Nazaré. Era o primeiro a sair da tenda destinada aos homens. Fiquei quieto. O Gigante, que se desembaraçara do manto, estava descalço. Deu uns passos até à fogueira e, depois de saudar as mulheres, aproximou as palmas das mãos ao fogo, procurando aquecê-las. Depois, erguendo o rosto para o azul do céu, fechou os olhos, fazendo uma profunda inspiração. A sua pele bronzeada iluminou-se com o afago daqueles fracos raios solares. Uma das mulheres arrancou o Mestre daqueles agradáveis momentos, indicando-lhe que tinha pronto o vaso de barro com a água para as suas lavagens. Jesus correspondeu à discípula com um sorriso e, com toda a naturalidade, arrancou a sua túnica branca pela larga gola, despindo-a pela cabeça. Por baixo, o Rabi cobria as nádegas e o baixo ventre com uma espécie de tanga, também branca. A tanga consistia numa simples faixa de pano - possivelmente de algodão - de uns trinta centímetros de largura e cosida numa das pontas a um cordão que era atado em volta da cintura. Esta parte (a que

estava cosida ao delgado cinto), tapando as nádegas, passava depois entre as pernas para terminar em dois cordões mais curtos, cada um deles preso a uma ponta do pano. Esta última franja era atada ao cordão da cintura, tapando, assim, os órgãos genitais e parte do ventre de Jesus.

Uma vez nu, o Galileu ajoelhou-se junto da ampla vasilha. Meteu as mãos na água e começou a banhar o rosto, o peito, axilas e braços. Em questão de segundos, aquele corpo musculoso - sem um grama de gordura - ficou coberto pela água.

A seguir, o Gigante lançou mão de uma pastilha quadrangular cor de osso e começou a esfregar-se com energia. Não tardou a aparecer uma fraca espuma branca. Quando o Mestre considerou que estava suficientemente ensaboado, de novo se inclinou para o vaso, a fim de se enxaguar. Minutos depois, o Galileu levantava-se e a mesma mulher que lhe preparara a água entregava-lhe um lenço muito semelhante ao que eu vira em casa de Lázaro e com que Marta me enxugara as mãos e os pés. Jesus pegou naquela espécie de toalha e foi secando o corpo. Ao terminar, lançou a cabeça para trás sacudindo o cabelo. Mas, antes de vestir novamente a túnica, o Rabi estendeu as mãos. E a mulher verteu-lhe nas palmas umas gotas de um líquido oleoso. Tal como era hábito naquela época, o Nazareno aplicou a essência nas axilas, pescoço, torso e cabelo, vestindo-se a seguir. Por fim, arregaçando a túnica, entrou no vaso para lavar os pés.

Enquanto Jesus calçava as sandálias com tiras de couro, Filipe, André e outros discípulos começaram a sair da tenda. Naquele instante, vi aparecer no acampamento o pequeno João Marcos, trazendo uma cesta. Sem dizer palavra, entregou-a a uma das mulheres, sentando-se depois junto da fogueira. Os seus olhos não perderam Jesus de vista. Alguns dos apóstolos imitaram o Mestre e, depois de lavarem-se, ocuparam também um lugar em redor das chamas, dispostos a quebrar o jejum.

As mulheres começaram a distribuir leite quente. Uma delas retirou o pano que tapava o cesto de João Marcos e, com vivos sinais de alegria, mostrou aos discípulos dois pães enormes. Filipe tomou-os a seu cargo e, depois de os cortar em fatias, repartiu-as. Eu aproveitei aqueles momentos para me aproximar do vaso onde o Senhor e os seus homens tinham se lavado e examinei a pastilha quadrangular de sabão. Ao cheirar, notei imediatamente um agradabilíssimo perfume de alecrim. Uma das mulheres, ao ver-me tão absorto no sabão, encaminhou-se até onde eu estava e, soltando uma gargalhada, avisou-me:

- Jasão, isso não se come...

A boa mulher não viu inconveniente em me dar todos os pormenores quanto à maneira de confeccionar aquele sabão. Quando não tinham sebo, usavam tutano de vaca. Uma vez derretido em água quente misturavam-no com azeite, juntando-lhe essência de alecrim - como neste caso – ou diferentes perfumes, tais como tomilho, flor de

laranjeira ou sumo de limões. Depois, tudo era questão de verter o líquido em rudimentares moldes de madeira ou de ferro e esperar.

Quando o grupo tinha tempo e dinheiro, as mulheres preferiam perfumar o sabão com láudano. Alguns pastores dedicavam-se à sua venda. Pelo que parecia, conseguiam obtê-lo com bastante facilidade: bastava que tivessem paciência para pentear as barbas das cabras que pastavam nos estevais. A resina em questão impregnava as mechas de pêlo dos animais e os pastores apenas tinham de retirá-la.

Atento às explicações da mulher, não percebi que alguém se encontrava atrás de mim. Ao voltar-me, tive nova surpresa. Era Jesus.

Aquele líquido oleoso. segundo me explicou uma das discípulas era fabricado em Jerusalém, partindo, precisamente. daquela substância parda-avermelhada que eu tinha visto exudar das oliveiras. Papai Noel confirmaria que a referida matéria - denominada goma-laca - é formada por uma substância branca e cristalina que é conhecida pelo nome de Olivila. (N. do M.)

Trazia uma fumegante malga de leite na mão esquerda e uma fatia de pão na direita. Ao ver a minha cara de espanto, sorriu maliciosamente, dando-me uma nova piscadela e convidando-me a aceitar a refeição. Ao receber o pão e o recipiente, os meus dedos roçaram pela Sua pele e notei, alarmado, como o meu coração multiplicava as pulsações. Como era difícil conservar a objetividade perante Aquele extraordinário exemplar humano...!

Não o podia entender muito bem. Porque estavam os discípulos de Jesus de Nazaré tão silenciosos? Aquele pequeno-almoço foi tenso. Ninguém parecia disposto a abrir a boca. Certamente, os acontecimentos dos últimos dias e, principalmente, o fantasma do decreto do Sinédrio contra a pessoa do Mestre, pairavam sobre os corações daqueles homens. No entanto, era impressionante que fosse o Nazareno o menos atormentado do grupo. As espadas continuavam no cinto de alguns dos doze e naquela noite, como na anterior, se estabeleceria o rotineiro serviço de guarda às portas do acampamento. Judas Iscariotes foi o último a sair da tenda. Pelos olhos avermelhados e pelo rosto macilento tive a impressão de que não dormira grande coisa. Recebeu a sua ração e, como os companheiros, permaneceu sentado, como que distraído. O Mestre, por fim, rompeu o silêncio, dizendo:

- Hoje, quero que descanseis. Gastai este tempo a meditar sobre tudo o que aconteceu desde que viemos a Jerusalém. Refleti sobre o que está prestes a acontecer...

A decisão de Jesus surpreendeu um pouco os que ali estavam. Todos acreditavam que o Rabi entraria novamente no Templo para se dirigir ao povo. No entanto, o Galileu - que se pusera de pé - confirmou a decisão, dando a saber ao chefe do grupo que pensava em retirar-se durante todo o dia e que, a pretexto algum, deveriam transpor as portas

da Cidade Santa. André fez um movimento afirmativo de cabeça e Jesus retirou-se para o interior da tenda. Aquilo - confesso-o - desorientou-me tanto ou mais que aos discípulos, embora por razões bem distintas. Que pretendia o Nazareno? Onde pensava ir? A minha missão era seguir os passos de Jesus de Nazaré, onde fosse e estivesse, e sempre e quando a minha presença não motivasse uma alteração dos fatos históricos. Por outro lado, Cavalo de Tróia tinha-me confiado a difícil e inadiável tarefa de contatar o procurador romano. Era vital que Pôncio Pilatos soubesse de mim, que me conhecesse pessoalmente. Isso facilitaria a minha entrada na Torre Antonia na manhã da próxima sexta-feira. Além disso, aquele encontro - nas mãos de José, José de Arimatéia - estava marcado inicialmente para aquela mesma manhã de quarta-feira. Que devia fazer? Para complicar, um pensamento começou a fustigar-me: Que maquinava o cérebro de Judas? Alguma coisa na profundidade do meu ser me dizia que aquela quarta-feira seria decisiva nos planos e decisões do traidor.

E eu tinha de estar fora. Judas, como Já disse em outro momento, atraía-me especialmente. No fundo, era o único que se revoltava contra tudo aquilo. Encontrava-me mergulhado nestas graves dúvidas quando Jesus se apresentou à porta da tenda. Tinha pegado no manto e atado em volta da cabeça um lenço grande ou sudário. Aquilo significava que pretendia caminhar, e muito. Naquele momento, David Zebedeu - um dos discípulos mais corpulentos e rápidos de pensamento, e que desempenharia um papel extraordinariamente prático e eficaz diante das terríveis jornadas de sexta-feira, sábado e domingo - saiu ao caminho do Gigante, expondo-lhe o seguinte:

- Bem sabes, Mestre que os fariseus e dirigentes do Templo procuram destruir-te. Apesar disso, preparas-te para ir sozinho às colinas. É uma loucura. Portanto, mandarei contigo três homens armados, para que te protejam.

O Galileu olhou primeiro para David Zebedeu e, a seguir, os três corpulentos servos do impulsivo discípulo, que esperavam a alguma distância. E num tom que não admitia réplica ou discussão alguma, respondeu de forma a que todos pudéssemos ouvi-lo:

- Tens razão, David. Mas também te enganas nalguma coisa: o Filho do Homem não precisa que ninguém O defenda. Nenhum homem Me porá as mãos até àquela hora em que tenha de dar a Minha vida, tal como Meu Pai deseja. Estes homens não vão acompanhar-Me. Quero ir e estar só para que possa comunicar com Meu Pai.

Ao escutar Jesus, David Zebedeu e os seus guardas retiraram-se e eu, sentindo que algo se quebrava dentro de mim, compreendi também que não podia seguir o Protagonista da minha exploração. Por alguma razão que não quisera explicar, o Mestre tinha de permanecer sozinho. Mas, quando dava Já por perdida aquela parte da minha missão, aconteceu uma coisa que me fez voltar a ter esperança e que, por sorte, me permitiria reconstruir parte do que Jesus fez naquela quarta-feira.

Quando o Rabi se dirigia Já para a entrada do jardim, disposto a ir sabe-se lá em que direção, o rapaz que tinha trazido o cesto com os pães apareceu entre os discípulos e correu atrás do Mestre. Ao vê-lo, o Rabi parou.

João Marcos tinha enchido aquele mesmo cesto com água e comida e lembrou-Lhe que, se pensava passar o dia no monte, levasse ao menos umas provisões. Jesus sorriu-lhe e abaixou-se, como se fosse pegar no cesto. Mas a criança antecipou-se ao Galileu, agarrou a cesta com todas as suas forças, ao mesmo tempo que insinuava com timidez:

- Mas, Senhor, e se te esqueces da cesta quando fores rezar...? Eu irei contigo, e levarei a comida. Assim, estarás mais livre para a tua devoção.

Antes que Jesus pudesse replicar, o rapaz tentou tranqüiliza-lo:

- Ficarei calado... Não farei perguntas... Ficarei sentado junto da cesta quando Te afastares para orar..

Os discípulos que presenciavam a cena ficaram atônitos com a audácia de João.

E o Mestre voltou a sorrir. Afagou a cabeça da criança e disse-lhe:

- Já que o desejas com todo o teu coração, não te será negado. Iremos sozinhos e faremos uma boa viagem. Podes perguntar-me o que quiser. Vamos confortar-nos e consolar-nos juntos. Podes levar o cesto. Quando te sentires cansado, Eu te ajudarei. Segue-me...

E ambos desapareceram, encosta acima.

Ninguém fez o menor comentário. Os rostos dos apóstolos refletiam consternação total. Era doloroso que uma simples criança os tivesse ultrapassado. Suponho que todos ali presentes – excetuando-se Judas Iscariotes - ardiam em desejo de acompanhar o seu Mestre. No entanto, nenhum fora capaz de abrir o coração e falar a Jesus com a sinceridade de João Marcos. E da surpresa foram passando a um mal dissimulado desgosto. Poucos minutos depois, alguns dos íntimos estavam travando uma azeda discussão sobre a conveniência de o Rabi caminhar pelos montes da Judéia sem escolta e com um rapazinho por única companhia.

Aquela discussão começava a fascinar-me. Todos contribuíam com argumentos mais ou menos válidos mas nenhum parecia disposto a reconhecer a verdadeira causa por que tinham ficados sós. A discussão estava se aquecendo pouco a pouco quando, de repente, vi Judas sair da tenda. Sem fazer ruído, encaminhou-se para a entrada do jardim, afastando-se em direção ao barranco do Cédron. Não hesitei. Depois de lembrar a André o meu encontro com José de Arimatéia, anunciando-lhe que regressaria assim que pudesse, passei o muro de pedra, procurando não perder de vista Iscariotes. Este tinha descido por um dos estreitos caminhos que levavam à ponte sobre o leito seco do Cédron e que unia o adro oriental do Templo ao monte das Oliveiras. Com passo resoluto, Judas atravessou o local onde eu tinha assistido à prova das águas amargas, parando debaixo do concorrido arco da porta Oriental do

Templo. Confundido entre os numerosos peregrinos que iam e vinham, pude ver como o traidor beijava outro hebreu. E ambos entraram no átrio dos Gentios.

Tomando todo o gênero de precauções, também eu entrei no Templo. Cheguei mesmo a tempo de verificar como Judas e aquele que o acompanhava subiam as escadarias do santuário, desaparecendo pela entrada do Pórtico Coríntio.

Amaldiçoei a minha má sorte. Aquele, justamente, era um dos poucos lugares de Jerusalém onde não podia entrar um gentio. O santuário era sagrado. Ali não havia estratagema que valesse. E muito menos com o meu aspecto de mercador estrangeiro...

Que poderia fazer para seguir os passos de Judas?

Deixei-me cair nas escadarias onde habitualmente se sentava o Mestre, e tentava encontrar uma maneira para descobrir a razão que tinha levado o apóstolo ao interior do santuário, quando um dos saduceus, amigo de José de Arimatéia, e que participara no almoço oferecido por aquele a Jesus na manhã de terça-feira, veio solucionar os meus problemas. O homem reconheceu-me, interessando-se pela minha saúde e perguntando-me porque razão estava com o ar tão preocupado.

Depois de medir as possíveis conseqüências da idéia que acabava de me surgir, decidi-me a falar-lhe. Depois de lhe pedir que guardasse segredo do que ia contar-lhe - ao qual o amigo de José de Arimatéia acedeu, num tom que me parecia sincero -, expliquei-lhe que tinha fundamentadas suspeitas sobre a falta de lealdade de um dos discípulos do Rabi da Galiléia. Acrescentei que acabava de ver Judas entrar no santuário e que temia pela segurança de Jesus. O antigo membro do Sinédrio (aquele saduceu era um dos dezenove que tinham apresentado a demissão a Caifás) procurou tranqüilizar-me, assegurando-me que aquilo não era novo. Somos muitos, continuou os que sabemos que Judas, Judas Iscariotes, não partilha a maneira de ser e de atuar do Mestre.

Apesar das suas palavras, simulei não ficar satisfeito e supliquei-lhe que entrasse no Templo e procurasse informar-se sobre os planos de Judas. Mas, antes de responder ao meu pedido, o sacerdote - que partilhava em segredo a doutrina de Jesus - interrogou-me, por sua vez, procurando uma explicação para a minha estranha conduta.

- Eu também acredito no Mestre - menti-lhe - e não desejo que seja destruído.

As minhas palavras devem ter soado com tal firmeza que o saduceu sorriu e, dando-me uma palmadinha nas costas, acedeu aos meus desejos. Antes de nos separarmos, anunciei-lhe naquela mesma manhã, que tinha de me encontrar, com José de Arimatéia e que, se estivesse de acordo, poderíamos voltar a ver-nos antes do pôr do Sol, na casa do nosso amigo comum.

- Acima de tudo - insisti com veemência -, e por elementares razões de segurança, isto tem de ficar entre nós. O meu novo amigo

concordou e eu, um pouco mais descansado, recomecei o meu caminho para a Cidade Baixa. Mas, enquanto me aproximava da casa de José, assaltou-me uma dúvida incômoda: tinha realmente mentido ao saduceu ao afirmar que também eu acreditava em Jesus de Nazaré?

José de Arimatéia recebeu-me com alguma inquietação. Os incidentes no acampamento de Getsémani e as minhas investigações para conhecer a intenção de Judas atrasaram um pouco a minha chegada a casa do ancião. Sem perda de tempo, o magro amigo de Jesus envolveu-se num luxuoso manto de lã, tingido em vermelho-fogo, levando uma ânfora de tamanho médio (aproximadamente um oitavo de efa, ou 5,6 litros).

A entrevista com o procurador romano fora marcada para a hora quinta (por volta das onze da manhã) e, tal como eu, José não gostava de esperar nem de fazer esperar. Ao sair da mansão pedi ao venerável membro do Sinédrio que me permitisse levar aquele jarro. José consentiu com satisfação e, embora tivesse curiosidade em saber o seu conteúdo, o mutismo do meu acompanhante inclinou-me a não formular pergunta alguma sobre o assunto. O caminho até à Fortaleza Antonia, situada a noroeste da cidade, era relativamente longo. Embora o quartel-general romano dispusesse de uma entrada pela esquina mais ocidental do Templo (como julgo ter citado na devida altura, esta fortificação encontrava-se encostada ao imenso retângulo que o Santuário e o seu átrio constituíam), José de Arimatéia - penso que por simples prudência - evitou a todo o instante o recinto do Templo. Deixamos para trás o intrincado labirinto de vielas da Cidade Baixa, atravessando depois a breve depressão do vale do Tirapéon, separação natural dos dois grandes e bem diferenciados bairros de Jerusalém: o Baixo e o Alto.

O grande teatro apareceu à nossa esquerda e, pouco depois, desembocamos na rua principal daquela zona alta de Jerusalém. Tal como a que vira na cidade baixa, esta calçada - que ia do palácio de Herodes, no extremo mais ocidental da urbe, até à parede Oeste do Templo, nas proximidades da esplanada de Sixto - adornada com grossas colunas (1). Nos seus pórticos alinhavam-se os bazares dos vendedores considerados impuros: desde fabricantes de todo o tipo de objetos artísticos (oleiros, ferreiros, perfumistas, etc.) até alfaiates, comerciantes de lã, etc. A gritaria, confusão e sinfonia de cheiros eram idênticos ao do bairro baixo ou Akra.

José apressou o passo ao passar por baixo da Porta do Peixe, na interseção da segunda muralha setentrional com a depressão ou vale do Tiropéon. Nunca soube se aquela pressa do ancião era devida à presença, junto à citada porta, de um grupo de comerciantes que vendiam todo o gênero de peixe ou da proximidade da Fortaleza Antonia.

O caso é que, por fim, ambos nos encontramos diante do muro de pedra de metro e meio de altura que cercava integralmente o

impressionante castelo, sede de Pôncio Pilatos enquanto durassem as festas da Páscoa.

Ainda que eu tivesse tido a oportunidade de contemplar a uma certa distância os legionários enviados, juntamente da Torre Antonia, para estabelecer a ordem no Átrio dos Gentios, quando Jesus de Nazaré espantou os bois, a presença das sentinelas romanas às portas daquele muro impressionou-me.

José dirigiu-se em aramaico a uma delas. Mas o soldado não compreendia a língua do israelita. Um tanto contrariado, José de Arimatéia falou-lhe então em grego. No entanto, o legionário continuou sem perceber. Dada a dificuldade da situação, o jovem romano - suponho que não teria mais de vinte ou vinte e cinco anos - fez-nos um sinal para que esperássemos e, dando meia volta, encaminhou-se para o interior. A segunda sentinela permaneceu muda e impassível, impedindo a passagem com o seu comprido pilum ou lança. Por baixo do brilhante capacete esverdeado, de ferro e de bronze, os olhos do legionário não nos perdiam de vista. O soldado vestia a habitual farda de campanha: uma cota entrançada por malhas de ferro, vestida como se fosse uma túnica curta (até metade da coxa) e que protegia a totalidade do tronco, ventre e começo das extremidades inferiores. Esta couraça, de grande flexibilidade e solidez, encontrava-se em contato direto com um gibão de couro de idênticas dimensões e forma da cota de malha. Por último, o pesado vestuário cobria uma túnica vermelha, munida de mangas curtas e sobressaindo dez a quinze centímetros por baixo da armadura, mesmo acima dos joelhos.

Durante o meu treino para esta missão, Cavalo de Tróia tinha-me preparado uma réplica da planta de Madaba: um mosaico do século VI da nossa Era, e que ainda se conserva na igreja grega do mesmo nome. No referido mapa aparecem estas duas ruas principais e munidas de colunas, autênticas colunas vertebrais dos dois bairros ou zonas de Jerusalém. (N. do M.)

Umas sandálias de grossas solas de couro protegiam os pés com um complicado sistema de tiras - também de couro -, perfeitamente cosidas a todo o perímetro do calçado. (Numa posterior oportunidade, ao examinar uma daquelas sandálias, contei até cinqüenta tiras de pele de vaca curtida.) O soldado apertava estes cordões pela parte superior do pé e à altura das canelas. Mas foi depois, já no pátio da fortaleza, que teria ocasião de descobrir uma das temidas características desta peça. Completava a farda um cinturão de couro, de uns cinco centímetros de largura, revestido com uma infinidade de cabeças de prego. Do centro caíam oito franjas, igualmente de couro, cobertas por pequenos círculos metálicos. Este adorno tinha, principalmente, a missão de proteger o baixo ventre do legionário. Da sua ilharga direita pendia a famosa espada, tipo Hispanicus, de cinqüenta centímetros, metida numa bainha de madeira, com protetores de bronze. Na outra ilharga, a semispatha ou punhal, de comprimento aproximado a metade do gladius Hispanicus.

Observei os escudos das duas sentinelas, encostados a uma das esquinas da porta da muralha. Eram retangulares e tinham, aproximadamente, oitenta centímetros de altura. Apresentavam uma ligeira convexidade e, no centro, o ungon, ou protuberância circular de metal, decorado com uma guia amarela, que sobressaía no fundo vermelho do escudo.

Eram ornamentados com uma orla metálica e primorosamente pintados na sua zona central com quatro quadrados concêntricos (do menor para o maior: preto, amarelo, preto e amarelo). Os cantos do maior tinham sido substituídos por suásticas ou cruzes gamadas, também de preto. As empunhaduras eram formadas por duas correias: uma para o braço e outra para a mão.

Mas o que, sem dúvida, me fascinou daquele equipamento de combate foi a lança. Aquele pilum devia medir pouco mais de dois metros, dos quais pelo menos metade correspondia ao ferro e o resto ao fuste de madeira muito leve, e diâmetro à volta de três centímetros. A haste fora embutida no ferro. Na zona média da arma reparei num reforço cilíndrico, muito curto, que servia de punho e, possivelmente, para regular o centro de gravidade do dardo. Conforme fui conhecendo a vida e a organização daquele exército compreendi como e por que chegara tão longe nas suas conquistas... O legionário notou-me o olhar - absorto no aço reluzente da ponta de flecha em que a sua lança terminava - e, com um sorriso malicioso, inclinou o pilum até a extremidade afiada me ficar a um palmo do peito.

José assustou-se. Por um instante, procurei imaginar o que aconteceria se o soldado tivesse tentado cravar-me a arma. Provavelmente, o susto da sentinela, ao ver que o seu pilum se quebrava ou que não penetrava no meu torso, teria sido maior que o meu. A pele de serpente que me cobria o corpo estava perfeitamente preparada para resistir a um embate deste tipo.

Longe de me atirar para trás ou demonstrar inquietação, correspondi ao sorriso do legionário com outro mais aberto, dando-lhe a entender que sabia tratar-se de uma brincadeira.

Aquele gesto, que o soldado interpretou como um sinal de coragem, e me valeu o seu respeito, ia ser - sem que eu o premeditasse - de extrema utilidade durante a prisão do Galileu, na noite do dia seguinte.

Naquele momento, a sentinela que entrara na fortaleza reclamou a nossa presença do portão da torre. José e eu atravessamos os dez ou quinze metros de terreno baldio que separava o muro ou parapeito exterior, de um fundo fosso de cinqüenta côvados (22,50 metros), escavado quando Herodes mandou reedificar uma antiga fortaleza dos Macabeus e à qual deu o título de Antonia, em honra de Marco Antonio. Este fosso, seco, naquela altura, rodeava a residência do procurador romano em todo o seu perímetro, com exceção do lado sul, que, como Já expliquei, se encontrava encostado à muralha norte do Templo. Os

alicerces eram um gigantesco penhasco, alisado inteiramente no cimo e nos lados. Herodes, na previsão de possíveis ataques, cobrira-os com enormes placas de ferro, de modo a que o acesso por ali fosse impraticável. E por cima desta sólida base levantava-se um magnífico baluarte, construído com grandes pedras retangulares. Ali teriam lugar os sucessivos interrogatórios de Pilatos a Jesus, bem como o selvagem castigo da flagelação.

Ao passar a ponte levadiça - de cinco metros de comprimento, construída à base de grossos troncos sobre os quais se colocara uma espessa cobertura de metal -, não pude resistir à tentação de levantar os olhos. A pétrea fachada cinzento-azulada, de quarenta côvados de altura, estava dividida em duas seções simétricas e perfeitamente ameadas.

Cada um destes blocos, de cinqüenta metros de comprimento, apresentava três filas de janelas (as correspondentes ao primeiro andar, em forma de frestas). E no centro, entre as duas alas que formavam a fachada, uma espécie de terraço, ou mirante, de vinte metros, com os prismas das ameias um pouco menores que os das zonas superiores. As quatro esquinas do castelo tinham sido reforçadas por outras tantas torres, igualmente fortificadas. Eu conhecia, por Flávio Josefo, as suas dimensões (1), mas, ao contemplá-las a tão curta distância, pareceram-me muito mais esbeltas.

Na boca do túnel, que era a entrada principal da fortaleza, esperava-nos a sentinela que tínhamos encontrado junto do muro exterior e um oficial.

Ao descobrir na sua mão direita um bastão de madeira de vide, compreendi que me encontrava perante um centurião. A sua estatura era um pouco superior à média dos legionários, mas talvez fosse devido ao penacho de penas vermelhas que lhe adornava o capacete.

Depois de o saudar, José identificou-se ao comandante de centúria, dizendo-lhe que era amigo do procurador e que fora marcada uma audiência para aquela manhã. O centurião – também em grego - correspondeu à saudação e pediu-me que me identificasse. Depois, dirigindo-se a um dos soldados de guarda à porta de uma quadra, situada à direita do túnel, pediu-lhe qualquer coisa. O legionário apressou-se a entrar no que parecia ser a casa da guarda e regressou imediatamente com uma tabuinha encerada. Naquela espécie de ardósia tinham sido escritos alguns nomes. Do canto superior esquerdo da moldura da tabuinha estava pendente uma pequena corda, muito gasta, a que estava atado um prego de bronze de uns oito centímetros de comprimento e que, a julgar pelos riscos na superfície encerada, fazia as vezes de buril. O centurião leu e devolveu a tabuinha ao legionário, que desapareceu novamente no interior da quadra. Entretanto, alguns dos soldados que formava a guarda de dia, naquele setor da fortaleza - e que descansavam num dos bancos de madeira dentro de casa - tinham vindo à porta, observando-nos com curiosidade.

* Na sua obra Guerra dos Judeus (Livro Sexto), Josefo assegura que três das torres tinham cinqüenta côvados (22,50 metros) e a quarta - a que se encontrava encostada ao Templo - setenta côvados (31,50 metros). Estes dados aproximam-se bastante das nossas medições feitas do módulo. (N. do M.)

- Que há dentro desta jarra? - perguntou, de repente, o centurião. Graças aos céus, José antecipou-se:

- É vinho das adegas subterrâneas de Gabaon... Sei que o procurador o aprecia...

- Terão de abri-la - respondeu o oficial, ao mesmo tempo que fazia sinal a um dos soldados que contemplava a cena.

Lancei um rápido olhar a José e este, sem se perturbar, pegou na ânfora retirando a tampa de barro que a tapava. O legionário apoderou-se do recipiente, enchendo uma caneca de latão. Depois de cheirar o conteúdo, levou o rosado líquido aos lábios, bebendo. O centurião deu por boa a verificação e pediu-nos que entregássemos as armas. José de Arimatéia explicou-lhe que éramos homens de paz e que não usávamos espada. Mas o oficial, sem prestar muita atenção às palavras do velho, ordenou a duas das sentinelas que nos revistassem. Depois de nos apalparem costas, cintura, peito e braços, os legionários moveram negativamente as cabeças. Naquele instante, o consciencioso oficial olhou para a minha vara. - Terás de a deixar ao cuidado da guarda - disse-me.

E, antes que eu pudesse reagir, um dos romanos arrebatou-me a vara de Moisés. O coração deu um salto no peito. Não estava esperando aquilo. E ainda que o cilindro de madeira estivesse preparado para suportar os mais violentos movimentos e pancadas, só o pensamento de que pudesse danificar-se ou se extraviar me lançou numa inquietação profunda. Além disso, aquilo significava que não ia poder filmar a entrevista com Pôncio Pilatos. Por outro lado, saltava aos olhos que o centurião não estava disposto a deixar-me passar com o cajado.

Se realmente queria levar em frente o projeto do Cavalo de Tróia tinha de me resignar e confiar na fortuna. Fiquei em silêncio, procurando não conceder demasiada importância à minha vara. O contrário teria despertado receios e suspeitas nada desejáveis naquela oportunidade, que não voltaria a repetir-se. O centurião fez-nos um sinal com a mão, indicando-nos que o acompanhássemos. Saímos do túnel abobadado e encontramo-nos num espaçoso pátio quadrangular – a céu aberto - de uns cinqüenta metros de lado, pavimentado com lajes de calcário duro, cada uma delas com um metro quadrado.

Uma infinidade de portas, coroadas por dintéis de madeira - formando arcos semicirculares - alinhavam-se dos lados, por baixo de outros tantos pórticos, sustentados por colunatas. Aquela fortaleza,

como pude verificar, à medida que nela penetrava, fora edificada com todo o cuidado.

Por aquele grande pátio, onde desembocavam as casernas, as cavalariças e alguns armazéns, iam e vinham numerosos legionários. Muitos - livres de serviço - vestiam apenas a curta túnica vermelha de lã, cingida por um cinturão muito leve. O centurião que nos guiava atravessou o pátio, rodeando uma fonte circular, em cujo centro se erguia uma estátua de pedra da deusa Roma, de túnica com pregas múltiplas, que lhe deixava a descoberto o seio direito. Na mão direita empunhava uma lança e na palma da mão esquerda tinha uma esfera de onde jorrava um jato de água. Esta vertia para o tanque circular que constituía a parte inferior da fonte.

Vários soldados da cavalaria romana lavavam e escovavam meia-dúzia de cavalos. Diferindo dos soldados, os cavaleiros vestiam jaqueta cor de amora, de manga larga, e calças vermelhas, muito justas, que se prolongavam até à canela.

Contrariamente ao que acontece, por exemplo, com os nossos exércitos ocidentais, nenhum daqueles soldados se perfilou ou fez a continência à passagem do centurião. Este, sempre, com o seu tuitis, ou vara de sarmento, na mão direita, e arrepanhando a folgada toga ou capa púrpura com o braço esquerdo, prosseguia o seu caminho para o fundo do pátio.

À direita e à esquerda, e especialmente por baixo dos pórticos, outros soldados tratavam da limpeza das armas ou das sandálias. A um canto, grande grupo de soldados formava círculo em volta de qualquer coisa que se desenrolava no chão.

Apesar da minha curiosidade, não pude aproximar-me. O oficial, que não voltou a cabeça nem uma vez, continuava com boa passada para as escadarias, que já se avistavam na zona oriental do pátio.

Antes de abandonar aquele recinto, chamou-me a atenção outra cena. À nossa direita, e imóvel no lajedo, um dos legionários carregava em cima da nuca e dos ombros pesado saco. A carga obrigava o soldado a manter o tronco e a cabeça ligeiramente inclinados para o chão. Junto dele, outro legionário - com o seu vestuário e armas regulamentares não perdia de vista o companheiro. No meu regresso da entrevista com o procurador romano ia ter completa explicação de tudo aquilo...

Bastou-me pisar a polida escadaria de mármore branco, que partia do fundo do pátio, para compreender que entrávamos na parte nobre do edifício. Aquelas escadas - de pequena inclinação - levaram-nos a uma espécie de vestíbulo retangular, todo ele revestido de finíssimos mármores, que - a julgar pelos sutis veios cinzentos e azulados - deviam ter sido importados por Herodes, o Grande, do Chipre e de Carrara.

Em frente da escadaria que dava para aquele primeiro andar da Torre Antonia abria-se uma dupla porta de quase cinco metros de largura, primorosamente trabalhada com palmeiras, flores e querubins em talha. Ali se via, mais uma vez, a mão dos artesãos e construtores

fenícios, que, possivelmente, se encarregaram da construção da fortaleza.

De ambos os lados da porta montavam guarda dois soldados, cruzando as lanças. O centurião dirigiu-se a um deles, informando-o - suponho - que estávamos na lista das audiências de Pôncio Pilatos.

Segundos depois, dava meia volta e, levantando o braço em sinal de saudação, desceu a escadaria e desapareceu. Era evidente que tínhamos de esperar.

José dirigiu-se então a um dos lados do vestíbulo, sentando-se numa das cadeiras em forma de X, sem encosto e com assento de couro, em cima de um esponjoso tapete babilônico. Nas suas costas, por duas estreitas janelas nuas entrava a claridade e a fria brisa do Norte. Procurei imitar o meu acompanhante, enquanto tentava fixar na memória os pormenores mais importantes daquele recinto. De ambos os lados da porta alinhavam-se quatro grandes esculturas (duas em cada uma das paredes). As mais próximas das sentinelas eram simples bustos de mármore, igualmente branco. As outras, pude reconhecê-las: tratava-se de uma réplica das amazonas, que se encontram atualmente no Museu Capitolino, de Roma.

Em contrapartida, não fui capaz de reconhecer os bustos. E, sem poder conter a minha curiosidade, perguntei a José que significado tinham aquelas cabeças, colocadas em magníficos pedestais cilíndricos. José de Arimatéia, teve um gesto de desgosto. E, quase contrariado, explicou-me que eram os bustos do César. Um, à esquerda da porta, representava Tibério Adolescente. O outro, o imperador. Essas estátuas - continuou José - foram motivo, há já alguns anos, de grandes lamentos e dor para o meu povo.

Assim que Pôncio Pilatos chegou à Judéia - segundo o testemunho do ancião - colocou as referidas imagens em Jerusalém, aproveitando a escuridão da noite. O povo judeu não aceitava a presença de imagens - nem sequer as do imperador romano - e aquilo provocou uma revolta. Milhares de hebreus acorreram a Cesareia, a capital dos invasores, suplicando ao procurador que retirasse as estátuas e respeitasse assim a tradição e as crenças da nação judaica. Mas Pilatos não lhes deu atenção, negando-se a tirar as imagens de Tibério. Durante cinco dias e cinco noites, os Judeus permaneceram em redor da casa do procurador. Em vista da situação, Pilatos convocou a multidão e, quando todos acreditavam que o governador romano se preparava para ceder, as tropas rodearam os hebreus. O procurador avisou-os então que, se não recebessem as imagens, aqueles três esquadrões os despedaçariam. E, a uma ordem de Pilatos, os legionários desembainharam as espadas. A multidão, desorientada, lançou-se de rosto para o chão, gemendo e gritando que preferiam morrer a ver profanada a sua Cidade Santa. Pilatos, comovido e maravilhado com aquela atitude, acabou por consentir, ordenando que os bustos de César fossem retirados de Jerusalém e transferidos para o interior do quartel-general romano: a

Torre Antonia. Sem poder evitar, levantei-me do banco e, pausadamente, aproximei-me do primeiro busto. Mas aquele rosto infantil, com uma madeixa perfeitamente recortada na testa, nada me disse. Dirigi-me então à segunda efígie. Ao passar em frente dos legionários, ambos me acompanharam com o olhar. Aquele segundo busto representava um Tibério adulto, à volta de cinqüenta anos (o imperador foi designado César no ano 14 da nossa Era, quando contava cinqüenta e cinco anos de idade), mas extremamente favorecido. No meu treinamento para esta missão, e dada, principalmente, a entrevista que estava prestes a celebrar com Pôncio Pilatos, tinha recebido informação exaustiva sobre a figura e a personalidade de Tibério (1). Ali – seguindo logicamente as normas dos artistas da época que ocultavam os defeitos das pessoas que imortalizavam em pedra ou bronze - não apareciam as múltiplas úlceras que lhe cobriam o rosto nem a sua calvície, nem o ligeiro desvio para a direita do nariz ou o defeito da orelha esquerda, mais saída que a do outro lado. (Estes dois últimos defeitos surgem com clareza no chamado busto de Mahin, realizado quando Tibério ainda não era imperador.)

Em contrapartida observava-se a boca descaída, como conseqüência da perda de dentes. Excetuando estas concessões , o artista moldara com exatidão a cabeça daquele César polêmico e introvertido, um rosto triangular, de testa larga e barbicha pontiaguda e curta. No seu conjunto transmitia o ar filantrópico, ressentido e fugidio que caracterizou Tibério e que ia desempenhar um papel decisivo na vontade do seu procurador na Judéia, chegado o momento de salvar ou de condenar Jesus de Nazaré. (Mas deixemos que os próprios acontecimentos falem por si)

De repente, abriu-se a grande porta. José como eu, correu apressado para o umbral. Como se nelas tivesse atuado uma mola mecânica, os soldados afastaram as lanças, dando passagem a um indivíduo que vestia a toga romana dos plebeus. Mal tive tempo para o olhar. Do outro lado, um centurião segurava o batente da porta. Na mão esquerda tinha uma tabuinha encerada, idêntica à que vira no posto da guarda. Pronunciou os nossos nomes e, com um sorriso, convidou-nos a entrar.

Aquele salão, mais amplo que o vestíbulo, deixou-me perplexo. Era ovulado e com as paredes totalmente forradas de cedro. O soalho, de madeira de cipreste, rangeu debaixo dos nossos pés, enquanto nos aproximávamos - sempre na companhia do oficial - do extremo da sala, onde nos esperava um homem de baixa estatura: Pôncio Pilatos.

Ao ver-nos, o procurador levantou-se de onde estava sentado, saudando-nos com o braço levantado, tal como, séculos mais tarde, o fariam os Alemães de Hitler. Ao chegar junto da mesa, José inclinou ligeiramente a cabeça, apresentando-me depois. Instintivamente repeti aquela ligeira reverência sentindo como o governador da Judéia me perfurava com os seus olhos azuis e salientes (2). Pilatos voltou a

sentar-se e convidou-nos a que fizéssemos o mesmo. O centurião, pelo contrário, continuou de pé, a um lado da mesa, com o tampo de cedro e pernas de marfim. Não estava de capacete mas trazia as armas regulamentares: espada, na ilharga esquerda (ao contrário da tropa), um punhal e, com certeza, a cota de malha. O seu vestuário era muito semelhante ao dos legionários, à exceção da capa e do capacete.

(1) A minha documentação sobre Tibério baseou-se, fundamentalmente, em três fontes: os Anais, de Tácito, o livro Os Doze Césares, de Suetónio, e as Histórias de Roma, de Dione Cássio eáveleio Patérculo. A esta bibliografia sobre a vida pública e privada de Tibério tive de acrescentar uma infinidade de documentos, dados e livros de F. Josefo, Fáon, Juvenal, Ovídio, dos Plínios, Séneca, Henting, Bernouilli, Barbagallo, Baring-Gould, Ferrero, Marsh, Ciaceri, Mommsen, Maranon Homo, Pippidt, Axel Munthe, Ramsay, Tarber, Tuxen e um longo et caetera. (N. do M.)
(2) Diante daqueles olhos salientes bem como do conjunto das restantes características de Pilatos - obesidade, baixa estatura, inchaço do rosto , etc. - qualquer médico suspeitaria de uma alteração da glândula tiróide (possivelmente, hipertiroidismo). (N. do M.)

Enquanto o anciãJosé de Arimatéia lhe falava em grego, oferecendo-lhe a ânfora de vinho, Pilatos não tirava os olhos de mim. Tive de confessar que a curiosidade era mútua.

Sinceramente, a imagem que eu concebera daquele homem distava muito da realidade. A sua baixa estatura - talvez metro e meio - desorientava-me. Era atarracado, com um ventre proeminente, que o procurador tentava dissimular por baixo das pregas da toga de seda de um esfumado tom violeta e que lhe caía do ombro esquerdo, envolvendo e enfaixando o abdômen e parte do tórax. Por baixo deste manto, Pilatos vestia uma túnica branca igualmente de seda que lhe chegava aos artelhos, e com delicados brocados de ouro a toda a volta de um pescoço curto e grosso.

Desde o primeiro momento, a cabeleira do procurador romano foi para mim motivo de surpresa. Não o poderia garantir, mas estou quase certo de que tinha recorrido a um postiço para esconder a calva. A disposição da cabeleira - caindo exagerada e estudadamente para a testa - e o claro contraste com os compridos cabelos que lhe pendiam, em forma de crina, para a nuca, denunciavam a existência de uma peruca loura. Pouco a pouco, conforme fui conhecendo o procurador observei o cuidado quase doentio de imitar em tudo o seu Imperador. O postiço parecia ser outra prova. A calvície - segundo todos os historiadores era uma das características dos claudios. Tibério tinha perdido o cabelo ainda muito novo, usando, ao que parece, perucas louras, confeccionadas - segundo Ovídio – a partir de cabeleiras das escravas e prisioneiras dos povos bárbaros. Outros imperadores, como

Júlio César e Calígula, apresentavam esta enfermidade. Séneca descreve magistralmente o grave complexo de Calígula, como conseqüência da sua calvície: Olhar-lhe para a cabeça, disse o espanhol, era um crime... Naturalmente, e por cautela, tentei olhar o menos possível para o postiço de Pilatos...

Uma cárie galopante dizimara-lhe a dentadura, salpicando-a de pontos pretos que tornavam ainda mais desagradável o rosto branco, inchado e redondo como um escudo. Consciente do problema, Pilatos tentara remediar os estragos, colocando dois dentes de ouro no maxilar superior e outro no inferior. As próteses denunciavam, além do mais, a sua privilegiada situação econômica. Pilatos sabia-o e observei que – embora não tivesse grande motivo para isso - lhe agradava sorrir e mostrar os seus poderes (1).

* Contrariamente ao que chegaram a opinar alguns investigadores o procurador Pôncio Pilatos nunca foi um escravo liberto. Vinha de uma família nobilíssima e muito antiga, ligada, quatro séculos antes de Cristo, à ordem eqüestre romana. Um antepassado seu, Pôncio Comínio, participou na guerra de Camilo contra os Galos. Com grande arrojo, este antepassado de Pilatos conseguiu penetrar em Roma escondido numa barquinha de cascas de árvore. A origem de Comínio, como o seu próprio nome nos assinala, era samnita. Duzentos anos depois surgem na História de Roma mais dois Pôncios famosos: Caio Pôncio Telesino e seu pai, Caio Pôncio Herénio, amigo de Platão. A família de Pôncio Pilatos, segundo todos os historiadores, dividia-se em quatro grandes ramos: os telesinos, os cominianos, os fregelanos e os anfidianos.

Todos eles tomavam o nome do lugar de precedência de sua família. O ramo mais distinto e nobre foi, sem dúvida, o dos telesinos, de que procedia Caio Herénio, lugar-tenente de M rio nas guerras de Espanha, no tempo de Sila. Contudo, mais famoso ainda foi Pôncio Telesino, que colocou Sila em imensa dificuldade e cuja morte foi, para Mário, o sinal da sua derrota. Desde então, os Pôncio Telesinos desaparecem da História de Roma, ainda que dois poetas importantes – Marcial e Juvenal - falem deles. Do primeiro, mal, e, do segundo, que os tinha em grande apreço, bem. É difícil precisar a qual dos dois ramos importantes pertenceu Pôncio Pilatos, embora tudo leve a supor - dada a sua posição e cargo - que foi ao dos telesinos. Pilatos não era mais que um sobrenome ou apodo, como acontecia com outras personalidades ilustres: Cícero, Torquato, Corvino, etc.

Significava homem de lança e, provavelmente, tinha relação com algum importante feito de armas acontecido na família dos Pôncios. Na guerra civil de César e Pompeu, por exemplo, os Pôncios foram partidários do primeiro, deles se contando alguns feitos heróicos, que lhes valeram grande amizade com César. Outros membros da família, no entanto, permaneceram fiéis à República, como foi o caso de Lúcio Pôncio Aquila, amigo de Cícero. Nos tempos de Tibério aparecem os faces consulares

nas mãos de um tal Caio Pôncio Negrino e nas bancadas do Senado temos outro Pôncio Fregelano, caído mais tarde em desgraça, por se unir ao temido general Sejano. Mas nenhuma destas circunstâncias fez perder prestígio à família dos Pôncios. E, durante o império de Nero, encontramos outro Pôncio Telesino exercendo o consulado com Suetónio Paulino. Quer dizer: Pôncio Pilatos pertencia à ordem eqüestre romana, ou seja à nobreza de segundo grau. (N. do M.)

Apesar de cuidadosamente barbeado e do perfume que usava, o seu aspecto, em geral, era pouco agradável. Também - creio eu - a descrição física de Pôncio Pilatos estava de acordo com a classificação tipológica de Ernest Kretschmer. Pelo menos na aparência física coincidia com o chamado tipo pícnico. Mas o que realmente me interessava era a sua maneira de ser. Era vital poder mergulhar no seu espírito, a fim de lhe compreender melhor as motivações e retirar conclusões sobre o seu comportamento na manhã de sexta-feira, 7 de Abril.

O procurador agradeceu o obséquio de José e, dirigindo-se a mim, perguntou-me, entre risos:

- E como vai o velhinho?

Eu sabia que o caráter áspero e a extrema seriedade de Tibério - Já desde a sua juventude - lhe tinham originado esta alcunha. E logo respondi, sem perder a calma:

- Na minha viagem a esta província oriental tive a honra de o ver no seu retiro na ilha de Cace. A sua saúde continua a piorar tão rapidamente quanto o seu humor...

- Ah! - exclamou o procurador, simulando conhecer a notícia. Mas, será que voltou a Cace? Aquilo acabou por me alertar. Pilatos, com aquelas perguntas e as seguintes, procurava averiguar se eu fazia parte do grupo de astrólogos que rodeava Tibério e que anos mais tarde, Juvenal qualificaria ironicamente como rebanho caldeu. A sorte estava lançada. Procurei, assim, seguir-lhe a corrente...

Como medida de precaução, Cavalo de Tróia estabelecera que, enquanto durasse a minha reunião com Pilatos, a ligação auditiva com o módulo fosse praticamente permanente. A informação auxiliar de Papai Noel, o nosso computador, poderia ser de grande utilidade. Daí que, durante toda a entrevista eu
ficasse com a mão direita junto da orelha, simulando dificuldade em ouvir o meu interlocutor. Na realidade, como já expliquei, esta habilidade permitia que as vozes dos ali reunidos pudessem chegar com clareza a Eliseu...

- Compreendo que as notícias te cheguem com demora - fingi - e que ainda não estejas informado do retiro voluntário do imperador em Cace. Lá continua atualmente, na companhia do seu amigo e mestre de astrólogos, o grande Trasilo.

Pôncio não se dava por vencido. Aquela delicada situação parecia diverti-lo. - Então - continuou o procurador, sem abandonar o falso sorriso -, terá levado consigo o seu médico pessoal, Musa...

A nova armadilha de Pilatos também não deu fruto. Eu sabia que Antonio Musa fora o Galeno do seu antecessor, Augusto. Mas, como podia emendar o supremo chefe das forças romanas na Judéia sem ferir a sua retorcida alma?

- Não, procurador. Sei que Tibério admirou os cuidados de Musa com seu padrasto, porém, o imperador preferiu levar consigo o não menos prudente e eminente Charicles. Segundo as minhas notícias, Tibério chama-o, de vez em quando, a qualquer das doze vilas de Cace onde mora.

Pilatos começou a brincar com o pequeno falo de marfim que trazia ao pescoço. Aquele adorno - tão vulgar na Roma imperial - veio provar-me uma coisa de que já suspeitava, aquele romano era profundamente supersticioso. A presença de falos em todo o tipo de adornos, colares, anéis, móveis, quadros, etc, era motivada pelo cuidado dos cidadãos romanos em atrair a fortuna e evitar a desgraça.

- Sim - murmurou, com certo desprezo nas suas palavras -, Tibério sempre foi um homem adoentado... E todos sofremos por vezes a sua irritabilidade. Suponho, Jasão, que a sua fraqueza será cada vez maior...

Naqueles comentários havia parte de verdade. Mas entre aquelas meias verdades também se ocultavam novos ataques à minha suposta profissão de astrólogo e, enfim, ao meu conhecimento de César.

- Posso garantir-te - respondi – que Tibério conserva toda a sua força. É capaz, como muito bem sabes, de furar uma maçã verde com um dedo.

A sua velhice (no ano 30 Tibério contava mais de setenta anos não diminuiu a sua força, mas a sua vista, sim... E em alguma coisa estou de acordo com a tua sábia opinião. O imperador é um homem atormentado com o seu destino. Não soube elevar-se acima das adversas circunstâncias do divórcio que Augusto lhe impôs.

Naquele tempo a profusão de falos-amuleto chegou a tais extremos que podiam ser encontrados nas portas das casas ou dos dormitórios. Quando colocados nos jardins e nos campos, deviam proteger contra as sombras nocivas. Se os punham nas encruzilhadas, o falo assinalava ao caminhante o rumo certo. Pendiam também dos carros vitoriosos dos imperadores (fascinus) e do pescoço das mulheres grávidas que desejavam um parto fácil. Os Romanos chegaram a acreditar que o seu poder aumentava se dessem ao falo a forma de um animal dotado de garras ou de asas. Também foram encontrados badalos com forma fálica. A superstição romana acreditava que, desta forma, o som dos sinos afugentava os bruxedos e todo o tipo de seres fantasmagóricos. Só quando o Império decaiu, degradando-se os seus costumes, o falo se converteu num símbolo de prazer.

Entretanto, nos primeiros tempos de Roma, as jovens casadas ofereciam a virgindade a Hermes Priapo, como prova das suas devotas intenções. Mais tarde o falo do deus serviu de consolador a muitas mulheres viciosas (N. do M.)

Nunca esquecerá o seu grande amor, Vipsania. Isto, o caráter possessivo e a ambição de sua mãe, Lívia, e aquelas repulsivas úlceras que o desfeiam, acabaram por transformá-lo num homem tímido, ressentido e fugidio. (Neste instante interveio Eliseu, comunicando-me que, segundo Plínio, o velho, na sua História Natural, Tibério era um dos homens com melhor vista do mundo. Era capaz de ver nas trevas - como as corujas -, embora durante o dia sofresse de miopia. Foi esta – segundo Dione na História de Roma - uma das razões que alegou para não aceitar o império.)

- Tímido, ressentido, fugidio e cruel - rematou Pilatos, com gesto grave, ao mesmo tempo que trocava um olhar com o seu centurião. Em minha opinião, o procurador dava-se por satisfeito com a minha representação. A partir desse momento, as suas perguntas e comentários Já não foram tão venenosos. No entanto, aquelas afirmações tinham começado a revelar o comportamento de Pilatos em relação ao imperador e, especialmente, o seu critério pessoal em relação a Tibério e suas ações. Por um lado, como tive oportunidade de verificar, Pôncio Pilatos gostava de imitar o seu César. Por outro, odiava-o e temia-o com a mesma intensidade. Aqueles últimos anos de Tibério, desde um pouco antes da sua ida para Cace, foram de autêntico terror. Suetónio descreve-o, assegurando que o furor das denúncias que se desencadeou com Tibério, mais que todas as guerras civis, esgotou o país em plena paz. Todos se espiavam e tudo podia ser motivo de secreta delação ao César. O caráter desconfiado de Tibério alimentou - e não pouco - esta vaga de denúncias. E quando algum homem corajoso - como Calpúrnio Pison - levantava a sua voz protestando por esta situação, o César encarregava-se de aniquilá-lo. Tibério via traidores e traições até nos seus mais íntimos amigos e colaboradores. O terror tiberiano chegou a tais extremos que, segundo conta Suetónio, se espiava até uma palavra saída num momento de embriaguez e o gracejo mais inocente podia constituir um pretexto para denunciar. Esta gravíssima situação - de enorme transcendência, em minha opinião, na altura de julgar o comportamento de Pilatos com Jesus de Nazaré - fica perfeitamente demonstrada com o acontecimento protagonizado por Paulo, um pretor que assistia a uma refeição. Séneca conta-o na sua obra A Beneficência: Paulo tinha um anel de camafeu, onde estava gravado o retrato de Tibério César. Pois bem, o pobre Paulo, apertado por uma necessidade fisiológica, cometeu a imprudência de pegar num urinol com aquela mão. O fato foi observado por um tal Maro, um dos mais conhecidos delatores da altura. Mas um escravo de Paulo apercebeu-se de que o delator espiava o amo e, rapidamente,

aproveitando-se da sua embriaguez tirou-lhe o anel do dedo, justamente no momento em que Maro dava os convidados como testemunha da injúria que se ia fazer ao imperador, aproximando a sua efígie do urinol. Nesse instante, o escravo abriu a mão e mostrou o anel. Aquilo salvou o imprudente Paulo da morte certa e da perda total dos seus bens que - segundo a lei de Tibério - iam sempre parar às mãos do delator. Isto e velhos ódios eram as causas mais vulgares em todas as denúncias.

Pôncio Pilatos, naturalmente, conhecia estes fatos e temia - como qualquer outro cidadão de Roma - ser o alvo dos muitos delatores, profissionais ou amadores, que então pululavam. No escasso tempo que permaneci perto dele tive a intuição de que Pilatos não era exatamente um covarde. O fato de representar César numa província tão difícil e turbulenta como Israel pressupunha que, pelo menos em teoria, se tratava de um homem de certa têmpera (1).

Embora fosse mau político, como demonstrou, negando-se a retirar as imagens de César em Jerusalém, ou apropriando-se do tesouro do Templo para a construção de um aqueduto, creio, em abono da verdade, que o procurador podia sentir medo da situação pela qual, naqueles anos, passava o Império, mas não da verdade, quando esta surgia límpida e diretamente entre os homens. Assim acontecia na Sexta-Feira. Pilatos apresentava-se para mim como um homem instável emocionalmente, mas não como um covarde, tal como sempre se pretendeu. (Este, como veremos, mais adiante, deveria ser outro conceito a rever, em especial pela Igreja Católica.)

- Tímido, ressentido, fugidio e cruel - repetiu o procurador, mergulhado em pensamentos inescrutáveis. O silêncio caiu pesadamente na sala. José, que parecia não acreditar em quanto estava ouvindo, agitou-se nervoso na sua cadeira de couro. Justamente aquele violento silêncio deve ter arrancado Pilatos às profundidades da sua mente e, adotando um tom mais conciliador, perguntou de novo:

- Mas, conta-me, Jasão, a que se dedica agora o imperador? Que faz...?

- Como Já comentei, entendo que Tibério fugiu de Roma... fugindo de si próprio. Intencionalmente, fiz uma pausa. Os olhos de Pôncio faiscaram. E com a cabeça fez um aceno afirmativo...

- O seu inimigo mortal - prossegui - é o seu ressentimento ou a sua falta de generosidade. E os astros – insinuei intencionalmente - anunciam fatos que agitarão o Império. Dedica-se agora a passear solitário, como sempre, pelas abruptas escarpas de Cace. Não fala com ninguém, à exceção dos seus astrólogos, e posso garantir-te que a sua desconfiança e instabilidade são tais que chega a assassinar os meus colegas.

- Está matando os seus astrólogos? - interrompeu-me o governador, com expressão de incredulidade. Aquela notícia, pelo que parecia, ainda não tinha chegado à remota Palestina. E procurei tirar partido disto.

- Assim é, procurador. A sua demência está a comprometer quantos o conhecem. Todas as tardes, Tibério recebe um astrólogo. Faz isso na mais alta das doze vilas que mandou construir na ilha e que, como sabes, estão dedicadas a doze deuses. Pois bem se o imperador acredita que o astrólogo de turno não lhe disse a verdade nos seus presságios, ordena ao robusto escravo que o acompanha para, no regresso ao palácio, atirar o caldeu pelos despenhadeiros...

(1) Sobre Pilatos escreveu Filon: De caráter inflexível e duro, sem nenhuma consideração. Segundo o escritor de Alexandria, a procuradoria de Pilatos caracterizava-se pela sua corruptibilidade, roubos, violências, ofensas, brutalidades, condenações constantes sem processo prévio e uma crueldade sem limites. (N. do M.)

Pilatos sorriu maliciosamente e, apontando-me com o indicador, perguntou sem rodeios:

- E tu...? Como é que continuas com vida?

- Procurei seguir os conselhos do meu mestre Trasilo e aqueles que o meu próprio coração me ditou. Quer dizer, disse a verdade ao Imperador... (Eliseu transmitiu-me então o texto de uma lenda que circulou naquela época e que - por ser verdadeira - põe em evidência a já citada dureza de caráter de Tibério. Quando Trasilo foi chamado por César para que lhe anunciasse o seu futuro, aquele, empalidecendo, avisou-o corajosamente de que o ameaçava um grande perigo. Tibério, confortado com a sua lealdade, beijou-o, promovendo-o a primeiro dos seus astrólogos.) Pilatos não pôde conter a sua curiosidade e lançou:

- E quais são esses fatos que - em tua opinião – agitarão todo o Império?

- Lemos nos astros e estes auguram um gravíssimo acontecimento, que afetará, principalmente, o imperador...

Naquele momento, eu gozava da imensa vantagem de conhecer a história. Estávamos no ano 30 e procurei concentrar as minhas predições no futuro imediato.

- Continua! Continua! - incitou-me Pôncio, empurrando-me simbolicamente com as mãos curtas e gordas, em cujos dedos rosados se destacava o selo de ônix da sua procuradoria.

- Sejano...

Ao ouvir aquele nome, por mim pronunciado com uma bem estudada teatralidade, o procurador empalideceu. Naquele tempo - e especialmente desde que o César se retirara para Cace (ano 26) - Aélio Sejano, comandante-chefe das forças pretorianas de Roma e homem de confiança de Tibério era o autêntico imperador. A mal dissimulada ambição deste general e a sua influência sobre Tibério tinham-no convertido num segundo horror para os cidadãos do Império. O seu poder era tal que a sua imagem chegou a figurar, junto à de César, nos locais de honra da cidade, nas insígnias das legiões e até nas moedas

(1). As suas verdadeiras intenções - substituir Tibério - levaram-no a todo o tipo de desmandos, intrigas e assassínios. Tentou mesmo, casar-se com uma das netas deTibério (possivelmente com Júlia Lívila, filha de Germânico), mas César contrariou-o truncando assim as esperanças de Sejano de apagar a origem obscura e humilde do seu berço. Homem frio e calculista, o lugar-tenente de Tibério foi eliminando os
possíveis sucessores do Imperador, dando início a uma brutal ofensiva contra Agripina (neta de Augusto) e seus filhos (Nero I Druso III, Caio - mais conhecido por Calígula - Agripina II, Drusila e Júlia Lívila). Os ataques de Sejano começaram por dois prestigiados representantes do partido de Agripina: Stlio e Sabino. O suicídio do primeiro, grande militar, no ano 24, para não ser executado e o processo e posterior assassínio do segundo (ano 28) mergulharam Roma e as suas províncias na angústia. Tácito confirma estes fatos: Nunca, disse a consternação e o medo reinaram como então em Roma. Pôncio Pilatos e o centurião que nos acompanhava sabia muito bem quem era Sejano e qual o seu poder. A história, e muito especialmente a Igreja Católica, deveriam ter explicado ao mundo - ou, pelo menos, aos que se dizem crentes - a funesta influência que exercia sobre todo o Império (principalmente naqueles anos cruciais) o primeiro-ministro de Tibério.

Só assim - conhecendo o férreo e despótico governo de Sejano e a não menos cruel atitude do César - se pode começar a ter a intuição do motivo pelo qual Pilatos ia lavar as suas mãos no processo contra o Mestre da Galiléia. Todos os governadores romanos de províncias - e não apenas Pilatos - sabiam que os seus cargos e vidas estavam suspensos por um fio. O menor escândalo, murmúrio ou denúncia os levava irremediavelmente à destituição, desterro ou execução. Como veremos na altura própria o procurador romano em Israel - ante a ameaça de os Judeus o acusarem perante César de ter permitido que um de entre eles se proclamasse rei - preferiu submeter-se, evitando assim um choque com o implacável Sejano ou com Tibério, qual deles mais intransigente... Considero, portanto, que dadas as circunstâncias sociais, políticas e de governo do império naquele ano 30, o ato de Pilatos não foi de covardia, mas sim de prevenção diplomática. Entre ambos os termos, creio, existe uma clara diferença, que - embora não justifique a determinação do representante de César (ou de Sejano, neste caso) - ajuda a compreender melhor a sua atitude.

(1) Cavalo de Tróia verificou este extremo, encontrando, efetivamente, a imagem de Sejano em moedas que apareceram na cidade espanhola de Bilbilis (atual Catalayud, na província de Saragoça). Segundo Suetónio, algumas legiões estacionadas na Síria não aceitaram esta glorificação de Sejano. Quando o homem-forte caiu, Tibério recompensou-as, apesar de ter sido ele próprio quem ordenara esta glorificação do seu lugar-tenente. (N. do M.)

- Que tem a ver esse - perguntou Pilatos em tom depreciativo com os teus augúrios? Cavalo de Tróia sopesara minuciosamente aquela minha entrevista com o procurador romano. E, embora estivesse previsto que eu tentasse ganhar a sua confiança e amizade - visando, principalmente, obter maior facilidade de movimentos no interior da Torre Antonia, na manhã de Sexta-Feira – os homens do general Curtiss tinham considerado não ser recomendável avisar Pôncio Pilatos da trágica queda de Sejano no ano 31. Se o procurador chegasse a crer plenamente nesta profecia (que se cumpriria, efetivamente, a 18 de Outubro desse ano) o seu medo de Sejano podia desaparecer em parte, podendo alterar assim a sua decisão de executar Jesus. Isto, logicamente, ia contra a mais elementar ética do projeto. Éramos simples observadores e qualquer manobra que pudesse provocar uma alteração da história estava-nos rigorosamente proibida.

Assim, limitei-me a expor-lhe uma parte da verdade.

- Os astros mostraram-se propícios - disse-lhe, adotando um ar solene - a Sejano. O seu poder será aumentado com a nomeação de cônsul...

Pilatos, tal como eu supunha, concedeu crédito aos meus augúrios. Ao escutar o vaticínio abandonou a mesa, voltando-se para a grande janela que fechava aquele arco do salão. Assim permaneceu durante uns minutos com as mãos atrás das costas e a cabeça ligeiramente inclinada para a frente.

- Cônsul... - murmurou de repente. E, sem se voltar, pediu-me que continuasse.

- Mas não é isto o mais grave - acrescentei, fixando o olhar no do centurião. - Os astros assinalam uma grave conspiração contra o Imperador... Não pude continuar. Pilatos voltou-se, fulminando-me com o olhar. - Tibério sabe?

- O meu mestre, Trasilo, encarregou-se de lhe anunciar pouco antes da minha partida de Cace.

- Bom - replicou o procurador -, as cortes da Síria estão inquietas por culpa de Sejano... Mas não é preciso ser astrólogo para esperar que mais dia menos dia...

- É que os astros - interrompi-o, utilizando todas as minhas capacidades de persuasão - indicaram um nome... Pilatos nada disse. Arrepanhou a sua ampla túnica e sentou-se muito lentamente, sem deixar de me observar. Eu olhei para o centurião, simulando uma certa desconfiança por aquele oficial, mas Pilatos - compreendendo a minha atitude - apressou-se a tranqüilizar-me:

- Não temas. Civilis é o meu primipilus. Toda a legião está sob o seu comando. Fala com inteira liberdade... Aqui – respondeu Pilatos, indicando o salão onde nos encontrávamos - não há buracos artificiosamente preparados, como aconteceu com o ingênuo Sabino...3

* Tibério. efetivamente, anunciou a nomeação de Sejano como cônsul naquele mesmo ano de 30. Mas, segundo parece, as notícias precisavam de mais de três meses para ir de Roma à Palestina. A nomeação fora prevista para o ano seguinte, 31, ainda que o homem duro do César morresse antes de assumir o cargo. Naquele momento, Pilatos ignorava tudo isto. Daí a sua surpresa. (N. do M.)
(2) Aquele centurião, segundo a definição utilizada por Pilatos. era o primeiro dos sessenta que uma legião tinha. Nesta perfeita hierarquização do exército romano, os chamados primorum ordinum centuriones ou, abreviadamente, primi ordines, eram os centuriões de mais alta categoria de uma legião. O primipilus, ou eleito em primeiro lugar entre as sessenta centúrias, participava, até nos conselhos de guerra. (N. do M.)
3 O procurador estava a par das armadilhas utilizadas pelos colaboradores do temido Sejano para acusar Tito Sabino, homem leal a Agripina e executado, como Já disse, no ano 28. Quatro pretores que aspiravam ao consulado planejaram com o fim de ganhar as graças de Sejano apanhar Sabino em fragrante. Tratava-se de Latino Laciano, Fórcio Cato, Petélio Rufo e Opsio. O primeiro fingiu-se amigo e confidente do infeliz Sabino e com as suas críticas contra Sejano e Tibério, atiçou a profunda aversão que o amigo de Germânico (marido de Agripina) sentia pelo César e pelo seu ministro. No dia combinado, Laciano levou a vítima a sua casa, provocando a loquacidade desta contra o César e o seu favorito. Sabino ignorava que os outros três cúmplices o escutavam de um sótão e por buracos que tinham feito no soalho. Pouco depois, as violentas opiniões de Sabino eram do conhecimento de Tibério e de Sejano, que ordenaram a sua execução. (N. do M.)

Fingi uma completa confiança nas frases do meu interlocutor e prossegui.

- Sejano...

- Esse bastardo? - interrompeu o procurador, soltando uma sonora gargalhada (1).

E, numa daquelas bruscas mudanças de disposição, Pilatos bateu na mesa com o punho, fazendo saltar alguns pergaminhos e papiros, perfeitamente enrolados e empilhados numa bandeja de madeira. Alguns daqueles documentos ou mapas de pele de cabra, vitela ou borrego - a que os Romanos chamavam membrana - rolaram pelo tabuleiro, caindo aos pés do oficial. Este apressou-se a apanhá-los, enquanto o procurador, nervoso e evidentemente confuso, se agarrava ao seu amuleto fálico de marfim.

- Tens certeza? - balbuciou Pilatos.

Mas, antes que tivesse oportunidade para lhe responder, olhou para o centurião, interrogando-o por sua vez:

- Que sabes tu?

O oficial negou com a cabeça sem sequer abrir os lábios.

- Uma conspiração contra Tibério...

Pilatos falava consigo mesmo. Levou os dedos à cara, afagando o queixo numa atitude pensativa e, por fim, levantando os olhos para o teto, perguntou-me, como se acabasse de me apanhar num erro:

- Vamos a ver se entendi... A astrologia diz que os deuses estão do lado de Sejano... Mas também acabas de anunciar que se prepara uma conspiração contra César... Se fosse assim, e uma vez que dizes que Tibério está informado, como é possível que o chefe dos pretorianos goze a confiança do Imperador? Responde:

Pilatos voltara a olhar-me de frente. E com uma ferocidade que fez tremer José de Arimatéia. Mas aguentei o olhar. Tal como prevíramos, o procurador romano mordera o anzol.

Com toda a calma de que era capaz, fui diretamente em busca do que realmente ali me levara.

- Existe um plano...

Reconheço que aquela exclamação. e a atitude do procurador a respeito de Sejano nos confundiu. Tanto Eliseu como eu sabíamos que Pôncio Pilatos fora designado, possivelmente, pelo general e favorito de Tibério, com a intenção premeditada de provocar o povo judaico. Sejano fora um dos homens que mais se tinham distinguido pelo seu ódio contra os hebreus que viviam em Roma. Pouco tempo antes da morte de Cristo, o imperador ordenou a expulsão de quatro mil judeus, que foram levados para a ilha de Sardenha, com a missão de eliminar as quadrilhas de bandidos que por ali tinham os seus quartéis-generais. Este desterro em massa fora originado, em boa parte, por conselho de Sejano, tendo por motivo um desvio de fundos cometido por quatro hebreus, encarregados por Fúlvia, mulher do senador Saturnino, recém-convertida ao judaísmo, da transferência de oferendas valiosas para o templo de Jerusalém. Porém, estes judeus ficaram com as oferendas e o comandante da guarda pretoriano, Sejano, aproveitou este acontecimento para informar Tibério. Este enfureceu-se e, ordenou que todos os judeus e prosélitos fossem expulsos de Roma. Esta foi, precisamente, a primeira perseguição aos Judeus no Ocidente. (N. do M.)

Pilatos serenou. Tenho agora a certeza de que a minha imperturbável serenidade o desarmou!

- Fala!...

- Mas antes - respondi -, gostaria de solicitar de ti um pequeno favor...

- Concedido! Mas fala. Fala!

- Sabes que, além dos meus estudos como astrólogo, me dedico ao comércio de madeiras. Pois bem, um rico cidadão romano de Tessalônica soube do maravilhoso sistema de aquecimento subterrâneo

que Augusto mandou construir por baixo do chão do seu triclinium casa de jantar imperial. Roma inteira está informada do teu requintado gosto e de que mandaste colocar por baixo do teu triclinium outro sistema idêntico. Recebi a tarefa expressamente de um amigo meu da Grécia, que tem muito empenho em consultar-te - se considerares prudente - e obter alguns pormenores técnicos sobre a tua instalação. Sou portador de uma carta, em que te roga que me permitas fazer algumas consultas a esse respeito...

E imediatamente tirei da minha bolsa de borracha o pequeno rolo de pergaminho, meticulosamente lacrado e confeccionado pelos homens do Cavalo de Tróia. Entreguei-o a Pilatos que, para dizer a verdade, não saía do seu assombro.

Depois de ler a mensagem do meu inexistente amigo, deixou-a cair em cima da mesa, visivelmente satisfeito com tanta adulação.

- Não sabia que em Roma conheceram...

Com um sorriso, concordei.

- Bem, concedido. Amanhã mesmo poderás fazer todas as perguntas que julgues conveniente...

- Amanhã, estimado procurador - interrompi-o - não poderei vir à Fortaleza Antonia. Mas se na sexta-feira...

- Não se fala mais nisso: sexta-feira.

- Não desejo abusar da tua consideração - forcei -, porém, sabes quanto é difícil o acesso à tua residência. Poderias proporcionar-me uma ordem ou um salvo-conduto, que facilitasse o meu trabalho?

Pilatos começava a perder a paciência. E, com um gesto de enfado, pediu ao centurião que lhe trouxesse um dos rolos que se alinhavam numa ampla estante fixa à parede, nas costas do oficial, e que devia conter uma larga centelha de rolos. O procurador alisou o papiro e, pegando numa pena de ave, rabiscou uma série de frases em latim, com letra quase quadrada.

- Aqui tens - comentou um tanto irritado, enquanto me entregava a ordem. - Na sexta-feira, quando apresentares esta autorização, deverás perguntar por Civilis... E agora, por todos os deuses, fala de uma vez!

Cavalo de Tróia tinha fabricado aquele pergaminho seguindo as antigas técnicas dos especialistas de Pérgamo, no Noroeste da Ásia Menor. Utilizou-se uma certa quantidade de pele de cordeiro. Depois de eliminado o pêlo, foi raspada e macerada em água de cal para eliminar a gordura. Depois de seca, e sem ser curtida, foi esfregada com pó de gesso, e polida com pedra-pomes. A escrita, em latim, foi realizada seguindo a técnica chamada capital— rústica, em letras esbeltas e elegantes. (N. do M.)

- Bravo! A exclamação do meu companheiro Eliseu, do módulo, deu-me alma nova.

- O que vou contar-te - continuei, baixando a voz – é extremamente secreto. Só o imperador e alguns dos seus íntimos em Cace, entre os quais se encontra o meu mestre, Trasilo, o sabem. Espero que a tua proverbial prudência saiba guardar e usar devidamente o que vou revelar-te. Tibério, como te disse, não é alheio a esta conspiração. Ele sabe, como tu, das intrigas de Sejano e da sua responsabilidade nas mortes e desterro de Agripina e dos seus filhos. Mas deu ordens secretas para que Antonia e o seu neto Calígula viajem até Cace e se ponham sob a sua proteção...

Pôncio Pilatos permaneceu boquiaberto, como se estivesse vendo um fantasma. Por fim, quase murmurando, conseguiu dizer:

- Calígula... Claro, o bisneto de Tibério... O Botinhaz!... Então, se os planos de César se cumprirem - comentou, dirigindo-se ao seu chefe de centuriões -, Já podemos imaginar quem será o sucessor... Depois, como se tudo aquilo fosse extremamente confuso para a sua mente, voltou a interrogar-me:

- Mas, que dizem os astros sobre a vida de Tibério? Durará muito? A minha resposta - tal como pretendia - esfriou o incipiente entusiasmo do procurador, que parecia sonhar com o desaparecimento do rígido e cruel Tibério. - O suficiente para que ainda corra muito sangue... (Eu sabia, obviamente, que a morte do César não se daria antes do ano 37.)

A súbita entrada no salão oval de um dos servos do procurador - anunciando que o almoço estava servido – veio interromper aquela conversa. Eu, sinceramente, respirei aliviado.

Mas Pilatos, entusiasmado e grato pelas minhas revelações, rogou-nos que o acompanhássemos. José e eu olhamo-nos, e José de Arimatéia - não abrira a boca em toda a entrevista - acedeu com gosto. (Eu não podia suspeitar que, nessa mesma tarde, teria oportunidade de presenciar um fato que seria extremamente elucidativo para compreender melhor o obscuro acontecimento da fuga dos guardas do túmulo onde ia ser sepultado Jesus de Nazaré.)

Para compreender melhor estas lutas intestinas, que fustigaram. principalmente, aqueles últimos anos do império de Tibério, quero recordar os principais componentes da chamada família dos Cláudios:
Primeira geração: Tibério Cláudio Nero, casado com Lívia, da qual teve Tibério (imperador) e Druso I, suspeito de ser filho de Lívia e do imperador Augusto. Segunda geração: filhos de Tibério Cláudio Nero e de Lívia (enteados de Augusto): Tibério (imperador), que se casou com Vipsania, da qual teve Druso I. Casar-se-ia depois com Júlia I, que lhe deu um filho morto. Druso I: casou-se com Antonia II, da qual teve Germânico, Cláudio (que foi imperador) e Lívila.
Terceira geração (filhos de Tibério e de Vipsania); Druso II: casou-se com Lívila, da qual teve Júlia III, Germânico Gêmeo e Tibério Gêmeo.
Terceira geração (II) (filhos de Druso I e de Antonia II, portanto, sobrinhos de Tibério e sobrinhos-neto de Augusto): Germânico, Cláudio

(imperador) e Lívila. Quarta geração (filhos de Druso II e de Lívila, portanto, netos de Tibério e sobrinho-bisnetos de Augusto): Júlia III, Germânico Gêmeo e Tibério Gêmeo. Quarta geração (II) (filhos de Germânico e de Agripina I, portanto, sobrinho-netos de Tibério e bisnetos de Augusto): Nero I, Druso III, Caio (mais conhecido por Calígula), Agripina II, Drusila e Júlia Lívila. (Antonia II, conseqüentemente, era mãe de Germânico e avó de Calígula.) (N. do M.)
2 Assim chamavam familiarmente Calígula os soldados com que se tinha criado na Germânia, pelo calçado que usava, de tipo militar. (N. do M.)

Um pouco mais descontraídos, encaminhamo-nos os quatro para a extremidade oposta daquela sala onde tivéramos a entrevista. O procurador, adiantando-se ligeiramente, foi-nos conduzindo para um recolhido triclinium, separado do despacho oficial por cortinas de musselina semitransparente. A rapidez com que tínhamos sido introduzidos naquele salão oval e a circunstância de ter permanecido todo aquele tempo no setor norte, de costas para o restante, tinham-me impedido de o observar com atenção. A minha missão na manhã de sexta-feira próxima obrigava-me a conhecer o mais exatamente possível a sua distribuição. Aproveitei assim aqueles momentos para - simulando especial interesse por um busto alojado num amplo nicho aberto no centro da parede, que abrigava também a biblioteca de Pilatos - fotografar mentalmente quantos pormenores pude.

Pilatos parou ao ver que tinha ficado para trás . Inclinei-me ligeiramente para aquele pequeno busto de bronze, reconhecendo com surpresa que se tratava de uma efígie idêntica (talvez fosse a mesma) à que eu tinha contemplado durante o meu treino no Gabinete de Medalhas da Biblioteca de Paris. Neste busto do imperador Tibério distinguia-se na boca a característica expressão de amargura do César.

- Belo! - exclamei.

O romano, com um irônico sorriso perguntou:

- Quem? O César ou o busto?

- A escultura, naturalmente. Em minha opinião - acrescentei, apontando a forma da boca -, é um dos poucos que lhe fazem certa justiça...

- Agrada-me a tua sinceridade, Jasão - respondeu o procurador, aproximando-se de mim e dando uma palmadinha nas costas. - Sabes. Gostaria de adivinhar o que dirá a história deste tirano...

- Isso - respondi-lhe -, precisamente isso: Aqui jaz um déspota cruel e um tirano sanguinário...

Pôncio Pilatos não podia suspeitar sequer que eu lhe anunciava o epitáfio que os seus biógrafos escreveriam no seu túmulo no ano 37. Embora também seja verdade - e nisto partilho a opinião do grande historiador Wiedermeister - que,
se Tibério tivesse nascido no ano 6 antes de Cristo, a história ter-lhe-ia dedicado uma frase muito diferente: Aqui jaz um grande estrategista.

- Eu, em contrapartida, mandaria cinzelar a sua frase favorita: Depois de mim, que o fogo faça desaparecer a Terra!

Pilatos tinha razão. Tal como afirmam Séneca e Dione, era aquela a frase mais repetida por Tibério. À direita e à esquerda do busto do César, cravadas em pés de madeira, tinham sido colocadas a insígnia da legião e o signo zodiacal de Tibério, respectivamente. A primeira: uma guia metálica (provavelmente de bronze dourado), com as asas abertas e um feixe de raios entre as garras. O segundo, um escorpião, igualmente metálico e com um intenso brilho dourado. Estas sagradas insígnias romanas estavam montadas em hastes de mais de dois metros de comprimento e munidas de ponteiras metálicas, para que pudessem ser cravadas na terra, ou como neste caso, numa base quadrangular, de madeira avermelhada.

Continuando naquela parede, o salão apresentava uma porta muito mais sóbria e pequena do que a de acesso ao vestíbulo. Por ali entrara o servo e por ali - pensei - se poderia chegar aos aposentos íntimos do procurador. O resto do salão encontrava-se praticamente vazio. No total, contando com a reduzida sala de jantar, que encerrava aquela quadra elipsoidal, o local devia medir cerca de dezoito metros de diâmetro superior e mais nove de diâmetro inferior, ou largura máxima. O teto, de uns treze metros, totalmente abobadado, pareceu-me mais uma prova do vaidoso e consciencioso trabalho levado a cabo por Herodes na fortaleza.

Mas a minha surpresa foi ainda maior quando, ao afastar as cortinas que dividiam o tricclinium do despacho, uma cascata de luz nos inundou a todos. Em vez de uma grande janela, gêmea da existente no outro extremo do salão, os arquitetos tinham aberto no teto uma clarabóia retangular com mais de três metros de lado, fechada com uma única chapa de vidro. O sol, no zênite, entrava em vagas, proporcionando à acolhedora sala uma luz e um suave calor que agradeci profundamente. No centro estava posta uma mesa circular - de apenas quarenta centímetros de altura -, coberta com uma toalha de linho branco, e presidida por um centro de fragrantes flores de laranjeira, cidreira e limoeiro. Em redor da mesa, e espalhados pelo soalho, amontoava-se um bom número de almofadões, cheios de penas, que serviam habitualmente para assento ou reclinável. A abside que formava a parede do triclinium - também revestido a madeira de cedro – apresentava meia-dúzia de candeias ou lâmpadas de azeite (então apagadas).

E na zona que não era mais que o prolongamento da parede onde eu contemplara o busto de César, descobri uma estreita porta, magistralmente dissimulada entre os veios dos painéis de cedro. Por ali, precisamente, foram aparecendo quatro ou cinco escravos, todos eles vestidos com curtas túnicas cor de marfim. Segundo parecia, eram da Síria, exceto um gaulês, de comprida cabeleira loura. Durante a refeição,

Pilatos confessaria que aquele belo mancebo era uma jóia. Depois de muito regatear tinha conseguido comprá-lo no mercado de escravos de Jerusalém, pela nada subestimável quantia de mil sestécios (uns duzentos e cinqüenta denários de prata). Cada um daqueles servos era portador de um vaso ou lava-pés de cobre, tendo dentro um pequeno apoio de madeira que servia para assentar a planta do pé, tornando assim mais cômoda a lavagem. Depois do ritual obrigatório, Pilatos sugeriu-me que não calçasse as sandálias. Ele e o centurião tinham feito o mesmo. De início, não compreendi, mas Pilatos, sorrindo e apontando o sobrado do pavimento, esclareceu o motivo daquela sugestão:

- Terás, assim, oportunidade de experimentar por ti mesmo as excelências do meu sistema subterrâneo de aquecimento, que tanto te preocupa... Ao pisar a madeira de cipreste comecei a sentir, efetivamente, um calor muito sutil e reconfortante.

Sinceramente, fiquei maravilhado. A canalização de água quente que passava por baixo do pavimento transmitia ao soalho a energia calorífica suficiente para aquecer a sala, sem necessidade de chaminés ou de incômodas estufas. Naturalmente, e conhecendo um pouco a especial psicologia do meu anfitrião, não hesitei em fazer grandes elogios àquele revolucionário e engenhoso invento, prometendo falar dele a quantos dignitários e cortesãos tivesse oportunidade de conhecer. E, enquanto os escravos iam colocando sobre a mesa os diferentes pratos, aproveitei aqueles primeiros instantes do almoço para - tal como tinham por costume os cidadãos romanos - oferecer a Pilatos e a Civilis as pequenas esmeraldas obtidas por Cavalo de Tróia das minas de Muzol. O Projeto, como já expus na devida altura, planejara simplificar o meu acesso ao procurador romano, mediante esta oferta. Em princípio, a Missão fizera-me a entrega das duas únicas pedras de fulgor verde - como as definiu Plínio -, que deveriam ser oferecidas a Pilatos. Mas, suspeitando que a minha liberdade de movimentos na jornada de sexta-feira pela Torre Antonia se veria muito condicionada pela vontade do chefe dos centuriões, decidi ganhar, à margem do plano, também o seu apreço. E nada melhor do que fazer-lhe entrega de uma daquelas belíssimas esmeraldas, as pedras mais apreciadas pelo mundo romano depois dos diamantes e das pérolas.

Foi a primeira - e a única - vez que vi desenhar-se um fugaz sorriso no rosto quase pétreo de Civilis. Pilatos, em contrapartida, mostrou-se generoso nos agradecimentos, jurando-me pelos seus antepassados que não esqueceria o meu rosto nem o meu nome. (Na realidade, bastava-me que aquele espírito volúvel me recordasse, pelo menos, até sexta-feira...) E embora o procurador tentasse imitar César em muitas das suas formas e atuações - especialmente naquelas que tinham uma ressonância pública -, no momento de comer, diferenciava-se muito da extrema sobriedade de Tibério.

1 Devo registrar que os homens do Cavalo de Tróia procuraram por todos os meios conseguir as esmeraldas nas jazidas dos Urales, em território soviético. Estas minas foram já citadas pelo historiador Plínio, o velho (que viveu de 23 a 79 da nossa Era) na sua obra Tratado sobre as Pedras Preciosas. Isso teria proporcionado à ação um caráter mais puro e objetivo. Porém, os obstáculos levantados pelos Russos foram tais que o general Curtiss decidiu alterar a origem das esmeraldas, recorrendo então às não menos famosas minas colombianas de Muzo, cerca de cento e cinqüenta quilômetros a norte da cidade de Santa Fé de Bogot . A cor destas esmeraldas é mais sedosa, oleosa e aveludada que as russas, com uma birrefringência (0,0006) e uma densidade (2,71) menores que as dos Urales. Cavalo de Tróia adquiriu, portanto, duas peças em forma de prisma hexagonal, de vinte e sete gramas de peso cada e de uma belíssima cor verde. O Projeto considerou que, embora as pedras procedessem de um continente ainda não descoberto no ano 30, as pessoas a que iam ser dirigidas não dispunham dos meios técnicos precisos para o averiguar. (N. Do M.)
2 Suspeitando em alto grau de superstição do povo romano, o Cavalo de Tróia quis oferecer precisamente as esmeraldas, já que esta gema gozava na Antiguidade de um carisma especial. Atribuíam-lhe propriedades curativas contra as febres perniciosas e as picadas de animais venenosos, tão comuns nos bosques e desertos da Palestina naqueles tempos. (N. do M.)

A refeição leve que os escravos tinham começado a servir era constituída, entre outras ninharias, por ouriços do mar e ostras trazidas expressamente dos viveiros artificiais do lago Lucrina; galinhas engorduradas sobre empadas de ostras e outros mariscos, como aqueles a que Pilatos chamava bolotas do mar (negras e brancas). E tudo isto como entrada. O quarto, quinto e sexto pratos foram ainda mais sofisticados, lombinho de corço, pássaros fritos em farinha e qualquer coisa que nunca eu tinha visto, teta e empadas de teta de porca. E, como final, moréia, proveniente do estreito de Gades (Cádis) e tâmaras mergulhadas numa negra e doce calda siciliana. Aquele banquete foi permanentemente regado com o vinho que José trouxera, bem como por outros não menos apreciáveis, de Lesbos e Chios.

Dada a época do ano e a longa viagem que tinham suportado as ostras e os restantes mariscos, procurei não os comer, desculpando-me perante Pilatos com uma imaginada e aguda enfermidade gástrica. Como contrapartida, vi-me na penosa obrigação de saborear aquelas tetas de porca...

Entre gargalhadas e gracejos, Pilatos perguntou-me se tivera oportunidade para saborear manjares como aqueles na mesa de Tibério, em Cace. Naturalmente - e com grande regozijo da sua parte - comentei que a frugalidade de César estava matando de fome os seus amigos e astrólogos. Numa oportuna e rápida intervenção do módulo, Eliseu

completou a informação, recordando-me alguns dos pratos favoritos de Tibério e que o Papai Noel tinha extraído da História Natural, de Plínio, o Velho (XIX, 23 e 28). Quase exclusivamente vegetais e, em especial, uns espargos e pepinos que o seu hortelão cultivava em caixotes com rodas, para as pôr ao sol ou à sombra, conforme o tempo. Também comia rábanos, que mandava vir da Germânia. Estes vegetais foram motivo de freqüentes disputas com seu filho Druso II, porque este se negava a comê-los. O imperador era igualmente um fanático da fruta. As pêras eram as suas favoritas. Tibério vangloriava-se de ter na sua vila do Tibre a árvore mais alta do Mundo. A sua sobriedade chegava ao extremo de beber - Já na sua velhice - um vinho ácido de Sorrento, parecido com o chacoli basco.) Depois de lhe ter exposto estes pormenores da dieta diária do César, Pôncio Pilatos - que não estava muito bem informado quanto a este ponto - exclamou, depois de largar um longo e cavernoso arroto:

- Por Júpiter!... Tibério bebe vinagre. Compreendo agora porque não precisa de médicos. Eu tinha ouvido falar do seu sentido de humor, mas não imaginava que, além disso, gostasse de sofrer...

E servindo-se de uma daquelas gordurentas empadas de teta de porca, começou a rir às gargalhadas, ao mesmo tempo que fazia um sinal ao escravo gaulês para que lhe trouxesse um gomil. O mancebo esperou que o seu amo lavasse as mãos e, como se se tratasse de um costume natural, inclinou-se para o procurador, oferecendo-lhe a sua comprida e sedosa cabeleira. Pilatos, sem sequer o olhar, foi-se enxugando com o cabelo do escravo.

José e eu trocamos um olhar de repugnância. Mas Pilatos centrara o tema da conversa no conhecido sentido de humor do seu imperador e pediu-me que lhe contasse alguns dos últimos gracejos e anedotas protagonizadas por Tibério.

Aquilo apanhou-me tão de imprevisto que por pouco não me custava um sério percalço com o procurador. E, embora sabendo que o que ia contar-lhe mais se devia à lenda e invenção popular que ao rigor histórico, recorri a uma anedota que circulou por Cace naqueles anos de desterro voluntário do César.

- Conta-se - comecei, esperando que Eliseu me oferecesse nova documentação - que, ainda não há muito tempo, o imperador muito se assustou com um pescador da ilha, quando este se aproximou dele para lhe oferecer um peixe. Tibério, com a crueldade que o caracteriza, mandou que lhe esfregassem o peixe na cara. E, entre os ais de dor, o pescador – que devia ter um humor tão especial como o do César - felicitou-se por não lhe ter oferecido uma lagosta... Ao ouvir isto, o imperador - cumprindo o humorístico comentário do seu súdito - pediu que lhe trouxessem uma lagosta com uma carapaça eriçada de espinhos e esfregou-lhe na cara. – Pilatos assentiu com a cabeça, exclamando:

-Tibério é assim!...

Por aquela altura, Papai Noel memorizara Já outros casos; alguns, reflexos fiéis do profundo desprezo que Tibério sentia pelos seus semelhantes. E, embora correndo o risco de que Pilatos os conhecesse, comecei a relatá-los:

- Também se conta, admirado procurador, que, em certa altura, o imperador recebeu uns embaixadores de Tróia que tinham vindo exprimir-lhe os pêsames pela morte do filho de César. Como estes troianos chegassem com bastante atraso, Tibério respondeu-lhes: Eu, pela minha vez, vos dou os pêsames pela morte do vosso gloriosíssimo cidadão Heitor...

Pilatos bebeu a sua milésima taça de vinho, recostando-se mais ainda nos fofos almofadões de penas, fazendo-me um sinal para que continuasse.

- Em Roma corre também outra história. Certa vez, Tibério deu um banquete, e os convidados, ao entrarem no triclinium observaram que em cima da mesa só havia meio javali. César, então, observou-lhes que meio javali tinha o mesmo sabor de um javali inteiro.

Tal como começava a pensar, os vapores do vinho e a comezaina não tardaram a fazer efeito. E subitamente Pilatos, que tentava agüentar a cabeça na palma da mão direita, começou a cabecear. Em tom mais baixo, contei o que seria a última história:

- Houve vezes em que aquele humorismo disfarçava uma terrível crueldade. Foi este o caso de um acontecimento ocorrido pouco depois de ser nomeado imperador. Como sabeis - prossegui, sem perder de vista os cabeceios do governador -, quando Augusto morreu deixou no testamento um importante legado econômico que Tibério foi distribuindo pouco a pouco. Pois bem, certo dia calhou passar um enterro em frente do Capitólio. E um dos presentes aproximou-se do cadáver, fingindo falar-lhe ao ouvido. Tibério estranhou, e perguntou-lhe porque fizera aquilo. O brincalhão disse-lhe que pedira ao morto que transmitisse a Augusto que ele ainda não recebera. Tibério ficou vermelho de fúria e deu ordem para que o matassem, para que fosse ele próprio a levar o recado ao falecido imperador Augusto (1).

Ao concluir a minha narrativa, Já Pôncio Pilatos jazia – de barriga para cima - mergulhado num profundo sono. E silenciosamente, a conselho do centurião, abandonamos a sala de jantar, enquanto um dos servos - cumprindo, segundo parecia, outra obrigação rotineira - iniciava uma mais que penosa tarefa: esgravatar com uma pena nas faces do seu senhor, a fim de lhe provocar o vômito... e, assim, poder desfrutar as delícias da refeição seguinte.

Já no vestíbulo, e quando nos dispúnhamos a despedir-nos de Civilis, um outro centurião nos saiu ao caminho. Em latim, e quase ao ouvido, comunicou-lhe qualquer coisa. O chefe dos centuriões não respondeu às palavras do seu companheiro. Hesitou um instante e, por fim, voltando-se para nós, procurou desculpar-se, informando-nos de que o tribuno da legião - destacado também com ele e os seus homens

desde Cesareia – o aguardava para proceder à execução de uma sentença. Aquilo era igualmente novo para mim, e senti uma grande curiosidade.

Mas, sem que chegasse sequer a abrir a boca, Civilis – que parecendo os pensamentos de quantos o rodeavam - deve ter captado os meus desejos e, dirigindo-se a José, disse-lhe, com ar de ironia e desprezo pela sua condição de judeu:

- Se assim o desejardes, podereis agora presenciar mais uma prova da justiça do povo romano...

Nem o ancião nem eu tínhamos idéia do que fosse. Mas a voz do centurião soara quase como uma ordem e apressamo-nos a segui-lo. Na companhia do outro oficial, desceu a escadaria de mármore, dirigindo-se para a direita do pátio com arcada. Este encontrava-se deserto, com exceção daquele legionário que continuava a carregar um pesado saco em cima do pescoço e dos ombros e da sentinela que continuava a seu lado. Onde estava o resto da tropa?

Não tardei a esclarecer as minhas dúvidas. Ao passar por uma das portas da ala norte do pátio encontramo-nos de repente num terreiro de pouco mais de trezentos pés de comprimento por cento e cinqüenta de largura. Aquele lugar, totalmente coberto de areia branca muito fina, encontrava-se dentro do recinto da fortaleza, ocupando boa parte do seu lado norte. O recinto estava perfeitamente cercado pelo muro exterior da Torre Antonia e pelo conjunto de edifícios da sede romana, nas suas alas restantes. No extremo mais oriental estavam alinhadas umas dez tendas de campanha, ocupando a totalidade daquele lado do retângulo a que nos conduzira o oficial, e que - de acordo com o que me foi explicado - não era mais que um campo de exercícios. As tendas, confeccionadas com pele de cabra e tingidas num amarelo terroso, apresentavam um teto com duas vertentes (1). Por baixo destas tendas notava-se uma série de ripas que formavam a armação de cada uma delas.

Segundo Civilis, a afluência daqueles milhares de hebreus à festa anual da Páscoa obrigava-os a reforçar a guarnição de Antonia. Aquelas tendas de campanha satisfaziam perfeitamente as necessidades dos legionários que com ele vinham desde Cesareia. Em frente dos papilio (nome dado a estas tendas pela semelhança das cortinas da porta de entrada com as asas das borboletas), o exército romano tinha espetado meia-dúzia de postes de pouco mais de metro e meio de altura. Todos eles cheios de mossas, conseqüência das cutiladas que choviam nestes troncos durante os exercícios. Algumas das espadas e lanças, com um peso que era o dobro do dos pilum e gladius normais, encontravam-se cravados na areia. Os escudos e capacetes nelas apoiados descansavam. Várias centenas de legionários - todos eles de folga, a julgar pela indumentária - tinham-se juntado no terreiro, formando grupos e trocando impressões em voz baixa. Ao verem Civilis, os soldados apressaram-se a abrir-lhe passagem, num respeitoso silêncio.

O chefe dos centuriões parou diante dos postes de treino, saudando o tribuno e os centuriões ali reunidos. O primeiro, muito mais novo que Civilis e de que os restantes oficiais, representava um comando intermédio, responsável, mais que do comando tático da legião (que era da alçada do chefe dos centuriões), da chefia do seu regime interno. Naquela época, no entanto, a sua importância decrescera consideravelmente. Uma das suas funções era, precisamente, a de iniciar a execução de uma pena capital. O seu vestuário era praticamente o mesmo dos centuriões, se bem que a sua toga ou capa fosse violácea e, geralmente, não trouxesse armas. Os oficiais reuniram-se num brevíssimo conselho e, logo a seguir, um deles deu ordem para que o réu fosse conduzido à arena. De repente, os legionários começaram em remoinho em volta dos dois soldados que acabavam de entrar no campo de treino. Cada um deles carregava nos braços um bom número de paus de um metro de comprimento. Entre empurrões, protestos e todo o tipo de imprecações, meia centena de romanos armou-se, por fim, com os bastões. E o silêncio caiu novamente sobre aquela massa de valentões.

Pouco depois, e pela mesma porta por onde tínhamos entrado no terreiro, vimos aparecer um homem novo, vestido com a típica túnica dos legionários, escoltado por duas sentinelas. Ao chegar em frente dos centuriões, Civilis saudou-o com o braço levantado. O condenado correspondeu à saudação e, sem mais preâmbulos, o chefe das centúrias ordenou à custódia que o despojasse da roupa.

* No calão popular, o fato de viver ou permanecer num acampamento com estas características - com tendas de pele de cabra - era conhecido entre os soldados romanos como sub pellibus esse, estar debaixo das peles. (N. do M.)

De onde eu estava, atrás dos oficiais, observei como Civilis entregava o seu bastão ao tribuno. Enquanto uma das sentinelas segurava a lança do seu companheiro, este, agarrando o decote da túnica, deu um forte puxão, rasgando-o até à cintura. Imediatamente, o soldado agarrou o pano pela parte de baixo do rasgão, abrindo-a na sua totalidade com outro puxão. Arremessou a túnica para a areia, tratando depois de despojar o infeliz da sua tanga. Uma vez nu a guarda e os centuriões recuaram uns passos deixando o réu a meio do círculo formado pelos quarenta ou cinqüenta legionários que tinham pegado uma daquelas varas. Para minha surpresa, o desgraçado nem sequer se mexeu. O rosto empalidecera e os olhos, muito abertos por um terror crescente, pareciam ausentes.

O tribuno aproximou-se então do sírio, tocando-lhe suavemente com o sarmento que Civilis lhe cedera. E imediatamente, como que empurrados por um ódio selvagem e irracional, os legionários caíram sobre a vítima, ferindo-a entre gritos e insultos. O jovem levou

instintivamente os braços à cabeça, mas a saraivada de golpes era tal que não tardou em vergar os joelhos, com a testa, rosto e orelhas pisados e cobertos de sangue. Uma vez caído, aquelas feras humanas, a suar e ofegantes, só pararam com as pauladas quando o legionário se enrolou, num ovo, enterrando o rosto na areia. Nesse instante, Civilis fez um sinal a um dos centuriões. E aquele colosso - de quase dois metros de altura e com a envergadura de um urso - abriu passagem aos empurrões entre a enlouquecida turba. Ao verem-no, os legionários pararam nas suas arremetidas. E o silêncio, quebrado apenas pelas agitadas respirações dos caceteiros, reinou novamente no local. Aquele centurião - chamado Lucílio e a quem as legiões de Pannonia tinham batizado com o apodo de cedo alteraml, porque mal quebrava uma vara nas costas de um soldado pedia outra e mais outra, dizendo sempre cedo alteram -, cuja imagem já seria difícil de apagar da minha mente, desempenharia um destacado papel na flagelação do Mestre da Galiléia...

Lucílio colocou-se a um metro do réu. Arrebatou o pau a um dos soldados e, levantando-o acima da cabeça, vibrou um golpe seco e preciso na nuca do condenado. Ao receber aquela pancada, a cabeça do legionário vergou e o corpo, sem vida, caiu para um dos lados. O apaleamento - fórmula habitual de execução nas legiões romanas - estava terminado. Muitos soldados devolviam os bastões e retiravam-se lentamente do campo de exercícios e um dos médicos ajoelhou-se diante da vítima, apalpando-lhe o pulso. Mas o golpe de misericórdia do gigantesco Cedo Alteram fora decisivo, encurtando, sem dúvida, os sofrimentos do desertor. Civilis, que não parecia absolutamente nada impressionado com aquele sangrento espetáculo, respondeu à minha pergunta sobre a causa da execução explicando-me que aquele legionário cometera um dos piores delitos em que pode incorrer um soldado, o abandono do seu posto de guarda (1). Depois de um conselho sumaríssimo, os tribunos e oficiais tinham decretado a sua morte. Aquele trágico acontecimento - como já anteriormente referi - fez-me pensar sobre o que tinha lido, em relação ao suposto abandono da guarda pelos legionários que vigiavam o túmulo de Jesus. E um pressentimento começou a flutuar no meu cérebro... Se as sentinelas romanas sabiam o que as esperava, caso desistissem da missão que lhes fora confiada, como conciliar então aqueles comentários de numerosos comentaristas católicos que afirmam que as sentinelas fugiram, aterrorizadas? (Mais uma vez, os fatos registrados naquele amanhecer de domingo não iam coincidir com estas justificações teológicas, tão apressadas quanto falhas
de rigor.) Ao passar novamente pelo pátio com arcadas e ao ver aquele legionário com o pesado fardo às costas, não pude resistir à tentação e interroguei o centurião, que nos acompanhava até ao túnel de saída da Torre Antonia. Civilis esclareceu-me que se tratava da ignomínia ou castigo menor. Por causa de alguma falta - que o oficial não me

pormenorizou - aquele soldado fora castigado a permanecer durante todo um dia com uma carga de terra em cima das costas. (Eliseu confirmaria que aquele tipo de penalização tinha sido inventado pelo anterior imperador Augusto.) A soldadesca voltara às suas tarefas habituais. Alguns, sentados em bancos de pinho, debaixo das arcadas, esforçavam-se na limpeza dos cinturões e espadas ou consertavam as sandálias. Recordo que, ao ver o calçado de um daqueles soldados, chamou-me à atenção a sola. Peguei numa das sandálias e, ante o olhar atônito do seu proprietário contei os pregos que nela estavam cravados.

Catorze! Faziam um S partindo do calcanhar e enchendo praticamente a totalidade da sola. (Como também registrei, aquele mortífero calçado ia originar dolorosas lesões no corpo de Jesus de Nazaré.)

Deviam ser três da tarde quando, depois de recuperar a minha vara de Moisés e saudar Civilis, José e eu atravessamos a ponte levadiça, dando por concluída aquela agitada e instrutiva visita à residência oficial de Pôncio Pilatos.

Ao ver-nos entrar na mansão de José, o saduceu a quem eu pedira que seguisse os passos de Judas Iscariotes, e que nos esperava desde um pouco depois da hora sexta (as doze do meio-dia), beijou-nos na face em sinal de boas-vindas. Ismael ben Phiabi I, descendente daquele que fora sumo sacerdote Simão e também saduceu 2 - a quem nunca poderei agradecer todas as informações e toda a sua lealdade - acomodou-se no pátio onde tivera lugar o almoço com Jesus e os gregos e, depois de falar a José nos antecedentes da missão que lhe confiara, começou a contar-nos o que acontecera no templo. (José de Arimatéia – tal como me dissera Ismael no Átrio dos Gentios - era mais um dos amigos e discípulos de Jesus que, como era natural, conhecia as irregularidades de Judas como administrador do grupo, bem como a sua cada vez mais aberta oposição às idéias sobre a natureza do reino que o Mestre pregava. No fundo, reconheceu Ismael, aquele encontro comigo fora obra da Providência.

Enquanto se dirigia para o interior do Templo, em busca de informação o saduceu foi amadurecendo um plano que, ao expô-lo a José, este imediatamente aprovou. A demissão daqueles dezenove membros do Sinédrio - entre os quais se encontrava - fora, talvez, uma medida muito precipitada. Os adeptos do Mestre conheciam o decreto de perseguição e captura de Jesus e não tardaram em lamentar aquele abandono em massa do supremo órgão de Justiça. Sem um homem de confiança que pudesse vigiar de dentro os passos do Sinédrio, a segurança do Rabi da Galiléia e de todo o grupo via-se gravemente comprometida. Era preciso que alguém simulasse o regresso ao conselho dos setenta e um, atuando como espião. E aquela - meditou Ismael podia ser a melhor altura para apertar a vigilância a José, o Caifás, e aos seus partidários.

* O apaleamento ou castigario era uma execução solene, que se aplicava mesmo a oficiais. Nela incorriam todos aqueles que abandonassem o seu posto de guarda, os que se entregavam à pilhagem nas casas e povoações por onde passava a legião, os que se revoltavam contra os seus chefes, os homicidas, ladrões, os que perdiam as suas armas, os que reincidiam pela terceira vez na mesma falta, os que atentavam contra o pudor ou os que eram responsáveis de negligência nos postos de sentinela da noite. (N do M.)
2 Simão filho de Boetos. fui sumo sacerdote em Jerusalém, entre os anos 22 a antes de Cristo. Um irmão de Ismael - também do poderoso e abastado grupo dos Saduceus - seria sumo sacerdote por volta de 61 depois de Cristo. (N. do M.)

- Assim, enchendo-me de coragem - prosseguiu Ismael - dirigi-me aos aposentos do sumo sacerdote, solicitando uma entrevista com ele, e, conhecendo como conheço a extrema vaidade e cobiça de Caifás, fui buscar uma taça de ouro e prata (1).

Não foi muito difícil - principalmente, pôr nas suas mãos aquele rico presente - convencer Caifás das minhas honestas intenções de voltar ao seio do Sinédrio. Depois de profundas reflexões, disse-lhe, acabei por compreender que estás com a razão: é blasfemo que este galileu ande pregando a ressurreição dos mortos... O sumo sacerdote alegrou-se com esta minha decisão, recomendando-me que advogasse junto dos outros dissidentes para que me seguissem o exemplo. Graças a tal astúcia, queridos amigos, pude ter acesso nesta mesma manhã a uma reunião informal de Caifás com o Sinédrio e em que, sem que o suspeitasse, Judas ia ser um dos protagonistas...

Ismael fez uma pausa e, agarrando-me as mãos entre as suas, acrescentou:

- E tudo te devemos, irmão Jasão. Que Deus, bendito seja o Seu nome, te abençoe. No mais íntimo do meu ser começou a nascer, no entanto, uma incomoda incerteza. Que acontecera naquela manhã no Templo? Porque me agradecia Ismael tão efusivamente a minha idéia de seguir Judas? - Uma hora depois da terceira (pelas dez da manhã), como vos dizia, a quase totalidade do Sinédrio reuniu na sala das pedras talhadas. Durante um bom momento, os ali reunidos discutiram a natureza das acusações contra Jesus e, especialmente, a forma de prisão e o processo a seguir para conduzi-lo junto da autoridade romana e garantir a execução da sentença de morte. Este último ponto é o que ainda preocupa Caifás e os escribas e fariseus. Sabem que o procurador não é homem fácil e não conseguiram estabelecer acordo sobre os argumentos jurídicos que deviam apresentar-lhe. Segundo averiguara Ismael, na noite anterior - a de terça-feira enquanto Jesus e os seus discípulos regressavam de Getsémani - o Sinédrio voltara a se reunir, analisando o último discurso do Galileu no adro do Templo. Todos - por

este ou aquele motivo - ratificaram as anteriores decisões do conselho, pressionando Caifás para que procedesse imediatamente e sem mais demoras à prisão de Jesus de Nazaré. Suspeitando que o Rabi da Galiléia não se apresentasse no Templo no dia seguinte, quarta-feira, o sumo sacerdote e os conselheiros prepararam uma nova e mais preciosa ordem aos levitas para que a captura tivesse lugar antes de sexta-feira.

* Eu sabia, pela documentação de Flávio Josefo (Antiguidades, XIII), que os saduceus utilizavam e comiam em utensílios de ouro e de prata. Uma vez que negavam a ressurreição dos mortos, procuravam gozar ao máximo a vida terrena. Nesta atitude se notava uma clara influência helenística. Por seu lado, Caifás tinha ou compartilhava as idéias dos Saduceus. (N. do M.)

240 241

No entanto, uma pergunta ficou no ar, como prender o impostor sem excitar as massas e, principalmente, sem provocar a guarnição romana, responsável pela ordem em Jerusalém? O grupo dos saduceus mostrou-se muito mais radical que o dos escribas e fariseus, votaram pelo assassínio do Rabi. Contudo, os fariseus recusaram a proposta por a considerarem muito arriscada.

- Dizes que na assembléia desta manhã - interrompi o saduceu voltaram a ser expostas as acusações contra o Mestre...

- - Assim foi.

- Poderias concretizar-mas?

- Para os fariseus, os motivos são diferentes dos apresentados pelos saduceus. Baseiam-se no seguinte: primeiro, temem Jesus porque são muito conservadores e não desejam que as pessoas lhes retirem o seu velho prestígio como mestres em religião segundo, defendem que Jesus é transgressor da lei e afirmam que violou o sábado e muitas outras cerimônias sagradas; terceiro, consideram uma blasfêmia que se auto proclame Filho do Divino; quarto e último, sentem-se ofendidos pela última denúncia do Rabi no Templo. Quanto aos saduceus os seus desejos de ver morto o nosso Mestre baseiam-se nisto: primeiro, temem que a crescente simpatia do povo por Jesus ponha em grave perigo a existência da nação porque os Romanos, dizem, nunca aceitarão um movimento revolucionário como aquele que Jesus parece pregar; segundo, a estranha doutrina do Rabi da Galiléia, que prega a irmandade entre todos os homens, parece-lhes um insulto. São eles os únicos responsáveis pela ordem social e temem perante tal corrente filosófica; terceiro, a limpeza do Templo que o Mestre levou a cabo, provocando o derrube das mesas dos cambistas e a sua retirada do átrio esgotou-lhes a paciência.

Segundo as minhas notícias, as suas perdas econômicas foram muito avultadas... Como calculo que saibas, tanto Caifás como seu

sogro, Anás, têm parte no negócio dos intermediários e cambistas de moedas... Mesmo que o Mestre fosse o autêntico libertador de Israel, o sumo sacerdote tem o seu coração afogado pelo ódio e pelo ressentimento e não descansará enquanto não o eliminar.

Ismael fitou José com profunda tristeza e acrescentou:

- A Sua sorte está lançada.

Tentei que a conversa não se desviasse e supliquei ao saduceu que nos informasse quanto ao que se passara naquela manhã.

- Já vereis, segundo as minhas averiguações, durante a terça-feira, Judas teve uma reunião com alguns dos seus amigos e parentes. Entre os primeiros encontravam-se saduceus, íntimos da família de seu pai. E foram estes os que o animaram a dar o passo que, fatidicamente, acaba de dar. Judas Iscariotes tinha-lhes dito que, depois de muito meditar, chegara à conclusão de que a sua permanência no grupo de Jesus tinha sido um erro.

- Porquê? - voltei a interrompê-lo, ardendo em desejos de conhecer as verdadeiras razões que tinham levado Judas ao seu ato.

- Segundo disse, o Mestre era apenas um idealista, um sonhador bem-intencionado, mas não o esperado libertador de Israel. E acrescentou que a sua obsessão era encontrar maneira de se retirar daquele movimento de modo honroso. Esta confissão de Judas foi habilmente aproveitada pelos saduceus, que lhe falaram ao coração, garantindo-lhe que a sua renúncia seria muito bem acolhida pelos dignitários sacerdotais. E chegaram a prometer-lhe, mesmo, grandes honras e reconhecimento público, bastante para elevar o seu prestígio entre os Hebreus e apagar aquela infeliz associação com os pouco cultos galileus... (Aquela armadilha foi a perdição de Judas. Conhecendo o seu agudo sentido do ridículo e a sua ambição irrefreável, as promessas de honras, dignidades e reconhecimento público desencadearam irreversivelmente a sua já decisão de desertar do grupo de Jesus. Curiosamente - e creio que este ponto é de extrema importância -, Judas não pensou no ouro na altura de vender o seu Mestre. Aquilo foi uma mera conseqüência. Se pensarmos com objetividade, que importância poderiam ter para ele trinta moedas de prata quando, justamente, era o tesoureiro do grupo e dispunha e administrava o dinheiro de todos havia três anos? Devo lembrar a este respeito que, antes da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, na manhã de domingo, Judas Iscariotes - num gesto de perfeita honradez - pôs a bolsa comum nas mãos de Simão, o Leproso. Se Judas tivesse o dinheiro como única razão para trair, o mais lógico seria que, com a sua fuga, se tivesse apoderado de todo - ou parte - do fundo econômico do movimento, de que era administrador. Como iremos vendo, as motivações do apóstolo eram muito diferentes e muito mais profundas.)

- Judas confessou aos seus parentes e amigos estar convencido de que a missão do seu Mestre não poderia prosperar. Enfrentar assim os poderosos membros do Sinédrio só podia acontecer com um louco e ele,

segundo as suas próprias palavras, não queria perecer às mãos da justiça judaica ou romana.

- No fundo - comentou Ismael, que conhecia muito bem a tortuosa personalidade do traidor -, o que Judas não parece suportar é que seja identificado um dia com um movimento fracassado...

A estas manifestações do saduceu atrevi-me a acrescentar um fato - Já comentado por mim anteriormente - que, também, na opinião dos meus amigos, fora decisivo para compreender o comportamento de Judas. Referi-me ao incidente do frasco de perfume que Maria derramou sobre Jesus e a dura crítica que o Mestre lhe fez, e tanto José como Ismael - repito - concordaram que, logo nessa altura, a mente do susceptível discípulo começara a maquinar a forma da sua vingança.

_ Sim - respondeu José -, Judas é um homem vingativo. Em minha opinião, nunca perdoará ao Mestre que não o distinguisse dos restantes, tal como fizera com João, Pedro e Tiago. É provável - lamentou o ancião - que os tortuosos ressentimentos de Judas se dirijam tanto contra Jesus como contra esses três companheiros.

- O caso é que, depois da reunião do Sinédrio - continuou o saduceu - Caifás ordenou a entrada na sala de Judas e de um dos seus familiares. Segundo entendi, tratava-se de um primo seu. Este, a pedido do Conselho, foi o primeiro a falar. Apresentou Judas, aborrecendo-nos a todos com um longo discurso, em que quis justificar a decisão de seu primo de abandonar o grupo do Galileu. Afirmou que Judas tinha descoberto o erro e desejava fazer uma renúncia pública da sua associação com Jesus. Em troca, solicitava o perdão , a confiança e a amizade dos altos dignitários ali reunidos. E, como prova da sua sinceridade, o porta-voz de Judas explicou que o seu parente estava disposto a facilitar a prisão silenciosa e secreta do Nazareno, evitando assim o perigo de uma revolta da multidão e um novo e possível atraso na sua captura, como conseqüência da iminente festa da Páscoa.

Aquelas últimas afirmações do primo de Judas animaram extraordinariamente os membros do Sinédrio, que viam assim uma nova luz para proceder à prisão do impostor.

Caifás, então, convidou Judas a que ratificasse o que acabávamos de ouvir. E o traidor, dando uns passos na direção da presidência, respondeu com tanta firmeza quanto frieza. Farei o que prometi a meu primo. Quero que Jesus fique sob a vossa custódia. Em troca, peço-vos um reconhecimento público... (Aquela palavra - custódia - repetida várias vezes por Ismael, ia ser de extrema transcendência para Judas. A sua insistência no momento de exigir a custódia do Mestre não era gratuita. Como veremos na altura própria, além da profunda desilusão do traidor em relação aos sacerdotes, Judas nunca pensou que o seu Mestre fosse executado, mas sim simplesmente encarcerado ou posto sob custódia.)

- Creio que o traidor - prosseguiu Ismael, visivelmente desiludido - não notou o olhar de desprezo de Caifás. Se Judas se tivesse

apercebido da armadilha que lhe preparavam, provavelmente não teria aceitado aquela situação... Mas o astuto Caifás não deixou transparecer as suas verdadeiras intenções e, evitando as propostas de Judas, respondeu-lhe:

- Tu terás de combinar com o chefe dos levitas a maneira de trazermos esse Galileu ainda esta noite ou, no máximo, amanhã, quinta-feira, depois do pôr do Sol. Quando nos for entregue, receberás a tua recompensa. Ao escutar as palavras do sumo sacerdote, os olhos de Judas brilharam com uma luz especial. Sentia-se satisfeito e assim o manifestou publicamente. Depois saiu da sala, para ter uma longa entrevista com o chefe da guarda do Templo. Eu não pude retirar-me do conselho do Sinédrio, mas, dali a pouco, soube que os levitas, seguindo as instruções do traidor, tinham marcado a prisão do Mestre para a noite de quinta-feira, uma vez que os peregrinos e habitantes de Jerusalém se retirariam para suas casas. Pelo próprio Judas, os levitas tinham sabido que o Nazareno se encontrava ausente do acampamento de Getsémani e que, por conseqüência, não podendo conhecer com exatidão o momento do regresso do Mestre, a sua captura fora adiada para a noite seguinte.

Com o fim de combinar melhor os pormenores sobre o local e momento adequados da prisão, o chefe da guarda judaica pedira a Judas que se apresentasse no Templo durante a manhã do dia seguinte.

Preparada a captura secreta de Jesus, os sacerdotes ali reunidos respiraram aliviados, felicitando-se mutuamente pela inesperada e providencial presença daquele renegado. E ali mesmo, depois de uma breve discussão, Caifás estabeleceu o preço da compra de Jesus: trinta seqel de prata (1). Alguns dos saduceus, acreditando que o Sinédrio ia cumprir a sua promessa de glorificar Judas, consideraram que aquele dinheiro era excessivo. Porém, o sumo sacerdote fez-lhes ver e compreender que não eram essas as suas intenções...

Um silêncio desolador pôs ponto final àquela reunião em casa de José de Arimatéia. Como muito bem dissera Ismael, a sorte do Mestre estava traçada... a não ser, claro, que aqueles dois homens atuassem imediatamente.

Antes de seguirem para o acampamento de Getsémani, José e Ismael travaram uma discussão que me fez tremer. Pela primeira vez no decorrer da minha missão, a minha intervenção - apesar de todas as precauções - estava prestes a provocar algo de irremediável. Tanto José de Arimatéia como o saduceu consideravam que era preciso desmascarar Judas Iscariotes e alertar todo o grupo. A sua preocupação era totalmente compreensível. No entanto, e num último esforço para não alterar os acontecimentos, tentei dar-lhes a entender que aquela não era a atitude mais inteligente.

- Estou de acordo - disse-lhes - com o vosso honrado desejo de avisar o Mestre, mas, que ganhais em tornar pública a traição de Iscariotes?

Nem o ancião nem Ismael pareciam compreender-me. E vi-me obrigado a recorrer a um argumento que acabou por ser aceito por ambos.

- Sabeis da velha inimizade e dos ciúmes de Judas para com homens como João, Pedro e Tiago. Se estes chegassem sequer a suspeitar do que o seu companheiro acaba de planejar, que pensais que aconteceria?...

Os meus amigos concordaram em silêncio.

- Falai em segredo com o Mestre - prossegui -, se assim o achais, mas não sobrecarregueis o já tenso ambiente do grupo. Deixai que seja Jesus - concluí - que fale com Judas, se o considerar prudente. O Rabi ama também Judas Iscariotes e saberá o que deve fazer... Depois de uma acalorada discussão, Ismael e José aceitaram a minha proposta e os três, aproveitando a última claridade do dia, encaminhamo-nos para a encosta do monte das Oliveiras. O ancião e o saduceu,
apenas com a finalidade de falar com Jesus de Nazaré e eu, com a alma apertada ante a possibilidade de que o meu excesso de zelo em seguir os passos de Judas pudesse provocar uma catástrofe.

Quando entramos no acampamento, as mulheres tinham preparado uma reconfortante fogueira. Jesus ainda não tinha voltado e os discípulos, inquietos e mal-humorados, iam e vinham, censurando-se mutuamente pela sua falta de decisão por não terem escoltado o Mestre. Pedro, mais agitado que os outros, chegou a alvitrar que um grupo de homens armados saísse à sua procura. Mas André - com a sua habitual serenidade - lembrou-lhes as palavras do Rabi, fazendo-lhes ver que se ele dissera que nenhum homem lhe poria as mãos em cima antes de ter chegado a sua hora, assim deveria ser.

Enquanto esperávamos o regresso de Jesus e João Marcos David Zebedeu uniu-se ao grupo que José de Arimatéia, Ismael ben Phiabi e eu formávamos e, em grande sigilo, comunicou-nos que os seus amigos em Jerusalém tinham –no informado conspiração que se preparava para acabar com a vida do Mestre. Olhamo-nos sem saber que fazer. Mas José conhecia há muito a especial discrição que distinguia aquele astuto discípulo e tranquilizou-nos. Com grande alívio da minha parte, a reunião de Judas com o Sinédrio fora transpirando e os homens que trabalhavam para Zebedeu não tardaram em informá-lo. Havia anos que o grupo de Jesus dispunha de uma curiosa rede de correios ou emissários - organizados e dirigidos por David Zebedeu -, cujo trabalho era a transmissão de notícias. Desta forma, os numerosos amigos, familiares e simpatizantes do movimento estavam a par das mensagens e ensinamentos que emanavam de Jesus ou dos seus homens. David fora vendo como as relações do seu Mestre com os membros do Sinédrio se deterioravam gradualmente e, por sua iniciativa, naquela quarta-feira decidira montar no acampamento de Getsémani um corpo especial de mensageiros. Tal como Lázaro e suas irmãs, aquele judeu de pensamento claro e grande valentia parecia ter entendido muito melhor

que os apóstolos qual ia ser o fim de Jesus. No entanto, nunca o vi expor estes temores perante os restantes íntimos do Nazareno. E, seguindo esta mesma discreta conduta, David comunicou-nos as suas impressões pessimistas, dando-nos igualmente a saber que - na previsão de males maiores um dos seus correios, enviado por ele uns dias antes à povoação de Betsaida (ao norte do lago de Genazaré), dera recado a sua mãe e a Maria, mãe de Jesus, para que viessem imediatamente a Jerusalém.

O mensageiro voltara pelas quatro da tarde de quarta-feira, comunicando a Zebedeu que as mulheres e parte da família do Galileu vinham já estavam a caminho e talvez entrassem no acampamento naquela mesma noite ou, o mais tardar, pela manhã de quinta-feira. José agradeceu em nome de todos a confiança que David demonstrara ao pôr-nos ao corrente destes pormenores e, em compensação e suplicando-lhe que mantivesse a boca fechada, confirmou as notícias do Zebedeu sobre a traição de Judas.

Mas a nossa conversa viu-se subitamente interrompida por uma crescente agitação entre os discípulos que perambulavam pelo jardim. André precipitou-se para nós, lançando-nos num grito:

- Correu a notícia de que Lázaro fugiu de Betânia. David sorriu, ironicamente. E quando André se afastou, comentou com tristeza:

- Não vos alarmeis. Foi um dos meus mensageiros quem levou a notícia a Lázaro de que o Sinédrio se preparava para prendê-lo ainda hoje. Tem ordem para se dirigir a Filadélfia e refugiar-se em casa de Abner.

Não achei oportuno perguntar quem era Abner, embora imaginasse tratar-se de um dos adeptos de Jesus na Pereia, do outro lado do Jordão . José ficou muito impressionado. Considerava muito o ressuscitado e, ao conhecer o sucedido, começou a avaliar - em toda a sua dimensão - a gravíssima resolução de Caifás e dos seus sacerdotes de prender o Mestre. Mas, dominando-se, esperou pacientemente pela chegada de Jesus.

Ia bem adiantada a noite quando o Gigante e João Marcos voltaram ao acampamento, tão sós quanto tinham ido. Jesus desatou o lenço que atara em volta da cabeça e, apresentando um excelente humor saudou os amigos, sentando-se junto do fogo tal como era seu hábito.

Mas o acolhimento não foi muito caloroso. Aqueles homens estavam demasiado assustados e confusos para apreciarem os gracejos do Mestre. No fundo, tinham-se habituado à Sua presença e aquele dia, sem ele, fora-lhes extremamente longo e vazio. Jesus notou imediatamente o ambiente tenso e as caras aborrecidas. No entanto, ninguém se atreveu a perguntar-lhe. Nem um só teve coragem para Lhe contar o que se dizia sobre a precipitada fuga de Lázaro...

Apesar disso, o Galileu procurou por todos os meios desfazer aquele ambiente carregado e, durante um bom tempo, interessou-se

pelas famílias dos discípulos. Ao chegar a David Zebedeu, Jesus foi muito mais concreto, interrogando-o quanto a sua mãe e irmã mais nova. Mas David, baixando os olhos para o chão, não respondeu. Era evidente que o chefe dos correios - que não paravam de entrar e de sair do acampamento - não queria afligir Jesus, anunciando-lhe que dera ordens para que Maria e a sua restante família viessem a Jerusalém.

Naquele instante, ao observar a extrema delicadeza do discípulo, senti uma grande simpatia por ele. Aquele sentimento acabaria por se transformar-se em admiração, ao ver o seu comportamento nas duras horas que se seguiram à prisão de Jesus. Aquele homem, precisamente, e o seu corpo de mensageiros, iam constituir durante os negros dias que se aproximavam o cérebro e o coração do atormentado grupo...

Vendo que as últimas horas não estavam a ser tão íntimas e familiares como desejava, o Mestre, fazendo uso da palavra, disse-lhes:

- Não deveis permitir que as grandes multidões vos enganem. As que nos ouviram no Templo e pareciam acreditar nos nossos ensinamentos, essas, precisamente, escutam a verdade superficialmente. Muito poucos permitem que a palavra da verdade lhes atinja com força o coração, lançando raízes de vida. Os que só conhecem o evangelho com a mente e não o experimentam no coração não podem ser de confiança quando chegam os maus momentos e os verdadeiros problemas.

- Quando os dirigentes dos Judeus chegarem a um acordo para destruir o Filho do Homem, e quando seguirem uma só orientação, vereis então como essas multidões fogem consternadas ou se afastam para um lado em silêncio.

- Então, quando a adversidade e a perseguição descerem sobre vós, ireis ver como outros (que pensáveis que amavam a verdade) vos abandonam e renunciam ao evangelho. Haveis descansado hoje como preparação para estes tempos que se avizinham. Vigiai, portanto, e rogai para que, pela manhã, possais estar fortalecidos. Ao ouvir aquelas últimas palavras, Judas - que tinha regressado ao acampamento pouco antes de nós - levantou o olhar e fitou Jesus fixamente. Mas, com exceção de David Zebedeu e de nós os três, nenhum dos discípulos associou aquela advertência com a iminente deserção de Judas Iscariotes.

Pela meia-noite, o Galileu convidou os seus amigos para que fossem descansar.

- Ide dormir, meus irmãos - disse-lhes com especial doçura -, e conservai a paz até que nos levantemos amanhã... Um dia mais para fazer a vontade do Pai e experimentar a alegria de saber que somos Seus filhos.

6 DE ABRIL, QUINTA-FEIRA

Passada a meia-noite, um a um, os discípulos foram-se levantando e abandonando o fogo. Enquanto procuravam refúgio nas tendas ou se enrolavam nos seus mantos, junto do muro de pedra, André tratou de designar o primeiro turno de guarda, dois homens armados com espadas. Um postou-se a sul, à entrada do jardim, e outro a norte, nas proximidades da gruta. A rendição seria de hora a hora.

Mas Jesus não se moveu. Sentado a metro e meio da fogueira e de costas para o olival - permaneceu uns minutos com o olhar fito nas ondulantes e vermelhas línguas de fogo, que soltavam fagulhas por causa de alguns troncos um pouco mais úmidos que os restantes. Não tardou que ficasse só, na frente dele e com a fogueira, como única testemunha, quase muda, do que ia ser a minha terceira e última conversa com o Mestre. Os Seus braços descansavam sobre as pernas, cruzadas uma sobre a outra. O Nazareno abrira as mãos, recolhendo o calor nas palmas. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada para a frente e os cabelos e rosto iluminavam-se e escureciam, ao capricho do agitar das chamas. A sua expressão, acolhedora e tranqüila durante toda a noite, tornara-se grave.

De repente, o coração bateu-me mais depressa. Brilhante, tímida e sem pressas, uma lágrima apareceu na Sua face direita. Era a segunda vez que via chorar Aquele estranho homem...

Nem sequer respirei, comovido e intrigado por aquele sereno e súbito choro do Galileu. Mas Jesus parecia totalmente ausente. E, poucos minutos depois, lançando a cabeça para trás , inspirou profundamente, pondo-se de pé. Na minha mente agitavam-se uma infinidade de hipóteses sobre o estado de alma de Galileu, mas não me atrevia a mover-me.

Vi-o afastar-se para o interior do olival e parar a trinta ou quarenta passos de onde me encontrava. E assim permaneceu - de pé e de cabeça baixa - durante uma hora. A Lua, quase cheia, solitária entre milhares de estrelas, encarregou-se de O banhar numa luz prateada, oscilando por vezes a uma brisa que entrava lentamente entre as folhas verde-brancas das oliveiras.

Sem saber exatamente por que motivo, esperei. A temperatura baixara consideravelmente, fazendo tremeluzir os astros, envoltos por halos brancos, azuis e vermelhos. Durante um espaço de tempo que não saberia precisar, fiquei com o rosto perdido naquele negro e soberbo firmamento. Vênus, em conjunção com o Sol, por aquela data, não estava visível. Por seu lado, Júpiter, com um brilho cada vez mais fraco (grandeza 1,6, aproximadamente) levantava-se com muita dificuldade a oeste, a pouca distância do esplêndido cacho estelar das Plêiades. E, no mais alto, disputando entre si a primazia, as refulgentes estrelas Régulo, Capela, Aldebarã, Betelgeuse e Arcturo, envolvidas pelas constelações de

Leão, Áuriga, Touro, Oríon e Bootes, respectivamente. Jesus surpreendeu-me, quando alimentava a fogueira com nova carga de lenha.

- Jasão - disse-me - não dormes? Sabes como vão ser duras as próximas horas. Devias descansar como todos os outros...

Sentado junto do fogo olhei-O com curiosidade, ao mesmo tempo que O convidava a responder a uma pergunta que estava em mim desde que O vira afastar-se para o olival:

- Mestre, por que razão um homem como Tu necessita da oração? Porque, se não estou enganado, foi o que disseste durante este tempo...

O Galileu hesitou. E antes de responder, voltou a sentar-se, mas desta vez junto de mim.

- Dizes bem, Jasão. O homem, enquanto padece a sua condição de mortal, procura e precisa de respostas. E em verdade te digo que essa sede de verdade só Meu Pai a pode serenar. Nem o poder, nem a fama, nem sequer a sabedoria, conduzem o homem ao verdadeiro contato com o reino do Espírito. É pela oração que o homem procura aproximar-se do infinito. O meu espírito começa a estar aflito e também eu necessito do consolo de Meu Pai.

- Será que a verdadeira sabedoria está no reino de Teu Pai?

- Não... Meu Pai é a sabedoria.

Jesus acentuou a palavra é com uma força que não admitia qualquer discussão.

- Então, se eu rezar, posso saciar a minha curiosidade e iluminar o meu espírito?

- Sempre que essa oração nasça realmente no teu espírito. Nenhuma súplica recebe resposta, se não vier do espírito. Em verdade, em verdade te digo que o homem se engana quando tenta canalizar a sua oração e os seus pedidos para o benefício material próprio ou alheio. Essa comunicação com o reino divino dos seres de Meu Pai só obtém a devida resposta quando obedece a uma ânsia de conhecimento ou consolo espiritual. O restante - as necessidades materiais, que tanto vos preocupa - não são conseqüência da oração, mas sim do amor de Meu Pai.

- Por isso insististe tanto em procurar o reino de Deus e a sua justiça... ?

- Sim, Jasão. O resto sempre vos é dado por acréscimo...

- E como devemos pedir?

- Como se já vos tivesse sido concedido. Recorda que a fé é o verdadeiro suporte dessa súplica espiritual.

- Dizer que a oração - assim formulada - sempre obtém resposta. Mas eu sei que isso nem sempre foi assim...

O Galileu sorriu com benevolência.

- Quando as orações provêm, em verdade, do espírito humano, por vezes são tão profundas que não podem receber resposta enquanto a alma não entra no reino de Meu Pai.

- Não compreendo...

- As respostas, não o esqueçais, sempre consistem em realidades espirituais. Se o homem não alcançou o grau espiritual necessário e aconselhável para assimilar esse conhecimento emanado do reino dever esperar - neste mundo ou noutros - até que essa evolução lhe permita reconhecer e compreender as respostas que, aparentemente, não recebeu no momento do pedido.

- Isso explicaria aquele angustioso silêncio que em certas alturas parece constituir a única resposta à oração?

- Sim. Mas não confundas. O silêncio não significa esquecimento. Como te disse, todas as súplicas que nascem do espírito obtêm resposta. Todas... Deixa-me que te explique com um exemplo: o filho está sempre no direito de perguntar a seus pais, porém, estes podem demorar as respostas, à espera que a criança adquira a maturidade suficiente para as entender. A grande diferença entre os pais humanos e o nosso Pai verdadeiro está em que aqueles esquecem por vezes que são obrigados a responder, ainda que seja ao cabo dos anos.

- Se é assim, quando morrermos, todos seremos sábios...

- Insisto que a única sabedoria válida no reino de Meu Pai é a que brota do amor. Depois de passar pela morte, ninguém ser sábio se antes não o tiver sido em vida...

- Devo então pensar que a demora na resposta à minha súplica é sinal do meu progressivo avanço no mundo do espírito?

Jesus olhou-me com complacência.

- Existe uma quantidade de respostas indiretas de acordo com a capacidade mental e espiritual daquele que pede. Mas, quando uma súplica fica temporariamente em branco, é freqüente presságio de uma resposta que encherá, no devido dia, um espírito enriquecido pela evolução.

- Porque é tudo tão complexo?

- Não, querido amigo. O amor não é complicado, é a vossa natural ignorância que vos precipita na escuridão e vos faz pender para uma permanente justificação dos vossos erros.

Fiquei em silêncio. Aquele homem tinha razão. Só os homens tentam desesperadamente justificar-se e justificar os seus fracassos...

Levantei os olhos para as estrelas e, apontando-lhe aquela maravilha, disse-lhe:

- Que sentes perante esta beleza?

O Galileu elevou também os olhos para o firmamento e respondeu com melancolia:

- Tristeza...

- Porquê?

- Se o homem não é capaz de receber na sua alma a grandeza desta obra, como poderá captar a beleza dAquele que a criou?

- É Deus tão imenso quanto dizes?

- Mais do que acreditar na imensidão de Meu Pai, deves acreditar na imensidão da promessa divina. Transborda o espírito do homem e chega a originar vertigem nas legiões celestiais...

- Já me explicaste, mas, realmente o acesso ao reino do Teu Pai está ao alcance de todos os mortais?

- O reino de nosso Pai - corrigiu-me Jesus - está no coração de todos e em cada um dos seres humanos. Só os que despertam para a luz do evangelho o descobrem e nele penetram.

- Então, todas as religiões, credos ou crenças podem levar-nos à verdade?

- A verdade é uma e o nosso Pai reparte-a gratuitamente. É possível que o gosto e a beleza possam ser tão caros quanto a vulgaridade e a fealdade, porém não acontece o mesmo com a verdade: esta é um dom gratuito que dorme em quase todos os humanos, sejam ou não gentios, sejam ou não poderosos, sejam ou não instruídos, sejam ou não malvados...

- A quem aborreces mais?

- No coração de Meu Pai não há lugar para o ódio... Deverias sabê-lo. Defende-te só dos hipócritas, mas nunca vertas neles o veneno da vingança.

- Quem é hipócrita?

- Aquele que prega o caminho do reino celestial e, em troca, se instala no mundo. Em verdade te digo que os hipócritas enganam os simples de coração e não satisfazem mais que os medíocres.

- Quem estimais mais: um homem espiritual ou um revolucionário?

O Mestre sorriu, um tanto surpreendido com a minha pergunta. E, pousando a mão esquerda no meu ombro, respondeu com firmeza:

- Prefiro o homem que atua com amor...

- Mas quem pode conseguir amar mais?

- Pergunta melhor, quem pode conseguir compreender mais?

- Quem?

- Aquele que é capaz de amar tudo. Mas, cautela, Jasão, aquele que ama de verdade não coloca a palavra amor por cima da sua porta, procurando justificar-se perante o mundo. E o que dá, também não escreve a palavra caridade para que todos o reconheçam. Quando alguma vez vires essas palavras, desavergonhadamente exibidas no mundo, não duvides de que têm a única finalidade de enriquecer e enaltecer quantos a esgrimem e desfraldam. O reino de Meu Pai é semelhante a uma mulher que levava o cântaro cheio de farinha. Enquanto seguia por um caminho afastado partiu-se a asa e a farinha derramou-se atrás dela pelo caminho. A mulher não notou e não soube da sua infelicidade. Quando chegou a casa pousou o cântaro na terra e encontrou-o vazio.

- Aquele que é capaz de amar tudo!... - repeti, com um ligeiro movimento de cabeça. - Como isso é difícil...

- Nada existe de difícil para aquele que aprendeu a ceder.

- Mas, que me dizes das injustiças? Também devemos aprender a amar os que nos humilham ou tiranizam?

- Quando assim acontecer, pede explicações ao teu irmão, mas nunca o odeies. Só quando olhardes vossos irmãos com caridade podereis sentir-vos contentes.

- Começo agora a compreender - comentei, quase só para mim porque o meu mundo se sente infeliz...

- O maior erro do teu mundo - respondeu Jesus - é a sua falta de generosidade. O que conhece e pratica o amor não costuma ter necessidade de perdoar: está sempre disposto a compreender tudo.

- É possível que estejas certo, mas sempre pensei que o grande erro do nosso mundo era o seu enfartamento tecnológico...

O Nazareno olhou-me com uma infinita afabilidade.

- Deveis ter paciência e confiar. A humanidade, por vezes, embriaga-se e embota com as suas próprias descobertas e triunfos, esquecendo que o seu autêntico estado natural reside na serenidade do espírito. No dia em que desperte de tão pesada letargia voltará os olhos para o caminho do amor: o único que conduz à verdadeira sabedoria. O cansaço começava a apoderar-se de ambos e, de mútuo acordo, decidimos descansar as escassas horas que faltavam até à madrugada.

Enquanto me envolvia no manto, acomodando-me o melhor que pude debaixo de uma oliveira, uma estrela fugaz - uma lírida passou diante das estrelas Kappa Lyrae e Nu Herculis, rasgando o véu do firmamento e o da minha profunda melancolia. Sem que tivesse intenção, começara a amar aquele homem...

Pelas cinco horas e quarenta e dois minutos daquela quinta-feira 6 de Abril de 30, o sol começou a abrir caminho sem especiais dificuldades.

Eliseu tratou de me acordar, facilitando-me o habitual boletim meteorológico. O dia prometia ser magnífico. Temperatura média avaliada nuns dezessete graus centígrados, baixa umidade relativa e céu limpo.

- No entanto, acrescentou o meu companheiro, o rawin do módulo está a captar uma alteração nos altos níveis da atmosfera. Localização: vertical da fronteira do Iraque com a Arábia Saudita. Os sistemas eletrônicos confirmam que se trata de uma corrente em jato de leste (tipo equatorial), com a velocidade máxima aproximada de setenta nós e entre níveis de cem a cento e cinqüenta milibares (entre os catorze e os dezessete quilômetros de altura)...

- Atenção, Jasão! Papai Noel está verificando os dados meteorológicos e tudo parece assinalar que, no decorrer das próximas vinte e quatro ou quarenta e oito horas, esta alteração pode provocar fortes ventos de leste, com arrastamento de bancos de areia provenientes dos desertos arábicos de Nafud e de Dahna.

* Cavalo de Tróia dotara o nosso módulo, entre outros aparelhos meteorológicos. com um rawin (tipo laser de baixa energia) - com retorno interno, - e de elevada sensibilidade que pode medir a força e direção do vento com erro de poucos metros por segundo. (N. do M.)

A possibilidade desta tempestade de areia, ou siroco, sobre a Palestina está começando a confirmar-se, igualmente pela louca subida dos barômetros de Tonnelot e do aneróide. É possível que, se tudo continuar assim, amanhã tenhas de despedir o manto...

Aquela informação tornava-se particularmente interessante. Na manhã do dia seguinte, sexta-feira deveria ter lugar um estranho fenômeno - assim o tinha lido pelo menos nas Sagradas Escrituras (S. Lucas 23, 44-46, Marcos 15, 33-34 e Mateus 27, 45-46) - da hora sexta à nona (do meio-dia às três da tarde, aproximadamente), cobrindo as trevas a totalidade da Terra, segundo palavras textuais dos evangelistas. E, embora não quisesse tirar conclusões antecipadas, o aviso de Eliseu sobre aqueles ventos alísios sudeste, com a possibilidade de um
forte arrastamento de areia do deserto arábico próximo, deu-me imediatamente uma
idéia sobre a verdadeira natureza do acontecimento narrado no Novo Testamento..

Pouco a pouco, algumas mulheres foram saindo da tenda e preparando o fogo. Pelas seis, e quando dava um pequeno passeio pelos arredores do acampamento, procurando desentorpecer os músculos vi sair Judas pela cerca de pedra. la sozinho e, a julgar pelos seus passos, com uma certa pressa. Seguiu pela mesma caminho do dia anterior, desaparecendo na colina, na direção do Templo ou talvez das portas da zona sul da cidade. Por um instante pensei em segui-lo. Mas acabei por desistir.

Os planos do Cavalo de Tróia eram outros. O mais provável é que Judas Iscariotes fosse encontrar-se com o chefe dos guardas do Sinédrio, tal como lhe fora recomendado na quarta-feira. Por outro lado, Ismael, o saduceu que conseguira infiltrar-se no conselho dos sacerdotes, prometera informar-nos de todos e cada um dos passos do traidor, bem como dos movimentos dos levitas que tinham por missão prender o Mestre. Isto tranquilizou-me e regressei imediatamente ao jardim. Jesus e os discípulos continuavam dormindo.

Tanto quanto me permitiram, ajudei as mulheres a atiçar a fogueira e a transportar as canecas de leite, fornecido naquele momento por duas cabras que Filipe, segundo parecia, conseguira na quarta-feira e que tinham prendido dentro da gruta.

Enquanto preparávamos o pequeno-almoço, e quase à mesma hora que no dia anterior, entrou no acampamento o jovem João Marcos.

Chegou com uma cesta pouco maior que a da véspera e, também sem pronunciar palavra, entregou-a às mulheres, sentando-se depois

junto do fogo. Ali permaneceu com o queixo apoiado nos joelhos, como que hipnotizado pelo frágil baile das chamas.

Alguns dos discípulos começaram a dar sinais de vida, espreguiçando-se sem o menor pudor. Dois deles, ao descobrirem a criança, aproximaram-se e tentaram que Marcos lhes contasse o que tinham feito durante aquele longo passeio de quarta-feira. Mas o rapaz, com os olhos baixos e as sobrancelhas franzidas, não despregava os lábios. E quando as pressões dos homens de Jesus chegaram ao máximo, João negou com a cabeça, com visível e crescente irritação. Algumas das mulheres protestaram contra aquele interrogatório e pediram aos discípulos que deixassem a criança em paz. Outros membros do grupo tinham-se unido aos inquisidores curiosos pedindo e suplicando-lhe que lhes dissesse, pelo menos, onde tinham estado e se podiam ter sido espiados pela guarda do Sinédrio. No final - suponho que aborrecido por tanta pergunta -, Marcos abriu a boca e deu por encerrado o assunto com uma explicação que muito bem conheciam os adeptos do Mestre:

- O Rabi pediu-me que nada dissesse a ninguém...

E ali, como disse, terminou o interrogatório. Em diversas ocasiões, Jesus fizera confidências aos discípulos, pedindo-lhes que nada dissessem. E todos, de um modo geral, tinham sabido respeitar o pedido.

Os discípulos não ficaram muito satisfeitos, em especial Simão, o Zelota, que fizera o último turno de vigilância na porta do jardim e temia, mais do que ninguém, pela segurança do Mestre e do resto do grupo.

Quanto a mim, aquele obstinado hermetismo de João Marcos só serviu para despertar mais ainda a minha curiosidade. Tinha de averiguar o que acontecera naquela quarta-feira e que, nos textos dos evangelistas, aparece igualmente em branco, em relação às atividades do Nazareno. Mas, como podia fazer falar o fiel acompanhante de Jesus? Naquela mesma tarde de quinta-feira se apresentaria a grande oportunidade...

Jesus não tardou a aparecer. O rosto apresentava leves olheiras, resultado, provavelmente, das poucas horas de sono. Ao vê-lo, senti-me responsável. Se não O tivesse envolvido na minha conversa, certamente teria descansado um pouco mais. E ao pensar naquilo que O esperava, comecei a tremer. Aquela, na realidade, fora a Sua última noite em paz...

Mas as minhas preocupações desvaneceram-se imediatamente. O Galileu estava de um humor invejável. Saudou todos e, segundo o Seu costume, encaminhou-se para o largo vaso de barro, com o objetivo de lavar-se. Mas, a meio do caminho, João Marcos - que acabava de o ver - saiu correndo, abraçando-se à sua cintura. O Mestre, surpreendido por aquela calorosa recepção, envolvendo o rosto da criança nas suas

grandes mãos e inclinando-se levemente para ele perguntou-lhe num tom de cumplicidade:

- Lembraste-te das passas de Corinto?

O pequeno sorriu e fez um aceno afirmativo de cabeça. E Jesus, esfregando as mãos em sinal de contentamento, começou a despir-se. Passas de Corinto? pensei. A que se referiu ? E, de repente, lembrei-me de uma das explicações de Lázaro. O Mestre gostava muitíssimo das uvas sem sementes, como as que nasciam da parreira que o pai do ressuscitado plantara no pátio central de sua casa.

E dispus-me a levar a cabo outra das missões encomendadas pela Operação Cavalo de Tróia. Parecia ser um bom momento... disse para comigo tentando tranqüilizar-me.

O Gigante terminou as abluções e, quando recebia das mãos de uma das mulheres o lenço com que devia secar-se, aproximei-me, pedindo-Lhe que me permitisse ajudá-Lo. O Nazareno resistiu mas, perante a minha insistência, deixou parte do pano nas minhas mãos, enquanto Ele - divertido com o que parecia um jogo e uma delicadeza – se esfregava com a outra ponta do lenço.

A manobra tinha, na verdade, duplo objetivo: por um lado, proceder à exploração manual e direta do corpo de Jesus - o que não seria lógico nem fácil se não aproveitasse uma oportunidade daquelas e, em segundo lugar, tentar a medição das principais partes anatômicas. Este segundo objetivo, principalmente era de vital importância para uma melhor análise do Seu organismo durante as horas da Crucifixão.

Através daquele suave pano, as minhas mãos foram-lhe apalpando o pescoço, ombros e costas. Aquele galileu - tal como se depreendia de uma simples observação visual - era um exemplar robusto. Os músculos da parte posterior e superior do tronco - em especial os trapézios - estavam muito desenvolvidos. Esta sensação de força fruto, sem dúvida, de um duro e constante trabalho manual durante muitos anos - alongava-se igualmente aos músculos deltóides, na zona dos ombros. Estes, e também os sólidos conjuntos musculares,
que se distribuíam de um e outro lado da coluna vertebral (os grandes dorsais e os
infra-espinhosos) levaram-me a pensar que Jesus gozava de uma perfeita sincronização no encher e no esvaziar da caixa torácica.

Os braços, de acordo com a configuração e o considerável volume dos músculos dos ombros e parte superior e posterior do tronco, eram igualmente maciços. Em minha opinião os bíceps braquiais eram especialmente espessos e poderosos. Também os grandes peitorais (o que familiarmente conhecemos por peito) se encontravam fortemente consolidados, como se o Galileu tivesse praticado a natação. A sua capacidade respiratória tinha de ser excelente.

Nem a cintura nem a parte inferior das costas apresentavam um grama de gordura (1). E o mesmo apreciei na face frontal do abdômen;

a parede muscular do grande reto era lisa, sem qualquer indício de tecido adiposo.

Quanto às coxas e pernas, tanto os costureiros como os músculos adutores, bicípite crural, semitendinosos e gêmeos apresentaram-se ao tato firmes e duros como pedras. Em minha opinião, as pernas teriam sido a inveja de um corredor de maratona...

Esta harmoniosa e musculosa constituição - unida à elevada estatura do Mestre - convertiam-no, sem qualquer tipo de dúvidas, num exemplar especialmente atraente. Era como se a Natureza tivesse sido especialmente cuidadosa na altura de moldar.

Aquele homem à sua evidente perfeição natural tinha de juntar também aqueles três últimos anos de incansável atividade, percorrendo todos os caminhos de Israel, que lhe tinham proporcionado uma invejável forma física.

Uma vez concluída a minha exploração - e ante o espanto de todos que me observavam - retirei o pequeno cordel do fundo da minha bolsa de borracha e, antes de Jesus se envolver na túnica, supliquei-lhe que aguardasse uns instantes. O Mestre, sem perder o Seu sorriso, deixou-me atuar com uma docilidade que apenas serviu para me aturdir mais.

De mútuo acordo com o meu companheiro no módulo, fora previsto que - uma vez terminada cada medição - eu pressionaria o ouvido direito, transmitindo-lhe o número correspondente. Desta forma, Eliseu poderia registrar as medidas, submetendo-as posteriormente a um estudo mais complexo.

* Nesta exploração chamou-me poderosamente a atenção a grande superfície que devia ocupar a membrana aponevrótica romboidal (em toda a região lombar) e que marcava igualmente a tremenda força daquele homem. (N. do M.)

Como já assinalei, aquela corda - totalmente branca – fora dividida em centímetros. Contudo, em vez de os numerar, cada separação era, na realidade, uma marca negra para ser mais exato uma circunferência, que rodeava totalmente o perímetro do cordel. Para poder efetuar os cálculos com precisão e com o fim de iludir qualquer tipo de suspeita,

Cavalo de Tróia imaginara um sistema de numeração, baseado em cores e letras (de dez em dez centímetros, a separação correspondente, em vez de ser negra, fora pintada de acordo com as seis cores básicas do espectro. A partir do centímetro número setenta e até ao cem as cores voltavam a repetir-se.) A ordem para as cores era a seguinte, da menor para a maior: violeta, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho. Os centímetros existentes entre estas dez numerações foram convertidos em letras, segundo o alfabeto grego. Assim, por exemplo, quando a medição marcava trinta centímetros, eu devia anunciar a Eliseu verde. Se se tratava de oitenta centímetros, azul-duplo, se, pelo

contrário, eram quarenta e um centímetros, a cifra era amarelo e alfa (primeira letra do alfabeto grego).

Sem perda de tempo, comecei pelos membros superiores. Do ombro à ponta do dedo médio, a medição registrou oitenta e dois centímetros.

A cifra para transmitir aquela medição foi, portanto, azul-duplo e beta. A estas medidas seguiram-se as das extremidades inferiores, perímetros, altura da cabeça, pescoço, etc.

* Os nove primeiros números - correspondentes a cada um dos centímetros - foram associados às nove primeiras letras do alfabeto grego: alfa para o 1, beta para o 2, gama para o 3, delta para o 4 epsilon para o 5, dzeta para o 6, tau para o 7, zeta para o 8 e iota para o 9. (N. do M.).

2 As naturais dificuldades para proceder a uma medição antropológica rigorosa - que teria exigido a utilização de instrumentos mais idôneos - foram resolvidas, em
parte, no módulo, mediante um estudo computadorizado dos números que foram transmitidos por mim, de acordo com padrões normativos. Estas medições anatômicas - uma vez processadas - deram os seguintes resultados. Membros superiores (total): oitenta e dois centímetros (braço: trinta e sete centímetros e antebraço quarenta e cinco centímetros. Destes últimos, vinte correspondiam à mão). Comprimento dos membros inferiores (total): noventa e quatro centímetros (medidos do calcanhar à articulação da anca).

Coxa: cinqüenta e cinco centímetros e perna trinta e nove centímetros.

Largura dos ombros (medida entre os pontos acromiais): quarenta e cinco centímetros.

Tronco do manúbrio ou zona superior do esterno ao ponto trocanteriano ou saliente do fémur, ao nível da articulação): sessenta e dois centímetros.

Diâmetro torácico (nas costas): quarenta e um centímetros.

Perímetro da caixa torácica (medida por altura do grande peitoral): noventa e nove centímetros.

Comprimento máximo da cabeça (do ponto opistocraniano à glabela): 19,9 centímetros.

Largura máxima da cabeça (entre parietais): quinze centímetros.

Largura bizigomática (da apófise zigomática: de pômulo a pômulo): catorze centímetros.

Altura total do rosto (do gônio ao ponto alveolar ou próstio): 18,9 centímetros.

Perímetro da cabeça: cinqüenta e oito centímetros.

Perímetro máximo dos braços: trinta e cinco centímetros.

Perímetro máximo do antebraço: trinta e um centímetros.

Como salta aos olhos, o Mestre era um homem de compleição atlética, com um poderoso desenvolvimento do esqueleto e da musculatura. Os seus membros eram longos e o tórax realmente imponente, com ombros largos e sólidos como rochas. A gordura ou tegumento adiposo era muito escasso, praticamente inexistente. A cabeça apresentava-se firme e alongada, com um rosto igualmente alongado na parte média e queixo e relevo ósseos acentuados. O crânio, como Já disse, era alto e estreito.

Estas características faziam com que se destacasse da média normal da raça judaica daquela época. Segundo os estudos de Von Luschan e Renan, entre os judeus da Rússia do Sul, a altura média oscilava pelo metro e sessenta, chegando a um metro e setenta entre os hebreus de Londres e os judeus espanhóis de Salónica. O tipo mesocéfalo de Cristo também não era freqüente. Entre os hebreus da Rússia do Sul, por exemplo, a percentagem de indivíduos braquicéfalos (de crânios curtos) era de 81 %, alcançando os mesocéfalos 18% e os dolicocéfalos 1% . Entre os judeus de Salónica - expulsos de Espanha – os dolicocéfalos eram 14,6% e os braquecéfalos 25%. Além da sua elevada estatura -1 metro e 81- Jesus de Nazaré

* Perímetro máximo da anca: cinqüenta e sete centímetros.
Perímetro máximo de perna: quarenta e seis centímetros.
Joelho (perímetro máximo): quarenta e dois centímetros.
Estatura: 1 metro e 81 centímetros.
A linha média ou axial (da nuca ao canal interglúteo: ponto superior da prega interglútea) surgia recta, sem desvio.
Comprimento máximo do pé: trinta e um centímetros (planos de primeiro grau).
Segundo os índices de Decourt e Pende, o morfotipo somático de Jesus Cristo era
fundamentalmente microssômico, participando do tipo atlético e, em certa medida, do pícnico. Os índices - resultantes da multiplicação das suas medidas reais pelos fatores encontrados pelos mencionados cientistas para o caso dos homens - foram os seguintes:
Altura: 181 centímetros x fator 0,470 = 85,07; altura
trocânter: 94 cm x 0,457 = 42,96;
bitrocanteriano: 37 cm x 1,250 = 46,25: bi-humeral: 45
cm x 1,052 = 47,34;
occipito-mento: 22 cm x 0,870 = 19,14; perímetro torácico: 99
cm x 0,470 = 46,53 e
bimaxilar: 14 cm x 1,820 = 25,48.
Quanto ao índice de Pignet, Cavalo de Tróia comprovou que o Mestre correspondia à descrição de MUITO FORTE (índice de Pignet = altura em centímetros - perímetro torácico em expiração máxima mais o seu peso, em quilos = 181 - 97 mais 80 = 4). Naturalmente, os últimos dois números – perímetro torácico em máxima expiração e peso - são

calculados. (O índice de Pignet estabelece a seguinte classificação média: IP 10 = pessoa muito forte; IP 15 a 20 = pessoa forte; IP 20 a 25 = pessoa mediana; IP 25 a 30 = pessoa fraca e IP 30 = pessoa muito fraca.)
Em relação ao índice craniano ou cefálico, os peritos de Cavalo de Tróia - sempre
de acordo com as medidas obtidas - deduziram que Jesus de Nazaré era mesocéfalo, com uma ligeiríssima dolicocefalia. Este índice – 75% – foi obtido de acordo com a fórmula convencional:
I.C = 1 15 x 100 = 75 19,9 DAP (medida entre opistio e gabela)
Na avaliação lateral, o índice craniano deu 100,5 %. Quer dizer, hipsocéfalo. Por outras palavras, com uma altura craniana claramente superior ao diâmetro longitudinal.
Por último, ao examinar o crânio frontalmente, o índice do Galileu foi de setenta e cinco por cento. Quer dizer, com uma ligeira tendência para a estenocefalia (crânio estreito). (N. do M.)

Chamava também a atenção pelo seu perímetro torácico, maior que a média
dos seus compatriotas. Além disso, esta tipologia atlética condizia consideravelmente com o temperamento enequético, descrito por Mauz: fraca reação ante os estímulos, movimentos seguros e vigorosos, ainda que escassamente pródigos. De maior força que precisão.

Foi sem dúvida essa força física que pôde contribuir para suportar em parte, o brutal castigo que o aguardava. Apesar de tudo – como bem depressa veremos - os médicos e especialistas de Cavalo de Tróia jamais puderam entender como aquele Homem conseguiu resistir até ao final à cadeia de horríveis torturas a que foi submetido.

Tenho de o confessar. Aquela parte da missão foi possivelmente a mais ingrata. Durante muito tempo, e apesar da docilidade demonstrada por Jesus, tive a sensação de que, submetendo-o às citadas medições antropométricas, tinha abusado daquele Homem. E ainda hoje o continuo a sentir...

Felizmente para mim, nenhum dos presentes se lembrou de me perguntar porque me empenhara naquela insólita – quase ridícula operação. A verdade é que, desde o princípio, gozava entre os adeptos do Rabi da fama de homem estranho e isto - não o sei muito bem pôde explicar talvez o meu comportamento singular naquela esplêndida manhã de quinta-feira, 6 de Abril.

O Mestre acabou de se vestir e, continuando com aquele bom humor, juntou-se ao grupo de amigos que o esperavam para a refeição da manhã.

Filipe pôs-se a distribuir o pão - ainda quente - que nos trouxera o rapaz e as mulheres distribuíram as tigelas de leite. No cesto havia também muito grão tostado, figos secos e uma jarra de barro, cheia das

famosas passas de Corinto. Tudo aquilo, oferta da família de João Marcos ao Mestre e ao Seu grupo.

O próprio João se encarregou de abrir a jarra e, radiante de satisfação, derramou um bom punhado daquele fruto negro e brilhante nas palmas da mão de Jesus. Depois, seguindo as instruções do Galileu, foi distribuindo o resto das passas por quantos se encontravam no jardim.

Aquela refeição matutina decorreu num ambiente descontraído. Os apóstolos pareciam um pouco mais serenos que na noite anterior, ainda que alguns - como Pedro, Tomás e o Zelota - não tardassem a descobrir que faltava Judas. Contudo, pelos comentários que pude apanhar, os discípulos atribuíram o fato às habituais obrigações de Judas Iscariotes como administrador geral do grupo e, mais concretamente, aos pormenores da preparação da festa da Páscoa. Nenhum dos que ali estavam reunidos sabia, ao certo, onde e como o Mestre a pensava celebrar. Na minha opinião, e à vista dos graves acontecimentos que se iam desenrolando, por causa da determinação do Sinédrio em prender Jesus, o tema da Páscoa também não os preocupava excessivamente.

Pelas dez da manhã apareceu no acampamento José de Arimatéia.

Acompanhava-o um dos seus servos. Ao vê-lo, o Nazareno convidou-o a
sentar-se junto do grupo. Mas José recusou amavelmente, dizendo que precisava de Lhe falar a sós.

O Mestre levantou-se e ambos se afastaram uns passos, até se deterem junto ao muro da cuba de pedra destinada a lagar de azeite. José de Arimatéia com semblante sério, gesticulava, expondo ao Galileu o que eu já sabia sobre os planos de Judas.

Felizmente, nenhum dos discípulos conseguiu escutar o tema da conversa do ancião e do seu Mestre. Este ouviu-o sem se perturbar. E quando José acabou de falar, agarrou-lhe o braço, iniciando ambos um breve passeio ao longo do muro de pedra.

Durante quinze ou vinte minutos, Jesus dialogou com o demitido membro do Sinédrio. Naquela mesma noite - já madrugada – de quinta-feira, José me revelaria as palavras que lhe dirigira o Mestre durante aquele breve encontro no acampamento. A súbita chegada de José de Arimatéia e a misteriosa troca de impressões com o Rabi não passaram despercebidas aos discípulos. Todos imaginaram razões quanto ao motivo daquela visita. E a maioria acertou...em parte. Murmurando entre si, os apóstolos opinavam que alguma coisa de grave estava para acontecer e que essa alguma coisa tinha muito a ver com a prisão do Mestre e com a possível desintegração do movimento em que participavam. E as suas almas voltaram a ficar na dúvida.

Terminada a conversa, José dirigiu-se a uma das tendas, trocando umas quantas palavras com David Zebedeu. Por último, e depois de se despedir de todos, afastou-se na direção de Jerusalém.

Jesus, que tinha voltado para o grupo, à espera em volta da fogueira, parecia um pouco mais sério. E antes que alguém resolvesse fazer perguntas, pediu aos homens e às mulheres que O acompanhassem. Pelas dez e meia, o grupo completo - constituído por umas cinqüenta pessoas - começou a subir a encosta do monte das Oliveiras. Eu, que ficara para trás , avisei Eliseu da direção que o grupo seguia, prevendo a aproximação da zona de segurança do módulo. Ao chegar ao cimo do monte, o Nazareno rogou aos amigos que se sentassem e ouvissem as Suas palavras. Felizmente, a nave encontrava-se muito mais a norte.

Havia tanto inquietação como expectativa nos olhares daqueles galileus. No fundo, só desejavam ter a certeza de uma coisa: que o Mestre tomara a decisão - como já fizera noutras ocasiões de se retirar da jurisdição da Cidade Santa, evitando assim as ameaçadoras castas sacerdotais. Mas não foi isto que escutaram, embora o Rabi fizesse algumas alusões ao poder terreal...

- Os reinos deste mundo - disse entre outras coisas - sendo, como são, materiais, podem considerar freqüentemente que é necessário empregar a força física para a execução das leis e manutenção da ordem. No reino do céu os crentes não recorrem ao emprego da força física.

- O reino do céu, sendo, como é, uma irmandade espiritual entre os filhos de Deus, pode promulgar-se unicamente pelo poder do espírito. Esta distinção de procedimento não anula, no entanto, o direito de os grupos sociais de crentes a manter a ordem nas suas fileiras e administrar disciplina entre os membros ingovernáveis e indignos. Não é incompatível ser filho do reino espiritual e cidadão do governo secular e civil. É dever do crente dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus... Não pode haver desacordo entre estes dois requisitos. A não ser esclareceu Jesus - que um César tente usurpar as prerrogativas de Deus e peça homenagem espiritual e que se lhe preste culto supremo. Nesse caso só deveis adorar a Deus, enquanto tentais iluminar esses dirigentes mal guiados. Não
deveis prestar culto espiritual, aos dirigentes da terra.

- Também não deveis empregar a força física dos governos terreais. Ser filhos do reino, do ponto de vista de uma civilização avançada prosseguiu Jesus, dirigindo-me uma significativa mirada deve converter-vos em cidadãos ideais dos reinos terrenos. A fraternidade e o serviço - não o esqueceis - são as pedras angulares do evangelho. O apelo do amor do reino espiritual deve provar que é efetivo na hora de destruir o instinto do ódio entre os cidadãos não crentes e guerreiros do mundo terreno. Porém, estes filhos das trevas, com mentalidade material, nunca saberão da vossa luz espiritual, a não ser que vos aproximeis deles. Por isso deveis ser honrados e respeitados entre os cidadãos e entre os dirigentes deste mundo. Esse serviço social generoso é apenas conseqüência de um espírito que vive na luz.

- Como homens mortais sois em verdade cidadãos dos reinos terrenos e deveis ser bons cidadãos e muito mais quando tiverdes voltado a nascer no espírito. Tendes, portanto, uma tripla obrigação: servir a Deus, servir ao homem e servir à fraternidade de crentes em Deus.

- Não adoreis os chefes temporais nem empregueis a força para o fomento do reino espiritual. Mas manifestai-vos num honrado ministério do serviço do amor, tanto aos crentes como aos não crentes. É, no evangelho do reino que reside o poderoso Espírito da Verdade. Eu verterei sobre vós esse Espírito de Verdade e os seus frutos serão poderosas alavancas sociais que elevarão as raças das trevas. Em verdade vos digo que este Espírito chegará a ser o vosso fulcro, com um poder multiplicador.

- Espalhai sabedoria e mostrai sagacidade nos vossos contatos com os dirigentes civis não crentes. Por meio da discrição, mostrai-vos peritos na altura de aplanar desacordos pouco importantes e resolver fúteis erros de entendimento. Procurai, por todos os processos leais, viver pacificamente com todos os homens. Sede sempre sábios como as serpentes e tão inofensivos quanto as pombas...

- Sereis melhores cidadãos se souberdes iluminar o vosso espírito com a verdade do evangelho. E os dirigentes nos assuntos civis melhorarão, como resultado desta crença no reino celestial.

- Enquanto os chefes dos governos terrenos procuram exercer a autoridade, como ditadores religiosos, vós - os que acreditais no evangelho - só podeis esperar problemas, perseguições e, mesmo, a morte...

Jesus fez uma pausa, deixando que aquelas últimas palavras flutuassem como um negro presságio.

- Mas eu vos digo - prosseguiu o Mestre num tom firme e esperançoso - que essa mesma luz que levareis ao mundo, e até o modo como padecereis por ela, iluminará finalmente por si mesma toda a humanidade e dará, como resultado, a separação gradual da política e da religião.

O Galileu voltou a fixar os olhos em mim. E continuou:

- A persistente pregação deste evangelho do reino conduzirá um dia as nações a uma nova e inacreditável libertação, a uma liberdade intelectual e à liberdade religiosa.

- Eu vos anuncio agora que, com as próximas perseguições dos que odeiam este evangelho da alegria e da liberdade, vós florescereis e o reino de Meu pai prosperará. Mas não vos enganeis. Correreis grave perigo quando, nos tempos posteriores, a maioria dos homens falam bem dos crentes no reino e muitos, mesmo, ocupando altos cargos, aceitem o evangelho. Aprendei a ser leais ao reino, mesmo em tempo de paz e prosperidade. Não tenteis os anjos que vos vigiam. Não os tenteis a levar-vos por caminhos semeados de dificuldades, como amante da disciplina quando vos deixeis arrastar pela moleza e a

vanglória. Recordai que deveis pregar este evangelho - o supremo desejo de fazer a vontade do Pai, junto com a alegria suprema na realização da fé de serem filhos de Deus - e não deveis deixar que nada desvie a vossa atenção. Fazei que toda a humanidade beneficie do extravasamento do vosso amante ministério espiritual, iluminando a comunhão intelectual e inspirando o serviço social. Mas nenhum destes humanitários labores deve ocupar o verdadeiro objetivo dos vossos corações: proclamar o evangelho. Não deveis procurar a promulgação da Verdade, nem estabelecer a honradez por meio do poder dos governos civis, como também não pela promulgação de leis seculares. Podeis trabalhar para persuadir as mentes humanas, mas nunca nunca - vos deveis atrever a impor-vos. Não esqueceis a grande lei da justiça humana que vos ensinei: o que desejardes que outros vos façam, fazei-o vós a eles...

- Quando um crente for chamado a servir o governo terreno, deixai que preste esse serviço como cidadão temporal do referido governo, embora tenha demonstrar todos os traços e sinais vulgares da cidadania. Estes foram realçados pela ilustração espiritual da enobrecedora associação da mente do homem mortal como o espírito divino que nele habita. Se o não crente chega a qualificar-se como um servidor civil superior, deveis perguntar-vos seriamente se as raízes da Verdade do vosso coração não morreram por falta das águas vivas da comunhÃo espiritual com o serviço social. A consciência de serem filhos de Deus deve acelerar toda a vida de serviço aos vossos semelhantes.

- Não deveis ser místicos passivos ou esvaídos ascetas. Não deveis tornar-vos sonhadores ou cata-ventos, caindo no cômodo letargo de acreditar que uma fictícia providência vos vai abastecer até do necessário para viver. Na verdade, deveis ser suaves nos vossos contatos com os mortais que se enganam. E pacientes nas vossas conversas com os homens ignorantes. E de sangue-frio ante a provocação...

- Mas também deveis ser valentes na hora de defender a honradez e fortes na promulgação da verdade e até audazes para pregar este evangelho do reino. E devereis chegar até aos confins do mundo...

- Este evangelho é uma verdade viva. Disse-vos que é como a levedura do pão e como o grão de mostarda. E agora vos declaro que é como a semente do ser vivo que, de geração em geração embora continue a ser a mesma semente viva, se desenvolve indefectivelmente em novas manifestações e cresce de forma aceitável, adaptando-se às necessidades peculiares e condições de cada geração. A revelação que vos fiz é uma revelação viva... O Galileu salientou estas duas últimas palavras com uma força indescritível.

- Uma revelação viva - disse -, e é Meu desejo que dê frutos apropriados a cada indivíduo e a cada geração, de acordo com as leis do crescimento espiritual. É Meu desejo que se incremente e tenha desenvolvimento. De geração em geração este evangelho deve mostrar

vitalidade crescente e maior profundidade de poder espiritual. Não se deve permitir que chegue a ser uma simples recordação sagrada, uma mera tradição sobre Mim ou sobre os tempos em que agora vivemos... Aquele olhar profundo e afiado como um punhal percorreu, um a um, todos os ouvintes. E, ao chegar a mim, Jesus repetiu:

- Não se deve permitir que chegue a ser uma simples recordação sagrada, uma mera tradição sobre mim ou sobre os tempos em que agora vivemos.

Depois, descendo a um tom mais calmo, prosseguiu:

- E não esqueceis que não dirigimos um ataque pessoal aos indivíduos nem à autoridade dos que se sentam na cadeira de Moisés. Apenas lhes oferecemos a nova luz, que eles repudiaram com tanto vigor. Se nos lançamos contra eles foi apenas pela sua deslealdade espiritual para com aquelas mesmas verdades que afirmam ensinar e salvaguardar. Chocamos com estes dirigentes estabelecidos e chefes reconhecidos apenas quando se opuseram diretamente à pregação do evangelho. E mesmo agora não somos nós que lutamos contra eles, mas sim eles que procuram a nossa destruição. Não estais aqui para atacar as antigas formas. Deveis pôr habilmente a levedura da nova Verdade no meio das velhas crenças. E deixai que o Espírito faça o Seu próprio trabalho. Deixai que venha a controvérsia,
só quando aqueles que vos desprezam a ela vos forcem. Mas, quando os não crentes vos ataquem intencionalmente, não hesiteis em vos manterdes numa vigorosa defesa da Verdade, que vos salvou e santificou.

- Recordai sempre: amai-vos uns aos outros. Não luteis com os homens, nem sequer com os não crentes mostrai misericórdia, mesmo com os que, desdenhosamente, abusem de vós mostrai-vos cidadãos leais, honrados artesãos, vizinhos merecedores de louvor, parentes devotos, pais compreensivos e sinceros na fraternidade do reino do Espírito.

- E eu vos asseguro que o Meu Espírito estará convosco agora e sempre até ao final do mundo...

Entre as horas sexta e nona (no nosso sistema horário atual poderiam ser as treze horas), Jesus deu por terminada a pregação. E foram os gregos que assistiam à reunião os que mais perguntas formularam. Do meu ponto de vista, aqueles gentios tinham assimilado melhor que os próprios apóstolos as intenções e ensinamentos do Mestre. Os onze quase não abriram a boca. E se tenho de julgar pelos seus comentários, enquanto descíamos para o acampamento, não conseguiam entender que relação podia existir entre os seus martírios, perseguições e morte - anunciadas pelo Rabi - e a inevitável propagação do evangelho por todo o mundo. Persuadidos como estavam, com exceção do jovem João, de que aquele reino de que falava Jesus tinha muito a ver com um sistema político que libertasse Israel do domínio

estrangeiro, também não conseguiam compreender que a difusão da verdade como o Mestre tinha pedido pudesse ser levada a efeito sem a promulgação de leis seculares.

As suas mentes, uma vez mais, tinham naufragado numa infinidade de especulações e de dúvidas. Para a maioria, as últimas frases do Rabi, sobre a destruição que os dirigentes judeus procuravam, foram interpretadas como uma grande tragédia que estava prestes a assolar o mundo. E, embora conhecessem a ordem concretíssima do Sinédrio de caçar Jesus, a sua fé nos poderes do Galileu era tal que resistiam a admitir que os sacerdotes pudessem tocar-lhe sequer. Em outros momentos, diziam uns aos outros no simples desejo de se tranqüilizarem o Mestre enganou-os. Porque não o faria agora...? É quase certo que aquela destruição a que Jesus se refere tem a ver com um cataclismo ou com o fim do mundo...

Estas impressões dos discípulos viram-se alimentadas pela atitude pessoal de Jesus naquela manhã. Salvo na breve conversa com José de Arimatéia, o Nazareno demonstrara um humor excelente... Se o Mestre temesse pela sua segurança, argumentavam com boa lógica, não assumiria uma atitude tão alegre e inconsciente... (Nesta altura da minha narrativa, quero realçar uma circunstância a que já mencionei mas que, dada a sua importância, acho que deve ser considerada novamente. O discurso de Jesus de Nazaré tivera a duração aproximada de pouco mais de duas horas. Referi unicamente as passagens que considerei mais interessantes. Pois bem, tal como se reflete no Novo Testamento, nenhum dos evangelistas conseguiu recolhê-lo com um mínimo de rigor e de amplitude. No máximo, nos textos evangélicos aparecem algumas frases ou sentenças, perdidas aqui e além e desvinculadas do que era na realidade um texto
uniforme e perfeitamente estruturado. Para mim, estas graves deficiências - repetidas, como disse, noutros capítulos – não são conseqüência de uma ação negligente dos escritores sagrados.

A única razão por que os Evangelhos Canônicos não foram eco destes ensinamentos é, na realidade, muito mais simples mas, nem por isso, menos lamentável: do meu ponto de vista pessoal, quando os evangelistas tentaram escrever a vida, obra e pensamento de Jesus passara já o tempo suficiente para que a maioria dos seus ensinamentos não pudesse ser recordada textualmente. Se não fosse o meu sistema de filmagem-gravação, também eu não teria sido capaz de memorizar o que tinha ouvido. E tenho de insistir em algo que não consigo compreender: por que motivo nenhum daqueles discípulos se preocupou em ir tomando notas do que via e escutava? Desta forma tão elementar, disporíamos hoje de uma visão muito mais ampla e certa do que disse e fez o Mestre da Galiléia.)

Para mim, a nível pessoal, algumas das afirmações de Jesus naquela inesquecível manhã no cume do monte das Oliveiras revestiram-se de grande importância. Por exemplo, nunca pude

esquecer as suas alusões à esperança: ...A persistente pregação deste evangelho tinha prometido, conduzir um dia as nações a uma nova e inacreditável libertação...

Quanto eu ansiei por ver cumprida tal afirmação! No entanto, ainda hoje, essa maravilhosa realidade parece muito distante... Se Jesus foi capaz de vaticinar - quarenta anos antes! - a total destruição de Jerusalém pelas legiões de Tito, porque iria enganar-se naquela outra profecia?

Também me desconcertou a recomendação sobre a forma como devia ser promulgada a Verdade. Não deveis procurar assegurou, a propagação desta Verdade por meio de leis seculares. E uma pungente dúvida me ficou no coração, teria aprovado o Filho do Homem o intrincado emaranhado de leis, normas e códigos que regeram e continuam a reger os destinos das igrejas e que, no fundo, não são mais que uma asfixiante burocracia secular, dissimulada em pretextos espirituais e sagrados, mais ou menos claros?

Mas a minha missão não era fazer juízos, mas sim observar e prestar testemunho. A quem possa ler este diário, peço que me desculpe...

Quando entramos no acampamento, David Zebedeu tinha a comida pronta. Notei que estava nervoso e mal-humorado. Num primeiro momento, atribuí-o ao nosso atraso. Normalmente, aquele almoço - a meio do dia - costumava ser por volta das doze. O aborrecimento de Zebedeu, pensei, está mais que justificado.... Mas, era devido à demora do grupo...

Fomo-nos acomodando em redor do fogo e as mulheres começaram a servir: guisado à base de lentilhas aromatizado com pedacinhos de cominho negro e coentros (1), espigas frescas passadas levemente pelo lume ou grão tostado (proporcionado por João Marcos) e uma dose de requeijão, feito pelas mulheres com leite de cabra. E, como complemento, além do vinho, tortas de farinha, amassadas naquela mesma manhã, à base de água e sal. O processo utilizado pelas mulheres do acampamento na cozedura daquelas tortas, de uns doze centímetros de diâmetro, era muito singular. Pelo menos para mim. Empregavam um forno - se é que lhe podemos chamar assim -, que consistia num grande jarro, perfeitamente coberto de barro por fora. Era firmado no solo e dentro acendia-se o fogo. Quando a chama aquecera devidamente as paredes do jarro, as mulheres apagavam o fogo, pegando então as tortas à superfície interior do forno. Em geral comiam-se quentes. Mas quando Jesus e os discípulos chegaram ao jardim, as tortas havia muito que tinham arrefecido. Alguns dos comensais, no entanto, remediaram aquele contratempo salpicando-as de mel.

* Os coentros ou Coriandrum sativum das umbelíferas, são o fruto mais conhecido no Ocidente por coriandro, por causa do forte cheiro a percevejos que larga quando colhido recentemente. Uma vez seco,

torna-se muito aromático. O utilizado pelos Israelitas era amarelado e do tamanho do grão da pimenta. É menos excitante e afrodisíaco que o cominho. Segundo pude comprovar, muitos hebreus misturavam este último com mel e pimenta, tomando-o duas vezes ao dia. Isto, segundo me disseram, excitava-os sexualmente. (N. do M.)

Jesus mal provou o guisado de lentilhas, dedicando a sua atenção ao requeijão e à sua preferida ração de passas sem sementes...

A meio do almoço, Judas apareceu no acampamento. Ninguém se surpreendeu. Apenas Jesus, David Zebedeu e eu o seguimos com o olhar. Judas Iscariotes, de olhos baixos, pegou numa das escudelas de madeira, servindo-se de uma generosa ração de lentilhas.

E no mesmo silêncio com que entrara no jardim assim se retirou e se isolou, sentando-se entre as raízes de uma das oliveiras mais próximas. Durante um bom pedaço, o traidor concentrou a sua atenção na comida. Uma vez terminada, e enquanto procedia ao palitar dos dentes com uma palha, levantou os olhos para o céu, na direção do sol. (Suponho que procurando averiguar o que restava da luz.) E ali continuou, atento a todos e a cada um dos movimentos do Galileu e dos Seus mais chegados.

Devia faltar uma hora para as três da tarde, quando David Zebedeu - cada vez mais inquieto - se levantou e praticamente puxou por Jesus, caminhando com Ele na direção das tendas. Falaram uns minutos e observei como o Mestre lhe respondia, ao mesmo tempo que levantava a mão esquerda, como que procurando tranqüiliza-lo. Judas, impassível, seguia a cena, sem se mover do seu lugar.

Quando David voltou para o grupo, procurei interrogá-lo:

- Que tens? - perguntei-lhe, baixando o tom de voz, de modo a não ser ouvido pelos outros.

- Os meus homens em Jerusalém - explicou-me, com desespero trouxeram-me más notícias... Começava a compreender do que se tratava e qual era, na verdade, o motivo da progressiva agitação do discípulo.

- Seguiram Judas e, tal como me haveis avisado, os planos para prender o Mestre estão quase preparados. Será hoje. É provável que depois do pôr do Sol. O capitão da guarda do Templo está furioso com a fuga de Lázaro e incitou Judas Iscariotes para que a prisão seja consumada.

- Sabeis onde será?

- Não. Tudo o que sei é que não podemos perder de vista aquele bastardo... - resmungou David, cravando o olhar em Judas.

- E que disse Jesus?

Zebedeu encolheu os ombros, e dando ainda provas da evidente surpresa que lhe causara a resposta do Galileu, comentou:

- Pediu-me que não falasse disto a ninguém, mas a ti sim posso dizer-to, uma vez que já sabes... Sim, David, respondeu-me sei tudo. E

sei que tu sabes, mas cuida de nada dizeres a ninguém. E, quando tentava persuadi-lo a que fugisse, declarou: Não duvides de que a vontade de Deus prevalecerá no final. Juro-te, Jasão, que não consigo compreendê-Lo. Se Ele quisesse, agora mesmo poríamos ao Seu serviço mais de uma centena de homens armados que O escoltariam e defenderiam até chegar a Pereia...

Coloquei as mãos nos seus ombros, tal como vira Jesus fazer, e tentei animá-lo com o olhar. Porém, a tristeza daquele homem era muito mais profunda do que eu podia supor.

A súbita chegada de um dos correios arrancou David dos seus sombrios pensamentos. Acompanhei-o até à tenda dos homens e ali, na presença de Zebedeu, o emissário – que vinha de Filadélfia - leu uma mensagem de Abner. Até àquela remota cidade oriental tinham chegado também os insistentes rumores sobre uma conspiração para matar o Mestre e ele pedia instruções. Devia mobilizar-se com toda a suas pessoas e dirigir-se a Jerusalém?

O Zebedeu leu a carta e imediatamente procurou o Galileu. Este, uma vez conhecida a notícia do homem que dava proteção a Lázaro, transmitiu a David:

- Diz a Abner que continue com o seu trabalho. Se me despeço de vós em carne é porque posso voltar em espírito. Não vos abandonarei. Estarei convosco até ao final.

Outro mensageiro partiu a correr para Filadélfia e eu aproveitei a oportunidade para perguntar ao Zebedeu pela mãe de Jesus. Era quase a hora nona (as três) e Maria e os seus familiares ainda não tinham dado sinais de vida. Como disse, a possibilidade de me encontrar frente a frente com a mãe do Galileu fora excitando o meu espírito, enchendo-me de curiosidade. Como era realmente aquela mulher? Teria o aspecto que nos dá a tradição pictórica universal? Que havia ao certo sobre todas aquelas virtudes e qualidades que tinham sido constantemente louvadas pelos investigadores e estudiosos mariológicos?

David não pôde satisfazer a minha dúvida. O caminho desde Betsaida, na Galiléia, a cerca de seiscentos estádios (perto de cento e dez quilômetros), representava um esforço considerável, principalmente para um grupo em que viajavam várias mulheres. Tinha de se esperar.

Assim que David se retirou da presença de Jesus, logo Filipe, o chefe da intendência, se aproximou do Mestre para Lhe perguntar:

- Uma vez que se aproxima a hora da Páscoa, onde queres que preparemos a ceia?

O Galileu respondeu-lhe:

- Vai procurar Pedro e João e eu vos darei as instruções para a ceia que comeremos juntos esta noite. Quanto à Páscoa, dela vos falarei depois da ceia...

Este assunto tinha muito interesse para Judas. E, levantando-se, começou a caminhar na direção de Jesus com o propósito - suponho de averiguar onde e a que hora ia celebrar-se a ceia daquela quinta-feira.

Mas o Zebedeu – que não o perdera de vista - compreendeu as tenebrosas intenções de Judas Iscariotes e, com um admirável reflexo, interpôs-se no caminho do traidor entretendo-o.

Judas, nervoso, viu como Filipe, Pedro João e o Mestre se separavam do grupo, entrando numa das tendas isoladas. Poucos minutos depois, os três apóstolos saíram do abrigo e sem fazerem o menor comentário, abandonaram o jardim, seguindo ladeira abaixo.

Por um momento hesitei. Que devia fazer? Juntava-me ao grupo dos apóstolos que acabava de sair do acampamento ou continuava junto do Mestre? David ia entretendo Judas Iscariotes que, com o rosto desolado mas sem perder o sangue-frio, parecia resignado à sua sorte.

* A rota utilizada habitualmente naquela época, a partir da localidade de Betsaida (Bethsaide Julias) até Jerusalém forçava a passar pelas povoações de Kursi e Hippos, na margem oriental do lago de Genesaré G daros e PéLa e, dali, seguindo
a margem do rio Jordão , chegava-se a Bethabara, na região de Pereia e por último, Jericó, Betânia e Jerusalém. A outra rota - a que atravessava pelo centro da Samaria - não era muito recomendável, dados os contínuos conflitos entre os habitantes da Judéia e Galiléia e os Samaritanos. (N. do M.)

Deixei-me guiar pelo instinto e, dissimuladamente, fui atrás de Filipe e dos seus companheiros. Alcancei-os quando atravessavam para o outro lado do Cédron, ladeando a muralha sul-oriental da Cidade Santa, em direção à Porta dos
Essênios. Ao verem-me, os discípulos mostraram-se um tanto surpreendidos. Mas tentei dissipar os receios, comentando-lhes que - uma vez que se aproximava a festa pascal tinha intenção de agradecer a hospitalidade do Mestre, entregando-lhe uma oferta (1).

- Vi-os seguir para Jerusalém - disse-lhes - e pensei que esta era uma boa ocasião para lhes pedir um conselho...

Só João - melhor observador e mais sensível que os seus amigos se comoveu com aquele meu gesto. E, agarrando-me pelo braço, perguntou-me:

- E que pensaste oferecer-lhe?

- Talvez uma nova túnica - improvisei.

- Não é má idéia - meditou em voz alta -, mas, talvez fosse mais prático que comprasses um manto... Ele gosta muito da sua túnica. Já pensaste que foi confeccionada à mão e sem costuras...

Disse-lhe que me parecia uma excelente idéia e que, se dispusessem de uns minutos, me acompanhassem e recomendassem um bom mercador de panos.

Pedro interveio e num tom brusco - como se estivesse de mau humor - revelou o que, precisamente, eu desejava saber:

- Espera, Jasão. Agora não pode ser. O Mestre incumbiu-nos de um assunto um tanto estranho...

Na sua voz adivinhei aquela quase genética incapacidade para compreender muitas das ações de Jesus.

- Temos de ir até às portas da cidade e procurar um homem - exclamou com ironia - com um cântaro de água... Imaginem! Com milhares de peregrinos em Jerusalém...

João censurou-lhe a pouca fé.

- Se o Mestre nos disse que ao passar as portas encontraremos esse homem com o cântaro, nada mais há a dizer. Mas tens de concordar - tentou conciliar Filipe - que Pedro tem razão. Não teria sido mais fácil e prático que Jesus
nos tivesse dado a direção da casa onde deseja cear esta noite ou o nome do seu proprietário? Porquê tanto mistério?

Que necessidade há de tanto enigma? Sorri só para mim, recordando o texto evangélico onde se narra este episódio. Teria sido interessante que os escritores sagrados mencionassem aquele diálogo entre os discípulos e que retratava maravilhosamente a fé cega de uns e as dúvidas lógicas de outros. (Tem de se considerar a possibilidade de, com o passar dos anos, nem Pedro nem Filipe desejassem que a incipiente comunidade cristã viesse a saber da sua fraqueza de espírito. O que é muito humano e compreensível.)

* O costume judeu daquela época estabelecia que, para se cumprir o preceito de se estar alegre pela Páscoa, era aconselhável fazer ofertas, tanto aos amigos como aos familiares e, principalmente, às mulheres. E ainda que não fosse este o meu caso, dada a minha condição de gentio, considerei aquele pretexto muito adequado aos meus fins. (N. do M.)

Os três homens continuaram entregues àquela discussão, até chegarem ao umbral da grande Porta dos Essênios, de frente para o vale do Hinnon. Àquela hora da tarde as pessoas que entravam e saíam de Jerusalém eram suficientemente numerosas para desalentar quem tentasse localizar um homem com um cântaro de água.

De repente, naquele confuso movimento de gente, João chamou-nos a atenção para um grupo de mulheres que saíam da cidade. Duas levavam cântaros à cabeça. As outras possivelmente lavadeiras - com grande destreza, equilibravam à cabeça cestos de vime cheios de roupa. Mas Pedro, cada vez mais desalentado, observou ao jovem discípulo que se tratava de mulheres e que, além disso, iam na direção oposta que lhes indicara o Rabi.

Ao passarem o arco de pedra da gigantesca porta os três apóstolos pararam diante das primeiras casas do Bairro Batxo. E, durante uns minutos, entregaram-se a inspecionar quantos passavam por ali. Não precisaram de muito tempo para descobrir, à direita da Porta dos Essênios, um homem que estava sentado e com as costas

apoiadas à muralha. A seu lado havia um cântaro de quase meio metro de altura dos que eram usados habitualmente para ir buscar água às fontes situadas perto de Jerusalém.

Os discípulos olharam-se em silêncio e João, sorridente e resoluto, avançou até ficar a dois metros do homem. Filipe seguiu-o e Pedro, ainda hesitante, acabou por se juntar aos seus amigos, negando sistematicamente com a cabeça.

Nem João nem os outros chegaram a abrir a boca. Quando o homem que parecia estar farto de esperar os viu, imóveis e com os olhos nele, esboçou um sorriso e, sem mais palavras, levantou-se, agarrando no pesado cântaro. Em seguida, e com o recipiente bem apoiado na anca esquerda, pôs-se a andar, apressadamente. Pedro, em silêncio e de olhos baixos, tinha corado de vergonha.

Em questão de minutos, a misteriosa personagem levou-nos pelas íngremes e apertadas vielas da zona meridional de Jerusalém até uma casa de dois pisos, situada muito perto da residência de Anás, o ex-sumo sacerdote e sogro de Caifás.

À porta daquela mansão, quase tão luxuosa como a de José de Arimatéia, esperava alguém que era conhecido de todos: o pequeno João Marcos!

Pelo que parecia, não fui o único a ficar surpreendido. Os três discípulos, ao verem o adolescente, entreolharam-se, adivinhando então as intenções de Jesus. Pela minha parte, o aparecimento, considerado milagroso, do encontro com o homem do cântaro, começava a ter uma explicação mais racional. Embora naqueles instantes não dispusesse de provas suficientes, um pressentimento começou a insinuar-se em mim. Não teria o Mestre dado instruções a João Marcos, durante o longo passeio de quarta-feira, para que um membro da sua família - talvez um servo - fosse a uma determinada hora às portas de Jerusalém levando um cântaro de água?

Se não fosse assim, como explicar a presença do rapaz, justamente no degrau da porta onde se deveria celebrar o que ia ser conhecido pela última ceia? Aquela hipótese foi ganhando terreno no meu subconsciente. O férreo mutismo do jovem às perguntas dos discípulos e a extrema prudência do Mestre no momento de indicar o lugar onde desejava encontrar-se com os mais íntimos.

Jesus de Nazaré estava a par da conspiração que Judas protagonizava, bem como das suas manobras para facilitar a captura. Era lógico que, se o Galileu não desejava ser incomodado no decorrer da ceia, tomasse as necessárias medidas de precaução. E aquela manobra, evidentemente, fazia parte do plano.

O jovem Marcos levou-nos ao interior da casa, apresentando-nos a seus pais, Elias e Maria. A família – pelo que pude averiguar - era aparentada com a de Jesus, comungando plenamente nos seus ensinamentos. Filipe, como responsável pela preparação da ceia, pediu

a Elias Marcos que lhe mostrasse o local escolhido e o restante dos preparativos.

Prudentemente, e uma vez que o rapaz se encontrava ali, abstive-me de formular perguntas aos donos da casa. No entanto, depois de verificar que a ceia teria seria no andar de baixo da mansão dos Marcos, as minhas dúvidas quanto ao acordo secreto entre Jesus e o filho deles ficaram praticamente dissipadas. Só restava que o rapaz ou os seus pais me confirmassem. Porém, isso aconteceria umas horas depois...

Me preparava para seguir Filipe e Pedro até ao primeiro andar, iniciando assim outra das minhas delicadas missões , confiadas pelo Cavalo de Tróia, quando, inesperadamente, João, o Evangelista, me propôs aproveitar aqueles minutos para visitar o bairro próximo dos tintureiros, satisfazendo assim o meu desejo de comprar o manto para o Mestre. Vi-me apanhado na minha própria armadilha e não tive outro remédio senão aceitar, simulando - ainda por cima - grande contentamento por aquela gentileza do discípulo.

O grêmio dos tintureiros, tal como João me anunciara ao sair de casa, ficava muito perto. Descemos por uma viela estreita, tão mal calçada quanto pestilenta, até desembocarmos num largo de pequenas casas de um piso, situado à sombra da muralha exterior e no extremo sul-oriental da cidade. As trinta casas eram, na realidade, tinturarias. João levou-me até uma delas, onde entramos, e que era propriedade de um velho amigo, um tal Malkiyas, hábil artesão e digno sucessor de uma antiga família de tintureiros.

E, sem que tivesse essa intenção, vi-me dentro de um piso térreo de seis por três metros, quase em completa escuridão , e num dos extremos vi dois grandes tanques de quase um metro de diâmetro por oito de altura. A seu lado tinham posto várias tinas pouco fundas e um banco de alvenaria. Nos tanques fora introduzido potássio e cal apagada, bem como uma pequena quantidade de índigo numa e bastante mais na outra. Cada tanque, tapada com uma tampa de pedra, que apresentava um pequeno orifício ou boca (com cerca de quinze centímetros) ao centro.

Por ali o amigo Malkiyas ia introduzindo os fios dos diferentes tecidos, tingindo-os. Numa das tinas, vários operários manipulavam grandes peças de pano mergulhando-as em banhos de púrpura e de escarlate.

(1) A julgar pela cor azul e pela sua forma, em blocos quadrados de 125 gramas de peso cada, aquela pasta tintureira devia ser uma das espécies de índigo da Índia, muito apreciada na arte de tinturaria. (N. do M.)

João expôs-lhes o meu desejo de fazer uma oferta a um amigo, pedindo-lhe que nos mostrasse alguns dos mantos mais bem acabados e prontos para serem vendidos. O chefe da tinturaria aceitou com gosto,

mostrando-nos uma grande variedade de roupões e de túnicas de lã e algodão, mantos para mulheres (muitos parecidos com o atual xale) e finas indumentárias de fio do Egito, todos eles tingidos nas mais variadas e sugestivas cores.

E, de repente, ao ver todas aquelas prendas, tive uma idéia. Procurei entre os tecidos mais delicados e apontando a João um manto de linho branco disse-lhe:

- Este... Gostaria de levar este...

O discípulo olhou-me com assombro e comentou:

- Mas, Jasão, este é um manto de mulher...

- Eu sei - respondi -, mas acabo de ter uma idéia melhor.

João respeitou o meu silêncio, e sem me fazer pergunta alguma sobre aquela mudança repentina, discutiu com o mestre artesão o preço do rico manto. Embora aquele tipo de operações comerciais estivesse proibido - uma vez que os tintureiros não podiam vender os seus produtos diretamente ao público – a amizade entre João e Malkiyas serviu para dar solução ao problema.

E cerca das quatro horas da tarde depois de irmos ao encontro de Filipe e de Pedro, e na companhia do jovem João Marcos, que quis se juntar a nós, retomamos o caminho de regresso ao acampamento de Getsémani. Na casa da família Marcos, tudo estava pronto para a ceia. As circunstâncias tinham-me impedido o acesso ao andar de cima e isso começava a preocupar-me. Era vital para o completo desenvolvimento da missão que eu pudesse entrar na referida sala, antes de ser ocupada por Jesus e pelos doze...

Ao ver-nos chegar, David Zebedeu se apressou em me interrogar, enquanto Pedro, Filipe e João comunicavam a Jesus que tudo estava preparado para a ceia.

O astuto David explicou-me que, dadas as circunstâncias, tinha sugerido a Judas que lhe entregasse algum dinheiro, com a finalidade de ir satisfazendo as necessidades do grupo.

- Para surpresa minha - acrescentou - aquele maldito não ofereceu resistência, e entregou-me a totalidade dos fundos líquidos e os recibos do dinheiro em depósito, me anunciou sem gaguejar: Tens razão. Creio que és o mais indicado... Está tramando qualquer coisa contra o Mestre e, no caso de me acontecer alguma coisa não serias incomodado por ninguém. , Vês isto Jasão? - comentou com desalento.

- Este cínico acaba de me confessar que teme pela vida de Jesus...

Aquele gesto de Judas - livrando-se de todo o dinheiro do movimento - mais ainda apoiou a minha suspeita de que o traidor não agia por avareza.

Pelas cinco da tarde, quando só faltava uma hora para o anoitecer, notei um movimento que não era habitual no acampamento. Filipe informou-me que o Mestre tinha pressa de seguir para Jerusalém. Os

apóstolos não conseguiam entender a razão por que o Mestre organizara aquela reduzida e insólita ceia, a que só podiam assistir os seus doze homens de confiança. Os comentários eram variados. O costume judaico estabelecia com grande rigor que o almoço pascal devia celebrar-se - uma vez sacrificado o obrigatório cordeiro ou cabrito no Templo - na véspera da Páscoa propriamente dita (1). Nesta ocasião a festa pascal caía ao sábado, pelo que era duplamente solene, como julgo ter comentado. Se a tradicional ceia religiosa tinha de se efetuar no dia seguinte, sexta-feira, 7 de Abril, e uma vez tendo anoitecido, era lógico que os discípulos se interrogassem sobre o misterioso banquete organizado para aquela noite de quinta-feira. Só alguns – João, Judas Iscariotes, naturalmente e David Zebedeu - tinham a intuição de que aquela ceia ia ser um ato muito especial, anterior à imediata e fulminante captura do Mestre.

Para mim, aquela pressa de Jesus em abandonar o jardim foi o sinal que me levou a retirar-me, antecipando-me ao grupo. Dadas as especialíssimas características da última ceia à qual, insisto, só podiam assistir Jesus e os seus doze apóstolos - Cavalo de Tróia considerara que a minha presença poderia quebrar o caráter íntimo que o Mestre pretendia. Era pouco ético, portanto, que eu me sentasse junto dos treze. Mas a missão não podia passar por alto um fato tão transcendente e significativo como aquele. Eu deveria recolher um máximo de informação sobre o que verdadeiramente ocorrera no andar superior da casa dos Marcos. E, para isso, o general Curtiss preparara uma solução intermédia, além das minhas indagações acerca dos protagonistas, a totalidade das palavras de Jesus e dos doze seriam recolhidas mediante um sensível e diminuto microfone, que eu deveria ocultar num lugar estratégico do cenáculo. (Dificilmente podia então supor que aquela minúscula maravilha da eletrônica – construída com grande apuro pelos especialistas da ATT (American Telephone and Telegraph), empresa norte-americana de exploração telefônica, para o nosso projeto – ia constituir uma das razões que aconselharam a Cavalo de Tróia uma segunda grande viagem, à época de Cristo...)

Depois de deixar nas mãos de Zebedeu o manto que tinha comprado na tinturaria de Malkyias, fui colher ramos de alfazema e lírios cor de amora e brancos que cresciam nas proximidades do olival. E andando, meti-me no caminho mais curto para Jerusalém, avisando o módulo de que me preparava para colocar o microfone e a vara de Moisés na casa de Elias Marcos.

* A festa da Páscoa judaica - também chamada hag ha-massot ou festa dos ázimos - era celebrada anualmente a 15 de Nisan, coincidindo com a lua cheia da Primavera. Naquele ano 30 esta data -15 de Nisan - calhou a um sábado, 8 de Abril. O cordeiro pascal era sacrificado na véspera (14 de Nisan) e era comido em família, logo que anoitecesse; quer dizer nesta sexta-feira, 7 de Abril. O Galileu celebrou, portanto, a

última ceia a 13 de Nisan ou quinta-feira, 6 de Abril. O mês de Nisan era o primeiro do ano judaico, correspondendo ao nosso Março ou Abril. (N. do M.)

O gentil e sereno chefe de família não se surpreendeu quando lhe anunciei que Jesus e os doze não tardariam a chegar e que, como prova da minha amizade e afeto pelo Mestre, desejava contribuir, adornando a mesa com aquele humilde mas aromático presente. O meu plano surtiu efeito e um dos servos – por indicação de Elias - acompanhou-me ao andar de cima.

Subimos por uma estreita escada de pedra e, ao abrir uma porta de duplo batente, o improvisado guia convidou-me a que o precedesse. Assim fiz, penetrando numa espaçosa sala retangular com pouco mais de vinte metros de comprimento por seis ou sete de largura. No centro fora colocada uma mesa baixa, em forma de U e de características muito parecidas com as que vira em casa de Simão, o Leproso. À volta encontravam-se treze divãs, orientados quase perpendicularmente à mesa. O que ocupava o centro, ou base do U, era um pouco mais alto que os outros. Deduzi imediatamente que aquele era o lugar destinado ao convidado de honra: quer dizer, a Jesus. Um dos divãs - muito semelhante a bancos de quatro pernas, mas sem braços nem encosto algum - era mais baixo que os restantes. Encontrava-se situado num dos extremos da mesa e, ao vê-lo, deduzi que o anfitrião tivera problemas para conseguir tantos divãs.

À esquerda da sala de jantar (tomando sempre como referência a única porta de entrada), e unidos praticamente à parede de tijolo - cuidadosamente reforçado à base de argamassa – contei três lavatórios de bronze, erguidos sobre o soalho em pés de madeira. Todos eles, curiosamente, munidos de rodas. Desta forma, aqueles recipientes - de quarenta centímetros de diâmetro e profundidade escassa - podiam ser deslocados comodamente para qualquer lado do aposento. Junto dos lavatórios, o dono da casa preparara várias jarras com água, bem como algumas bacias e panos para enxugar. A luz fraca que entrava pelas janelas estreitas – quase frestas - que se distribuíam ao longo das paredes, obrigara os servos a acender as candeias de azeite. Numa rápida exploração observei que as seis ou sete lamparinas encostadas às paredes, e a cerca de metro e meio do solo, não davam uma chama suficientemente grande para iluminar a sala com amplitude. O problema fora resolvido com um lampião quadrado, em cujo interior ardia mais azeite com uma mecha tripla de cânhamo. Este reforço, colocado na parte interior do U, e apoiado a pouco mais de um metro do chão por um pé de ferro forjado, belamente trabalhado, proporcionava à mesa e às suas imediações uma claridade generosa. Através das paredes de vidro - sutilmente tingidas de ouro -, a luz do lampião inundava e banhava de amarelo os divãs avermelhados e a branca e imaculada toalha.

Num dos extremos da mesa (o mais distante do lugar onde se encontravam os lavatórios rolantes), a criadagem colocara o pão, o vinho, a água e vários pratos com legumes. E, em cima, no lugar de cada convidado, treze pratos de fina cerâmica, decorados com estreitas bandas vermelhas e brancas, possivelmente traçadas a pincel pelo artesão. Junto da baixela, e para cada convidado, quatro taças de cristal de Sídon. A presença de tantos cristais fez-me pensar que Jesus pensava celebrar aquela ceia segundo o rito pascal.

Como única decoração, embelezavam a sala alguns tapetes vermelhos, pendurados estrategicamente nas paredes. À direita da porta, no canto do cenáculo a mãe do jovem Marcos pusera um discreto ornamento, à base de brilhantes ramos de oliveira e folhas de palma, firmemente espetadas num vaso com terra.

Depois daquela vertiginosa olhadela à casa, compreendi que o lugar ideal para esconder o microfone multidirecional era a base do lampião. Daquele ponto, eqüidistante de quase todos os discípulos, as vozes podiam chegar com nitidez até ao sensível receptor. Mas, ao voltar-me para a porta, a presença do criado que me acompanhava fez-me desistir dos meus propósitos. Tinha de ficar sozinho, ainda que fosse unicamente por dois minutos...

De repente, notei que ainda tinha as flores na mão esquerda e, entregando-as ao servo, pedi-lhe que as colocasse numa jarra. O bom homem não entendia bem o grego e tive de me exprimir por sinais. Por fim, pareceu entender-me e afastou-se, escadas abaixo, com o fim de satisfazer o meu pedido.

Sem perder um segundo tratei do microfone, ajoelhando-me junto do lampião. Felizmente, a base era igualmente de ferro e o dispositivo magnético agarrou-se imediatamente. As franjas que pendiam da lanterna formaram uma camuflagem excelente. Recuei, saindo do centro da mesa e, dirigindo-me rapidamente ao divã que, provavelmente, seria ocupado pelo Galileu, recostei-me nele, estabelecendo contato com a nave. Eliseu respondeu imediatamente. Durante uns segundos dirigi a minha voz - em diferentes níveis de intensidade para o lampião, situado a pouco mais de três metros da curvatura do U. Repeti depois as provas de som dos dois extremos da mesa.

Eliseu verificou as recepções, anunciando-me que o som chegava cinco por cinco (1).

Um pouco mais seguro, coloquei-me então no canto onde Marcos dispusera o adorno floral. Em minha opinião, aquele era o único canto de onde seria possível uma completa filmagem da ceia. Mas, ao examinar a posição da única lente capaz - neste caso - de registrar os acontecimentos, verifiquei que existiam dois obstáculos que dificultavam a filmagem, de um lado, as folhas de palma ocupavam a maior parte do campo visual. Do outro, embora não houvesse aquele

inconveniente, o lugar que o Mestre tinha de ocupar ficava parcialmente oculto pelo lampião central.

Tratei de me acalmar e, tomando de novo a vara, esquadrinhei toda a sala. Logo desisti. Não tinha uma só zona onde apoiar o cajado com garantias de uma filmagem correta sem que levantasse suspeitas. Desalentado, dirigi-me então para o ponto que escolhera em princípio, com o fim de colocar a vara de Moisés atrás dos ramos e palmas. Pelo menos, disse para comigo, será filmado o local e algumas das personagens.. A minha missão, neste caso, era simples: bastava que apertasse no prego que ativava o mecanismo.

Uma vez terminada a ceia, e se não surgisse algum impedimento, era tudo questão de subir novamente e de retirá-la.

Mas, quando me faltavam só uns passos para chegar ao canto, o servo apareceu na sala, anulando as minhas intenções. Trazia na mão um pequeno jarro de barro, e lá dentro, as minhas flores. Tive de forçar um sorriso. Depois, quase como um autômato coloquei-o em cima da mesa, em frente do prato e das taças dedicadas ao Nazareno.

Profundamente contrariado, abandonei aquele histórico lugar. Já me preparava para me despedir da família de Marcos quando o rude e áspero som das cornetas do Templo anunciaram o final do dia. A minha intenção era esconder-me nas proximidades da casa e esperar a chegada de Jesus e dos discípulos. Deste modo poderia controlá-los e, principalmente, manter-me a par dos movimentos de Judas. Mas a hospitaleira família não me deixou partir. Elias pediu-me que aceitasse um copo de vinho e que, se não alterava assim os meus planos, continuasse na sua companhia até ao regresso do grupo a Getsémani. O pai de Marcos conhecia a decisão do Rabi sobre a ceia, ninguém - com exceção dos treze - deveria participar na refeição pascal. Nem sequer haveria servos. E ainda que eu me apressasse a recordar-lhe aquele desejo do Mestre, o bom homem insistiu em que não era preciso que eu estivesse presente no andar de cima. Podia satisfazer o meu apetite e, de passagem, abrigar-me no andar de baixo ou no pequeno jardim contíguo à casa.

Refleti e aceitei. Talvez fosse aquela a localização ideal para a minha missão. Apesar de tudo, do andar inferior e, mesmo do pátio era possível seguir os movimentos todos que subissem ou descessem do cenáculo. Aquele amável convite permitiu-me, além disso, descobrir outro dado curioso, o resumo da última ceia. De acordo com os costumes judaicos, a refeição pascal era constituída por um prato único – o cordeiro ou cabrito - guarnecido e acompanhado por uma série de verduras, igualmente obrigatórias. Maria Marcos preparara vários pratos com alface, cerefólios aromáticos (com um suave perfume parecido com o anis), um cardo chamado eringe ou eríngio e as imprescindíveis ervas amargas, tudo isto, sem ferver nem cozer, tal como prescrevia a lei.

Quando lhe perguntei como se preparava o cordeiro, a matrona levou-me ao jardim, mostrando-me brasas de madeira de pinho, dentro de uma fogueira delimitada por grandes pedras de rio.

Um dos criados velava para que o fogo não se apagasse, enquanto dois outros preparavam o cordeiro que não pesaria mais do que oito ou dez quilos. Com uma destreza admirável, os criados cortaram-lhe as pernas e extraíram a totalidade das vísceras. Depois, meteram tudo aquilo - perfeitamente esfolado e purificado com água - no bucho do cordeiro. Um dos homens pegou brotos de alforva, louro e pimenta, acabando de encher o animal sacrificado. Depois, fecharam o ventre do cordeiro com ramos de alecrim, dispostos em volta da peça.

O segundo servo introduziu então um comprido e sólido pau da romanzeira pela boca do cordeiro, atravessando todo o corpo e fazendo-o sair pelo ânus.

Uma vez preparado deste modo, as pontas da vara de romanzeira foram colocadas em forquilhas de ferro, firmemente cravadas na terra. E deu-se começo a um lento e meticuloso assado. Seguindo um antigo ritual, antes dos criados colocarem o cordeiro sobre as brasas, o pai de família dirigiu o seu olhar para o céu, verificando que nos encontrávamos entre duas luzes, tal como se determina no Êxodo (12,6). O banquete fora completado com alhos porros, ervilhas, pão ázimo e, como sobremesa, nozes, amêndoas torradas e uma torta sem levedura, à base de figos secos.

Com o fim de aliviar o sabor das obrigatórias ervas amargas, a mãe do pequeno João Marcos tinha uma deliciosa compota ou marmelada - chamada jaroset - preparada à base de vinho, vinagre e frutas moídas. O vinho (os convidados deviam beber, no mínimo, quatro taças, previamente misturadas com água) era proveniente do Monte de Simeão, de grande prestígio em Israel.

Pelas seis e meia, o benjamim dos Marcos entrou dentro de casa em grande correria. Ofegante e suado, comunicou ao pai que o Mestre estava já perto da mansão...

A alegria da família ao receber o Galileu e os apóstolos não teve limites. E, durante largos minutos, a confusão foi completa. Maria Marcos subia e descia constantemente, enquanto a criadagem tratava dos últimos pormenores da ceia. Os discípulos - por conselho de Jesus - foram subindo as escadas, a caminho do andar de cima. Conforme pude apreciar, não faltava nenhum. Judas num mutismo completo, seguiu os seus companheiros, enquanto o Rabi conversava com a família. A julgar pelos Seus alegres comentários sobre o carneiro, continuava de excelente humor. Nada parecia perturbá-lo. No entanto, e a partir daquele momento, eu devia manter-me em alerta total. Judas Iscariotes, por fim, soubera do local onde ia celebrar-se a misteriosa ceia e os seus pensamentos só podiam estar entregues àquilo que para ele era imperioso, sair de casa de Marcos e correr ao Templo para pôr em andamento a operação de prisão do Nazareno. Às sete, Jesus retirou-se,

dirigindo-se ao cenáculo. O seu semblante continuava a transmitir grande jovialidade.

A partir daquele instante, coloquei-me no vão da porta que dava para o jardim, montando guarda a poucos metros da escada que subia para o primeiro andar.

Dali a pouco, o prestativo João Marcos - por indicação de seu pai trouxe-me um pequeno tamborete. Sentei-me e ele fez o mesmo, observando-me em silêncio. Comi lentamente o prato de peixe cozido que me servira a dona da casa e, sem muitas esperanças de êxito, comecei a interrogar o rapaz. Mas João, apesar de muito novo, possuía um profundo sentido da lealdade e, acima de todas as coisas deste mundo, amava Jesus. Assim as minhas perguntas falharam, uma atrás da outra, ante o obstinado silêncio do rapazinho. Quando, por fim, me atrevi a expor-lhe a minha teoria sobre a sua combinação secreta com o Rabi, em relação ao homem do cântaro de água e aos outros planos sobre a ceia, João Marcos empalideceu. E num impulso, levantou-se, fugindo para o fundo do jardim.

Sem querer, a sua atitude denunciara-o. Mas não quis forçar a situação. Mais ou menos na altura em que se iniciava a ceia, Tiago e Judas de Alfeu - os gêmeos - apareceram na escada. Pus-me de pé. Mas, ao vê-los entrar no pátio e pegar na bandeja de madeira onde estava o cordeiro – previamente trinchado - tranquilizou-me. Tinham o olhar grave. E a curiosidade voltou a assaltar-me. Que estava acontecendo lá em cima? Por que aquela sombra de angústia nos rostos dos irmãos, habitualmente risonhos? A constante presença da família Marcos impediu-me de consultar o módulo, e optei por me acalmar. Teria tempo para desvendar aquele mistério. João Marcos, um pouco mais calmo e sorridente, levou-me o prato.

Procurei mostrar-me amistoso, trocando o meu anterior tema de conversa por outro mais caloroso. Desta forma - fazendo de Jesus o centro das minhas palavras - o rapaz esqueceu os seus receios, demonstrando-me o que eu já sabia: que a sua paixão pelo Mestre não tinha limites e que, se fosse preciso, ele seria o primeiro a oferecer a sua vida pelo Rabi, segundo disse.

Conforme ia avançando a noite, sem o poder remediar também o meu nervosismo ia aumentando. Até que, finalmente, pelas nove vi descer Judas. Evidentemente, ia com pressa. E, sem sequer nos olhar, abriu o portão da entrada, saindo de casa.

De um salto, corri à porta e observei como se afastava precipitadamente. João Marcos, alarmado com a minha súbita atitude, perguntou se acontecera alguma coisa. Se as minhas suspeitas eram corretas, Judas Iscariotes encaminhava-se para o Templo. Aquilo significava que eu perderia a sua pista imediatamente. Era preciso atuar com rapidez e inteligência. E, de repente, encarando o rapaz, ocorreu-me uma solução.

- Conheces a casa de José, José de Arimatéia? - perguntei-lhe, tentando não o alarmar. João Marcos assentiu.

- Pois bem, corre até lá e diz a José que vá imediatamente ao Templo. É importante que ele ou Ismael encontrem Judas...

Sem perguntar nem fazer o menor comentário, o rapaz – que percebera a minha preocupação - correu rua abaixo, na direção da piscina de Siloé.

Assim, sem que Judas Iscariotes percebesse, iniciei uma tenaz perseguição ao traidor.

Aquelas horas da noite, o número de transeuntes diminuíra sensivelmente. Com muita dificuldade, ajudado mais pelo luar que pelas míseras e mortiças candeias de azeite das ruas, pude seguir os passos apressados do judeu até um casebre, quase nos limites do Bairro Baixo com a Cidade Alta. Ali, Judas entrou na casa, saindo poucos minutos depois na companhia de outro indivíduo. E ambos se dirigiram então para a muralha ocidental do Templo.

Quando cheguei ao Átrio dos Gentios vi como Judas Iscariotes e aquele que o acompanhava se afastavam pelo solitário terreno, a caminho das escadarias que rodeavam o Santuário. Alguns dos vinte e um guardas que montavam o habitual serviço de vigilância em volta do Templo vieram cortar-lhes o caminho.

Dialogaram uns segundos e, imediatamente, dois dos levitas os acompanharam ao interior do Templo.

Obviamente, terminou ali o meu trabalho. E, confiando que tanto José de Arimatéia como Ismael, o Saduceu, soubessem interpretar a minha mensagem, indo o mais cedo possível ao Templo para poderem espiar os movimentos de Judas, dei meia volta, tentando orientar-me para voltar a casa dos Marcos.

Preocupado com Judas Iscariotes não reparei que entrava numa viela solitária sem iluminação. De repente, da minha esquerda, apareceu um vulto que me barrou o caminho. Fiquei paralisado pelo susto. A Lua iluminou então um indivíduo de baixa estatura e cerrada barba, que avançou lentamente para mim. Um reflexo azulado numa das mãos gelou-me o sangue. O ladrão lançou-se contra mim e, sem troca de palavras, vibrou-me duro golpe no ventre. Porém, a adaga partiu-se pela base, caindo nas pedras da rua com um eco metálico. A pele de serpente livrara-me de sério problema. O homem, desconcertado, olhou a lâmina partida e, largando o punho da arma, recuou aos tropeções, sem poder acreditar no que estava acontecendo. Segundos depois, desapareceu pela viela estreita, gritando como um louco.

Felizmente, o rasgão na túnica não era muito grande e, imediatamente, abandonei o local.

Poucos minutos depois das dez batia à porta dos Marcos. A possibilidade de que Judas e os onze tivessem Já saído do cenáculo me preocupava. Não quis alarmar Eliseu, dando-lhe conta do triste incidente com o ladrão. Apesar de tudo, encontrava-me bem. Se o

assaltante, em vez de atacar, tivesse exigido, por exemplo, a bolsa com o dinheiro, talvez a situação tivesse sido radicalmente diferente. As minhas possibilidades de defesa eram quase nulas e o mais provável era aquele inoportuno o bandoleiro ficar com o dinheiro do Cavalo de Tróia e, o que teria sido muito mais lamentável, com o pequeno estojo que continha as lentes de visão infravermelha. Ao ver-me, João Marcos correu ao meu encontro. O Mestre e os discípulos continuavam ainda no primeiro andar. Respirei, aliviado. José de Arimatéia, tinha recebido o meu recado e - segundo me explicou o rapaz - saiu imediatamente para o Templo. Agradeci-lhe e, um tanto contrariado, obedeceu à mãe, retirando-se para repousar. Porém, o seu sono não ia ser muito prolongado...

Pelas dez e meia, pouco mais ou menos, ouvi um hino. Elias ofereceu-me um copo de vinho com mel e, apontando para o local de onde vinha aquele cântico, avisou-me que Jesus e os discípulos não tardariam. A verdade é que nunca eu precisara tanto de um copo de vinho como naqueles momentos. Bebi-o de um trago e, efetivamente, dali a poucos segundos - uma vez acabado o hino religioso -, os apóstolos começaram a descer.

Jesus foi o último. Os onze, pelo menos naqueles instantes, estavam muito menos tensos que durante a manhã. Despediram-se da família e eu acompanhei-os no caminho de regresso ao acampamento.

Enquanto atravessávamos as ruas solitárias do Bairro Baixo, em direção à Porta da Fonte, no extremo sul de Jerusalém, consegui que André se separasse do grupo. E, um pouco para trás , interessei-me pela forma como correra a ceia. O chefe dos apóstolos começou dizendo-me que, tanto ele como os seus companheiros, estavam intrigados com o repentino desaparecimento de Judas e, muito especialmente, pelo fato de não ter voltado ao cenáculo. De inicio, quando o vimos sair, todos pensamos que vinha ao andar de baixo, talvez à procura de algum dos víveres para a ceia.

Outros acreditaram que o Mestre lhe confiara algum encargo...

Os pensamentos dos discípulos eram corretos, Já que ninguém dispunha de verdadeira informação sobre a conspiração. Por outro lado, com exceção de David Zebedeu - que não participara no convite nem André nem os restantes sabiam ainda que Judas Iscariotes deixara de ser administrador e que o dinheiro comum estava desde essa tarde em poder do chefe dos emissários.

E André continuou com a sua narrativa, destacando um fato que acontecera logo à entrada no andar de cima da casa dos Marcos, e que - do meu ponto de vista – esclarecia perfeitamente a razão por que o Nazareno se decidiu a lavar os pés dos discípulos. Os evangelistas tinham dado uma versão correta, Jesus levou a cabo aquele gesto, manifestando a muita honrosa virtude da paciência. No entanto, qual fora o lampejo ou o motivo que obrigou o Mestre a proceder à lavagem

dos pés? Será que tudo aquilo era devido a uma pura e simples iniciativa de Jesus? Talvez sim e talvez não...

Ao visitar a sala onde ia celebrar-se a ceia pascal, eu tinha reparado nos lavatórios, jarros e toalhas, colocados para as lavagens obrigatórias de pés e de mãos. O costume judaico exigia que, antes de se sentar à mesa, o convidado devia ser lavado pelos servos ou pelos próprios anfitriões. Aquela, repito, era a tradição. No entanto, as ordens do Mestre tinham sido terminantes, não haveria criadagem no andar de cima. E a prova é que - segundo pude verificar - os gêmeos desceram a dada altura para virem buscar o cordeiro assado. Pois bem, aí surgiu a discussão entre os doze...

- Quando entramos no cenáculo - continuou André -, todos reparamos que estavam ali os jarros e a água para a lavagem dos pés e das mãos. Mas, se o Rabi ordenara que não haveria criadagem na sala, quem se encarregaria da lavagem obrigatória? Tenho de te confessar humildemente que, tanto eu como os restantes, tivemos os mesmos pensamentos. Eu não cairia tão baixo que me prestasse a lavar os pés dos outros. Essa era uma missão da criadagem...

- E, todos em silêncio, dissimulamos, evitando qualquer comentário sobre a questão da lavagem. O ambiente começou a ficar perigosamente pesado e, para cúmulo, o aborrecido assunto da limpeza pessoal viu-se envenenado por outro fato que nos irritou, originando uma azeda discussão. O Mestre demorava em subir e, entretanto, cada um de nós dedicou-se a examinar os divãs. Saltava à vista que o lugar de honra correspondia ao divã mais alto - o colocado ao centro – e novamente caímos na tentação. Quem ocuparia os lugares próximos de Jesus? Suponho que quase todos voltamos a pensar o mesmo: Será o Mestre a escolher os discípulos prediletos. E nestes pensamentos estávamos quando, inesperadamente, Judas se dirigiu para o assento colocado à esquerda do que fora reservado para o Rabi, manifestando a sua intenção de nele se sentar como convidado preferido. Esta atitude de Judas Iscariotes nos revoltou, originando-se uma desagradável discussão. Mas Judas já se instalara no divã e João, num dos seus impulsos, fez o mesmo, apoderando-se do lugar da direita.

- Como pode imaginar, a irritação foi geral. Porém, as ameaças e protestos de nada serviram. Judas e João não estavam dispostos a ceder. Talvez o mais aborrecido fosse meu irmão Simão. Sentia-se ferido e prejudicado pelo que chamou orgulho indecente dos seus companheiros. E, visivelmente zangado, deu uma volta à mesa, escolhendo então o último lugar, justamente no divã mais baixo. Sabes que Pedro é bom e ama intensamente o Mestre mas, naquela altura, a sua fraqueza foi grande. Conheço meu irmão e sei porque fez aquilo...

- Porquê? - animei-o a que fosse sincero comigo.

André precisava contar a alguém e desabafou!

- Aturdido pelos ciúmes e pela impertinente iniciativa de Judas e de João, Simão não hesitou em se sentar no último lugar da mesa com

uma secreta esperança: que, quando entrasse, o Mestre, lhe pedisse publicamente que deixasse aquele divã, afastando assim Judas ou, mesmo, o jovem João.

- Desta forma, ocupando um lugar de honra, seria honrado e deixaria mal os seus orgulhosos companheiros. Quando o Rabi apareceu na abertura da porta, ainda nos encontrávamos em plena batalha dialética, recriminando-nos mutuamente pelo sucedido. Vimo-Lo e, bruscamente, fez-se silêncio. Jesus permaneceu uns instantes no umbral. O seu rosto fora ficando paulatinamente sério. Evidentemente, tinha compreendido a situação. Mas, sem fazer comentário algum, dirigiu-se para o seu lugar, ante o olhar desolado de meu irmão Pedro.

Foram minutos difíceis. No entanto, Jesus foi recuperando a habitual e característica doçura e todos nos sentimos um pouco mais calmos. As conversas voltaram a surgir, ainda que alguns dos meus companheiros continuassem empenhados em se atacar por causa do incidente da escolha dos divãs, bem como da aparente falta de consideração da família Marcos, ao não ter previsto um ou vários servos para a lavagem dos pés.

Jesus desviou então o Seu olhar para os lavatórios, verificando que, efetivamente, não tinham sido utilizados.

Mas também nada disse. Tadeu começou a servir a primeira taça de vinho, enquanto o Rabi escutava e observava em silêncio. Como sabes, uma vez bebida esta primeira taça, a tradição estabelece que os hóspedes devem levantar-se e lavar as mãos. Nós sabíamos que o Mestre não apreciava muito estes formalismos e aguardamos em expectativa. Ante a surpresa geral, o Rabi levantou-se, caminhando silenciosamente para os jarros de água. Encaramo-nos surpreendidos e, sem uma palavra, despiu a túnica, cingindo um dos panos em volta da cintura. Depois, pegando num vaso e na água, deu a volta completa à mesa, chegando até ao lugar menos honroso, o que meu irmão ocupava.

Ajoelhando-se, com grande humildade e submissão, dispôs-se a lavar os pés de Pedro. Ao vê-lo, os doze nos levantamos como um só homem. Do espanto, passamos à vergonha. Jesus tomara para Si o trabalho de um criado, recriminando-nos assim pela nossa falta de consideração e de caridade. Judas e João baixaram os olhos, aparentemente mais feridos que os restantes...

- Judas também? - interrompi-o, com alguma incredulidade.

- Sim...

André deteve os seus passos e, olhando-me fixamente, perguntou por sua vez:

- Jasão, tu sabes alguma coisa... Que se passa com Judas?

Encolhi os ombros, procurando esquivar-me. Mas o chefe dos apóstolos insistiu e - dada a iminência da prisão - expus-lhe que, efetivamente, também eu duvidava da lealdade de Iscariotes. Prosseguimos, e ao atravessarmos o Cédron, o meu companheiro saiu

do seu mutismo. Supliquei-lhe que continuasse a sua narrativa e André acabou por aceitar.

- Quando Simão viu Jesus ajoelhado na sua frente, o seu coração inflamou-se de novo e protestou energicamente. Como te disse, meu irmão ama o Mestre acima de tudo e de todos.

Suponho que ao vê-lo assim, como um criado insignificante e disposto a fazer o que nem ele nem nós tínhamos aceitado, compreendeu o seu erro e quis dissuadir o Mestre. Porém, a decisão do Rabi era irrevogável e Pedro consentiu. Um a um, como te dizia, Jesus foi-nos lavando os pés. Depois das palavras de Pedro, nenhum se atreveu a protestar. Num silêncio dramático, o Mestre foi rodeando a mesa até chegar ao último dos convidados. Depois vestiu a túnica e voltou ao Seu lugar.

- João e Judas continuavam à direita e à esquerda do Mestre, respectivamente? - Sim, ninguém saiu dos seus lugares, com exceção de Judas, que saiu da sala pouco antes de ter sido servida a terceira taça, a das bênçãos...

A proximidade do acampamento obrigou-me a suspender aquela esclarecedora narrativa. No entanto, na minha mente ainda se acumulavam muitas interrogações. Como fora a revelação de Jesus a João sobre a identidade do traidor? Como era possível que os outros apóstolos não o tivessem ouvido? Não havia dúvidas de que assim era, já que nenhum estava a par dos atos Judas Iscariotes. Só havia suspeitas... Era importante que, nas horas seguintes, arranjasse uma oportunidade para interrogar João. Naquele momento, pouco me preocupava não conhecer os longos ensinamentos do Mestre durante a ceia.

Eliseu me informara que a transmissão e a gravação tinham decorrido sem problemas. No meu regresso ao módulo na manhã de domingo, ia ter a possibilidade de escutá-las na sua totalidade. E devo repetir que a transcrição das palavras dos evangelistas é apenas um pobre reflexo do que se falou naquela noite da chamada quinta-feira santa. Quando uma pessoa conhece esses sentimentos e mensagens na sua totalidade, fica sabendo que as igrejas com a passagem dos séculos, quase reduziram o imenso caudal espiritual daquela reunião com Jesus a uma fórmula matemática.

* O interessante conteúdo das pregações e ensinamentos de Jesus de Nazaré durante a última ceia aparecerão num volume seguinte, em que são narradas as vivências do major norte-americano durante a sua segunda grande viagem, ao ano 30. (N. do A.)

Pelas onze da noite, quando entrávamos no jardim, André respondeu a uma última pergunta que, embora para ele não apresentasse interesse, era, para mim, de extrema importância.

À minha pergunta se Jesus tinha ceado abundantemente, o discípulo, visivelmente surpreendido, respondeu que muito pouco. E acrescentou que, tal como tinha por hábito, o Mestre não provou o delicioso assado de carneiro.

Assim, o Galileu apenas teria comido algumas das verduras e legumes - incluindo as ervas amargas - bem como um pouco de pão ázimo, vinho com água e, provavelmente, um pouco da sobremesa. Este dado era de indubitável valor, principalmente dadas as possíveis reações do organismo do Nazareno nas terríveis e prolongadas horas que tinha pela frente. Às torturas, perda de sangue, esgotamento e dor dilacerante, se juntariam também uma notável falta de recursos energéticos, em conseqüência de uma ceia escassa e de um jejum total, a partir das dez da noite daquela quinta-feira.

Na primeira oportunidade, transmiti ao módulo as características e volume aproximado dos alimentos que Jesus teria ingerido na ceia, bem como os tempos do começo e do fim. (Segundo os meus cálculos, a refeição pascal, propriamente dita, pôde iniciar-se por volta das oito ou oito e meia da noite, terminando, aproximadamente, hora e meia depois.)

O computador central do berço proporcionou-nos a seguinte tabela de calorias - sempre de uma forma estimativa -, com base nos alimentos mencionados e que constituíram a dieta de Jesus naquela noite: tendo em conta que cada uma das quatro taças de vinho fora misturada com água, isso somava um total aproximado de trezentas calorias. Quanto às mancheias de nozes e amêndoas - alimentos de máximo poder energético de quantos o Mestre ingerira - o computador calculou o número de calorias entre quinhentas e seiscentas. Considerando, por último, que cada grama de gordura proporcionava nove calorias, a chamada última ceia de Jesus de Nazaré resultou num total aproximado de setecentas e cinqüenta calorias. Um aporte energético muito baixo tendo em conta as características físicas do Gigante. (O metabolismo basal de Jesus - quer dizer, o que o seu corpo necessitava diariamente para se manter com vida, sem fazer exercício - foi igualmente calculado por Papai Noel em 1728 calorias. No caso de o Mestre desenvolver um mínimo de atividade física - andar, etc., - o número se elevava a três mil ou três mil e quinhentas calorias, como consumo médio diário.)

* O volume da taça foi calculado em duzentos centímetros cúbicos, dos quais cem correspondiam a água (um litro de vinho representa um aporte energético de setecentas calorias, aproximadamente). (N. do M.)
2 O Metabolismo basal, de Jesus: 40x1,8 metros quadrados de superfície total x24 horas = 1728 calorias (quando me refiro a calorias, entenda-se quilocalorias,). (N. do M.)

As mulheres e os quarenta ou cinqüenta discípulos que aguardavam no acampamento receberam o Mestre e os apóstolos com

grande alegria. Porém, aquele entusiasmo não tardaria em decair. A causa, uma vez mais, foi Judas.

Ao certificarem-se de que Judas Iscariotes também estivera presente em Getsémani, alguns dos homens do Nazareno começaram a suspeitar de que a alusão do Mestre durante a ceia sobre uma iminente traição, tinha muito a ver com o desaparecido administrador. David Zebedeu, ao escutar o que se dizia, esqueceu momentaneamente os seus mensageiros, aproximando-se dos grupos. Porém, a sua atitude continuou a ser prudente. Escutou uns e outros sem revelar o que sabia. Simão, o Zelota, mais nervoso que os outros, encabeçou um grupo e, aproximando-se de André, começou a fazer-lhe perguntas. O responsável pelo grupo, que na realidade carecia de informação, limitou-se a responder:

- Não sei onde está Judas... Mas temo que nos tenha abandonado.

O desalento espalhou-se rapidamente. E Pedro, o Zelota, Tomás e Tiago, entre outros, reuniram-se na tenda, com a intenção de examinarem a situação e adotarem as medidas de segurança que julgassem oportunas.

Nisto, o jovem João Marcos apareceu no recinto. Cobria-se com um lençol branco e, ao ver-me, correu ao meu encontro, rogando-me que não o denunciasse. Quando lhe perguntei por que motivo, confessou-me, que fugira de casa. Ao ouvir como Jesus e os onze abandonavam a mansão, levantou-se da cama, cobrindo-se a toda a pressa com o que primeiro encontrou: o lençol de linho. E assim chegara ao acampamento. A fidelidade daquele rapaz pelo Galileu encheu-me de admiração. É muito possível que o Mestre notasse imediatamente o ambiente tenso que reinava entre os discípulos, porque os chamou, dizendo-lhes: - Amigos e irmãos, não me resta muito tempo para estar entre vós. Desejaria que nos isolássemos com o fim de pedir a Nosso Pai Celestial a força necessária nesta hora e seguir assim a obra que, em Seu nome, devemos realizar.

Os discípulos e os gregos acompanharam-no então encosta acima até uma plataforma rochosa, em pleno cume do monte das Oliveiras. Uma vez ali, pediu que nos ajoelhássemos à sua volta. Eu continuei de pé, ao mesmo tempo que filmava aquela cena impressionante. O Gigante, banhado pelo luar, levantou os olhos para as estrelas e com voz poderosa exclamou:

- Pai, chegou a minha hora!... Glorifica o Teu filho para que o Filho possa glorificar-Te. Sei que Me deste plena autoridade sobre todas as criaturas do Meu reino e darei a vida eterna a todos aqueles que, pela fé, sejam filhos de Deus. A vida eterna está em que as minhas criaturas te reconheçam como o único e verdadeiro Deus e Pai de todos. Que acreditem Naquele que enviaste ao mundo. Pai, exaltei-te nesta terra e cumpri a ordem que Me deste. Quase terminei a minha efusão nos filhos da nossa própria criação. Só Me resta sacrificar a Minha vida carnal.

- Agora, Pai, glorifica-me com a glória que tinha antes de este mundo existir e recebe-Me uma vez mais à Tua direita.

Jesus fez uma breve pausa, enquanto os seus cabelos começavam a agitar-se por uma brisa sempre mais forte.

- Tenho-Te revelado ante os homens que escolheste no mundo e me deste - prosseguiu. - São Teus, como toda a vida entre as Tuas mãos. Vivi com eles, ensinando-lhes as normas da vida e eles acreditaram. Estes homens sabem que tudo o que tenho vem de Ti e que a encarnação da Minha vida está destinada a dar a conhecer Meu Pai no mundo. Revelei-lhes a Verdade que me deste e eles - meus amigos e meus embaixadores – quiseram sinceramente receber a Tua palavra. Disse-lhes que sou Teu descendente, que Me enviaste a esta terra e que Me dispondo a voltar para ti... Pai, rogo por todos estes homens escolhidos.

- Rogo por eles, não como o faria por toda as pessoas, mas como homens que escolhi para Me representarem depois de ter voltado para ti. Estes homens são Meus. Não posso permanecer mais tempo neste mundo. Vou voltar à obra de que Me encarregaste. É preciso deixar estes companheiros depois de Mim, para que Nos representem e representem o Nosso Reino entre os homens. Pai, preserva a sua fidelidade enquanto Me preparo para abandonar esta vida carnal. Ajuda-os a estar unidos em espírito como Tu e Eu estamos. São meus amigos.

- Durante a minha estada entre eles podia velar e guiá-los, mas agora vou partir. Pai, permanece junto deles até que possamos enviar um novo instrutor que os console e reconforte. Deste-me doze homens e eu conservei todos menos um, que não quis manter a sua comunhão conosco. Estes homens são débeis e fracos, mas sei que posso contar com eles. Submeti-os a provas e sei que Me querem. Embora tenham de padecer muito por Minha culpa, desejo que estejam convictos.

- O mundo pode odiá-los como Me odiou. Mas não peço que os retires do mundo, somente que os livres do mal que existe neste mundo. Santifica-os na Verdade. A Tua palavra é a Verdade. Tal como Me enviaste ao mundo, assim Eu os vou enviar pelo mundo. Por eles vivi entre os homens e consagrei a Minha vida ao teu serviço, com o fim de os inspirar para que purifiquem na Verdade e no Amor que lhes mostrei. Bem sei, Meu Pai que não preciso de Te rogar que olhes por eles depois da Minha partida. E também sei que os amas tanto quanto Eu. Faço isto para que compreendam melhor que o Pai ama os mortais tal como o Filho. Desejo demonstrar fervorosamente aos Meus irmãos terrestres a glória que gozava a Teu lado antes da criação deste mundo que se conhece tão pouco...

- Oh!, Pai justo, porém, eu Te conheço e Te dei a conhecer a estes crentes, que divulgarão o teu nome a outras gerações. Prometo-lhes que estarás perto deles no mundo, da mesma maneira que estiveste comigo.

Levantando os longos braços para o céu, Jesus concluiu:

- Eu sou o pão da vida... Eu sou a água viva... Eu sou a luz do mundo... Eu sou o desejo de todas as idades... Eu sou a porta aberta à salvação eterna... Eu sou a realidade da vida sem fim... Eu sou o bom pastor... Eu sou a caminho da perfeição infinita... Eu sou a ressurreição e a vida... Eu sou o segredo da vida eterna... Eu sou o caminho, a verdade e a vida... Eu sou o Pai infinito dos meus filhos limitados... Eu sou a cepa verdadeira e vós os sarmentos... Eu sou a esperança de todos aqueles que conhecem a verdade vivente.... Eu sou a ponte viva que une um mundo ao outro... Eu sou a união viva entre o tempo e a eternidade... Depois de uns minutos de silêncio, o Galileu pediu aos Seus homens que se levantassem e - um a um - abraçou-os. Quando chegou a mim, os Seus olhos estavam marejados de lágrimas.

Pouco depois, o grupo regressou ao acampamento.

David Zebedeu e João Marcos aproximaram-se de Jesus e tentaram inutilmente convencê-lo a que se afastasse de Jerusalém. A partir daqueles instantes - quase meia-noite – o habitual bom humor do Rabi desapareceu. Com palavras entrecortadas de profunda emoção, o Mestre rogou aos discípulos que fossem dormir. Contrariados, os apóstolos foram-se acomodando na tenda e nos seus lugares habituais de repouso. Mas, enquanto o Nazareno pedia a João, a Tiago e a Pedro que permanecesse um pouco mais com Ele, Simão, o Zelota, dirigiu-se com grande cautela a um dos lados da tenda dos homens, e abriu um grande fardo. Eram espadas!

Os oito apóstolos restantes atenderam ao chamamento do Zelota e guardaram as armas. Todos menos um: Bartolomeu. Este, repudiando o equipamento de combate, exclamou:

- Irmãos meus, o Mestre disse-nos muitas vezes que o Seu reino não é deste mundo e que os Seus discípulos não devem combater com a espada para o estabelecer. Em minha opinião, acredito e penso que o Mestre não precisa que empreguemos armas para O defender. Todos fomos testemunhas do Seu poder e sabemos que pode defender-se dos Seus inimigos se o desejar.

- Se não quiser resistir é porque esta linha de conduta representa o Seu intento para cumprir a vontade do Pai. Pela minha parte rezarei, mas não empunharei a espada.

Ao ouvir Bartolomeu, André devolveu a sua arma. Se não me enganava, naquele momento eram nove os apóstolos que cingiam uma espada. Todos menos Bartolomeu, André e João (ainda que deste último não estivesse muito certo).

Por fim, francamente esgotados, os apóstolos e discípulos retiraram-se, estabelecendo um rigoroso sistema de vigilância, com turnos de dois homens armados às portas do acampamento.

Pelo que pude deduzir o grupo estava persuadido de que a detenção do Mestre pelos chefes dos sacerdotes não seria levada a cabo antes da manhã seguinte. E adormeceram com a intenção de se levantarem muito cedo, preparados para o pior. João, Pedro e Tiago

tinham-se sentado em volta da fogueira e esperavam Jesus. Este chamara David Zebedeu, pedindo-lhe o mensageiro mais veloz. Regressou dali a pouco com um tal Jacobo, que desempenhara as funções de correio noturno entre Jerusalém e Betsaida. E o Nazareno disse-lhe:

- Vai imediatamente a casa de Abner, em Filadélfia, e diz-lhe o seguinte: o Mestre envia-te os Seus desejos de paz. Diz-lhe também que chegou a hora em que serei entregue aos meus inimigos e morto...

O emissário empalideceu, mas Jesus continuou sem se alterar:

- Diz-lhe igualmente que ressuscitarei de entre os mortos e que lhe aparecerei antes de regressar para junto de Meu Pai. Então lhe darei instruções sobre o momento em que o novo instrutor virá morar nos vossos corações.

David e eu entreolhamo-nos. Jesus rogou então a Jacobo que repetisse a mensagem e, uma vez satisfeito, despediu-o com estas palavras:

- Não temas. Esta noite, um mensageiro invisível correr a teu lado. Enquanto o Zebedeu preparava a partida do correio, Jesus dirigiu-se aos gregos que acampavam junto da cuba de pedra do lagar e despediu-se deles. Eu permaneci sentado muito perto de Pedro, João e Tiago. Os apóstolos, apesar dos seus esforços para se manterem acordados, começaram a baixar as pálpebras e a cabecear. O mestre regressou para junto da fogueira e, quando se dispunha a afastar-se com os seus íntimos para o interior do olival, David reteve-o uns instantes. Com voz trêmula e os olhos a chorar conseguiu por fim dizer-lhe:

- Mestre, tive uma grande satisfação em trabalhar para ti. Meus irmãos são Teus apóstolos, porém, alegro-me por Te ter servido nas coisas menores. Lamentarei com todo o meu coração a Tua partida... As lágrimas acabaram por rolar-lhe pela cara curtida. E o Galileu, sem poder conter o seu amor por aquele homem prudente e eficaz, agarrou-o pelos ombros, dizendo-lhe:

- David, Meu filho, os outros fizeram o que lhes ordenei. Mas, no teu caso, foi o teu próprio coração que respondeu e serviu com devoção. Tu também virás um dia servir a Meu lado no reino eterno.

E antes de se separar definitivamente do Mestre, David confessou-lhe que dera ordens para que a Sua mãe e a Sua família se dirigissem a Jerusalém. Jesus não pareceu muito surpreendido.

- Um mensageiro comunicou-me - concluiu - que, esta mesma noite, chegaram a Jericó, e que amanhã cedo estarão aqui.

O Nazareno olhou-o e respondeu:

- David, que assim seja.

E, unindo-se aos três apóstolos, que esperavam junto do olival, perdeu-se na escuridão da noite. A grande tragédia estava prestes a começar...

7 DE ABRIL, SEXTA-FEIRA

Um silêncio estranho caíra sobre o acampamento. Eu sabia que aquela não ia ser uma noite como as anteriores, mas, apesar disso, notei no ambiente uma espécie de turbulência. Como se milhares de fantasmas - talvez esses mensageiros invisíveis a que Jesus se referira - pairassem sobre as copas das oliveiras, agitando fracas línguas de fogo, diante das quais eu permanecia. E um calafrio correu-me pelas costas. O acampamento dormia quando, à meia-noite, e uma vez que Jesus e os seus três discípulos tinham desaparecido entre as oliveiras, me levantei, avisando Eliseu de que me dirigia para o extremo norte do jardim. Com um relancear de olhos percorri as tendas, o tanque, os corpos adormecidos dos gregos e, uma vez certo de que tudo estava calmo, encaminhei os meus passos para o muro que limitava o jardim pelo lado oriental e que eu já explorara na minha primeira visita à herdade de Getsémani.

Antes de desaparecer na subida do monte, David Zebedeu anunciara-me que de mútuo acordo com João Marcos, levariam a cabo um turno adicional de vigilância. Ele nas proximidades do cume do monte das Oliveiras - cobrindo assim o flanco oriental do acampamento - e o rapaz na caminho que serpenteava junto à
porta de entrada do jardim, para ir terminar na ponte sobre o barranco do Cédron. Desta forma, se a guarda do Templo tentasse assaltar o refúgio do Nazareno - pelo caminho mais curto, o de Cédron, ou pelo cimo do monte das Oliveiras João,
Marcos ou o Zebedeu poderiam dar alerta. Mas os acontecimentos iam desenrolar-se de outra forma.

Lentamente, procurando ocultar-me entre o arvoredo, fui avançando para a gruta, sem perder contato, em momento algum, com o parapeito de pedra. De acordo com os objetivos de Cavalo de Tróia, a minha observação daquilo a que os cristãos chamavam a oração do jardim devia efetuar-se sem que os seus protagonistas tivessem conhecimento ou suspeitassem da minha presença. Para isso, tinha de saber com precisão em que lugar permaneceriam os três apóstolos e onde pensava orar o Mestre. Se como supunha, Jesus, elegia as proximidades da gruta, o meu esconderijo seria precisamente aquela parede que cercava a propriedade de Simão, o Leproso. Eliseu tinha razão. Tal como me avisara horas antes, a forte perturbação nas altas camadas da atmosfera - a leste da Palestina - começava a notar-se sobre Jerusalém. Um vento cada vez mais insistente e tempestuoso agitava as árvores, assobiando como um lúgubre presságio por entre as ramadas retorcidas e as raízes das oliveiras. A canafístula que crescia junto da caverna castanholava cada vez com mais força, ajudando-me a orientar-me. Ao alcançar o fundo do jardim descobri imediatamente a figura do Galileu, de pé e de cabeça baixa, quase apoiada no peito.

Encontrava-se, efetivamente, a quatro ou cinco metros da entrada da gruta, a meio da reduzida clareira entre o olival e o rochedo. Aos pés do Mestre uma daquelas camadas de calcário que a lua cheia iluminava. Sem perder um minuto, saltei para o outro lado do muro e, arrastando-me sobre as ervas, rodeei a caverna, postando-me atrás da enorme canafístula. Dali – perfeitamente oculto - pude acompanhar, passo a passo, todos os movimentos e palavras de Jesus de Nazaré.

A claridade da Lua permitia-me ver a figura do Mestre facilmente. No entanto, precisei de habituar os olhos à escuridão que dominava a massa das oliveiras para descobrir, por fim, as silhuetas de Pedro, João e Tiago. Os discípulos tinham-se sentado na terra, acomodando-se com os seus mantos entre as últimas árvores, a pouco mais de uma trintena de passos do ponto onde o Nazareno permanecia. Daquela distância, e apesar dos meus esforços, não pude confirmar se se encontravam adormecidos ou não. Passados quinze ou trinta minutos, deduzi que pelo menos dois deles deviam ter mergulhado num profundo sono, a julgar pelas suas posições - totalmente deitados no solo - e pelos inconfundíveis roncos de Pedro. Um terceiro, no entanto, estava encostado ao tronco de uma das oliveiras e eu não podia jurar que estivesse dormindo.

De repente, quando me encontrava atarefado a preparar a vara de Moisés, um rangido de ramos sobressaltou-me. Voltei-me e, a uns dez ou quinze metros, os meus olhos ficaram presos a um vulto branco que deslizava por entre os arbustos, aproximando-se. Peguei no cajado em atitude defensiva e, com os joelhos por terra, dispus-me a repelir o ataque daquilo que, num primeiro instante, identifiquei como um estranho animal. Mas, quando aquela coisa estava quase ao alcance da minha vara, parou. Era o jovem João Marcos!

Respirei fundo, fazendo-lhe um sinal para que continuasse agachado. O rapaz chegou junto de mim, explicando-me ao ouvido que tinha abandonado a sua guarda por querer estar perto do Mestre. Não me atrevi a sugerir-lhe que regressasse ao caminho mas, dadas as circunstâncias, pedi-lhe que ficasse comigo e no mais absoluto silêncio. Ao ver Jesus em atitude de oração, Marcos entendeu e fez-me um gesto de aprovação. A partir daqueles momentos, e embora procurasse não perder de vista o impetuoso adolescente, a minha atenção concentrou-se no Gigante da Galiléia.

E nisto estava quando, subitamente, Eliseu - com grande excitação abriu a ligação auditiva, informando-me de algo que me deixou atônito. O radar do módulo estava recebendo informação de um objeto que voava sobre a área!

- Mas, não é possível! - respondi-lhe, metendo praticamente a cabeça entre os joelhos, de modo a que o rapaz não pudesse ouvir-me. Jasão, juro-te que manobrei a antena e o visor de aproximação do radar (1) está reconhecendo um eco metálico. Aí por cima, a uns seis mil pés, alguma coisa está se movendo... Sim, agora vejo melhor... Encontra-se

em trezentos e sessenta-trinta milhas. Santo Deus! Parou... Levantei os olhos para o firmamento e na direção que Eliseu transmitira, mas nada observei de anormal. A forte luminosidade da Lua, sempre mais alta, dificultava a visão das estrelas.

O meu companheiro no berço, tão confuso e perplexo como eu, permaneceu com os cinco sentidos atentos àquele insólito visitante, mas o objeto imobilizara-se e assim permaneceria durante longo tempo.

Ainda não me recompusera da surpresa provocada pela aproximação daquele misterioso objeto voador quando vi como Jesus desfalecia, cravando os joelhos na terra. A pancada seca contra o solo fez estremecer João Marcos. Nem eu nem o rapaz tínhamos visto o Galileu com um semblante tão pálido e abatido.

Durante alguns minutos, permaneceu com o queixo entre as pregas do manto que lhe cobria os ombros e o peito. Aquela profunda inclinação da cabeça não me deixava ver com clareza o rosto, embora quase tivesse a certeza de que estava com os olhos fechados. Os seus braços, imóveis e prostrados ao longo do corpo, acentuavam mais ainda o repentino abatimento.

* Nos finais de 1972 e graças a um esplêndido serviço de espionagem norte-americana, Cavalo de Tróia obtivera os planos do radar Oun Dish, que seria utilizado meses depois pelos Egípcios na Guerra do Yom Kippur (Outubro de 1973), e cuja freqüência era de dezesseis GHz. Quer dizer, dezesseis mil Mc/s. Este complexo radar tinha sido colocado a bordo do módulo.
2 A localização do objeto era de trezentos e sessenta graus (a norte) e trinta milhas de distância do ponto onde se encontrava pousado o módulo. (N. do M.)

Depois, muito lentamente, foi elevando a cabeça, até deixar os olhos fitos no céu. O vento começara a emaranhar-lhe os cabelos. Levantando os braços ao alto, exclamou em voz apagada e suplicante:

-Abb !... Abb !...

Fiquei desorientado. Aquela palavra aramaica - que eu ouvira mais de uma vez, quando as crianças se dirigiam aos pais - queria significar papai. Era o familiar e conhecido chamamento carinhoso que por certo, os Judeus nunca empregavam quando se dirigiam a Deus. Porque o utilizava Jesus?

Os Seus olhos igualmente me impressionaram: o brilho habitual embaciara-se. Pareciam agora afundados e ensombrados por uma tristeza que, se não tivesse conhecido e experimentado a têmpera daquele Homem, juraria que se encontrava muito perto do medo.

- Abb ! - murmurou de novo. - Vim a este mundo para cumprir a Tua vontade e assim fiz... Sei que chegou a hora de sacrificar a Minha vida carnal... Não recuso, mas gostaria de saber se é Tua vontade que Tu bebas este cálice...

Aquelas palavras ecoaram no jardim como um timbale fúnebre.

Não podia acreditar nos meus ouvidos. Jesus estava atemorizado?

Dá-Me a certeza - prosseguiu - de que com a Minha morte Te satisfaço, como o fiz em vida.

As Suas mãos, abertas, tensas e implorantes, foram baixando pouco a pouco. Mas o rosto - fracamente iluminado pelo luar - não se moveu. Sem saber porquê, também eu olhei para a legião de estrelas e astros, esperando que chegasse algum sinal.

Nesse instante, e como se tivesse lido os meus pensamentos, o módulo restabeleceu a ligação e Eliseu gritou:

- Jasão, Jasão... Está se movendo outra vez. Esse objeto está deslocando-se... Não posso acreditar!... Mudou de rumo; está seguindo agora a radial duzentos e quarenta... Jasão, vem pra cá! Está a ouvindo, Jasão?

- Ouço cinco por cinco - respondi eu como pude. - Mas não será algum meteoro? Eliseu quase me mandou para o inferno com aquela pergunta, evidentemente estúpida.

- Essa coisa, Jasão manteve-se estacionária durante mais de vinte minutos... Agora move-se devagar.

Se aquele inexplicável objeto se encontrava ainda a umas trinta milhas da nossa posição, era ridículo que eu continuasse a sondar o espaço. Procurei acalmar o meu irmão no módulo, pedindo-lhe que me mantivesse devidamente informado das evoluções do eco no radar. Entretanto, o Mestre tinha-se levantado e, dado meia volta, caminhou para os discípulos. Dada a distância, não pude registrar as Suas palavras, mas observei, como se inclinava para os ombros deles, tocando-lhes com a mão esquerda. Os dois que estavam deitados despertaram e vi como se levantavam parcialmente.

* O objeto, que tinha seguido uma trajetória norte, começava a deslocar-se na direção oés-sudoeste. Justamente para a zona de Jerusalém. (N. do M.)
Quer dizer, tinha permanecido estático ou imóvel. (N. do I.)

Dali a pouco, Jesus voltou para a clareira. Os três apóstolos observaram durante breves minutos, acabando por se deitarem novamente. À medida que se aproximava, percebi algo estranho. O Gigante cambaleava. Os seus passos eram vacilantes, como se estivesse prestes a cair...

E, mal chegou junto da laje de pedra, caiu de bruços. Por um instante, pensei que tinha desmaiado. Parte do seu corpo ficara sobre a superfície rochosa, de cara contra o chão, imóvel. João Marcos levantou-se, disposto a socorrê-lo. Mas, segurando-o pelo braço, fiz-lhe ver que não era conveniente incomodá-lo. Calculo que se o Galileu não se mexesse o fogoso João Marcos não teria seguido os meus conselhos e

correria em auxilio do Mestre. Mas Jesus estava plenamente consciente e o jovem tranqüilizou-se.

Como se uma força invisível tivesse deixado cair sobre ele um fardo de cem quilos, assim o Mestre se foi levantando. Muito lentamente, sempre com a cabeça descaída, o Galileu acabou por se sentar nos calcanhares. E assim ficou algum tempo, de joelhos, num silêncio angustiado, e sem levantar o rosto. Inconscientemente, João Marcos e eu entreolhamo-nos.

Que estava se passando? A que era devido aquele súbito abatimento? Jesus ergueu o rosto para as estrelas e, gemendo, chamou novamente por Seu Pai. Os pômulos e o nariz pareciam emagrecidos. A expressão do rosto impressionou-me. Havia uma mistura de angústia e pavor. Os lábios entreabertos começaram a tremer e, quase imediatamente, todo o seu corpo foi agitado por espasmos. Eram convulsões breves, muito rápidas e quase imperceptíveis. Como se um vento gelado lhe açoitasse cada célula. O Nazareno cruzou os braços sobre o tórax, fazendo força com as mãos nas costelas, como tentando dominar aquelas
convulsões . E, de repente, a testa, pescoço e fontes umedeceram-se com um suor frio. Os tremores tornaram-se então mais intensos e prolongados e Jesus vergou pela cintura, tocando a superfície da pedra com a testa.

- Abb !... Abb !...

Foi aquela a única palavra que conseguiu pronunciar. Contudo, mais que um chamamento, era um grito de angústia e de terror. Agora tenho a certeza que, naqueles momentos duros e cruciais, o Galileu deve ter experimentado um pungente e indescritível sentimento de solidão , de horror e, quem sabe, de medo perante o que o desconhecido lhe reservava.

Continuou a tiritar e, de repente, num arranque, lançou-se para trás , levando as mãos ao rosto.

Ao vê-lo, fiquei petrificado...

O rosto, testa e pescoço, bem como as palmas das mãos, estavam cobertos de vermelho. A fina película inicial de suor convertera-se em sangue. .

João Marcos ocultou o rosto nas mãos.

Do couro cabeludo, grandes gotas ensangüentadas foram resvalando sobre aquele extravasamento, deslizando pelos cantos internos dos olhos e rodando depois pelas faces até se perderem no bigode e na barba. Algumas grandes gotas
permaneciam por segundos nas comissuras da boca, convertendo-as em fios de sangue que escorriam depois pelos músculos do pescoço. Num daqueles tremores, Jesus inclinou um pouco a cabeça e os reflexos da lua mostraram o Seu cabelo empapado de sangue.

Meio hipnotizado por aquela súbita reação do organismo de Jesus quase me esqueci de utilizar a vara de Moisés.

Precipitadamente, coloquei-a de modo a que pudesse filmar a cena e, ao mesmo tempo, iniciar uma exploração da pele e de alguns órgãos internos de Jesus, mediante o rastreio ultra-sônico. (Como já mencionei, o cajado, encerrava, entre outros dispositivos, um equipamento miniaturizado, capaz de emitir este tipo de ondas mecânicas ou ultra-sons. A cabeça emissora, disposta na parte superior da vara - a um metro e setenta da base - fora condicionada para captar as ondas refletidas, ampliando-as proporcionalmente e acumulando a informação na memória de titânio do computador nuclear. Uma vez no módulo, os ultra-sons - previamente codificados - podiam ser convertidos em imagens, procedendo-se à análise dos órgãos e das reações fisiológicas do Mestre, tentando assim encontrar explicações.)1

* Dado não podermos tocar em Jesus, Cavalo de Tróia colocou dentro da vara de Moisés, um complexo conjunto de equipamentos miniaturizados, com o fim de explorar o corpo do Mestre, tanto no simples fenômeno do suor sanguinolento do jardim de Getsémani como na flagelação e nas longas horas da crucifixão.
Estes sistemas - que irei descrever - consistiam, fundamentalmente num equipamento de teletermografia e nos já referidos ultra-sons. Este último foi selecionado pelos peritos de Cavalo de Tróia pela sua natureza inofensiva e pelas suas características, que o indicavam para a exploração, e posterior conversão em imagens, de órgãos internos tão importantes como o pâncreas, a bexiga o fígado e o abdômen, bem como o controle da corrente sanguínea através das grandes artérias e vasos intermédios, coração, olhos e tecidos moles em geral. Cavalo de Tróia, baseando-se no chamado efeito piezoelétrico, descrito pelos Curie e segundo o qual a compressão da superfície de um cristal de quartzo cria nele uma corrente (ultra-sons), dispôs, na cabeça emissora, de uma placa de cristal piezoelétrico, formado por titanato de bário.
Um gerador de alta freqüência alimentava a referida placa, produzindo assim as ondas ultra-sônicas (numa freqüência que oscilava entre os dezesseis mil e os 10 Hertz). Estes ultra-sons - com uma velocidade de propagação no corpo humano de mil a mil e seiscentos metros por segundo, à exceção dos ossos - permitem, como disse, uma excelente exploração e posterior visualização dos órgãos desejados, conseguindo-se mesmo, captar o som cardíaco e o fluxo sanguíneo, através de um sistema de adaptação denominado efeito Doppler. Com intensidades que oscilam entre os 2,5 e os 2,8 miliwatts por centímetro quadrado e com freqüências aproximadas dos 2,25 megaciclos, o dispositivo de ultra-sons transforma as ondas iniciais noutras audíveis, mediante uma complexa rede de amplificadores, controladores de sensibilidade, moduladores e filtros de bandas.
Com a finalidade de solucionar o difícil problema do ar - inimigo vital dos ultra-sons -, e já que as medições e rastreios só podiam efetuar-se a uma certa distância de Jesus, os especialistas do Projeto conceberam um

sistema revolucionário, capaz de encarcerar e guiar os ultra-sons através de um finíssimo cilindro, de luz laser de baixa energia, cujo fluxo de elétrons livres ficava congelado no instante da sua emissão. O processo para congelar, o laser, dando lugar ao que poderíamos qualificar como luz sólida, - cujas aplicações, no futuro, são inimagináveis - não o posso revelar, por agora. Naturalmente, ao conservar um comprimento de onda superior a oito mil Armstrong (0,8 micras) o tubo laser continuava a desfrutar da propriedade essencial do infravermelho, que só podia ser visto mediante as lentes especiais de contato. O orifício comum de saída e projeção destes delicados sistemas fora igualmente camuflado com uma faixa de tinta preta. E, no bordo da faixa, Cavalo de Tróia colocara mais dois pregos de cabeça de cobre. Apertando cada um deles, punha-se automaticamente em funcionamento o mecanismo correspondente ou o de ultra-sons ou o de teletermografia.

Para que pudesse orientar com precisão cada um destes fluxos a missão dotara-me com lentes de contato a que chamávamos crótalos. Estas lentes especiais - de tipo duro – foram fabricadas com um produto de uma qualidade muito superior ao que normalmente utilizam os laboratórios de ótica e que, dado o seu caráter secreto não posso revelar (2). O ideal, naturalmente, teria sido a utilização de óculos de visão noturna, com que pudesse seguir a trajetória do laser infravermelho bem como as alterações de cores no corpo do Nazareno 3, conseqüência das variações da temperatura corporal e das diferentes alterações fisiológicas provocadas pelas torturas. Mas, obviamente, tal não era possível e Cavalo de Tróia desenhara estas lentes, totalmente transparentes que, uma vez ajustadas aos olhos, tornavam realizável o acompanhamento sem levantar perigosas estranhezas entre as pessoas daquela época. Procurando virar as costas a João Marcos, lancei mão ao pequeno estojo que continha os crótalos, adaptando-os aos meus olhos. Embora as lentes tivessem sido aperfeiçoadas com sais monoiónicos 4 capazes de permitir aceitável circulação da lágrima no olho e excelente oxigenação que me fornecera Cavalo de Tróia. Desta forma, as ondas ultra-sônicas podiam deslizar pelo interior da tubagem formada pela luz sólida ou coerente, podendo ser lançada a distâncias que oscilavam entre os cinco e vinte e cinco metros. (N do M.)

* Precisamente pela sua relativa semelhança com as fossas infravermelhas, destas serpentes, que lhes permitem caçar, servindo-se das emissões de radiação infravermelha dos corpos das presas.

2 Geralmente, as lentes de contato do tipo duro baseiam-se num produto denominado polimetil-metacrilato (PMMA), que na realidade constitui a base fundamental da lente.

3 Como se sabe, qualquer corpo cuja temperatura seja superior ao zero absoluto (menos 273 graus centígrados) emite energia IV ou infravermelha. Esta emissão de raios infravermelhos - invisíveis para o olho humano - é provocada pelas oscilações atômicas no interior das

moléculas e, conseqüentemente, encontra-se estreitamente ligada à temperatura de cada corpo. Pois bem, o olho do homem, como está demonstrado, só vê uma pequena parcela do espectro electromagnético da luz: a que vai dos quatrocentos aos setecentos nanômetros. Por cima desta última aparecem as gamas do infravermelho. Mas, mediante o uso de óculos especiais, adequados à emissão do infravermelho, o homem pode ver também nesta freqüência. (Por sua vez, esta região do infravermelho está subdividida em infravermelho próximo, médio, distante e extremo.) Os sensores IV ou infravermelho das serpentes americanas - crótalos - são formados precisamente por uma membrana dotada de inúmeros terminais nervosos, que lhes permitem detectar variações de temperatura da ordem de um milésimo de grau. (N. do M.)
Os especialistas do Projeto tinham conseguido estas quase milagrosas lentes de contato infravermelhas juntando uma série de bandas periféricas à superfície básica monocurva, dotadas de centenas de microcélulas que não eram mais que outros tantos filtros Wratter 89 B que só deixavam passar a radiação infravermelha. O peso específico conseguido foi de 1,19. A sua força flexional (ppi) situava-se entre dez mil e quinze mil e a dureza Rockwell em M85-M105.

da córnea, o general Curtiss avisara-me repetidamente que não abusasse, limitando o seu uso a períodos máximos de 30 ou 40 minutos. Com rapidez apertei o prego que acionava a emissão de ultra-sons 2. O espetáculo que a meus olhos se ofereceu (embora, na realidade, devesse dizer ao meu cérebro) foi quase dantesco: o rosto, pescoço e mãos de Jesus tornaram-se de um tom azul-esverdeado, conseqüência da baixa da temperatura corporal nas referidas zonas (provavelmente, pelo efeito refrigerante do suor e do sangue que saíam dos poros). A túnica emitia um branco muito mais intenso, enquanto o manto tinha uma tonalidade mais escura, quase negra. A folhagem verde do olival explodiu num vermelho indescritível... Ao pressionar a cabeça do prego para a sua segunda posição - a mais funda -, da parte superior da vara de Moisés surgiu um finíssimo raio de luz avermelhada: era o laser infravermelho. Sem perder um segundo dirigi-o para o rosto, pescoço, cabelos e mãos do Nazareno. Como é evidente, nem João Marcos nem ninguém que tivesse podido presenciar aquela cena teria visto ou ouvido alguma coisa. Como já disse, o laser trabalhava na freqüência do infravermelho e, portanto, era invisível ao olho humano. Depois de ter percorrido minuciosamente todas as áreas ensangüentadas, alterei a freqüência dos ultra-sons (fazendo voltar o prego para a sua primeira posição), centrando o feixe de luz na parte superior do ventre do Rabi. Desta forma, explorando o pâncreas talvez obtivéssemos uma explicação satisfatória sobre a origem daquele suor na forma de sangue. (Quando, no nosso regresso desta primeira grande viagem, Cavalo de Tróia pôde analisar todas as imagens por estes processos, os especialistas em bioquímica e hematologia chegaram a várias e

interessantes conclusões. O suor ensangüentado ou hemato-hidrose fora provocado por um agudo stress. O Nazareno - tal como eu pudera apreciar - viu-se num profundo abatimento, motivado, por uma explosiva mistura de angústia, solidão , tristeza e, talvez, temor perante as duríssimas provas que o esperavam. Esta violenta tensão emocional segundo os especialistas, conduzira à libertação de determinados elementos existentes no pâncreas 3, que forçaram a ruptura dos capilares, encharcando as glândulas sudoríparas. Uma vez rasgados os poros subcutâneos, o sangue fluiu para o exterior, misturado com o suor. O fenômeno - tão espantoso quanto raro - é, no entanto, perfeitamente possível do ponto de vista médico. O evangelista Lucas, neste caso, estava certo. (Pierre Benoit conta numa das suas obras como, em 1914, um soldado que ia ser levado ao pelotão de fuzilamento suou sangue, em conseqüência do pavor, que não pôde dominar, provocado por aquela angustiante situação.)

* Ainda que remota, a possibilidade de tropeçar com uma fonte energética natural de grande intensidade (caso de ter olhado para o Sol), poderia provocar graves lesões nos meus olhos. E ainda que nada disto sucedesse, o contato direto da córnea com os crótalos não aconselhava o seu uso excessivo.
2 No caso dos ultra-sons, a cabeça de cobre - de cor branca - podia adotar duas posições perfeitamente diferenciadas: a primeira, para ativar o lançamento de ondas com uma freqüência de 3,5 MHz (Suficiente para explorar órgãos internos) e a segunda de 7,5 a 10 MHz (para o rastreio da superfície e tecidos moles). (N. do M.)
3 Embora de início se pensasse que a hemato-hidrose, fora provocada por um excesso de histamina, libertada pelo sistema nervoso em conseqüência da grande tensão emocional, e lançada na corrente sanguínea, rompendo assim os capilares, as investigações sobre o pâncreas inclinaram os especialistas para a hipótese da chamada fibrinólise, que consiste na ativação patológica de um mecanismo normal. Um súbito aumento de plasmina (lisoquinase) pode originar o derramamento generalizado de sangue, diluindo o cimento endotelial, o que daria como resultado a passagem do sangue para o exterior. (N. do M.)

Embora este derramamento ensangüentado, ou extravasamento - que não era hemorragia -, no Filho do Homem não representasse uma perda importante de sangue, as informações de Cavalo de Tróia consideraram que deixou a pele de Jesus num alarmante estado de fragilidade. Esta circunstância seria determinante no sangradouro, mais que suplício, a que seria submetido poucas horas depois. Refiro-me, naturalmente, ao castigo dos açoites. A ruptura generalizada da rede dos capilares converteria a flagelação num trágico banho de sangue... Uma das minhas preocupações naqueles primeiros momentos de grande

angústia foi o ritmo cardíaco e arterial de Jesus. Ao dirigir os ultra-sons para o coração o efeito Doppler registrou o ritmo de 135 pulsações por minuto. Quanto a tensão arterial, o número elevava-se a 210 (O ritmo cardíaco normal do Nazareno foi calculado em sessenta pulsações por minuto e a sua tensão arterial era de cento e trinta máxima e de oitenta mínima. Aquilo significava, evidentemente, uma profunda alteração orgânica. Os especialistas de Cavalo de Tróia avaliaram igualmente que a descarga prévia de adrenalina na corrente sanguínea daquele Homem - à vista da resistência arterial periférica - podia ser da ordem de dez microgramas por quilo e por minuto.)

Pouco a pouco, ao cabo de dez ou quinze minutos, conforme o Rabi ia serenando o espírito, os ritmos cardíaco e arterial foram recuperando a normalidade. No entanto, aquela dura prova - na opinião dos especialistas em nutrição - significou, ainda, o gasto total das setecentas e cinqüenta calorias fornecidas ao organismo na ceia. O stress deve ter atingido um consumo de calorias sensivelmente superior a essa quantidade pelo que o Nazareno, na opinião dos médicos de Cavalo de Tróia, teve de recorrer às suas reservas naturais, possivelmente a partir da uma ou das duas da madrugada de sexta-feira. (Com aquele suporte energético, e pressupondo que Jesus se tivesse retirado para repousar imediatamente, o organismo teria podido agüentar até às oito da manhã, aproximadamente. Mas, com a crise iniciada no jardim de Getsémani, os especialistas, consideraram que o organismo do Filho do Homem teve de iniciar uma lipólise, ou dissolução da gordura do tecido adiposo, com o fim de administrar ácido gordo e sobreviver. As reservas de glicogênio, ou açúcar concentrado, se esgotariam em questão de horas, e a natureza do Galileu não teria alternativa senão utilizar, às suas gorduras.)

Do ponto de vista puramente médico, a situação do Mestre começava a ficar delicada. Quinze ou vinte minutos depois de iniciado aquele primeiro exame base de ultra-sons - desliguei o laser, e retirei os crótalos. João Marcos continuava com o rosto escondido nas mãos, negando-se a olhar para o seu Mestre. Passei-lhe o braço pelos ombros e afaguei-lhe a cabeça. Pouco a pouco, foi descobrindo o rosto.

Estava chorando. Na clareira, o Galileu fora baixando as mãos. As convulsões tinham cessado e também o fluxo de sangue. Alguns dos fios de sangue, maiores que os outros, tinham coagulado. Se o Mestre não tivesse a precaução de se lavar, não tardaria, que o sangue seco transformasse o Seu rosto
perfeito numa máscara.

Jesus de novo ergueu os olhos para o firmamento e, com voz mais serena, repetiu, praticamente, a sua primeira oração:

- Pai... sei muito bem que é possível evitar este cálice. Tudo é possível para Ti... Porém, Eu vim para cumprir a Tua vontade e, não obstante ser tão amargo, beberei, se assim é o Teu desejo...

Entre esta segunda oração (não sei se a deveria classificar assim) e a primeira, observei uma mudança notável, tanto no estado emocional do Mestre como na Sua atitude perante os acontecimentos já iminentes. Enquanto nas suas primeiras palavras havia dúvida, nesta altura o Galileu parecia ter ultrapassado parte da inquietação, mostrando-se, definitivamente, decidido a assumir a Sua sorte. É possível que esta transformação mental fosse responsável, em boa medida, pela progressiva serenidade. Porém, tudo isto, naturalmente, são apenas apreciações muito subjetivas.

O caso é que, absorto nas minhas primeiras verificações médicas e suspenso das palavras de Jesus, quase tinha esquecido de Eliseu e da aproximação daquele enigmático objeto. Mas o meu companheiro não tardou em mo recordar:

- Atenção, Jasão... Aquela coisa abandona o estacionário e move-se de novo... Com todos os...

A transmissão do meu companheiro interrompeu-se durante breves segundos. Por fim, Eliseu - muito agitado - continuou:

- Caiu como... Jasão, aquela bugiganga desceu ao nível trinta num segundo. Não pode ser... Se continua descendo, vou perdê-lo... Não! De momento, mantém-se... Mas dirige-se para nós.

Unindo os lábios ao tronco da canafístula perguntei:

- Ouvi trinta...

- Afirmativo - respondeu Eliseu. - É trinta... E continua a aproximar-se na radial cem (2)... O radar calcula a sua posição em dez milhas. Se não mudar de rumo, depressa você o verá...

Mas, por mais que olhasse não consegui distingui-lo. Foi então, ao levantar o olhar para as estrelas, que notei outro estranho fenômeno: a ramagem da árvore frondosa atrás da qual me ocultava ficara subitamente imóvel. O vento tinha parado.

Também não notei movimento algum nas copas das oliveiras nem no mato que nos rodeava. O cabelo de Jesus estava igualmente em repouso. Um tanto alarmado, interroguei Eliseu sobre velocidade e direção do vento...

1 Nível trinta: três mil pés (cerca de mil metros).
2 Radial Cem: o objeto aproximava-se com rumo de cem graus (aproximadamente direção és-sudeste).

- A quarenta mil pés, cento e vinte graus-cinquenta (1) - respondeu o meu irmão. - Mas, espera... Ao nível dez desapareceu... Não compreendo... De repente, da minha esquerda com rumo leste, aproximadamente, distingui um ponto de luz que se deslocava por cima do cume do monte das Oliveiras. Vinha direito à nossa posição e com uma trajetória que, em princípio, me pareceu totalmente horizontal ao solo.

Atônito e meio a gaguejar, carreguei no meu ouvido direito:

- Eliseu... Eu estou vendo... Pelas nove, da minha posição(2)... Traz rumo leste... Mas, com todos os diabos, que é aquilo? A resposta do módulo serviria para confirmar que não era vítima de uma alucinação...

- Afirmativo - exclamou Eliseu, tão desconcertado como eu. O visor de altura continua a detectá-lo ao nível 10... Acaba agora de sobrevoar o berço... Estou vendo-o...

Velocidade? É inacreditável, não chega às sessenta milhas por hora... Mas, o que é isso?

A comunicação voltou a interromper-se. Foram segundos eternos. Entretanto, aquela luz atingira a nossa vertical. E parou:

- Jasão – apareceu por fim o meu companheiro - Jasão, está me ouvindo?

- Afirmativo - apressei-me a responder-lhe. – Ele está cima das nossas cabeças...

- Jasão, alguma coisa está acontecendo com o radar. Aquela coisa está a bloqueando 4... Nota-se descida de nível?

- Negativo - respondi, sem perder de vista a luz – Parece continuar estacionado.

Ainda não acabara de transmitir estas palavras a Eliseu quando, em décimos de segundo, a luz efetuou uma queda livre, imobilizando-se talvez a cinqüenta ou cem metros por cima da clareira. Foi tudo tão vertiginoso que não tive tempo para nada. Fiquei paralisado. Como eu, João Marcos e - suponho – todos que se encontravam à nossa volta.

Eu continuava absolutamente consciente, via e escutava, mas não conseguia mexer um músculo. As minhas pernas não obedeciam aos impulsos do cérebro e da vontade. Era inútil tentar forçá-los. A proximidade daquela luz circular, de um branco acima do da soldadura autógena, e poderosíssima, imobilizava-nos. Durante os segundos que aquilo durou, pude ouvir, sim, a voz do meu companheiro no módulo, que - extremamente preocupado - não fazia mais do que chamar-me...

Mas, apesar dos meus esforços, não era capaz de articular palavra.

* Naquela altura o vento tinha a direção de cento e vinte graus (sudeste) e cerca de cinqüenta nós de velocidade (aproximadamente cem quilômetros por hora). (N. do M.)

2 Na terminologia aeronáutica, à esquerda do observador, considerando sempre as doze horas de um relógio como o ponto frontal de observação. As três, seria, por exemplo, à direita.

Quase ao mesmo tempo que aquela massa luminosa - de mais de cinqüenta metros de diâmetro - parava sobre o local, uma espécie de cilindro luminoso partiu do centro do disco, iluminando Jesus, as lajes de pedra e o terreno, num raio aproximado de cinco ou seis metros. O Mestre, com o rosto para o alto, não parecia alarmado. E continuou de joelhos...

A minha confusão não tinha limites. Como era possível que o Nazareno não se sentisse tão aturdido e atemorizado como eu?

Aquele medo que me invadia era partilhado pelo meu jovem companheiro, a julgar pela posição em que ficara. A fulminante descida da luz fizera que levantasse os braços para cima da cabeça, num movimento instintivo de proteção. E assim continuava, com o corpo encolhido e o rosto voltado para a silenciosa luz... Não consigo entender como chegou ali, mas, quase no mesmo instante que o cilindro de luz branca tocou na clareira, uma figura humana - assim me pareceu pelo menos - surgiu sobre a laje de pedra, aproximando-se imediatamente do Rabi. Estava de costas para mim e, naturalmente, apesar da luz ofuscante que inundava o lugar, a sua estrutura física tinha de ser sólida e consistente, e a prova é que ao chegar próximo ao Mestre, o escondeu com o corpo.

O pavor, possivelmente, tornou ainda mais agudos os escassos sentidos que continuava a controlar. E toda a minha atenção ficou polarizada na figura daquele ser. Era muito alto. Muito mais que Jesus. Possivelmente, ia além dos dois metros. Não se vestia como nós. Pelo contrário, a sua indumentária lembrou-me a dos pilotos de combate da USAF, embora com um corte muito mais justo ao corpo e brilho metalizado intenso. (Ainda que esta sensação pudesse ser devida à claridade reinante.) O vestuário parecia ser feito de uma só peça, com um cinto relativamente largo e do mesmo tom - semelhante ao do alumínio - do resto do traje. As calças (isso chamou-me muito a atenção) estavam enfiadas dentro das botas de meio cano, douradas. Quanto à cabeça, só consegui ver a zona occipital e a nuca. Tinha cabelo branco, liso e abundante, que lhe caía até aos ombros. Não havia dúvida de que se tratava de um indivíduo musculoso, de costas muito largas. Embora o silêncio fosse total, não consegui ouvir palavra alguma. Ignoro se houve diálogo. Tudo o que pude perceber foi o movimento do braço direito daquele ser, dirigido para Jesus, o qual, provavelmente devia continuar de joelhos... Se não fosse Eliseu, também não teria sido capaz de contar o tempo decorrido. Segundo o meu companheiro, aquele lapso - em que a ligação auditiva com o módulo ficou em branco - durou entre quatro e cinco minutos, aproximadamente.

Ao fim deste tempo, a figura daquele ser e o cilindro luminoso extinguiram-se instantaneamente. Não houve - ou, pelo menos, não pude perceber - elevação do ser para o disco luminoso. E também não o vi afastar-se ou desaparecer no olival... Pura e simplesmente, não tenho qualquer explicação. Em seguida, a luz oscilou suavemente, elevando-se na vertical, com uma aceleração que me deu vertigens. Num abrir e fechar de olhos (partindo do princípio que me era possível pestanejar), o objeto converteu-se num ponto insignificante, perdendo-se no infinito. Quase imediatamente, tanto João Marcos como eu recuperamos a mobilidade. E o vento voltou a soprar com força por entre as ramadas

das árvores, enquanto as cabras guardadas na gruta baliam em lamentos. ..

- Jasão... Está recebendo... ? Jasão! Pelo amor de Deus...Responda...

A voz de Eliseu continuava a insistir. Inspirei com toda a força, tentando acalmar os nervos.

- Afirmativo... - respondi, com o pouco de voz que me restava. - Roger... Até que enfim!... Jasão, você está bem?... O que aconteceu?

Tranqüilizei como pude o meu companheiro, dizendo-lhe que tentaria explicar mais tarde. A verdade é que a minha confusão tinha aumentado. Por um instante pensei que fora tudo um pesadelo. Mas não. Ao olhar o Mestre, a minha perplexidade aumentou, a película ensangüentada e os regos de sangue que lhe enchiam o rosto, pescoço e mãos tinham desaparecido! O semblante continuava pálido e macilento, mas não apresentava sinais do recente fenômeno da hemato-hidrose.

Era impossível que Jesus tivesse tido tempo de ir até algum dos recipientes de água do acampamento e proceder à lavagem do rosto, pescoço e mãos. Além disso, se assim tivesse acontecido eu o teria visto afastar-se e, naturalmente, voltar à rocha.

Pelo contrário, tenho certeza - certeza absoluta - de que o Mestre não abandonara em momento algum a sua posição, ajoelhado, na clareira.

Incompreensivelmente, João Marcos, continuava escondido atrás do muro de pedra, como se nada tivesse acontecido. Mais tarde, quando o interroguei quanto ao que se passara naquela noite no jardim, o rapaz respondeu afirmativamente:

- Sim - disse sem dar excessiva importância, e como se tivesse sido testemunha de outros acontecimentos semelhantes -, o Pai mandou um anjo... Claro que o vi...

O Galileu, muito mais sereno, levantou novamente o olhar para os céus e sorriu. Depois levantou-se e, com passada firme, dirigiu-se para o olival. Não sei como mas a súbita presença daquele anjo, astronauta, fantasma, ou seja que fosse, influíra decisivamente no ânimo do Filho do Homem. A expressão do evangelista - e o anjo o confortou - não podia ser mais apropriada. O Nazareno devia ter encontrado os Seus discípulos novamente adormecidos. Depois de gesticular com eles voltou atrás, ajoelhando-se pela terceira vez junto da pedra. Era assombroso. Nenhum dos discípulos parecia ter-se apercebido do que acontecera. Provavelmente, estavam dormindo. Uma vez ali, e no tom de voz habitual, o Mestre falou assim, sempre com os olhos postos no céu:

- Pai, vês os Meus apóstolos adormecidos... Estende sobre eles a Tua misericórdia. Na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca...

Jesus ficou em silêncio e inclinou a cabeça, fechando os olhos. Depois, decorridos poucos segundos, voltou novamente o rosto para os céus, exclamando:

- E agora, Meu Pai, se este cálice não se pode afastar... bebê-lo-ei. Que seja feita a tua vontade e não a minha...

Devia ser quase uma da madrugada daquela sexta-feira, 7 de Abril, quando o Gigante - depois de permanecer uns minutos em recolhimento total - se levantou pela última vez, dirigindo-se ao ponto onde os três apóstolos dormiam profundamente. Mas, nesta ocasião, o Galileu não regressou à clareira.

Acordou os seus homens e, pouco depois, os quatro metiam-se pelo olival, perdendo-se de vista. Meditei muito sobre aquelas estranhas palavras de Jesus. Que queria dizer, quando falou em afastar o cálice? Referia-se à possibilidade de evitar os suplícios e a morte? Durante algum tempo, assim pensei. Mas, depois de ser testemunha da Sua Paixão e outra interpretação - mais sutil - veio substituir a minha idéia anterior. Comecei então a ter a intuição da grande tragédia do Mestre naqueles críticos momentos da chamada oração do jardim.

Não foi o medo o que possivelmente provocou a sua imensa angústia e o suor ensangüentado. Ele sabia o que o destino Lhe reservava e, como demonstrou claramente, enfrentou a dor abertamente e com valentia. Mas, pela mão dessas torturas, o Galileu sabia que também chegariam as humilhações. Deve ter sido a visão dos vexames a que criaturas por Si criadas iriam submetê-lo, que levou o Galileu a mergulhar num estado de aguda prostração.

Se, realmente, era o Filho de Deus, a simples observação – e muito mais o sofrimento - da barbárie e primitivismo dos Seus homens para com Ele próprio tinha de lhe ser insuportável.

Guardadas as devidas proporções, imagino o terrível sofrimento moral de um pai, ao ver como os seus filhos o esbofeteiam, insultam, ferem e injuriam.

João Marcos e eu apressamo-nos a saltar o muro que nos separava da clareira onde tivera lugar a tripla oração do jardim e, com idêntica prudência, penetramos no olival, seguindo os passos de Jesus e dos discípulos. À medida que nos aproximávamos do terreno do acampamento, um pensamento - talvez tão absurdo quanto inoportuno - continuava a martelar-me o cérebro. Não podia afastar da mente as imagens daquele ser de mais de dois metros e do objeto – porque aquilo era um veículo tripulado - que tinha sido capaz de desafiar tão eloqüentemente as leis da gravidade. Que tipo de objeto era aquele? Que tecnologia podia realizar tais acelerações e desacelerações (1)? E, principalmente, que relação tinha tudo aquilo com Jesus e com a Divindade? Daria anos de vida para ter registrado a conversa entre o Mestre e aquele misterioso ser. Amaldiçoei a minha má estrela, que não me deixou ver os rostos de ambas as personagens, e interpretar pelo menos, o que se tinha passado entre eles. Desde então uma grande

incerteza tomou conta de mim, podia ser um anjo? Se realmente era assim, como os teólogos estão longe da verdade...

* Como membro da Força Aérea sei até onde chega a resistência humana à gravidade. Alguns astronautas, utilizando fatos muito sofisticados chegaram a suportar 11 Gs (o valor normal da aceleração da gravidade - quer dizer de uma G - é de 9,80665 metros por segundo, em cada segundo). Segundo o meu cálculo, aquele objeto praticou uma queda, e um arranque que deve ter submetido os pilotos, a 20 g ou 30 g. (N. do M.)

Quando, por fim, chegamos ao acampamento, tudo continuava mais ou menos igual. Os discípulos do Mestre, profundamente adormecidos, mantinham-se alheios a quanto acabava de acontecer a poucos metros das barracas. E digo que tudo estava mais ou menos como antes porque, coincidindo com o nosso regresso, dois dos agentes secretos de David Zebedeu entravam também no jardim. Ofegantes e excitados, perguntaram pelo seu chefe. Foi João Marcos quem lhes apontou o lugar onde ele estava de guarda.

Entretanto, o Mestre, aconselhava Pedro, João e Tiago a que fossem dormir. Mas os apóstolos, talvez suficientemente repousados pelos sonos breves mas profundos que tinham desfrutado nas proximidades da gruta, e mais nervosos perante a súbita chegada dos mensageiros, recusaram. Sem poder resistir à tentação, o fogoso Pedro interrogou um dos agentes de Zebedeu. O homem, apertado pelas perguntas de Simão, acabou por lhe dizer que um destacamento de soldados do Sinédrio e uma escolta romana se encaminhavam para ali. De rosto contorcido, Pedro recuou. Mas quando se dirigia para as tendas, na intenção de acordar os companheiros, Jesus interpôs-se no seu caminho, ordenando-lhe que se mantivesse em silêncio. A recomendação do Galileu foi tão firme que os discípulos, desconcertados, ficaram como que pregados ao chão.

Os gregos, que acampavam ao ar livre, foram também acordados pela entrada dos agentes de Zebedeu e não tardaram em rodear Jesus e os três apóstolos, interrogando-os. Porém, o Mestre que recuperara a serenidade habitual pediu-lhes que se tranqüilizassem e que voltassem para junto do tanque de azeite.

Foi inútil. Nenhum dos presentes se moveu do lugar em que estava.

O Nazareno compreendeu a atitude dos homens e, sem dizer uma palavra, afastou-se do grupo, deixando o acampamento com grandes passadas.

Durante uns segundos, os gregos e os apóstolos vacilaram. Uma vez mais foi o jovem João Marcos quem tomou a iniciativa. Num abrir e fechar de olhos saiu do jardim e desapareceu, encosta abaixo. Aquela inesperada reação de Jesus, saindo da herdade de Getsémani, desorientou-me. Segundo os evangelhos canônicos , fonte principal de

informação, a prisão devia ser levada a cabo no jardim. No entanto, o Nazareno acabava de o deixar... Sem pensar duas vezes, segui os passos do rapaz, deixando os três apóstolos e os gregos, imóveis, no meio do acampamento.

Tanto Jesus como João Marcos tinham ido pelo caminho que percorria a encosta ocidental do monte das Oliveiras e que em várias alturas me levara até à pequena ponte sobre o leito agora seco do Cédron. Naquele momento, e justamente do outro lado da ponte, chamou-me a atenção o movimento de um grande número de archotes. Ao observar mais atentamente, verifiquei que se dirigia para aquele lado do monte. Deviam ser aqueles os homens armados de que falara o mensageiro de Zebedeu.

Surpreendido, continuei descendo a caminho até que, numa das curvas vi João Marcos - seria mais correto dizer que só distingui o seu lençol branco -, que se refugiava numa pequena barraca de madeira, mesmo junto do atalho.

Parei, sem saber que fazer. Mas as minhas surpresas naquela madrugada de sexta-feira mal tinham ainda começado.

Junto da barraca avistei outra cuba - semelhante à da entrada do acampamento de Getsémani -, que devia fazer parte de um dos tanques de azeite, tão abundantes no monte das Oliveiras. O Mestre sentara-se no pequeno muro de pedra da prensa, a dois passos do caminho, voltado para onde, sempre mais perto, vinha o oscilante enxame de luzes amareladas.

Num primeiro momento, pensei também em esconder-me na barraca. Mas desisti da idéia. Ignorava absolutamente o curso que os acontecimentos podiam tomar e preferi manter-me em local mais aberto. De ambos os lados da caminho alongavam-se os olivais. Podia ser um bom ponto de observação. Rapidamente, deixei o caminho, enfiando-me pelo escuro olival situado à esquerda do atalho. Escolhi uma das árvores mais altas e ocultei-me na ramagem. Dali via Jesus, a pouco mais de cinco ou seis metros. Mas, de repente, fui assaltado por uma dúvida que quase me fez descer da oliveira. E se o Galileu regressasse ao acampamento? Nesse caso, não teria outro remédio senão arriscar-me a ir atrás do grupo armado...

Se não me enganava, a distância percorrida por Jesus da porta de entrada ao jardim de Simão, o Leproso, até àquela curva do serpenteante caminho em ferradura, fora de uns cem ou cento e cinqüenta passos. Ao vê-lo ali, tão estranhamente sereno, comecei a compreender. Não era preciso ser muito inteligente para se perceber que aquele rápido afastamento da zona onde continuavam os seus homens só podia ser motivado pelo desejo de que o seu encontro com Judas e a guarda do Sinédrio não afetasse os discípulos. Ele sabia que muitos dos discípulos e dos gregos tinham armas, e, provavelmente, quis evitar o risco de um choque armado. Se a memória não me enganava, no acampamento devia haver, naquele momento, à volta de

sessenta homens. Bastaria que algum deles - Pedro ou Simão, o Zelota, por exemplo - desembainhasse a sua espada, para provocar um sangrento combate. Se a versão do agente secreto de Zebedeu estava certa, aos levitas do Templo tinha de se juntar a patrulha romana. E isto, sem dúvida alguma, complicava as coisas. Os legionários da Fortaleza Antonia não se distinguiam precisamente pelos modos suaves... Eu fora testemunha da sua ferocidade no espancamento de um camarada.

Que podia então esperar-se daqueles soldados aguerridos no caso de se chegar a um combate? O mais provável, era que muitos dos discípulos do Mestre fossem feridos ou mortos e, no melhor dos casos, feitos prisioneiros. E Jesus, a julgar pelas orações do olival, queria evitá-lo a todo o custo. Que teria sido da sua missão e da futura propagação do evangelho do reino, se os pregadores tivessem tombado, aquela noite, no Getsémani? Os archotes apareciam e desapareciam no arvoredo, aproximando-se cada vez mais. Pedi a Eliseu que me informasse quanto à hora exata. Eram uma e quinze minutos da madrugada.

A Lua continuava brilhando, proporcionando-me uma mais que aceitável visibilidade. De repente, e quando o cacho de archotes se encontrava ainda a certa distância do lugar onde Jesus esperava, vi aparecer na caminho um indivíduo. Subia correndo, seguindo na direção do acampamento. Jesus, ao vê-lo,
pôs-se de pé, e postou-se no meio do caminho. O apressado caminhante - que a princípio não consegui identificar – logo descobriu a alta figura do Galileu, com a branca túnica banhada pelo luar. A presença inesperada do Mestre, cortando-lhe a passagem, deve tê-lo desorientado, porque estacou. Mas após segundos de indecisão continuou a avançar, desta vez sem muita pressa. A misteriosa personagem, envolta num manto escuro, devia encontrar-se a trinta ou quarenta metros do Rabi, quando, ao fundo da caminho, entrou em cena o pelotão que trazia os archotes. Vinha em desordem, embora formando uma longa fileira de gente. À primeira vista, deviam ser mais de cem homens.

Conforme foram se aproximando, pude distinguir, entre os homens à frente, cerca de trinta soldados romanos. Traziam a mesma indumentária que já vira entre os legionários da Torre Antonia, e estavam armados de espadas, algumas lanças e escudos. Imediatamente atrás - quase misturados com os primeiros - um tropel de quarenta ou cinqüenta levitas, ou guardas do Templo, na sua maioria armados com bastões e clavas de pregos. A surpresa que experimentei atingiu o máximo quando, à minha direita, surgiram outros archotes, espalhados entre as oliveiras. Não eram muitos, talvez uma dezena. Mas ziguezagueavam a grande velocidade, descendo para o ponto onde se encontrava Jesus. Pela direção que traziam, pensei que se tratava dos discípulos. E um calafrio voltou a percorrer-me o corpo. Se os dois grupos chegassem a enfrentar-se, sabe-se lá o que poderia acontecer.

O grupo à minha esquerda - o que vinha de Jerusalém - continuou a avançar em silêncio, até se deter à distância de uma pedrada do Galileu. Por seu lado, os que acabavam de aparecer pela direita, acabaram por se concentrar no caminho. Uma vez reagrupados, continuaram descendo, mas agora com grande lentidão .

Quando o grupo armado que viera para prender o Nazareno parou, os adeptos de Jesus fizeram o mesmo. Estavam agora muito mais perto do Mestre. Talvez a vinte ou vinte e cinco passos.

À luz das tochas, distingui Pedro na primeira linha. E com ele João, Tiago e uma vintena de gregos. No entanto, por mais que observasse, não vi Simão, o Zelota, nem os outros apóstolos e discípulos. Aquilo significava que ninguém os acordara.

Durante uns minutos que me pareceram intermináveis, só o vento assobiou por entre as oliveiras, agitando as chamas dos archotes de ambos os grupos.

Jesus - no meio - continuava à espera daquele homem que se destacara da turba vinda da Cidade Santa. Quando faltavam apenas uns metros para que chegasse junto do Rabi, a Lua fez sobressair a palidez do seu rosto. Era Judas!

Mas por que razão se adiantara à força armada? O mistério seria deslindado na manhã seguinte, pouco antes do fatal e inesperado acontecimento que provocaria a morte de Iscariotes. (Uma vez mais, Judas maquinara os seus planos com tanta astúcia como maldade.)

Por fim, Jesus reagiu. Com grande dignidade, avançou para Judas, mas, ao chegar junto dele, desviou-se para o limite esquerdo do caminho, evitando o traidor. Judas Iscariotes, perplexo, voltou-se. O Mestre tinha continuado na direção da soldadesca, detendo os seus passos a poucos metros do grupo. Dali, em voz muito alta, interpelou o que parecia ser o chefe: - Que procurais aqui?

O soldado romano, que, julgando pelo capacete com um penacho de penas vermelhas e pela espada (colocada na ilharga esquerda), devia ser um oficial, avançou por sua vez e, em grego, respondeu:

- Jesus de Nazaré!

O Mestre avançou então para o suposto centurião, e com grande solenidade, exclamou:

- Sou Eu...

Ao escutarem as serenas e majestosas palavras daquele Gigante, os cinco ou seis legionários que ocupavam a primeira fila recuaram bruscamente. Este movimento súbito fez que alguns esbarrassem nos companheiros colocados imediatamente atrás, provocando uma série de quedas grotescas. Entre os que deram com os ossos em terra estavam também alguns que traziam archotes. E estes, ao caírem sobre os companheiros no chão, contribuíram para multiplicar a confusão. O oficial, indignado, recuou até ao grupo da frente e começou a golpear os covardes e vacilantes soldados com o bastão que trazia na mão direita. (Aquela cena trouxe-me à memória o relato evangélico de João: o único

que fala desta queda da força armada que viera prender o Mestre. Mas, bem longe do caráter milagroso que alguns teólogos e comentaristas quiseram ver no referido acontecimento, a única verdade é que aqueles homens rolaram no solo em conseqüência de um movimento mal calculado.

Outra questão é o motivo por que recuaram. Em minha opinião é possível que tivessem medo. Quase todos tinham visto Jesus quando pregava no adro do Templo e também era muito provável que tivessem sabido dos Seus prodígios e do Seu poder. Se unirmos isto à valentia com que o Galileu se apresentou perante eles, talvez tenhamos aí a resposta...Enquanto os soldados romanos se punham de pé e recuperavam a sua maltratada dignidade, Judas - cujos planos não estavam saindo tal como tinha previsto, segundo pude averiguar horas mais tarde - aproximou-se do Nazareno, abraçando-o. Imediatamente, e de modo ostensivo - para que todos o pudessem ver -,levantou-se nas pontas das sandálias, dando um beijo na testa de Jesus, ao mesmo tempo que Lhe dizia:

- Saúde, Mestre e Guia!

O Galileu, sem perder a serenidade, respondeu-lhe:

- Amigo... não basta fazer isto? Será que queres ainda trair o Filho do Homem com um beijo?

E antes que Judas pudesse reagir, o Mestre libertou-se do abraço do traidor, fitando novamente o oficial romano e a restante força armada.

- Quem procuram?

- Jesus de Nazaré - repetiu o oficial.

- Já te disse que sou Eu... Portanto - prosseguiu Jesus -, se era a Mim que procuravas, deixa que os outros sigam o seu caminho... Estou disposto a seguir-Te...

O oficial achou que era razoável o pedido do Nazareno.

Pôs-se a Seu lado e, quando se dispunha a regressar a Jerusalém, um dos guardas do Sinédrio saiu do pelotão, lançando-se sobre Jesus. Trazia nas mãos uma corda. E, apesar de o chefe da patrulha romana não ter dado tal ordem, aquele sírio, que respondia ao nome de Malchus ou Malco, apressou-se a agarrar os braços do Rabi, tentando atá-los pelas costas.

Ao vê-lo o oficial levantou o bastão, disposto, sem dúvida, a afastar o intruso. Mas a fulminante entrada em ação de Pedro e dos seus companheiros iria anular os propósitos do responsável pela prisão. Efetivamente, com rapidez vertiginosa, Pedro e os outros - indignados pela ação de Malco - precipitaram-se sobre o guarda do Sinédrio. Simão Tiago e alguns dos gregos tinham desembainhado as espadas e, soltando todo o tipo de imprecações, prepararam-se para o combate. Antes que a escolta romana tivesse tempo de proteger Malco, Pedro - espada ao alto - caiu sobre o aterrorizado servo do sumo sacerdote, vibrando-lhe um violento golpe na cabeça. No último instante, Malco

conseguiu desviar-se, evitando que o poderoso golpe de Pedro lhe abrisse o crânio. No entanto, o fio da espada passou-lhe rente ao lado direito do rosto , levando-lhe a orelha e ferindo-o no ombro. Então, Jesus levantou um braço para Pedro e, com grande severidade censurou-lhe o procedimento:

- Pedro, embainha a tua espada... Quem quer que desembainhe a espada morrer pela espada. Não compreendeis que é vontade de Meu Pai que Eu beba este cálice? Não sabeis que agora mesmo poderia enviar dezenas de legiões de anjos e os seus companheiros me libertariam das mãos dos homens?

Os discípulos - Pedro, especialmente - ficaram aturdidos.

Não entendiam as palavras do Mestre e, menos ainda, a sua docilidade perante o inimigo.

Malco continuava a torcer-se e a gritar de dor, quando Jesus se inclinou para ele. Com grande firmeza retirou-lhe a mão do ouvido ensangüentado, colocando a sua palma direita sobre a ferida. Em questão de segundos, os gemidos diminuíram, tornando-se sempre mais fracos e espaçados. Depois, o Rabi repetiu a operação, pondo-lhe a mão sobre o ombro. Do cimo da árvore, não pude verificar que tipo de cura fez o Galileu. No entanto, o que era claro é que fizera parar a abundante hemorragia e praticamente congelara a dor daquele infeliz. (No decorrer das duas intensas jornadas seguintes, antes do meu regresso definitivo ao módulo, procurei, por todos os meios, localizar o sírio e verificar o ferimento que Pedro lhe fizera. No entanto, os meus esforços foram perdidos.) A atitude belicosa de Pedro e dos companheiros só serviu para piorar as coisas. O oficial romano ignorou as palavras pacíficas e o gesto humanitário de Jesus com Malco e ordenou aos legionários que o prendessem, atando-Lhe os pulsos atrás das costas. Enquanto o manietavam, o Mestre, profundamente magoado por aquela humilhação, dirigiu-se aos levitas e soldados que, com as espadas e bastões preparados para repelir qualquer outro ataque, contemplavam a cena:

- Para que empunhais as espadas e paus contra Mim, como se fosse um ladrão? Todos os dias estive convosco no Templo, educando e ensinando publicamente o povo, sem que nada fizésseis para me deter... Mas ninguém respondeu.

Uma vez o Rabi imobilizado com grossas cordas, o oficial dirigiu-se aos seus homens, ordenando que prendessem também aquele grupo de fanáticos, segundo as suas próprias palavras. Porém, a patrulha não reagiu a tempo e Pedro e os seus companheiros fugiram dali, atirando os archotes contra os romanos. Este novo erro da escolta foi mais que suficiente para que a vintena de adeptos do Mestre se dispersasse pela encosta, entre os olivais. A quase totalidade dos legionários foi em sua perseguição. No entanto, os discípulos – que conheciam melhor o terreno e iam com pânico bastante para voar, mais do que correr - não tardaram em desaparecer. A prova é que, cinco ou dez minutos depois, o grupo armado regressou ao caminho, iniciando o regresso a Jerusalém.

Fortemente escoltado, o Mestre não tardou em desaparecer com eles, numa das curvas do caminho. Eram duas da madrugada...

A vozearia dos legionários foi-se dissipando. E ali fiquei eu, com o coração apertado e num silêncio de morte. Tinha, porém, de continuar com a minha missão. E assim, tentando não fazer barulho, desci da copa da oliveira. As minhas idéias - reconheço-o - não eram muito claras. Durante alguns segundos, e ainda junto da árvore, vacilei. Que caminho devia tomar? Voltar ao acampamento e juntar-me ao que restasse do grupo de gregos e discípulos não me parecia o melhor. Além disso, sabe-se lá onde teriam ido parar? Era muito mais lógico seguir as pisadas do pelotão de soldados e guardas do Templo. Mas, como chegar junto deles sem levantar suspeitas e, o que era pior, sem que me detivessem? Quando me preparava para deixar o olival e encaminhar-me para a Cidade Santa, as silhuetas de dois legionários que tinham ficado para trás apareceram de repente entre as oliveiras, do outro lado da caminho. Agarrei-me como pude a um dos troncos e esperei que passassem. Se descobrissem a minha presença estaria numa situação delicada. Mas, no momento em que os soldados entravam na caminho, João Marcos - que se mantivera escondido durante tudo aquilo - assomou à porta da barraca. Embora procedesse com grande cuidado, os romanos viram imediatamente o seu lençol branco e correram para o rapaz. Desta vez, a reação dos soldados foi tão rápida que Marcos não teve tempo de escapar.

Um dos legionários agarrou o lençol, enquanto o segundo, também correndo, seguia atrás do companheiro. Mas o ágil Marcos não se deu por vencido. Sem pensar duas vezes, largou o lençol, fugindo nu por entre as oliveiras de onde tinham vindo os inoportunos estrangeiros. Aquela manobra do jovem apanhou os romanos desprevenidos, e fez que perdessem segundos preciosos. Aquele que tinha conseguido agarrar João Marcos, atirou o lençol ao chão e, soltando várias maldições, desembainhou a espada e desatou a correr às cegas.

O companheiro fez o mesmo, enfiando-se novamente pelo bosque.

Mas, naquela noite, a má sorte parecia encarniçar-se contra os soldados romanos, e o segundo legionário tropeçou numa das raízes do olival, caindo de bruços. Em conseqüência da queda, o capacete do romano foi arremessado, rolando pela encosta. Porém, o enfurecido soldado - na ânsia de apanhar o emboscado - não procurou o elmo.

Sabia que era arriscado mas, deixando-me guiar pela intuição, abandonei o meu esconderijo e aproximei-me do lugar onde caíra o capacete. Apanhei-o e, tentando tranqüilizar-me, esperei. Era, efetivamente, um elmo de couro, sem adornos ou distintivos.

Não tive de esperar muito. Em poucos minutos, os legionários regressaram à estrema do olival. No entanto, preocupados em encontrar o capacete, não deram pela minha presença. Então, levantando a voz e o elmo, dirigi-me a eles em grego. Ao verem-me, os soldados não reagiram. Pouco a pouco, foram-se aproximando. Um suor frio começou

a encharcar-me a túnica. Se aquele estratagema não desse resultado, a minha segurança podia ver-se seriamente ameaçada. O que tinha perdido o elmo, chegou até mim e, parando a uns dois metros, inspecionou-me dos pés à cabeça. Estava suado e sem fôlego. O segundo legionário não tardou em pôr-se a seu lado. Tentei sorrir mas, francamente, não sei se o consegui. O caso é que, procurando esconder o tremor das mãos, entreguei-lhe o capacete. O romano apressou-se a recebê-lo, arrebatando-mo com violência, e imediatamente o pôs na cabeça.

- Quem és? - falou, por fim, o segundo soldado.

- Chamo-me Jasão - respondi, com o coração apertado. – Sou grego e vou para Jerusalém... De repente, lembrei-me da autorização que me concedera o procurador romano, com a finalidade de me facilitar a entrada na Fortaleza Antonia. Sem hesitar, lancei mão da bolsa e mostrei-lhes o salvo-conduto, explicando-lhes que naquela mesma manhã de sexta-feira deveria visitar Pôncio Pilatos.

Os legionários desviaram o olhar para o rolo, embora eu duvidasse que soubessem ler. Contudo, deviam ter identificado a assinatura de Pilatos, porque a sua atitude se tornou mais condescendente.

- De onde vens?

- De Betânia...

- Então - continuou o legionário que falava grego – não sabes o que aconteceu aqui?

- Aqui - perguntei, num tom de total ignorância. - Não, que aconteceu?

- Não tem importância - concluiu o legionário. - Nós também vamos para Jerusalém. Se queres, podemos escoltar-te...

Senti-me encantado com tal oferta mas, quando parecia tudo resolvido, o soldado que perdera o capacete pegou na lança do acompanhante e sem uma palavra inclinou-a para o meu peito.

Fiquei paralisado. Ao olhar de novo para o soldado, o seu rosto pareceu-me familiar. O soldado acabou por sorrir. Claro!

Logo me lembrei. Era a sentinela da Torre Antonia, o que me apontara o pilum enquanto eu e José de Arimatéia esperávamos que voltasse o seu companheiro... Retribuí o sorriso e o legionário - satisfeito por ver que o tinha reconhecido - retirou a lança, explicando ao segundo e intrigado soldado que, efetivamente, me vira às portas da Torre Antonia e que eu não mentia.

Aquele encontro fortuito com o meu amigo legionário ia ser-me muito útil...

Os soldados tinham pressa de alcançar o pelotão que conduzia o Nazareno e, dali a pouco, avistamos os archotes. Mas, para minha surpresa, o grupo parara no do meio caminho. Quando os dois retardatários se juntaram à patrulha romana, insinuei que talvez fosse mais prudente eu continuar na retaguarda ou seguir diretamente para Jerusalém. Mas a sentinela, que parecia muito honrada com a minha

amizade, aconselhou-me a permanecer junto dele. E assim fiz. Desta forma, ao aproximar-se do oficial que comandava o pelotão, compreendi porque tinham parado. O chefe dos levitas teimava em levar o Nazareno à residência de Caifás. No entanto, o optio romano, uma espécie de lugar-tenente dos centuriões (1), responsável pela captura e custódia do prisioneiro, opunha-se a esta decisão, considerando que as suas ordens eram precisas:

Jesus de Nazaré devia ser conduzido à presença do ex-sumo sacerdote Anás. (Segundo parecia, as relações entre o procurador romano e as castas sacerdotais judaicas continuavam a manter-se, através do poderoso e influente sogro de Caifás.) Os guardas levitas tiveram de ceder e Arsenius - o optio ou oficial subalterno romano - ordenou que a patrulha recomeçasse o seu caminho para o Bairro Baixo de Jerusalém. Durante a discussão, Jesus permaneceu em silêncio, de olhos baixos e praticamente ausente.

Judas, por seu lado, colocara-se entre os dois chefes – o romano e o levita - mas, por mais que tentasse o diálogo, estes evitavam as suas perguntas, permanecendo num silêncio total e violento. Quando perguntei ao legionário a razão daquela atitude do optio e do capitão dos guardas do Templo para Judas Iscariotes, o meu amigo respondeu com uma afirmação contundente:

- É um traidor...

Estávamos a poucos metros da ponte que unia a encosta do monte das Oliveiras ao terreiro situado junto da muralha oriental do Templo, quando se deu um fato desconcertante e imprevisto.

À cabeça do cortejo marchavam ambos os capitães. No meio deles, Judas, e, imediatamente atrás, a patrulha romana, cercando Jesus. Por último, o bando dos levitas e servos do Sinédrio, envoltos nos seus mantos, furiosos pela firme decisão do oficial romano de entregar o Galileu ao antigo sumo sacerdote. Eu caminhava à esquerda do grupo, junto dos últimos legionários.

Subitamente, João, o Evangelista, apareceu à direita, avançando até chegar perto do Mestre. Fiquei estupefato perante a valente resolução do jovem discípulo. Pelo que pude observar, João devia ter perdido o manto na fuga anárquica dos adeptos do Rabi. Trazia apenas a sua túnica curta - até aos joelhos - e, na faixa, uma espada. Ao verem-no, os guardas do Templo ficaram alarmados e avisaram o chefe da presença do galileu. O pelotão parou novamente e o capitão dos levitas ordenou aos seus homens que prendessem e atassem também João. Mas, quando os sicários de Caifás se dispunham a amarrá-lo, Arsenius interveio de novo.

* A figura do optio representava um oficial subalterno, diretamente sob o comando do centurião. Geralmente, enviava pequenos grupos de tropas aliviando o oficial das suas funções administrativas, disposição das guardas, instrução militar etc. Deu-lhes o nome de optiones,

segundo Festo, porque, desde o tempo em que foi permitido aos centuriões eleger ou optar o que desejavam. foi-lhes aplicado também o nome de optio, por causa da eleição. (N. do M.)

O veterano oficial, sagaz e de nobre condição, interpôs-se entre o apóstolo e os levitas, exclamando:

- Alto! Este homem não é um traidor e também não é um covarde! Os hebreus não pareciam muito dispostos a perder também aquela oportunidade e protestaram energicamente. Os olhos do ajudante do centurião cravaram-se nos do capitão da guarda do Sinédrio. Baixou o rosto, mal barbeado, cerrou fortemente os maxilares e, levantando o bastão até o deixar a um palmo da testa do chefe dos levitas, repetiu em tom ameaçador:

- Estou lhe dizendo que este homem não é um traidor nem um covarde... Pude vê-lo antes e não puxou da espada para resistir. Agora teve a valentia de vir até aqui para estar com o seu mestre.

Fazendo assobiar a vara com uma série de curtos e breves movimentos de pulso, acrescentou, ao mesmo tempo que o responsável dos judeus recuava, espantado:

- Que ninguém ponha as mãos nele... A lei romana concede a todos os prisioneiros o privilégio de um amigo que o acompanhe ante o tribunal. Portanto, ninguém impedirá que este Galileu permaneça ao lado do réu.

O ódio e o desprezo do optio romano pelos judeus, em geral, e por aqueles, em particular, deviam ser tão grandes que, no fundo, a insólita ordem do oficial podia ser motivada, em minha opinião, não só por admirar o gesto audaz de João, mas também para humilhar e contrariar aqueles covardes, incapazes de enfrentar por si mesmos o Nazareno. (Ao chegar ao palácio de Anás, José de Arimatéia me explicaria, com grande soma de pormenores, as manobras tortuosas de Judas Iscariotes e dos levitas, que chegaram até, a solicitar à guarnição romana que os acompanhasse para deter Jesus.) E devo acrescentar que, no meu regresso desta primeira grande viagem, consultei distintos especialistas de direito e jurisprudência romanos, procurando averiguar se, efetivamente, existira essa lei, invocada pelo optio. Mas, até este momento, as minhas indagações têm sido vãs.

Os antigos romanos, como hoje os ingleses tradicionalistas, não eram muito amantes de leis, tal como nós as interpretamos. O seu direito, felizmente para eles, não se baseava precisamente em leis 1.

Alguns especialistas falam na possibilidade de a referida lei, se tratar, na realidade, de uma adaptação muito particular do regime da garantia de apresentação perante o juiz, mediante os chamados praedes vades, que servia precisamente para evitar a prisão preventiva do réu, tal como se faz atualmente com a abusivamente chamada fiança, (que não é uma garantia pessoal. mas sim um depósito em dinheiro). (N. do M.)

Segundo os especialistas que interroguei, a disposição invocada pelo oficial Arsenius não era hábito da época e, principalmente, das autoridades que ocupavam aquela província romana. A arbitrariedade existente na altura de aplicar justiça ou de tratar de um prisioneiro era tal que, pelo menos para os estudiosos do Direito Romano, a conduta do oficial era perfeitamente possível. Não podemos esquecer que os donos e senhores de vidas e bens daquele país revolucionário continuavam a ser os romanos.

Esta providencial ordem do optio da Torre Antonia veio responder a outra das minhas interrogações. Como era possível que João Zebedeu fosse o único apóstolo a declarar nos seus escritos ter sido testemunha ocular de muitos dos acontecimentos que se viveram ao longo daquela sexta-feira? Logicamente, se não fosse esta inestimável ajuda do oficial subalterno Arsenius, o discípulo de Jesus teria tido muitos problemas em poder assistir aos interrogatórios e à Crucificação. Tal como as coisas estavam, teria sido quase impossível que as castas sacerdotais - que odiavam o Mestre e os seus discípulos - cedessem e aceitassem a livre presença de algum dos amigos do Prisioneiro. Só uma imposição superior, emanada, neste caso, da autoridade romana, pôde permitir a João assistir à morte de Cristo.

Apesar de tudo, o oficial romano, por cautela, ordenou a um dos seus homens que desarmasse João. E o pelotão continuou o seu caminho.

O reconhecimento público da valentia de João pelo oficial romano representou um duro golpe na dignidade de Judas.

Envergonhado, de cabeça baixa, sobrancelhas franzidas, foi abandonando o passo até ficar para trás e sozinho. E assim chegou à casa de Anás.

João, prudentemente, em momento algum falou com seu Mestre, que também não manifestou vontade de se dirigir ao jovem. Aliás, as circunstâncias não o aconselhavam. No entanto, quando nos metemos pelas ruas desertas de Jerusalém, consegui pôr-me ao lado de Zebedeu e perguntar-lhe pelos outros homens e, muito especialmente, porque tomara a perigosa decisão de se unir a Jesus. O apóstolo, com os olhos vermelhos de tanto ter chorado, pareceu alegrar-se um pouco ao verificar que não se encontrava só e confessou-me que, depois de terem conseguido despistar os legionários ele e Pedro tinham decidido seguir Jesus. De resto, só sabia que tinha fugido em direção ao acampamento. Enquanto silenciosamente o seguia, João lembrou as instruções que o Mestre lhe dera de permanecer a Seu lado, e apressou-se a alcançá-Lo. Entretanto, Pedro - se é que não tinha mudado de idéia- devia encontrar-se a certa distância, seguindo-nos, escondido pelas árvores.

Às duas e quinze da madrugada, a comitiva parou diante da casa de Anás, não muito longe da Porta de Sião, no extremo ocidental da cidade e a breve distância, segundo os meus cálculos, da casa de João

Marcos. Ali, diante da cancela do espaçoso jardim, que se alongava em frente da casa, o oficial romano entregou oficialmente o prisioneiro ao chefe dos levitas. Mas antes, dirigindo-se a um dos legionários e de modo a que todos pudessem ouvi-lo, ordenou:

- Acompanha o preso e vela para que estes miseráveis não o matem sem o consentimento de Pilatos. Evite que o assassinem e providencie para que este galileu - disse referindo-se a João - possa acompanhá-lo a todo o momento. Observe bem tudo que acontecer...

E, dando meia volta, afastou-se do local, na companhia do pelotão de legionários. Ao despedir-me do soldado meti-lhe dissimuladamente uma moeda de prata na mão, agradecendo a sua ajuda e pedindo-lhe que antes de regressar à Fortaleza, falasse ao companheiro que fora designado por Arsenius para defender Jesus e João e lhe suplicasse que me permitisse fazer-lhes companhia. O soldado sorriu e, sem fazer perguntas, entendeu-se com o legionário para que os meus desejos fossem cumpridos. Outro discreto e oportuno denário de prata no punho deste último acabou por dissipar todas as reservas e receios.

No momento, a minha presença na casa de Anás estava garantida.

Uma vez no pátio, parte da guarda do Templo despediu-se, afastando-se da suntuosa residência do antigo sumo sacerdote. Vários servidores de Anás aproximaram-se precipitadamente do chefe dos levitas. Este ordenou que avisassem o amo:

- O prisioneiro chegou - disse-lhes, apontando o Nazareno, que continuava com as mãos atadas atrás das costas e imóvel, no meio do pátio lajeado.

João continuava ao lado do Mestre e o legionário, por sua vez, procurava não os perder de vista, bem como um reduzido grupo de guardas e serventes do Templo que se esforçavam para acender uma fogueira. Empilharam vários troncos num dos cantos do escuro pátio e, depois de os salpicarem com azeite, inclinaram um dos fachos para a lenha, ateando-lhe fogo. A temperatura tinha baixado alguns graus e quase todos os presentes foram se aproximando do fogo. Dali a poucos minutos, no centro do pátio apenas se encontravam Jesus, o chefe dos levitas - que continuava a segurar a grossa corda com que tinham amarrado o Filho do Homem -, o jovem discípulo, o soldado romano e eu. Diante de nós, erguia-se uma imponente mansão de dois andares, com uma fachada inteiramente de pedra
lavrada, e delicadas escadas semicirculares de mármore. Na porta, fracamente iluminada por muitas lanternas de azeite, encontrava-se uma mulher gorda, de baixa estatura, que sorria sem cessar.

Mas aquela primeira exploração do recinto viu-se interrompida pelo aparecimento de Judas. O traidor acabava de chegar à casa de Anás. Ao ver Jesus e João, ficou atrás das grades altas que se erguiam sobre o muro de pedra. Dali a poucos minutos afastou-se, seguindo pela mesma rua por onde tinham ido os guardas levitas. No seu rosto, duro e impassível, não notei sinal algum de arrependimento. Pelo contrário.

Tive a sensação de que, durante aqueles instantes, Judas Iscariotes gozou o espetáculo. No fundo, a sua vingança contra o Mestre e contra o discípulo de Jesus começava a dar fruto.

João também viu Judas, mas o Nazareno, que continuava de costas à porta de entrada, não pôde distingui-lo. O semblante do Galileu não se alterara. Continuava ligeiramente pálido e grave. Tinha levantado os olhos apenas duas vezes. Poucos minutos depois da saída do traidor, voltei a sobressaltar-me. Agora era Pedro quem se encontrava atrás dos portões. Fiquei sem perceber como não cruzou com Judas.

Nervoso, caminhava de um lado para o outro do gradeamento, tentando fazer que o notassem. Ao vê-lo, João fez um sinal com os olhos. Assenti com a cabeça, indicando-lhe que já reparara nele.

Sinceramente, tive pena daquele impetuoso, amigo e bondoso apóstolo. Ao ter certeza de que tanto João como eu tínhamos percebido sua presença, Simão agarrou os ferros com ambas as mãos e começou a fazer sinais com a boca. João e eu entreolhamo-nos, sem conseguirmos entender as intenções de Pedro, até que, apontando um dedo para o peito, o discípulo moveu a cabeça, comunicando-nos com aquela mímica labial que também ele desejava entrar na casa. Olhei-o, encolhendo os ombros. Que podia eu fazer?

Naquele momento, um dos servos de Anás saiu da mansão, fazendo sinal ao chefe dos levitas para que entrasse.

Voltei-me para Pedro e li no seu rosto a mais profunda das desolações. Mas, ao passar o umbral, João dirigiu-se à mulher que continuava à porta rogando-lhe que deixasse entrar o seu amigo. E o apóstolo indicou Pedro com a mão. Fiquei surpreendido ao ouvir como a gorda matrona sem sequer pestanejar e num tom cordial, acedia ao pedido do Zebedeu, tratando-o mesmo pelo seu nome de batismo. (Ao longo daquela angustiante madrugada, João disse-me que não havia qualquer mistério no amável comportamento da guardiã. Tanto ele como seu irmão Tiago eram velhos conhecidos da mulher e dos servos da casa. João e sua família - em particular a mãe, Salomé, parente afastada de Anás - tinham sido convidados, em numerosas ocasiões, do palacete do antigo sumo sacerdote.)

Enquanto o chefe dos levitas conduzia o Nazareno ao interior da mansão, a porteira desceu a escadaria, resolvida a permitir a entrada do abatido e assustado Pedro. Fui ali invadido por outra grave dúvida. Ao ver entrar Simão recordei que - se os Evangelhos não estavam errados – as famosas negações do fogoso discípulo não tardariam a dar-se. E ainda que os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas as situassem na casa do sumo sacerdote Caifás, pensei que o testemunho de João - que situa este acontecimento no pátio de Anás – devia ser o que estava correto. Ao notar a minha indecisão, o discípulo insistiu que o acompanhasse. Mas preferi ficar no pátio, junto de Pedro. E assim lhe disse. Afinal, o que pudesse acontecer na casa do sogro de Caifás estava perfeitamente coberto com a presença de João.

Estas razões não me tranqüilizaram inteiramente, mas corri ao encontro de Pedro. O homem, ao ver-me, abraçou-se a mim, sem poder conter as lágrimas. Estava confuso. Não conseguia entender o que estava se passando e por que razão Jesus se deixara prender tão facilmente.

- Ele, capaz de ressuscitar os mortos - lamentava-se – não mexeu um dedo para impedir que O capturassem... E o que é pior - acrescentava com uma raiva surda - é que nem deixou que o ajudássemos... Porquê?... Porquê?

Com muita dificuldade o tentei serenar. Mas os seus limitados dotes de inteligência e a sua paixão por Jesus não lhe permitiram raciocinar com clareza. A sua mente era um turbilhão onde se misturavam, em doses iguais, o ódio por Judas e pelos membros do Sinédrio, o medo pela sua própria segurança e do grupo e uma imensa incerteza quanto ao rumo que os acontecimentos estavam seguindo. É triste e quase inacreditável mas, não me cansarei de insistir neste ponto, nem Pedro nem os restantes apóstolos tinham entendido naquela altura a verdadeira missão do Filho do Homem...

Simão tinha começado a tremer. Ainda não sei se de medo e angústia se de frio. O caso é que, inconscientemente, fomos nos aproximando da fogueira. Uma meia-dúzia de levitas e de servos de Anás tinham-se sentado à turca, aquecendo-se muito perto do fogo. Eu fiz o mesmo e Pedro continuou de pé, com os olhos perdidos nas chamas. Nisto, a mulher que lhe abrira a cancela saiu novamente de casa, pondo-se por baixo do dintel da porta. Os guardas comentavam os incidentes da prisão, amaldiçoando os romanos. Um deles, no entanto, aludiu ao gesto do Rabi, que milagrosamente curara Malco. Mas a tímida defesa do levita foi imediatamente sufocada por alguns interlocutores, que explicaram o sucedido como mais uma clara prova de poder diabólico de Jesus. Um dos acérrimos defensores desta hipótese lembrou aos seus colegas como os demônios, na realidade, eram anjos banidos, invisíveis e capazes de tomar as mais estranhas formas, deixando quase sempre umas pegadas semelhantes às dos galos. Outro dos servidores do Templo opôs-se redondamente a esta explicação, argumentando que os demônios eram os filhos que Adão gerara quando tinha cento e trinta anos...

A discussão estava no auge quando, inesperadamente, a guardiã sem perder aquele constante e malicioso sorriso - avançou para o fogo, increpando Pedro do extremo oposto do círculo:

- Tu não eras também um dos discípulos deste Homem?

Os guardas voltaram-se para Simão com gesto ameaçador e o apóstolo, cujos pensamentos se encontravam muito longe deste súbito ataque, abriu desmedidamente os olhos, sem poder acreditar no que estava acontecendo.

Aquela pergunta, no fundo, era tão absurda como mal intencionada. Se Pedro tivesse reagido com um mínimo de frieza e

sensatez, teria se percebido de que a matrona fora a pessoa que, justamente, lhe abrira o portão, a pedido de João. Era óbvio, portanto, que a mulher estava a par da amizade existente entre ambos. Mas o medo, mais uma vez, se apossou do seu cérebro e, gaguejando, respondeu:

- Não sou...

A porteira continuou impassível junto do fogo. Porém, a sua atenção depressa se desviou para a conversa dos serventes e levitas, que tinham voltado ao tema dos demônios. Nenhum dos presentes parecia dar muita importância à presença de Pedro nem à sua possível ligação com o prisioneiro. Se o apóstolo tivesse reparado nesta atitude generalizada dos levitas, provavelmente teria conseguido vencer o pânico. Quando o olhei corou. Simão evitou o meu olhar mordendo os lábios e amassando nervosamente as pregas do manto. Naquele momento reparei que não trazia a sua habitual espada. Certamente a perdera na fuga, ou talvez se tivesse livrado dela antes de se aproximar da casa de Anás.

O guarda cuja versão sobre os demônios fora interrompida pela chegada da porteira retomou o fio da conversa fazendo ver aos presentes que o Galileu bem podia ser um dos tais filhos de Adão .

Mas a explicação do levita não satisfez a maioria. Outro dos servidores do Sinédrio acrescentou que, geralmente, estes demônios costumavam habitar nos pântanos, ruínas e à sombra de certas árvores...

- Este - concluiu - não é o caso do Galileu. Todos o vimos pregar abertamente no meio do Átrio dos Gentios. Que demônio agiria assim...?

- E não esqueçamos - interveio outro dos presentes - que o Rabi de Galiléia curou muitos aleijados... (1)

Distraído com aquela conversa não reparei na presença atrás de mim de uma figura. Ao sentir uma mão no meu ombro esquerdo sobressaltei-me. Era José de Arimatéia! Levantei-me imediatamente, afastando-me da fogueira e caminhando com o ancião até ao centro do pátio.

Tanto ele como eu estávamos ansiosos por nos interrogarmos mutuamente. Anunciei-lhe que o Mestre fora conduzido à presença de Anás, pondo-o a par de tudo que acontecera na herdade de Simão, o Leproso, e pelo caminho do monte das Oliveiras. José escutou em silêncio, movendo de vez em quando a cabeça em sinal de preocupação. Como era natural, estava a par das andanças de Judas Iscariotes. O rápido aviso de João Marcos permitira-lhe chegar ao Templo, a tempo de controlar os passos seguintes de Judas. Aliás encontrou com Ismael, o saduceu, que contribuiu eficazmente para as suas investigações.

Arimatéia fez um movimento para entrar na mansão mas retive-o, pedindo-lhe que me informasse sobre a conduta do traidor. E sem querer comecei a bombardeá-lo com todo o tipo de perguntas. Quem era aquele misterioso amigo que o acompanhou até ao Templo? Que

acontecera dentro do Santuário? Por que razão Judas tinha esperado pela meia-noite para levar a cabo a captura do Nazareno? Porque ia ele na frente do pelotão...?

José pediu-me calma.

- Para começar - esclareceu o ancião -, aquele primeiro acompanhante a que te referes, e que Judas encontrou antes da sua chegada ao Templo, também se chama Anás. É primo dele. Justamente aquele de quem nos falou Ismael e que apresentou o traidor aos sacerdotes na manhã de quarta-feira. Quando cheguei ao Santuário, estavam ambos falando com o porteiro-chefe da correspondente seção semanal (2). Nesta altura, estava de serviço o levita Yojanan ben Gudgeda, um indivíduo particularmente brutal. Para que faças uma idéia da sua índole basta que te diga que não só espanca com o bastão os guardas que descobre dormindo, como, em certas alturas, tem chegado a atear-lhes fogo à roupa...

* O argumento do levita era correto. A profunda superstição daquelas pessoas considerava que os demônios atacavam principalmente os aleijados, os noivos e os jovens de honra, segundo informação de Papai Noel. Logo, não era lógico, que um demônio (Jesus) curasse os aleijados... (N. do M.)

2 Como julgo ter explicado anteriormente. os levitas (cerca de dez mil) estavam distribuídos, tal como os sacerdotes, em vinte e quatro seções semanais. Estas revezavam-se todas as semanas. Cada seção tinha um chefe. Além dos serviços inferiores - música e algo de semelhante aos atuais sacristãos – os levitas encarregavam-se da vigilância do Templo. Filon descreve a suas funções pormenorizadamente. Uns, os porteiros, estavam às portas. Outros no adro do Templo, no pronau ou terraço, e os restantes patrulhando em volta. Havia, naturalmente. duas guardas: a diurna e a noturna., A vigilância, portanto estava dividida em três grupos: os porteiros das portas exteriores do Templo, os guardiões do terraço que separava o Átrio dos Gentios do recinto sagrado do Santuário e as patrulhas do Átrio dos Gentios. Durante o dia vigiavam também o Átrio das Mulheres. Uma vez fechadas as portas do Santuário, ao pôr do Sol, os guardas noturnos ocupavam os postos, vinte e um no total. A zona sagrada - a que não tinham acesso os levitas - era guardada pelos próprios sacerdotes. Os chefes destes levitas eram chamados strategoi, tal como refere S. Lucas (22,4). Alguns, efetivamente, estavam presentes na prisão de Jesus. (N. do M.)

- Pois bem, este capitão da guarda noturna ouviu atentamente a informação de Judas. O traidor e o seu primo explicaram-lhe que o Mestre se encontrava naquele momento numa casa do Bairro Baixo - na de Elias Marcos, como bem sabes - e que a sua prisão podia ser fácil. Segundo Judas Iscariotes, só dois dos onze homens que tinham ficado no cenáculo empunhavam espada, Pedro e Simão, o Zelota. Mas Judas

avisou Gudgeda que não convinha demorar-se. No acampamento de Getsémani encontravam-se cerca de sessenta discípulos e havia por lá um respeitável arsenal.

- Graças ao céu, os planos do traidor não saíram como previra.

- Porquê? - perguntei eu ao ancião , com grande curiosidade.

- Judas tinha chegado ao Templo antes do que se previra e foram necessárias muitas idas e vindas do porteiro-chefe à residência de Caifás e às diferentes dependências do Templo para conseguir reunir um número suficiente de guardas. Era impossível levar os que estavam de guarda naquele momento, fora e dentro do Santuário, e isto, como te disse, atrasou consideravelmente a saída do pelotão.

- As dificuldades para encontrar homens de folga foram tais que, por fim, desesperado, o sanguinário Yojanan viu-se obrigado a solicitar do sumo sacerdote em funções o apoio dos servidores e confidentes de Caifás. No total, se a memória me não falta, saíram do Templo uns trinta e cinco ou quarenta esbirros, armados com todo o gênero de clavas e de paus...

- Mas... e a escolta romana? - intrometi-me eu novamente, sem me poder conter.

- Espera, Jasão. Como te disse, felizmente, as coisas não estavam acontecendo como tinham sido planejadas. O Sinédrio queria prender o Mestre quando a cidade estivesse deserta. E esta era também a intenção de Judas, que, pelo que pude deduzir, tinha medo da reação e possíveis represálias dos homens de Jesus.

Enfim, Ismael encarregou-se de seguir o pelotão e eu fiquei no Templo, à espera de novos acontecimentos. Mas o traidor e o seu grupo cercaram a casa de Marcos quando o Mestre e os onze discípulos tinham praticamente acabado de sair, a caminho do jardim. Foi essa a informação que Ismael recebeu de Elias.

- Então, Judas não chegou a ver Jesus e os onze...

- Não. Mas foi por pouco. Se a patrulha não se demorasse tanto, certamente que a prisão do Mestre se teria dado mesmo ali. Elias, ao ver Judas e os homens armados, apercebeu-se imediatamente das suas funestas intenções, negou-se a falar com Judas Iscariotes e expulsou-o a pontapés.

- A pontapés?

- Sim, e receio que essa ofensa possa custar caro ao pobre Elias...

Havia alguma coisa que não conseguia compreender.

- Se Judas conhecia os hábitos do Mestre, porque não o seguiu até Getsémani?

José de Arimatéia sorriu, tristemente.

- Se conhecesses Judas entenderias. Humilhado e temeroso ante a violenta reação do dono da casa, Judas Iscariotes deve ter compreendido que se a atitude daquele adepto do Rabi fora tão radical, a do grupo acampado na herdade de Simão não podia ser menor. E, segundo Ismael, o traidor - cada vez mais nervoso - explicou aos que o seguiam

que o Nazareno e os seus íntimos podiam ter seguido em direção ao monte das Oliveiras. Quando os levitas o incitaram a ir em sua perseguição, Judas Iscariotes deteve-os, afirmando que não era prudente fazerem frente a sessenta homens armados com espadas. Aquela alteração de plano significava que os guardas do Templo teriam de lutar e, possivelmente, prender também os apóstolos ou pelo menos os dirigentes do grupo de Getsémani. E as ordens de Caifás não eram bem essas. Para o sumo sacerdote, o único homem importante era o Galileu. Que fazer?

- O pelotão encontrou-se, portanto, numa difícil encruzilhada. E em vez de se arriscarem, tomando, além disso, uma iniciativa que não fora considerada por Caifás resolveram regressar ao Templo.

- Aquilo tranqüilizou Judas, mas aumentou o nervosismo dos chefes dos levitas. Tal como pensava, a reunião secreta de Caifás com as suas pessoas de confiança no Sinédrio fora marcada para aquela noite. E, aí pelas onze horas, quando Judas e o grupo voltaram ao Templo, alguns dos fariseus, escribas e saduceus tinham começado chegando à sala das pedras lavradas.

- O nervosismo dos guardas, ao apresentarem-se a Caifás sem o prisioneiro, era mais que compreensível. O tempo era escasso e, por um instante, tanto Judas como os sacerdotes chegaram a considerar a idéia de adiar a prisão. Não dispunham de uma força suficientemente grande e poderosa para correr o risco de invadir o jardim e prender o Mestre.

Cheio de amargura, José prosseguiu:

- Tanto eu como Ismael chegamos a acreditar que, no momento, tudo estava resolvido e Jesus continuaria em liberdade. Vã esperança... Caifás não é homem que se dê por vencido facilmente e o seu ódio por Jesus é tal que não hesitou em propor uma solução que repugnou mesmo aos seus colegas, solicitar uma escolta armada do procurador romano. Desta forma, argumentou o astuto sumo sacerdote da prisão do impostor não será difícil e, ao mesmo tempo, a responsabilidade de captura caberá às forças estrangeiras de ocupação... Alguns dos membros do Sinédrio tentaram que Caifás renunciasse àquele projeto, referindo as idéias de Jesus sobre a violência. Pensavam, com razão, que o Galileu não permitiria que os seus desembainhassem armas. Mas Judas interveio novamente. E a sua covardia veio à tona mais uma vez. Manifestou a sua concordância com os sacerdotes, mas foi de opinião que os discípulos não obedeceriam ao Mestre. A sugestão de Caifás, acrescentou parece-me excelente. Vamos quanto antes à Torre Antonia. E os sacerdotes designaram uma representação do Sinédrio, que seguiu imediatamente para o quartel-general romano. Porém, o centurião de guarda negou-se a deixar sair uma escolta. Era muito tarde e, além disso, a ordem deve vir de Pôncio Pilatos, explicou-lhes o oficial. Os sacerdotes insistiram e o centurião não teve outro remédio senão chamar Civilis, o comandante-chefe da guarnição destacada em Antonia, que tu conheces. O nosso amigo comum - muito aborrecido com aquela

visita - perguntou-lhes qual a razão por que lhes deveria proporcionar a escolta. E Judas, antes que os sacerdotes reagissem, dirigiu-se a Civilis, avisando-o de que Jesus fazia parte de um grupo de zelotas clandestinamente acampado na herdade de Getsémani.

* Quando consultei o módulo sobre os zelotes ou zelotas, Papai Noel enviou-me a seguinte informação. Este movimento revolucionário e clandestino - semelhante, em certa medida, aos atuais grupos terroristas da Europa e da América - começou a desenvolver a sua atividade guerrilheira e de perseguição ao exército romano na época de Augusto, comandados, de início, por certo Judas ben Ezequias, da Galiléia, que no tempo de Herodes se distinguira pelo assalto a um arsenal do exército real e pelos seus atentados e incêndios. Ao ter notícia destes bandos que assolavam o país, Varo apressara-se a partir de Antioquia com duas legiões. Arrasa as cidades de Zippora, (Seforis) e Emmaus e os seus habitantes, partidários do rebelde Judas ben Ezequias, são vendidos como escravos. Varo ordena a captura e execução de todos os guerrilheiros do galileu, crucificando mais de dois mil dos seus partidários, mas o chefe, Judas Galileu, consegue escapar e, com a ajuda de outro extremista - um fariseu chamado Zadok -, inicia um lento e profundo movimento de luta clandestina contra o Império Romano. Na infância e juventude de Jesus de Nazaré este movimento - que adota o nome de zelotas ou zeladores, - começa a ganhar adeptos, estendendo-se como uma mancha de azeite por todo o Israel. Uma vez mais, a Galiléia foi o berço e o coração destes patriotas extremistas, que não cessam nas suas hostilidades contra a legião romana fixada na Cesareia e no restante território da nação judaica. Camuflados com um ardente espírito religioso, estes terroristas do século I empunham as armas de acordo com uma doutrina que poderia sintetizar-se nos princípios seguintes:
1º O reinado de Deus sobre Israel é incompatível com qualquer domínio estrangeiro. Aceitar o César de Roma como rei é violar a lei divina. Deus é o único rei do povo;
2º O culto ao imperador, em qualquer das suas formas, é abominável. O zelo de muitos destes zelotas chegava ao extremo de não tocarem sequer nas moedas romanas que tivessem a efígie de César. O pagamento dos impostos a Roma era uma idolatria e uma apostasia, uma vez que implicava submissão a Roma e ao Imperador. (Precisamente o nacionalismo zelota surge com Judas ben Ezequias e tem origem na ordem de Augusto para que toda a nação hebraica seja recenseada. Esta operação de censo tinha, na realidade uma motivação mais econômica que estatística. E isto indignou os Judeus);
3º Os Judeus não deviam esperar passivamente a chegada do Reino de Deus. Era necessária a colaboração com Deus, mediante a revolução e a guerra santa. Acreditavam nos milagres de Deus e consideravam que estes deviam estar sempre ao serviço daquela idéia libertadora;

4º O objetivo principal da luta armada era conseguir a liberdade e independência política de Israel. Os zelotas tinham tomado a libertação do Egito por Yavé como o símbolo e modelo a imitar;
5º Segundo a filosofia zelota, a conversão a Deus exigia necessariamente a desobediência à autoridade romana e sacrificar o dinheiro, a tranqüilidade e até a vida em benefício destes princípios salvadores.

- Aquela vil mentira de Judas Iscariotes fez que o centurião hesitasse. Os romanos, como sabes, perseguem encaniçadamente os revolucionários. No entanto, o oficial comandante da legião ordenou-lhes que esperassem, enquanto ia à residência do procurador. Enfim, nisto e naquilo o Sinédrio perdeu uma hora. Pilatos recolhera-se para dormir e, num primeiro momento, não quis saber de nada. Mas os enviados de Caifás não deixaram de insistir obrigando Civilis a procurar Pilatos pela segunda vez, anunciando-lhe que no acampamento se descobrira importante arsenal e que se conseguissem capturar o chefe - Jesus de Nazaré - o procurador obteria um triunfo importante aos olhos de César.

- Por fim, e talvez para se livrar dos odiosos sacerdotes, Pilatos consentiu, e o centurião de guarda entregou o comando de um pelotão de trinta ou quarenta legionários - não saberia precisar-te o número certo ao seu optio: um tal Arsenius.

Desta forma, e às pressas, o destacamento saiu de Jerusalém guiado por Judas. O resto tu já sabes...

Sim, conhecia, mas alguns pormenores continuavam sem explicação. Por exemplo, por que motivo Judas Iscariotes se separou do pelotão? O que seria lógico é que, se devia guiar os soldados, levitas e serventes do Templo até Getsémani e denunciar-lhes o Rabi, não se tivesse separado deles em momento algum. Além disso, se a intenção do oficial subalterno era capturar um chefe zelota e o seu grupo por que razão Arsenius se contentou em prender Jesus de Nazaré? Porque não assaltou o acampamento? (Como disse, na manhã seguinte, sábado, ficaria resolvida a primeira incógnita. Quanto à segunda, o procurador ia esclarecer-me, na minha próxima visita à Torre Antonia.)

José, naturalmente, não pôde esclarecer-me estas dúvidas. Nem ele nem Ismael se tinham atrevido a unirem-se ao pelotão, que saiu do Templo minutos depois da meia-noite, pela Porta Dourada. Quanto à minha pergunta sobre a razão por que o Mestre fora conduzido a casa de Anás, em vez de ser levado imediatamente à presença de Caifás, José de Arimatéia - evidentemente cansado - comentou:

- Feliz és tu, Jasão, que não tens de viver as constantes intrigas destes homens impuros... Não sei ao certo, mas penso que Anás e o seu genro estão de acordo em deter o Mestre neste lugar até que Caifás consiga reunir um máximo de

sacerdotes dedicados. Desta forma, o julgamento ser implacável. A lei diz, além disso que o Conselho do Sinédrio não pode reunir-se antes da primeira oferenda. - E a que hora tem lugar esse primeiro sacrifício?

- Às três da madrugada. Como vês, ainda temos tempo. Talvez aconteça o milagre que tanto desejamos...

E José concluiu a sua pormenorizada narrativa afirmando que aquele réptil chamado Caifás, com o objetivo de não levantar suspeitas - nem sequer entre os seus próprios homens e servidores - ordenara a dois dos seus confidentes que pagassem generosamente ao optio romano para que, mesmo contra a opinião do chefe dos guardas do Templo, levasse Jesus de Nazaré ao palacete do seu sogro Anás.

* Com tudo isto, é fácil entender a confusão de alguns dos discípulos e apóstolos de Jesus - caso de Simão, o Zelota, e do próprio Judas Iscariotes -, que acreditaram desde o começo que a doutrina do Galileu tinha muito a ver com este movimento de libertação nacional. Os zelotas foram os causadores diretos das sangrentas revoltas contra Roma nos anos 68 a 70 da nossa Era, bem como da registrada em 135. (N. do M.)

Arimatéia despediu-se, mostrando-me que tinha intenção de entrar na residência do antigo sumo sacerdote e fazer tudo que estivesse na sua mão – subornar até, o velho Anás - para que Jesus fosse posto em liberdade. Ao vê-lo desaparecer dentro de casa não pude reprimir um sentimento de tristeza por aquele leal adepto do Mestre. Estava no seu direito de acalentar a esperança. O que ele não podia saber é que essa esperança morrera muito antes, no jardim de Getsémani...

Semi-oculto no escuro do pátio informei Eliseu do curso dos acontecimentos, pedindo-lhe que me avisasse pouco antes da madrugada. Voltei ao fogo. Pedro, fechado nos seus pensamentos, nem sequer notara a chegada de José de Arimatéia.

Tinha-se sentado atrás dos levitas, cobrindo a calva com o manto. Suponho que aquele gesto pouco tinha a ver com o frio reinante e sim com o seu desejo ardente de que ninguém voltasse a descobri-lo e a denunciá-lo.

Os guardas e sicários continuavam a discutir as tradições e lendas sobre os demônios. Na residência de Anás, tudo parecia tranqüilo. Não observei movimento algum nem sinal de violência ou de agitação. E pensei - erradamente - que o interrogatório do antigo sumo sacerdote decorria sem incidentes. Eu estava sentado perto de Pedro havia pouco mais de meia hora quando se aproximou do círculo uma segunda mulher. Era mais nova, e, pelo vestuário, deduzi que se tratava de outra serva. Colocou-se junto da porteira e esta, ao vê-la, inclinou-se para o seu ouvido esquerdo, segredando-lhe qualquer coisa, ao mesmo tempo que indicava Pedro com a mão.

A recém-chegada olhou com atenção. Mas, pela maneira de olhar calculei que fosse míope. Deu então uns passos, rodeando os que estavam juntos em volta do lume. Ao chegar junto do apóstolo deu um puxão ao manto que escondia a cabeça de Simão, gritando-lhe:

- Não és um dos fiéis daquele galileu...?

A inesperada exclamação da hebréia assustou ao mesmo tempo os levitas e Pedro, e o discípulo, branco como a cal, levantou-se aos tropeções, olhando a moça.

- Não conheço aquele homem - gritou, ele mais alto que a sua inquisidora. -
E também não sou um dos seus discípulos...!

Pusera tanta veemência nas suas frases que as artérias do pescoço lhe, incharam e o seu rosto se fez de púrpura. Os olhos do aterrorizado amigo de Jesus quase lhe saíram das órbitas enquanto um delgadíssimo fio de saliva descia pela comissa esquerda dos lábios.

A agressividade de Pedro foi tal que a serva recuou assustada, fugindo dali em direção à porta da casa. Desta vez, os servos e guardas permaneceram uns segundos com a vista cravada no infeliz pescador. Pedro, aturdido, deu meia volta, afastando-se do fogo.

Pensei que a sua intenção fosse fugir do recinto e pouco me faltou para ir atrás dele. Mas não, apesar da sua fraqueza, Pedro continuava a amar o Mestre. Como se escreveu pouco e pobremente da tortura íntima deste primitivo galileu, consciente dos seus erros, dominado pelo instinto da sobrevivência e forçado pelo seu temperamento àquele trágico beco sem saída! Tive de me esforçar para não correr para junto dele e consolá-lo. No entanto, o objetivo da minha missão conseguiu impor-se e esperei.

Encostado às grades do muro, curvado e silencioso, Simão batia muitas vezes com a cabeça nos ferros. Temi que se ferisse. As cabeçadas, secas e constantes, em vez de o magoarem pareciam trazer-lhe alguma serenidade. Dali a pouco, depois de secar as lágrimas com uma das mangas do manto, voltou a juntar-se ao grupo. (Sinceramente, aquela atitude do apóstolo - voltando ao fogo - fez-me refletir, levando-me a esquecer até a sua detestável e até certo ponto compreensível conduta. As igrejas - especialmente a Católica - julgaram e classificaram este episódio das três negações como um procedimento lamentável de Simão Pedro. Mas muito poucos teólogos e moralistas parecem ter em consideração uma atenuante poderosa em favor do renegado. Pedro poderia ter abandonado o Pátio de Anás depois da sua primeira traição. E não o fez. E também não o fez depois da segunda e da terceira e da quarta... Porque, embora os evangelistas citem três negações, na realidade houve mais uma, embora também seja certo que essa negação extra não teve caráter público. Quero dizer com tudo isto que, se é verdade que Pedro não se portou dignamente, não é menos verdade que a sua presença no local o redime em boa medida, daqueles momentos de fraqueza.

O teimoso galileu não estava disposto a imitar os companheiros que tinham fugido pelo monte e, vencendo o medo, acomodou-se como pôde entre os serventes, os quais - seja dito de passagem - em nenhum momento se converteram em acusadores nem o incomodaram. Pelo menos, os homens que, naquela altura, se uniam em torno das chamas. Mas quis a má sorte, pouco depois o grupo fosse aumentado por meia-dúzia de sacerdotes, chegados, ao que parecia, de casa de Caifás, trazendo por missão coordenar e controlar a transferência do Nazareno.

Depois de pedirem informações aos levitas ali reunidos, quatro desses sacerdotes dirigiram-se para o interior da casa de trás tendo os outros dois permanecido junto da fogueira. Logo no primeiro instante se sentiram atraídos pela animada conversa sobre as superstições do povo judeu.

Alguém tinha falado em Lilith e a conversa animou-se novamente. Pelo que se dizia, Lilith era o nome de um dos diabos mais famosos. A maioria dos presentes aceitava a sua existência, classificando-o como demónio fêmea. Este curioso espírito concentrava os seus ataques, como fêmea que era, nos homens, e mais concretamente naqueles varões que se atreviam a ficar sós numa casa. E só o Divino, bendito seja o seu nome, sabe quando pode apresentar-se - reforçou outro dos servidores do Sinédrio. A crença em questão não foi muito bem recebida por um dos sacerdotes um tal Mardoqueu, mais conhecido em Jerusalém por Petajfa (e ao qual me referi anteriormente), como conseqüência da sua grande facilidade para as línguas. (Conhecia, dizia o povo, mais de setenta idiomas e dialetos. Daí a sua alcunha: Petajfa, da palavra patj: abria as palavras, ao interpretá-las.) Este sacerdote, responsável também por uma das caixas do Templo e homem de grande cultura, riu de tais patranhas. As gargalhadas de Petajfa indignaram um dos guardas que, apontando primeiro Pedro e depois o interior da casa, exclamou:

- Podes rir o que quiseres, mas olha esse galileu... Tu próprio assististe à sua entrada triunfal em Jerusalém, no lombo de um jumento. Não teve a precaução de colocar uma cauda de raposa ou um trapo vermelho entre os olhos do burrico e imagina o que lhe trouxe a fortuna (1)... Naquele instante, Simão cometeu novo erro. Irritado por aquela arraigada superstição hebraica, interveio na discussão tentando esclarecer os presentes de que o Rabi da Galiléia não precisava de se proteger de tão absurdas crendices e que o Seu poder era tal que, se assim desejasse, podia fazer cair fogo do céu e arrasar o Sinédrio, sem atingir os inocentes. Os levitas e servidores do Templo não prestaram muita atenção à valente mas inoportuna defesa de Pedro. No entanto, Petajfa - que imediatamente percebera o forte sotaque galilaico do apóstolo - encarou-o, desviando o rumo da conversa para um caminho que novamente deixou arrepios na pele de Simão:

- Tu tens de ser um dos adeptos do preso. Este Jesus é um galileu e a tua maneira de falar atraiçoa-te... Falas como um verdadeiro galileu.

Antes que Simão pudesse reagir, um dos sicários do Sinédrio - precisamente aquele que tinha falado da milagrosa cura de Malco - confirmou a descoberta de Petajfa, desvendando a todos um fato que, até àquele momento, passara despercebido:

- Além disso - exclamou, em alarme -, tu estavas no caminho do monte das Oliveiras... Vi como feriste o meu parente... Aquilo mudou tudo. Já não se tratava unicamente de acusações, mais ou menos veladas, de partilhar a doutrina do Galileu. A última afirmação podia arrastar o apóstolo à prisão imediata, como culpado de agressão a um dos servos do sumo sacerdote.

E acredito que foi esta circunstância o que realmente fez ceder os nervos de Pedro. Não se tratava de renegar Jesus mas, principalmente, de evitar tão perigosa acusação.

Alguns dos levitas puseram-se de pé, brandindo os seus cacetes numa atitude ameaçadora, e provavelmente, teriam prendido Pedro, se não fosse a torrente de juramentos que começou a brotar da sua boca. Aquele obsceno e azedo chorrilho de imprecações - em que o aterrorizado amigo do Nazareno chegou a incluir a própria mãe e os filhos travou o ímpeto dos guardas. Quando, finalmente, o acossado galileu jurou pelo ouro do Templo, abrindo o manto de modo a que todos pudessem ver que não trazia espada, aqueles servis personagens acabaram por deixá-lo em paz. (Jurar e dar por testemunho o Templo era importante, mas fazê-lo pelo ouro do Santuário era muito mais...) Quando Pedro viu que se afastava o fantasma da sua prisão, fez meia volta e, muito devagar - procurando não levantar novas suspeitas -, distanciou-se da fogueira.

* Na primeira oportunidade que tive solicitei a Papai Noel informações sobre as principais superstições dos judeus daquela época. Entre outras figurava, efetivamente, a de não empreender viagem alguma - por breve que fosse - sem antes ter colocado um rabo de raposa ou um trapo vermelho entre os olhos da cavalgadura. Por exemplo: se num banquete dois convidados atiravam um ao outro bolinhas de pão, era garantido que ficariam doentes. Outra das superstições, relacionada com a presença dos demônios nas latrinas, chegava a sugerir que se fosse ao referido lugar na companhia de um cordeiro. Desta forma, o Judeu podia fazer as suas necessidades sem problemas. (N. do M.)

Arrastando os pés sem forças e com a alma duramente castigada, foi sentar-se nas escadas de mármore da porta. Durante uns minutos não me atrevi a sair do perto do fogo. O infeliz discípulo enterrara o rosto entre as mãos pequenas e calejadas, marcando o evidente desespero com uma ininterrupta e ritmada oscilação frontal do corpo. Eram quatro da madrugada. Consumara-se a terceira negação pública.

O silêncio continuava a dominar Jerusalém. Ao longe, a espaços, ouviam-se alguns dos muitos cães vadios que eu vira na minha

passagem pela Cidade Santa. Foram aqueles quase sempre queixosos latidos a trazer-me à memória outro fato que, precisamente, ainda não se tinha registrado. Pedro negara o seu Mestre três vezes, mas no entanto, eu não tinha ouvido o famoso canto do galo. Não que este episódio me preocupasse demasiado, muito menos quando estava vivendo - e sofrendo - as angústias de Simão totalmente exausto e abatido junto ao portão de entrada da casa de Anás. Contudo, e enquanto esperava o amanhecer procurei apurar o ouvido. Meditando sobre este pormenor compreendi que os galos de Jerusalém não podiam ter iniciado os seus característicos cantos pela simples razão de que ainda faltava mais de uma hora para amanhecer (naquela sexta-feira, 7 de Abril, como citei em outros momentos o nascer do Sol deu-se às cinco horas e quarenta e dois minutos). A certa altura cheguei a acreditar que os evangelistas tinham voltado a enganar-se. As três negações (2), como disse, tinham acontecido e os cronômetros monoiónicos do módulo marcavam quatro da madrugada. Mas não. Desta vez não houve erro, embora as versões dos escritores sagrados também não coincidam cem por cento... Mas tenho de me prender a uma rigorosa ordem cronológica.

* A lei judaica permitia este tipo de maldições - contra o pai e a mãe - desde que a maldição não fosse nominal. Neste sentido. Pedro teve especial cuidado em não citar os nomes de batismo dos seus progenitores (N. do M.)

2 Cavalo de Tróia dotou o módulo de um sistema múltiplo de relógios cujo fundamento não era o sistema tradicional de radiação do Césto 133 dos relógios atômicos, mas sim a manipulação ou aprisionamento de um íon - um só íon – num campo magnético, mediante o uso de um delgadíssimo feixe de laser. É quase certo que este novo sistema de medição do tempo - com uma precisão cem mil vezes superior à dos relógios atômicos - participe definitivamente na vida do homem nos próximos anos. Graças a estes sofisticados instrumentos, o orto ou aparecimento no horizonte do limbo superior do Sol – para Jerusalém: latitude aproximada trinta e dois minutos N – foi calculada pelas cinco horas e quarenta e dois minutos naquele 7 de Abril do ano 30 (sempre tempo local). Quanto ao ocaso ou desaparecimento abaixo da linha do horizonte do limbo superior do Sol, foi calculado às dezoito horas e vinte e dois minutos (teve-se em conta a refração, que, nos acontecimentos referidos, eleva o astro aproximadamente trinta e quatro segundos de arco). Para esta latitude, a variação das horas de orto e ocaso é, aproximadamente, de quatro minutos por cada cinco graus de separação em latitude. (N. do M.)

Quando achei que Pedro estava mais calmo, eu também me retirei do grupo dos levitas. Deixei-me cair junto do discípulo e aproximei a mão do seu ombro esquerdo. Pedro teve novo sobressalto. Interrompeu

aquele movimento quase catatônico e, ao verificar que era eu, suspirou aliviado.

Durante algum tempo não falamos. Que podia eu dizer-lhe? Dali a pouco, Pedro - que tinha recuperado o ânimo - olhou-me fixamente, exprimindo uma idéia que ainda me deixou mais confuso:

- Reparaste, Jasão, com que habilidade destruí as acusações daqueles servis escravos do Templo?

Um sorriso mecânico acompanhou as inesperadas palavras de Simão. Compreendi, então, que a sua máxima preocupação naqueles momentos não era, como acreditara, o bem pouco nobre fato de ter renegado o seu amigo. Nada disso. Em minha opinião, Pedro não tinha a consciência clara de ter traído o Mestre. O que o angustiara e aterrorizara era a ameaça de um possível encarceramento.

Esta suspeita, que foi ganhando terreno no meu coração, viu-se confirmada pelos comentários seguintes do apóstolo, que a si próprio se felicitava por ter evitado a sua identificação.

- Além disso, aquelas mulheres – acrescentou Pedro, dizendo em voz alta aquilo que pensava - não têm autoridade moral. Não podem interrogar-me... Não têm direito... Não, não têm... Não têm... O Galileu repetiu aquela monótona cantilena como se precisasse se justificar, e em momento algum lembrou ou disse o nome de Jesus. Penso não estar enganado se disser que o pescador só teve verdadeira e definitiva consciência do seu feio gesto ao escutar o canto dos galos da cidade. Só então recordou a profecia do Mestre e assumiu todo o peso da sua infidelidade.

Quando o interroguei sobre a sorte dos companheiros, Pedro nada soube dizer-me. Ignorava tudo. Só se lembrava que, quando se encontrava a poucos metros da cerca de pedra do jardim de Simão, qualquer coisa o obrigou a deter a fuga. Cego de raiva, escondeu-se entre as oliveiras, disposto a seguir o grupo que tinha capturado o Rabi. E ali continuamos até que, poucos minutos antes da alvorada, a porteira e a serva que tinham comprometido a segurança do apóstolo com as suas perguntas voltaram à carga. Aproximaram-se de nós inesperadamente e, quase sem levantar a voz, a porteira comentou em tom sereno, sem a malícia inicial:

- Tenho a certeza de que és um dos discípulos deste Jesus. Não só porque um dos seus fiéis me pediu para te deixar entrar no pátio, como ainda porque o meu irmão te viu no Templo com Aquele homem... Para quê negar?

Pela quarta vez Pedro negou qualquer ligação com o Nazareno.

Porém, nesta ocasião, a sua negativa foi muito mais fria e calculista. As suas idéias sobre a falta de autoridade legal das mulheres para o acusarem e o fato de o novo ataque não ser feito em público, foram, em minha opinião, decisivos.

Mas nem Pedro nem eu contávamos que justamente naqueles momentos, quando a claridade do novo dia despontava a leste, no

interior da mansão começaram a ouvir-se algumas vozes. Pusemo-nos de pé, ao mesmo tempo que um dos criados de Anás saía precipitadamente, alertando os guardas.

Tudo aconteceu tão rapidamente que nem conseguimos reagir. De repente, no umbral da porta apareceu o Mestre. Continuava atado. Junto dele, João, o legionário e mais dois servos de Anás.

Pelo espaço de um minuto, enquanto os levitas do Templo se organizavam para escoltar o preso, Jesus levantou lentamente a cabeça, voltando o rosto para nós, que continuávamos à sua direita e a pouco mais de dois metros. À luz trêmula e avermelhada dos archotes, os olhos do Galileu cravaram-se única e exclusivamente nos do seu amigo Pedro. Jesus não sorriu, mas o Seu olhar transmitia uma profunda e comovedora mensagem de amor e de piedade. Com aquele gesto, o Gigante chegou como nunca antes conseguira ao aturdido coração do renegado. Não havia necessidade de palavras. O Mestre parecia saber o que acontecera durante aquelas quase três horas passadas no pátio do antigo sumo sacerdote, e Pedro, ao receber aquela intensa mensagem, começou a avaliar em profundidade a dimensão da sua culpa. Naquele instante, quando o soldado romano atrás do Nazareno o obrigou a descer as escadas com violento empurrão, ali perto, um galo rasgava o silêncio da alvorada em canto demorado e estridente. O amigo do Mestre empalideceu.

A porteira, que permanecia a nosso lado, dirigiu-se velozmente para a cancela, abrindo a rangente porta de ferro, e o grupo de levitas, cercando sempre o Mestre, saiu da casa de Anás.

A partir daquele momento, e durante algum tempo, outros galos encheram com o seu canto os primeiros alvores daquela sexta-feira 7 de Abril, que nunca poderei esquecer...1

Teria dado tudo para continuar ao lado de Pedro. Creio que a partir do canto do galo, o apóstolo deixou de ser o mesmo. É certo que o inexplicável prodígio da ressurreição do Mestre o afetou decisivamente. No entanto, aquelas negações pesariam para sempre na sua alma. Ali, estou convencido, morreu, senão toda, pelo menos boa parte do Simão assustadiço, grosseiro e vaidoso. O seu espírito, recebera o mais rude dos golpes...

* Não era certo, como pretenderam alguns comentaristas que se apóiam nos escritos rabínicos Baba gamma (VII, 7-VIII,10 e 82b) que a criação de galinhas estivesse proibida em Jerusalém. (Pensava-se que, ao escavarem, podiam desenterrar coisas impuras.) Segundo a Misn , o canto do galo servia precisamente como sinal para o toque das trombetas. Assim o confirmam os textos da Sukka V, 4, o Tamid I 2 e o Yoma I, 8. Entre as informações fornecidas pelo computador do módulo garantia-se que a Misn se refere a um galo de Jerusalém que, segundo Yuda ben Baba, tinha sido lapidado por ter morrido um homem. Segundo

parece o referido galo trespassara com o bico o crânio de um menino. Também em T os.B. Q. VIII 10 (361,29) se diz que a criação destas aves domésticas era permitida na Cidade Santa, sempre e quando se dispusesse de um jardim ou de uma estrumeira onde pudessem escavar. (N. do M.)

Mas a missão exigia que permanecesse o mais perto possível do Nazareno. Numa breve corrida juntei-me a João e ao soldado romano. Ao atravessar a porta de entrada do palacete de Anás surpreendeu-me ver João Marcos desta vez coberto, por um manto. Como chegara ele até ali? Não pude parar para lhe perguntar, mas deduzi, que, depois de escapar aos legionários, teria arranjado aquele manto, seguindo a escolta romana, tal como João Zebedeu e Pedro. A comitiva meteu-se pelas ruas desertas de Jerusalém no momento em que as trombetas do Templo começavam a despertar a população. Perguntei a João se sabia para onde nos encaminhávamos.

- Os sacerdotes enviados por Caifás - disse-me - anunciaram ao sogro dessa ratazana que o tribunal do Sinédrio estava reunido. Receio que bem depressa o saberemos...

Naquele momento, Eliseu estabeleceu de novo ligação, avisando-me de que eram cinco horas e quarenta e dois minutos.

O seu novo boletim meteorológico veio confirmar o que tinha dito no dia anterior: subida constante dos barômetros e aumento da velocidade do vento, com perigo de siroco. Aquele amanhecer, efetivamente, não foi tão fresco como os anteriores.

Às pressas o pelotão puxava pelo Mestre.

Assim, interroguei João Zebedeu sobre o que acontecera em casa do poderoso e influente Anás. Tal como suspeitava – sempre segundo o testemunho de João, que nem por um momento se afastou de Jesus - o encontro entre Anás e o Galileu decorreu de forma estranhamente lenta. No fundo a presença do Rabi perante o ex-sumo sacerdote não fazia sentido, era apenas um estratagema urdido entre Caifás e o seu sogro, a fim de retê-lo num local seguro até os saduceus, escribas e fariseus comprometidos na trama acabarem de comparecer ante o sumo sacerdote.

José de Arimatéia, que assistiu a parte do interrogatório e que preferira ficar com Anás, completaria horas mais tarde a narrativa de João, explicando-me que o hábil sogro de Caifás tinha, desde o primeiro instante, a secreta intenção de liquidar ali mesmo aquele incômodo assunto. Pelo que se via, conhecendo o caráter violento e impulsivo do seu genro, não desejava que o processo contra o Mestre caísse nas suas mãos.

Porém, a inesperada atitude de Jesus de Nazaré abortou os seus planos...

- Anás - informou-me o discípulo do Rabi - conhecia o Mestre há muitos anos. Como toda as pessoas em Israel, também ele tinha ouvido

falar dos sinais, prodígios e ensinamentos de Jesus. Ao receber-nos nos seus aposentos privados, Anás quis prescindir do representante do optio e de mim, mas o legionário opôs-se, avisando-o de que se tratava de uma ordem do procurador. Como sabes, as relações daquele corrupto sacerdote com os romanos são excelentes e, finalmente, teve de se resignar. Sentou-se numa das cadeiras e esteve um bom momento sem pronunciar palavra, observando o Mestre com grande curiosidade. Depois, com a sua habitual presunção e auto-suficiência, dirigiu-se a Jesus nos seguintes termos.

- Já sabes que tenho de fazer qualquer coisa quanto aos Teus ensinamentos... Andas a perturbar a paz e a ordem do nosso país.

O Mestre levantou a cabeça e olhou-o fixamente. Mas não abriu a boca.

Aquilo não agradou a Anás. Os seus nervos começaram a ceder e sem poder ocultar a raiva exigiu:

- Diga-me os nomes dos teus discípulos...

Mas o Mestre permaneceu calado. E, sem pestanejar, continuou de olhos fitos no velho réptil.

- Juro-te, Jasão que muito poucas vezes tinha visto tanta majestade no rosto do nosso Mestre. Enquanto Anás se encolerizava, Jesus, de pé, e apesar de estar amarrado, demonstrava àquele bastardo a Sua verdadeira grandeza... Apesar das circunstâncias, João falava do Galileu com tanto ou mais entusiasmo, se é possível, do que em momentos semelhantes ao da sua entrada triunfal em Jerusalém.

- Então, para minha surpresa, e penso que também para surpresa de Jesus - continuou o jovem Zebedeu -, Anás mudou de tática. Chegou a sugerir ao Mestre que estava disposto a esquecer tudo, com uma condição.

Também aquilo era novo para mim e, enquanto subíamos pelas vielas da Cidade Baixa, com o claro objetivo de chegar à sede do Sinédrio - situada na zona exterior e sul-ocidental do Templo (muito perto daquilo que ainda hoje se conserva e se chama muro das Lamentações) - prestei toda a minha atenção às palavras do discípulo.

- Sabe do que foi capaz...? Anás propôs perdoar-Lhe a vida se saísse imediatamente da Palestina... Mas o Mestre não manifestou qualquer sinal de interesse. Aquele silêncio exasperou mais ainda o antigo sumo sacerdote, que, aos murros nos braços da cadeira, gritou a Jesus: Não vês que sou muito bondoso contigo...? Não te percebes de quanto é o meu poder? Eu posso determinar o resultado final do teu próximo julgamento...

Jesus, pela primeira vez, falou e dirigindo-se a Anás, disse-lhe:

- Sabes que nunca poderás ter poder sobre Mim sem permissão de Meu Pai. Alguns gostariam de matar o Filho do Homem porque são uns ignorantes e não sabem fazer outra coisa. Mas tu, amigo, tens, sim, idéia do que fazes. Como posso então repelir a luz de Deus?

A inesperada amabilidade do Mestre para com aquela serpente derrotou Anás e surpreendeu-me.

E o velho pôs-se a maquinar, procurando, suponho, alguma nova trama para perder Jesus.

Um momento depois perguntou de novo:

- Que tentas ensinar ao povo? Quem pretendes ser?

O Mestre de modo algum iludiu as questões. E dirigiu-se a Anás com grande firmeza:

- Muito bem sabes que falei claramente às pessoas. Ensinei nas sinagogas muitas vezes e também no Templo, onde judeus e gentios me escutaram. Nada disse em segredo. Qual é então a razão por que me interrogas sobre os Meus ensinamentos? Porque não convocas os Meus ouvintes e te informas por eles? Toda a Jerusalém Me ouviu. E tu também, embora não tenhas entendido os Meus sentimentos.

Antes que Anás pudesse responder-lhe, um dos servos da casa voltou-se para o Mestre e esbofeteou-o violentamente, dizendo:

- Como te atreves a responder assim ao sumo sacerdote?

- Ah, Jasão, como me fervia o sangue...!

Quando me interessei pela reação de Jesus, João encolheu os ombros e indicando o Mestre, que caminhava uns quantos metros à nossa frente, comentou: - Não vi sombra alguma de ódio ou ressentimento nos Seus olhos. Simplesmente, pôs-se na frente do bajulador dos betusianos e com a mesma transparência e docilidade com que se dirigira a Anás respondeu:

- Meu amigo, se falei erradamente, testemunha contra mim. Mas, se é verdade, porque me maltratas?

Perguntei então ao discípulo se aquela bofetada provocara alguma hemorragia nasal em Jesus. João disse que não. Efetivamente, quando vi aparecer o Galileu na porta da grande casa de Anás o Seu rosto não apresentava sinais de violência. Pelo menos, eu não consegui distinguir. Havia algum tempo que observava como Pedro nos seguia à distância. Mas, ao aproximarmo-nos do arco de Robinson, e numa das alturas em que virei a cabeça para verificar se o solitário e infeliz Simão continuava ali, vi-o sentar-se ao pé da muralha meridional que separava os dois grandes bairros de Jerusalém. Pela maneira como caiu nos degraus e meteu a cabeça entre as mãos compreendi que o apóstolo se dera por vencido. A sua derrota naquela hora era completa. Se eu não conhecesse o final daqueles acontecimentos, não teria posto as minhas mãos no fogo quanto à sua sorte...

Infelizmente, não voltaria a vê-lo.

João, que naquele momento não estava a par das negações do amigo, terminou assim a sua narrativa:

- Anás teve um gesto de reprovação pela brutalidade do seu servo com o Mestre, mas o seu orgulho é tal que não lhe fez qualquer observação. Limitou-se a levantar-se da cadeira e saiu da sala. Só o voltamos a ver passadas duas horas...

- Durante esse tempo, Jesus disse-te alguma coisa?

- Não - respondeu João. - O Mestre, os servos, o soldado e eu continuamos Aliás sem nos mexermos, e em silêncio. Passado este tempo, Anás voltou à sala, e aproximando-se de Jesus recomeçou o interrogatório:

- Consideras-te o Messias, o libertador de Israel?

Jesus levantou novamente os olhos e com idêntica calma disse-lhe:

- Anás, conheces-me desde a minha juventude e sabes que não pretendo ser mais nem menos do que delegado de Meu Pai. Fui enviado a todos os homens tanto gentios como judeus.

Mas o sumo sacerdote não ficou satisfeito e repetiu a pergunta:

- Ouvi dizer que pretendes ser o Messias. É verdade?

- O Mestre esperou um pouco antes de responder. Por um momento acreditei que não desejava falar. Mas acabou por o fazer. E com que segurança, Jasão!

- Tu o disseste!, disse Ele por fim.

- Foi então que entraram os sacerdotes. Vinham da parte de Caifás, e, aproximando-se de Anás, murmuram-lhe qualquer coisa ao ouvido. Não posso dizer-te o quê, embora suponha que muito tem a ver com o Conselho do Sinédrio. Como te dizia, não tardaremos em saber.

- O resto já sabes. Anás ordenou que levassem Jesus à presença do seu
genro e saímos...

Pouco antes das seis da manhã o pelotão que conduzia Jesus parou na frente de uma grande casa rústica, situada a pouca distância do grande retângulo do Templo. Concretamente, junto da esquina sul-ocidental, numa reduzida área ajardinada, perfeitamente isolada daquele setor da Cidade Baixa pelos arcos de Wilson e Robinson, a norte e a sul, e pela muralha meridional e pela parede do Templo, a oriente e a ocidente, respectivamente.

Andorinhas madrugadoras voavam, brincalhonas, entre os beirais do segundo andar daquela grande casa de mais de cinqüenta metros de comprimento por trinta e quatro de fundo.

Os gorjeios dos emigrantes negros e o barulho surdo e ritmado da moenda do trigo levantando-se de todas as casas de Jerusalém, foram os últimos e agradáveis sons que escutamos antes de entrar naquele antro.

Durante este novo deslocamento de Jesus, a possibilidade de que nos dirigíssemos para a tradicional sede do Sinédrio dentro do Santuário, fez-me tremer. Se assim fosse, nem o legionário nem eu poderíamos entrar. Felizmente - tal como soubera pelos textos do historiador Flávio Josefo -, poucos meses antes de se iniciar o ano 30, as castas sacerdotais tinham descongestionado a célebre sala das pedras talhadas (situada num dos ângulos sul-ocidentais do Átrio dos Sacerdotes), transferindo o local de reunião do Sinédrio para este edifício de grandes pedras cinzentas e somente desbastadas (1). O tribunal que Caifás

planejara - como iremos ver - não era muito ortodoxo e, embora o Conselho Supremo israelita continuasse a reunir-se, por vezes no Santuário, nesta altura - com grande contentamento da minha parte - o sumo sacerdote e os seus correligionários tinham preferido resolver o assunto na nova sede, muito mais discreta que a câmara das pedras talhadas.

Os levitas atravessaram um apertado e escuro corredor, desembocando no reduzido pátio central do bouleyterion ou quartel-general do Sinédrio. Dali, e sem perda de tempo penetramos numa sala quadrada, muito espaçosa e de teto alto, situada - a julgar pelo caminho que tínhamos percorrido – na ala mais ocidental do edifício. A escassa claridade que entrava pelas frestas forçava a manter acesas as lanternas de azeite.

Tal como receava, mal pisamos a quadra onde deveria acontecer o julgamento contra o Galileu, um dos servos do sumo sacerdote atravessou-se no meu caminho, exigindo que me identificasse.

Foram segundos de grande tensão. Na minha condição de simples mercador grego não tinha razão alguma para assistir à assembléia. Perante aqueles hebreus, a minha presença não se justificava. Quando Já pensava estar tudo perdido, o legionário, que ainda se encontrava a meu lado, resolveu a dificuldade com uma resposta oportuníssima:

- Alto...! Este homem vem comigo. Como eu, representa o procurador romano.

Aquela mentira - conseqüência do denário de prata que entregara ao delegado do oficial subalterno Arsenius – foi determinante, e sem mais explicações, dirigimo-nos para o centro da câmara.

* Tanto Josefo, na sua obra Guerras dos Judeus (V.4,2 e VI. 6,3), como a Misn (Mid. V. 5; Samb. XI.2 e Tamid II,S entre outros documentos) asseguram de forma muito precisa que o Sinédrio se mudou, quarenta anos antes da destruição do Templo, da sala das pedras talhadas para uma espécie de bazar, praticamente encostado ao Santuário pelo lado ocidental. Assim o dá a entender também Fatos (23,10) (N. do M.)

Um pouco mais de metade da sala (de uns dez metros de lado) era ocupada por um banco corrido de madeira, de forma semicircular ou de meia-lua. Este assento comum, sem braços e dotado de altos espaldares, primorosamente trabalhados, fora colocado sobre um tablado de cerca de quarenta centímetros de altura, de modo que os seus ocupantes pudessem dominar o recinto. Em frente destes assentos - fechando o semicírculo - observei três filas de bancos, igualmente de madeira, mas sobre o lajedo do pavimento e, portanto, a um nível muito mais baixo. Quando entramos, o banco em forma de meia-lua estava ocupado por um total de vinte e três sacerdotes. Mais seis ou sete tinham se acomodado na primeira das três filas de bancos a que fiz referência. As outras duas filas continuavam vazias. (Posteriormente, ao

comparar estas informações com as do computador central do berço, cheguei à conclusão que aquela meia-dúzia de saduceus e fariseus que se sentava fora do semicírculo procedera assim porque aquele lugar era o do chamado Sinédrio menor, formado única e exclusivamente por vinte e três membros. Caifás conseguira reunir uns trinta adeptos e, conseqüentemente, nem todos puderam participar no tribunal oficial.) Sentados à beira do tablado, um em cada ponta do semicírculo, encontravam-se dois escribas judiciais. Vestiam as suas tradicionais túnicas de linho branco, trazendo nas faixas umas caixinhas de madeira de onde começaram a tirar os utensílios de escrita, penas de junco, dois pequenos frascos que faziam as vezes de tinteiros e vários rolos de couro. Para dizer a verdade, aqueles dois escribas foram a única coisa legal e correta do simulacro de julgamento. (Um, segundo a Misn , encarregava-se de ir recolhendo as alegações a favor da absolvição do detido ou detidos, e o segundo escrevia as propostas de condenação.) Jesus, sempre na companhia do legionário que controlava a corda que lhe amarrava os pulsos, foi obrigado a colocar-se mesmo junto do tablado, de frente para os juízes e de costas para as três filas de bancos. João e eu, na companhia de outros levitas e criados do Sinédrio, post mo-nos atrás das filas de assentos, à esquerda do Mestre. Ao fundo da sala, por uma porta situada nas nossas costas e que permanecia entreaberta, descobri um grupo de hebreus. Mas, julgando pela sua indumentária, não pareciam ser sacerdotes nem membros do Sinédrio. (A incógnita não tardaria a ser desvendada.) Logo no primeiro instante me chamou a atenção um personagem que ocupava o centro do tribunal. Devia andar pelos cinqüenta anos. Era baixo e muito gordo. A sua obesidade notava-se especialmente na cara, redonda e congestionada, e numa grande papada sobre a qual se apoiava uma barba grisalha. A cabeça, sem o turbante que alguns dos seus companheiros de banco usavam era rematada por cabelo preto, muito curto, ao estilo juliano.

* 1 Papai Noel deu os seguintes dados sobre a composição oficial do Sinédrio naqueles tempos: uma instituição superior, ou Sinédrio maior, formado por setenta e dois membros, e um Sinédrio menor, constituído por vinte e três membros. Os dois tribunais tinham competência em casos criminais e os dois membros mais destacados do grande Sinédrio eram o nasi, ou presidente, o ab bet din, ou pai do tribunal, títulos, segundo parece, puramente honoríficos. As três filas de bancos do Sinédrio menor, eram destinados aos discípulos dos sábios. Dadas as características daquele tribunal e a hora irregular, era natural que os alunos dos juízes não estivessem presentes. (N. do M.)

A sua grande corpulência via-se notavelmente multiplicada por vestes muito diferentes da dos restantes juízes. Envergava uma túnica e calções, tudo de seda de um tom fulvo. O peito estava cingido por cinco

faixas ou listras, cada uma de sua cor: ouro, carmesim, escarlate, azul-violáceo e alionado.

Aquele indivíduo era José ben Caifás, sumo sacerdote, desde o ano 18, por designação do procurador romano Valério Grato, antecessor de Pilatos.

À direita e à esquerda do genro de Anás, estavam sentados mais vinte e dois membros do Sinédrio, quase todos envoltos em amplos mantos multicores. Em voz baixa, João foi-me indicando os mais venenosos e intriguistas: Sermes, Dothaim Levi, Gamaliel, Jairo, Neftali e um tal Alexandre na sua maioria saduceus.

Nos rostos daqueles indivíduos - quase todos com idades que andavam à volta dos sessenta anos - havia perplexidade. O porte majestoso e sereno do Nazareno devia causar-lhes profunda impressão. Assim que Jesus foi posto na sua frente não pararam de murmurar.

Mas Caifás parecia ter pressa e, a uma ordem sua alguns dos guardas convidaram o grupo de judeus que aguardava na sala contígua a que se aproximasse do conselho. Primeiro, surpreendido, depois indignado, João viu aquelas testemunhas começarem a fazer declarações contra os ensinamentos e a pessoa do Galileu. Os seus ataques, tão exaltados como desordenados, incidiam fundamentalmente nas numerosas violações do sábado e das leis mosaicas, que segundo eles, Jesus e o seu grupo de esfarrapados galileus tinham cometido. Os perjuros, com toda a evidência comprados pelo Sinédrio, contradiziam-se constantemente transformando a sessão numa farsa. O desfile de falsas testemunhas chegou a ser tão lamentável que alguns dos juízes, envergonhados, baixavam a cabeça ou se agitavam, nervosa e violentamente, nos assentos.

O Mestre, que nesta altura levantara o rosto, permanecia impassível, sobressaindo dos acusadores não só pela estatura como pelo porte majestoso. Aquele semblante sereno, sem a menor sombra de orgulho ou de vaidade, exasperou mais ainda Caifás e os seus cúmplices, que não compreendiam como um homem podia manter tal serenidade quando tudo se encaminhava para uma sentença de morte.

- Este profanador do sábado - afirmou uma das testemunhas - é reincidente, pois consta que foi admoestado pelos sacerdotes em várias ocasiões. Portanto, é réu de extermínio...

*De acordo com a Misn - capítulo Sinédrio-Makkot - o que profanava o sábado com premeditação e de modo reincidente devia ser morto por lapidação.

Outra das falsas testemunhas fez uso da palavra, e apontando o Galileu lembrou à sala a multiplicação dos pães e dos peixes.

- De acordo com as nossas leis - afirmou – este homem é um mágico que enganou o povo com os Seus atos. Aquiba diz em nome de Yehosua: Se dois unem pepinos servindo-se da magia, um dos coletores

não é culpado, mas o outro sim. O que realiza o ato é culpado e o que só engana a vista não é culpado. Fomos muitos os que então pudemos ver como este enviado do Príncipe dos Demônios levava a cabo o ato e os discípulos o secundavam...

Um murmúrio de aprovação se prolongou entre os juízes. Mas o Mestre continuou mudo.

- Segundo o Levítico – argumentou outro hebreu -, o réu adquiriu impureza por contato com cadáveres. E, como se isto não fosse culpa bastante, atreveu-se a violar a sagrada crença da ressurreição dos mortos, tirando Lázaro do túmulo... Alguns dos saduceus, cuja filosofia recusava de forma liminar a ressurreição dos mortos, moveram a cabeça em negação, sorrindo abertamente.

Caifás, que pertencia a esta casta, deixou passar a impertinência dos saduceus. Não era o melhor momento para entrar em polêmicas com os fariseus, que tinham franzido a sobrancelha com claro desagrado pelas irônicas e silenciosas manifestações da outra parte do tribunal. A momentânea tensão entre os juízes viu-se dissipada quando a testemunha desviou a acusação para o novo fato mágico de Jesus ter erguido Lázaro do sepulcro num tempo inferior ao toque do sofar. (Aquele dado fez-me pensar que, uma vez que cada um daqueles toques de como dos levitas do Templo nunca se prolonga para além dos quinze segundos, a ressurreição de Lázaro - desde que Jesus o chamou até voltar à vida, se deu entre doze e quinze segundos.)

A acusação, como quase todas, era tão pueril e falha de base que o sumo sacerdote - cada vez mais agitado - apressou as testemunhas seguintes para que continuassem. Mas as alegações posteriores não foram mais brilhantes...

Alguns judeus, acompanhando as suas palavras com grande ostentação de gestos, lembraram ao tribunal mais um dos delitos de Jesus: Não ter comido o obrigatório cordeiro pascal...

Aquela informação só podia ter sido dada por Judas. Judas Iscariotes, que tinha chegado ao edifício do Sinédrio muito antes de nós, mantinha-se atrás do grupo de testemunhas, embora em momento algum chegasse a depor. As normas daquela gente proibiam que um traidor se dirigisse publicamente ao Conselho. A lei mosaica, efetivamente, estabelecia que todos os israelitas eram obrigados a comer carneiro ou cabrito na festa da Páscoa. Só anos mais tarde, depois da destruição do Templo, a Misn , no seu capítulo IV (pesahim)l suaviza as normas, dizendo textualmente que o lugar onde não seja costume comer carne, não se coma.

* Depois da destruição do Templo, havia quem não comesse carne assada para evitar que se dissesse que era carne de sacrifício pascal, proibido depois da referida destruição. (N. do M.)

Um dos últimos acusadores chegou a dar uma reviravolta completa àquele desfile de incongruências e despropósitos. Aludindo a outra lei judaica, chegou a acusar o Nazareno de homicídio frustrado. O seu fraco e ridículo argumento baseava-se noutra norma, que decretava a culpabilidade daquele que ferisse o seu próximo com uma pedra, de tal maneira que o matasse. A testemunha ensinada expôs então o incidente protagonizado por uma adúltera, salva do apedrejamento popular quando Jesus, dirigindo-se à multidão , convidou aquele que estivesse livre de pecado a atirar a primeira pedra.

Para o retorcido hebreu, o gesto constituía delito, pois incitava ao assassínio... A grotesca cena atenuou-se um pouco quando, subitamente, os vinte e três juízes e os restantes membros do Sinédrio se puseram de pé. Fez-se na sala pesado silêncio e um dos saduceus - o que estava sentado à direita de Caifás - deixou o seu lugar para o ceder a um indivíduo baixo e curvado, que acabava de entrar na sala.

- É Anás - murmurou João.

Durante a minha passagem pela casa do antigo sumo sacerdote não tivera oportunidade de conhecê-lo. Agora, ao vê-lo subir para o estrado, ajudado por um dos seus servos, senti uma certa decepção. O poderoso sogro de Caifás, pai da influente família sacerdotal, era na realidade, um velho decrépito, muito próximo dos setenta anos e afetado por um adiantado mal de Parkinson. Como sagan, ou presidente da câmara dos anciões, ocupou o lugar à direita do sumo sacerdote em exercício naquele ano. Imediatamente, os outros juízes voltaram a sentar-se, e Caifás, com um gesto displicente das mãos gorduchas, indicou às testemunhas que prosseguissem.

Apesar da sua mais que provável esclerose cerebral, Anás ou Anano - como lhe chama Josefo - conservava uns olhos de rapina noturna, grandes e penetrantes. Mal se sentou, logo eles percorreram a sala, indo pousar nos do Mestre. A tremura das mãos do velho acentuou-se. Jesus sustentou-lhe o olhar e Anás, indeciso, procurou esconder as mão cheias de rugas por baixo do roupão púrpura que o cobria. Depois, desviando a atenção para o inquisidor de serviço, pareceu esquecer-se do Galileu.

- Este homem - começara a proclamar a testemunha – afirmou que destruiria o Templo e que em três dias edificaria outro, mas sem a ajuda da mão do homem.

Os archontes, ou chefes do Templo, tinham encontrado, por fim, um motivo condenatório suficientemente sólido. Naturalmente, não fora aquilo que Jesus dissera. Aliás, nem esta testemunha nem a seguinte, que confirmou as suas declarações, fizeram qualquer alusão ao decisivo gesto do Rabi quando, ao mesmo tempo que pronunciava aquelas palavras proféticas, apontava o Seu corpo com um dedo.

Se não me falha a memória, aquele foi o único testemunho em que dois indivíduos conseguiram estar de acordo. Antes mesmo de terminarem os testemunhos, o clamor dos archiereis ou sacerdotes-

chefe foi geral, perturbando a ordem da sala com exagerados sinais de desagrado e incredulidade.

Caifás levantou os braços pedindo calma enquanto um cínico sorriso se desenhava no rosto. E o silêncio restabeleceu-se pouco a pouco. Naquele momento, Anás fez um sinal ao genro. Este inclinou-se e o antigo sumo sacerdote disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ao terminar, ambos tinham os olhos fitos em Jesus, que se mantinha imperturbável.

Nenhuma das alegações conseguira alterar a sua disposição.

- Não respondes a nenhuma das acusações? - gritou-lhe de repente Caifás, com a sua voz guinchada e desagradável.

Os juízes, testemunhas, levitas e restantes espectadores, esperaram a resposta do Galileu. Foi inútil. O Mestre, com os olhos postos em Caifás, não abriu a boca. Aquele silêncio do acusado, aliado à sua extrema dignidade, fez que Caifás corasse. As pálpebras começaram a abrir-se e a fechar-se ritmicamente, num tique nervoso. É muito possível que o ódio daquele hebreu por Jesus de Nazaré chegasse naquele momento ao seu ponto extremo, quase tenho a certeza também de que, além dos ensinamentos e milagres de Cristo, o que verdadeiramente alimentava a vingança do sumo sacerdote era o domínio de que constantemente o Mestre fazia gala. Se Jesus se tivesse humilhado ou adotado uma atitude conciliatória, talvez aquela aparência de julgamento não tivesse originado tão dolorosas conseqüências para o Rabi da Galiléia. Quando tudo parecia indicar que Caifás estava prestes a explodir, Anás levantou-se. Tirou um rolo de pergaminho de dentro da manga direita e, enquanto o desenrolava anunciou ao tribunal que aquela ameaça do Galileu de destruir o Templo, era razão mais que suficiente para considerar as seguintes acusações [...).

Com voz rápida e vacilante, quase encostando o documento aos olhos, fez a leitura das acusações que, obviamente, tinham sido estabelecidas, antes, mesmo, da sessão do Sinédrio: [...) O acusado desvia perigosamente as pessoas do povo e além disso, ensina-as. [...) O acusado é um revolucionário fanático que aconselha a violência contra o Templo Sagrado e, além disso, o pode destruir. [...) O acusado ensina e pratica a magia e astrologia. O fato de prometer edificar um novo santuário em três dias e sem auxílio das mãos é concludente.

João, estupefato, deu-me a ver algo que era claro como a luz: a redação de tais acusações tinha de ter sido feita de comum acordo com os falsos testemunhos.

Mas as indignidades do conselho ainda mal tinham começado.

Anás voltou a enrolar o pergaminho e aguardou, de pé, a resposta do réu. No entanto, Jesus, não moveu um só músculo. O ancião, visivelmente contrariado, deixou-se cair e um silêncio pesado e ameaçador de novo inundou a câmara. Num
acesso de ira, Caifás saiu do seu lugar e, pondo-se na frente do Mestre, intimou-O com o dedo, gritando-lhe:

- Em nome de Deus vivo - bendito seja - ordeno-Te que me digas se és o libertador, o Filho de Deus... bendito seja o Seu nome:

* A astrologia era então punida severamente. Rops garante que era uma ciência funesta, que engendrava todas as maldades (N. do M.)

Desta vez, Jesus, olhando o baixo e colérico sumo sacerdote, deixou ouvir a sua voz poderosa:

- Sou... E bem cedo estarei junto do Pai. Não tarda que o Filho do Homem seja investido de poder e reine de novo sobre os exércitos celestiais.

As sonoras palavras do Nazareno retumbaram na sala como um golpe de maça. Caifás recuou dois passos. Tinha a boca aberta e trêmula e os olhos injetados de sangue, tal como a cara e o pescoço. Sem deixar de olhar para Jesus, deitou mão às cinco faixas que lhe cingiam o peito e, com um puxão fez saltar os fechos que as prendiam nas costas.

Os ornamentos sagrados do sumo sacerdote tombaram no chão, com um quase imperceptível estalido das agulhas de marfim ao caírem no lajedo.

Caifás, fora de si, exclamou com voz quebrada pela raiva, ao mesmo tempo que uma involuntária chuva de gotículas de saliva lhe saltava da boca:

- Que necessidade temos de testemunhas...? Ouviram a blasfêmia deste homem... O que pensam e como temos de proceder com este violador?

Os trinta saduceus, fariseus e escribas puseram-se de pé como um só homem, vociferando em coro:

- Merece a morte... Crucifixão...! Crucifixão...!

A palpitação acelerada das artérias do pescoço de Caifás mostravam às claras que o seu organismo sofria uma importante descarga de adrenalina. Da mesma maneira furiosa com que arrancara parte das vestes, voltou a encarar o Mestre, dando uma violenta bofetada na face esquerda de Jesus. Os sinetes da mão esquerda do sumo sacerdote (cheguei a identificar uma pedra de jaspe uma ágata e uma cornalina) feriram o pômulo e dois finíssimos fios de sangue correram até à barba.

Mas o Galileu não deixou escapar um só lamento. Baixou os olhos e não voltaria a levantá-los até a guarda do Templo O conduzir à sala onde vira reunidas as testemunhas.

O genro de Anás voltou para o seu lugar, enquanto o coro de juízes continuava vociferando:

- Morte!... Morte!...

João agarrou-se ao meu braço, mordendo o manto, numa crise de impotência e de desespero. Mas ninguém, nem sequer o legionário, moveu um dedo em defesa de Jesus.

O sogro do sumo sacerdote, que foi o único que continuou sentado e em silêncio, pediu calma. Quando o último dos sinedristas obedeceu à ordem de Anás, este dirigiu-se ao perturbado conselho, sugerindo que se obtivessem novas acusações, em especial acusações que pudessem comprometer o Nazareno perante a autoridade romana. Com uma inteligência muito mais sutil do que os que ali estavam reunidos, o velho ex-sumo sacerdote deu-lhes a entender que aquelas alegações podiam não satisfazer Pôncio Pilatos.

* 1 Naquele tempo, nem os homens nem as mulheres usavam botões. Em Israel não eram conhecidos. Em seu lugar usavam passadores: uma espécie de agulha grande com um orifício no centro, a que se prendia um cordão . Era usada inserindo-a no pano e passando o cordão por detrás da ponta e da cabeça. (N.do M.)

Mas os sacerdotes, Caifás à cabeça, opuseram-se com firmeza e, durante bastante tempo, os chefes do Templo, escribas e fariseus discutiram acaloradamente, interrompendo-se uns aos outros. Daquela azeda discussão deduzi que os archiereis – tal como demonstrara Caifás não desejavam demorar o processo por duas razões fundamentais: primeira, porque era o dia da preparação da Páscoa e, segundo a Lei, todos os trabalhos tinham de terminar antes do meio-dia. Segunda, porque o receio geral incidia na possibilidade de o procurador deixar Jerusalém, regressando à sua base: Cesareia.

Esta última razão pesou muito mais que a primeira. Se Pilatos saísse da Cidade Santa, as manobras do Sinédrio seriam estéreis. Anás não pôde controlar a situação e os juízes, imitando o sumo sacerdote, levantaram-se, abandonando a sala. Mas antes, um após outro, passaram diante do Mestre, cuspindo-lhe no rosto. Se bem recordo, trinta cuspidelas. Ou antes, escarros e cusparadas em partes iguais. Quando o Mestre passou ao nosso lado, a caminho do local onde ia ter lugar uma das mais selvagens e injuriantes afrontas daquela jornada, o jovem discípulo voltou a cara, impressionado pelas expectorações repugnantes que quase escondiam o rosto e a barba do dócil Jesus. João sofreu um acesso de fortes vômitos, acabando por vomitar num dos cantos da sala. Desta forma, no meio de grande confusão, deu-se por concluída a primeira parte daquele julgamento. Eram seis e meia da manhã...

Na realidade, aquela pausa no julgamento judeu de Jesus de Nazaré ia ser, uma nova e grotesca caricatura do que deveria ter acontecido num julgamento objetivo. As normas hebraicas - como irei pormenorizando no final destes dois comparecimentos do Rabi da Galiléia perante o irregular Conselho do Sinédrio - eram muito rigorosas em quanto se relacionava com causas de sangue. Na sua ordem quarta (Capítulo V), a Misn israelita estabelece com grande rigor e pormenor

que se o réu é considerado inocente, é posto em liberdade. Caso contrário, os juízes adiam a sentença para o dia seguinte ....

Pois bem, esta importantíssima prescrição jurídica não só não foi tida em conta por aqueles trinta sequazes do sumo sacerdote como, além disso, foi grosseiramente manipulada. De mútuo acordo, Caifás e os seus partidários retiraram-se da sala do tribunal, reduzindo as obrigatórias vinte e quatro horas de reflexão e jejum, antes da sentença definitiva a trinta escassos minutos. Meia hora que, em minha opinião, alcançou uma das mais altas quotas de selvajaria a que pode chegar um grupo que se considera civilizado... É possível que, por ignorância, ou por um respeito muito humano, os evangelistas não nos digam praticamente nada do que padeceu o Mestre naqueles momentos e naquele local. Pessoalmente, inclino-me para a primeira razão: a falta de informação. Como pormenorizarei imediatamente, o jovem João não pôde estar presente naquela horrível meia hora. Os escritores sagrados fazem algumas alusões - sempre muito superficiais e como se não quisessem entrar em pormenores - sobre uma bofetada, algumas cuspidelas e pancadas dadas pelos servos do Sinédrio... Creio, honestamente, que os evangelistas - talvez com a preocupação de não mortificar os seus leitores com os padecimentos de Cristo prestaram um fraco serviço à Verdade, ao não exporem com mais pormenores o amargo transe do Nazareno. Precisamente, ao conhecer com exatidão o sucedido naquela manhã, numa das câmaras do Sinédrio, uma pessoa pode ter a intuição de que foi aquele, talvez, o momento, mais amargo e humilhante de toda a Paixão. Muito mais, naturalmente, que a flagelação ou que a aterrorizante cena do pregar dos cravos... Entendo que, para qualquer pessoa normal - e muito mais logicamente, se essa pessoa é a própria Divindade - os ultrajes e ataques à sua dignidade podem ser mais dolorosos que as pancadas ou torturas propriamente ditas. E foi isto o que aconteceu, enquanto os juízes deliberavam no jardim central do edifício.

Sem um instante de hesitação fui atrás do soldado que escoltava Jesus, enquanto João, muito impressionado por aquela repulsiva desonra da pessoa do seu Mestre, saia, procurando respirar ar puro e recompor-se física e emocionalmente.

Mas, poucos minutos depois, vi-o entrar na sala para onde os levitas tinham levado Jesus. Encontrávamo-nos num cubículo de reduzidas dimensões, totalmente vazio, sem móveis e sem ventilação alguma. Dois dos servos do Sinédrio empunhavam archotes que, juntamente com três pequenas candeias de azeite penduradas das paredes de tijolo, iluminavam o retângulo com uma luz avermelhada e fantasmagórica. O Nazareno ficou no centro do úmido e fedorento cubículo, enquanto os guardas e servos do Templo - uns doze, mais ou menos se acomodavam, encostando-se às paredes ou sentando-se no chão duro.

A minha primeira impressão, ao verificar o silêncio e total indiferença daqueles indivíduos, foi relativamente tranqüilizadora. Era evidente que os sicários de Caifás tinham recebido ordens para escoltar o réu e esperar o recomeço do processo. Mas, quando mal tinham passado ainda dois minutos, um dos levitas que acompanhara o Conselho apareceu à porta, chamando por sinais um dos que empunhavam archotes.

Depois de um breve segredar, o recém-chegado desapareceu e o do archote deu uns passos para o seu companheiro, transmitindo-lhe a ordem que, sem dúvida, o guarda acabava de trazer.

Os criados e levitas formaram um círculo, dialogando em voz baixa e lançando constantes olhares ao preso. Alguma coisa tramavam...

Naqueles momentos críticos Jesus voltou a levantar o rosto, procurando com o olhar. Por fim, deteve-se em João, que continuava muito próximo da porta e, sem dizer palavra, fez-lhe um gesto com a cabeça, ordenando-lhe que saísse dali. Aquele sinal foi peremptório. Mas o discípulo vacilou, respondendo com uma negativa. O Mestre, pela segunda e última vez, virou a cabeça para a direita, apontando-lhe a porta. Nos olhos do Nazareno havia uma força e uma certeza tais que, por fim, João acabou por ceder, saindo do local.

O legionário, testemunha como eu, da silenciosa ordem do réu, interrogou-me com o olhar. Mas só pude encolher os ombros. Naquele instante não era capaz de perceber o motivo por que Jesus de Nazaré obrigara o seu amigo inseparável a deixar-nos. Lamentavelmente, não tardaria em saber...

Logo que João saiu, o Mestre limitou-se a observar-me durante escassos segundos. Naqueles olhos semi cerrados em conseqüência das cuspidelas - já secas - adivinhei uma mistura de infinita tristeza e resignação. Depois, o Gigante baixou novamente a cabeça, mergulhando nos seus pensamentos.

Aquela tensa calma não tardou em se quebrar. O grupo de assassinos contratados rodeou o Mestre. Os que tinham archotes colocaram-se um de cada lado de Jesus e, sem prévio aviso, o criado que recebera a misteriosa ordem despiu o manto e atirou-o para uma ponta da câmara.

Depois, pondo-se a quatro dedos do peito do Rabi, levantou os olhos e começou a interrogá-lo:

- Diz, príncipe de Belzebu... como se chamam os Teus cúmplices?

Mas Jesus nem sequer levantou o rosto.

Naquele momento, comecei a entender em que consistiria a ordem que os guardas e servidores do Sinédrio acabavam de receber. Se bem estava lembrado, Anás fizera-lhe aquela mesma pergunta. Era mais que provável que o Conselho dos saduceus, escribas e fariseus, que se apartara no julgamento, tivesse decretado que os guardas do Mestre tentassem aproveitar aqueles minutos para interrogarem e maltratarem o impostor.

- Conhecemos Judas - acrescentou o lacaio, com um sorriso que me fez temer o pior -, também Simão, o Zelota, e aquele João Zebedeu... Mas quem são os outros...? Responde!

O Galileu nem pestanejou. O rosto, voltado para as lajes cinzentas do pavimento, estava ausente.

- Negas-te então a responder.

E o criado virou-Lhe as costas, dando um breve passo em frente. De repente voltou-se, esbofeteando-o com a esquerda. O golpe foi tão duro quanto inesperado. E todo o corpo de Jesus tremeu. Os restos de escarros na face direita do Rabi ficaram agarrados à palma da mão do esbirro que, com uma careta de repugnância, sacudiu os dedos uma e outra vez, procurando livrar-se daquelas imundícies. Finalmente, aproximou a mão do manto do Nazareno, esfregando-a no pano.

Quando o legionário tentou acabar com o súbito e selvagem ataque, um dos guardas do Templo pôs-lhe a mão no ombro e, afastando-o do Rabi, entregou-lhe uma pequena bolsa de couro, murmurando que não interviesse e que dividisse as moedas comigo. O suborno tornou surdo e mudo o soldado que, a partir daquele momento, não saiu de um dos cantos da sala. A sua satisfação aumentou quando me neguei a aceitar a minha parte.

Apesar da raiva que começara a queimar-me as entranhas, não pude fazer mais que observar e tentar não alterar os acontecimentos, tal como impunha o código de Cavalo de Tróia...

A partir daquele instante uma saraivada de murros e bofetadas começou a cair no corpo do Mestre. De vez em quando, entre pancada e pancada, um dos levitas voltava a interrogá-lo...

- Responde... Quantos são vocês?... Como se chamam os Teus adeptos?... Quem tomou o comando?...

Jesus, com os lábios rasgados pelas pancadas, não cedia. Alguns dos murros atingiram-lhe os olhos, provocando um lento mas alarmante inchaço.

No meio daquela iniqüidade fiquei espantado mais uma vez perante a serenidade e resistência física do Galileu. Muitas das pancadas, dadas com frieza em pontos tão delicados e vulneráveis como olhos, lábios, ouvidos, rins e estômago, teriam lançado por terra um homem vulgar.

No entanto, o Nazareno - ainda que chegasse a vacilar em várias ocasiões - não soltou um só lamento, conservando sempre o equilíbrio.

O completo silêncio do Rabi aumentava o furor dos levitas, que redobraram na agressão. Suados, ofegantes e arrastados pelo paroxismo, os energúmenos, não satisfeitos com o violento castigo que estavam a infligir, foram procurar um cântaro de água, submetendo Jesus a um dos suplícios mais angustiantes que um ser humano possa inventar.

Um dos sicários pôs-se nas costas do Nazareno, puxando-lhe violentamente os cabelos. Logo o robusto corpo se inclinou para trás .

Um segundo guarda forçava a boca de Jesus a abrir-se enquanto um terceiro, que segurava no cântaro, começava a deitar água na boca do Nazareno.

O líquido foi entrando aos borbotões durante muitos e intermináveis segundos, até que, finalmente, o Rabi teve um seco e forte acesso de tosse, que pôs termo à tortura. Sem o saberem, aquelas bestas humanas tinham aliviado - e de que maneira! - o organismo castigado do prisioneiro. (Por causa das horas de angústia no Getsémani, o Mestre da Galiléia tinha começado a fazer um grave e decisivo processo de desidratação, que iria agravar-se sensivelmente depois dos açoites.)

O criado que segurava o recipiente de barro afastou-se para o lado e, enquanto o levita continuava a puxar pelo cabelo do réu, outro esbirro levantou a perna esquerda, atirando um pontapé ao baixo ventre do prisioneiro indefeso.

Foi uma das poucas vezes que ouvi um gemido da boca de Jesus.

A dor deve ter sido tão dilacerante que, apesar de estar vergado para trás, o tronco e a cabeça do Galileu endireitaram-se com um movimento reflexo, ao mesmo tempo que os joelhos cediam. Cristo caiu, indo o rosto bater nas lajes.

- Estúpidos! - interveio o legionário, vindo em socorro do preso. Será que querem acabar com ele?

O guarda que estivera puxando pelo cabelo do Rabi largou a mecha que lhe ficara nos dedos e, arrancando o cântaro ao colega, despejou o conteúdo na nuca do Nazareno.

Sinceramente, dado Jesus ter caído de bruços, não pude verificar se - como temia - desmaiara. Por continuar com os pulsos atados atrás das costas, tiveram de ser os criados e levitas, ajudados pela sentinela romana, a levantarem-no. Quando, por fim, consegui ver-lhe o rosto, percorreu-me um calafrio, Jesus empalidecera em extremo e uma das sobrancelhas (a esquerda) rasgara-se, possivelmente em conseqüência do choque com o lajedo. O nariz, apesar de alguns hematomas não parecia gravemente ferido com a queda. Pensei que o Mestre ainda se encontrava consciente no instante do embate com o pavimento, podendo talvez, amortecer o violento empate rodando a cabeça. O sangue, no entanto, começara a correr com abundância, logo cobrindo a parte esquerda do rosto .

Por instinto, o Nazareno começou a inspirar profundamente. Pouco a pouco foi-se recompondo, ainda que o rosto não tivesse qualquer semelhança com aquele semblante majestoso e sereno que apresentava ao entrar na sede do Sinédrio.

O sangue começara a pingar da barba, manchando o manto e parte da túnica.

Os sequazes de Caifás, um pouco mais apaziguados, isolaram-se num dos cantos da quadra, iniciando outra troca de impressões. E dali a pouco o que se desembaraçara do seu roupão, levantou-o do chão,

lançando-o à cabeça do Rabi. Vendo-o de cabeça tapada, outro levita aproximou-se de Jesus, gritando-lhe entre
sonoras gargalhadas.

- Faz profecias, libertador... Diz-nos, quem Te bateu?

Empunhando um bastão de uns quatro centímetros de diâmetro com a mão esquerda vibrou uma paulada seca no rosto do silencioso Mestre, que recuou uns passos em conseqüência da pancada. Antes que pudesse desequilibrar-se, outro criado agarrou-O pelas costas, impedindo que caísse.

As gargalhadas alastraram rapidamente e, um após outro, todos os homens participaram naquele jogo cruel.

As bofetadas e pauladas continuaram durante os últimos dez minutos, e a cada pancada o agressor fazia a mesma pergunta cínica:

- Faz uma profecia... Quem te bateu?... Faz uma profecia, bastardo !

Pelas sete da manhã, quando o Nazareno, curvado e apoiado a uma das paredes, parecia prestes a desfalecer, entraram vários levitas, ordenando aos outros que levassem o Rabi à presença do Sinédrio.

Quando aqueles selvagens tiraram o manto da cabeça do Mestre, pareceu-me que o sangue se me gelava nas veias. Se não soubesse que era Ele, acho que não O reconheceria. A paulada - suponho que a primeira -, apesar de o golpe ter sido amortecido, caíra sobre o pômulo e parte do nariz, provocando o inchaço de ambas as zonas. Esta pancada, ou talvez os outros murros e bofetadas, tinham originado uma enorme hemorragia nasal. Os fios de sangue saíam de ambas as narinas, correndo pelos lábios e empapando bigode e barba. Os hematomas dos dois olhos eram tão grandes que o Rabi quase não podia abri-los.

Aquele rosto quebrado, inflamado e com a metade esquerda ensangüentada, deixou sem fala alguns dos criados e sicários do Sinédrio. Era evidente que o castigo fora brutal. Para minha surpresa muitos dos levitas nervosos, começaram a discutir quanto a conveniência de lavar e tornar mais apresentável a face do Mestre. Não por misericórdia, naturalmente, mas pelo receio de possíveis represálias ou recriminações dos juízes e, talvez, dos adeptos do Nazareno. Por fim, um dos serventes embebeu uma das pontas do roupão ou manto com que Lhe tinham tapado a cabeça na água que restava do cântaro. Num impulso que nunca consegui explicar, dirigi-me ao guarda, identificando-me como médico e pedindo-lhe que me permitisse lavar o rosto do Galileu e, de passagem - disse-lhes - examinar as possíveis fraturas.

* Nos antigos textos gregos é descrito um jogo. Chamado muinda, que consistia em tapar os olhos a um dos jogadores (com um lenço ou com a própria mão). Este tinha de adivinhar o objeto que lhe era apresentado ou a pessoa que lhe tocava. Se acertava ocupava o seu lugar aquele que tinha perdido.

2 O bastardo, embora existissem diferentes interpretações era em linhas gerais, o filho nascido do adultério. Não eram admitidos na assembléia de Israel, como também não o eram os seus descendentes até à décima geração. Não podiam contrair casamento com nenhum membro legítimo da comunidade judaica, discutindo-se vivamente, até se as famílias de bastardos poderiam participar na libertação final de Israel. Este insulto era considerado como uma das piores injúrias. Aquele que o proferia podia ser condenado a trinta e nove açoites. (N. do M.)

Os guardas concordaram, um tanto aliviados, mas sugeriram-me que fosse diligente no arranjo. O Conselho estava à espera. Obviamente, nos planos do Cavalo de Tróia não era contemplada a possibilidade de que eu reparasse, nem nada que se parecesse, as feridas de que pudesse sofrer Jesus de Nazaré.

Tal como referi, isso estava rigorosamente proibido. No entanto, e dado que os levitas se dispunham a lavar a face martirizada do prisioneiro, considerei que aquela era uma oportunidade única de verificar de perto e pessoalmente as lesões exteriores e visíveis mais graves. No entanto, e apesar desta justificativa, houve também uma vontade pessoal que me levou a tomar semelhante decisão...

Peguei, pois, na ponta do áspero manto e, com toda a delicadeza de que fui capaz, comecei a limpar as crostas de sangue que se tinham agarrado ao malar e à face esquerda. As hemorragias, tanto a provocada pelo rasgão na sobrancelha esquerda como a nasal, tinham sido enormes, embora ficasse com a impressão de que a perda de sangue não era importante. A julgar pelos rastos, crostas e sangue acumulado na barba, manto e túnica, não creio que fosse superior a duzentos ou trezentos centímetros cúbicos.

Pude igualmente deduzir que a capacidade de coagulação do sangue de Cristo era normal. Tanto o golpe na sobrancelha como os cortes dos lábios e os dois fios de sangue que vinham das narinas tinham coagulado muito rapidamente.

Quando aquela metade do rosto ficou limpa larguei o manto. Antes que os criados de Caifás pudessem reagir, introduzi os dedos no rasgão feito pelo punhal do bandido que tentara assaltar-me na noite anterior e, com dois fortes puxões, consegui arrancar um bocado da minha túnica. Introduzi-o na boca do cântaro, molhando-o o mais que me foi possível, e logo voltei à parede onde Jesus continuava encostado, passando o leve lenço cor de osso pelo nariz deformado e pelos lábios, sobrancelhas e pálpebras (1).

*1 Graças àquele gesto. Cavalo de Tróia pôde conseguir uma inestimável mostra do sangue de Jesus de Nazaré. E ainda que as análises feitas com os coágulos que ficaram no pedaço da minha túnica não pudessem ser efetuadas com a velocidade aconselhada em tais casos, puderam, averiguar, entre outras coisas, que naquela altura (sete

da manhã) os eritrócitos por milímetro cúbico de sangue eram, aproximadamente, de quatro milhões e novecentos mil (pouco menos que o normal, possivelmente em conseqüência das perdas que tinham começado a verificar-se). Também observamos alguns leucócitos (muito poucos). Por meio de análises comparativas estabeleceu-se que, tanto o número destas células (sete mil por milímetro cúbico), como os tipos examinados (neutrófilos, eosinófilos, basófilos linfócitos e monócitos) correspondiam ao normalmente exigido num indivíduo saudável. E se bem que a primeira análise fosse feita antes de trinta e seis horas, não foi possível encontrar plaquetas, tinham desaparecido todas. No entanto, encontramos vestígios de trombina e alguns produtos próprios da degradação da fibrina. Num dos coágulos - que conservava leves vestígios de umidade – foi possível detectar algumas proteínas do plasma (fundamentalmente, albuminas e globulinas), bem como ligeiros indícios de glicose, vitaminas, hormônios e diversos aminoácidos. Não pudemos descobrir restos de colesterol. Quanto à coagulação, e só através da observação pessoal das feridas, pudemos estabelecer que era normal. Esta dedução viu-se reforçada pela análise de uma das proteínas do plasma - o fibrinogênio - que, depois de se converter em fibrina, tinha ficado degradada. (N. do M.)

Ao apalpar o inchaço do pômulo direito concluí que a paulada tinha afetado uma ampla zona do osso malar, atingindo parte do olho direito. Se o hematoma continuasse a aumentar, o mais provável era que o Nazareno acabasse por ter sérias dificuldades em conseguir abrir aquele olho.

Quanto ao nariz, a impossibilidade de tirar uma radiografia deixou-me na dúvida se a pancada teria fraturado a cana, formada pelos ossos nasais. Estes dois ossos, como todos os médicos sabem, são frágeis, podendo ser quebrados por um murro.

Para mim, e depois daquela observação, os treze ossos da cara de Jesus pareciam estar intactos. Insisto, no entanto, nas minhas sérias dúvidas quanto aos nasais. Dada a violência da pancada, era de prever a possibilidade de que estivessem fraturados. (Entendo, Aliás, que a famosa profecia em que se diz que nenhum dos ossos do Messias ficaria partido, bem pode referir-se aos ossos longos.) Em especial houve um pormenor que, com a devida reserva, me inclinou a acreditar desde o primeiro momento que os dois pequenos ossos nasais podiam estar seriamente magoados.

Durante esta segunda limpeza, e quando toquei na massa muscular inflamada do nariz (piramidal e transverso, fundamentalmente), ao palpar a área da cartilagem nasal o Rabi recuou levemente. Apesar da minha extensa suavidade, o simples toque do tecido naquele ponto do nariz multiplicou a dor.

Naquele momento, o Gigante - que continuava silencioso entreabriu os olhos como pôde, fixando em mim o olhar. Tentei sorrir e

acho que o consegui. Era quanto podia dar. Jesus compreendeu a minha pobre mas sincera prova de amizade e os Seus lábios estremeceram. De repente, para meu desconsolo, uma lágrima correu do olho esquerdo, afundando-me mais ainda na impotência...

O sicpario que tinha avisado os verdugos voltou a aparecer à porta e, com um gesto de impaciência, abriu caminho até ao réu.

Agarrando-O por um braço, puxou-O para a saída. Com passo vacilante, o Mestre entrou novamente na sala do Sinédrio.

A falta de sono, a dor e o cansaço, depois do espancamento, tinham começado a minar o Seu organismo. Fui o último a abandonar aquele lugar trágico. Esperei, de propósito, que o último levita saísse para, baixando-me, apanhar a mecha de cabelo que um dos guardas involuntariamente arrancara do crânio de Jesus.

Escondi-a na minha bolsa juntamente com o farrapo ensangüentado da minha túnica e apressei-me a ir ao encontro do Conselho do Sinédrio.

Os Juízes tinham ocupado os mesmos lugares e o Nazareno, escoltado pelo legionário e mais dois serventes, tentava manter-se de pé diante do semicírculo. A Sua aparência, apesar da rápida lavagem ao rosto, era tão lamentável que aqueles trinta judeus não puderam dominar a surpresa. Durante alguns minutos trocaram olhares sarcásticos, imaginando o suplício a que fora submetido o impostor e regozijando-se, suponho, pela alteração súbita daquele majestoso e sereno rosto.

João, que se juntara a mim, não conseguia articular palavra. Os seus olhos, espantados, miravam e remiravam o semblante do Mestre sem poder dar crédito ao que, infelizmente, era só o princípio do fim...

Quando os escribas judiciais ocuparam os seus lugares, Anás fez uso da palavra e, apontando um pergaminho que o seu genro tinha nas mãos, insistiu novamente na idéia que expusera na primeira parte daquela reunião. Para o antigo sumo sacerdote, a acusação de blasfêmia carecia de força, pelo menos em relação ao procurador romano. E insistiu na necessidade de redigir uma série de alegações que comprometessem o Rabi da Galiléia com a justiça que Pilatos representava. Ao escutar o sogro de Caifás, imaginei que o rolo a que aludira devia conter a sentença definitiva contra Jesus. Sem poder reprimir a curiosidade, perguntei a João o que sucedera na deliberação dos juízes.

O cada vez mais desmoralizado discípulo nem sequer me ouviu. Tive de o sacudir ligeiramente para que, por fim, desse atenção à minha pergunta. Com lágrimas nos olhos explicou-me que durante a improvisada reunião dos saduceus e fariseus no pátio central do edifício, aqueles indignos sacerdotes só tinham chegado a um acordo, executar Jesus.

Apesar de ter ficado muito perto dos juízes, João não chegou a conhecer o texto da sentença, redigido pelo próprio Caifás, após não poucas discussões .

Por um instante acreditei que o sumo sacerdote leria a acusação ou acusações. Mas não foi assim. Depois de muitos rodeios e divagações da assembléia, três dos fariseus levantaram-se dos lugares, renunciando a continuar naquele julgamento. Embora estivessem de acordo em dar morte ao Rabi, o seu tradicional sentido da pureza aconselhava-os - segundo manifestaram publicamente - a não tomar parte naquela flagrante ilegalidade, a não ser que o Nazareno fosse conduzido perante Pilatos, quando se Lhe desse a saber a razão por que fora condenado.

Caifás não se impressionou com este desaire que lhe era infligido pelos chamados santos ou separados e, depois de consultar o tribunal, suspendeu a sessão.

Às sete e meia da manhã, os saduceus, escribas e os poucos fariseus que se tinham mantido fiéis a Caifás desfilaram pela segunda vez diante da figura martirizada de Jesus de Nazaré.

O Mestre não tardou a seguir os passos dos juízes. Fortemente escoltado, o Galileu ficou uns minutos no jardim interior do Sinédrio. A um canto, Caifás e os seus homens continuaram a discutir acaloradamente.

Voltaram a entrar no hemiciclo e, passado algum tempo, reapareceram no pátio central. O gordo sumo sacerdote levava dois pergaminhos na mão esquerda. Aquilo não me causou estranheza. Em seguida, Caifás, pôs-se à frente dos levitas e servos, ordenando que apertassem o círculo em volta do blasfemo, enquanto se dirigiam ao quartel-general romano. Anás e a maior parte dos juízes despediram-se de Caifás, regressando à quadra onde se realizara a primeira parte do julgamento.

Judas Iscariotes, que não trocara uma só palavra conosco, juntou-se à comitiva.

O sumo sacerdote em exercício, a meia-dúzia de saduceus e o pelotão que rodeava o Mestre, meteram-se pelas ruas da Cidade Alta, em direção à Porta dos Peixes. Ao passarem na frente dos bazares, as pessoas levantavam-se, saudando reverentemente o sumo sacerdote. Em minha opinião, nenhuma das assombradas testemunhas chegou a reconhecer Jesus. Os hematomas nos olhos, nariz e pômulo direito tinham deformado o Seu rosto ao ponto de o tornarem quase irreconhecível. Enquanto caminhávamos apressadamente para a fortaleza reparei novamente nos dois rolos que Caifás levava. Qual seria o seu conteúdo?

Tratar-se-ia da sentença que tinha de apresentar a Pôncio Pilatos?

Na minha mente agitava-se incessantemente aquele aviso do tribunal prometendo uma segunda audiência. Se as minhas informações estavam corretas, Jesus não voltaria a entrar no Sinédrio. Que ia então acontecer?

Pensando bem, perante aquele excesso de irregularidades cometidas no simulacro de julgamento, que haveria a esperar de uma segunda audiência?

Fazendo um estudo sumário do julgamento, os sinedristas tinham infringido, pelo menos, doze das normas básicas que as leis hebraicas estabeleciam para julgamentos relacionados com a pena capital. Vejamos algumas das mais gritantes.

1.a Para começar, e segundo a Misn (Ordem Quarta, Sinédrio), os chamados julgamentos de pena capital tinham de se iniciar defendendo-se a inocência do réu e não a sua culpabilidade.

2.a Os julgamentos de sangue - ou em que se presume estar em jogo a vida do acusado - deviam ser celebrados de dia e a sentença, se fosse condenatória, nunca poderia ser pronunciada durante esse mesmo dia. Por isso, diz a lei, não pode realizar-se o julgamento de sangue na véspera do sábado de um dia festivo.

Portanto ao reunir-se, na sexta-feira, 7 de Abril, véspera de sábado e da Páscoa, o pequeno Sinédrio cometeu um duplo delito.

3.a Nos julgamentos capitais, a audiência devia ser aberta sempre por um dos juízes que se sentava ao lado do mais antigo, a fim de que os juízes de menor autoridade não fossem influenciados pelos antigos (na audiência contra o Mestre foram os falsos testemunhos que deram início ao pleito).

4.a Falando de falsos testemunhos, bastaria a atuação deste grupo para invalidar qualquer outra audiência semelhante. A lei judaica era, e é, extremamente rigorosa em relação a este ponto. Antes de se iniciar o julgamento, as testemunhas deviam ser admoestadas severamente: quando eram introduzidas na sala - diz a Misn - era-lhes infundido temor, ao dizerem-lhes que não falassem por mera suposição, pelo depoimento de outra testemunha, pela declaração de um homem digno de fé que tivessem ouvido ou que não pensassem que, em última análise, não seria examinado e analisado o seu depoimento. Deveis saber, dizia-se às testemunhas, que, nos julgamentos de sangue, o sangue do réu e o sangue de toda a sua descendência cair sobre a falsa testemunha até ao fim do mundo (...].

Nada disto aconteceu no Sinédrio. Mais ainda: as testemunhas compradas caíram em contradições constantes e grosseiras. A lei esclarecia que as falsas testemunhas deviam ser flageladas ou, mesmo, condenadas à morte. É óbvio, portanto, que aqueles indivíduos se prestaram a semelhante risco porque lhes fora

Garantido previamente imunidade e, naturalmente, muito dinheiro.

5.o Se o réu era considerado culpado, continua a lei mosaica, a sentença devia ser adiada para o dia seguinte. Como me referi, nada disto foi respeitado. No máximo, o tribunal suspendeu a audiência durante meia hora, logo voltando à sala.

Entretanto, prossegue a lei, os juízes reúnem-se dois a dois, comem muito frugalmente, não bebem vinho durante todo o dia,

passam toda a noite a discutir e a deliberar e, pela manhã, levantam-se e vão para o tribunal.

6.o Se depois de tudo isto continuassem a considerar o preso merecedor da pena capital, a sentença definitiva devia ser dada mediante votação. Se doze o declaravam inocente e doze o consideravam culpado, era dado como inocente. Se doze o declaravam culpado e onze inocente ou, mesmo, se onze o declaravam inocente e outros onze culpado e um diz não sei, ou ainda se vinte e dois o consideram inocente ou culpado e um diz não sei, têm de se reunir mais juízes. Quantos era possível reunir no máximo? Sempre mais dois até se chegar aos setenta e um. No julgamento presidido por Caifás não houve qualquer votação.

7.a A lei hebraica proibia que a mesma pessoa fosse juiz e acusador. No nosso caso, Caifás acumulou as duas situações.

8.a Também não foi pronunciada a sentença tal como prescrevia a lei: [...] Escreve-se (a sentença) e enviam-se mensageiros a todos os lugares dizendo que fulano de tal, filho de fulano de tal, foi condenado à morte pelo tribunal. Foi esta uma das razões por que os fariseus que faziam parte do Conselho decidiram retirar-se. E, no cúmulo da irregularidade jurídica, nem sequer o próprio julgado conheceu o texto definitivo da sentença de morte. (Tal como veremos mais adiante, Jesus de Nazaré morreu sem saber oficialmente a Sua culpa...)

9.a Até a resposta dada pelo Mestre a Caifás, quando este o intimou a que declarasse se era o Messias, não foi motivo de blasfêmia. Segundo a Misn , o blasfemo não é culpado enquanto não menciona explicitamente o Nome. Na resposta de Jesus, como se recordar , não era citado o Nome, quer dizer, Yavé, Deus ou o Divino. Jesus disse: Sou ...]: Sou ...] E não tardarei em ir para junto de Meu Pai. Em breve o Filho do Homem será investido de poder e reinará de novo sobre os exércitos celestiais. Onde aparece nestas frases o Nome explícito de Deus?

10.a Mesmo que assim tivesse acontecido, a lei especificava que, uma vez concluído o julgamento, não o sentenciarão à morte usando circunlóquio, mas pondo todo o público fora da sala de tribunal perguntarão à testemunha de mais dignidade: Diz, que ouviste de modo explícito? Ela diz. Então os juízes punham-se de pé, rasgando as vestes, que não podiam ser cosidas. A segunda testemunha dizia: Também eu ouvi o que ele ouviu e a terceira afirmava: Também eu (ouvi) como ele. Será que no litígio contra o Nazareno sucedeu algo como isto? Nem sequer Caifás chegou a rasgar verdadeiramente as vestes...

11.a Se o tribunal considerou que Jesus era um falso profeta - como aconteceu - a lei também não autorizava o Seu julgamento, a não ser pelo grande Sinédrio, formado sempre por setenta e um membros. E naquele, como disse, só constavam, oficialmente, vinte e três.

12.a Finalmente, embora, como disse, o rosário de faltas e irregularidades nesta querela pudesse ser muito longo, os juízes

também não respeitaram as normas legais, que fixavam as segundas e as quintas-feiras como datas oficiais para as diferentes comissões e assembléias dos tribunais de justiça (assim o fixa a Misn , na sua Ordem Terceira, capítulo 1).

Enquanto durou o meu treino para esta missão, tive oportunidade para investigar em numerosas fontes, observando como, até hoje, entre os comentaristas e mais doutores e estudiosos desta parte da Bíblia, não existe acordo quanto aos responsáveis pelo julgamento e posterior condenação à morte do Nazareno. Para muitos (fundamentalmente autores judeus), o Sinédrio daquela época gozava da prerrogativa da pena capital. E se Jesus de Nazaré dizem foi executado ao estilo romano é porque não havia conflito entre eles. (1)

Para outros, o Conselho Supremo da comunidade israelita – o Sinédrio - podia julgar mas nunca aplicar e executar a pena máxima. Neste pressuposto, as castas sacerdotais não tiveram outro remédio senão procurar Pôncio Pilatos, para que confirmasse a sentença(2). Nunca consegui entender a razão destas diferenças de critério, pelo menos entre os comentaristas e escritores católicos. A maioria manifesta-se de acordo com o misterioso e dificilmente comprovável acontecimento da ressurreição de Jesus (sempre dentro de um ponto de vista histórico-científico) e, no entanto, correm rios de tinta a favor e contra a jurisdição penal do Sinédrio. Se o assunto fosse verdadeiramente aprofundado - além das numerosas referências históricas sobre o poder de Roma e dos seus procuradores – se observaria que, tendo em conta o ódio de Caifás e dos seus correligionários por Jesus, bem fácil teria sido ditar a pena de morte e executá-la sem mais demora. O fato indiscutível da sua visita à Fortaleza Antonia e a submissão geral judaica ao juízo de Pilatos evidencia uma questão objetiva: era Roma quem, definitivamente tinha a última palavra. Nos casos das mortes de Estevão (ano 36 da nossa Era) e de Tiago, um dos irmãos de Jesus de Nazaré (ano 62 depois de Cristo), muitos dos defensores da culpabilidade romana na execução do Mestre da Galiléia quiseram ver duas provas decisivas dessa capacidade legal do Sinédrio para ditar e executar sentenças máximas. Entendo, porém, que ambas as lapidações ou apedrejamentos - levados a cabo, efetivamente pelo Sinédrio - aconteceram em períodos nos quais a província romana da Judéia se encontrava temporariamente sem procurador.

No ano 26, Vitélio enviou Pilatos a Roma para prestar contas ao imperador Tibério e em 62, segundo narra Flávio Josefo (Antiguidades, XX,197 e segs.), o procurador romano Festo acabava de morrer e o seu substituto, Albino, não chegara ainda à Judéia.

*1 Assim pensam e escrevem, entre outros, autores como S. Zeitlin (The crucifixion of Jesus reexamined), H. Mantel (Studies in the Story of the Sanhedrin), P. Winter (On the trial of Jesus), J. Carmichael (The death of

Jesus), D. Flusser, J. Isaac, H. Cohn, W. R. Wilson, Catchpole e um longo et coetera. (N. do M.)
2 Entre os defensores desta segunda hipótese encontram-se, por exemplo Blinzer (O Processo de Jesus), Jeremias, E. Lohse (Sunedrion), Strack-Billerbeck, Mommsen (Rmishe Strafecht), Sherwin-White (RomAn society and Roman Law in the New Testament), A. Strobel (Die Stunde der Wharneit), E. Schurer, et coetera. (N. do M.)

Existe, ainda, outra opinião. Se o Sinédrio tivesse gozado verdadeiramente dessa capacidade legal para aplicar e consumar a pena de morte, porque não foi Jesus executado ao estilo judeu?

A lei judaica, mais uma vez, era muitíssimo cuidadosa neste aspecto. Na Ordem Quarta (capítulo VII), a Misn diz textualmente: O tribunal podia infligir quatro tipos de penas de morte: a lapidação, o abrasamento a decapitação e o estrangulamento. Geralmente, a lapidação ou apedrejamento era a pena mais dura. Era aplicada - e continuo a citar a lei hebraica - aos seguintes: ao que tem relação sexual com sua mãe ou com a mulher de seu pai ou com a nora ou com um varão ou com um animal; a mulher que atrai a si um animal (para copular com ele); o blasfemo; o idólatra; o que oferece os seus filhos a Moloc (um ídolo); o nigromante; o adivinho; o profanador do sábado; o maldizente do pai ou da mãe; o que copula com uma jovem prometida; o que conduz uma pessoa à idolatria; o sedutor, que leva toda uma cidade à idolatria; o feiticeiro e o filho obstinado e rebelde:.

Quanto ao abrasamento - que tive a oportunidade de contemplar na minha segunda grande viagem - a lei estabelecia que eram réus de tal execução o que tinha relação sexual com uma mulher e com sua filha e a filha do sacerdote que tivesse fornicado (depois de ter contraído matrimônio).

Morriam decapitados o homicida e os habitantes de uma cidade apóstata. Por último, a pena de estrangulamento recaía nos seguintes: Naquele que fere seu pai e sua mãe; no que rapta uma pessoa em Israel no ancião que se rebela contra a sentença do tribunal; no falso profeta; no que tem relação sexual com a mulher de outro; no que levanta falso testemunho contra a filha de um sacerdote ou se deita com ela. Admitindo, por conseqüência, que o Sinédrio tivesse tido poder para executar Jesus, e se as acusações mais importantes eram as de blasfemo, falso profeta, mágico e profanador do sábado, lógico teria sido que os hebreus o tivessem lapidado ou estrangulado. Porque pediram então a morte por crucifixão?

Em minha opinião só pode obedecer a uma dupla causa: primeira, porque o tribunal sabia que era o procurador romano quem devia decidir; segunda, porque naquele simulacro de julgamento a maior parte dos juízes eram saduceus. Por outras palavras, a ala dura das castas sacerdotais. Caifás era um deles e soube ganhar para si um importante grupo, que foi o que assistiu à sessão matinal do pequeno Sinédrio.

Como Já referi, os saduceus - qualificados nos Atos dos Apóstolos (5, 17) como o círculo do sumo sacerdote Caifás – estavam em aberta oposição aos fariseus, desfrutando de uma teologia e código penal próprios. Se o Tribunal fosse constituído por uma maioria de fariseus, possivelmente as coisas seriam muito diferentes e Jesus teria terminado a vida apedrejado ou estrangulado. Mas a morte por crucifixão era muito mais vil e humilhante do que as ditadas pela leia mosaica e é quase certo que a maioria saduceia pendera para esta, refinando até ao limite o seu ódio contra o impostor. No entanto, a dúvida continuava a agitar-se no meu cérebro. Por que razão os inquisidores tinham gritado e voltariam a gritar perante Pôncio Pilatos pela pena de crucifixão?

Só quando tive conhecimento das acusações que, efetivamente, figuravam num dos pergaminhos que Caifás levava pude deslindar o mistério. Mas antes, um fato totalmente imprevisto ia obrigar-me a alterar os planos de Cavalo de Tróia...

Faltavam poucos minutos para as oito da manhã quando a reduzida comitiva deixou para trás o Bairro Alto de Jerusalém. Cavalo de Tróia acreditara desde o começo que o encontro dos sinedristas com o procurador romano se daria, precisamente, no portão e no túnel da fachada ocidental da Torre Antonia (aquela por onde eu tivera acesso, na companhia de José de Arimatéia). Mas não foi assim. Caifás e os saduceus atravessaram diante do muro de proteção situado na frente do fosso e, sem hesitar, viraram a esquina noroeste, em direção a uma outra porta de entrada do quartel-general de Pilatos na Cidade Santa. Eu tinha combinado com Pilatos e o seu primeiro centurião, Civilis, que a minha entrada na fortaleza se faria pelo posto de guarda. Durante uns segundos, enquanto o meu cérebro procurava a solução, deixei-me arrastar - quase por inércia - pelo pelotão. Ao virar aquela esquina de Antonia, a súbita presença do ancião José de Arimatéia e de um jovem hebreu fez que esquecesse momentaneamente as minhas dúvidas. José, logicamente, estava a par dos passos de Jesus e do sumo sacerdote. Embora não o tivesse visto no julgamento, deduzi que os seus contatos o mantinham devidamente informado. O fato de estar ali era uma prova.

Caifás deve ter visto José. Passou praticamente a seu lado. No entanto, nem sequer o saudou. O ancião , ao descobrir o Mestre, angustiou-se. Embora, possivelmente, estivesse informado também da tortura a que fora submetido, ao verificá-lo por si mesmo empalideceu. Sem levantar muitas suspeitas fui ficando para trás , até me reunir com ele e o seu companheiro. E assim seguimos o pelotão. Arimatéia, que parecia ter perdido as esperanças que tentara incutir-me no pátio da casa de Anás, ao notar a minha desconfiança pela presença do jovem desconhecido instigou-me a falar abertamente.

Quem o acompanhava era um dos correios de David Zebedeu. Estava ali, segundo me explicou, para transmitir as últimas notícias ao corpo de emissários, que fora centralizado por David no acampamento de Getsémani.

Desta forma, à medida que nos aproximávamos da porta norte da Torre Antonia, José e o emissário puseram-me a par da sorte que tinham tido os restantes discípulos e aqueles de que não tinha notícia alguma desde a prisão.

A maior parte dos gregos e discípulos que foram testemunhas da prisão do Mestre, no caminho que percorre a encosta do monte das Oliveiras, acabou por voltar ao jardim de Simão, o Leproso, despertando os oito apóstolos e outros adeptos, que permaneciam alheios àquilo que, entretanto, se passava.

Minutos depois, era o muito jovem João Marcos que corria até ao cimo do monte das Oliveiras, para avisar David Zebedeu, que continuava de guarda e à margem dos últimos acontecimentos.

Após uns primeiros instantes de natural confusão, o grupo concentrou-se em torno do moinho de pedra situado à entrada da herdade, iniciando-se viva discussão. O chefe dos apóstolos, André, estava de tal modo confundido que não foi capaz de dizer nada. E foi Simão, o Zelota, quem, por fim, acabou por se empoleirar no muro do lagar, falando aos seus companheiros para que pegassem em armas e se lançassem na perseguição dos guardas, libertando Jesus.

Segundo o correio - testemunha ocular dos acontecimentos quase todos os presentes naquela madrugada no jardim (à volta de meia centena) corresponderam com veemência ao incitamento do revolucionário Simão, membro ativo - como insinuei noutra altura do grupo clandestino e terrorista dos Zelotas. E é muito possível que se tivessem lançado, monte abaixo, no encalço do Mestre, se não se tivesse dado a oportuníssima intervenção de Bartolomeu. Logo que Simão, o Zelota, acabou de falar, Bartolomeu pediu calma e lembrou aos seus amigos os constantes ensinamentos sobre a não-violência, que Jesus lhes pregara. De modo suave, o apóstolo reavivou a memória dos inflamados discípulos, citando as palavras pronunciadas pelo Rabi naquela mesma noite, ordenando-lhes que protegessem e conservassem as suas vidas, para que pudessem difundir e propagar a mensagem do reino dos céus.

A tese de Bartolomeu foi apoiada vivamente por Tiago, o irmão de João Zebedeu, que também explicou aos companheiros como Pedro, alguns gregos e ele próprio tinham desembainhado as espadas no momento da prisão de Jesus e como o Mestre lhes pedira que guardassem as armas.

Os ânimos, assim parecia, foram-se apaziguando. Depois, também intervieram Filipe e Mateus e, por último, Tomé, que insistiu com o seu característico sentido prático – na necessidade de não se exporem a perigos mortais, tal como Jesus tinha sugerido ao seu amigo Lázaro.

Os argumentos de Tomé - pedindo aos discípulos que se dispersassem enquanto esperavam por novos acontecimentos - acabaram por dominar a ânsia de luta dos adeptos de Cristo e os discípulos acabaram por dispersar.

Pelas duas e meia ou três menos um quarto daquela madrugada, o jardim ficou deserto. Apenas David Zebedeu e um reduzido grupo de mensageiros continuaram no acampamento, preparando-se para uma missão que como Já insinuei, seria vital. O intrépido discípulo soube organizar-se de tal forma que, por intermédio de João Zebedeu, de José de Arimatéia e de outros agentes, pôde dispor de uma notável e precisa informação sobre o decorrer dos acontecimentos. De hora a hora, aproximadamente, um dos seus velozes mensageiros se encontrava com os citados, trazendo as notícias ao improvisado quartel-general do Getsémani. Dali, por sua vez, David enviava outros correios para os pontos onde os apóstolos tinham combinado esconder-se: cinco Bartolomeu, Filipe, os dois gêmeos e Tomé - nas aldeias de Betfagé e Betânia. Os quatro restantes - Simão, o Zelota, Tiago, Tadeu e André em Jerusalém.

Quando perguntei ao emissário por Pedro, o jovem tranquilizou-me.

Pouco depois do amanhecer, David encontrara-o nas proximidades do acampamento, sem rumo certo e cheio de tristeza. É possível que, naqueles instantes, nem David Zebedeu, o emissário ou discípulos soubessem a verdadeira razão da imensa angústia do fogoso Simão. A verdade é que David ordenou a um dos correios que o acompanhasse a casa de Nicodemo, na Cidade Santa, ponto de encontro de seu irmão André e dos outros três apóstolos.

O emissário que acompanhava José de Arimatéia informou-me também que, pouco depois da partida de Pedro, chegou ao jardim um dos irmãos carnais do Mestre, Judas. Adiantara-se ao resto da família e soube ali da trágica prisão de Jesus. A pedido de David Zebedeu, voltou apressado pelo atalho que atravessa o monte das Oliveiras juntando-se a Maria, sua mãe, e aos restantes elementos da família. As ordens de David eram que a família do Mestre se conservasse na casa de Marta e de Maria, em Betânia. E assim se fez.

Isto significava que Maria, a mãe de Jesus de Nazaré, se encontrava nas proximidades de Jerusalém... e que, naturalmente, devia estar avisada do que acontecia ao Filho. A possibilidade de me encontrar com Maria fez-me estremecer...

O vento soprava com mais força. Quando alcançamos Caifás e as suas hostes, um dos dois legionários que estavam de guarda do lado norte da muralha exterior que rodeava a fortaleza acorreu ao interior do quartel, para anunciar a presença daquele importante grupo de sacerdotes. Segundo parecia, o sumo sacerdote tinha avisado a sentinela de que o procurador sabia daquela visita matinal.

José e eu entreolhamo-nos, deduzindo que Pôncio Pilatos podia ter tido conhecimento do fato pelos judeus que na noite anterior lhe tinham solicitado uma
escolta.

Fosse como fosse, há algum tempo que Pilatos aguardava a chegada da representação do Sinédrio.

Enquanto esperávamos junto do parapeito de pedra, anunciei a José de Arimatéia que, aproveitando a ordem que me concedera o próprio procurador, tentaria antecipar-me a Caifás e ao seu pelotão. Ele concordou, acrescentando que era intenção sua continuar ao lado do Mestre e que, provavelmente, nos voltaríamos a ver na residência do procurador.

Assim, esquecendo a minha intenção de entrar na Torre Antonia pelo túnel da ala ocidental, peguei no salvo-conduto, apresentando-o ao legionário. Este, ao ler a autorização e ao ouvir o nome de Civilis, deu-me passagem, apresentando-me a vários soldados que estavam de guarda do outro lado do fosso, junto de uma grande porta aberta na muralha e ladeada por duas pequenas torres de vigilância.

Ao atravessar a ponte levadiça, semelhante à que facilitava o acesso pelo túnel, um dos guardas cortou-me a passagem. Tive de repetir a operação. A sentinela voltou a examinar o documento ordem do procurador e ordenou-me que esperasse. Depois, deixou o seu posto de guarda e entrou na fortaleza. A porta monumental coroada por um arco de volta inteira tinha dois grandes batentes de madeira presos a postes verticais, que podiam girar em encaixes na pedra.

Pensei que, desta maneira, em momentos de perigo ou ataque, se podiam fechar batentes, trancando-os por dentro. Poucos minutos depois, o legionário chamava-me de uma escadaria de pedra existente ao fundo. Caminhei sozinho até à sentinela, atravessando um largo pátio, perfeitamente empedrado com cantos rodados. Junto da escadaria, o soldado indicou-me um oficial, dizendo:

- Ele te levará até Civilis...

Assim foi. No final daqueles quinze degraus esperava-me um centurião. A escadaria dava acesso a uma espécie de terraço retangular, cuidadosamente ladrilhado e cercado de ambos os lados por uma série de balaústres de mármore com um metro de altura.

Era a entrada principal do que poderíamos denominar a residência privada do procurador: um edifício suntuoso, relativamente afastado do conjunto, ainda que dentro da fortaleza.

O oficial guiou-me até uma entrada de extraordinárias dimensões , de onde partiam três escadarias, todas de mármore branco.

- Espera aqui - disse-me, enquanto se dirigia para as escadas que ficavam em frente da outra escada de duplo batente do vestíbulo. Junto da referida escadaria estavam de guarda mais dois soldados, com as suas lanças e cotas de malha.

Obedeci, contemplando com admiração a série de envidraçados multicores que se alinhavam ao longo das paredes, proporcionando à quadra uma abundante luz natural. Nas paredes, revestidas a granito de Siena, tinham sido abertos numerosos nichos, onde se encontravam

bustos do imperador, jarros gregos decorados com cenas mitológicas e candelabros de prata.

O pavimento do vestíbulo fora trabalhado com um extenso mosaico, que nada tinha a invejar aos que eu vira nas ruínas de Pompéia.

Distraído com aquela luxuosa decoração, não notei a chegada de Civilis.

O centurião e comandante da legião saudou-me, sorridente.

Naquela altura trazia um capacete extremamente polido e rematado por um penacho de penas vermelhas. Antes que pudesse explicar-lhe que desejava alterar os meus planos, Civilis avançou até à porta do vestíbulo e, apontando o portão da muralha, anunciou-me que o dia se tinha complicado. Com um gesto de aborrecimento, revela:

- Esta manhã, Pilatos tem de receber vários representantes do Conselho de Justiça dos judeus...

- Já sei - respondi - é disso justamente que te queria falar...

O centurião fitou-me, surpreendido.

.. Ouvi dizer que os judeus querem julgar um mágico. Eu o vi passar. Sabes que me interesso pelos astros e seus desígnios e gostaria de te pedir, e pedir ao procurador, uma pequena alteração de planos.

Civilis continuou a ouvir-me com atenção.

- Tenho ouvido dizer - continuei - que esse homem a quem chamam Jesus de Nazaré tem feito grandes prodígios e, abusando da vossa hospitalidade, gostaria de estar presente quando ele for levado à presença de Pilatos.

Antes que o centurião pudesse responder, concluí as minhas palavras com uma afirmação que, tal como esperava, só em parte atraiu a curiosidade do romano:

- Soube que ainda hoje, tu, o procurador, eu e toda a cidade teremos oportunidade de assistir a um estranho fenômeno celeste...

O pragmático e incrédulo oficial sorriu zombeteiramente, limitando-se a responder:

- Está bem, Jasão, vou dizer a Pilatos...

Civilis desapareceu pela escadaria central, ao encontro do procurador, não sem antes me ter dito para ficar ali.

- Aquelas ratazanas - comentou para mim, referindo-se aos sacerdotes, que aguardavam junto do parapeito exterior – não têm escrúpulos em nos virem pedir que executemos um dos seus e, no entanto, não querem entrar no pretório, com medo de se contaminarem e não poderem celebrar a sua maldita Páscoa...

Civilis tinha razão. Para a celebração da festa anual da Páscoa, os judeus - muito especialmente os membros das diferentes castas sacerdotais - tinham proibido a entrada nas casas dos gentios (todas elas suspeitas de albergar alimentos que pudessem conter fermento, sendo este contato com substâncias fermentadas rigorosamente proibido) (1). Isso fez-me pensar que o procurador e os seus homens não

teriam outro remédio senão ouvir Caifás e os saduceus às portas do pretório (quase por certo, concluí, muito próximo daquelas escadarias que acabo de subir.) E preparei a minha vara de Moisés para o que ia ser o primeiro encontro oficial de Pilatos com os membros do Sinédrio. Efetivamente, pelas oito e quinze minutos daquela manhã de sexta-feira, 7 de Abril, o gordo procurador apareceu no alto da escadaria central do vestíbulo onde eu esperava. Vinha acompanhado por Civilis e por mais três ou quatro centuriões.

Ao ver-me, apressou-se descendo as escadas, saudando-me com os braços erguidos. Pilatos mudara de indumentária. Nesta altura, e dada a sua qualidade de representante de César, trazia uma armadura de metal, curta e musculada, belamente trabalhada e brilhante como um espelho ao estilo das melhores couraças gregas da época. Por baixo da armadura via-se uma túnica curta de seda, de meia manga, cor de osso, cuidadosamente engomada e rematada por franjas douradas. O volumoso ventre do procurador sobressaía por baixo da couraça, dando-lhe um perfil bem pouco cavalheiresco. Em volta do pescoço, e caindo-lhe pelas costas, trazia um manto, ou sagum, de tom vermelho-arroxeado, muito claro. Porém, o que mais me chamou a atenção, foram as pernas: apareciam envolvidas inteiramente em faixas de linho. Aquilo fez-me suspeitar de que o procurador padecia de varizes.

1 Na sua Ordem Segunda, a Misn estabelece que na noite de 14 do mês de Nisan (véspera da festa da Páscoa) tinha de se retirar toda a substância com levedura (geralmente cereais) à luz de uma vela. (N do M.)

O centurião-chefe Já o informara dos meus desejos e do tal presságio celeste de que falara a Civilis e, sem poder conter a sua curiosidade, interrogou-me, ao mesmo tempo que me convidava a caminhar junto dele até à porta de entrada da residência oficial. Expliquei-lhe como pude que os astros tinham anunciado para aquela mesma manhã um funesto augúrio e que, para o bem de todos, tomasse todas as precauções... Não houve tempo para mais. Pôncio Pilatos e os seus ficaram pelo terraço enquanto um dos centuriões descia as escadas, ao encontro, sem dúvida, de Caifás e daquele Galileu que começara a estragar o tranqüilo dia do procurador. O vento despenteou Pilatos, pondo-o em dificuldade com a cabeleira postiça, o que deve ter aumentado ainda mais o seu mau humor. O fato de ter de ir até às portas do pretório para receber o sumo sacerdote e os membros do Sinédrio não o fazia muito feliz... Pouco depois, vi aparecer pelo arco da muralha o grupo que Caifás guiava. Logo atrás, Jesus o legionário romano que o escoltara durante toda a noite, João Zebedeu e os levitas e servos do Sinédrio. Ao chegarem junto da escadaria, os saduceus pararam, avisando o procurador de que a sua religião os impedia de darem um só passo mais. Pilatos olhou para Civilis e, com um gesto de

aborrecimento, avançou, até ficar mesmo no cimo da escadaria. Uma vez ali, e em tom desabrido, perguntou-lhes:

- Que acusações tendes contra este Homem?

Os juízes trocaram um olhar e, por ordem de Caifás, um dos saduceus respondeu:

- Se este homem não fosse um criminoso não o teríamos trazido...

Pilatos manteve-se em silêncio. Segurou o manto e começou descendo as escadas. Imediatamente, Civilis e os outros centuriões se apressaram a acompanhá-lo, rodeando-o.

O romano, sempre em silêncio, aproximou-se de Jesus, observando-o com curiosidade. O Mestre continuava de cabeça baixa e de mãos atadas atrás das costas. Os cabelos, agitados pelo vento, escondiam parcialmente os ferimentos do rosto.

Pilatos deu uma volta completa em redor do Nazareno. Depois, sem fazer comentário algum, mas com uma evidente careta de repugnância nos lábios, voltou a subir os degraus. Sem qualquer dúvida - e Civilis confirmaria a minha suspeita pouco depois - o procurador fora previamente informado da sessão matinal do Sinédrio, bem como das divergências surgidas entre os juízes, no momento de estabelecer as acusações. (Segundo Civilis, uma das servas e intérprete da mulher de Pilatos, Cláudia Procula, conhecia os ensinamentos de Jesus de Nazaré, tendo informado o procurador dos prodígios e das pregações do Rabi.) Quando ia a meio da escadaria, Pilatos parou e, rodando nos calcanhares voltou-se novamente para os hebreus, dizendo-lhes:

- Dado que não estais de acordo com as acusações, porque não levais este Homem, para que seja julgado em conformidade com as vossas próprias leis?

As palavras do procurador caíram como um balde de água fria. Os homens do Sinédrio que não esperavam tal resistência de Pilatos, responderam, visivelmente nervosos.

- Não temos o direito de condenar um homem à morte. E este perturbador da nossa nação merece a morte pelo que disse e fez. Esta é a razão por que viemos ter contigo: para que ratifiques esta decisão.

Pilatos sorriu maliciosamente. O reconhecimento público da impotência judaica para pronunciar e executar uma sentença de morte, nem mesmo contra um dos seus, encheu-o de satisfação. O seu ódio pelos Judeus era muito mais fundo do que podia supor.

- Não condenarei esse Homem sem um julgamento - interveio o romano, apontando Jesus com a mão direita. - E nunca consentirei que O interroguem sem que receba, por escrito - acentuou com ênfase -, as acusações...

No entanto, o procurador tinha subestimado os sinedristas. Quando Pilatos pensava que o assunto estava encerrado, suspendendo assim a aborrecida questão, Caifás entregou um dos rolos que trazia a um escriba judicial que os acompanhava, pedindo ao procurador para ouvir as acusações, conforme era vontade sua. A manobra surpreendeu

o romano, que não teve outro remédio senão deter os passos à porta da sua residência. Cada vez mais irritado pela tenaz insistência de Caifás e dos saduceus, dispôs-se a ouvir o conteúdo do pergaminho. O escriba desenrolou-o e, em Tom solene, deu início à leitura:

- O tribunal do Sinédrio considera que este Homem é um malfeitor e um perturbador da nossa nação, tendo por base as seguintes acusações:

- 1º Por perverter o nosso povo e incitá-lo à rebelião;

- 2º Por impedir o pagamento do tributo a César

- 3º Por a Si mesmo se considerar rei dos judeus e propagar a criação de um novo reino. Ao conhecer as acusações oficiais compreendi que o texto - que nada tinha a ver com o que fora discutido em juízo – tinha sido preparado por Anás e pelos restantes membros do Conselho na sua segunda entrada na sala do Tribunal, enquanto o Mestre e todos os outros esperavam no pátio central do Sinédrio.

Agora conseguia entender a razão das azedas discussões entre Caifás, Anás e os juízes, e o súbito aparecimento de um segundo pergaminho nas mãos do sumo sacerdote, momentos antes de sair para a Torre Antonia.

Muito astutamente, os saduceus tinham preparado aquelas três acusações, de modo que o procurador romano se visse inevitavelmente envolvido no processo. Pilatos pediu a Civilis que se aproximasse e segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido. O centurião fez com a cabeça um aceno afirmativo. (Aquela consulta confidencial - conforme soube pelo comandante-chefe da legião - incidira nas informações que estavam em poder do procurador e que, tal como todos sabíamos, indicavam que a conspiração contra o Nazareno tinha raízes pura e inteiramente religiosas.)

Pilatos compreendeu imediatamente que a mudança de estratégia dos sacerdotes obedecia, unicamente, ao seu fanatismo e ódio cego por aquele visionário, que fora capaz de desafiar a autoridade do sumo pontífice, ridicularizando as castas sacerdotais. Sem que o pretendessem, Caifás e os seus servos tinham conseguido com aquela falsidade que Pôncio Pilatos logo pendesse, desde o começo, não a favor de Jesus - que praticamente ignorava - mas contra aquela ralé de mãe, segundo as palavras do próprio romano. (Era extremamente importante ter em conta estes fatos, perante a conduta e as sucessivas tentativas do representante do imperador para libertar o Mestre. Nada teria dado mais satisfação ao seu desprezo pela suprema autoridade judaica que fazê-los morder o pó, pondo em liberdade o prisioneiro.) Mas os acontecimentos - contrariando o procurador - iam encaminhar por caminhos inesperados, Pilatos ficou em silêncio. Lançou um olhar de desprezo aos juízes e, descendo as escadas pela segunda vez, abriu caminho até Caifás. Uma vez ali, ante a expectativa geral, perguntou ao Mestre o que tinha a alegar em Sua defesa. Jesus

não levantou o rosto. Civilis, que seguira as passadas do chefe, levantou o bastão de vide, pronto para ferir o Galileu pelo que considerou uma falta de respeito. Mas o procurador deteve-o. Ainda que a sua confusão e enfado fossem cada vez maiores, o romano compreendeu que aquele não era o local mais adequado para interrogar o prisioneiro. Bastava a presença dos judeus para imaginar um obstáculo, tanto para ele como para o réu. Voltando-se para o primeiro-centurião deu ordem para que levassem o Rabi à sua residência.

Civilis fez um sinal ao soldado que escoltava o Mestre e ambos, na companhia de João Zebedeu e de alguns dos serventes do Sinédrio, seguiram Pilatos e os oficiais. Caifás e os juízes permaneceram no pátio. A contrariedade refletida nos seus rostos punha bem a claro o seu desejo frustrado de acompanhar Jesus de Nazaré e assistir ao interrogatório privado. Porém, o seu fanatismo religioso acabava de se voltar contra eles (Aliás, duvido muito que Pilatos tivesse autorizado a presença deles no interrogatório). Ao passar por mim, o procurador fez-me um gesto, convidando-me a acompanhá-lo.

- Diz-me, Jasão - perguntou-me Pôncio, enquanto atravessávamos o vestíbulo em direção à escadaria fronteira - conheces este mágico?... Achas que possa ser um zelota?

Foi um momento especialmente delicado para mim. Teriam bastado umas quantas explicações para que a balança do instável procurador pendesse a favor do Mestre. Porém, não era a minha missão. E respondi à sua pergunta com outra pergunta:

- Ouvi dizer que os teus homens foram destacados ontem à noite até uma herdade em Getsémani, com o objetivo de verificarem se havia por lá um acampamento zelota. Encontraram esses guerrilheiros? O procurador, que fazia grande esforço para subir os vinte e oito degraus da escadaria, parou, ofegante:

- E como sabes tu isso?

Enquanto Civilis guiava o Nazareno e o pequeno grupo por um luminoso corredor de mármore númida, tendo à direita estátuas assentes em pedestais de Carrara, tranqüilizei Pilatos, narrando-lhe o meu encontro casual com os dois legionários que perseguiam um dos simpatizantes do mágico.

O procurador confessou-me então que as suas informações sobre o tal Jesus de Nazaré datavam de anos atrás, especialmente desde que um dos seus centuriões lhe confessou como o mágico tinha curado um dos seus servos mais queridos, em Cafarnaum. Pouco a pouco Pôncio Pilatos fora reunindo dados e confidências suficientes para saber se o grupo que o Rabi dirigia era ou não perigoso, apenas do ponto de vista que o podia interessar: o da rebelião contra Roma.

Os agentes do procurador junto do Sinédrio tinham-no avisado de numerosas reuniões celebradas com a finalidade de prender e perder o Nazareno. Pilatos, estava, portanto, ao corrente das intenções dos que

esperavam no pátio e do caráter místico e visionário - segundo expressão sua - do movimento que Jesus
orientava.

- Por que razão iria eu fazer a vontade àqueles invejosos - concluiu Pilatos - prendendo uns pobres-diabos cujo único mal é acreditar em fantasias e sortilégios?...

As revelações do governador da Judéia abriram-me definitivamente os olhos. Era claro que, pela minha parte, também subestimara o poder de Pilatos. Era natural que, numa província como aquela, tão rebelde e difícil, o poder de Roma tivesse os meios e tentáculos suficientes para saber quem era quem. E, evidentemente, Pilatos sabia quem era o Mestre.

- Então - perguntei com curiosidade -, porque concordaste em enviar um pelotão de soldados a Getsémani?

O procurador voltou a sorrir maliciosamente.

- Tu ainda não conheces estas pessoas. São teimosos como mulas. Além disso, as minhas relações... digamos comerciais, com Anás, sempre foram excelentes. Não vou negar que a procuradoria recebe importantes quantias, a troco de certos favores...

Não me atrevi a perguntar que tipo de favores aquele corrupto representante de César prestava, mas o próprio Pilatos facilitou-me a pista:

- Anás e esse açougueiro que tem por genro amontoaram grandes riquezas à custa do povo e do tráfico de moedas e de animais para os sacrifícios... Julgo que estejas informado do desastre sofrido pelos cambistas e intermediários do terreiro do Templo, precisamente por causa desse Jesus. Pois bem, os meus interesses nesse negócio obrigavam-me, em parte, a salvar as aparências e ajudar o antigo sumo sacerdote na sua pretensão de apanhar o mágico...

Aquele descarado nepotismo da família Anás - colocando os membros do seu clã nos postos-chave do Templo - era um segredo de polichinelo. A atuação do procurador pareceu-me, portanto, inteiramente verossímil.

Chegado ao fim do corredor Civilis abriu uma porta dando passagem a Pilatos. Atrás, e por ordem do centurião, entraram Jesus, João Zebedeu, mais dois oficiais e eu. O legionário e os criados ficaram fora. Ao entrar naquela sala reconheci imediatamente o gabinete oval onde tivera a minha primeira entrevista com o procurador. A ala norte da fortaleza encontrava-se, pois, em ligação direta com a sala de audiências de Pilatos. Compreendia agora a razão por que não tinha visto guardas naquela porta: possivelmente comunicava com os aposentos privados do romano por onde vira aparecer na manhã de quarta-feira, o servo que nos anunciou o almoço. Pôncio Pilatos dirigiu-se à sua mesa e convidou o Nazareno a que se sentasse na cadeira que José de Arimatéia tinha ocupado. João, timidamente, fez o mesmo com aquela que eu utilizara. Os oficiais postaram-se um de cada lado do

Rabi, enquanto Civilis ocupava a sua habitual posição, na extremidade da mesa, à esquerda do procurador. Eu, discretamente, procurei ficar junto do chefe dos centuriões.

A luz que vinha da grande janela nas costas do romano permitia-me explorar com facilidade o rosto do Mestre. Jesus abandonara em parte aquela atitude de permanente ausência.

Levantava agora a cabeça. O nariz e o arco zigomático direito (área malar ou do pômulo) continuavam muito inchados, tendo afetado, como eu temia, um olho. Quanto à sobrancelha esquerda, o golpe parecia bem fechado. Os coágulos de sangue das fossas nasais e lábios tinham secado, enegrecendo a parte do bigode e da barba.

Pilatos retomou o fio da conversa, indicando ao Rabi que, para começar e para Sua tranqüilidade, não acreditava na primeira das acusações.

- Sei dos Teus passos - disse-lhe com ar conciliador – e custa-me a acreditar que sejas um agitador político.

Jesus observou-o com ar cansado.

- Quanto à segunda acusação, disseste alguma vez que não se deve pagar o tributo a César?

O Mestre com a cabeça indicou João e respondeu:

- Pergunta a este ou a quem quer que me tenha ouvido.

O procurador interrogou o jovem Zebedeu com o olhar e João atabalhoadamente, explicou que tanto o seu Mestre como os restantes do grupo pagavam sempre os impostos do Templo e os de César. Quando o discípulo se dispunha a deter-se noutros ensinamentos, Pilatos fez um aceno de mão, ordenando-lhe que se calasse.

- Chega - disse-lhe. - E cuida de não dizeres a ninguém o que me disseste.

E assim foi. Nem mesmo no texto evangélico escrito por João muitos anos mais tarde se lê aquela parte da entrevista do procurador romano com Jesus. (Mais ainda, o escritor sagrado nem sequer faz menção da sua presença no referido diálogo. Se esta parte do interrogatório - tal como se depreende do Evangelho de São João - se verificou dentro do pretório e, portanto, privadamente, como é possível que o Zebedeu a descreva, referindo-se aos conhecidos temas do reino e da verdade? (João 18, 28-38). Só podia ter uma explicação: que ele, precisamente, fora testemunha). Pilatos dirigiu-se novamente ao Galileu:

- No que se refere à terceira das acusações, diz-me, és Tu o rei dos Judeus?

O tom do procurador era sincero. Foi essa, pelo menos, a minha impressão. E o Mestre esboçou um débil sorriso. Ao fazê-lo, uma das gretas do lábio inferior voltou a abrir-se e um fio de sangue correu pelos pêlos da barba.

- Pilatos - respondeu o Rabi -, fazes essa pergunta por ti próprio ou recolheste-a dos acusadores?

O procurador abriu os olhos indignado.

- Será que sou judeu? O Teu próprio povo Te entregou e os principais sacerdotes pediram-me para Ti a pena de morte...

Pilatos tentou recuperar a serenidade e,mostrando os dentes de ouro, acrescentou:

- Duvido da validade destas acusações e procuro apenas descobrir por mim mesmo aquilo que fizeste. Por isso te perguntarei pela segunda vez, disseste que eras o rei dos Judeus e que pretendes formar um novo reino?

O Galileu não se demorou na resposta:

- Não vês que o Meu reino não é deste mundo? Se assim fosse, os Meus discípulos teriam lutado para que não me entregassem aos judeus. A Minha presença aqui, perante ti e amarrado demonstra a todos os homens que o Meu reino é um domínio espiritual, o da confraternização dos homens que, por amor e fé, passaram a ser filhos de Deus. Esta oferta é a mesma, tanto para gentios como para judeus.

Pilatos levantou-se e, batendo na mesa com a palma da mão, exclamou, sem poder reprimir a sua surpresa:

- Por conseguinte, és rei!

- Sou - respondeu o prisioneiro, olhando de frente para o procurador. - Sou um rei deste gênero e o Meu reino é a família dos que crêem em Meu Pai que está nos céus. Nasci para revelar Meu Pai a todos os homens e testemunhar a verdade de Deus. E neste mesmo instante declaro que o amante da verdade Me ouve.

O procurador deu uns passos em volta da mesa e colocando-se entre João e o prisioneiro comentou para consigo:

- A verdade?... Que é a verdade?... Quem a conhece?...

Antes que Jesus pudesse responder, fez um sinal a Civilis, dando por terminado o interrogatório.

Os oficiais forçaram o Rabi a pôr-se de pé e Pilatos abriu a porta ordenando aos seus homens que levassem o Nazareno à presença de Caifás. Quando novamente caminhávamos pelo corredor, Pilatos pôs-se a meu lado fazendo um único mas eloqüente comentário:

- Este homem é um honesto. Conheço os Seus ensinamentos e sei o que pregam, o homem sábio é sempre um rei.

Depois daquele pensamento concluí que o romano estava disposto a libertar Jesus. Ao apresentar-se pela segunda vez diante dos judeus, a sua atitude confirmou o meu pressentimento.

Pouco antes das nove da manhã, Pilatos veio ao terraço e, assumindo um tom autoritário, sentenciou:

- Interroguei Este homem e não vejo nEle culpa alguma. Não o considero culpado das acusações. Por esta razão, penso que deve ser posto em liberdade.

Caifás e os saduceus ficaram desconcertados. Mas logo reagiram, gritando e manifestando grande indignação. Civilis interrogou Pilatos com o olhar, ao mesmo tempo que levava a mão à espada. Mas o

procurador voltou a pedir-lhe calma. Um dos oficiais regressou precipitadamente ao pretório, possivelmente em busca de reforços.

Muito irado, um dos judeus separou-se do grupo, e subindo três ou quatro degraus, enfrentou Pilatos com as seguintes palavras:

- Este homem incita o povo!... Começou pela Galiléia e continuou pela Judéia É causador de desordens e um malfeitor. Se deixares esse homem livre vais lamentá-lo durante muito tempo...

Sem que o pretendesse, aquele saduceu acabava de proporcionar a Pilatos um motivo para se furtar ao desagradável assunto, pelo menos temporariamente. O procurador aproximou-se então do seu centurião-chefe, comunicando-lhe:

- Este homem é um galileu. Conduzam-no imediatamente à presença de Herodes... Civilis preparou-se para cumprir a vontade de Pôncio e, quando se dirigia para o legionário encarregado da escolta do Mestre, Pilatos voltou ao alto da plataforma, acrescentando:

- Ah!... e quando o tiver interrogado tragam-me as suas conclusões.

Nesta altura foi o próprio Civilis quem se responsabilizou pela escolta do Mestre. Os ânimos dos judeus estavam tão exaltados que, com muito bom critério, o centurião se rodeou de uma pequena escolta de dez legionários, pondo-se a caminho da residência de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia e, como Pilatos, visitante, por aquela altura, de Jerusalém. Este Herodes era filho do tristemente célebre Herodes, o Grande, que ordenara a matança das crianças em Belém e ao seu redor.

Uma chacina muito própria do caráter e trajetória daquele rei, odiado pelo povo e ao qual chamavam desdenhosamente criado indumeu. Através de numerosas pesquisas, Cavalo de Tróia conseguiu averiguar que a sanguinária matança dos inocentes envolveu cerca de trinta crianças. Civilis, na frente, atravessou a ponte levadiça. Atrás, os soldados, defendendo o Mestre e formados em duas filas. E a pequena distância, o resto do grupo: Caifás, o punhado de juízes, Judas Iscariotes, João Zebedeu, o ancião José de Arimatéia e eu. Enquanto saíamos da fortaleza voltei-me para o portão aberto na muralha norte e a confusão reinou de novo no meu espírito. Segundo os textos evangélicos, uma grande multidão tinha acorrido àquelas mesmas portas do Pretório. Mas, como podia ser isso? De momento, as entrevistas com Pôncio Pilatos tinham-se dado mais ou menos de modo privado. Só aquela reduzida representação do Sinédrio pudera entrar na Torre Antonia...

Além disso - continuei eu a refletir, enquanto prosseguíamos em direção ao Bairro Alto da cidade -, sem o expresso consentimento do procurador ou dos seus oficiais, nenhum hebreu podia passar do muro ou parapeito exterior, e muito menos, do fosso que rodeava aquela zona do quartel-general romano.

* Antes de iniciar a missão. eu tinha recebido uma completa informação quanto a quem era aquele tetrarca ou governador da Galiléia: Herodes, por cognome Antipas, ou igual a seu pai. E a verdade é que aquela designação lhe assentava perfeitamente. Herodes Antipas herdara o governo das terras do norte (Galiléia) por morte do seu funesto pai, Herodes, o Grande, no ano 4 antes de Cristo. Tinha dezessete anos. De acordo com o primeiro testamento de seu pai, Antipas deveria receber o reino da Judéia. Mas Herodes, o Grande, mudou de idéia e substituiu Antipas pelo outro seu filho, Arquelau, que tomou a seu cargo o reino da Judéia. Herodes Antipas recebeu a Galiléia. Um terceiro filho, Filipo, foi designado também tetrarca da Pereia. Foi precisamente a este último que Herodes Antipas tiraria a mulher, a não menos célebre Herodíade, responsável, segundo parece, pelo assassínio de João Baptista, primo-direito de Jesus de Nazaré. (N. do M.)

Logo, que ia acontecer, para que a multidão judaica pudesse chegar até à escadaria da residência privada de Pilatos? João, o discípulo amado de Jesus, informou imediatamente José e o mensageiro de quanto acontecera junto do pretório e no interrogatório privado do procurador, evitando, assim, a sua conversa com o romano. O jovem Zebedeu recuperara as esperanças. Vi-o otimista perante as declarações de Pilatos. Na verdade, tinha razão. Se o processo se tivesse mantido dentro daquela linha, praticamente circunscrita ao pequeno círculo do homens do Sinédrio e do governador estrangeiro, talvez a sorte do Mestre tivesse sido outra. Porém, as maquinações de Caifás e dos seus homens não paravam...

Uma vez recolhidas as últimas notícias sobre Jesus, o correio despediu-se dos amigos do Rabi, partindo a correr para o acampamento de Getsémani.

Foi ao passar a Porta dos Peixes que José de Arimatéia, ao ver como um grande grupo de hebreus, presidido por vários chefes do Templo e outros fariseus, se unia ao sumo sacerdote e aos saduceus, exprimiu o seu desalento. Enquanto aguardava em frente do parapeito de pedra de Antonia, José tinha recebido uma informação que vinha complicar tudo, de mútuo acordo com os juízes, Anás começara a distribuir secretamente moedas de ouro pertencentes ao tesouro do Templo. Depois de tomar nota dos nomes de cada um dos subornados, os três gisbarim ou tesoureiros oficiais tinham dado uma palavra de ordem comum:

Clamar perante Pôncio Pilatos a morte do impostor da Galiléia.

Ao ver como o grupo inicial de saduceus aumentava sensivelmente, perguntei aJosé de Arimatéia como pensava Caifás introduzir aquela multidão no recinto da fortaleza.

- Duvido muito - disse-lhe - que Pilatos e as suas tropas o consintam.

José desfez as minhas dúvidas num segundo. Justamente naquela manhã de sexta-feira, véspera da Páscoa, os judeus desfrutavam de uma antiga prerrogativa. Centenas de hebreus tinham por costume subir até às imediações do Pretório e assistir à libertação de um preso. Aquela graça, poder que cabia ao procurador, constituía um dos gestos de amizade e simpatia de Roma para com os seus súbditos. Encerrava, por conseqüência, um manifesto caráter festivo e, durante os dias precedentes, tanto os habitantes de Jerusalém como os milhares de peregrinos discutiam, apostando por este ou por aquele candidato. Naquela altura, o nome que mais se ouvia entre os hebreus era o de Barrabás, que segundo José de Arimatéia, era membro ativo do grupo revolucionário zelota, um filho de pai desconhecido, vil e sanguinário, capturado pelas forças romanas numa revolta.

* Ao consultar os arquivos de Papai Noel, o computador central confirmou que o nome de Barrabás era de origem semita (mais exatamente aramaica). Podia ter vários significados: Bar, que significa filho em aramaico e, Rabba, ou mestre e rabi. Também era válida a explicação de Bar Abba, ou filho de seu pai, que era uma maneira de chamar todo aquele cujo pai fosse desconhecido. (N. do M.)

O esclarecimento do ancião amigo de Jesus permitiu-me compreender muitas coisas. Em primeiro lugar, e como era evidente, a cidade despertara naquela manhã de sexta-feira, 7 de Abril, sem o menor conhecimento da prisão do seu ídolo, Jesus de Nazaré. Só alguns sabiam. Em segundo lugar, a próxima e iminente manifestação de judeus em frente da residência de Pilatos nada tinha a ver com o Mestre da Galiléia. Mesmo que Jesus não tivesse sido preso, teria celebrado da mesma forma. Foram, como disse, as pérfidas manobras do Sinédrio e a quase total ausência de amigos e partidários do Nazareno na referida manifestação popular, para pedir a libertação de um réu, que levaram ao que todos conhecemos.

O palácio dos antigos asmoneus - residência provisória de Herodes Antipas durante a sua breve passagem por Jerusalém - encontrava-se muito perto da muralha que ia do soberbo conjunto palaciano de Herodes, o Grande (no extremo ocidental da cidade) ao Templo. Tratava-se de uma velha construção, à base de enormes silhares de vinte côvados de comprimento por dez de largura, que, nas palavras de Josefo, não podiam ser cavadas nem quebrados com ferro, nem movidos com todas as máquinas do mundo.

Às portas do palácio saiu ao nosso encontro uma parte da guarda pessoal de Antipas, constituída, na sua maioria, por mercenários trácios, germanos e gauleses. Muitos tinham servido antes o pai do atual Herodes. Vestiam longas túnicas verdes - de meia manga - com o tronco e o ventre cobertos por uma espécie de camisa ou couraça entrançada, feita de escamas metálicas. Quase todos traziam às costas aljavas de

couro, cheias de flechas. (Em face do considerável número de soldados que vi dentro do palácio, Herodes devia temer pela sua segurança pessoal.)

Civilis trocou algumas palavras com os porteiros e a guarda abriu passagem à escolta romana e a um reduzido grupo de sacerdotes. Os outros, incluindo José de Arimatéia, tiveram de esperar em frente do edifício.

Uma vez mais, a sorte esteve do meu lado. Antes de entrar no palácio, o centurião agarrou-me pelo braço, anunciando-me que o tetrarca era um entusiasta da Grécia e que, se me parecesse bem, ele teria muito prazer em me apresentar a Herodes, falando-lhe das minhas virtudes como astrólogo ao serviço do imperador. Aceitei, encantado, ainda que dos planos do Cavalo de Tróia não fizesse parte uma entrevista com o governador da Galiléia.

Como era natural, o centurião não podia imaginar que o interrogatório de Antipas a Jesus de Nazaré fosse tão breve quanto estéril. Apesar da antiguidade daquele palácio, Herodes encarregara-se de o embelezar até limites de que não se suspeitava. Do pátio central, ocupado por um tanque retangular e onde, no lajedo, bicavam inúmeras pombas, alguns dos criados, guiados sempre por um somatophylax, ou guarda-costas da corte herodina (que respondia ao nome de Corinto), conduziram-nos ao andar superior. No primeiro piso do palácio, aberto na sua totalidade para o jardim interior e coberto por um artístico claustro de mármore, encontrava-se a sala de audiência de Antipas. O que primeiro me atraiu a atenção na espaçosa sala, perfeitamente iluminada por três grandes janelas orientadas a norte, foi um cadeirão de madeira preta, magistralmente talhada e colocado à direita da câmara. Tratava-se, sem dúvida, de um trono. Fora colocado em cima de um estrado, também de madeira escura. A pouca distância, e ocupando o centro da sala, abria-se uma piscina circular de quatro a cinco metros de diâmetro e profundidade difícil de calcular, por causa do líquido branco que a enchia. Aos pés do trono, uns vinte indivíduos estavam recostados em grandes almofadões brancos de penas. Ao verem-nos, fez-se um grande silêncio.

* Alguns daqueles gauleses tinham participado na guarda de Cleópatra, rainha do Egito, atingindo o seu número mais de quatrocentos. (N. do M.)

Mas, por mais que tentasse identificar Antipas, não consegui. O Mestre foi colocado pelo centurião em frente do cadeirão de madeira, entre a piscina e aquela plêiade de brilhantes primos e amigos do tetrarca, que olhavam estupefatos para o Galileu e para os legionários romanos.

Caifás rompeu por fim o pesado silêncio. Avançou para o grupo de cortesãos e entregou o pergaminho das acusações a um indivíduo extremamente fraco, igualmente recostado e meio escondido entre os coxins. Ao pôr-se de pé, apareceu na minha frente um Herodes difícil de imaginar. Apesar dos seus cinqüenta e cinco anos parecia um velho. Por baixo da túnica, praticamente transparente, adivinhava-se o corpo esquelético, semeado de crostas acinzentadas e sujas, provocadas decerto por uma doença a que os romanos chamavam mentagra.

Aquelas úlceras - que hoje nos fariam pensar na sífilis - tinham-lhe atacado especialmente as mãos, o pescoço e o rosto.

Para cúmulo, Antipas exibia cabelo comprido e aparado na testa, pintado de louro brilhante.

Depois de examinar o pergaminho, Herodes lançou um olhar a Jesus, ao mesmo tempo que o sumo sacerdote se multiplicava em todo o gênero de explicações sobre o processo que se levantara contra o impostor e sobre o desejo do procurador romano de que o tetrarca procedesse ao interrogatório do Galileu.

Antipas arremessou o rolo aos pés de Caifás. Este, confundido pela inesperada reação do governador da Galiléia, emudeceu, enquanto um dos seus levitas se apressava a apanhar o pergaminho.

Sem dizer palavra, o tetrarca começou a dar voltas em redor do Nazareno. Finalmente, parou em frente de Jesus soltando sonoras gargalhadas. Os cortesãos não tardaram em imitá-lo e os risos acabaram por ecoar nas paredes de mármore da sala. Herodes levantou então os braços e as gargalhadas cessaram imediatamente. Depois, baixando as mãos devagar, comentou, divertido.

- E assim, no fim de contas, o milagreiro presunçoso acabou por visitar a velha raposa...

* Plínio, o velho, na sua História Natural, descreve esta doença garantindo que as úlceras começavam sempre pelo queixo. Segundo o nosso computador, a doença teve origem na Ásia, transmitida por um cidadão de Perusa. (N. do I.)

O tetrarca, evidentemente, conhecia o Mestre e estava informado das palavras de Jesus, que lhe chamava raposa. Antipas esperou pela resposta do prisioneiro. Mas o Rabi, com a cabeça descaída para o peito nem se dignou olhá-lo. Durante pouco mais de quinze minutos, o filho de Herodes, o Grande, perseguiu o prisioneiro com perguntas, mas nem uma só resposta obteve. Uma das principais preocupações de Antipas - a julgar pelas suas perguntas - era a possibilidade de aquele galileu ser a reencarnação de João Baptista, que ele executara três anos antes (1). Saltava à vista que os remorsos se tinham apossado da alma daquele governante despótico e cruel.

Desiludido com o silêncio do Galileu, Herodes mudou de tática. Fazendo um sinal a um dos seus leais, exclamou:

- Manaen!... Chama Herodíade!

E o velho syntroplzos, o preceptor de Herodes Antipas, apressou-se a sair do salão de audiências, para ir procurar a amante do senhor. Longe de se irritar com o mutismo do Galileu, Herodes parecia ter íntima satisfação com isso. Aquela atitude era muito estranha e, dissimuladamente, o tetrarca foi caminhando pela beira da piscina, procurando não escorregar no polido pavimento de mármore, com incrustações de coral rosa. A sua paixão pelo helenismo, tal como me dissera o centurião, notava-se não só no seu vestuário e nos homens que o rodeavam mas também na decoração do palácio. O pavimento, por exemplo, primorosamente trabalhado com pedacinhos de coral brilhante e uniforme a que se chamava pele de anjo - provavelmente retirado do Mediterrâneo - era uma das provas mais eloquentes do requinte de que fazia gala aquela personagem. Os artesãos fenícios ao serviço de Antipas tinham conseguido formar um formosíssimo e gigantesco quadro da lendária Medusa e de seu matador, Teseu 2, embutindo nas placas de mármore milhares de grânulos de coral, que davam forma à cena mitológica. Desta forma, aproximei-me de Civilis e, em voz baixa, perguntei-lhe por que razão o tetrarca adotava aquela atitude.

O centurião - que conhecia bem a desordenada vida de Antipas - sugeriu-me uma explicação que nada tinha de subestimável:

- Todo Israel sabe que Herodes temia e respeitava o fogoso profeta a quem chamavam Baptista. Em certa altura, este louco chegou a comentar que Jesus da Galiléia podia ser João. Não seria de estranhar que, ao verificar o silêncio do prisioneiro, a sua desequilibrada razão tenha recuperado a calma.

De repente, Antipas saiu dos seus pensamentos e, pegando numa taça de cristal, aproximou-se do tanque. Inclinou-se e encheu-a. Depois, pondo a taça à altura do rosto do Nazareno, perguntou-lhe com malícia:

- Diz-me, Galileu, podes transformar o leite em vinho?

Jesus, imóvel, não pestanejou. Continuava de cabeça baixa. Herodes encolheu os ombros e voltou ao seu colchão de penas. Um dos criados, possivelmente um eunuco, a julgar pelos anéis nas orelhas e pelas ancas e meneios femininos, ajoelhou-se na frente do tetrarca, para o calçar. Aquelas sandálias com tiras douradas atraíram-me a atenção. Ambas as solas pareciam cobertas com uma série de finíssimas almofadinhas. Uma vez calçadas, Antipas pôs-se de pé e, para minha surpresa, com o peso do seu corpo, as bolsinhas começaram a ressumar um líquido transparente e aromático. Eram vaporizadores (uma espécie de desodorizante que tinha começado a fazer furor entre as classes endinheiradas de Roma e da Grécia, e que eliminava, em boa medida, os desagradáveis cheiros da transpiração).

*1 Quando Herodes Antipas se apaixonou pela mulher de seu irmão Filipe. tetrarca na região de Pereia a oriente do Jordão, aproveitou uma viagem a Roma para se unir a Herodíade.
A sua mulher legítima, filha do xeque árabe Areta, quarto rei dos Nabateus, teve de sair de Israel regressando com a família. Desde então, João Baptista aproveitou quantas oportunidades teve para censurar Herodes e a amante, Herodíade, em permanente adultério. As críticas do primo-direito de Jesus foram tão duras que Antipas, possivelmente a conselho de Herodíade, mandou encarcerar Baptista numa fortaleza afastada na margem oriental do mar Morto, e que os Beduínos ainda conhecem por Mashnaka ou Palácio Pendente. Ali seria decapitado pouco depois. Desde então Antipas viveu sempre com o medo de que o fantasma de João Baptista voltasse para fazer justiça. De acordo com as nossas investigações, era improvável que Antipas tivesse consentido degolar Baptista por causa da famosa dança de Salomé, a filha de Herodíade. Naquela época, Salomé devia ser uma adolescente. O verdadeiro nome da enteada de Herodes é nosso conhecido graças ao testemunho de F. Josefo e à inscrição de uma moeda, em que aparece junto de seu marido, Aristóbulo. Segundo os historiadores, a versão mais racional e verossímil é a de que João Baptista tenha sido encarcerado e executado por causa das suas duras críticas contra o tetrarca e contra a esposa de Filipe. (N. do M.)
2 A lenda grega conta que havia três irmãs - as Górgonas - que tinham um único olho e um único dente, passando-os umas às outras quando queriam ver ou comer. Isto segundo a lenda, simbolizava que a inveja, a calúnia e o ódio viam com um único olho e se alimentavam com o mesmo dente. Uma destas terríveis irmãs, velhas como a Humanidade com serpentes em vez de cabelos (Medusa), tinha o poder de converter em pedra tudo aquilo que olhasse. Mas foi morta por Teseu, que lhe cortou a cabeça. Segundo a mitologia, uma parte do seu sangue foi cair no mar, convertendo-se em coral. Daí que o coral tenha tido sempre uma grande aceitação entre estes povos, como valiosos amuletos contra o mau olhado,
e a inveja. (N. do M.)

Antipas não se rendia, e tentou que o Mestre o divertisse com algum dos Seus prodígios. Pegou numa bandeja de prata, onde se alinhavam pequenas tiras de carne e, apresentando-a a Jesus, increpou-o nos seguintes termos:

- Se foste capaz de multiplicar pães e peixes acho que não Te seria muito difícil fazer o mesmo com estas línguas de flamingo... Terias a amabilidade de...

O silêncio foi a única resposta. Herodes, que tinha passado da zombaria à cólera, levantou a peça de metal, deixando cair o seu manjar favorito na cabeça e nos ombros do Rabi. O gesto foi imediatamente apoiado pelos risos dos seus acólitos.

Mas o Mestre não se mostrou impressionado. A grotesca cena viu-se interrompida pelo súbito aparecimento de uma mulher. Antipas, ao vê-la, apressou-se a ir ao seu encontro agarrando-a por uma mão e levando-a até Jesus. Apesar de ter passado a barreira dos quarenta, a beleza de Herodíade, amante de Antipas, era excitante. O seu vestuário consistia numa série de gazes de Malta, que formavam uma dupla túnica, deixando ver a pele cor de azeitona. Na cabeça tinha uma faixa branca que lhe cingia as têmporas e das quais se erguiam três andares de tranças, tão negras quanto os seus olhos. O original penteado tinha por remate pequenos caracóis, feitos de anéis de cabelo. Ao ver Herodíade, Civilis fixou os olhos nos seios pequenos, perfeitamente visíveis através dos tecidos, e voltando-se para mim piscou-me um olho.

Antipas aproximou-se de Jesus e, sacudindo com os dedos algumas das línguas de flamingo que lhe tinham ficado enredadas no cabelo, tranqüilizou a mulher garantindo-lhe que aquele mago nem sequer era a sombra do aborrecido João Baptista. Herodíade, com as sobrancelhas e pestanas besuntadas de uma substância gordurosa e as pálpebras sombreadas por uma mistura de lápis-lazúli moído, observou atentamente o réu. Depois rebolando as ancas sem o mesmo pudor, afastou-se do Mestre, indo sentar-se no trono de madeira. Uma vez ali, e ante a expectativa geral, fez sinal a Antipas, pedindo-lhe que se aproximasse. Herodes obedeceu imediatamente. Depois de lhe segredar qualquer coisa, o tetrarca sorrindo maliciosamente, desceu do estrado e foi postar-se atrás do Rabi. A seguir pegou na orla da túnica de Jesus, levantando-a lentamente, de modo a que Herodíade e os seus cortesãos pudessem contemplar as pernas do Nazareno. Antipas continuou, até descobrir a totalidade das musculosas pernas do prisioneiro, bem como a tanga que o cobria. Os lábios de Herodíade, de um vermelho carmesim, abriram-se com visível admiração, ao mesmo tempo que uma vaga de indignação começava a queimar-me as entranhas. Civilis notou a minha crescente cólera e, inclinando-se para mim, comentou:

- Não te alarmes. A lei judaica concede àquele porco um máximo de dezoito mulheres mas a sua impotência é tão pública e tão notória que Herodíade até nos escravos das cavalariças procura consolo... E Herodes sabe.

- Herodíade tem-no agarrado pelo trono e pelos testículos.

As palavras do oficial eram tão certas quanto proféticas. Bem pouco suspeitava Antipas que, justamente, aquela mulher seria a causa da sua desgraça final... 1

A humilhante cena foi interrompida pelo centurião. O tempo era pouco e com amáveis mas firmes palavras pediu ao tetrarca que lhe comunicasse o seu veredicto.

* Esta fulminante afirmação do major levou-me a procurar quantos documentos me foram possíveis, em busca do desgraçado final de Herodes Antipas. Com grande surpresa minha, descobri que o filho de

Herodes, o Grande, acabara por ser vítima da ambição e do domínio da sua amante, Herodíade. Depois da morte do imperador Tibério, no ano 37 da nossa era, outro membro da numerosa família dos Herodes, irmão de Herodíade, foi libertado do cárcere de Roma pelo novo César, Caio, Aliás Calígula ou Botinha. Perante o desespero de Antipas e da sua amante, Herodes Agripa foi nomeado rei de todo o Israel.
Antipas deixou-se influenciar por Herodíade e acorreu a Roma, disposto a pedir para si o título de rei. Mas Calígula, que, por aquele tempo - ano 39 da nossa Era - se encontrava em plena campanha militar nas Gálias, não só não foi ao encontro dos desejos do tetrarca da Galiléia como, para desorientação do velho raposo, lhe retirou o título, desterrando-o. Flávio Josefo e Tilemont estão de acordo em que Herodes Antipas e sua mulher Herodíade, se viram obrigados a peregrinar por Espanha, onde possivelmente se fixaram e morreram. (Por aquele tempo existiam na Península Ibérica sete cidades mediterrânicas com importantes colônias judaicas bem como outras zonas da Andaluzia, onde Herodes pôde fixar residência.) (Nota de J. J. Benitez.)

- Veredicto? - respondeu Antipas, que há muito compreendera que o Galileu não desejava abrir a boca. - Diz a Pilatos que lhe agradeço a gentileza, mas que a Judéia não entra na minha jurisdição. Que seja ele a decidir.

Dando meia volta encaminhou-se para um dos seus amigos. Arrancou-lhe um rico manto de púrpura com que se cobria e, sem mais palavras, foi pô-lo nos ombros do Mestre, soltando uma longa e estridente gargalhada, que foi aplaudida pelos amigos e parentes.

Caifás e os sacerdotes, tão desiludidos como Antipas, encaminharam-se para a porta, enquanto Civilis, depois de saudar de braço levantado o tetrarca e Herodíade, empurrou Jesus, indicando-Lhe que a audiência tinha terminado.

Ao deixar a sala ainda ecoavam os aplausos da camarilha de Herodes, extremamente agradada por aquele último gesto de troça e de escárnio do idumeu. (Uma vez mais, o testemunho de alguns comentaristas não coincidem com a realidade. Jesus não foi tapado com um manto branco, sinal de loucura, como dizem estes comentadores bíblicos, mas sim com um manto vermelho-vivo, que refletia a mofa de Herodes Antipas, considerando-o um libertador ou um rei de
mentira. Um manto que iria acompanhar Jesus de Nazaré até ao momento crítico da flagelação e que, como mais adiante veremos, foi aquele com que o cobriram os legionários romanos.)

Pelas dez da manhã, a escolta retirou-se do palácio dos Asmoneus, retomando a viagem de regresso à Fortaleza Antonia.

Tal como na ida, um numeroso grupo de hebreus seguiu, silencioso e vigilante, os legionários que protegiam o Rabi. Naquele momento, inesperadamente, Judas Iscariotes afastou-se da turma encabeçada por Caifás e surpreendeu-me com uma pergunta... A

princípio hesitou. Olhou à sua volta com desconfiança e, finalmente, decidiu-se a falar. Judas devia pensar que a minha constante presença perto do Mestre me convertera num dos Seus adeptos. No entanto, acabou por vencer o seu receio e, afastando-se do pelotão de escolta perguntou-me como decorrera o interrogatório no palácio de Antipas. Contei-lhe o sucedido e Iscariotes, como único comentário, lamentou o silêncio de Jesus, acrescentando:

- Que nova oportunidade perdida!...

Disse-lhe que não entendia e Judas Iscariotes, evitando me olhar falou-me dos seus tempos como discípulo de Baptista e de como nunca perdoara ao Mestre não ter intercedido pela vida de João. Agora - segundo o traidor - Jesus também nada fizera para reivindicar a memória do seu amigo e precursor. A confissão surpreendeu-me. Pelo que via, Judas Iscariotes unira-se ao Nazareno devido à prisão de Baptista, e cheguei a pensar que boa parte do seu ódio pelo Rabi tinha por motivo aquele fato. Continuamos os dois em silêncio. Eu ardia no desejo de lhe perguntar o motivo da sua traição, mas não tive coragem, e só me atrevi a perguntar porque razão se antecipara ao grupo de soldados na noite da prisão. Isolado e humilhado por uns e por outros, Judas sentia a necessidade de confessar-se. Mas a sua resposta foi uma meia-verdade...

- Sei que ninguém acredita em mim - lamentou-se -, mas a minha intenção foi boa. Se me pus à frente dos soldados e levitas do Templo foi para avisar o Mestre e os meus companheiros da tropa que vinha prende-lO.

Calei-me. Aquela explicação, de fato, era difícil de aceitar. É possível que Judas, covarde como era, tivesse podido maquinar semelhante arranjo. De qualquer forma, os discípulos talvez não tivessem chegado a desconfiar dele. Mas
as suas intenções, se é que realmente foram essas, ficaram anuladas perante a inesperada presença do Nazareno a meio do caminho que conduzia ao jardim.

Não tivemos tempo para mais. Civilis e os seus homens entraram novamente pela muralha norte da Torre Antonia, encaminhando-se para a escadaria do Pretório.

Ao chegar ao terraço onde se celebrara a primeira parte do interrogatório, estranhei a presença de um estrado semicircular, sobre o qual fora colocada uma cadeira curul, geralmente destinada a aplicar a justiça. O centurião deixou Jesus entregue aos seus homens e entrou na residência.

Os hebreus, com o sumo sacerdote na primeira linha, esperaram, como habitualmente, junto das escadas. Desta vez, José de Arimatéia tinha entrado no recinto da Torre. Pilatos não tardou a aparecer e, sentando-se na cadeira transportável, dirigiu-se a Caifás e aos saduceus:

- Haveis trazido este Homem à minha presença, acusando-O de perverter o povo, de impedir o pagamento do tributo a César e de

pretender ser o rei dos Judeus. Interroguei-O e não O creio culpado de tais acusações. Na realidade, não vejo falta alguma... Enviei-O a Herodes e o tetrarca deve ter chegado à mesma conclusão, pois que me enviou novamente. Com toda a certeza, este Homem não cometeu delito algum que justifique a morte. Se considerais que deve ser castigado, estou disposto a impor-Lhe uma sanção antes de O soltar. Sem poder conter a sua alegria, João deu um salto, abraçando José de Arimatéia.

Mas, quando tudo parecia a favor do Nazareno, o pátio entre a escadaria e o portão da muralha foi subitamente invadido por centenas de judeus. Entraram tranqüila e silenciosamente, com um grupo de soldados romanos à frente. Tal como me tinha avisado o ancião de Arimatéia, a multidão acorrera à casa do procurador, desejosa de assistir ao indulto de um réu. E é de grande importância acentuar que, no momento em que aquela massa humana chegou diante da residência de Pilatos – com prévia autorização da guarda - nenhum dos israelitas sabia o que estava acontecendo. Foi ali, à vista de Jesus e dos sacerdotes, que se deixaram arrastar pela hábil e oportuna intervenção de Caifás e dos saduceus. Se o julgamento de Jesus se tivesse dado noutro momento ou noutro dia, sem a presença daquela turba, é bem possível que o Sinédrio não tivesse levado a melhor.

Pilatos sabia da chegada da multidão. De fato, a colocação do estrado e da cadeira sobre o empedrado do terraço obedeciam única e exclusivamente à cerimônia da tradicional anistia. Mas, desejando agir de boa fé, Pilatos cometeu um grave erro. Depois de efetuar uma série de consultas aos seus centuriões, pôs-se de pé e, elevando a voz, perguntou à multidão o nome do preso escolhido.

- Barrabás! - respondeu o povo como um só homem.

Até àquele momento, nem Pilatos nem os juízes tinham pronunciado o nome de Jesus. Aquilo significava, tal como supunha, que os hebreus tinham vindo até ao pretório com intenção premeditada de solicitar a libertação do terrorista, e assim o manifestarem antes de o procurador lhes pedir silêncio e lhes explicar como os sacerdotes tinham levado Jesus à sua presença e de que o acusavam. Em suma, aquela gente mesmo sem a presença do Rabi da Galiléia - teria gritado por Barrabás, o Zelota. Mas, como referi, a oportuna intervenção de Caifás e dos seus sequazes e o ouro que fora distribuído entre um punhado de judeus, colocados estrategicamente por entre a multidão , acabaram por inclinar a
balança a favor do Sinédrio.

Quando Pilatos acabou de explicar à multidão a presença de Jesus no tribunal, deixando bem claro que não via naquele homem razões que justificassem a sentença, formulou uma segunda pergunta:

- Quem desejais que eu liberte? Barrabás, o assassino, ou este Jesus da Galiléia?

Por um instante, a multidão de judeus ficou atônita. Não houve resposta imediata. Aquelas pessoas, isso foi evidente, vacilou. Caifás e

os saduceus compreenderam o grave risco que aquele silêncio representava e, avançando para Pilatos, gritaram com força:

- Barrabás!... Barrabás!..

A iniciativa dos homens do Sinédrio teve um rápido eco. De diferentes pontos do pátio cheio de gente se levantaram outras vozes, pertencentes, sem dúvida, aos judeus comprados, que clamaram também pela libertação do revolucionário. Em questão de segundos, toda aquela multidão imitou os sacerdotes unindo-se em coro a Caifás. Foi inútil que João Zebedeu quase perdesse a voz a gritar o nome do seu Mestre. Ficou abafado por um Barrabás! rotundo e generalizado, repetido outra e outra vez até o procurador, levantando os braços, pedir silêncio.

Nos olhos de Pilatos havia um brilho de ódio por aqueles saduceus, flagrantes instigadores de uma massa amorfa e ignorante. Como disse, a irritação do procurador romano não tinha a sua origem no fato circunstancial de aquele Galileu poder ou não vir a ser executado. O que o encolerizava era, precisamente, que a sua decisão de pôr em liberdade o Mestre se visse olimpicamente desprezada pela casta sacerdotal. Mas o erro de Pilatos, oferecendo Jesus como possível candidato à libertação, ainda era susceptível de retificação. Tomando novamente a palavra, recriminou-lhes a conduta traiçoeira:

- Como é possível escolher a vida de um assassino - disse, apontando diretamente para Caifás - contra a deste Galileu, cujo crime mais grave é se julgar rei dos Judeus?

O resultado daquelas palavras foi totalmente contrário ao que Pilatos podia esperar. Os juízes mostraram-se extremamente ofendidos pelo que consideraram um insulto à sua soberania nacional, instigando a multidão a que gritasse ainda com mais força pela liberdade do zelota. E assim aconteceu. Aqueles hebreus, na sua maiorias pessoas inculta, pisoeiros, carregadores, mendigos, peregrinos e, naturalmente, levitas livres de serviço no Templo, levantaram de novo as vozes, exigindo a libertação de Barrabás. A súbita explosão popular fez que o procurador vacilasse, e, acompanhado pelos seus oficiais, retirou-se para deliberar. Estou agora convencido que se Pilatos não tivesse metido o Nazareno naquela eleição, certamente não se teria visto comprometido perante os dignitários religiosos.

Entretanto, Jesus permanecia tranqüilo diante da multidão.

Aqueles minutos de espera - e os que se seguiram – foram decisivos para Caifás. Aproveitando a momentânea ausência do procurador arranjou maneira de os seus companheiros de conspiração se espalharem entre os que ali estavam reunidos incitando-os constantemente a que pedissem a libertação do popular Barrabás. Era triste e decepcionante observar aqueles judeus, muitos dos quais conheciam e tinham admirado as palavras e a coragem do Galileu, quando, por exemplo, varrera o átrio dos Gentios do sacrílego comércio dos cambistas e intermediários.

Num instante e, sem o menor critério pessoal, tinham-se voltado contra o indefeso Jesus.

Pilatos voltou à sua cadeira e observou a multidão . Tinha firmado os cotovelos nos braços da cadeira, apoiando a cabeça nas mãos entrelaçadas, em atitude pensativa. Como medida de precaução, Civilis dera ordem para que a porta da muralha fosse fechada, colocando várias unidades armadas em torno da multidão. Foi pena que os judeus não tivessem reparado antes naquela manobra dos romanos. Conhecendo como conheciam a crueldade de Pilatos, talvez que ao verem que estavam sendo cercados disfarçadamente, se preocupassem mais com a sua segurança que com a libertação de alguém.

O comandante-chefe da legião acabara de dar ordens precisas aos seus legionários. Se a ordem fosse ameaçada tinham autorização para desembainhar as espadas.

Durante uns minutos, o governador romano ficou em silêncio. A multidão imitou-o à espera de uma decisão. E estávamos nisto quando um dos serventes do Pretório apareceu no terraço, entregando uma carta lacrada a Civilis, ao mesmo tempo que lhe comunicava qualquer coisa. O centurião examinou a pequena folha de pergaminho e avançou até à cadeira, arrancando Pilatos dos seus pensamentos. O procurador abriu a carta e, depois de ler atentamente, levantou-se. Caifás, os juízes e todos os que ali estavam reunidos ficaram intrigados. Pilatos parecia hesitar. Deu dois breves passos pelo terraço e, por fim, parando, voltado para a multidão , anunciou que tinha recebido uma carta de sua mulher, Cláudia Prócula, e que desejava lê-la em público. O vento obrigou-o a segurar o pergaminho com ambas as mãos. Com voz clara e forte começou a ler: - Rogo-te que em nada intervenhas para a condenação do homem íntegro e inocente que se chama Jesus. Esta noite, durante um sonho, sofri muito por Ele. Ao conhecer o conteúdo da carta, José de Arimatéia pareceu alegrar-se muito. Embora o ancião não chegasse a confessar-mo abertamente, todos os indícios apontavam para ele o importante fato de a esposa de Pôncio conhecer e aceitar os ensinamentos do Mestre da Galiléia (segundo pude entender, alguns dos seus servos faziam parte do primeiro grupo dos que seguiam Jesus).

De início, ao reparar no intenso olhar de Civilis, não associei o texto da carta de Prócula com a aguda superstição que dominava o procurador e com o augúrio que eu me atrevera a formular na presença do centurião. Foi pouco depois, quando nos dirigíamos para o pátio central da fortaleza para assistir à flagelação do Mestre, que o oficial-chefe recordou as minhas palavras sobre o estranho fenômeno celeste que eu vaticinara para aquela manhã, vinculando-o ao misterioso sonho da mulher do procurador. Tudo aquilo, segundo parecia, tinha influído - e não pouco - em Pilatos. Talvez por isso, depois da leitura da mensagem da mulher, o governador, com voz trêmula, se dirigiu novamente à multidão , perguntando-lhe:

- Porque quereis crucificá-Lo? Que mal vos fez?

Os sacerdotes perceberam imediatamente a crescente fraqueza do representante de César e lançaram-se contra ele, vociferando sem parar:

- Crucifica-o... Crucifica-o!

O paroxismo dos judeus chegou a tal extremo que a pergunta seguinte de Pilatos quase não foi ouvida.

- Quem quer testemunhar contra Ele?

A multidão só sabia repetir uma palavra:

- Crucifica-o!

Em vista daquele tumulto, Civilis desembainhou a espada e, levantando-a mais alto que o capacete, preparou-se para dar sinal aos seus homens para entrarem em ação. Porém, Pilatos obrigou o centurião a embainhar a arma, e, agitando as palmas das mãos, pediu silêncio. Pouco a pouco, aqueles fanáticos foram recuperando a serenidade. E o procurador ignorando os pedidos anteriores do populacho, repetiu a pergunta:

- Peço-vos mais uma vez que me digais que preso quereis que libertemos neste dia de Páscoa.

A resposta foi igualmente monolítica e contundente:

- Entrega-nos Barrabás!

Pilatos ficou silencioso e, movendo a cabeça em sinal de desaprovação, insistiu:

- Se solto Barrabás, o assassino, que faço com Jesus?

Aquele novo sinal de fraqueza do governador foi acolhido com uma brutal explosão de violência. E a palavra crucifica-o! levantou-se como um trovão. A turba, com os punhos levantados, continuou clamando, sempre mais alto:

- Crucifica-o!... Crucifica-o!... Crucifica-o!

* 1 Ainda que na primeira grande viagem, de Cavalo de Tróia não chegasse a encontrar-me com Cláudia Prócula ou Procla, todas as nossas informações assinalavam a origem desta mulher como distinta,, e, possivelmente, entroncada no ramo dos Próculos, pertencentes, como Pilatos, à ordem eqüestre. Foram muito conhecidos Tício Próculo, amigo de Sila; Cervário Próculo, que conspirou contra Nero; Licino Próculo, servidor de Otão e prefeito do Pretório, e Volúsio Próculo, que comandou a esquadra de Messina. Uma das tradições colocava Prócula como descendente dos Cláudios, oriundos, por sua vez, das Gálias, e talvez parenta afastada de Tibério. Se isto fosse certo, talvez pudesse explicar-se a razão por que Pôncio Pilatos foi desterrado por Calígula para as Gálias, depois da morte de Tibério. (N. do M.)

A gritaria impressionou tanto Pilatos que, assustado, se retirou do terraço, voltando para a sua residência. Um dos oficiais, seguindo as instruções de Civilis, apressou-se a seguir o procurador. E um momento depois, enquanto a multidão, possessa pela idéia de matar o Mestre,

continuava com o seu funesto pedido de crucifixão, o centurião que tinha saído logo depois de Pilatos reapareceu à entrada do pretório, trazendo a Civilis uma trágica ordem. O centurião-chefe assentiu com a cabeça e, levantando os braços num gesto autoritário, ordenou silêncio. A multidão obedeceu, consciente do poder e da extrema dureza do estrangeiro. Uma vez obtido o silêncio, Civilis pronunciou breves mas dramáticas palavras que gelaram o coração de José e de João:

- A ordem do procurador é esta, o prisioneiro será açoitado...

E com o mais absoluto dos desprezos girou nos calcanhares fazendo um gesto aos seus homens para que conduzissem o réu ao pretório. Sem parar para pensar, lancei-me atrás de Civilis, juntando-me à escolta que atravessava o vestíbulo da residência oficial. Eram dez e meia da manhã...

Daquela vez, João Zebedeu não acompanhou o Mestre. E alegrei-me profundamente. O espetáculo de que estava prestes a ser testemunha o teria abatido moralmente.

Seguimos pela escadaria da direita e enfiamos por um comprido e úmido corredor, iluminado apenas por algumas candeias de azeite, cujas chamas oscilavam à passagem da escolta.

O centurião, visivelmente desgostoso pelo curso que os acontecimentos estavam seguindo, lamentou-se da fraqueza do procurador. Se tivesse dependido dele, o processo contra aquele Galileu teria acabado sem contemplações...

- Entre este visionário e um zelota assassino - garantiu-me, enquanto percorríamos os últimos metros do corredor -, Roma não teria hesitado. E muito menos quando este ninho de serpentes tem o atrevimento de desafiar a autoridade de César...

Ao sair do túnel logo reconheci o pátio com pórticos que tinha atravessado na manhã de quarta-feira, quando José e eu nos preparávamos para nos encontrarmos com Pilatos.

Do vestíbulo do pretório podia ter-se acesso, pois, àquele pátio e ao túnel abobadado da entrada ocidental na fortaleza, para o que bastava percorrer o corredor de escassos cinqüenta metros. A saída encontrava-se exatamente no canto nordeste do pátio, à direita das escadas de mármore que conduziam ao escritório oval de Pilatos.

Seguindo, pelo que parecia, um costume muito freqüente, os soldados chegaram ao centro do pátio, detendo-se junto da fonte circular da deusa Roma. O centurião ordenou que tirassem dali os cavalos que estavam sendo escovados e, enquanto os cavaleiros os puxavam pelas rédeas, várias dezenas de legionários de folga foram-se aproximando. A notícia da iminente flagelação dAquele judeu - que se qualificava como rei dos Hebreus - espalhara-se rapidamente pela guarnição que, naturalmente, não quis perder o acontecimento.

Civilis sugeriu que me afastasse.

- Pilatos quer um castigo... especial - acrescentou o centurião com um sorriso sarcástico. - E por Zeus que o vai ter!

As palavras do oficial fizeram-me tremer. Olhei para Jesus, mas o Gigante continuava ausente e imóvel, de olhos fitos no jorro de água que saía da pequena esfera que a deusa tinha na mão esquerda.

Os cascos dos cavalos, afastando-se para um dos cantos do recinto, marcaram o começo da tortura. Dos legionários tinham-se separado dois, especialmente robustos. Ambos tinham nas mãos grandes flagrum, ou látegos curtos, formados por cabos de couro e metal, com apenas trinta centímetros de comprimento. Do cabo partiam três correias de quarenta ou cinqüenta centímetros cada, armadas nas extremidades por pares de astrágalos (tali) ou ganizes de carneiro. O outro verdugo afagava os anéis de ferro da sua plumbata, da qual saíam duas tiras de couro, munidas de um par de bolinhas de metal (possivelmente, chumbo) em cada ponta.

A um sinal do oficial comandante, dois dos soldados da escolta puseram o Mestre diante de um dos quatro marcos, de quarenta centímetros de altura, que rodeavam a fonte e que eram usadas para prender as rédeas dos cavalos. Um dos legionários tentou soltar as ataduras dos pulsos de Jesus, mas de tal forma tinham sido dados os nós que, depois de várias e inúteis tentativas, teve de lançar mão da espada, cortando-as de um golpe. Depois de quase oito horas com os pulsos atados atrás das costas, as mãos de Jesus estavam tumefatas e com uma cor violácea.

Uma vez desatado, os legionários tiraram o manto púrpura que Herodes Antipas Lhe prendera ao pescoço, despindo depois o amplo roupão. Com a mesma violência O despojaram da túnica. As roupas do Mestre caíram num dos charcos de urina dos cavalos. Por último, descalçaram-lhe as sandálias. Em seguida, o mesmo soldado que tinha cortado as ataduras colocou-se na frente do prisioneiro, atando-lhe os pulsos à frente com os restos da corda que acabara de cortar.

Com uma completa e absoluta docilidade, Jesus tudo consentia sem reagir. O Seu corpo começara a suar. Aquela reação do organismo pôs-me alerta. A temperatura ambiente não era, nada que se parecesse, tão elevada que pudesse provocar a transpiração súbita. Dei uns passos em volta da fonte, de modo a ficar na frente dEle, e verifiquei efetivamente, como o rosto, pescoço e peito começavam a ficar molhados. Naquele momento lamentei não ter posto as lentes de visão infravermelha. A julgar pelas pulsações cada vez mais aceleradas das artérias carótidas e pelas inspirações profundas e sucessivas, o Rabi começara a experimentar uma nova elevação do ritmo cardíaco.

O Nazareno estava perfeitamente consciente daquilo que O esperava e o organismo reagiu como o de qualquer indivíduo. Com um puxão, o legionário obrigou-O a inclinar-Se para o marco de pedra, prendendo a corda na argola metálica que coroava a pequena coluna. A grande altura do Galileu e o reduzido tamanho do marco obrigaram-no a abrir muito as pernas, ficando numa posição muito forçada. O cabelo

caíra para a cara, escondendo as feições completamente. De alguma forma alegrei-me por não Lhe poder ver o rosto...

O suor foi aumentando, convertendo as largas espáduas e o torso numa superfície brilhante. De repente, um dos carrascos avançou e agarrando a tanga de Jesus arrancou-a com um puxão brusco, deixando-o inteiramente nu. O quebrar dos cordões que seguravam a tanga provocou uma dor súbita e intensa nos órgãos genitais de Jesus. O corpo estremeceu e os joelhos vergaram pela primeira vez. Ao verem-no nu, os legionários soltaram uma gargalhada. Mas as troças da soldadesca foram interrompidas pela chegada de Pilatos. Sem mais preâmbulos, o procurador ordenou aos verdugos que começassem. Num silêncio de expectativa, o legionário mais alto, postado à direita do Mestre, levantou o seu flagrum de triplo rabo, atirando uma terrível chicotada às costas de Jesus, ao mesmo tempo que cantava o número do golpe.

- Unus!

A chicotada foi tão brutal que os joelhos do Rabi vergaram e foram bater no empedrado de calcário com um som seco. Mas, com um movimento reflexo, o Galileu voltou a pôr-se de pé, ao mesmo tempo que o segundo verdugo vibrava novo golpe com o seu flagrum bífido.

- Duo!

- Três!

- Quattour...

Os soldados profissionais consumados, manejavam os látegos com um simples rodar dos pulsos. Deste modo, as correias ondeavam, alcançando-se o máximo efeito com o mínimo de esforço.

- Quinque!

O entrechocar dos ossinhos e das bolas de metal foram o único som perceptível durante os primeiros minutos. Jesus, inteiramente curvado, ainda não deixara escapar um só gemido. Os astrágalos e as peças de chumbo caíam-lhe nas costas, arrancando de cada vez pedaços de pele. Logo à primeira chicotada vários fios de sangue tinham começado a correr pelo corpo, escorrendo pelas ilhargas e pingando no pavimento. Tal como suspeitava, depois do fenômeno do suor ensangüentado, a pele do Mestre ficara num estado de extrema fragilidade, e
aquela saraivada de golpes múltiplos não tardou em rasgá-la, pondo os ombros, costas e cintura em carne viva. Pouco a pouco, a cada silvo do flagrum, os astrágalos e as bolas penetravam na pele, provocando a sua ablação ou separação, rasgando os tecidos musculares e arrancando vasos e nervos.

- Triginta!

Ao trigésimo açoite, o Rabi caiu, ficando de joelhos e com os dedos fortemente agarrados ao aro de metal da coluna. As costas, ombros e zonas lombares estavam encharcados de sangue, com uma infinidade de hematomas azulados e grandes como ovos de galinha. As correias, por seu lado, tinham desenhado dezenas de vergões - como unhadas -

de um tom de vinho. Os múltiplos hematomas - alguns dos quais tinham começado a rebentar - levaram-me a pensar que a dor que Jesus de Nazaré suportou naqueles primeiros minutos devia ter atingido o paroxismo.

Mas, felizmente para Ele, as chicotadas, infligidas com tanta sanha como precisão, foram abrindo muitos dos hematomas, transformando as costas num rio de sangue e, conseqüentemente, em certa medida, diminuindo a dor.

- Quadraginta!

A chicotada número quarenta chegou quatro ou cinco minutos depois do começo do suplício. Mas, longe de estremecer, como acontecera com os golpes anteriores, o corpo do Nazareno não reagiu. Civilis levantou a sua vara de vide, interrompendo a flagelação. Um dos suados verdugos aproximou-se do Mestre, puxando-Lhe os cabelos. Depois de verificar que desfalecera, soltou a cabeça, que tombou desmaiada na abertura entre os braços.

O centurião apressou os seus homens. Um dos legionários encheu um balde com a água da fonte, despejando-o na nuca do Nazareno. Ao contato com o líquido a cabeça de Jesus moveu-se ligeiramente, enquanto parte do sangue escorria para o chão, arrastado pela água.

Havia algum tempo que a coluna, uma ampla faixa da parede circular da fonte e os rostos, braços e túnicas dos verdugos estavam tintos de vermelho. A hemorragia, generalizada nas costas e zona dos rins, começara a ser preocupante. Ainda que o suplício tivesse parado na quadragésima chicotada, coincidindo assim casualmente com a fórmula judaica de flagelação a intenção de Pilatos - que acompanhava, impassível e silencioso, o decorrer da tortura - era que aquele massacre continuasse. Os verdugos aproveitaram o breve descanso para se debruçarem sobre o tanque e refrescarem a cara, ao mesmo tempo que esfregavam os braços para os lavarem de todos aqueles salpicos de sangue. Embora os legionários encarregues do tormento conhecessem o latim, tenho quase a certeza – a julgar pelas barbas ralas e abundantes - de que eram mercenários sírios ou samaritanos. Geralmente, os romanos designavam-nos quando o condenado era judeu. O seu ódio ancestral pelos Judeus convertia-os em executores exemplares.

O Mestre fora-se recompondo. Um dos verdugos agarrou-o então pelas axilas, puxando-o para cima. Mas o peso era excessivo e teve de pedir ajuda. Quando, por fim, conseguiram levantá-lo, outro soldado - com uma caçarola de latão nas mãos - pôs-se na frente do torturado Nazareno, enquanto os verdugos, sem contemplação alguma Lhe puxavam o cabelo e O obrigavam a erguer o rosto.

Assim o mantiveram até o romano que tinha a caçarola a esvaziar na boca do Galileu. Ao perguntar a Civilis do que se tratava, explicou-me que a caçarola continha água com sal. Era evidente que o exército romano conhecia muito bem os graves problemas que podiam vir de um

castigo como aquele. Em especial, o da desidratação. Embora Jesus tivesse sido obrigado, a ingerir uma grande quantidade de água no Sinédrio, a excessiva sudação no jardim de Getsémani e, agora, durante a flagelação, mais as grandes hemorragias que sofrera, tinham determinado as reservas e o equilíbrio hídrico do corpo, tanto intracelular como extracelular. A água com sal, constituía, pois, um reforço decisivo, se é que Pilatos desejava, realmente, que o prisioneiro não morresse durante os açoites. (Também havia o perigo de que a excessiva concentração de cloreto de sódio na água - o ideal teria sido uma proporção de 0,85%, pudesse ocasionar o aparecimento de edemas ou inchaços brandos em diversas partes do corpo.)

* A Lei judaica estabelecia para o castigo da flagelação um total de quarenta chicotadas menos uma. Assim estava escrito: em número de quarenta (o estabelecido, segundo R. Yehud , seria quarenta). O réu era açoitado com as mãos atadas a uma coluna. O servidor da sinagoga agarrava-o pela roupa e rasgava-as, rasgava-as e dilacerava-as, dilacerava-as até ficar com o peito a descoberto. Depois colocava uma pedra e em cima dela o servidor da sinagoga, tendo na mão uma correia de vitela. Esta era primeiro dobrada em duas e as duas em quatro outras duas correias subiam e baixavam nela. (N. do M.)

Mas, tal como sentenciara Civilis, a pretensão do procurador era torturar Jesus até ao limite, de tal forma que o Seu estado lamentável pudesse satisfazer e comover os ânimos agressivos dos saduceus. Assim, uma vez bebido o conteúdo da caçarola, o centurião levantou o seu bastão e os legionários voltaram a empunhar os flagrum, prosseguindo o castigo.

- Unus!

O novo golpe e os que se seguiram foram dirigidos especialmente às coxas, pernas, nádegas, ventre e parte dos braços e peito. As costas e a cintura foram desta vez poupadas.

Os golpes das correias, enroscando-se nas pernas do Mestre, obrigaram-no a uma suprema contração dos feixes musculares, em especial dos que se encontravam nos lados posteriores das coxas, que assim ficaram mais vulneráveis. Bem depressa, a pele se foi abrindo, provocando uma hemorragia muito mais forte que a das costas.

- Decem!

Num esforço titânico para suportar a dor, Jesus de Nazaré agarrara-se à argola da coluna, levantando o rosto até onde lhe era possível. Os músculos do pescoço, tensos como a corda de um arco, contrastavam com as fossas supraclaviculares, inundadas por um suor frio que escorria sem parar e que esbatia o vermelho-vivo do sangue.

- Duo-de-viginti!

O verdugo cantou o número dezoito, atirando o látego ao peito do Mestre. Um dos pares de ossinhos deve ter ferido o mamilo esquerdo de

Jesus, e a fortíssima dor provocou um movimento reflexo. O Gigante levantou-se com todas as Suas forças, ao mesmo tempo que os dentes - solidamente apertados uns contra os outros - se abriam, lançando um gemido lancinante. Era o primeiro lamento do Rabi.

O esticão foi tão rápido e forte que as cordas que o prendiam à argola se partiram e o corpo do Mestre foi violentamente atirado para trás apanhando desprevenidos os verdugos e o resto da tropa, que recuaram, assustados. O Nazareno caiu pesadamente de costas, resvalando pelo empedrado, onde deixou um largo rasto de sangue. Quando os legionários se precipitaram para ele, levantando-o pesadamente, a respiração de Jesus estava extremamente agitada.

Eu aproveitei aquele momento de confusão para pôr os crótalos e iniciar uma exploração exaustiva dos danos provocados pela flagelação. Apertei o prego dos ultra-sons na sua posição máxima (7,5 MHz) e preparei-me para examinar, primeiro, os tecidos superficiais. Os soldados tinham arrastado o Mestre até à pequena coluna, prendendo-O novamente à argola. E os verdugos recomeçaram os açoites, extremamente irritados por aquela contrariedade.

As chicotadas, cada vez mais implacáveis, foram abatendo pouco a pouco o corpo do Mestre, que acabou por vergar os joelhos, enquanto os dedos, a escorrer sangue, se crispavam de dor. A cada açoite, Jesus tinha começado a responder com um curto e breve gemido.

Uma vez traduzidas as ondas ultra-sônicas em imagens, o resultado da flagelação surgiu-me em todo o seu dramatismo. Os verdugos, consumados especialistas, sabiam muito bem as zonas em que podiam tocar e aquelas em que não. Desde o primeiro momento, chamou-me a atenção o fato inacreditável de nenhuma das costelas ficar fraturada. A precisão das chicotadas, em contrapartida, foram abrindo os flancos de Jesus até deixar a descoberto as faixas fibrosas, ou aponevroses, dos músculos infra-espinhosos. A dor, ao destruir estas últimas proteções das costelas, teve de alcançar limiares difíceis de imaginar.

Na opinião dos peritos de Cavalo de Tróia, superiores mesmo aos vinte e dois JND. Naturalmente, grande parte dos músculos das costas - dorsais, infra-espinhosos e deltóides - apareceram rasgados e cheios de hematomas que, por não rebentarem, esticaram extraordinariamente o que restava de pele, multiplicando a sensação de dor.

Ao examinarem os tecidos superficiais, os investigadores ficaram surpreendidos por verificar como os legionários tinham escolhido as zonas mais dolorosas, mas menos susceptíveis de provocarem uma parada cardíaca, que talvez pudesse fulminar o Nazareno. Escolheram, principalmente, a parte dianteira das coxas, peitorais e zonas internas dos músculos, evitando o coração, o fígado, o pâncreas, o baço e as artérias principais, como as do pescoço.

Ao alterar a freqüência dos ultra-sons, passando a 3,5 MHz, a análise dos órgãos internos pôs em evidência, desde o primeiro instante,

uma considerável perda de sangue. A volemia de Jesus (ou volume total de sangue) foi fixada entre seis e seis litros e meio. Pois bem, depois do duríssimo castigo da flagelação a volemia baixara vinte e sete por cento o que significava que o Galileu perdera, no total, desde os ultrajes na sede do Sinédrio, cerca de 1,6 litros de sangue. Uma quantidade importante, embora não fosse a suficiente para alterar de forma definitiva - física e psiquicamente – uma pessoa normal. E uma prova disto foi que Jesus de Nazaré ainda teve forças e lucidez de mente para responder às perguntas que lhe fizeram depois dos açoites. No entanto, os derrames circulatórios provocaram nEle uma angústia crescente, palpitações esporádicas, fraqueza e, principalmente, sede sufocante.

* Um aumento na intensidade de um estímulo que origina uma diferença perceptível no grau de dor recebe a designação de diferença apenas perceptível ou just noticeable difference (JND). Aplicando todas as intensidades de estímulos entre o nível em que não há dor e o nível da dor mais intensa, verificou-se que o doente comum pode distinguir vinte e dois JND. (N. do M.)

Quanto à freqüência cardíaca, as oscilações foram contínuas. Alguns dos golpes - em especial um dos últimos, que atingira diretamente os testículos - o pico alcançou as cento e setenta pulsações por minuto, descendo rapidamente a noventa e provocando o segundo desmaio. Devido à intensa descarga de adrenalina a tensão arterial elevou-se também em alguns momentos até 210 mm H20 de máxima, embora, depois, o progressivo esgotamento de adrenalina fosse dando lugar a um domínio do sistema vago e seu intermediário, a acetilcolina, que foi acompanhada por uma baixa de tensão arterial, traduzida no final do suplício, num estado de prostração quase total. A análise da corrente sanguínea também nos permitiu a confirmação de um fato evidente: o sucessivo aumento dos índices de sódio, cloro e da pressão osmótica eram inequívocos sinais da grave desidratação por que começava a passar o organismo do filho do Homem.

- Quadraginta!

A chicotada quarenta, que, na realidade, completava os oitenta açoites, se tivermos em conta os quarenta primeiros, caiu num homem praticamente destruído. O Mestre, com o corpo deformado pelos hematomas e banhado em sangue, Já mal se mexia. Os Seus lamentos imperceptíveis Já não se ouviam e só ecoava no pátio o estalido dos látegos ao cravarem-se na carne e a respiração cada vez mais ofegante dos verdugos, visivelmente esgotados. Havia algum tempo que o Nazareno se enrolara num novelo, com a cabeça e parte do tórax apoiados nos braços, em posição fetal. As chicotadas, cada vez mais lentas e espaçadas, continuavam a dilacerar-lhe as nádegas, ventre, ilhargas e zonas laterais das pernas, ferindo, até, as plantas dos pés.

Alguns dos legionários, aborrecidos ou comovidos por aquele selvático espancamento, tinham começado a abandonar o local, tratando das suas ocupações habituais.

Civilis, que observava o progressivo esgotamento dos verdugos, dirigiu um significativo olhar a Lucílio, o gigantesco centurião que eu tinha visto no apaleamento do soldado romano. O da Panônia compreendeu as intenções do primus prior e, abrindo caminho aos empurrões por entre os elementos da corte, levantou o braço, apanhando em vôo o flagrum do legionário postado à direita do Mestre, quando aquele se preparava para vibrar novo golpe. A súbita presença daquela torre humana, empunhando o látego de triplo rabo, foi bastante para que ambos os verdugos se retirassem, deixando-se cair - quase sem fôlego - nas lajes do pátio. A soldadesca, que conhecia a força e a crueldade do oficial, ficou em silêncio, suspensa de todos e cada um dos movimentos daquele urso. Lucílio afagou as correias, limpando-as do sangue com os dedos. Depois, colocando-se a um metro da ilharga esquerda do prisioneiro, levantou o braço direito, lançando uma chicotada feroz e certeira à parte inferior das nádegas de Jesus. O açoite deve ter-lhe atingido o cóccix e a aguda dor reativou o sistema nervoso do Rabi, que chegou a levantar-se durante uns segundos. Mas, entre grandes tremores, os músculos fraquejaram, caindo de joelhos. Os legionários acolheram aquele ataque estudado com uma exclamação que se iria repetindo a cada chicotada:

- Cedo alteram!

Um segundo golpe desta vez dirigido à curva da perna esquerda, fez o Mestre gemer, ao mesmo tempo que a soldadesca repetia, entusiasmada:

- Cedo alteram!

A terceira, quarta e quinta chicotadas caíram sobre os rins...

- Cedo alteram!... Cedo alteram!... Cedo alteram!...

A violência de Lucilio era tal, que os astrágalos de carneiro ficavam incrustados na carne, provocando em cada golpe uma abundante hemorragia. - Cedo alteram!... Cedo alteram!...

A sexta e a sétima chicotadas caíram em cada um dos pavilhões auditivos de Jesus. Quase instantaneamente, de ambos os lados do pescoço, correram largos regos de sangue. O Mestre inclinou a cabeça para o aro de metal e o centurião procurou o flanco direito, soltando toda a sua fúria no umbigo de Cristo.

- Cedo alteram!

A selvática pancada no ventre do Mestre afetou decisivamente o castigado diafragma, cortando praticamente a respiração penosa. Aquele, provavelmente, foi um dos momentos mais delicados do castigo. Durante segundos que me pareceram intermináveis, a caixa torácica do Galileu permaneceu imóvel. Mas, por fim, os músculos intercostais reagiram, aliviando a tensão pulmonar.

- Cedo alteram!

O nono açoite, vibrado pelo colosso no flanco dilacerado de Jesus - e julgo que lançado com toda a intenção sobre os abertos músculos denteados, para assim reativar a respiração bloqueada -, emitiu um som oco, como se os astrágalos tivessem golpeado diretamente as costelas. O ímpeto do oficial, que tinha começado a suar abundantemente da testa, foi tal, que o corpo do Nazareno se desequilibrou, caindo para o lado esquerdo.

É muito possível que, naquele instante, outra dor – abafada pelo atroz calvário da flagelação - ferisse o organismo do Galileu. Refiro-me à bexiga urinária. De tal modo devia estar cheia que, involuntariamente, os esfíncteres dos ureteres se abriram, dando origem a uma micção abundante (a julgar pelo tempo que durou o derrame urinário, a bexiga devia conter aproximadamente entre trezentos e cinqüenta e quatrocentos centímetros cúbicos). Felizmente, a urina - ainda que extremamente amarela - não trazia sangue. Mas a descarga involuntária da urina serviu apenas para provocar o riso dos romanos e um ataque muito mais violento de ira em Lucílio, que considerou aquilo como um insulto pessoal.

Levantando o látego, apontou-o com raiva para os testículos do Mestre. Uma das pontas do flagrum tocou na pele do escroto e as outras duas caíram na bolsa testicular.

Reagindo ao golpe dilacerante, Jesus encolheu-se, ao mesmo tempo que a pulsação se acelerava e um gemido angustiante se confundia com o último Cedo alteram!

Imediatamente o pulso baixou para noventa e o Mestre, empalidecendo, desmaiou.

Civilis levantou a vara novamente, ordenando aos soldados que examinassem o Rabi. Depois, aproximando-se do procurador, pediu-lhe instruções. Devia continuar o castigo? Antes que Pôncio tomasse uma decisão, o brutal Lucílio insinuou ao governador que, dada a situação do prisioneiro, melhor seria acabar com Ele ali mesmo.

Pilatos dirigiu o olhar para o corpo rígido e sangrento do Rabi, hesitando. O oficial que tinha executado aquela última parte da flagelação lançou mão da espada, convencido de que o bom senso de Pilatos se inclinaria para a solução que acabava de propor. Mas a água que fora baldeada novamente sobre a cabeça e a nuca do prisioneiro estimulou o precário estado de Jesus, que, lentamente, foi recobrando os sentidos. A progressiva recuperação do Nazareno inclinou Pilatos para continuar com o seu plano e, antes de se retirar do pátio, ordenou a Civilis que cuidasse do Galileu, levando-o à sua presença assim que fosse possível.

Eram onze da manhã. Os legionários soltaram as cordas e, com muita dificuldade apoiaram as costas do prisioneiro contra a coluna que servira para a flagelação. Um dos soldados colocou-se de cócoras atrás do marco, procurando suster pelos ombros o corpo maltratado de Jesus. O Gigante com as pernas estendidas no pavimento, respirava ainda com

dificuldade, acusando com esporádicos estremecimentos a infinidade de pontos dolorosos. Como os tremores fossem mais intensos e regulares, cheguei a temer que a febre pudesse ter-se apossado do Mestre. Não me enganava...

Outro legionário, sempre sob a atenta vigilância de Civilis, aproximou dos lábios do Rabi um segundo púcaro, obrigando-o a beber nova dose de água com sal.

Algumas das feridas tinham começado a coagular e muitos dos fios sanguinolentos a secar. As dos flancos, no entanto, continuavam a verter sangue, que caía na laje, ao ritmo do movimento respiratório, cada vez mais curto e rápido.

O centurião moveu a cabeça em sinal de desaprovação. Não era preciso ser médico para perceber que o castigo fora desproporcionado, ao ponto de temer pela vida do Mestre.

Antes que fosse demasiado tarde, desliguei o sistema ultra-sônico, apertando o segundo prego. Ao ativá-lo, o minicomputador alojado na vara de Moisés deu passagem ao fluxo de raios infravermelhos, dispostos para as análises de teletermografia dinâmica.

A detecção da temperatura cutânea à distância - base das nossas experiências de teletermografia - realizou-se graças à propriedade da pele humana, capaz de se comportar como um emissor natural da radiação infravermelha ou RI. Tal como se sabe pela fórmula da lei de Stephan-Boltzmann (W=eJT), a emissão é proporcional à temperatura cutânea, e devido a que T se encontra elevada à quarta potência, pequenas variações no seu valor provocam aumentos ou diminuições, assinalados na emissão infravermelha. (W: energia emitida por unidade de superfície; e: fator de emissão do corpo considerado; J: constante de Stephan-Boltzmann; T: temperatura absoluta.) Em numerosas experiências, iniciadas por Hardy, em 1934, fora possível comprovar que a pele humana se comporta como um emissor infravermelho, semelhante ao corpo negro e, conseqüentemente, não emite radiação infravermelha refletida de volta.

Como referi anteriormente, os crótalos, ou lentes especiais de contato, permitiam-me dirigir o sistema de teletermografia para as zonas que desejasse, podendo assim ordenar o máximo de explorações. As imagens obtidas por este processo foram simplesmente dramáticas. A maior parte do corpo de Jesus, banhado em sangue venoso, oferecia uma tonalidade vermelho-pardacenta, enquanto os hematomas (muito mais quentes) lançavam uma cor azul intensa. O rastreio permitiu-nos observar como a rede arterial principal não fora lesada, ainda que a vascularização cutânea e o sistema venoso superficial (especialmente, em extensas zonas dorsais) apresentassem numerosas destruições. Segundo os médicos do Projeto, na hipótese de que o Mestre tivesse vivido, a recuperação - com as técnicas e fórmulas da época - teria se prolongado por um período de mais de três meses. A análise das retinas foi satisfatória. A sua cor amarela-avermelhada veio demonstrar que a

visão estava correta. Não se pôde dizer o mesmo de algumas das articulações - em especial as da perna esquerda (concavidade do poplíteo) e as dos ombros - seriamente afetadas pelas bolas de chumbo e pelos astrágalos de carneiro. A temperatura dérmica destas articulações, extraordinariamente inflamadas, tinha aumentado o calor do corpo em três graus centígrados.

Quanto à elevada temperatura geral (que variava entre os trinta e nove e os quarenta graus), veio ratificar a minha impressão pessoal: Jesus estava com febre, que não O abandonaria até à morte. O rastreio minucioso do corpo do Galileu permitiu-nos distinguir, pelo menos, 225 pontos quentes, correspondentes a outros tantos golpes provocados pelos flagrum. As escoriações, hematomas e rasgões tinham originado outras tantas áreas inflamatórias, geralmente circulares, que marcavam com a sua elevada temperatura o trágico mapa dos açoites. Foi este o guia da flagelação, pormenorizada pelo computador central do módulo: costas e ombros - cinqüenta e quatro golpes; cintura e rins - vinte e nove; ventre - seis; peito - catorze; perna direita (zona dorsal) - dezoito; perna esquerda (dorsal) – vinte e dois; perna direita (zona dorsal) - dezenove; perna esquerda (frontal) onze golpes - braço direito (ambas as faces) - catorze; orelhas, um golpe em cada uma; testículos - dois; nádegas - catorze. A estes danos teve de se acrescentar uma infinidade de vergões ou arranhões, provocados pelas correias dos látegos. A imensa maioria destas feridas tinha um comprimento de três centímetros, com a típica forma de pesos de ginásio, conseqüência dos escorpiões das pontas: bolas de metal e astrágalos. Em síntese, um castigo tão brutal que nenhum dos especialistas do Projeto chegou alguma vez a compreender como Aquele homem lhe pôde resistir.

*(Este espectro de radiação infravermelha emitido pela pele humana é amplo, com um pico máximo de intensidade fixado em 9,6q.) O nosso dispositivo de teletermografia consistia, portanto, num aparelho capaz de detectar, à distância, intensidades mínimas de radiação infravermelha. Contava basicamente de um sistema ótico que focava a RI num detector. Este era formado por substâncias semicondutoras (principalmente SbIn e Ge-Hg), capazes de emitir um mínimo sinal elétrico sempre que um fóton infravermelho de um intervalo de comprimento de onda determinado incidia na sua superfície. Ainda que o detector fosse de tipo pontual, - capaz de detectar a RI procedente de um único ponto geométrico -, Cavalo de Tróia conseguira ampliar o seu raio de ação, mediante complexo sistema em leque, formado por mini-espelhos rotativos e oscilantes. A alta velocidade com que o leque varria permitia analisar por completo o corpo de Jesus, várias vezes por segundo. Isto, por sua vez, possibilitava a obtenção de imagens dinâmicas (de onde o nome de teletermografia dinâmica). A seguir à emissão, o sinal elétrico correspondente à presença de fótons

infravermelhos era ampliado e filtrado, sendo conduzido posteriormente a um osciloscópio miniaturizado. Nele, graças à alta voltagem existente e a um leque que varria sincronicamente com a do detector, obtinha-se a imagem correspondente, que ficava gravada na memória de cristal de titânio do computador. Naturalmente o nosso teletermógrafo dispunha de uma escala de sensibilidade térmica (0,1, 0,2 ou 0,5 graus centígrados, etc.) e de uma série de dispositivos técnicos adicionais, que facilitam a medida de gradientes térmicos diferenciais entre zonas do termograma (isotermas, análise linear, etc).
As imagens assim obtidas podiam ser de dois tipos: na escala de cinzentos, muito adequadas para o estudo morfológico dos vasos; na escala de cor, entre oito e dezesseis cores, muito útil para efetuar medições térmicas diferenciais com precisão. Naturalmente, os dois sistemas podiam ser usados de forma complementar. Cavalo de Tróia, depois de numerosas provas, selecionou os equipamentos AGA-661, bem como uma associação do Barnes-Pyroscan e os do sistema CSF-IR-815, como os mais adequados para a nossa missão. (N. do M.)

- Já chega! Ponham-No de pé e vistam-No.

A voz do oficial-chefe ressoou, cheia de impaciência. Enquanto os soldados levantavam Jesus, eu desliguei os circuitos da vara de Moisés, guardando as lentes de contato.

Foi preciso que dois legionários amparassem o maltratado corpo do Mestre para recuperar a posição vertical. A extrema fraqueza fez que os joelhos vergassem, obrigando os soldados a segurá-Lo pelas axilas. Outros romanos, a uma ordem de Civilis, ajudaram os companheiros, tentando que o Rabi não tombasse no lajedo. Ao ser levantado, algumas das feridas -- especialmente as dos flancos - voltaram a sangrar em borbotões e o sangue correu abundante pelo ventre, virilhas, coxas e pernas, até cair nas lajes. Alguém apanhou a roupa e depois de lhe vestir a túnica, colocou a manta sobre o ombro esquerdo, envolvendo depois o tórax. O roupão ficou firmemente preso ao peito e às costas de Jesus, de modo que, juntamente com a túnica, fizeram as vezes de ligaduras. Os romanos sabiam que era um excelente processo para estancar muitas das feridas, impedindo assim parte das hemorragias. Senti um estremecimento ao imaginar o que podia acontecer no momento em que o Galileu fosse despojado da roupa. Se os coágulos ficavam presos ao tecido - como seria natural -, arrancar a túnica significaria um novo e doloroso suplício com a conseqüente abertura das chagas. O sangue empapou imediatamente a túnica branca, que começou a pingar pelas mangas e pela orla inferior, e o esponjoso tecido viu-se tingido com inúmeros círculos avermelhados. Os soldados obrigaram o Nazareno a dar alguns passos mas, quando mal tinha arrastado os pés descalços pelo pavimento, as forças abandonaram-No, começando a cair. A rápida intervenção dos legionários de Civilis evitou que tombasse. O grupo interrogou o centurião com o olhar e este,

desalentado, indicou aos seus homens que O sentassem num dos bancos de madeira do pórtico.

Civilis compreendeu que, no momento, era inútil levar o Mestre até ao terraço onde o procurador devia estar esperando. Teria sido necessário que vários soldados o acompanhassem e amparassem.

Os tremores febris continuaram a sacudir o corpo do Nazareno que, pouco a pouco, passo a passo, foi levado pelos romanos até um dos bancos do lado oriental do pátio enquanto outros legionários tinham começado a lavar o lajedo e a coluna onde se dera a flagelação. Os cavalos voltaram para junto da fonte e os seus tratadores continuaram a escovar-lhes os lombos com folhas de poejo, cujo cheiro - segundo a crença popular - matava os piolhos.

O centurião tirou o capacete e, depois de meditar uns segundos, afastou-se do pórtico, na direção do túnel que conduzia ao pretório. Devo indicar que, conforme observava o vacilante caminhar do Mestre reparava num visível claudicar da perna esquerda, o que me levou à conclusão de que a chicotada de Lucílio em plena curva tinha alterado a articulação daquele joelho (isto viria a ser confirmado posteriormente como indiquei, pelo exame teletermográfico).

Por fim, sentaram Jesus num dos bancos, e, ao fazê-lo. Um rito de dor se desenhou novamente no Seu rosto. Era muito possível que aquele gesto fosse provocado pelos golpes no cóccix ou nos rins. Ao apoiar-se na madeira, o osso inferior da coluna e as zonas lombares deviam ter acusado o contato com assento e encosto, respectivamente. Durante uns minutos, a atitude dos legionários foi calma, mesmo correta. Dois continuaram juntos do Nazareno, suspensos da Sua recuperação, e os outros juntaram-se a um grupo que vociferava, num dos cantos do pátio. Ao ver que o Mestre se encontrava um pouco mais tranqüilo, não pude resistir à tentação e aproximei-me também do círculo de legionários que, sentados ou de cócoras, concentravam a atenção numa das lajes do pavimento.

Ao debruçar-me sobre a cabeça dos soldados verifiquei que se tratava de um jogo (uma espécie de três na raia, descrito por Plutarco). Usando as espadas, os membros da guarnição tinham riscado um círculo numa daquelas lousas, gravando também, dentro do círculo, uma série de toscas figuras e letras. Pude distinguir um B - que servia, segundo parecia, para a chamada jogada do Rei ou de Basileus, em grego é uma coroa real. Todas estas figuras estavam separadas umas das outras por meio de uma linha que ziguezagueava por dentro do círculo. Os participantes serviam-se de quatro astrágalos, previamente marcados com letras e números, que eram lançados para dentro do círculo, e cantando as diferentes jogadas, segundo as figuras ou letras onde calhavam cair.

O jogo foi-se animando paulatinamente e vários dos legionários cantaram jogadas como a de Alexandre, Dario e o Efebo. Por último, um dos jogadores teve a fortuna de um dos ossinhos rolar até à coroa,

gritando jogada do rei, que equivalia ao nosso xeque-mate e portanto, ao final do jogo.

Os soldados apanharam os astrágalos e o que tinha ganhado, influenciado certamente por aquele último golpe de sorte, reparou no Galileu animando os camaradas a que continuassem o jogo, mas desta vez com um rei de verdade...

A idéia foi acolhida com entusiasmo e o grupo dirigiu-se para o banco disposto a divertir-se à custa dAquele que se proclamava rei dos malditos e odiados hebreus. A ausência de Civilis fez hesitar os que escoltavam Jesus, mas depressa se juntaram às graçolas e grosserias dos companheiros. Imediatamente aquela dezena de legionários aborrecidos e ociosos fizeram alas, dando passagem a mais dois soldados.

Com ar marcial e contendo o riso, os dois soldados foram-se aproximando do Nazareno, que tinha voltado a inclinar a cabeça, suportando com o mutismo habitual o novo e amargo transe.

Um dos que tinha começado a desfilar em direção ao prisioneiro trazia nas mãos o que, num primeiro instante, me pareceu um cesto de vime às avessas. Mas quando chegou junto do Galileu compreendi. Não se tratava de um cesto, mas de um complicado capacete, entrançado, à base de sarças espinhosas.

Tinha a forma de uma meia laranja, com um aro ou suporte na base, formado por um feixe de juncos verdes, perfeitamente ligados por outras fibras, igualmente de junco. Segundo pude julgar, o capacete espinhoso fora entrançado com meia-dúzia de ramos muito flexíveis, entre os quais se destacava um aterrorizador enxame de puas retas e em forma de bico de papagaio, com dimensões que oscilavam entre os vinte milímetros e os seis centímetros, aproximadamente (1). Era evidente que, enquanto o grosso dos legionários concentrava a sua troça em Jesus, aqueles dois indivíduos tinham entrado em algum dos depósitos de lenha da fortaleza, ocupando-se na sinistra idéia de entrançar uma coroa para o rei dos judeus.

A idéia foi recebida com risos e aplausos. O que trazia aquele perigoso capacete de ramos delgados e pardacentos inclinou-se, simulando uma reverência. Depois, levantou a coroa a meio metro acima da cabeça do Mestre, baixando-a violentamente e enfiando-a na cabeça do Rabi. Um alarido de satisfação escapou das gargantas da soldadesca, abafando o gemido de Jesus que, ao contato dos espinhos, levantou a cabeça, batendo involuntariamente com a região occipital no muro a que estava encostado o banco. O embate na parede mais fez enterrar as puas na zona posterior do crânio.

O elmo, brutalmente posto, cobriu quase toda a cabeça do Mestre. O arco a que se prendia a rede espinhosa ficou à altura da ponta do nariz, dificultando, até, a visão do Rabi.

A aguda dor dos vinte ou trinta espinhos que perfuraram o couro cabeludo, testa, têmporas, orelhas e parte das faces, abalou novamente

o Filho do Homem, que, com os olhos cerrados num movimento reflexo de proteção, permaneceu durante alguns segundos com a boca entreaberta, tentando inspirar. Ao ver aparecer seis grossos fios de sangue pela testa e têmporas temi que as puas tivessem perfurado a veia facial (que vem do queixo à zona ocular). Aproximei-me quanto pude do rosto, mas não cheguei a descobrir espinho algum espetado no sector que essa veia atravessa. Mas outros espinhos tinham perfurado a testa e a região malar esquerda. Uma das puas, em forma de gancho, penetrara a poucos centímetros da sobrancelha esquerda (no músculo orbicular), dando lugar a uma copiosa hemorragia, que cobriu rapidamente o arco supraciliar, inundando de sangue o olho, face e barba.

* Num primeiro exame visual. pensei identificar aquelas sarças com as plantas chamadas Poterium spinosam, muito comum na Palestina e usada habitualmente para acender o fogo, o que confirmava a hipótese do doutor Ha Reubeni, diretor do Museu Botânico da Universidade Hebraica de Jerusalém, desautorizando muitas outras teorias sobre a origem da planta utilizada para o entrançado da coroa de espinhos,. A mais conhecida e popular indicava a Ziziphus, ou Spina Christi (Palinurus Aculeatus) como a sarça utilizada nesta coroação,. (N. do M.)

A sangria indicava que os espinhos tinham afetado gravemente a aponevrose epicraniana (situada logo abaixo do couro cabeludo). A retração dos vasos rasgados pelos espinhos nesta zona - extremamente vascularizada - fez-se notar, como disse, imediatamente. O sangue começou a fluir em abundância, pingando constantemente da barba para o peito. Mas os soldados, que ainda não estavam satisfeitos com este bárbaro atentado, foram à procura do manto púrpura, que tinha ficado no lajedo, pondo-lho sobre os ombros. Um outro legionário meteu-lhe uma cana nas mãos e, ajoelhando-se, exclamou entre o regozijo geral:

- Salve, rei dos Judeus!

As reverências, imprecações, cuspidelas e pontapés nas canelas do Nazareno eram sempre mais freqüentes, divertindo cada vez mais a turba. Um dos soldados pediu passagem e, pondo as nádegas a pouco centímetros do rosto de Jesus, levantou a túnica e aliviou-se dos gases do intestino com muito ruído, provocando novas e estridentes gargalhadas. O divertimento da soldadesca viu-se subitamente interrompido pela presença do gigantesco Lucílio sem dúvida atraído pelo alvoroço dos seus homens. Observou a cena em silêncio e, com um sorriso de cumplicidade, pôs-se na frente do Mestre. Os legionários, intrigados, calaram-se e levantando o fraldelim, o centurião urinou para as pernas, peito e rosto de Jesus de Nazaré.

A nova injúria arrastou os romanos para uma estrepitosa gargalhada que se prolongaria, mesmo depois de o oficial ter acabado.

O meu coração sentiu-se tão oprimido e ferido como se aquelas ofensas me tivessem sido feitas pessoalmente.

Abatido, encostei-me à parede do pórtico, com um único desejo, ver aparecer Civilis.

Desta vez os meus desejos viram-se realizados. O comandante das forças legionárias fez a sua entrada no pátio central da Fortaleza Antonia no momento em que um daqueles desalmados arrancava a cana das mãos do Nazareno e lhe vibrava um forte golpe no elmo de espinhos. Os risos e os legionários desapareceram imediatamente, ante a súbita chegada de Civilis.

Quando o centurião interrogou a escolta sobre aquele novo escárnio, os soldados encolheram os ombros, responsabilizando os companheiros. Mas estes tinham-se dispersado por entre as colunas e o pátio.

Visivelmente aborrecido com a indisciplina dos seus homens, o oficial ordenou aos soldados que pusessem de pé o condenado e que o seguissem. Assim o fizeram e Jesus de Nazaré, um pouco mais recomposto, embora sempre com calafrios constantes, começou a caminhar para o túnel, arrastando praticamente a perna esquerda. A seu lado, e atentos ao Galileu, avançaram também mais três soldados, que não se separariam do Rabi até ao Seu regresso ao lugar da flagelação.

Eram onze horas e quinze minutos da manhã...

Ao sair do pretório, o Sol, cada vez mais alto, iluminou a alta figura de Jesus. Ao vê-lo, a multidão que esperava em frente das escadarias deixou escapar um murmúrio, inevitavelmente surpreendida pelo terrível aspecto do Mestre.

A escolta parou no meio do terraço, à esquerda da cadeira onde Pilatos aguardava. Este, ao ver o capacete de espinhos no crânio do Mestre, agitou-se, nervoso e indignado, olhou para Civilis, interrogando-o, enquanto apontava com o dedo indicador a cabeça do Rabi. Ignoro o que o centurião lhe disse. A minha atenção ficara presa no Galileu. Ao parar em frente da multidão , Jesus - curvado e com os dedos entrelaçados, tentando dominar assim os grandes tremores que O Sacudiam sentiu imediatamente a cálida presença do Sol. Muito lentamente, como procurando absorver a doce carícia dos seus raios, foi levantando o rosto, até olhar de frente o disco solar. Durante escassos segundos, as profundas olheiras e a catarata de sangue que lhe escondia a cara ficaram perfeitamente visíveis à multidão . Mas, ao levantar a cabeça, as puas foram contra a base do pescoço, perfurando-lhe novamente a nuca, e a dor obrigou-o a baixar o rosto.

Paralisado pela trágica transformação do Mestre, João Zebedeu reagiu por fim e, soltando o braço de José de Arimatéia, correu para Jesus, ajoelhando-se e chorando aos pés do Rabi. Os legionários interrogaram o centurião com o olhar, dispostos a afastar o jovem amigo do Prisioneiro, mas Civilis, estendendo a mão esquerda, fez sinal para que o deixassem. Durante uns minutos, tanto Pilatos como a multidão

ficaram surpreendidos pelo choro do rapaz, e um respeitoso silêncio reinou no pátio.

Por duas vezes o Mestre quis inclinar-se para João, tentando aproximar as mãos tremula e ensangüentadas do discípulo mais amado, mas a coroa de espinhos e a rigidez das ataduras impediram-no.

O novo gesto de valentia do discípulo e o semblante destroçado do Nazareno comoveram sem dúvida o procurador. Levantando-se do cadeirão, deu breves passos para o alto da escadaria. Depois, apontando Jesus e sem perder de vista Caifás e os saduceus, exclamou, tentando despertar a piedade dos acusadores:

- Aqui tendes o Homem... De novo vos declaro que não O julgo culpado de crime algum... Depois de castigá-lo, quero dar-Lhe a liberdade.

Mais uma vez Pilatos se enganava. E embora a multidão não se atrevesse a replicar, o sumo sacerdote e os seus homens, esses sim, responderam, entoando o conhecido crucifica-o! Pouco a pouco, a multidão foi-se juntando às manifestações dos homens do Sinédrio, fazendo coro impiedosamente:

- Crucifica-o! Crucifica-o!

Desiludido, Pilatos regressou ao tribunal e esperou que a multidão serenasse. O vento, cada vez mais quente e desagradável, começava a levantar grandes remoinhos de pó que eram arrastados para oriente fustigando sempre com maior dureza a ala norte da Torre Antonia. Civilis percebeu imediatamente a alteração atmosférica e, depois de verificar como as sentinelas de atalaia nos torreões da muralha procuravam refugiar-se do vento em rajada, olhou-me fixamente, recordando-me com o seu rosto grave o meu presságio. Com um movimento de cabeça, assenti.

Mas o nosso diálogo silencioso viu-se interrompido pela voz do procurador. Uma vez serenada a turba, Pilatos - a mão direita segurando a peruca, que o siroco ameaçava – falou aos hebreus, com um tom inconfundível de desalento nas suas palavras.

- Reconheço perfeitamente que vos haveis decidido pela morte deste homem. Mas que fez Ele para merecerá a condenação? Quem quer declarar o Seu crime? Caifás, congestionado pela ira, subiu as escadas e, depois de cuspir em Jesus, encarou o governador, gritando-lhe:

- Temos uma lei sagrada pela qual Este homem tem de morrer. Ele próprio declarou ser o Filho de Deus... Bendito seja o Seu nome!

Voltando a cabeça para o prisioneiro cabisbaixo, tornou a cuspir-Lhe. O procurador fitou Jesus com um súbito medo. O sangue continuava a pingar-Lhe da testa, manchando o manto de João, que, ajoelhado e abraçado aos pés do Mestre, parecia não prestar atenção alguma ao que estava acontecendo.

Caifás regressou com passo decidido para junto da multidão e Pilatos, com a face pálida e o cabelo em desordem, bateu nos braços do

cadeirão com ambas as palmas, ordenando a Civilis que levasse o Galileu para a sua residência. Os soldados forçaram o Rabi a dar meia volta, novamente levando-o para o átrio. Obedecendo a um impulso, baixei-me para João, animando-o a que se levantasse e parasse com o seu choro.

Depois, envolvendo-lhe os ombros com o braço e encostando-lhe a cara ao meu peito, levei-o para o pretório. Pilatos, com as mãos atrás das costas, dava curtos passos pelo centro do local. Entretanto, a pouca distância da porta, Civilis e os soldados aguardavam. Ao ver-me, o procurador interrompeu os seus nervosos passos e interrogou-me em voz baixa, como se temesse que o pudessem ouvir:

- Jasão, acreditas realmente que este Galileu possa ser um deus que tenha descido à Terra como as divindades do Olimpo?

Os olhos claros do romano brilhavam e agitavam-se, invadidos por um medo supersticioso e, assim me parecia, cada vez mais profundo. Mas Pilatos não esperou pela minha resposta. Depois de alisar o postiço deu meia volta, aproximando-se do Mestre, e em voz trêmula perguntou:

- De onde vens?... Quem és? Porque dizem que és Filho de Deus?

O Nazareno levantou levemente o rosto, lançado um olhar cheio de piedade àquele juiz fraco e encurralado pelas suas próprias dúvidas. Mas os lábios trêmulos de Jesus não chegaram a abrir-se. Pilatos, cada vez mais inquieto, insistiu:

- Negas-Te então a responder? Não compreendes que ainda tenho poder bastante para Te libertar ou Te crucificar?

Ao escutar as ameaçadoras advertências, o Galileu respondeu por fim num fio de voz:

- Não terias poder sobre Mim sem a permissão de cima...

A extrema debilidade do Mestre fez que as Suas palavras chegassem muito abafadas aos ouvidos do procurador. Este, aproximando-se o mais que pôde do sangue coagulado agarrado à barba e ao bigode do Mestre, pediu-Lhe que repetisse.

- Que dizes?

- Não podes exercer autoridade alguma sobre o Filho do Homem acrescentou Jesus, fazendo um esforço - a não ser que o Pai Celestial o consinta...

Pilatos recuou, com os olhos muito abertos de espanto. Mas o Nazareno não tinha terminado. ..

- Mas tu não és totalmente culpado, uma vez que ignoras o evangelho. Aquele que Me traiu e a ti Me entregou cometeu o maior dos pecados.

O romano sabia de sobra a quem se referia o prisioneiro e a inesperada confissão, libertando, em parte, Pilatos da sua responsabilidade, pareceu aliviá-lo muito. O governador esqueceu as suas perguntas e, esboçando um sorriso de agradecimento, voltou ao terraço. A escolta preparou-se para o seguir mas o Nazareno, dirigindo-se a João, pousou a mão na cabeça do discípulo, fazendo-lhe um pedido:

- João, nada podes fazer por mim... Vai e traz minha mãe, para que me veja antes de morrer.

Civilis também escutou aquelas dolorosas palavras e, tendo a intuição do desenlace, animou João Zebedeu para que cumprisse a última vontade do Galileu sem perda de tempo. Soltei o rapaz e, dissimulando a minha angústia, assenti com a cabeça, ratificando a nobre intenção do oficial. João atravessou o umbral do pretório, perdendo-se entre a multidão. Previamente, o oficial ordenou a um dos seus homens que acompanhasse o apóstolo até às portas da muralha, ajudando-o a transpô-la sem dificuldades. De volta ao terraço, Pilatos - muito mais animado pelas palavras do Prisioneiro - tinha começado a falar à multidão. O tom da sua voz denotava o firme desejo de libertar Jesus. O rosto de José de Arimatéia voltou a iluminar-se pela esperança e, até Judas, que fora um dos poucos que não se unira aos gritos de crucificação, pareceu aliviado pela atitude resoluta do procurador.

- Estou convencido de que este Homem - anunciou Pilatos apenas cometeu
falta quanto à religião, pelo que deve ser preso e submetido às vossas próprias leis... Porque esperais que O condene à morte, por estar em conflito com as vossas tradições?

A inesperada mudança do governador de Roma exasperou os ânimos dos saduceus, que formaram um círculo, discutindo acaloradamente. Pilatos, extremamente satisfeito com a irritação geral dos saduceus, sentou-se no cadeirão transportável, dando uma piscadela de olho a Civilis. Mas, antes que o procurador pudesse saborear aquele efêmero triunfo, Caifás, pálido e com os olhos injetados de sangue, voltou a subir as escadas e, ameaçando Pilatos com a mão esquerda, atirou-lhe à queima-roupa:

- Se soltas esse Homem, não és amigo de César...

A cólera do sumo sacerdote era tal que o seu ventre volumoso começou a subir e descendo, agitado pela respiração. À sentença do sumo sacerdote Pilatos empalideceu.

- Tentarei por todos os meios - rematou o astuto genro de Anás - que o imperador tenha conhecimento disto.

Conhecendo o procurador como conhecia a vaga de denúncias, prisões e execuções que inundava naqueles últimos meses o império, o fulminante ultimato de Caifás acabou por desarmá-lo. Sem dúvida alguma, foi um golpe baixo. Tibério, e mais concretamente o temido Sejano, haviam tido notícia das duas revoltas provocadas pela intransigente posição de Pilatos (uma, motivada pela colocação dos emblemas e insígnias do imperador no centro de Jerusalém, e a segunda pela
expropriação ilegal do tesouro do Templo para a construção de um aqueduto) e ambos os acontecimentos tinham valido admoestações ao procurador. Se o inflexível general da guarda pretoriana, que ocupava o lugar de César, voltasse a receber notícias inquietantes sobre a conduta

do seu homem de confiança naquela província, a carreira política de Pilatos podia ver-se seriamente ameaçada. De fato, pouco tempo depois da morte de Jesus de Nazaré, o procurador cometeu novo erro político que precipitou o seu fim.

Além disso, o sumo sacerdote tinha-se referido intencionalmente ao seu título de amigo de César o que abateu ainda mais a vontade do juiz romano. (Embora Pôncio Pilatos, sem dúvida alguma, fosse conhecido e amigo de Tibério, a alusão de Caifás era explosiva.) O Chefe dos sacerdotes sabia que o governador era membro da ordem eqüestre, ostentando o título de aeques illustrior e a dignidade de amigo de César quer dizer, uma distinção muito especial. Era precisamente aquele privilégio que tornava ainda mais delicada a situação de Pilatos perante a cúpula do Império. O Sinédrio tinha meios para fazer chegar a Sejano e a Tibério, na ilha de Capri, as suas queixas sobre o que consideram uma nova irregularidade do procurador, e Pilatos sabia-o.

Em minha opinião, esta astuta manobra final desmoralizou o romano, que não possuindo um rigoroso sentido de justiça e sem tempo para refletir friamente, acabou por ceder. Confuso e fora de si levantou-se da cadeira curul e, apontando Jesus, disse sarcasticamente:

- Aqui está O vosso rei!

Caifás e os juízes hebreus sabiam que acabavam de ferir de morte os propósitos do romano e, animando novamente a multidão , responderam a Pilatos:

- Acaba com ele!... Crucifica-o!... Crucifica-o!

O governador deixou-se cair na cadeira e, praticamente sem forças, exclamou:

- Vou crucificar O vosso rei?

Um dos saduceus subiu para o segundo degrau e gritou, apontando para a fachada do pretório:

- Só César é o nosso rei!

* Poucos anos depois da morte de Cristo. Numerosos samaritanos se uniram em torno de um pretenso messias, que lhes prometeu descobrir os vasos sagrados enterrados por Moisés num dos montes de Samaria. Pilatos soube desta manifestação popular no monte Garizim e cercando com as suas tropas os samaritanos, carregou sobre eles, provocando grande mortandade. Samaritanos e judeus dirigiram-se então a Vitélio, supremo governador da província da Síria, acusando Pilatos do horrível assassínio de milhares de samaritanos. Vitélio não tinha autoridade para julgar o procurador de Israel e enviou-o a Roma, para que comparecesse perante o imperador. Mas, durante a viagem, Tibério morreu. assumindo o império Caio, Aliás Calígula. Este, ao conhecer os fatos, desterrou Pilatos e a família para as Gálias, onde, segundo parece, morreu. (Algumas tradições apontam para o fato de Pilatos ter acabado por se refugiar na que hoje conhecemos como Lausane, na Suíça, suicidando-se.) (N. do M.)

Pilatos tinha consciência de que aquela afirmação era hipócrita, mas não se atreveu a replicar. Chamou Civilis e, depois de trocar algumas frases com o primeiro oficial, anunciou aos judeus a sua intenção de soltar Barrabás. O populacho aplaudiu a decisão do governador, mas Pilatos, alheio a este reconhecimento, pediu que lhe trouxessem uma bacia com água. Ao ouvir Pilatos, o centurião manifestou a sua estranheza. Mas obedeceu ordenando a um dos legionários que se apressasse a cumprir os desejos do procurador. Creio que, salvo Pilatos e eu, nenhum dos presentes sabe qual a intenção daquele pedido do romano. Com a cabeça inclinada e cheio de febre, Jesus assistiu em silêncio àquela última parte do combate dialético entre os judeus e o representante de César.

Quando o soldado voltou ao terraço, trazendo uma grande bacia de barro, transbordante de água, pôs-se na frente de Pilatos e esperou. O procurador introduziu as mãos gorduchas no recipiente, esfregando-as durante uns segundos. Depois, perante o olhar atônito do centurião, dos legionários e da multidão , ordenou ao soldado que se retirasse. Levantando os braços acima da cabeça, gritou, de modo que todos o pudessem ouvir com clareza:

- Estou inocente do sangue deste Homem! Estais decididos a que morra? Pois bem pela minha parte, não O considero culpado...

A multidão voltou a aplaudir, ao mesmo tempo que se ouvia a voz de um dos homens do Sinédrio:

- Que o Seu sangue caia sobre nós e os nossos filhos!

Como um só homem, a multidão fez coro com a trágica sentença, ignorante das gravíssimas horas que a Cidade Santa viveria quarenta anos depois e em que, justamente, o sangue de muitos daqueles hebreus e o de seus filhos seria derramado pelas legiões de Tito. Embora, à primeira vista, a auto justificação do saduceu e do populacho pudesse parecer uma simples manifestação emocional própria daqueles momentos de ódio e de cegueira, a verdade é que a afirmação encerrava um significado muito mais profundo e transcendente. Os juízes - ignoro se acontecia o mesmo com aquela massa humana, inculta e vociferante - conheciam muito bem o que dizia a leia mosaica a este respeito. A Misn , na sua Ordem Quarta, especifica textualmente que em processos de pena capital, o sangue do réu e o sangue de toda a sua descendência penderá sobre a falsa testemunha até ao fim do mundo.

Outra das tradições judaicas afirma também que todo aquele que destruir uma só vida em Israel, é considerado pela Escritura como se tivesse destruído todo um mundo e todo aquele que deixar subsistir uma pessoa em Israel, a Escritura o considerará como se deixasse subsistir todo um mundo. Portanto, o Sinédrio estava plenamente consciente do valor e da gravidade da sua sentença, pedindo que o sangue de Jesus caísse sobre eles e os descendentes.

Pilatos enxugou as mãos na orla do manto e, virando as costas a Caifás e à multidão , saudou o Nazareno com o braço levantado. Logo a seguir, ao mesmo tempo que se encaminhava para a porta do Pretório, voltou o rosto para Civilis, dizendo-lhe:

- Fica a teu cargo.

E os legionários, com o centurião à frente, seguiram as passadas do procurador, retirando-se do terraço. A sorte estava lançada.

A partir daquele momento os fatos sucederam-se no meio de grande confusão. Por um lado, perdi de vista João Zebedeu e José de Arimatéia e, como era natural, todos os adeptos e simpatizantes do Mestre.

Só depois de abandonar a Fortaleza Antonia conseguiria encontrar-me de novo com José e animá-lo a que acompanhasse de perto a decisiva visita de Judas Iscariotes à sede do Sinédrio. E disse decisiva porque, como terei oportunidade de relatar, as circunstâncias que cercaram e encurralaram o traidor foram mais complexas e extensas do que aquilo que nos levam a crer os evangelistas.

A escolta que rodeava Jesus seguiu o caminho do túnel, desembocando novamente no pátio com pórtico. Para minha surpresa Pilatos estava presente quando os legionários pararam junto da fonte. O procurador estava com pressa de acabar com aquele aborrecido assunto e apressou Civilis para que Jesus fosse transferido sem demora para o local da execução. Segundo parecia, e depois da derrota pública sofrida pelo governador diante dos dignitários do Sinédrio, o seu propósito de regressar a Cesareia quase se convertera numa obsessão. Pilatos estava consciente de ter cometido um atropelo e nem sequer teve coragem para encarar Jesus. O centurião trocou impressões com vários dos oficiais e, finalmente, foi nomeado um tal Longino, soldado veterano, natural de Túsculo, cidade encravada nos montes Albanos, conterrâneo e amigo daquele que fora senador do imperador Augusto, Sulpicius Quirinius.

Com ele combatera, precisamente na guerra contra os Homonadenses, uma tribo rebelde que habitava a cordilheira do Tauro, na atual Ásia Menor. A julgar pelos seus modos, era homem de poucas palavras, de olhar afetuoso e direto e bom conhecedor das pessoas e da terra. Naquele momento - graças à sua coragem e provada lealdade - fora promovido ao posto de Quartus princips posterior ou centurião da segunda centúria, do segundo manípulo da quarta corte. Pela sua idade - possivelmente andaria pelos cinqüenta e cinco, ou sessenta anos devia estar prestes a deixar o serviço. Nos cabelos viam-se numerosas cãs e no pômulo e sobrancelha uma funda cicatriz, fruto, sem dúvida, de alguma das batalhas que travara desde a juventude.

Civilis, em minha opinião, acertou ao escolher Longino como capitão e responsável pela escolta que devia acompanhar o Mestre até ao Gólgota. Tremi por momentos, receando que a missão fosse atribuída, por exemplo, ao cruel Lucilio, Aliás Cedo alteram.

No total foram nomeados quatro legionários e um optio, ou oficial subalterno, como patrulha encarregue da custódia e posterior execução. Foi grande a minha surpresa ao verificar que o optio ou lugar-tenente do Longino era precisamente Arsenius, o romano que dirigira a prisão do Nazareno no monte das Oliveiras.

* O famoso governador Cirino como é conhecido através dos escritos romanos, desempenhou um papel importante às ordens de Augusto, sendo o responsável pelos dois censos efetuados durante o mandato daquele César na então província romana da Síria. O primeiro destes censos teve lugar entre os anos 10 e 7 antes de Cristo, e foi, precisamente, o que levou José e Maria a Belém. O segundo censo deu-se entre os anos 6 e 7 da nossa Era. Nesta segunda ocasião, Sulpicius Quirinius ou Cirino foi enviado por Roma na companhia de Copônio, primeiro procurador da Judéia. (N. do M.)

Tudo parecia resolvido. Longino encarregou um dos seus homens de medir a envergadura de Jesus, enquanto outro se encaminhou para o posto de guarda da entrada ocidental, em busca de um objeto cujo nome não consegui ouvir. Pilatos estava preparado para se retirar quando Civilis, depois de consultar o responsável pela escolta, lhe sugeriu alguma coisa que, em princípio, não estava prevista, porque não aproveitar a oportunidade para crucificar também os dois terroristas, companheiros de Barrabás?

O procurador hesitou. Segundo parecia, a execução daqueles assassinos fora marcada inicialmente para os dias seguintes à celebração da Páscoa. Pilatos fez uma careta de desagrado, mas o centurião-chefe insistiu, fazendo-lhe ver que - tal como as coisas estavam – a crucifixão coletiva simplificaria os riscos que sempre vinham com a morte de zelotas. Boa parte do povo judeu protegia e encorajava os revolucionários e era muito possível que a sua condenação provocasse alteração da ordem pública. Depois da implacável insistência dos sacerdotes na promulgação da pena capital para o Galileu, era de duvidar que se registrassem protestos se a execução dos membros do movimento separatista se realizasse ao mesmo tempo que a do pretenso rei dos Judeus. O procurador escutou em silêncio as razões do comandante e, movendo as mãos displicentemente, deu a entender a Civilis que tinha a sua aprovação, mas que agisse com rapidez.

Com um simples movimento de cabeça, o centurião indicou a Arsenius que tratasse da transferência dos Zelotas. Naquele momento, Pilatos reparou na minha presença e, enquanto os oficiais esperavam a chegada dos novos réus, o gordo procurador chamou-me de parte, dizendo-me:

- Jasão, que diz a tua ciência de tudo isto? Não tive tempo para te perguntar com calma sobre esse augúrio que prognosticaste para hoje... Fala-me com clareza... Ordeno-te.

A curiosidade e o medo consumiam Pilatos em partes iguais. E assim não tive outro remédio senão improvisar.

- Ontem, à meia-noite - menti-lhe -, quando me encontrava no monte das Oliveiras, pressenti qualquer coisa... E depois de procurar um lugar puro, um augurale, voltei-me para o Setentrião, traçando na terra com o meu cajado o templum ou quadrado. Depois, como sabes, peguei neste lituus - indicando-lhe a minha vara de Moisés - e fiz o ritual da descrição das regiões. Uma vez situado, implorei aos deuses um sinal...

Contendo a respiração, Pilatos animou-me a que prosseguisse.

- céu, estimado procurador, tinha-se tornado sereno e transparente como os olhos de uma deusa. Felizmente - voltei a mentir-lhe. o vento tinha parado. Tudo parecia pressagiar uma resposta... E subitamente, as infernais aves inferae surgiram à minha esquerda. O seu vôo rasante e a sua direção foram determinantes...

- Mas o quê? - explodiu Pôncio. - Que queres dizer com isso?

Adotei uma falsa serenidade e, olhando-o fixamente, respondi-lhe, fazendo minha uma sentença de Ennio:

- Então, para cúmulo do infortúnio, trovejou à esquerda estando o céu absolutamente sereno.

Pilatos abriu muito os olhos, espantado. Ele sabia bem o significado daquelas patranhas, maravilhosamente criticadas por Cícero. Pálido suplicou-me que lhe decifrasse o augúrio.

- Em minha humilde opinião - conclui - Júpiter, e por razões que não consigo compreender - menti-lhe pela terceira vez -, está desolado. E é possível que manifeste a sua ira sem tardar muito. O céu será testemunha de quanto te revelei.

- Hoje mesmo?

Assenti com rosto grave, ao mesmo tempo que desviava o olhar para o Nazareno. Pilatos virou também a cabeça, comovendo-se. Depois, esquecendo a conversa e esquecendo-Se de mim, voltou para junto dos centuriões.

Preparava-me para solicitar a Civilis que me autorizasse a ir na escolta e a presenciar as execuções quando entrou no pátio, vindo de uma das múltiplas portas que se abriam por baixo das colunatas, o legionário que tinha medido a envergadura de Jesus. Para tal, o soldado, muito habituado a este mister, a julgar pela sua desenvoltura, tinha pegado numa das lanças e, enquanto outro companheiro levantava os braços do Galileu na posição de crucificado, o portador do pilum pôs-se atrás do réu, medindo a distância entre as pontas das duas mãos.

Agora, uma vez feita a macabra medição, o romano tinha voltado ao pátio central, carregando um pesado madeiro, um tronco extremamente tosco, por desbastar, com um grosseiro buraco ao centro.

Esta rude abertura, de uns dez centímetros de diâmetro, atravessava o madeiro de um lado ao outro, no sentido da espessura.

O legionário, que vinha munido de uma comprida e grossa corda, assentou o patibulum 2, apoiando uma das facas - perfeitamente serrada - no lajedo. E esperou.

* Felizmente para mim, eu fora instruído na arte dos antigos augures e arúspices, gregos e romanos. Uma vez no templum, ou espaço do cbu que se devia observar, o augure pegava no seu lituus e voltava-se para o sul, traçando uma linha no céu – de norte a sul - chamado cardo. Depois fazia o mesmo de oriente para ocidente (decumanus) dividindo assim em quatro áreas a parte visível do rku. Em seguida, traçando duas linhas paralelas às duas traçadas anteriormente, formava um quadrado, que projetado sobre a terra, formava o prisma ou templum. A zona que ficava na sua frente chamava-se antica e a que ficava atrás postica. (N. do M.)

2 A origem do patibulum remonta à viga que servia para trancar as portas de Roma. Ao removê-la, abria-se a porta. Daí o nome. (M do M.)

Ao colocar a madeira na posição vertical pude verificar que o seu comprimento atingia quase dois metros (possivelmente, um metro e noventa). Quanto à sua espessura, calculo que andaria pelos vinte e cinco centímetros. Era. em resumo, um sólido lenho, com um peso que não seria inferior a trinta quilos. Simulando grande curiosidade aproximei-me do legionário, perguntando-lhe para que servia aquele tronco. O soldado sorriu ironicamente e, apontando primeiro para Jesus, fez-me depois um significativo sinal com o dedo polegar. Colocou-o para baixo, à maneira dos Césares quando decretavam a morte dos gladiadores.

Passei as mãos pela superfície rugosa do patibulum e concluí que se tratava do troço de uma árvore, de alguma das espécies de pinheiro, tão freqüentes na Palestina ou importado talvez dos bosques do Líbano. (Não tenho certeza, mas talvez fosse o chamado Pinus halepensis, de uma madeira quase incorruptível.)

Absorto na análise não reparei na chegada dos dois zelotas. O optio e os legionários tinham-nos trazido amarrados, até junto do procurador e dos restantes centuriões. Mal os viu, Civilis ordenou que lhes arrancassem as túnicas ensebadas e dessem início ao castigo obrigatório que antecedia a crucifixão. Quatro legionários, empunhando cada um o seu flagrum, começaram a açoitar os guerrilheiros. Um deles, rapazote ainda, caiu de joelhos na frente de Pilatos, gemendo e implorando piedade. Mas o governador apressou-se a dar meia volta, afastando-se do prisioneiro. Naquele instante, enquanto os látegos silvavam novamente a meio do recinto, o legionário que desaparecera no túnel abobadado da porta ocidental de Antonia regressou correndo, entregando a Longino uma tabuleta de madeira de sessenta por vinte

centímetros, totalmente branqueada, à base de gesso e de alvaiade. O centurião pegou na tabuleta e numa espécie de pequeno carvão, pedindo ao soldado que arranjasse mais duas tábuas. Chamou depois a atenção do governador,mostrando-lhe a tabuleta e o pedaço de carvão afiado, recordando-lhe que a escolta teria de pôr nas cruzes a identidade de cada um dos condenados e a natureza dos seus crimes.

A emoção voltou a sacudir-me. Estava prestes a assistir à redação do chamado INRI. Também nesta questão, e ainda que fosse só no aspecto circunstancial da redação, os quatro evangelistas tinham-se mostrado discordantes. Qual deles tinha acertado no texto? Marcos dissera: o Rei dos Judeus (Mc, 15, 26). Mateus, por seu lado, acrescenta: Este é Jesus, o Rei dos Judeus (Mt, 27, 37). Quanto a Lucas, o seu INRI diz assim: Este é o Rei dos Judeus (Lc, 23, 38). Por último, João Zebedeu, conhecido por o Evangelista, reproduziu o seguinte: Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus (Jn, 19, 19). Quem tinha razão?

Discretamente, olhei por cima do ombro do procurador e vi como a sua mão tremia. Segurava a tabuleta em posição horizontal, firmemente apoiada na couraça reluzente. Tinha pegado no pequeno carvão com a direita mas o seu rosto desviara-se da superfície do retângulo branco de madeira. Reparei que olhava Jesus de soslaio. O Mestre, que não descolara os lábios em todo aquele tempo, conseguira regularizar o ritmo respiratório, mas continuava curvado e trêmulo. O sangue, embora em menor quantidade, continuava a pingar da orla da túnica, formando um círculo em volta dos pés.

Um dos guerrilheiros - mais adulto - retorcia-se no lajedo, retorcendo-se a cada chicotada. Os legionários tinham-lhe rasgado a túnica, deixando a descoberto o tronco. Apesar de ter as mãos amarradas atrás das costas e de estar seguro por outro soldado, que conservava entre as mãos a ponta da corda com que fora atado, o zelota, no seu desespero e dor, revolvia-se em cima das lajes, pondo em grande dificuldade este último soldado. O mais jovem, com a roupa igualmente rasgada, enroscara-se em si mesmo, procurando defender a cabeça com as pernas. Mas os golpes eram tão violentos e continuados que não tardou em se pôr de joelhos, oferecendo as costas aos verdugos e soltando gritos que fizeram aparecer o corpo da guarda e numerosos legionários. De repente, Pilatos - sempre mais nervoso - começou a escrever com a sua característica letra quadrada... Jesus de Nazaré....

As primeiras palavras foram escritas em aramaico, da direita para a esquerda. Tinham uns trinta milímetros de altura e ocupavam toda a parte superior da tabuleta. Pilatos hesitava. Parecia não saber que acrescentar. Na realidade, tinha consciência da falsidade das acusações e, logicamente, acabava de tropeçar num sério problema. O zelota mais novo levantou a cabeça e, com o rosto suado e
contraído, procurou Jesus. Depois, apesar dos puxões do guarda, arrastou-se nos joelhos até ao Rabi e, ao chegar a seus pés, no meio de uma chuva de furiosas chicotadas, pondo o rosto sobre as grandes

pingas de sangue que caíam da orla da túnica do Rabi, exclamou, entre soluços:

- Mestre... Tem misericórdia de nós... Não nos deixes morrer!

Jesus entreabriu os olhos inflamados e violáceos, mirando o infeliz com infinita ternura. Mas, antes de poder responder-lhe, o soldado que agarrava a corda do jovem zelota deu ao Mestre um violento empurrão, fazendo-O recuar e vacilar. Um dos verdugos dirigiu então o seu flagrum, preparado para o ferir, mas Civilis, atento ao que acontecia, interpôs-se, amparando o Nazareno pelas axilas e evitando que caísse. Depois voltou-se para o pelotão, ordenando-lhes que não flagelassem o rei dos Judeus.

- Este já recebeu o seu castigo - declarou.

Os verdugos prosseguiram no seu ataque desapiedado, abrindo novas feridas nas costas, pernas e flancos dos zelotas. Enquanto o que se aproximara do Galileu continuava de joelhos, com a cabeça assente nas lajes, o companheiro, num arranque de desespero, levantou-se, atirando um pontapé frenético ao baixo ventre de um dos fustigadores. O romano vergou como um boneco, caindo no chão entre gritos de dor. De costas para a cena sanguinária, Pilatos voltou a escrever:

... rei dos Judeus.

João era, pois o único evangelista que tinha sido absolutamente fiel na transcrição do INRI (Jesus Nazarenus, Rex Judaeorum).

Imediatamente, de modo quase mecânico, o procurador repetiu a frase Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus em grego e, por último, em latim. Devolvendo a tabuleta a Longino sacudiu as palmas das mãos, fazendo uma careta ostensiva de repugnância. Mas o legionário enviado pelo centurião à procura das outras duas pranchas de madeira regressou naquele instante e Pilatos, muito contrariado, teve de repetir a operação. Desta vez foi muito mais rápido. Depois de perguntar os nomes dos condenados, escreveu na parte branca das tabuletas: Gistas. Bandido e Dismas. Bandido. Tudo isto, naturalmente, nas três línguas de uso comum naqueles tempos na Palestina: aramaico, em primeiro lugar, grego (o idioma universal, como o pode ser hoje o inglês ou o espanhol) e o latim, língua natal de Pilatos. O procurador deu uns passos para o tanque circular e enxugou as mãos. Quando se dispunha a retirar-se, adiantei-me e supliquei-lhe que me permitisse assistir às execuções.

- Se realmente vai acontecer alguma coisa de anormal – disse quero estar presente...

Pilatos encolheu os ombros e, mecanicamente, como que mergulhado noutros pensamentos, transmitiu o meu pedido a Civilis. Este encarregou-se de me apresentar a Longino, anunciando-me como um augure, amigo de Tibério.

Acho que a primeira qualificação não impressionou excessivamente o veterano centurião. Mas a segunda foi diferente. Naquele instante, a intervenção de Arsenius, que participou ao capitão

da escolta que me tinha encontrado na noite anterior, revestiu-se também de importância.

Levantando o braço com enfado, Pilatos saudou os oficiais e retirou-se. Civilis não tardaria muito a segui-lo. Quando os restantes legionários viram como o seu companheiro caía, vítima do pontapé do terrorista, os flagrum Já não foram os únicos instrumentos de tortura. Com uma raiva pouco habitual, os restantes verdugos, a que se tinham unido outros curiosos, acompanharam as chicotadas com uma infinidade de pontapés que acabaram por fazer cair o revolucionário. Uma vez por terra, as solas cardadas dos romanos incrustaram-se muitas vezes no corpo do condenado e, poucos segundos depois, um fio de sangue correu entre as comissuras dos seus lábios. A chegada dos novos madeiros, um pouco mais curtos que o destinado à Cruz do Nazareno, interrompeu a flagelação. Mas a trégua momentânea foi apenas o prólogo de uma peregrinação angustiosa…

Sob a vigilância atenta de Longino e do seu optio, e sem demonstrarem qualquer cuidado, os soldados puseram os dois troncos de madeira sobre os ombros e últimas vértebras cervicais dos zelotas, ao mesmo tempo que outros legionários obrigavam os prisioneiros a estender os braços, até que as faces dorsais das mãos tocassem na áspera superfície dos madeiros. O revolucionário mais novo continuou de joelhos, enquanto o seu companheiro, semi-inconsciente, era atado ao patibulum na mesma posição em que tinha ficado, estendido e de barriga para baixo.

Nenhum deles teve força bastante para resistir. O que tinha pedido clemência continuou a soluçar lastimosamente, enquanto uma longa e grossa corda lhe imobilizava os pulsos, braços e axilas. Os romanos iniciaram a sujeição do primeiro condenado pela ponta direita do patibulum. Foram depois prendendo os braços até terminar no pulso esquerdo. E dali a corda caiu até ao pé esquerdo do culpado, sendo atada em volta do tornozelo. Com a mesma corda, e uma vez rematada a colocação do primeiro madeiro, os verdugos levantaram o segundo guerrilheiro, repetindo a manobra. Finalmente, os soldados transportando uns quatro metros de soga (os últimos do mesmo braço), dirigiram-se ao Mestre. Docilmente Jesus viu-os chegar, e antes que os legionários o ferissem ou o puxassem pelo cabelo, para que se inclinasse, lançou o corpo para a frente, oferecendo os ombros martirizados. Mas a estatura do Rabi ultrapassava em muito a dos verdugos e a inclinação voluntária do tórax não foi suficiente. Desse modo, um dos soldados, não podendo empurrar a cabeça do Mestre, agarrou-lhe as barbas, puxando por elas até ao chão, e assim o manteve, à espera que os companheiros colocassem o patibulum nos ombros do Rabi.

Dois legionários estenderam os braços de Jesus e outros dois soldados pegaram no madeiro. Levantaram-no pelas pontas e, de repente, encaixaram-no contra a nuca do Galileu. Mas as múltiplas

ramificações da coroa de espinhos eram um obstáculo, o espesso cilindro de madeira não se ajustava com precisão aos músculos trapézios, rolando pelas costas. Cada vez mais embaraçados, por três vezes os romanos golpearam o pescoço de Jesus até que, por fim, em novas dores, foi o Mestre que se inclinou ainda mais facilitando a colocação do patibulum nas omoplatas. A cada uma daquelas tentativas selvagens de colocação do madeiro experimentei uma espécie de chicotada que me percorreu as entranhas. As puas da nuca e da zona occipital cravavam-se um pouco mais a cada esforço, rasgando o couro cabeludo e, possivelmente, enterrando-se no penósteo craniano (película que envolve os ossos). (Os traumatólogos sabem muito bem que tipo de dor produz a perfuração desta película.) A dor intensa e contínua fez com que Jesus gemesse a cada um dos três embates e, em questão de segundos, o cabelo e o pescoço voltaram a brilhar, abundantemente ensangüentados.

Os carrascos estenderam os braços por baixo da zona inferior do tronco e ali os deixaram, atando a corda - da direita para a esquerda - rematando a prisão no tornozelo esquerdo. O peso considerável do patibulum - pelo menos para um homem tão extremamente castigado - levou o corpo do Rabi a inclinar-se perigosamente, obrigando-O a flexionar as pernas. Jesus tentou levantar a cabeça. Os músculos e artérias pareciam ir rebentar por baixo da pele avermelhada do pescoço mas, a cada tentativa de se levantar e vencer o peso do lenho, a nuca embatia na casca rugosa do patibulum e a dor provocada pelos espinhos que entravam sem piedade na cabeça do Rabi, vencia-O, forçando-O a baixar o rosto.

Compreendendo que era inútil todo o esforço para recuperar a posição ereta, o Mestre pareceu resignar-se. A respiração tornara-se novamente agitada e temi que, a qualquer momento, o esforço acabasse em novo desfalecimento. (Logicamente, os evangelistas não refletem, nos seus testemunhos, a dureza daquele instante, pois que nenhum deles assistiu ao carregar do patibulum.)

O enfraquecido organismo de Jesus de Nazaré viu-se subitamente esmagado por um madeiro, deixando os seus músculos na posição em que se encontravam na altura em que lho colocaram nos ombros e nuca. Não houve pré-aquecimento nem possibilidade de os principais feixes musculares poderem reagir convenientemente. Isto, em suma, precipitou as freqüências cardíaca e arterial, disparando-as pela enésima vez. Em questão de três a cinco minutos - desde o momento em que os soldados conseguiram amarrar o tronco aos braços – o coração de Jesus chegou às cento e setenta pulsações por minuto, elevando a tensão arterial máxima a cerca de cento e setenta. Em minha opinião, aquele foi um golpe que consumiu as escassas energias que ainda podiam restar ao Rabi.)

Ao ver o Mestre naquele estado lamentável perguntei-me quanto poderia ainda resistir com o patibulum às costas...

Mas um outro fato ia originar novo e dilacerante sofrimento ao Gigante da Galiléia. Enquanto Arsenius pregava as três tabuletas no fuste de madeira de um dos pilum, outro legionário reparou nas sandálias do Mestre e mostrou-as a Longino que, num gesto de honradez e comiseração, ordenou ao soldado que as calçasse nos pés de Jesus. O soldado acocorou-se na frente do Rabi e, ao obrigá-lo com ambas as mãos a levantar o pé esquerdo, para calçar a sandália, o corpo do Nazareno desequilibrou-se para o lado contrário, provocando aparatosa queda, tão rápida quanto inesperada. Com os braços amarrados, o Galileu não pôde evitar que o patibulum O arrastasse e, depois de bater nas lajes com a ponta direita, foi cair de bruços no pavimento, ficando esmagado debaixo do travessão da Cruz.

Ao ver e ao ouvir o violento embate contra as lajes receei o pior. Quando os soldados correram a levantá-lo observei que, felizmente, o elmo de espinhos atuara como amortecedor, evitando que os ossos do rosto se fraturassem, mas as puas da testa, têmporas e faces tinham perfurado ainda mais a carne, deixando a descoberto nalgumas áreas parte do tecido celular subcutâneo, dando lugar a novas e abundantes hemorragias.

Apesar da violência da queda, o Nazareno não chegou a perder os sentidos. Dois verdugos levantaram o patibulum, escorando-o com os ombros, enquanto o desastrado legionário acabava de calçar Jesus. Uma vez terminada a infeliz operação, os verdugos soltaram o madeiro e o Rabi voltou a suportar-lhe o peso, inclinando-se uma segunda vez. A impossibilidade de inclinar a cabeça para trás diminuía-lhe consideravelmente o campo de visão, limitando-o praticamente ao terreno que pisava. Em vários momentos, enquanto durou aquela curta mas acidentada caminhada para o Calvário, observei como o Mestre se esforçava por elevar o olhar para o alto. Mas, ao enrugar a testa, os espinhos dilaceravam as feridas e a dor intensa obrigava-O a baixar os olhos. Pela hora sexta, Longino deu ordem de marcha. A escolta fora aumentada com outros legionários, todos eles fortemente armados. Oito postaram-se de ambos os lados dos prisioneiros e os restantes, de um total de doze, distribuíram-se entre a vanguarda da comitiva, imediatamente atrás do centurião e do seu lugar-tenente e a retaguarda. A cada condenado, portanto, fora atribuído um contingente de quatro soldados, expressamente encarregados da sua vigilância e posterior crucificação. Um destes soldados transportava ainda um ensebado saco de couro pendurado de um pau terminado em forma de forca e que logo pôs ao ombro. Fechavam o cortejo dois romanos que carregavam uma escada de mão com cinco metros, aproximadamente.

Quatro dos soldados postados à direita e à esquerda dos zelotas desenrolaram os látegos, recomeçando a flagelação dos infelizes, tal como tinham por costume antes da execução. Entre gemidos e com o

corpo sangrando, os dois primeiros condenados começaram a andar, cambaleando com o peso dos troncos. Cumprindo rígidas normas de segurança, os três prisioneiros, tinham sido atados pelos artelhos a uma mesma corda. Deste modo, qualquer possível tentativa de fuga era extremamente problemática. Ao pôr-se em marcha, o condenado que vinha no meio deu um esticão à corda, obrigando o Nazareno - que ocupava o terceiro e último lugar - a acompanhá-lo. As oscilações do lenho que o Rabi carregava e os seus passos vacilantes, inseguros, com o arrastar penoso da perna esquerda, fizeram-nos recear a todos uma nova e imediata queda e, o que era muito pior, uma possível parada cardíaca. E digo a todos porque, desde o princípio, os quatro legionários que comigo fechavam a escolta trocaram alguns olhares de preocupação, confirmando com movimentos de cabeça significativos que Aquele prisioneiro não estava em condições de chegar ao Gólgota. Mas, ninguém disse nada. Os condenados percorreram os primeiros vinte e cinco metros e o pelotão entrou no túnel abobadado da porta ocidental, aquela por onde eu entrara em Antonia na companhia do José de Arimatéia. Ali, infelizmente, se deu um novo problema...

Algumas sentinelas tinham assomado por curiosidade à porta do corpo da guarda, assistindo entre risos, à passagem dos condenados. Quando o guerrilheiro que caminhava no meio chegou à altura dos guardas, aproveitando-se do fato de os legionários terem interrompido as chicotadas por causa da penumbra e da estreiteza da passagem, o tal Gistas voltou-se para a esquerda, cuspindo no romano mais próximo. E antes que os seus verdugos pudessem pôr-lhe as mãos em cima, arremeteu com a extremidade do patibulum contra o legionário que marchava à sua direita, apontando-lhe o tronco para o rosto. O soldado caiu para trás, indo contra Jesus. Ambos rolaram no escuro e úmido empedrado do túnel. Nesta altura, o choque fez com que o Galileu caísse de costas. O tumulto foi indescritível. Vários membros do corpo da guarda e alguns dos romanos da escolta, enraivecidos contra o guerrilheiro, enterraram-lhe as hastas das lanças no ventre, costelas e boca do provocador, até o fazerem cair de joelhos.

Longino e Arsenius correram imediatamente ao centro da passagem, tentando restabelecer a ordem. Outros soldados ajudavam o companheiro que fora ferido com o madeiro. Uma das arestas rasgara-lhe o pômulo esquerdo, originando forte hemorragia. O centurião examinou a ferida, ordenando que fosse rendido imediatamente. O seu lugar foi ocupado por uma das sentinelas. Entretanto, Jesus continuava imóvel, de rosto para cima e impotente para se levantar. Os espinhos tinham voltado a ferir-lhe a nuca e o Mestre, com uma contração de dor, tentava levantar a cabeça, evitando assim o contato com a madeira. Alguns dos legionários que empunhavam os flagrum, cegos de fúria, lançaram-se também contra o Rabi e começaram a feri-Lo, insultando e exigindo que se levantasse, exigências tão inúteis quanto absurdas. Naquela posição, ninguém poderia erguer o tronco pelos seus próprios

meios. Numa tentativa desesperada para obedecer, o Nazareno tentou dobrar as pernas, retesando os músculos. Mas, segundos depois, vencido e exausto, desistiu. Antes que a lógica e bom senso se impusessem entre a soldadesca confusa, um dos romanos inclinou-se para o Mestre e, agarrando-O pela barba, começou a puxar por ele, gritando um chorrilho de imprecações e blasfêmias. A raiva do verdugo era tal que, num daqueles selvagens puxões, os dedos crispados do legionário se soltaram do rosto de Jesus levando com ela uma mecha de pêlos. Com aquele pedaço de barba, o soldado arrancou também parte da epiderme e do cório ou camada interna da pele, deixando a descoberto - entre borbotões de sangue - as faixas fibrosas do músculo quadrado (na zona direita). Com um forte queixume, o Galileu deixou cair a cabeça sobre o patibulum, invadido pela dor insuportável,que vinha do dilaceramento de um sem-número de papilas nervosas. (É importante anotar que, entre os minúsculos órgãos violentamente arrancados se encontravam os conhecidos como intérpretes da sensibilidade dolorosa, alguns receptores específicos para a dor e que se ramificam em terminações nervosas livres, que se multiplicam nos interstícios do epitélio cutâneo.) A surpresa e o susto da sentinela foi tal que não voltou a agredir Jesus. O optio, com mais sensatez que os seus homens, ordenou que O levantassem, e a comitiva continuou a sua marcha, com dois revolucionários massacrados a chicotadas e pancadas e com um Jesus de Nazaré irreconhecível, consumido pela febre e pela fraqueza galopante. Ao pisar a cobertura metálica da ponte levadiça, o Sol, quase no zênite, iluminou plenamente figura do Mestre. As quedas tinham aberto algumas das suas feridas, empapando novamente a túnica, que perdera a cor original. Vários fios de sangue corriam incessantemente pelos tendões de Aquiles, encharcando as sandálias. Arrastando os pés, o Mestre foi-se aproximando do parapeito exterior da Torre Antonia. A Sua respiração era cada vez mais ofegante e a cabeça e o tronco iam-se inclinando centímetro a centímetro.

Na abertura do muro, quando já tínhamos percorrido mais de quarenta e cinco metros a partir do centro do pátio com pórtico, o pelotão parou novamente. A passagem muito apertada obrigou os legionários a inclinar os troncos dos condenados, de moda a poderem atravessar o recinto exterior do quartel general.

A partir dali, as coisas podiam complicar-se e os soldados cerraram fileiras, guardando uma distância mínima entre si e os condenados. Longino fez um sinal ao lugar-tenente e este pôs-se à frente da comitiva, arvorando com ambas as mãos o pilum, onde tinham sido presas as três tabuletas com os nomes e os crimes dos que eram levados ao patíbulo. Mal deixamos a fortaleza, fomos surpreendidos por um vento em rajadas, muito mais forte do que aquele que notara durante os debates de Pôncio Pilatos no terraço do pretório. O vento leste, vinha carregado de pó e de areia. Intrigado com o súbito agravamento do tempo, premi a ligação auditiva e perguntei a Eliseu que notícias tinha quanto à

anunciada instabilidade das altas camadas da atmosfera, nas proximidades da fronteira do atual Iraque com a Arábia Saudita. O meu companheiro - que eu praticamente abandonara havia horas - censurou-me o silêncio, embora compreendesse que as circunstâncias não tinham sido ótimas para o manter informado. Imediatamente começou a explicar-me que a turbulência se convertera num haboob(1), ou tempestade com vento violento, alimentado pelo contato entre uma corrente em jorro e outro sistema de pressão barométrica distinto. A tempestade fora aumentando, especialmente na periferia ocidental da depressão bárica, localizada, como disse, a sul do Iraque. Os sistemas eletrônicos do berço tinham detectado correntes cônicas de partículas suspensas no ar, movendo-se em direção noroeste, e em frentes que oscilavam à volta dos cem quilômetros. As faixas deste haboob tinham-se enroscado e alargado, até atingirem os quinhentos quilômetros levantando à sua passagem gigantescas nuvens de areia, provenientes dos desertos arábicos de Nafud e Dahna. Segundo os detectores do módulo, as rajadas atingiam vinte e cinco e trinta nós por hora. Contrariamente àquilo que Eliseu calculava, a chegada da tormenta elevara a umidade relativa, avaliando-se também uma ligeira baixa da temperatura.

- A visibilidade dentro do turbilhão de pó - acrescentou o meu irmão - foi calculada por Papai Noel nuns trezentos metros. Tempo previsto para que o lóbulo central do haboob varra a cidade... entre trinta e quarenta e cinco minutos a partir deste mesmo instante.

Aquilo significava que se a comitiva conseguisse alcançar o local da crucifixão antes da chegada da tempestade à zona de Jerusalém, as trevas - provocadas pelos bancos de areia em suspensão - cairiam sobre nós durante a execução. Quem podia imaginar naquele instante que as famosas trevas descritas
pelos evangelistas pouco tinham a ver com o obscurecimento do Sol pela areia...

A curta distância do parapeito de pedra que rodeava aquela zona da Torre Antonia um grupo de judeus esperava (calculei uns duzentos), entre os quais se encontravam uns quantos saduceus - os mesmos que tinham assistido à condenação de Jesus no Pretório - e, naturalmente, José de Arimatéia, na companhia de outro jovem emissário de David Zebedeu. Este acabava de comunicar ao ancião que Maria, a mãe do Mestre, e outros familiares vinham a caminho de Jerusalém e que, provavelmente, se encontrariam com João no caminho de Betânia.

Segundo José de Arimatéia, Caifás e os outros membros do Sinédrio tinham-se dirigido ao Templo, dispostos a dar notícia dos acontecimentos daquela manhã e da morte iminente do Rabi da Galiléia. Mas a preocupação de José não era a sorte do Mestre. Ele sabia que a sentença do procurador era inapelável e que só os poderes divinos de Jesus O poderiam libertar da morte certa. Os pensamentos do ancião dirigiam-se para outro problema. Uma vez conseguida a sentença contra

o Galileu, os sacerdotes saíram da fortaleza, discutindo e preparando a sua próxima ação, a prisão e aniquilamento dos discípulos de Jesus. José avisara o correio sobre tal manobra e insistiu para que fosse a Getsémani e pusesse de sobreaviso David e quantos adeptos e amigos pudesse localizar. Assim fez. Eu atrevi-me a insinuar-lhe que a sua presença perto do sumo sacerdote e dos saduceus podia ser muito mais útil que naquele trágico cortejo e José, sem poder conter as lágrimas assentiu com a cabeça, enquanto observava Atônito o rosto ensangüentado do Nazareno e o seu corpo cada vez mais esgotado e vergado ao peso do tronco.

* Em meteorologia, chama-se haboob a uma tempestade de pci que se forma nos desertos durante um período de instabilidade convectiva. O termo haboob deriva de um outro árabe, que significa vento violento,. São notáveis e famosos os haboobs do Sudão , com velocidades que chegam aos oitenta e cinco quilômetros por hora. (N. do M.)

Ao lerem o INRI de Jesus os dirigentes judeus saíram ao caminho do optio e do pelotão e, furiosamente protestaram contra a inscrição. Longino tentou serenar os ânimos exaltados dos hebreus, fazendo-lhes ver que as tabuletas tinham sido escritas pelo punho e com a letra do próprio procurador.

Foi inútil. Os saduceus exigiram que o centurião mudasse o texto, retirando a expressão rei dos Judeus. A tensão chegou ao máximo quando alguns deles se puseram a atirar pedradas aos soldados. Vários legionários avançaram, defendendo Longino e o optio com os escudos. Sem perder a calma, o centurião afastou o soldado que o protegia e erguendo a voz, ordenou ao grupo que dispersasse. Depois, apontando a terceira tabuleta – a correspondente a Jesus Nazareno -, lembrou aos homens do Sinédrio que, se desejavam alterar a inscrição, voltassem a Antonia e discutissem o assunto com Pilatos. As palavras de Longino apaziguaram a cólera dos judeus e três juízes retiraram-se apressadamente em direção ao Pretório, dispostos a negociar o que consideravam um insulto ao seu nacionalismo. (Eu não voltaria a ver Pilatos naquela primeira grande viagem. No entanto - e antecipando acontecimentos -, posso dizer que, na nossa segunda aventura, Civilis me relatou o novo encontro com os desprezíveis sacerdotes, congratulando-se com a atitude de Pilatos. O governador foi inflexível, lembrando aos hebreus de que Jesus se proclamara rei dos Judeus fora um dos motivos da sua condenação. Segundo parece, quando os saduceus se convenceram da dura e intransigente posição do romano, sugeriram-lhe que, pelo menos, trocasse o dístico por outro: Disse: sou o Rei dos Judeus. A resposta de Pilatos foi a idêntica às anteriores: O que escrevi, escrito está por mim. E a representação do Sinédrio não teve outra solução que não fosse retirar-se, mas antes ameaçou o governador com uma infinidade de maldições e castigos divinos...)

Encerrado o incidente, o centurião deu ordem para continuar. Desembainhou a espada e, sem hesitação, abriu passagem entre a turba. As centenas de fanáticos, na sua maiorias pessoas sem ocupação, comprada pelo Sinédrio ou, simplesmente, doentiamente sedenta de sangue, recuaram imediatamente, abrindo um corredor por onde desfilou o pelotão com os condenados. Por mais que olhasse não pude descobrir um só dos amigos ou discípulos de Jesus.

Quanto à multidão que gritara pela libertação de Barrabás e pela crucifixão do Galileu, onde estava? Aqueles hebreus constituíam uma ínfima parte dos dois ou três mil que se tinham juntado minutos antes, diante da escadaria da residência do procurador.

Este súbito desinteresse pelo final do odiado rei dos Judeus confirmou a minha hipótese. A imensa maioria dos judeus que nessa manhã subiu até ao Pretório só tinha uma intenção: solicitar a tradicional libertação de um preso. No fundo, pouco lhes importava em quem recaísse a graça. Se os juízes tivessem clamado pela liberdade de Jesus, aquelas pessoas, provavelmente, teria feito coro pelo nome do Nazareno. Uma vez satisfeita a sua curiosidade, os milhares de peregrinos e habitantes de Jerusalém retiraram-se, esquecendo-se praticamente do condenado. Mas tropeçar naqueles duzentos covardes algum efeito teve, Longino, homem de grande experiência, pensou sem dúvida que a passagem dos zelotas e do rei pelas ruas da cidade alta de Jerusalém podia originar complicações para si e para os seus homens. Com sensatez alterou o caminho que tradicionalmente era seguido por aquele tipo de desfiles. Em geral, os justiçados eram levados pelas vielas da cidade, para que assim se desse exemplo ao povo.

Nesta ocasião, insisto, o centurião decidiu-se por um caminho muito mais curto. Tenho pena de desiludir quantos acreditaram e acreditam numa via dolorosa pelas estreitas ruas do Bairro Alto de Jerusalém. Nada disso. O centurião e os soldados desviaram-se para norte, entrando pelo caminho poeirento que conduzia a Cesaréia e que percorria quase paralelamente o vale do Tyropeon. (Hoje, essa mesma via atravessa - um pouco mais a norte - a Porta de Damasco, na muralha setentrional.) Os primeiros a ficarem surpreendidos por esta mudança de itinerário foram os hebreus que tinham arremessado pedras contra a escolta romana. Dali a pouco, encabeçados pelos saduceus, começaram a seguir Longino e os legionários. Suponho que a inesperada alteração do caminho tradicional, lhes
acendeu ainda mais, a curiosidade.

De acordo com os meus cálculos, Jesus caminhara cem metros desde o pátio da Torre Antonia, quando o centurião, de repente, abandonou a calçada, virando à esquerda e iniciando a descida pela quebrada do Tíropéon, em direção a uma das esquinas da muralha norte da cidade. Naquela zona exterior de Jerusalém o vento levantava grandes massas de poeira e de terra, dificultando o penoso caminhar do

Mestre e dos bandidos. Estes tinham voltado a ser açoitados, embora aquele declive e a irregularidade do terreno impedissem a precisão dos golpes dos verdugos.

Foi precisamente ao descer pela curta ladeira, cheia de cardos e de abrolhos espinhosos, que o corpo destroçado do Nazareno perdeu novamente o equilíbrio, caindo por terra entre uma nuvem de pó. Desta vez, Jesus conseguiu apoiar-se nos joelhos, que foram bater em pedras. A terceira queda do Prisioneiro obrigou a comitiva a parar. Dois dos verdugos recuaram e, às chicotadas, tentaram obrigar o Mestre a levantar-se. De boca aberta, resfolegando e a meio de uma nova elevação do ritmo cardíaco, o Gigante - que tinha ficado de joelhos - conseguiu por fim firmar-se na perna direita. Mas a esquerda, destroçada pelo flagrum, não correspondeu. O Filho do Homem apertou os dentes com todas as forças. Os músculos do pescoço tornaram a ficar tensos dando-se uma perigosa contração do esterno. Os olhos fechados refletiam o firme desejo de vencer o peso do madeiro, mas o esgotamento, a sede e a cada vez mais preocupante baixa da volemia (naquele momento era muito possível que o Rabi tivesse perdido dois litros de sangue), puderam mais que Sua vontade e, apesar das chicotadas, o corpo do condenado, longe de se recompor, foi-se inclinando mais e mais, até a barba tocar no joelho direito. Naquele momento crítico a voz do centurião deteve os legionários. E o próprio Longino, ajudado por mais dois soldados, se encarregou de levantar o patibulum, aliviando assim a recuperação do Prisioneiro. Uma vez de pé a comitiva continuou a descida até chegar ao fundo do vale. A partir dali e até ao Gólgota, o caminho foi muito mais dramático. Segundo os meus cálculos, a depressão do Tiropéon encontrava-se na cota 745. Tínhamos descido cinco metros (a cota da Fortaleza Antonia e da Pista de Cesaréia era de Setecentos e cinqüenta metros) e o Calvário encontrava-se a 755 metros de altitude sobre o nível do mar, o que significava, a partir daquele instante, um caminho em constante declive... Mas, para surpresa minha, o Nazareno conseguiu descer a rampa com menor dificuldade do que eu imaginava. Cambaleando e respirando pela boca, conseguiu vencer outra centena de metros. Aquilo somava cerca de duzentos e cinqüenta metros desde a nossa saída de Antonia.

Porém, enganava-me. A triste realidade não tardou em se impor. De repente Jesus parou. O lenho oscilou nervosamente para um e outro lado e o Nazareno caiu de joelhos, sacudido por convulsões mais intensas. Desta vez, felizmente para Ele, a comitiva apenas se deteve uns segundos. O Rabi prosseguiu o avanço, arrastando os joelhos pela ladeira áspera. Não pude evitar um sentimento de admiração. Aquele homem, no declive da Sua vida, era capaz de continuar - fosse como fosse - o caminho para o fim... Longino tinha escolhido o perímetro externo da muralha norte, evitando assim as concorridas ruas de Jerusalém e, ao mesmo tempo, encurtando o caminho. Apesar disso, o

esgotamento físico e penso que mental, de Jesus estava a beirar novamente o estado de choque.

As pontas dos dedos tinham começado a tingir-se de um tom violáceo, sinal inequívoco de má circulação nas extremidades superiores conseqüência do agarrotamento prolongado. Embora fosse difícil verificá-lo naqueles angustiantes momentos, era mais que certo que os braços e os ombros estavam a iniciar um processo de tetanização, juntando assim uma nova e pungente dor, conseqüência da progressiva cristalização dos cristais microscópicos de ácido lático dos músculos. (O processo de tetanização seria um dos mais duros suplícios que o Mestre teria de enfrentar durante os primeiros minutos da crucifixão.) Com a cabeça e o tronco flexionados, o Galileu foi ganhando cada palmo de terreno, envolto numa vaga de poeira e levantando as pequenas colunas de pó à medida que arrastava os joelhos. O sangue que lhe empapava a túnica foi-se enchendo de terra, bem como o cabelo, barba e rosto. A respiração era cada vez mais rápida e, quando tinha ganhado mais cinqüenta metros, um suor frio banhou-lhe as têmporas e o pescoço. Jesus avançava com movimentos muito bruscos, quase aos sacões em típica marcha espástica, conseqüência da rigidez muscular. De súbito, vi-o levantar o rosto por duas vezes, procurando inspirar e, sem que ninguém pudesse evitá-lo tombou, ficando estendido na terra. Os soldados não hesitaram, e antes que o centurião tivesse tempo de intervir atacaram a pontapé o corpo inerme do Nazareno. As catorze cardas em forma de S das solas foram abrindo novas feridas nas pernas e, suponho, em quase todos os pontos que atingiam: rins, costelas e costas. O pé esquerdo ficara voltado para a direita e um dos furiosos verdugos pisou-o por duas vezes.

À segunda patada, a unha do dedo grande soltou-se por completo. Quando faltavam poucos metros para vencer o declive, as forças tinham abandonado de vez o Condenado. A chegada de Longino pôs termo ao espancamento inútil. E digo inútil porque o Mestre desmaiara. O oficial, que estava informado da dura intervenção dos legionários na flagelação, censurou aos soldados aquele absurdo comportamento. Baixou-se e colocando os dedos na artéria carótida mediu a pulsação.

- Ainda vive - exclamou, aliviado.

Os quatro legionários que o tinham à sua guarda levantaram então o patibulum. Mas Jesus ficou materialmente suspenso do lenho, com a cabeça pendente para o peito. Um dos soldados sugeriu ao centurião que soltassem o tronco. Longino dirigiu o olhar para o horizonte poeirento e ao ver que estava muito perto da porta de Efraim, recusou a idéia, ordenando que transportassem o condenado e o patibulum até junto da muralha.

Assim se fez. Sem se deter em contemplações de tipo algum, o pelotão recomeçou a marcha em direção à referida entrada noroeste da cidade. Dois dos verdugos apoiaram as extremidades do madeiro nos ombros, carregando assim com o corpo desmaiado do Prisioneiro.

Durante estes novos oitenta ou cem metros os pés de Jesus foram arrastados sem piedade pelo mato e pequenas formações rochosas, ulcerando mais ainda os tecidos. Uma vez junto da muralha, ao pé da referida porta e do atalho que da esquina seguia para Jaffa, os soldados sentaram o Mestre, encostando-o aos blocos do muro alto. Enquanto dois lhe amparavam o tronco, outro soltou a corda, desatando Jesus. Os braços, exânimes, tombaram contra os flancos, e o mesmo aconteceu com a cabeça, que ficou inclinada para o tórax. Os verdugos que tinham açoitado os zelotas aproveitaram aquele descanso para se sentarem à beira do caminho, enquanto os
guerrilheiros, exaustos, igualmente se deixavam cair.

Não tardou a aparecer um bando de curiosos. Mas, ao ver que o pelotão estava parado, conservou-se a prudente distância, suspensa de todos e de cada um dos movimentos dos romanos. A passagem de caminhantes pela calçada era muito freqüente. Estávamos muito perto da tradicional celebração da ceia pascal e os peregrinos apressavam o passo, tocando as cavalgaduras, e os rebanhos de ovelhas. Muitos paravam por baixo do arco da Porta de Efraim, surpreendidos com o aspecto daqueles homens ensangüentados, meio nus, esmagados pelo peso dos troncos. Mas a tempestade de pó e de areia continuava a aumentar e depois de deitar uma olhadela, a maior parte dos curiosos logo se retirava. Parece-me que bem poucos chegaram a reconhecer o Nazareno.

O centurião e o seu lugar-tenente voltaram a observar Jesus. Ambos se mostravam seriamente preocupados. Não queriam de modo algum que o condenado perdesse a vida durante o percurso, o que só ia complicar as coisas. A pedido de Longino, o legionário que trazia o saco de couro retirou dele um cântaro de barro envolto numa rede entrançada à base de cordas e, protegendo-o do pó com o próprio corpo, encheu um púcaro de metal, de um tom esverdeado, com um líquido incolor. O centurião aproximou o recipiente dos lábios de Jesus que, ao contato com o que em princípio identificou como água, reagiu favoravelmente. Vi então como tinha os lábios gretados, com as características manchas amareladas nos bordos, próprias da desidratação. Lentamente, o Galileu foi engolindo a beberagem.

Ao terminar a boca ficou entreaberta, com o corpo a tremer de febre e a conseqüente sensação de frio. Então, ao reparar na sua boca, verifiquei com espanto que a bela dentadura do Rabi parecia estar partida. Acocorei-me, ao lado de Longino e tocando-lhe no lábio inferior com os dedos descobri a dentadura. Um dos incisivos superiores tinha desaparecido e outro estava reduzido apenas a uma parte da coroa, o que só podia ter acontecido nalguma das quatro quedas. Em minha opinião, na primeira ou na quarta e última.

Ao notar a suave pressão de dedos, baixando-lhe o lábio Jesus abriu os olhos como pôde. O esquerdo estava praticamente fechado pelos hematomas e o rasgão na sobrancelha. O meu olhar deve ter sido

tão intenso e compassivo que adivinhei uma centelha de gratidão naquela pupila. A hipotonia ou brandura do globo ocular era tão evidente que imediatamente tive a certeza da gravíssima desidratação de que padecia.

A temperatura do lábio era muito alta e sem poder remediar, comentei com o oficial o estado delicado de Jesus. Longino levantou-se e com um gesto de preocupação dirigiu-se para o caminho pondo-se a observar os passantes. De início estranhei aquela atitude do capitão da escolta, mas compreendi depois a razão por que se afastara do pelotão.

Enquanto observava como o Galileu ia recuperando alento um grupo de vinte ou trinta mulheres apareceu debaixo do Arco de Efraim. Vinham, sem dúvida alguma, ao encontro do Mestre porque, ao descobrirem-No ao pé da muralha, pararam. Avançaram timidamente e, quando se encontravam a três metros, um dos legionários cortou-lhes a passagem com a lança. Pus-me de pé e procurei com ansiedade a mãe do Mestre, mas depressa compreendi que a tentativa de identificação era ridícula. Eu não conhecia Maria. As mulheres começaram a chorar. Foram lágrimas amargas e silenciosas. Então o Galileu virou a cabeça e, ao contemplar o grupo de judias, inspirou profundamente. Depois, para surpresa geral, exclamou com voz rouca:

- Filhas de Jerusalém!... Não choreis por Mim. Chorai antes por vós e pelos vossos...

O vento agitava os mantos das hebréias, que não paravam de soluçar. E Jesus, após uma breve pausa, acrescentou:

- A Minha missão está quase cumprida. Bem depressa Me juntarei a Meu Pai... mas a época de terríveis males para Jerusalém não fez mais que começar...

Os calafrios agravaram-se e, fazendo um último esforço, concluiu:

- Vereis chegar dias em que direis: Benditas as estéreis e aquelas cujos seios não amamentaram os filhos... Nesses dias pedireis às rochas que caiam sobre vós para vos libertarem do terror das vossas atribulações.

Aquelas mulheres tinham sido valentes. Muito mais que os discípulos e amigos do Mestre. Com exceção de João Zebedeu, de José de Arimatéia e do jovem João Marcos - que encontraria poucos minutos depois - os outros não tiveram a coragem bastante para acompanhar o Mestre, nem sequer de longe. No meio da perturbação, o Nazareno percebeu isso e talvez por essa razão tenha dirigido aquelas quentes palavras ao pequeno grupo de simpatizantes. Empunhando o pilum com ambas as mãos, o soldado obrigou as judias a recuar. Mas uma delas, em vez de obedecer, avançou até ao soldado,mostrando-lhe uma moeda.

Depois murmurou qualquer coisa ao ouvido do verdugo. Este aceitou o dinheiro e depois de ver o que a mulher fechava na mão deixou-a passar. A hebréia, que eu tinha visto nas tarefas domésticas do acampamento de Getsémani, correu para o Rabi e, caindo de joelhos

estendeu a mão esquerda, depositando qualquer coisa nos lábios do Nazareno. Eram passas! Passas de Corinto! Um dos frutos preferidos de Jesus...

A boa mulher ainda conseguiu meter três passas na boca do Mestre. Não teve tempo para mais. O mesmo legionário que a deixara passar, uma vez afastado o grupo, voltou atrás, obrigando a hebréia a sair dali. Comovido com aquele último gesto de amor pelo Filho do Homem não vi chegar Longino. Junto dele encontrava-se um homem corpulento, de uns cinqüenta anos e de pele branca, embora ligeiramente acobreado. Trazia um turbante e o vestuário distinguia-o do comum dos hebreus por umas calças de tom esverdeado brilhante, muito folgadas em cima mas apertadas a meio da perna.

Pelo que pude apreciar, só falava grego e com evidente dificuldade. A uma ordem do centurião carregou o patibulum de Jesus e os legionários levantaram-se, recomeçando as chicotadas às costas dos zelotas. O optio voltou à vanguarda do pelotão enquanto Longino dizia a dois dos seus homens que cuidassem do terceiro condenado. Os soldados puseram os escudos em bandoleira e soergueram o Galileu pelas axilas. A comitiva dividiu-se então em duas partes. Em primeiro lugar, os rebeldes, com Arsenius a abrir o cortejo. Atrás, a uns cinco ou dez metros, mais quatro verdugos, dois deles amparando o Rabi. Imediatamente, cerrando o pelotão, o chamado Simão, natural de Cerne, país que se situava no Norte de África, entre o Egito e a Tripolitânia. Durante o tempo em que Cristo esteve suspenso na Cruz, tive oportunidade de trocar algumas palavras com o cireneu, escolhido pelo centurião pela sua força física. Segundo me contou, Longino escolhera-o quando, na companhia de outros amigos e peregrinos, como ele de Cirene, se dirigia pela estrada de Jaffa, do acampamento que lhes servia de refúgio temporário para o Templo. Como judeu, tinha intenção de assistir aos ofícios rituais daquela sexta-feira.

Mas as suas intenções viram-se impedidas pelo chamamento inesperado do oficial romano.

Não vinha, portanto, de nenhuma herdade, como explicaram numerosos comentários bíblicos. Aquele Simão, como muitos outros peregrinos, viera para a festa da Páscoa e, por não dispor de melhor albergue, montara a sua tenda muito perto das muralhas. Daí vem o erro de Marcos (15,21) quando afirma que voltava do campo. Como era natural, naquele tempo, Simão de Cirene praticamente não conhecia Jesus. Alguma coisa tinha ouvido, sim, sobre os Seus prodígios e curas, mas, pelo menos naqueles históricos momentos, a tragédia do Filho do Homem em nada o afetou. Cumpriu o que lhe tinham ordenado, permanecendo depois durante algum tempo perto das cruzes por pura curiosidade. Anos mais tarde, no entanto, tanto ele como seus filhos Alexandre e Rufo se converteriam em eficazes pregadores do Evangelho no Norte de África.

Envoltos na sibilante tempestade de areia, os soldados atravessaram o caminho, dispostos a percorrer os últimos metros que nos separavam do local da execução. Os homens que ajudavam o Nazareno tinham passado os Seus braços por cima dos ombros, agarrando-O pela cintura e pelos pulsos. E assim, incapaz de andar, arqueando a perna direita com dificuldade e com a esquerda inutilizada Aquele destroço humano foi socorrido e transportado até ao Gólgota. De acordo com os meus cálculos a via dolorosa - nunca melhor utilizado foi o adjetivo - tivera um total aproximado de quatrocentos e oitenta metros.

Eram doze horas e trinta minutos de sexta-feira, 7 de Abril. Meio cego pelas partículas de pó e de terra, por pouco não tropecei nas rochas calcárias que se amontoavam por aquelas paragens a noroeste da cidade. Sem saber encontrava-me ao pé do Rás ou Cabeço também conhecido por Calvário e Gólgota.

Embora a visibilidade ainda fosse aceitável, os turbilhões de areia dificultaram a minha primeira exploração daquele local.

Só depois do falecimento do Nazareno - uma vez serenada a tormenta e livre o Sol do singular fenômeno que se registraria passadas as treze horas e trinta - pude analisar com certo sossego o ponto onde realmente me encontrava. O centurião e os seus homens conheciam bem aquele cerro rochoso - pois de tal se tratava na realidade - e apressaram-se em alcançar o cume. O primeiro e maior dos penhascos (posto que a formação abrangesse duas moles contínuas) tinha uma altura máxima de sets ou sete metros, tomando como referência o nível do caminho que quase tocava as bases de ambos os promontórios.

* O termo Gulgultha é a forma aramaica do hebreu Gulgoleth, que quer dizer crânio,. Por eliminação de um dos l, aparece a palavra grega Golgotha e a siríaca Gugultha. A versão latina lê-se Calvarium. De onde a denominação final de Calvário. (N. do M.)

Enquanto subia pelas crostas de calcário corroídas, o que em primeiro lugar me chamou a atenção foi a paupérrima vegetação existente no local e o arredondado do cerro. Era muito provável que a nudez da rocha - observada de certa distância - desse asas à imaginação dos habitantes de Jerusalém, que tinham posto o nome de crânio(1) àquele penhasco. O lugar, como era natural, tornara-se ideal para este tipo de execuções públicas. Elevava-se a uma centena de metros da porta ocidental de Efraim mesmo ao pé do concorrido caminho para Jafa. Se realmente se pretendia impressionar os habitantes e peregrinos da Cidade Santa, aquele era um ponto de notável interesse.

No que concerne às dimensões do Gólgota ou Cabeço (e faço referência a esta denominação - Rás - porque se trata da última explicação oferecida pelo prestigiado arqueólogo Vicent, baseado no que pude ouvir de um velho habitante do bairro do atual Santo Sepulcro), o

cabeço mais volumoso sobre o qual se iriam dar as crucifixões, penso que teria entre vinte e trinta metros de diâmetro na base, com uma coroa ou cume arredondado de doze a quinze metros, aproximadamente.

Quanto ao penhasco situado logo a seguir, e para norte, as suas dimensões eram sensivelmente menores. Aquele iria ser, enfim, o cenário de toda uma série de trágicos e desconcertantes acontecimentos.

Como descrever aquele lugar e aquele momento? Como transmitir a imensa solidão de Jesus de Nazaré ao pisar a calva pedregosa do Gólgota? Hoje, ao defrontar-me com esta parte do meu diário, estive prestes a abandoná-lo. Também a mim me faltam forças, abalado pelas recordações. E se voltei à narrativa desta primeira grande viagem foi pelo respeito à promessa feita ao meu irmão Eliseu... Espero que aqueles que leiam este testemunho saibam perdoar a pobreza da minha linguagem.

* Das diversas interpretações que eu tinha estudado acerca deste lugar durante o meu treino para a missão Cavalo de Tróia, só que associava a forma de penhasco com a palavra crânio me parecia a mais verossímil. E não estava enganado. Para alguns, entre os quais se encontrava São Jerônimo, o Gólgota tinha este nome por ser o local onde eram justiçados e sepultados os criminosos. Crasso erro, já que os Judeus tinham por costume enterrar os executados numa fossa comum ou, até, lançá-los para os barrancos de Geena ou Hinnom, ao sul de Jerusalém, onde eram devorados pelos cães, ratazanas e outros animais. Uma segunda teoria - mais peregrina que a anterior alude a uma velha lenda, segundo a qual aquele promontório foi assim denominado porque numa caverna inferior se encontrava o crânio de Adão. Assim o acreditaram, por exemplo, personalidades tão importantes como Orígenes, Santo Atanásio, Santo Ambrósio, Santa Paula, etc. Neste sentido, uma vidente chamada Ana Emmerich chegou a escrever o seguinte na sua obra A Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo:

Quanto à origem do nome Calvário, eis o que sei. A montanha que tem esse nome, apareceu-me no tempo do profeta Eliseu. Não era então como no tempo de Jesus, era uma elevação com muitas muralhas e grutas que pareciam sepulcros. Vi o profeta Eliseu descer aquelas grutas (não sei se o fez realmente ou se era simplesmente uma visão). Vi-o tirar um crânio de um sepulcro de pedra, onde repousavam ossos. Alguém que estava a seu lado, creio que era um anjo, disse-lhe: É o crânio de Adão . O profeta quis levá-lo, mas quem estava com ele não o permitiu.

Vi sobre o crânio alguns cabelos louros dispersos. Soube também que o profeta, tendo contado o que lhe acontecera, originou que o local recebesse o nome de Calvário. Enfim, vi a Cruz de Jesus, assente verticalmente sobre o crânio de Adão. Com toda a minha consideração

pela citada vidente, as suas informações não concordam com os estudos arqueológicos nem com a própria natureza da humilde rocha. (N. do M.)

A ascensão até à plataforma arredondada que coroava o penhasco - o qual, creio ter dito, ter doze a quinze metros de diâmetro - foi muito breve. Os soldados meteram-se por uma espécie de canal situado no lado oriental e que, na realidade, mais não era que uma fenda natural, conseqüência de alguma racha remota da enorme massa pétrea. Bastaram vinte passos para chegar à zona superior, que não me decido a chamar cume.

Ao pisar o local, o meu espírito ficou oprimido. As rajadas de vento não assobiavam, antes uivavam, entre meia-dúzia de postes altos, enterrados firmemente nas fendas da rocha. Eram os estipes, palus ou staticulum, como eram chamados os madeiros verticais das cruzes! Foi medo o que senti ao ver aqueles troncos rugosos? Agora, à distância, penso que teve de ser uma mistura de terror e de decepção. Terror, pelo seu perfil negro e pontiagudo, e decepção porque influenciado talvez pelas inúmeras tradições e imagens sobre a Cruz bíblica, por excelência, em mim se formara uma imagem muito diferente daquela que tinha diante dos olhos. Aquilo nada tinha a ver com as majestosas, polidas e trabalhadas cruzes que foram e são representadas nas igrejas ou por quase todos os mestres universais da pintura e da escultura. Na minha frente, quase no centro do dorso convexo do Gólgota, só havia seis árvores mutiladas, nuas,mostrando aqui e além as cicatrizes circulares e esbranquiçadas, onde, em tempos, tinham florescido outras tantas ramadas. Conservavam ainda a casca cinzenta e áspera própria das coníferas, ainda com resina que escorrera em fios por entre fendas da casca e se solidificara.

Quase todos apresentavam na parte inferior uma infinidade de marcas que permitiam ver a face sólida da madeira. Porém, naqueles instantes não soube adivinhar a que eram devidas.

Nas extremidades, os estipes - cujas alturas oscilavam entre os três e os quatro metros -, afiados muito toscamente. Como se os responsáveis pelo patíbulo tivessem a pretensão de lhes aguçar a ponta a golpes de machete!... Eram as únicas zonas claras daqueles sinistros fantasmas, alinhados em duas fileiras quase paralelas. Nas pontas as seis árvores apresentavam diversas rachas, à maneira de forquilhas. A separação de poste a poste - na primeira fila - não chegava aos três metros. Quanto aos outros paus, tinham sido cravados quatro ou cinco metros mais atrás e um deles, o voltado para ocidente, estava inclinado.

Sem dúvida, as cunhas de madeira que serviam para escorar a árvore tinham cedido. Houve também outra coisa que me causou estranheza, dois tinham sido perfurados, mais ou menos a um metro do chão, por barras de ferro, que ficavam a descoberto de um lado e outro dos postes cilíndricos. Os sediles em questão (foi a única identificação que me veio à memória) tinham sido dispostos no madeiro central da

primeira fileira e no que se erguia à esquerda deste, quer dizer, no que ocupava o extremo oriental da citada primeira fila de estipes.

Não podia saber então, mas a presença do último sedile viria a ser de certa transcendência naquilo que poderia qualificar de diálogo entre o Galileu e um dos zelotas. Durante uns minutos que me pareceram intermináveis, tanto os bandidos como Jesus permaneceram com o olhar fixo naqueles troncos. O silêncio, quebrado pela tempestade, foi longamente significativo. Mas aquela situação tensa duraria pouco. Sete dos soldados tomaram posições, rodeando as três primeiras árvores, enquanto o que transportava o saco de couro se apressava a meter-lhe as mãos dentro e a tirar de lá uma série de ferramentas. Gelou-me o sangue nas veias ao ver um molho de cravos (julgo que contei quinze), dois martelos de grandes cabeças quadrangulares de madeira, tenazes de ensebados cabos de couro, uma corrente de um metro de comprimento e um machete de curtas dimensões e lâmina larga.

Os terroristas, como que hipnotizados ao pé dos estipes, logo saíram do seu mutismo. Dois membros da patrulha tinham começado a soltar a corda que amarrava ao patibulum o mais velho dos zelotas. Foi aquela a chispa que incendiou um dos seus últimos ataques de histerismo e desespero. Ao compreender que fora escolhido como primeira vítima, começou a gritar desesperadamente, sacudindo o madeiro com os braços e atirando pontapés aos legionários. Longino, que parecia esperar aquela reação, ordenou qualquer coisa a um terceiro soldado.

Este pôs-se atrás do condenado e, agarrando-o pelo cabelo, deu-lhe um forte puxão, imobilizando-o. Sem perder um segundo, o centurião agarrou uma das lanças e, depois de apontar a base do fuste à cabeça do prisioneiro, vibrou uma pancada seca que o fez desmaiar. Uma vez livre das ataduras, e enquanto era amparado por dois dos soldados, o que o tinha imobilizado acabou por lhe arrancar a túnica rasgada respeitando, no entanto, a tanga. Com uma precisão e um desembaraço que me deixaram perplexo, os romanos estenderam de costas o
guerrilheiro inconsciente, esticando (a palavra mais exata seria retesando) os braços sobre o madeiro. Por se tratar de um patibulum perfeitamente cilíndrico cada um dos legionários encarregados de puxar pelos braços se ajoelhou na frente de cada uma das pontas do lenho, segurando-o com os joelhos e as coxas. Deste modo se conseguia uma estabilidade aceitável durante o processo do encravamento.

Quando os verdugos consideraram que o patibulum se encontrava perfeitamente seguro, fizeram um aceno de cabeça e o soldado responsável pelas ferramentas veio à cabeceira, ajoelhando-se também na rocha branca. Os seus joelhos musculosos prenderam a cabeça do réu, esmagando-lhe, praticamente, as orelhas, ao mesmo tempo, e embora aquela última medida de segurança não parecesse necessária

no caso do bandido, um quarto legionário uniu os tornozelos, rodeando-os com a corrente.

* O sedile era uma peça de madeira ou de metal - ferro, geralmente - que em certas alturas era colocada nas zonas baixas da estipe. Era colocado quando se desejava prolongar a agonia do crucificado. Nesta peça, que adotava formas diversas - de uma simples barra a um taco de madeira, passando por uma estrutura semelhante a um corno -, o condenado podia apoiar os pés e, conseqüentemente, o peso do corpo. Tertuliano cita-o numa ocasião, chamando-lhe sedilis excelsus, ou assento elevado. (N. do M.)

O soldado que as postara atrás do condenado, controlando-lhe a cabeça, tirou um dos compridos cravos, que tinha metido no cinturão. À sua direita, sobre a rocha do Gólgota, estava um dos volumosos maços. O Mestre, ao ver-se sem os guardas que O acompanhavam, deixara-se cair de joelhos no Calvário, e continuava na mesma posição, dentro do círculo formado pelo pelotão e voltado para os estipes. No entanto, não creio que chegasse a contemplar a cena. A cabeça e o olhar estavam voltados para a terra e assim continuou até os homens de Longino virem buscá-lo.

Com a minúcia própria de um profissional muito experimentado naquele funesto mister, o carrasco romano pegou no cravo com a mão direita e foi apalpando com a ponta afiada os diferentes ossos do carpo ou pulso esquerdo pela face palmar.

Notei como localizava as artérias radial e cubital, pressionando suavemente a veia que tem este último nome. Depois, fez um pequeno rasgão no ponto certo passou o cravo para a outra mão e colocou-o verticalmente por cima do ponto escolhido. Pegou em seguida no martelo e levantou os olhos, esperando que o oficial o autorizasse a golpear. Longino assentiu com uma leve inclinação de cabeça e o legionário aproximou o maço até tocar suavemente na cabeça de cobre. Em seguida, levantou o martelo mais alto que a orelha direita, deixando-o cair com força no cravo.

A seção quadrada - com cerca de oito centímetros – penetrou sem dificuldade, atravessando o pulso e entrando também na madeira do patibulum. O cravo - de vinte ou vinte e cinco centímetros de comprimento - inclinara-se ligeiramente, ao enterrar-se no carpo. A cabeça aparecia agora voltada para os dedos. Naquele momento, com o coração pulsando aceleradamente, não reparei num pormenor que muito depunha a favor do carrasco... Com uma segunda martelada - muito menos violenta que a primeira - o cravo entrou um pouco mais. A cabeça tinha ficado a uns dez centímetros da pele. O sangue demorou dois ou três segundos a sair. O guerrilheiro não reagiu. Estava inconsciente, e o carrasco apressou-se em repetir a operação no pulso direito. Nesta altura nem sequer olhou para o centurião. Mais duas

marteladas foram suficientes para pregar o condenado ao madeiro. Curiosamente, a cabeça do cravo voltou a ficar obliquamente. Apercebi-me então de como ambos os polegares se tinham voltado bruscamente para o centro da palma das mãos. Os outros dedos tinham ficado apenas dobrados. (Ao dirigir os ultra-sons para os pulsos do Mestre pude formular
uma hipótese - confirmada por estudos anatômicos posteriores sobre a causa deste fenômeno.)

Ao atravessar os pulsos do zelota, dois borbotões de sangue jorraram lentamente, escorrendo pela casca do lenho e pingando na rocha, onde formou duas pequenas poças. Embora as hemorragias não fossem preocupantes, a visão do sangue e o encravamento do seu companheiro provocaram o desmoronamento do debilitado sistema nervoso do jovem terrorista. Com o rosto suplicante conseguiu arrastar-se de joelhos até Longino. Uma vez a seus pés baixou a cabeça até ao solo, pedindo aos gritos que tivesse compaixão dele. Durante décimos de segundo, os olhos do centurião embaciaram-se com uma sombra de piedade.

Levantou as mãos em sinal de impotência e, de modo a que o condenado não o notasse, pediu ao legionário mais próximo o pilum. Longino não podia evitar a crucificação do rapaz, mas podia evitar que sofresse as dolorosas perfurações dos cravos nos pulsos. Levantando a lança com ambas as mãos preparou-se para golpear o crânio do aterrorizado prisioneiro.

- Alto!... Que quereis daqui?

Os gritos de uma das sentinelas interrompeu os propósitos do oficial. Ao voltar-se, viu um grupo de seis ou sete mulheres que subia com passo decidido pela fenda do penhasco. Longino esqueceu-se do réu e avançou ao encontro das hebréias. As mulheres trocaram algumas frases com o centurião, mostrando-lhe um pequeno cântaro de barro vermelho. O chefe da patrulha tranqüilizou os seus homens, permitindo que as judias chegassem ao alto do Calvário. Uma vez lá em cima, a que trazia a vasilha dirigiu-se ao guerrilheiro que acabava de ser pregado. Seguiu-a uma segunda mulher e as restantes ficaram em silêncio à beira do patíbulo, defendendo-se das aceradas rajadas de vento com os seus amplos mantos negros e verdes.

Ao verem que aquele homem jazia inconsciente, as resolutas mulheres voltaram-se para Longino. O centurião, antecipando-se aos seus pensamentos, indicou-lhes o segundo réu, que continuava sob o peso do patibulum, sangrando e chorando desesperadamente.

Mas antes que as filhas de Jerusalém abrissem o cântaro e cumprissem o velho conselho do filho dos Provérbios – daí bebidas fortes ao que vai perecer e vinho à alma amargurada - o oficial fez sinal aos legionários para que içassem o primeiro bandido. A escada foi apoiada a uma das estipes da primeira fileira (a de ocidente), enquanto dois soldados levantavam, não sem dificuldade, o lenho a que estava

pregado o condenado. Sem perda de tempo, o carrasco responsável pelas perfurações amarrou uma corda à volta do tórax, dando logo a seguir dois nós rápidos em cada uma das pontas do patibulum.

Por fim, exibindo grande destreza, rematou a amarra com uma laçada central. Um quarto soldado pôs-se no alto da escada e os que seguravam o guerrilheiro transportaram-no até junto do madeiro vertical. O autor do encravamento estendeu a soga ao companheiro no alto da escada e este introduziu-a na ranhura superior da árvore. Imediatamente, o legionário começou a puxar pela grossa corda, ajudado em baixo pelo optio. A cada puxão, a corda, em contato com a estipe, emitia um rangido agudo, que ia confundir-se com os gritos desesperados do segundo zelota. Em questão de minuto e meio, o patibulum foi içado até ao cimo. O lugar-tenente de Longino esticou ao máximo a corda e, antes que o romano empoleirado na escada soltasse a soga, os três soldados que vigiavam a elevação do réu correram em auxílio de Arsenius, agüentando no ar o preso e o patibulum.

Ao desfazer-se da corda, o legionário que estava em cima prendeu-a nos dois ramais da laçada central, arrastando a abertura do tronco para a ponta da estipe. Uma vez encaixado o patibulum, o soldado deu um grito e os quatro romanos largaram o comprido cabo. Com um rangido, deslizou para baixo até ficar enfiado na estaca vertical.

O corpo do bandido caiu também em peso, dando-se uma máxima distensão nos braços, que fizeram um ângulo de sessenta e cinco graus com a estipe. Esta descaída aterrorizadora abriu as feridas dos pulsos e provocou ainda a distensão dos ligamentos das articulações dos ombros e dos cotovelos.

A dor devia ter sido tão insuportável que o infeliz reagiu, voltando a si. Os olhos queriam saltar-lhe das órbitas. Mas a posição forçada em que ficara quase lhe bloqueara o aparelho respiratório e a boca desarticulada, não conseguiu emitir som algum. No entanto, os soldados pareciam não ter excessiva pressa. Antes de descer da escada, o legionário pegou no maço e deu umas quantas marteladas no patibulum, firmando-o. Depois aceitou das mãos do optio a tabuleta onde se lia o nome de Gistas e pregou-a no troço superior da cruz, um palmo acima do madeiro transversal. Os duzentos curiosos que tinham seguido a patrulha e que iam tomando agora posição em redor do rochedo romperam em gritos e exclamaram de protesto ao verem como o soldado pregava o inri do zelota. Com efeito, Longino tinha razão. Se a comitiva se tivesse aventurado pelas ruas de Jerusalém com os dois guerrilheiros, quem sabe do que teria sido capaz o populacho. Pouco a pouco, o grupo inicial de observadores judeus foi multiplicando-se com outros peregrinos que iam e vinham pela estrada de Jafa.

Muito perto, na primeira fila - cerca de dez metros em linha reta distingui alguns dos saduceus. E, entre estes, Judas Iscariotes, com a cabeça coberta pelo manto. (Ignoro se por medo às possíveis represálias dos amigos e adeptos do Mestre ou para se proteger como muitos

outros, dos turbilhões de areia que varriam os arrabaldes da cidade.) Sinceramente, ao ver o traidor, o meu desejo foi descer do Gólgota e ir ter com ele. O seu estranho suicídio era um dos acontecimentos que teria gostado de esclarecer. Mas a missão impunha claramente que não devia separar-me de Jesus naqueles momentos críticos.

O encarregado do encravamento apanhou o martelo e, pondo-se na frente do condenado, fincou o joelho esquerdo na terra. Tirou outro cravo do cinto e fez sinal aos seus companheiros. Um deles agarrou o pé direito do crucificado, esticando a perna, e ajustou a planta do pé à superfície da estipe. Este movimento deixou rente à pele um dos ossos do tarso – o astrágalo -, que serviu de referência ao hábil carrasco.

Colocou o cravo sobre o referido osso e de uma só martelada pregou-o à madeira. A dor subiu pelo corpo de Gistas, transformando-se imediatamente num uivo. E antes que o outro romano estendesse a perna esquerda do zelota, encostando a planta do pé ao pau vertical, um jorro de sangue nasceu por baixo do pé recém-cravado, correndo pela árvore até às cunhas que a escoravam. Ao uivo seguiram-se uma série de berros entrecortados. O diafragma do zelota tinha começado a ressentir-se e a sua respiração entrou num enfraquecimento angustiante. Poucos minutos depois, entre um grito e outro grito, o desesperado Zelota começou a ofegar, multiplicando as curtas e dramáticas inspirações de ar.

Os gritos - mistura de espanto, dor e raiva - arrancaram ao seu isolamento o jovem terrorista. Levantou penosamente a cabeça e ao ver o companheiro empalideceu e começou a suar. Os legionários terminaram o encravamento do prisioneiro, cujo pé esquerdo ficou a dez ou quinze centímetros acima do direito.

O sangue, correndo em abundância pela estipe, acabou por provar fortes náuseas no segundo guerrilheiro, que não tardou em vomitar. Longino apressou os seus homens para que desatassem Dimas. O infeliz, atordoado e tremendo de medo, não opôs resistência. Uma vez nu, banhado em suor frio, as mulheres receberam do centurião sinal para que lhe ministrassem a poção. Mas, antes, quatro legionários rodearam o condenado, quase lhe espetando as pontas das lanças nos rins, costas e ventre. As tremuras do bandido foram aumentando e os joelhos começaram a oscilar. Contagiadas pelo pavor do prisioneiro, as judias encheram com mãos tremula uma escudela funda de madeira com o líquido amarelo-esverdeado do cântaro. Ao aproximar-me cheguei a cheirar a beberagem, identificando entre os seus ingredientes o odor especial do fel ou bílis de touro. Ao interessar-me pela natureza da mistura, a que trazia o cântaro explicou-me com algum temor - confundindo-me possivelmente com alguma elevada personalidade estrangeira - que consistia essencialmente num vinho aguardentado a que se juntava o conteúdo de uma ou várias bolsas biliares de boi recém-sacrificado. Longe de conter algum tipo de narcótico, os hebreus utilizavam para estes fins um processo muito mais corrente e natural.

Preparavam em primeiro lugar um extrato de fel, deitando num filtro de balta o conteúdo das bolsas.

Depois punham-no a evaporar em banho-maria, sem pararem de o agitar. Desta forma se obtinha o extrato desejado que podia conservar-se indefinidamente. Quando aquela piedosa associação de mulheres tinha notícia de uma execução, vertiam o extrato de fel de boi num vinho ou aguardente de elevada graduação alcoólica. A fulminante ação metabólica da bílis libertava o álcool do vinho, provocando assim no condenado uma rápida e considerável embriaguez que lhe embotava o cérebro, aliviando em certa medida os seus sofrimentos e debilitando principalmente a sua consciência. Assim, Mateus foi o único que estava certo ao narrar esta passagem evangélica. Marcos (15, 23) garante que as mulheres deram a beber a Jesus vinho com mirra. Isto é inexato. Entre outras razões, porque a mirra, pela sua natureza excitante, tônica e emenagoga, provavelmente teria atuado de forma contrária ao fim desejado. (Naquele tempo era geralmente utilizada como bálsamo, como pomada para certos tumores articulares, como elemento dentifrício e, principalmente, como perfume.) A hebréia pousou a mão direita sobre a escudela de madeira, para que o pó e a terra arrastada pelo vento não contaminassem o vinho. Olhou para Longino e este voltou a indicar o prisioneiro, autorizando-a a que se aproximasse. A mulher foi até Dimas e estendeu-lhe a beberagem. Acossado pelo terror, o rapaz não reagiu. Os seus olhos, avermelhados pelo choro, desviaram-se para o centurião, interrogando-o com o olhar.

Bebe! - ordenou-lhe Longino.

o zelota ergueu os braços pegando na escudela. Mas as suas convulsões eram tão fortes que parte do líquido se perdeu.

Por fim conseguiu levar a escudela à boca, bebendo os duzentos e cinqüenta ou trezentos centímetros cúbicos que continha. As hebréias retiraram-se, juntando-se ao grupo, e o condenado foi levado aos empurrões para junto das estipes que estavam livres na primeira fila e para junto das quais tinham transportado o patibulum. Dimas foi colocado de costas para os postes e, enquanto dois dos legionários lhe puxavam os braços para trás, um terceiro derrubou-o de costas. O centurião, postado atrás do réu, pegou numa lança, disposto a bater no crânio do prisioneiro se assim fosse necessário. Levantou a conteira do pilum e esperou. No entanto, o terrorista quase não ofereceu resistência. Aparentemente, parecia ter assumido a sua sorte. O medo, Aliás, garrotara-lhe os músculos. Ao encostarem-no ao madeiro levantou a cabeça e com um fio de voz começou a chamar por sua mãe.

Mas os constantes chamamentos desapareceram quando o carrasco vibrou a primeira martelada.

Um grito elevou-se da rocha, e a multidão acolheu o novo encravamento com fortes assobios e protestos. O prisioneiro, olhos a saltar das órbitas e com os músculos anteriores e posteriores do

pescoço tensos como cordas de violino, estremeceu, deixando cair a cabeça para trás do tronco.

Naquele instante, o vento espalhou um grande fedor. O legionário que segurava os pés do condenado explodiu em mil imprecações e insultos contra o zelota. Num pânico incontrolável, os esfíncteres do rapaz tinham-se aberto, soltando as fezes.

Ao pregarem-lhe o pulso direito, o jovem perdeu os sentidos, e os carrascos aproveitaram o fato de estar inconsciente para acelerar o seu levantamento na estipe. Quando se dispunham a içar o patibulum surgiu uma dúvida. Em qual dos dois madeiros livres deviam crucificá-lo? Os legionários perguntaram ao oficial e este encolheu os ombros. Foi o encarregado dos cravos quem deu a solução, bem recebida por todos.

- Deixemos o rei no centro... - comentou, divertido.

Assim se fez. Foi esta a razão por que os chamados ladrões ficaram à direita e à esquerda do Mestre. Quando foi a vez do pé esquerdo do guerrilheiro, o verdugo atravessou-o de tal forma que os dedos ficaram sobre um dos braços do sedile de ferro que, como disse, atravessava a árvore de um lado ao outro. Esta circunstância proporcionaria a Dimas certo alívio quando precisou inspirar. O pé direito foi pregado um pouco mais baixo e na face frontal da estipe. O segundo braço do sedile - que ficaria paralelo ao patibulum como na Cruz de Cristo - não foi utilizado. É minha opinião que este relativo descanso pôde influir decisivamente neste crucificado, até ao ponto de lhe permitir uma melhor oxigenação e, conseqüentemente, maior lucidez. Concluída a crucificação de Dimas, os soldados, suados e manchados de sangue, recuperaram a corda que tinha servido para levantar o réu e lançaram os olhos para Jesus de Nazaré. O meu coração voltou a estremecer ao notar sorrisos sarcásticos nos rostos de alguns romanos. Eram treze horas...

A súbita intervenção de Eliseu distraiu-me momentaneamente. O módulo detectava o olho do siroco a pouco mais de quinze minutos de Jerusalém. A velocidade de haboob baixara ligeiramente, mas o arrasto de areia era muito considerável, levantando turbilhões de partículas até dois mil e dois mil e quinhentos metros do solo. Para o meu companheiro, o mais preocupante daquela tempestade seca era a possibilidade de arrastar agentes biologicamente ativos que poderiam afetar-me. Sinceramente, a advertência de Eliseu não me preocupou. O meu coração e os meus cinco sentidos encontravam-se a quatro metros de mim mesmo, na figura daquele Homem de 1,81 metros, agora curvado e destruído. O Mestre foi levantado sem mais demora. Foi-lhe tirado o manto púrpura que ainda conservava nos ombros, preso ao pescoço, cabendo depois a vez ao roupão. Ao desenrolá-lo ficou a descoberto a parte superior da túnica. E ao vê-la, fechei os olhos. Era uma mancha informe, sangrenta e colada ao corpo por cima das feridas da flagelação. Engoli em seco. Que aconteceria no momento de o despir?

Porém, o transe angustiante foi atrasado por um problema com que ninguém tinha contado: a coroa de espinhos. Quando um dos soldados se preparava para tirar a túnica, outro reparou no entrelaçado das puas, fazendo notar que ou rasgavam a túnica ou tinham primeiro de tirar a coroa.

Os soldados enredaram-se numa discussão. Penso que se teria prolongado indefinidamente se o optio não interviesse. Com um sentido prático bastante mais acentuado que o dos seus soldados, limitou-se a tocar no tecido e ao verificar que se tratava de uma túnica inconsútil, ou seja, sem costura, ordenou aos carrascos que o despojassem da coroa. De início, pareceu-me absurdo que os legionários discutissem por uma coisa que podia ter tido uma solução rápida e fácil, rasgar a roupa. Depois compreendi. Segundo parecia era costume não oficial que os carrascos distribuíssem entre si a roupa do justiçado (1).

Assim, um dos romanos pôs-se na frente de Jesus, introduzindo lentamente os dedos por duas das aberturas da coroa, quando as mãos agarraram o feixe de juncos por altura das orelhas deu um violento puxão para cima. O Mestre estremeceu. Mas o elmo de espinhos não se soltou por completo. Algumas das compridas e afiadas puas estavam solidamente enterradas na carne e aquela primeira tentativa apenas conseguiu dilacerar mais ainda os tecidos, provocando o
nascimento de novos fios de sangue.

Arsenius moveu a cabeça com impaciência, lembrando ao soldado que primeiro teria de alargar horizontalmente e depois puxar por cima. O Nazareno apertou os lábios e esperou pelo segundo puxão. Ao alargar para os lados, muitos dos espinhos das áreas parietais e frontal soltaram-se. O carrasco repetiu a manobra. O puxão vertical foi tão violento que o elmo saltou, mas as puas situadas por cima das faces e da nuca arranharam a pele, e dois dos espinhos - cravados no tumefacto pômulo direito e no músculo elevador esquerdo, partiram -se e ficaram alojados em ambas as regiões do rosto. Um gemido acompanhou aquele arranque brutal e os saduceus, atentos no Mestre acolheram a manobra com aplausos e aclamações. Antes de o Rabi ter tempo de se recompor das novas e agudas dores, dois dos soldados levantaram-lhe os braços, enquanto um
terceiro o despia levantando a túnica pela orla inferior. Ao descobrir-lhe as pernas senti como o meu coração acelerava o seu ritmo. Estavam atravessadas e percorridas em todos os sentidos por regos de sangue, coágulos, hematomas azulados ou rebentados e uma infinidade de pequenos círculos, na sua maioria abertos pelas cardas das sandálias romanas. Quanto aos joelhos, o esquerdo apresentava um inchaço considerável. O direito, embora menos deformado, estava aberto na face anterior da rótula, apresentando múltiplos rasgões e perda do tecido celular subcutâneo, podendo ver-se mesmo parte do penósteo do osso. Era incompreensível como Aquele ser humano conseguira

caminhar e arrastar-se sobre os joelhos até à muralha. As forças - confesso - começaram a faltar-me de novo.

* A partir do imperador Adriano (117-138) torna-se oficial este costume. denominado pannicularia ou propina, por decreto recolhido no Degusto. (N. do M.)

Mas o martírio ainda nem sequer começara...

O rangido da túnica ao despegar-se do tronco de Jesus fez-me empalidecer. O legionário, ao verificar que o tecido se encontrava colado às feridas não hesitou, voltou a cabeça e, sorrindo maliciosamente aos companheiros, foi levantando a túnica com lentidão . O linho foi-se descolando das feridas, arrancando grandes crostas de sangue. Corei de fúria. E apertei a vara de Moisés até quase parti-la. Grandes gotas de suor começaram a rolar-me pelas têmporas e tive de morder uma das mangas do manto para não me atirar àqueles sádicos.

Por fim, quando a túnica foi arregaçada até à altura do rosto do Nazareno, os soldados baixaram os braços e a cabeça do Rabi, despojando-o de toda a sua roupa.

E o Filho do Homem ficou inteiramente nu, ligeiramente inclinado e banhado por novas hemorragias. Ao ver aquelas costas abrasadas por hematomas e rasgões, Longino ficou perplexo. O cruel descolamento da túnica abrira muitas das feridas, originando outra sangria abundante. Apesar da proteção dos mantos e da túnica, o madeiro tinha ferido a parte superior das espáduas, ulcerando as áreas da omoplata direita e a pele situada sobre o feixe muscular esquerdo do trapézio. Nesta última região observei uma esfoladura de uns nove por seis centímetros, com bordos irregulares e enrugamento da pele, produzida possivelmente nalguma das violentas quedas (talvez na segunda, ao tombar de costas no túnel da Fortaleza Antonia).

Os cotovelos encontravam-se também praticamente desfeitos pelos golpes e quedas. Quanto ao antebraço esquerdo, a fricção com a corda do patibulum tinha desfibrado o plano muscular, com perda de substância e amplas áreas arroxeadas. Mas a visão mais aterrorizadora era a das costas. As patadas tinham rebentado alguns dos hematomas e massacrado muitas das fibras musculares vitais na função respiratória. O sangue corria de novo por Aquele destroço humano que, ao ser desapossado da roupa, tinha começado a tiritar, acusando os duros embates do vento e do pó.

A impotência, abandono e amargura daquele Homem alcançaram naquele instante um dos seus pontos culminantes. Os curiosos e passantes que tinham vindo a engrossar o grupo inicial de testemunhas romperam aqueles dramáticos momentos, troçando e acolhendo com grande risota a nudez do Galileu. Os sacerdotes, principalmente, foram os mais corrosivos. Alguns chegaram mesmo a saltar para os penhascos inferiores do Gólgota, gesticulando e imitando Jesus que, humilhado e de

cabeça baixa, ocultava com ambas as mãos a região pudenta. Livres da tenaz do elmo de espinhos, os cabelos começaram a flutuar ao vento, descobrindo as marcas das chicotadas de Lucílio nas orelhas. Apesar dos 17,5 graus centígrados que o módulo registrava naquele momento em Jerusalém, o Mestre continuava a tremer de frio. Ao ficar sem a proteção das roupas, amplas zonas dos braços, tórax, ventre e pernas ofereciam o conhecido aspecto de pele de galinha. A febre, em vez de ceder, continuava a enfraquecê-lo.

Como estava longe a majestosa figura do Galileu! Embora os Seus discípulos e amigos não se encontrassem presentes, estou convencido de que muito poucos O teriam reconhecido. As dores, o esgotamento e a sede deviam ser insuportáveis, no entanto, ao contemplá-lo ali, só, ultrajado e sem o mais fugaz alento ou prova de amizade ou encorajamento, acho que a Sua verdadeira e mais profunda tortura não eram os padecimentos físicos, mas sim, a sensação de aniquilamento moral que sempre invade um homem injustamente condenado. Porém, são apenas reflexões pessoais de um mero observador. Quem poderia adivinhar os pensamentos de Jesus de Nazaré? A verdade é que o Seu fim se encontrava muito próximo. Enquanto os soldados colocavam o patibulum perto da estipe central, Longino dirigiu-se ao grupo de mulheres e convidou-as a que dessem também ao Rabi a beberagem de fel e vinho. E as mesmas hebréias, com passo apressado, encaminharam-se para o Mestre.

Ao separar-se das suas companheiras, logo atrás das encarregadas da beberagem, tinha aparecido o jovem João Marcos.

Ignoro como pôde chegar até ali mas, antes que cometesse alguma loucura, fiz-lhe sinal para que se aproximasse. As judias encheram pela segunda vez a escudela de madeira, oferecendo a Jesus o líquido fétido. O Nazareno levantou a cabeça e fitou as mulheres. Estas, estranhando o silêncio do Condenado, fizeram um ligeiro movimento com a escudela, animando-o a que bebesse.

Mas o Gigante não se decidia.

As mãos não se moviam dos genitais.

Respeitando o pudor do Galileu, a que segurava a beberagem colocou-a junto dos lábios, inclinando o recipiente de modo a que pudesse bebê-la sem necessidade de utilizar as mãos. O Mestre entreabriu a boca e provou o líquido. Mas assim que percebeu o que era Jesus afastou a cara, negando com a cabeça. A atitude do prisioneiro deixou atônitas as hebréias e o centurião. Olharam para Longino e este voltou a encolher os ombros, dando por concluído o assunto.

Ao ver-me, o rosto de João Marcos iluminou-se. Atravessou em corrida os escassos metros que o separavam de mim abraçando-me. Tinha as faces sujas, sinal inequívoco do seu pranto. Choramingando e entre soluços, o pequeno rogou-me que salvasse o Mestre. Não pude fazer mais do que sorrir-lhe. Como podia explicar-lhe quem era e no que consistia a minha missão?

Não vou ocultar que naquele instante cheguei a pensar nessa possibilidade. Que teria acontecido se, daquele promontório, eu tivesse dado ordem a Eliseu para que deslocasse o módulo e rumasse ao Gólgota? Teria sido extremamente simples descer no penhasco e arrebatar o Galileu das garras da patrulha. Mas eram sonhos impossíveis.

Antes que o rapaz atraísse a atenção dos legionários consegui persuadi-lo a que se afastasse dali, responsabilizando-o por um trabalho que - umas horas depois - seria muito importante para mim. João Marcos não entendeu, mas obedeceu.

O optio, alertado por um dos soldados que estava de guarda em volta do patíbulo aproximou-se de nós, aconselhando-me com cortesia mas com uma firmeza que não dava lugar a dúvidas, que tirasse dali o jovem.

Não foi necessário repeti-lo. João Marcos desapareceu, metendo-se entre as mulheres que desciam do Gólgota. Dali a pouco vi-o junto de Judas Iscariotes, tal como lhe pedira. A atitude de Jesus, recusando a aguardente biliosa, desconcertou-me. Ao abrir a boca, a língua com as mucosas secas como estopa, revelava o angustioso suplício da desidratação. Os lábios gretados como o casco de um velho barco encalhado deviam estar suportando uma sede sufocante.

Não pude entender porque o Mestre voltou o rosto à escudela de vinho. Se realmente o fez - como suspeito - para manter ao máximo a lucidez ameaçada, só posso descobrir-me, ante a Sua coragem.

- Chegou a hora - avisou o centurião.

Submisso, com as mãos escondendo os testículos, o Nazareno começou a arrastar-se - mais do que a caminhar - na direção das cruzes. Longino e outro legionário escoltaram-no, amparando-o pelos braços. O suor frio começou a envolver-me.

O guerrilheiro que fora pregado em primeiro lugar continuava vivo, tendo convulsões de quando em quando. Mas os soldados não lhe prestavam a menor atenção. Ajoelhado diante do patibulum, o carrasco responsável pelo encravamento esperava com um dos aterrorizadores cravos de ferreiro na mão direita.

Era praticamente semelhante aos utilizados anteriormente, de vinte centímetros de comprimento - talvez um pouco mais – e com a ponta afiada, ainda que não tanto como os seus Irmãos.

Houve outro pormenor que também o distinguia dos precedentes, embora a seção fosse quadrangular, as arestas estavam notavelmente deterioradas, com rebarbas e dentes. Os soldados colocaram o Mestre de costas para o lenho e, afastando-lhe os braços puxaram-no para a terra, ao mesmo tempo que um terceiro legionário repetia a rasteira. Nesta altura a extrema fraqueza do condenado foi mais que suficiente para acelerar a queda.

Uma vez com as omoplatas no madeiro, os carrascos apoiaram os braços do Mestre no patibulum, ao mesmo tempo que seguravam as

pontas do cilindro rugoso com os joelhos. As palmas ficaram para cima, com as pontas dos dedos levemente flexionadas, tremula e - como os braços e antebraços - salpicados de sangue seco.

A perna esquerda, inflamada à altura do joelho, tinha ficado dobrada, mas o encarregado da corrente tratou de a estender, baixando-a com uma seca palmada na rótula. O Galileu acusou a dor, abrindo a boca. Mas não soltou gemido algum. Longino, no seu posto rotineiro - junto da cabeça do acusado, que tocava na rocha com o cabelo - preparou-se, apontando a hasta do pilum à testa de Jesus. Os ajudantes do carrasco principal estenderam os braços e o que se encontrava na ponta esquerda do tronco, desembainhando a espada, e colocando a lâmina sobre
os quatro dedos maiores de Mestre. Aquela novidade, pelo que parecia, facilitava o trabalho de fixação da extremidade superior ao patibulum. Se o prisioneiro tentasse reagir, ao agarrar-se ao gume se cortaria fatalmente. O grau de crueldade e perícia daqueles legionários parecia não ter limites...

Em certa medida os regos de sangue numerosos que banhavam os largos antebraços do Nazareno dificultaram a exploração dos vasos. Finalmente, o verdugo pareceu distinguir as linhas azuladas das artérias e veias, marcando o ponto escolhido para a perfuração.

Antes de levantar os olhos para o centurião, o soldado que se preparava para martelar o cravo - extremamente surpreendido ante a docilidade do rei dos Judeus - olhou para os companheiros, acentuando a surpresa com um significativo
movimento das sobrancelhas. Os outros, igualmente atônitos, responderam com idêntico sinal.

Longino, cansado de agüentar a lança, baixara a arma, autorizando o primeiro golpe com outro leve aceno de cabeça.

E o carrasco, segurando o cravo totalmente perpendicular ao centro do pulso (no conjunto de pequenos ossos do carpo), lançou o maço contra a cabeça do cravo. A ponta, um tanto romba, perdeu-se imediatamente pelo interior dos tecidos. A pele que rodeava o metal rebentou como uma flor, logo brotando uma densa coroa de sangue. Ao abrir-se a ponta do cravo passou entre os tendões, ossos e vasos, deve ter roçado pelo nervo mediano, um dos mais sensíveis do corpo, provocando uma descarga dolorosa difícil de compreender.

Instantaneamente, os braços contraíram-se, a cabeça de Jesus disparou para cima, permanecendo tensa e oscilante, paralela ao solo. Os dentes apertados durante escassos segundos abriram-se e o condenado, quando todos esperavam um natural e agudo grito, limitou-se a inspirar numa respiração curta e ofegante.

Os soldados, que esperavam uma reação violenta, não saíam do seu assombro.

Por fim, derrotado pela dor, o Mestre deixou cair a cabeça para trás, ferindo-se na rocha. Todos acreditamos que desmaiara. Mas, segundos depois, abria o olho direito, acelerando o ritmo respiratório.

Como é que eu não percebera antes! Jesus só respirava pela boca. Aquilo fez-me suspeitar que o septo nasal tinha de apresentar alguma complicação - resultado das pancadas -, dificultando a respiração pelo nariz.

O carrasco mudou de posição, inclinando-se desta vez para o braço direito. Porém, a segunda perfuração ia ter complicações.

O sangue tinha começado a sair com extrema lentidão, formando como que uma pulseira em redor do pulso esquerdo do Nazareno. Evidentemente, o cravo estava servindo de tampão, dando lugar a hemóstase ou estancamento do derrame sanguíneo.

Porém, a fraca hemorragia constituía uma arma de dois gumes. Os médicos sabem que, nestas situações, a dor aumenta. Arsenius e o oficial entreolharam-se, sem compreender a ausência de gritos e do espernear clássico de todo o homem que se sabe à beira da morte. Pelo contrário, Aquele condenado, longe de provocar problemas, tinha começado a despertar uma profunda admiração em Longino e no seu lugar-tenente. O contraste com o zelota que suspenso da cruz rasgava o ar com os seus berros e pragas era tão extraordinário que o oficial, ao ver que ainda tinha nas mãos a lança a arremessou violentamente contra a base das cruzes, subitamente indignado consigo mesmo.

A segunda martelada foi tão precisa quanto a primeira. O cravo inclinou-se igualmente, voltando a cabeça para os dedos do Mestre. Porém, em vez de penetrar na madeira do patibulum, seguindo a direção do cotovelo, a peça mal arranhou o tronco.

Neste segundo encravamento, o Rabi nem sequer levantou a cabeça. Grandes gotas de suor tinham começado a escorrer pelas têmporas, esbarrando aqui e além nos coágulos. Limitou-se a abrir a boca ao máximo, soltando um som gutural sufocado e indecifrável.

- Que há? - perguntou o centurião, ao ver a cabeça do cravo mais de catorze centímetros acima do pulso direito. O carrasco soltou o braço e examinou a superfície côncava do lenho. Ao passar as polpas dos dedos pela casca moveu a cabeça contrariado, e dirigindo-se a Longino explicou-lhe que tinha dado num nó. Senti que me ardiam as entranhas.

Sem perder a calma, o legionário colocou novamente o pulso torturado contra o patibulum e, segurando a aresta do cravo entre os dedos indicador e polegar, preparou-se para vencer a resistência do inoportuno obstáculo com nova martelada.

A pancada foi tão violenta que a seção piramidal do cravo se quebrou a poucos centímetros da pele ensangüentada do condenado.
O novo contratempo foi acompanhado por uma soez imprecação do legionário.

Atirou o maço para um lado e ordenou aos companheiros que segurassem o antebraço. Depois, agarrando como pôde a extremidade

do metal fez força, tentando arrancar o que ficara do cravo. Foi em vão. A ponta tinha conseguido perfurar o nó e o metal resistiu.

Entre novas maldições, o furioso soldado levantou-se, pisou a zona cúbito-radial de Jesus com a sandália e começou a arrancar o cravo, fazendo-o oscilar para um lado e para o outro. Até Longino empalideceu ao ver aquele novo massacre. Os puxões bruscos do verdugo, procurando a libertação do metal, alargaram a abertura do pulso, rasgando tecidos e inundando de sangue os dedos do carrasco, o patibulum e a rocha.

É muito provável que a dor se tivesse atenuado, em parte, pela hemorragia abundante. De contrário, não posso explicar o comportamento do Galileu. A cada movimento pendular do soldado, no seu esforço para extrair a peça, Jesus de Nazaré respondeu com um lamento. Cinco, seis... oito sacudidelas e outros tantos gemidos, acompanhados por alguns ofegos e vários movimentos de cabeça.

Porém, o Gigante não protestou...

Ao fim de uma eternidade, o carrasco separou a ponta do tronco e, depois de arrancar a barrinha metálica do carpo, avermelhada e gotejante, encaminhou-se para o saco de couro, rebuscando lá dentro. Ao voltar para junto do Nazareno, vi que trazia uma espécie de verruma curta, com um cabo de madeira.

Afastou o braço do Galileu e, depois de cuspir na mancha de sangue que cobria o madeiro, limpou com a mão a zona onde se encontrava o nó. Pegou na ferramenta e introduziu a rosca em espiral no buraco feito pelo cravo. Apoiando todo o peso do seu corpo no cabo, fez girar a verruma de ferro, abrindo a rugosidade com movimentos lentos mas firmes.

A operação foi laboriosa. Entretanto o sangue do Rabi continuou a correr, fazendo uma extensa poça na superfície branca do Gólgota. A julgar pela velocidade do derrame, não creio que as arestas em serra do cravo chegassem a rasgar alguma das artérias ou veias principais. No entanto, aquela perda de sangue começava a ser dramática.

Jesus empalidecia por instantes e receei que entrasse em novo estado de choque.

Quando o soldado considerou ter verrumado o patibulum quanto era preciso, rebuscou no cinto e tirou outro cravo. Antes examinou a ponta e a cabeça. Uma vez satisfeito levantou o antebraço do condenado até à posição inicial. No entanto, contrariamente ao que eu pensava atravessou o pulso pela larga abertura. Quando a ponta saiu pelas costas da mão, o carrasco introduziu-a no buraco que acabara de fazer e só então repetiu a martelada. Vencido o nó, o cravo entrou sem problemas no lenho. Com segunda pancada, o braço direito do Mestre ficou definitivamente pregado.

A base do cravo, tal como aconteceu com o pulso esquerdo, não chegou a tocar a carne. Ambas as cabeças - horas depois compreenderia a razão – sobressaíam entre oito e dez centímetros. Tal como acontecera

com os guerrilheiros, ao dar-se o encravamento dos pulsos, os polegares de Cristo vergaram, saltando e voltando-se para dentro das palmas das mãos, em direção oposta à dos quatro dedos, ligeiramente flexionados.

Enquanto a ferida do pulso esquerdo - de forma oval - tinha apenas quinze por dezenove milímetros, a da direita era muito mais aparatosa, com quase vinte e cinco milímetros de comprimento, no sentido do eixo do antebraço.

Àquela abertura fez-me temer pela estabilidade do Mestre quando fosse içado para a estipe. Não se daria um rasgão nos tecidos?

Às soldados obedeceram ao oficial. Aquilo estava demorando muito. Assim, ajudados pelo optio, içaram o patibulum e o crucificado com ele, atuando com ligeireza na altura de enroscar o prisioneiro na soga que deveria servir para o erguer até ao alto da árvore. Ao passar a corda pela ranhura da extremidade da etipe e começar a esticá-la, o madeiro - controlado pelos legionários para que não perdesse a sua posição horizontal - iniciou uma lenta e exasperante elevação.

As fortes rajadas de vento, cobrindo o corpo do Nazareno com sucessivas cargas de pó e terra, começaram a pôr em dificuldade o levantamento. Gritando, o centurião exigiu a presença dos dois homens que estavam de sentinela no Gólgota, colocando-os junto da escada de mão, como apoio ao soldado que em cima puxava.

Enquanto o Galileu conservou os pés sobre a rocha a posição dos braços pôde manter-se mais o menos no eixo do patibulum.

Pouco a pouco, a cabeça recuperou a verticalidade, caindo por vezes para a frente, tocando na extremidade superior do esterno. Num dos puxões, depois de ter sorvido lentamente o ar, Jesus levantou fugazmente a cabeça e dirigindo o olhar para o céu, exclamou:

- Pai!... Perdoa-lhes!... Eles não sabem o que fazem!

Os soldados, ao escutarem a quebrantada voz, pararam. O Mestre tinha falado em aramaico. Creio que, com exceção de um ou dois legionários, os outros não entenderam. Mas, lamentavelmente, quiseram saber o significado. Os dois que tinham compreendido encararam-se indecisos e, antes de traduzirem as palavras do condenado, um dos soldados deu uma bofetada no rosto de Cristo.

- Maldito hebreu! – resmungou aquele que o esbofeteara. - Nem mortos nem vivos são dignos de piedade!

A versão do tradutor foi correta, mas os incultos legionários interpretaram erradamente as palavras de Jesus.

- Não sabemos então o que fazemos... - gritou-lhe o que tinha feito as perfurações. - Espera que já vês!

E indo até ao centro do Calvário apanhou do chão o elmo de espinhos voltando logo ao Galileu.

O centurião que também não entendera o sentido da expressão vacilou perante a atitude irritada dos seus homens. Penso que não se atreveu a intervir. No fundo, também ele se sentiu ofendido pelo que parecia ser a troça pelo seu profissionalismo. O carrasco afastou do

patibulum a cabeça do Mestre e com uma palmada enfiou-lhe o capacete de puas. A colocação, talvez pelo receio de se ferir nos espinhos, não foi excessivamente violenta, e a massa espinhosa ficou meio folgada sobre as têmporas do prisioneiro. A multidão , àquela altura devia oscilar entre dois mil e três mil pessoas, gritou de prazer ao ver o gesto do romano.

O Mestre permaneceu de cabeça baixa e os seus torturadores continuaram a içar o tronco. A elevada estatura e o peso de Jesus - possivelmente à volta dos oitenta quilos - foram outra desvantagem para os suados carrascos, que não tardaram em encorajar-se mutuamente, acompanhando cada puxão com um ei.

Palmo a palmo, a corda foi içando o crucificado numa elevação interminável e penosa. Para cúmulo, a multidão - cada vez mais excitada juntava-se às interjeições dos legionários, animando-os com os seus eis.

Mas os braços fortes dos três soldados que do chão e do alto da escada puxavam não eram suficientes. Temendo que condenado e madeiro caíssem por terra, Longino e Arsenius não tiveram remédio senão unirem as suas forças às dos soldados no levantamento.

- Ei!... Ei!

O corpo do Galileu soltou-se por fim do solo e aí teve começo a demolidora contagem decrescente para uma horrorosa agonia. Ao perder o apoio dos pés, os braços do Gigante ficaram tensos e os estalidos dos seus ossos uniram-se durante alguns segundos ao rangido da corda na forquilha do pau vertical.

Naquele instante, as clavículas, esterno e costelas ficaram desenhadas por baixo da pele e fios de sangue lhe percorreram a pele, enquanto os músculos peitorais dos ombros, pescoço e braços se esculpiam, retesados, a um passo da distensão. Mas a força daqueles feixes musculares era ainda grande e evitou a luxação dos ombros e dos cotovelos. As fibras dos antebraços, especialmente os músculos extensores das mãos e dos dedos, ficaram afiados como sabres e fechei os olhos, temendo que saltassem num daqueles puxões.

- Ei!..

Jesus estava suspenso a meio metro do solo. A força da gravidade fez com que, desde o primeiro momento da suspensão absoluta, os braços girassem e, arrastados pelo peso do corpo descaíram até ficarem num ângulo de uns setenta e cinco graus com a estipe.

O formidável peso que o Nazareno suportou em cada um dos golpes nos pulsos, juntamente com o rasgar das feridas e a extrema tensão dos ligamentos de ombros e cotovelos multiplicou as Suas dores (considerando que lhe restasse capacidade para isso) até à loucura. Em vários momentos, acossado pelo sofrimento, lançou a cabeça para trás , procurando ar e, principalmente, um ponto de apoio. Mas esses pontos só os podia encontrar num lugar. Ou antes, em dois, nos cravos que lhe

atravessavam os carpos. Mas, como elevar-se sobre peças de metal, estando suspenso?

A cada recuo do crânio, os espinhos mais e mais se cravavam na região occipital, forçando o Mestre a desistir. As derrotas sucessivas para ganhar algum oxigênio transformaram a Sua respiração num ofegar descompassado e agitado do tórax, cada vez menos eficiente. O fantasma da asfixia começava a pairar sobre o Filho do Homem...

- Ei!... Ei!

Quando os soldados pararam o pesado avanço da corda, o corpo de Jesus balançava a cerca de um metro do chão. Os pés, escorrendo sangue, palparam a casca do tronco vertical e a ele se agarraram desesperadamente. Mas as hemorragias fizeram-No escorregar uma e outra vez. E, em questão de minutos, toda a parte dianteira do tronco se tingiu de vermelho na zona que ia das omoplatas aos calcanhares.

O legionário colocado no extremo superior da estipe cerrou os dentes e começou a puxar a laçada central. Mas o patibulum não se moveu um centímetro. O peso do madeiro e do condenado (pouco mais de cento e dez quilos) era excessivo para o exausto soldado. Quase em uníssono, o centurião e Arsenius gritaram-lhe para que se esforçasse no arranque final. Foi inútil. O romano, ofegante, fez um sinal de impotência com a mão direita, deixando-se cair sobre a forquilha da estipe.

* Um simples cálculo matemático proporciona-nos a imagem aterrorizadora do peso que Jesus de Nazaré teve de suportar durante a angustiante elevação. Distribuindo o peso total do Mestre pelos dois braços (cerca de quarenta quilos em cada) a força de tração exercida em cada um deles é igual a 40/coseno de 65o = 40 0,4226 = 95 quilos, aproximadamente. (N. do M.).

Observei Jesus e vi a freqüência respiratória. Trinta e cinco brevíssimas inspirações por minuto! As pontas dos dedos tinham começado a ganhar um tom azulado. A cianose, ou deficiente oxigenação do sangue, dava sinal da sua presença.

Alarmado, examinei os Seus lábios. Mas a diminuição da quantidade normal de oxigênio no sangue não se manifestava ainda na mucosa labial nem nas orelhas. O pulsar do exausto coração do Mestre aumentou de ritmo, mas duvido que fosse suficiente para irrigar as partes mais periféricas do corpo.

Se Longino e os seus homens não atuassem com rapidez, a má circulação e a conseqüente falta de oxigênio no cérebro podiam originar, primeiro, a perda de conhecimento de Jesus, e o Seu falecimento fulminante. Honestamente, em alguns daqueles críticos segundos cheguei a desejá-lo com todas as minhas forças. Seria a forma de acabar de vez com as torturas. Mas o oficial, sem se deixar dominar pelos nervos, ordenou aos que permaneciam ao pé da estipe que

colaborassem com o legionário que devia encaixar o patibulum. Mas como - pensei - se só há uma escada de mão... A solução não tardou.

Dois daqueles destros soldados, ágeis e treinados, agarraram-se com ambas as mãos à estaca vertical enquanto os outros dois lhe trepavam para os ombros, alcançando assim os extremos do madeiro transversal. A um sinal do que voltara a prender o nó central, empurraram o lenho até a afiada ponta da árvore entrar no buraco central do patibulum.

- Agora! - gritou o soldado, no alto da escada.

Os soldados saltaram para a rocha, ao mesmo tempo que o centurião e os outros carrascos soltavam de repente a corda.

O pau horizontal precipitou-se para terra. Mas, a uns quarenta centímetros da forquilha, ficou encaixado no grosso perímetro da estipe. A manobra foi recebida pela multidão com muitos vivas e aplausos. O Mestre acusou o choque com um lamento mais forte. A respiração ficou suspensa por segundos e os raspões nos pulsos tornaram-se maiores. Os dedos, quase imobilizados, mal puderam reagir à bárbara tração. Longino estendeu a tabuleta ao soldado e este pregou-a por cima do patibulum.

Enquanto acabava de ajustar o pau transversal, um outro romano esticou com força a perna direita de Jesus, forçando o abaixamento do ombro e de toda aquela metade do corpo do Nazareno. Ao sentir o puxão, Jesus inclinou ainda mais a cabeça, separando o tronco e as nádegas do madeiro. O joelho direito dobrou-se involuntariamente, mas o carrasco que se preparava para pregar o pé esmagou-o com uma súbita martelada.

O companheiro que tinha esticado a perna obrigou a planta do pé a assentar na estipe. Um terceiro cravo massacrou o pé do Nazareno, entrando pelo peito por um ponto próximo da prega de flexão. (Ao examinar de perto a entrada e a saída do cravo pensei que o legionário tinha perfurado o ligamento anular anterior do tarso. Desta forma, o metal deslizou entre o tendão do músculo extensor próprio do dedo grande e os do extensor comum dos dedos, penetrando à força entre os ossos calcâneo e cubóides e o astrágalo e escafóides por dentro. Os quatro ossos ficaram habilmente separados e o cravo dirigiu-se para trás e para baixo, ficando mais perto do calcanhar que dos dedos.) Nesta altura, apesar da destreza do carrasco, a ponta ou as arestas do cravo deslocaram ou esmagaram algumas ramificações das artérias digitais ou da veia safena externa, causando uma hemorragia que me assustou.

O sangue jorrou aos borbotões, banhando inteiramente o escasso metro existente entre o pé direito e o solo do Gólgota. É de supor que tal destruição afetasse também o nervo tibial anterior, lacerando perna e coxa e provocando uma insuportável dor reflexa nas ramificações e nos nervos denominados plexo sacro e lombar, em pleno ventre. Apesar das horríveis dores, o Galileu continuou consciente. Não encontrava explicação para aquilo! O encravamento do pé direito, incrivelmente,

aliviou o ritmo respiratório do Nazareno, pelo menos durante os primeiros minutos da crucifixão. Ao apoiar o peso do corpo no cravo, distribuindo assim os pontos de sustentação, os pulmões conseguiram captar maior volume de ar, ventilando um pouco mais os alvéolos. Mas, à custa de que sofrimento conseguiu a momentânea regularização respiratória?

Aquela inspiração mais funda durou uns décimos de segundo. Quase instantaneamente, o corpo do Galileu voltou a cair, afundando o diafragma e entrando numa nova e angustiante fase de asfixia progressiva. As inspirações, sempre pela boca, tornaram-se vertiginosas, curtas e em todos os aspectos insuficientes para encher e ventilar os pulmões. Um pouco mais sereno, o carrasco colocou o quarto cravo na zona dianteira do pé esquerdo. A pancada nos ligamentos posteriores do joelho tinha inchado e enegrecido toda a região onde se inseriam o fémur, a tíbia e o perônio e, apesar da rigidez daquela perna, o legionário dobrou-a violentamente fazendo estalar as massas ósseas. O cravo entrou sem dificuldade, sobressaindo - como no caso do pé direito - entre cinco e seis centímetros acima do peito do pé. O sangue correu em menor quantidade, ou porque o metal não chegou a tocar em vasos importantes ou, simplesmente, porque a volemia do Nazareno descera consideravelmente.

A perna esquerda tinha ficado flexionada, formando com a estaca vertical um ângulo de cerca de cento e vinte graus e aberta para a esquerda da cruz. Embora a árvore dispusesse, como referi antes, de uma barra de ferro ou sedile, atravessada a cerca de um metro e vinte da extremidade inferior da estipe e paralela ao patibulum, nesta altura não foi eficaz. A considerável estatura do condenado fez que os pés ficassem mais baixos que o apoio que - caso lá tivessem chegado - talvez só tivesse servido para prolongar a sua agonia.

Ao ver consumada a crucifixão do Rabi, a multidão começou a gesticular, sublinhando o macabro trabalho dos legionários com uma grande salva de aplausos. Os sacerdotes, principalmente, davam mostras de especial satisfação. Toda a sua cólera anterior se convertera em júbilo. A sua vingança estava quase saciada. E digo quase porque, mesmo depois de morto o cadáver do Filho do Homem se veria ameaçado por aquela enlouquecida escumalha sacerdotal...

A minha atenção fixou-se em Iscariotes. Assim que pregaram o segundo pé do Mestre, o traidor afastou-se da multidão perdendo-se no caminho poeirento, rumo a Jerusalém. João Marcos desapareceu também da minha vista, pelo que supus que teria seguido os passos de Judas.

O triste espetáculo tinha entrado no último ato. Os curiosos começaram a desfilar, retirando-se para a Cidade Santa.

Jesus de Nazaré e os zelotas - pregados na direção Sul - eram apenas destroços... Pelas treze horas e trinta minutos daquela sexta-

feira, 7 de Abril, comuniquei a Eliseu o final do duro encravamento. E tanto meu irmão como eu ficamos em silêncio. Um doloroso silêncio.

Se o texto que figurava na tabuinha de Jesus de Nazaré tivesse sido outro - ao gosto dos sacerdotes judeus - a troça ao crucificado talvez tivesse sido menor. Conto isto porque, a partir do momento em que ergueram o patibulum na estipe, os risos e os sarcasmos dos que assistiam foram mais freqüentes durante algum tempo e, pelo que parece, de acordo com averiguações posteriores, como vingativa compensação pelo conhecido INRI. Ao fracassarem com Pilatos, os juízes tiveram um especial cuidado em intoxicar a multidão , ridicularizando o Mestre e, por esta forma sutil , tirando seriedade às três inscrições, evitar que os testemunhos pudessem tomar a sério o título de rei dos Judeus. Assim, voltando-se para a cada vez menos numerosa massa humana, alguns dos saduceus começaram a apontar a cruz do Galileu, exclamando aos gritos:

- Salvou os mais, mas não pode salvar-se a si mesmo!

E a multidão aprovou esta nova forma de escárnio com grandes e repetidos aplausos. Dali a pouco, outra voz se destacava entre a turba, perguntando ao Nazareno:

- Se és o Filho de Deus, bendito seja o seu nome, porque não desces da Tua cruz?

Tal como a patrulha e como eu Jesus pôde escutar estas exclamações, impregnadas da mais cruel e mordaz ironia.

Encontrando-se a um escasso metro do solo e a pouco mais de dez da primeira fila de judeus não era muito difícil ouvir estes gritos e até as conversas que os legionários tinham entre si no apertado círculo de pedra do Gólgota.

Estes terminada a trabalhosa crucificação, fizeram uma pausa de descanso. O optio suspendeu o cordão inicial de segurança em volta do promontório, formado, como disse, por seis soldados, reduzindo a vigilância a um primeiro turno de quatro soldados. Cada um deles se postou nos pontos cardeais, rodeando os três condenados e os outros legionários do pelotão.

Os outros - exceto dois - não tardaram em se sentar a uns três metros das cruzes. E contemplaram enfadados como os seus dois companheiros retiravam a escada de mão, enrolando cuidadosamente a corda e apanhando as diversas ferramentas utilizadas no encravamento. Os preparativos pareciam indicar uma longa espera. Era isto pelo menos, o que Longino e os seus homens acreditavam. Na realidade, segundo me informou o centurião, a rendição não chegaria antes do ocaso.

- Avistas já da tua posição as primeiras frentes do haboob?

As palavras de Eliseu recordaram-me a iminente proximidade do olho do siroco. Protegi a vista com a mão esquerda, fazendo pala e, efetivamente, ao longe - atrás do monte das Oliveiras - descobri massas pardacentas e oscilantes que avançavam numa frente extensa. O oficial

também reparou nas ameaçadoras nuvens de pó e, como bom conhecedor daquele tipo de fenômeno meteorológico, alertou os legionários. A primeira medida de precaução foi verificar a estabilidade, das cruzes. As estipes, em princípio, pareciam estar solidamente cravadas nas gretas da rocha. No entanto, Arsenius ordenou que as cunhas de madeira fossem entaladas ao máximo. Depois, os soldados rasgaram os restos das túnicas dos zelotas, convertendo-as em estreitas tiras.

E sem perda de tempo o oficial distribuiu-as eqüitativamente entre os doze soldados. Só quando vi cada um deles cobrindo as pernas nuas com aquelas faixas de pano compreendi o sentido da operação.

Prudentemente, os romanos procuravam defender a pele do açoite daquele vento terroso. Por último, os seis escudos dos homens de folga do serviço de vigilância do Calvário foram deitados no chão com a face côncava para cima, uns juntos dos outros, formando uma fileira. Alguém recordou ao pelotão as vestes do Nazareno, que ainda estavam caídas na extremidade sul do penhasco. Mas, quando os soldados as apanharam, dispostos a rasgá-las, os quatro legionários responsáveis pela guarda e encravamento de Jesus, protestaram, aludindo - com toda a razão - que aquelas roupas lhes pertenciam e que, dado o seu bom estado, as queriam para si.

O resto da tropa cedeu, e precipitadamente, antes que a tempestade de areia caísse sobre Jerusalém, o oficial fez o inventário, distribuindo as roupas pelo quarteto. Coube a um a capa púrpura que Antipas dera, a outro o cinto. Ao terceiro, o par de sandálias e o último viu-se recompensado com o esplêndido manto. Mas restava a túnica. Que fazer com ela? Insistiram alguns na primitiva idéia de rasgá-la, mas o subalterno opôs-se. Apesar do seu aspecto deplorável – cheia de sangue seco, molhada pela água e a urina de Lucílio, suja do pó do caminho e com alguns rasgões à altura dos joelhos – aquela peça de roupa, tecida à mão, merecia um final mais honroso que o de enfaixar as pernas dos romanos. A solução foram os dados. O soldado responsável pelo saco de couro não tardou em voltar para junto do grupo, fazendo chocalhar nas mãos um terço de dados. Formaram um círculo apertado e, um após outro, foram lançando os pequenos cubos de madeira de dois centímetros de lado pelo chão do patíbulo. Com o uso, as peças tinham perdido a sua primitiva cor branca, bem como o gume das arestas. A sujidade acabara por lhes dar um brilho característico. Os valores de cada face - perfurados por meio de alguma ferramenta em brasa - estavam distribuídos de maneira que sempre a soma dos lados opostos desse sete.

Os dados foram lançados: 1-5-3 (com o primeiro jogador); 6-3-4 (para o segundo jogador); 1-3-5 (com o terceiro) e 1-5-3 na última jogada.

* Embora não seja entendido nos chamados mistérios da Cabala, ou Qabbalahá(vocábulo hebraico equivalente a conhecimento ou tradição), convido quem possa ler este diário a submeter as sucessivas numerações aparecidas nos dados ao método de conversão utilizado por Cagliostro e que pressupõe uma correspondência entre os números e as letras, segundo os alfabetos hebraico e latino. Fi-lo e fiquei surpreendido com as palavras que parecem formar os números 153-634-135-153...

O que ganhou dobrou cuidadosamente a sua túnica enquanto, da multidão, e ouviam frases ferinas contra o Mestre:

- Tu, que querias destruir o Templo e reconstruí-lo em três dias... salva-te a Ti mesmo!

- Se és o Rei dos judeus - interrogavam outros - desce da cruz e acreditaremos em Ti...

- Confiou-se a Deus - bendito seja - para que O libertasse e chegou a pretender ser Seu filho... Olhai-O agora! Crucificado entre dois bandidos.

O autor daquela última frase - outro dos sacerdotes de Caifás - não conseguiu o efeito desejado. A multidão , como era natural, não considerava Gistas e Dimas como ladrões e não fez coro ao mal-intencionado saduceu.

Enquanto os soldados guardavam as roupas do Mestre assaltou-me um pensamento. Que aconteceria com aquelas vestes. Onde iriam parar?

De uma coisa estava certo: os legionários não ofereciam nem deixariam facilmente aquilo que, segundo o costume, lhes pertencia. Por outro lado, seguir a pista daquela roupa não seria tarefa fácil para os discípulos de Jesus. Na sua maioria, os legionários romanos em breve regressariam ao seu acampamento-base, na cidade de Cesaréia e, com o andar dos meses, muitos mudariam de destino ou seriam licenciados. Tudo isto me fez suspeitar que - contrariamente ao que aconteceria com o lençol que serviu para o Seu enterramento - Jesus de Nazaré não era muito partidário de que os seus discípulos guardassem aquelas relíquias, suscetíveis sempre de se converterem em motivos de adoração supersticiosa, com o conseqüente risco de esquecerem ou relegarem para segundo plano a sua verdadeira mensagem.

* o nome cósmico, de Jesus - sempre segundo o Esoterismo - como ainda, principalmente, quando esta seqüência numérica é traduzida, ou convertida em letras (as do alfabeto hebraico) os peritos em Cabala descobriram com assombro uma mensagem completa. Através deste sistema - conhecido na ciência cabalística como gueematria - estes números (pela mesma ordem que aparecem no texto) foram decifrados e interpretados, obtendo, como disse, uma mensagem múltipla. Prefiro que seja o leitor a trabalhar com este apaixonante enigma e descubra por si mesmo o segredo da referida numeração. Apenas acrescentarei o

seguinte, no meu desejo de verificar e analisar quantos dados aparecem neste diário, submeti os lançamentos dos dados a um exame frio e rigoroso, por parte do
catedrático de Ciências Matemáticas e Estatísticas, J. A. Viedma, e de um grupo de especialistas em Informática, dirigidos pelo meu bom amigo José Mora, todos eles residentes em Palma de Majorca. Pois bem segundo estes peritos, o cálculo de probabilidade matemática para a saída dos referidos números, e por aquela ordem, é de 1/1.679.616 = 0,00000059537. Quer dizer, a probabilidade é baixíssima. (N. de J.J.B.)

Como bem sabem os crentes das igrejas - especialmente da Igreja Católica - o atual número de relíquias, supostamente relacionadas ou pertencentes à Paixão do Galileu, vai para além do milhar. Isto, de um ponto de vista objetivo, arqueológico e científico, é tão absurdo quanto impossível. Na Basílica de Saint-Denis, em Argenteuil, ao norte de Paris, conserva-se, por exemplo, uma suposta túnica sagrada, E o mesmo acontece na catedral de Tréveris. Com o devido respeito pelos que acreditam em ambas as túnicas, nenhuma delas pode ser a que o Mestre da Galiléia vestiu. Na primeira, ainda que as dimensões sejam próximas das reais (1,45 m de comprimento por 1,15 m de largura), carecendo até de costuras, o tecido, em contrapartida, é um entrançado de fios de estopa de cânhamo, que nada tem a ver com a natureza das roupas usadas habitualmente pelos Hebreus naquela época, algodão , lã e linho. (Por uma túnica confeccionada com um pano tão ralo como tosco, os legionários não teriam perdido tempo a jogá-la aos dados.) Quanto à segunda, ainda se torna mais difícil identificar. Trata-se de uma série de fragmentos de um tecido muito fino e pardacento, envoltos e protegidos contra a traça entre dois panos. Um deles é de seda adamascada, fabricada possivelmente no Oriente entre os séculos VI e IX.

Com os cravos e a cruz de Cristo acontece algo de semelhante. Segundo a tradição, a piedosa imperatriz Santa Helena desenterrou-os no século IV. (Para começar, duvido que as forças romanas perdessem tempo e dinheiro sepultando as estipes e patibulum, bem como os cravos, depois de cada execução, como pretendem alguns comentaristas, em defesa da tradição da mãe do imperador Constantino.)

Segundo as lendas, com um dos cravos, Santa Helena mandou fazer um freio para o cavalo de seu filho (conserva-se hoje em Carpentras). Com outro formou um círculo para o capacete de Constantino e diz-se que esse círculo faz agora parte da coroa de ferro dos reis lombardos, conservada em Monza. O terceiro cravo conta-se que serviu para serenar uma tempestade no Adriático...

A verdade é que, em várias igrejas da Europa veneram cravos da Paixão, num total de dez! Dois em Roma, um em Santa Cruz de

Jerusalém, em Santa Maria do Capitólio, em Veneza, em Tréveris, em Florença, em Sena, em Paris e em Arras.

No que diz respeito aos madeiros da cruz de Jesus, o assunto complica-se muito. O mundo dos cristãos está materialmente semeado com pedaços de todos os tamanhos, todos eles supostamente retirados da verdadeira Cruz.

Como diziam Breckhenridge e Salmásio, entre outros, se juntassem estas relíquias poderíamos plantar um bosque...

Talvez o troço mais volumoso seja aquele que se venera em Espanha, em Santo Toribio de Liébana, na província nortenha de Santander. A tradição assegura que este lignum crucis foi trazido de Jerusalém por S. Tonôio, bispo de Astorga, em Espanha, e contemporâneo de S. LeÃo I, o Grande.

Um dos dados a favor deste suposto resto da cruz em que foi crucificado o Mestre é o tipo de madeira, pinho. Mas, de um ponto de vista científico, as dúvidas continuam a envolver a sua origem. (N. do M.)

Concluída a distribuição das roupas, Longino pediu ao seu lugar-tenente que examinasse também o encravamento dos condenados. O optio aproximou-se primeiro da cruz da direita e tocou na cabeça do cravo do pé esquerdo do guerrilheiro.

Parecia solidamente pregado. O zelota, com o corpo descaído e violentamente curvado para a frente, nem por um momento tinha parado de gritar e de se torcer, tentando sobreviver! Mas a cada vez maior dificuldade em respirar, só lhe tinha acrescentado novas dores e maiores hemorragias.

Ao ver Arsenius ao pé da cruz, Gistas fez um supremo esforço e retesando os músculos dos ombros conseguiu elevar os braços. Inspirou e, logo, enquanto expulsava o pouco ar conseguido, atirou uma cuspidela misturada com sangue contra o suboficial.

Indignado, o ajudante do centurião agarrou uma lança, batendo com o fuste de madeira em cheio na boca do estômago do zelota. O diafragma ainda mais se ressentiu, mergulhando o condenado num processo mais acelerado de asfixia. Sem deixar de olhar para cima, desconfiado, o optio repetiu a verificação nos pés de Jesus e, finalmente, com os cravos do terceiro crucificado.

Este fora recuperando os sentidos, ainda que o seu olhar - possivelmente conseqüência da aguardente - se tivesse tornado opaco e desfocado. A dor tinha-o arrancado da sua inconsciência e os gemidos Já não cessariam. De repente, entre um berro e outro berro, Gistas, com o rosto banhado em suor frio, virou a cabeça para a esquerda, gritando ao Mestre:

- Se és filho de Deus... porque não garantes a Tua salvação e a nossa?

Mas logo, sufocado pelo esforço, caiu sobre os pontos de apoio inferiores, ofegante e empenhado em novas e rapidíssimas inspirações. Mas o Mestre não respondeu. Fê-lo, em contrapartida, o outro guerrilheiro. Apoiado como estava com a ponta do pé esquerdo em metade do sedile a sua respiração não era tão fatigante como a dos seus companheiros de cruz, e com voz balbuciante censurou o amigo.

- Nem sequer temes a Deus?... Não vês que os nossos sofrimentos... são pelos nossos atos?

Dimas fez uma pausa, lutando para respirar de novo e, por fim, continuou: .. - Mas... Este homem sofre injustamente... Não seria preferível que procurássemos o perdão dos nossos pecados... e a salvação... das nossas... almas?

Os músculos dos braços relaxaram e o ventre voltou a inchar como um globo.

Jesus de Nazaré, que escutara as palavras dos dois zelotas, entreabriu os lábios, com desejo evidente de responder. Mas o corpo, solto da estipe e muito descaído para as extremidades inferiores, não Lhe obedeceu. No entanto, o Gigante não se rendeu. Acelerou o número de inspirações orais - cheguei a contar quarenta por minuto, quando o ritmo normal e inconsciente de respirações de um ser humano é de dezesseis - e tentou contrair os poderosos músculos das coxas, no esforço para se elevar uns centímetros e deixar entrar ar nos pulmões.

No entanto, aqueles cinco ou dez primeiros minutos na cruz foram queimando o escasso potencial de todos os feixes musculares das coxas e das pernas - utilizados pelo Rabi no apoio sobre os cravos dos pés para aspirar oxigênio - e os tricípites, costureiros, retos internos, vastos e gêmeos negaram-se a funcionar. A rigidez de todas estas fibras musculares levou-me a concluir que a temida tetanização se iniciara antes do previsto. (Este doloroso quadro – a tetanização - registra-se sempre que os músculos entram num processo anaeróbico ou de falta de oxigênio. Nestas condições, o ácido lático existente nas fibras musculares não pode metabolizar-se, cristalizando. O organismo vê-se então submetido a uma dor dilacerante, bem conhecida pelos atletas.)

O Mestre, ao compreender que as pernas tinham começado a falhar - apanhadas pelas primeiras convulsões e espasmos musculares, próprios da inicial mas irreversível tetanização -, forçou as articulações dos cotovelos, ao mesmo tempo que, procurando apoio nos cravos dos pulsos pedia aos músculos dos antebraços que lhe servissem de ponte, para elevar os ombros.

Entre ofegos, inspirações e lamentos entrecortados - provocados pelo roçar ou esmagamento dos nervos médios dos pulsos no metal que lhe atravessava os carpos -, aquele Homem venceu por fim a força da gravidade, elevando-se sobre si mesmo, relaxando o diafragma. Os deltóides, duros como pedras, transformaram os ombros em mãos e a boca do Nazareno, abriu-se, trêmula, ganhando meia batalha pela inspiração do ar poeirento que nos fustigava.

Ao observar o esforço titânico de Jesus, o zelota que O tinha defendido voltou a falar-Lhe:

- Senhor - disse-lhe, em voz suplicante. - Lembra-te de mim... quando entrares no Teu reino!

Ao mesmo tempo que expulsava parcialmente o pouco ar conseguido na última inspiração, e com as artérias do pescoço tensas como tábuas, o Galileu ainda foi capaz de responder:

- Em verdade... te digo hoje... que um dia estarás junto de Mim... no Paraíso...

Os músculos dos ombros, braços e antebraços foram-se abaixo e, com eles, toda a massa corporal do Nazareno, que ficou novamente vergada em serra e sem esperanças imediatas de repetir semelhante trabalho. Devido à degradação acelerada do organismo do Gigante, preparei-me para colocar nos olhos os crótalos e iniciar uma das mais delicadas e importantes operações de exame médico daquela missão.

Mas dois fatos - um deles absolutamente imprevisto e desconcertante - atrasariam uma nova observação do corpo do Galileu...

Os homens de Cavalo de Tróia, numa informação posterior a esta primeira grande viagem e baseados no peso de Jesus, no comprimento dos seus braços, as distâncias ombro-cravo e o ângulo de trinta graus que os membros superiores formavam com a horizontal, expuseram, entre outras, as seguintes considerações teóricas, a distância entre os cravos dos pulsos e uma linha horizontal (imaginária) que passasse pelo centro de ambas as articulações dos ombros era de 26,5 centímetros, aproximadamente. Esta era, em suma, a arrepiante altura a que tinha de se elevar o Mestre sempre que fazia uma destas inspirações um pouco mais fundas. Pensando que o músculo deltóide (que se estende da clavícula e da omoplata ao úmero) está concebido para elevar o membro superior cujo peso é de
pouco mais de um quilo, o esforço a que se viu submetido, no caso do Galileu, é simplesmente excepcional. Se fizermos atuar o deltóide em sentido inverso - tornando fixas as suas inserções no úmero, puxando para cima os ombros para elevar o peso do corpo - verificaremos que as enormes dificuldades que isso pressupõe, perfeitamente evidentes nesse exercício de ginástica, único, que é levado a cabo com as argolas e que, popularmente é conhecido como fazer o Cristo. Não podendo contar com a ajuda dos músculos das extremidades inferiores, a musculatura do homem tinha de elevar o peso correspondente à cabeça, tronco e ventre, até à raiz dos membros inferiores. Ou seja, calculando que a massa total de Cristo fosse de uns oitenta e dois quilos, esses músculos teriam de arcar com a elevação de dois terços do peso do corpo. Por outras palavras, à volta de 54,6 quilos. De acordo com a fórmula peso = massa x gravidade, obteve-se: 54,6x9,8=535,73 joules. Ao cronometrar essa elevação de 26,5 centímetros (0,265 metros), nuns 1,5 segundos, Cavalo de Tróia deduziu que a aceleração sofrida por Jesus de Nazaré foi, aproximadamente, 0,2355 metros por segundo, em

cada segundo. (Foram considerados, obviamente, os seguintes parâmetros: e = espaço ou distância percorrida; Vo, = velocidade inicial, neste caso zero: a = aceleração e t = tempo gasto. Ou o que é o mesmo: e=Voñ1/2.a.tZ. Isto significava o seguinte: 0,265=1/2 a.l,5z.)

Também foi calculada a força que o Mestre teve de fazer em cada uma destas violentas elevações em vertical: peso – força = massa x aceleração. Quer dizer, 535 73-F=54,6x0,2355. O resultado foi: F=522,87 joules.

Quanto ao trabalho desenvolvido, eis o aterrorizante número: trabalho = força x distância (T=522,87x0,265=138,56 newtons). Isto equivale a uma potência de 92 37 watts (potência = trabalho/tempo ou 138,56/1,5.)

Se compararmos estes 92,37 watts com os 2,5 que normalmente a mesma musculatura realiza para elevar simplesmente o braço, começaremos a ter idéia do gigantesco e extremamente doloroso esforço que, como disse, Jesus de Nazaré fez na Cruz. (N. do M)

Pelas treze horas e quarenta minutos a voz de Eliseu fez-se ouvir cinco por cinco no meu ouvido. Com uma certa excitação, deu-me a conhecer antecipadamente qualquer coisa que, tanto os hebreus como o pelotão de vigilância no Gólgota e eu próprio tínhamos à vista e que não tardaria em converter a Cidade Santa e aquele lugar num inferno. A primeira frente do haboob acabava de cair como uma neblina tenebrosa e negra sobre a encosta oriental do monte das Oliveiras. Como medida de precaução, o berço ativara o seu cinturão de defesa. As rajadas de vento, à passagem pelo módulo, alcançavam os trinta e cinco nós.

Ao avistar as nuvens pardacentas da tempestade, avançando de oriente como uma onda gigantesca, a multidão começou a agitar-se, fugindo precipitadamente para a muralha. Muitos meteram-se pela Porta de Efraim e outros bons conhecedores daquela espécie de siroco, procuraram refúgio ao pé do alto muro que rodeava Jerusalém naquele ponto. O Sol continuava a brilhar no alto, na metade de um céu azul e transparente.

Creio que este registro é extremamente interessante, contrariamente ao que dizem os evangelistas, a multidão não se retirou das proximidades do Calvário em conseqüência das trevas que ainda não tinham feito a sua entrada em cena.

Não notei que naquele momento sentissem medo. O fenômeno – não me cansarei de insistir nisto - era mau, mesmo perigoso, mas freqüente por aquelas latitudes. Portanto, os Judeus estavam acostumados às tempestades de pó e de areia. Em princípio, não era lógico que lhes causasse pânico. No entanto, o terror de que Mateus, Marcos e Lucas falam foi real. Mas, tal como narrarei em seguida, a origem desse medo não esteve no siroco...

Poucos minutos depois, daquelas centenas de pessoas que estavam vendo os crucificados só ficou um pequeno grupo de

sacerdotes e curiosos. Talvez meia centena. A maioria, como se se tratasse de uma medida de proteção habitual, começou a sentar-se no terreno, cobrindo as cabeças com os mantos pesados e coloridos. O pequeno grupo era mais uma prova do que afirmo. Sabiam que estava chegando uma tempestade seca e, no entanto, encaravam a questão com filosofia. Como era natural, optaram e preferiram o espetáculo macabro dos condenados, debatendo-se entre a vida e a morte. Estive tentado a aproveitar aqueles momentos para me servir das lentes de contato e examinar o corpo do Mestre. Mas a chegada iminente do escuro e denso turbilhão me fez desistir. A tal velocidade - uns setenta quilômetros por hora - as partículas de terra e os grãos de areia teriam danificado a delicada superfície dos crótalos, impossibilitando aquela fase da missão, pondo até em risco a integridade física dos meus olhos. Assim, optei por adiar o registro ultra-sônico e teletermográfico. Segundo Eliseu, o focinho do haboob e os dois ou três turbilhões que vinham atrás não eram muito fundos, calculando-se que durassem entre quinze e vinte minutos.

Não foi necessário que o centurião desse muitas indicações. Cada homem sabia como se comportar naquela contingência.

Ao verificar a retirada em massa dos judeus, Longino permitiu às sentinelas que se agrupassem no extremo sudeste do cume do Gólgota, de frente para a tempestade.

Juntaram os quatro escudos, formando um parapeito, e assentaram os joelhos na rocha, mantendo aquela defesa improvisada com as braçadeiras na parte interior de cada escudo.

Os outros elementos da patrulha levantaram a fileira de escudos que tinham sido dispostos sobre a superfície do patíbulo, formando um segundo muro, defensivo.

A totalidade do pelotão - incluindo o oficial e Arsenius - agachou-se, voltado para o sempre mais próximo temporal. Ao ver-me de pé e indeciso, Longino fez-me um sinal com a mão para que me refugiasse junto do grupo formado pelos seus homens. Assim fiz, sem perda de tempo. Mas, em vez de me acocorar como os legionários na direção do siroco sentei-me de costas para a patrulha, sem perder de vista os crucificados.

O vento rapidamente, tornou-se mais quente e sibilante. O primeiro turbilhão do haboob precipitou-se sobre Jerusalém, e sobre o penhasco onde nos encontrávamos, com violência considerável. Em questão de segundos, uma massa esbranquiçada, de toneladas de areia e pó em suspensão, arrasou o lugar, ouvindo-se a areia a bater contra os escudos. Apesar do manto que me cobria a cabeça, uma miríade de grãos de areia fina começou a acossar-me, penetrando por todas as aberturas da roupa e ferindo-me a pele - especialmente nas pernas – como alfinetes. O bramido do tornado foi aumentando com a velocidade. Dali a pouco, tanto os soldados como eu nos vimos obrigados, quase com desespero, a fechar os olhos e proteger a boca, ouvidos e fossas

nasais daquela poeirada angustiante. À medida que o siroco ia aumentando, os gritos dos zelotas - de cara para o vento e quase nus - tornaram-se cada vez mais fortes. As rajadas tinham começado a fustigar-lhes os corpos indefesos, massacrando-os com milhões de partículas de terra, acrescentando assim um novo e insuportável suplício. Como pude levantei a cabeça e, por entre as colunas de pó, ouvi, mais do que vi, um dos guerrilheiros, pedindo entre gritos que acabassem com ele. Quanto a Jesus quase não pude distinguir-Lhe a figura, mas imaginei o tormento sufocante que estava suportando. Duvido muito que alguém no Gólgota ou nas suas imediações, ou mesmo na cidade, pudesse levantar os olhos durante aquele pesadelo. As sucessivas frentes do haboob, cujo teto era quase impossível fixar em semelhantes condições, elevavam-se - isso sim - a uma altitude suficiente para ocultar o disco solar, pelo menos para qualquer observador que se encontrasse imerso no tornado.

Contudo, não observei enfraquecimento da luz diurna a que fosse lícito chamar trevas. Houve, naturalmente, uma quebra na visibilidade, como conseqüência do arrastamento de areia e do pó, mas não aquela escuridão cerrada que parece depreender-se dos textos evangélicos. Quem quer que tenha vivido uma destas experiências sabe que, por muito espesso que seja o fenômeno meteorológico em questão, dificilmente chega às trevas. Uma vez afastados os três ou quatro turbilhões de cabeça, Eliseu estabeleceu novamente a ligação auditiva, anunciando-me que a cauda do siroco, muito enfraquecida, precisaria de mais cinco ou dez minutos para atravessar a região. As massas de terra em suspensão eram menos consistentes, embora os ventos à superfície mantivessem velocidades não inferiores aos vinte ou vinte e cinco nós.

O centurião, ao perceber que o turbilhão principal parecia diminuir, levantou-se parcialmente, inspecionando os quatro soldados que se resguardavam a escassos metros da nossa paliçada. Não devia ter observado muitas anomalias porque voltou a acocorar-se imediatamente, à espera das últimas rajadas do haboob. Eliseu não estava enganado. Por volta das catorze horas, a força do tornado diminuiu tal como a poeira. Felizmente, o corpo principal do siroco fora-se fragmentando desde o seu nascimento nos desertos arábicos, alcançando as terras da Palestina com uma cabeça cujo comprimento foi calculado pelos instrumentos do módulo em cerca de vinte quilômetros e cuja frente tinha quase cento e vinte cinco. No entanto, as rajadas, só parariam bastante mais tarde.

Quando a tempestade acabou, o espetáculo que se ofereceu à minha volta era simplesmente dantesco. Naturalmente, eu e todos os legionários estávamos cobertos de areia. O pó embranquecera as sobrancelhas, cabelo e roupas dos soldados, bem como os mantos dos escassos cinqüenta judeus que tinham preferido agüentar o açoite do vento junto ao Gólgota. Quanto aos crucificados, ao vê-los mudos e com as cabeças imóveis descaídas para o peito, o que logo pensei é que

tinham morrido por asfixia. Longino deve ter pensado o mesmo porque se precipitou para as cruzes, dando palmadas na roupa e sacudindo a terra acumulada. Contudo, ao pararmos junto dos condenados, verificamos - eu, pelo menos, com alívio – que continuavam vivos. As costelas flutuantes de Jesus registravam oscilações esporádicas, sinal de débil ventilação pulmonar.

As feridas e fios de sangue tinham absorvido uma infinidade de partículas de terra e areia chegando a formar tampão nos fundos golpes das ilhargas e no dilacerado da rótula. Os cabelos, os pêlos das axilas e púbis, bem como do peito, estavam irreconhecíveis. Tinham-se convertido em massas encanecidas. A cabeleira, principalmente, encharcada pelas hemorragias, era agora, com o pó, um viscoso e cinzento penduricalho. Fiquei aturdido ao ver-lhe a barba e o bigode carregados de pó e os lábios, com uma crosta terrosa que escondia as mucosas e, até, as feridas mais profundas.

As chagas dos cravos, tanto no Mestre como nos zelotas, quase tinham sido tapadas pelo haboob. Aquele vento infernal que acabava de atentar contra o fio de vida que ainda flutuava no alto daquelas árvores, tinha conseguido o que parecia ser um milagre, deter a perda de sangue do Nazareno (ainda que, sinceramente, por aquela altura da crucifixão já não saiba o que teria sido melhor). De qualquer modo, o destino é muito estranho...

Os guerrilheiros e Jesus de Nazaré estavam desmaiados. No fundo, era o melhor que lhes podia ter acontecido.

Foi então que aconteceu. Pelas catorze horas e cinco minutos, o meu companheiro no módulo - com uma excitação semelhante à que tivera durante a minha permanência na herdade de Getsémani - estabeleceu bruscamente ligação, anunciando-me alguma coisa que pôs a oscilar os meus esquemas mentais.

- Aí está ele outra vez!... Jasão, tenho-o na tela!... O radar registra um eco... Direção ?... Afirmativo, vem de oriente. Isto é uma loucura!

Voltei-me para o local, mas, mais uma vez, nada observei de anormal. Era natural. Embora a vaga de pó se tivesse desfeito aquele objeto encontrava-se ainda, segundo o radar de bordo, a cento e trinta e cinco milhas do ponto de contato onde estava pousado o berço.

- Não vem muito depressa - prosseguiu Eliseu, que devia estar com o nariz encostado ao visor do radar. - Calculo que a uns quatrocentos nós... Oh...

A voz do meu irmão interrompeu-se. Cercado como estava pelos doze legionários e pelos chefes não pude restabelecer a ligação e dirigir-me a ele. Que diabo estava se passando no módulo?

- Jasão, nunca acreditarão em nós!... O eco acaba de fazer uma ruptura de quase noventa graus... Tenho-o em rumo cento e noventa... Se continuar assim passará quase na tua vertical... Mas, como conseguiu?... Que tipo de coisa pode dar uma volta assim? Jasão, percebo que não podes informar-me. Continuarei a informar... Reduz,

afirmativo, reduz a velocidade! E também o nível... Deixe ver... com efeito... Roger! Passa de quatrocentos nós para duzentos e setenta e cinco... Nível?...Trezentos e continua descendo... Dou-te pegeons 1 no módulo: noventa milhas e mantendo-se em cento e noventa... Um instante!... Acelera!... Afirmativo, está acelerando: quatrocentos... setecentos... novecentos nós!... não é possível... Estabilizou-se ao nível de cento e vinte (quatro mil metros)... Vai vê-lo se mantiver esta velocidade... Penso que às duas da tua posição...

Efetivamente, cinco minutos e seis segundos depois, a voz de Eliseu entrou-me novamente no ouvido. Mas, desta vez, sim, tinha-o à vista, de começo como um ponto brilhante. Depois, à medida que ia se aproximando perdeu luminosidade, convertendo-se numa espécie de lua cheia, de tom mate.

Os soldados não tardaram muito a ver. E o centurião, erguendo o olhar, ficou tão perplexo como eu.

- Jasão!... Consegue vê-lo? Eu vejo-o nos meus doze e alto...Continua a doze mil pés! Parou!... Afirmativo! Está estacionado!...

As últimas palavras do módulo, carregadas de emoção, acabaram por me contagiar. Esfreguei os olhos, convencido de que estava tendo alucinações... Mas logo compreendi que essa explicação era ridícula: Longino, os legionários e eu podíamos sofrer qualquer tipo de transtorno mas não o radar.

Aquela coisa segundo Eliseu estabilizara-se a cerca de quatro mil metros na vertical de Jerusalém. E assim permaneceu durante dois ou três minutos. A julgar pela altura a que se encontrava e pelo seu tamanho aparente - superior ao de dez luas - as dimensões eram enormes. Enquanto observava boquiaberto aquele fenômeno passaram-me pela mente uma infinidade de explicações possíveis que, naturalmente, não me satisfizeram. Era o segundo objeto voador que via nas últimas catorze horas. Como podia aquilo acontecer? Que significava?

E, mais importante, que ser ou que seres o tripulavam? Mas as minhas alucinações viram-se definitivamente pulverizadas quando meu irmão, depois de verificar três vezes o diâmetro do objeto voador me anunciou as suas dimensões : 1757,9096 metros! Quase um quilômetro e oitocentos metros! Ou seja, uma superfície ligeiramente superior a toda a Cidade Santa...

* Pegeons: entre pilotos e astronautas, proporcionar distâncias e rumo. (N. do M.)

A presença do monstruoso disco, totalmente silencioso, flutuando no céu como uma frágil pena, fez passar a escolta e os hebreus da estupefação ao medo. Num movimento reflexo, o centurião e alguns dos seus homens desembainharam as espadas, recuando para a base das cruzes. Mas nenhum conseguiu falar. Um pânico irracional tomara conta

dos seus corações e o mesmo acontecia com a meia centena de curiosos que permanecia junto ao Gólgota. Os olhares de todos estavam fitos naquela lua misteriosa.

Pelas catorze horas e oito minutos, de acordo com os cronômetros do módulo, o objeto oscilou ligeiramente – como se tremesse - e lentamente, numa ascensão que me atreveria a classificar como majestosa dirigiu-se para o Sol. Ao alcançar o nível cento e oitenta (dezoito mil pés) voltou a ficar estacionário.

Um grito coletivo soltou-se das gargantas dos judeus quando viram como o misterioso objeto começava a interpor-se entre o disco solar e a Terra. E fê-lo de Leste para Oeste (considerada sempre a observação do Calvário e suas imediações).

Em segundos, com uma precisão que me secou a garganta, o formidável objeto tapou o círculo ardente, dando lugar a um progressivo obscurecimento de Jerusalém num raio dilatado no qual, naturalmente, me encontrava. Aquela interposição ao Sol, milimétrica e magistralmente desenvolvida por aqueles que governavam o imenso aparelho, deu-se com certa lentidão , mas sem vacilações. Hoje, ao lembrá-lo, tenho a sensação de que os responsáveis pela operação quiseram que o eclipse pudesse ser observado passo a passo.

Em menos de cento e vinte segundos, o astro-rei desapareceu e, com ele, a claridade. Ou melhor, cerca de oitenta por cento da fonte luminosa. Obviamente, ainda que a grande massa metálica - confirmada pelo radar - projetasse imediatamente um grande cone de sombra sobre a Cidade Santa e arredores, as radiações solares continuaram presentes, formando uma coroa ou aura luminosa que abarcava toda a curvatura do enigmático objeto. As trevas, efetivamente caíram sobre Jerusalém, mas não com o caráter absoluto de uma noite cerrada, por exemplo. A claridade existente em volta do disco era suficiente para que pudéssemos distinguir à nossa volta com um índice de luminosidade muito semelhante ao que costuma seguir-se ao pôr do Sol. E assim se manteve até chegar o momento fatídico... (Não julgo necessário alongar-me em profundidade sobre esta ilógica explicação científica, que procura resolver o fenômeno das trevas com o auxílio de um eclipse total do Sol. Basta lembrar que por aquela data se registrava precisamente a lua cheia e, conseqüentemente tal eclipse do Sol era impossível. A Lua, pelas catorze horas de 7 de Abril de 30, ainda se encontrava oculta abaixo do horizonte oriental. Os astrônomos sabem, também, que um eclipse desta natureza sempre se inicia pelo lado ocidental do disco solar.

Aqui acontecia o contrário. O obscurecimento do Sol começou por oriente.

Uma vez consumado o ocultamento solar, Eliseu verificou os parâmetros a bordo, confirmando que aquela espécie de super fortaleza voadora tinha ficado ancorada a dezoito mil pés de altura, mantendo uma velocidade de deslocamento de 1431,055 km/hora. Nos quarenta e

cinco minutos que o fenômeno das trevas durou, o objeto cobriu um total de 1073,2912 quilômetros, sempre a uma altitude de seis mil metros. (O diâmetro solar aparente correspondia a um arco cujo valor aproximado era de trinta e três minutos e dez segundos.) Ao consumar-se o eclipse que, insisto, só pôde ter uma projeção puramente local, muitos dos judeus - espantados - caíram com o rosto em terra, batendo no peito com ambas as mãos e dando gritos de terror. Os saduceus, desorientados, não sabiam como proceder. Por fim, a maioria dos hebreus fugiu para a Porta de Efraim, enquanto os seus dirigentes - não muito convencidos - tentavam retê-los, gritando-lhes que tudo aquilo só podia obedecer a algum encantamento do crucificado ou a um fenômeno celeste... Foi inútil. A perturbação dos incultos e supersticiosos inimigos de Jesus era tal que nem sequer escutaram as razões dos sacerdotes. E ali ficou o desamparado grupo de juízes, muito mais dependentes do que acontecia nos céus que no patíhuln. Suponho que, se continuaram no Gólgota não foi por Ihes sobrar valentia, mas sim em obediência a Caifás e ao Conselho.

O oficial romano teve de fazer um supremo esforço para serenar o seu nervosismo e o dos seus homens. Se os Hebreus tinham medo daquele tipo de fenômeno, os Romanos muito mais.

À força de rudes gritos, Longino conseguiu finalmente que os seus soldados ocupassem os postos de sentinela indicados pelo optio antes da tempestade de areia. A julgar pela gritaria que se levantava mais para além da muralha, a confusão e o medo entre os peregrinos e os habitantes de Jerusalém tinham de ser extremos.

Enquanto aquela área permaneceu em penumbra, muitos curiosos chegaram a se aproximar da Porta de Efraim, intrigados e, suponho, ansiosos por saber se tudo aquilo tinha alguma ligação com o prodigioso Mestre da Galiléia. Mas ninguém teve coragem para se aproximar.

Ou melhor, houve um grupo que o fez...

Poucos minutos depois de se iniciarem as trevas, pelo caminho que partia de Jerusalém destacaram-se umas vinte pessoas. Com passo rápido e decidido foram-se aproximando da grande rocha. Por causa das sombras só pude distinguir o jovem apóstolo João quando estava a poucos metros do ponto onde eu me encontrava. Acompanhava-o outro homem e dezoito mulheres, todas elas meio escondidas nas suas vestes. Mas não consegui reconhecer nenhum dos amigos de Zebedeu.

Era muito estranho. Na realidade, tudo era estranho desde a aproximação daquele objeto, que continuava fixo e imperturbável sobre as nossas cabeças. Precisamente desde o seu aparecimento no espaço - embora só tivesse consciência disso com a chegada de João e do seu grupo - o vento tinha parado. E, com ele, todos os sons próprios e naturais do campo. Pelo menos, os que habitualmente tinha ouvido. Até os trinos fugazes das andorinhas e outras aves, o zumbido dos insetos, o silvo das nuvens de moscas verdes e grandes como moedas, que, antes

da passagem do haboob, tinham começado a pousar às dezenas no sangue dos crucificados.

* Não posso resistir à tentação de recordar ao leitor outro acontecimento que parece ter uma estreita relação com este: o Sol que dançou em Fátima em 1917. Quanto ao objeto que provocou as trevas, sobre Jerusalém e ao seu redor, o computador do módulo calculou que girava geo-sincronicamente sobre a Cidade Santa (paralelo calculado para Jerusalém: 5463 quilômetros). (N. do M.)

Quando me preparava para descer pela fenda, um súbito gemido do Galileu deteve-me. O Mestre parecia ter recobrado a consciência. O centurião e eu demos uns passos e, efetivamente, verificamos como o Crucificado se esforçava de novo por respirar com mais força A queda do diafragma inchara-lhe o ventre e o tórax estava rígido como o madeiro de onde pendia. Apesar do pó e da terra que o cobriam – quase como uma fatídica antecipação da sepultura - os sinais da cianose eram cada vez mais visíveis. As poucas unhas dos pés que não estavam banhadas por sangue tinham começado a ganhar uma característica coloração azulada. O mesmo acontecia com as pontas dos dedos. A tetanização dos membros inferiores era galopante. Os músculos das coxas e das pernas continuavam a sofrer espasmos embora cada vez mais longos.

Os dedos grandes de ambos os pés tinham entrado em aducção, desviando-se para o plano central do corpo do Nazareno. De repente, uma mão me pousou no ombro esquerdo. Era João. Com a sua coragem habitual tinha subido ao alto do Calvário.

Vinha só.

A verdade é que nem sequer se demorou olhando o Mestre. Os olhos estavam enterrados no rosto, marcados pelas muitas horas sem sono e pelo sofrimento. Parecia um velho...

Com voz trêmula dirigiu-se a Longino, suplicando-lhe que, ao menos por um instante, permitisse à mãe de Jesus de Nazaré aproximar-se da cruz e dar o último adeus a Seu filho.

João acompanhou o pedido, dirigindo o braço direito para o reduzido número de mulheres que esperava a pouca distância dos saduceus.

Apesar de quanto vivera e sofrera naquela missão, ao ouvir o Zebedeu, os meus joelhos tremeram. Maria estava ali!

Longino não teve coragem para negar, e autorizou o discípulo a que acompanhasse a mãe do Mestre até ao cimo do monte, com a condição de que as outras ficassem onde estavam e de que a permanência junto da cruz fosse o mais breve possível.

João agradeceu o gesto humanitário do centurião e apressou-se a voltar para junto do grupo. Trocou algumas palavras com as mulheres e, em seguida, uma das hebréias começou a subir por entre as rochas, ajudada por João e por outro homem. À medida que se aproximavam, o

meu pulso acelerou. Poucos segundos depois tinha na minha frente a mãe terrena do Gigante...

Os legionários, um pouco mais tranqüilos, tinham descido pelo segundo penhasco em busca de lenha seca com que pudessem acender uma fogueira. Como era lógico, não podiam prever a duração da escuridão e Arsenius, prudentemente, ordenou aos soldados que fizessem uma boa provisão de combustível. Faltavam quatro horas para o anoitecer e a guarda dos condenados podia ser longa.

No instante em que Maria chegava junto da cruz central, dois dos soldados pousaram na rocha feixes e ramadas da giesta chamada de escovas, muito leve e de excelente qualidade para os seus objetivos.

Apoiando-se nos antebraços de João e do segundo homem (que se chamava Jude ou Judas e que, segundo consegui apurar no dia seguinte, era irmão carnal de Jesus), a hebréia de rosto extremamente pálido, parou a um metro do madeiro em que se encontrava pregado o filho. Não era muito alta. A cabeça, levantada para o Mestre, tinha ficado, mais ou menos, à altura dos joelhos do Nazareno. Possivelmente, teria entre 1,60 e 1,65 metros. Contava à volta de cinqüenta anos, embora a sua figura frágil, um pouco curvada, e as rugas que nasciam nos belos olhos amendoados a tornassem mais venerável.

Apesar do escuro chamou-me a atenção a testa alta e ampla, rematando um rosto ovalado em que despontava um nariz pequeno e direito. Tinha na cabeça um manto castanho-claro que não me permitiu ver-lhe o cabelo. No entanto, a julgar pela cor das sobrancelhas - finas e ligeiramente arqueadas - deviam ser de um negro de azeviche. A túnica, de um tom semelhante ao do manto, embora um pouco mais apagado, quase roçava pelo chão do Gólgota.

Ninguém disse nada. João começou a chorar, agarrando-se ao braço da senhora. Longino, comovido, retirou-se. No entanto para minha surpresa, Maria não derramou uma lágrima.

Só o tremor das mãos compridas e calejadas, sob cuja pele serpenteava uma rede de veias azuis e pronunciadas, refletia a sua aflição. Os meus problemas viram-se aliviados quando o oficial, noutro gesto que muito dizia em seu favor, voltou até junto de nós, trazendo uma tocha que acabava de acender. Quando Longino aproximou o improvisado archote do corpo do Mestre com o fim de que a sua mãe O pudesse ver melhor, o Galileu, acordado talvez pelo resplendor avermelhado do fogo, descolou o queixo do peito, vendo a Sua família. A respiração voltou a agitar-se e o olho direito abriu-se ao máximo. A mulher, tal como João e o irmão de Jesus, não tiravam os olhos do rosto do crucificado.

A boca do Gigante abriu-se ligeiramente, tentando falar.

Porém, os pulmões - diminuídos na sua capacidade vital pelas múltiplas lesões dos músculos respiratórios e pelas angustiantes faltas de apoio - encontravam-se perante uma gravíssima insuficiência ventilatória restritiva. (Poucos minutos mais tarde, quando ajustei os

ultra-sons ao tórax de Jesus, Cavalo de Tróia receberia informação sobre aquela delicada situação, comprovando as minhas suspeitas; a capacidade vital de Jesus encontrava-se muito abaixo dos oitenta por cento do valor teórico normal, avaliado - como se sabe - em 5,50 litros.)

Apesar disso, o Nazareno, num esforço titânico contraiu os músculos abdominais e, quase em uníssono, a esgotada musculatura dos antebraços e dos ombros começou a palpitar, procurando a energia necessária para elevar a parte superior do corpo naqueles quilométricos 26,5 centímetros. Porém, as reservas do Cristo estavam quase esgotadas e a Sua vontade não foi suficiente. Naqueles momentos dramáticos aconteceu uma coisa insignificante, pouco menos que imperceptível para os que se encontravam junto da cruz, mas que, para mim, como um médico, me gelou o coração.

Jesus arqueou o diafragma pela segunda vez e distendeu de novo os músculos flexores e extensores, fazendo-os vibrar. Ao mesmo tempo, o seu pulso esquerdo girou um centímetro no eixo do antebraço. Aquele movimento do carpo no cravo colaborou decisivamente na elevação dos ombros. A cabeça do Rabi cravou-se no patibulum e a barba voltou-se para o céu, enquanto a violenta dor provocada pelo mínimo movimento do pulso esquerdo fazia pulsar com precipitação as paredes da veia jugular externa, marcando as fossas supraclaviculares e os músculos do pescoço como nunca vi em ser humano.

Logo, da ferida meio fechada do pulso esquerdo surgiram dois fios de sangue, finíssimos e divergentes, que correram até ao cotovelo.

O Mestre - a que preço! - conseguira o Seu propósito. Ao elevar-se, a boca abriu-se ao máximo e um hausto de ar fresco penetrou-lhe os pulmões, ao mesmo tempo que o afundamento do ventre deixava a descoberto a crista ilíaca do quadril
direito. O corpo do crucificado voltou a cair e Jesus, baixando o rosto, esboçou um sorriso estranho. Aquele rito alarmou-me, não se tratava na realidade de um sorriso, mas sim de outro sintoma da tetanização que o acossava e que em medicina é conhecido por sorriso sardônico, lábios apertados, com as comissuras para fora e para cima.

Ao contemplar o esforço desesperado do Filho, Maria baixou o rosto e as pernas fraquejaram-lhe. Mas João Marcos e Judas ampararam-na. Os lábios do Mestre, apenas sombreados pela luz do archote, começaram a tremer e as profundas olheiras que acentuavam os pômulos altos e afilados confundiram-se com a amargura escura e insondável de uns olhos que, apesar de tudo, conservavam singular beleza.

- Mulher!

A voz arrastada do Mestre fez que Maria e todos os outros levantassem o rosto. E o semblante da hebréia iluminou-se.

- Mulher - repetiu Jesus -, aqui tens o teu filho!

João enxugava as lágrimas com a palma da mão direita, olhando o Mestre sem conseguir compreender.

Depois, desviando o rosto para o apóstolo exclamou, quase sem forças:

- Meu filho... aqui tens tua mãe!

A pequena inspiração do Crucificado estava quase esgotada. A Sua respiração entrou em queda e gastando as últimas forças, ordenou entre ofegos:

- Desejo... que abandoneis... este... lugar.

O abdômen voltou a deformar-se e a cabeça, tal como os músculos dos braços e ombros, descaíram.

Os homens manifestaram a intenção de darem meia volta e retirarem-se mas Maria, sempre em silêncio, deu um passo para o Crucificado. Inclinou-se muito lentamente e beijou o joelho direito de Jesus. Depois, escondendo o rosto nas mãos, abandonou o penhasco, amparada por seu filho e por João.

Creio que tanto o centurião como eu ficamos impressionados pela força daquela mulher. Uma hebréia que teria oportunidade de voltar a ver e da qual colheria uma revelação preciosa e inestimável.

A pequena, quase insignificante, sombra de Maria, mãe do Mestre, não tardou em se desvanecer na penumbra. João e Judas acompanharam-na no seu caminho, de regresso a Jerusalém. Mas as outras mulheres continuaram a curta distância, suspensas do Crucificado agonizante. Estavam ali, entre outras adeptas e crentes, Ruth, também irmã carnal do Nazareno; Salomé, a mãe de João; Miriam, esposa de Cleopas e irmã da mãe de Jesus; Rebeca e Maria, a de Magdala, mais conhecida hoje por Madalena.

Pelas catorze horas e vinte e cinco minutos, o optio autorizou ao que fazia as vezes de rancheiro que distribuísse a comida entre os homens da patrulha, porco salgado, queijo, pão e uma ração de água com vinagre, conhecida com o nome de posca. Todos os soldados, com exceção dos que estavam de sentinela se reuniram em volta da fogueira, dando boa conta da comida.

Durante aqueles breves momentos de tranqüilidade perguntei ao oficial por que razão os legionários tinham empilhado tantos montes de rama na base de cada uma das cruzes.

Convidando-me a saborear o vinho fermentado, Longino explicou-me que era uma simples medida de graça. Caso fosse necessário, se assim se ordenava ou se a agonia dos condenados se prolongava demasiado, deveriam deitar fogo à lenha. O fumo acabava com os crucificados, asfixiando-os em questão de minutos. Alguns dos soldados, procurando apaziguar o medo que, sem dúvida, ainda os atormentava, começaram a gracejar à custa dos prisioneiros. Um deles, mais ousado que os outros, voltou-se para Jesus, brindando com o seu púcaro de latão:

- Saúde e sorte ao rei dos Judeus!

Aquilo contagiou os outros, que também levantaram a sua caneca para a cruz do Galileu.

Interrompendo a respiração ofegante, Jesus exclamou:

- Tenho sede!

O optio consultou o centurião e este autorizou-o a que aproximasse do Galileu a tampa do cântaro que continha a água envinagrada. Arsenius agarrou na tampa e depois de a espetar na ponta de uma das lanças da escolta aproximou-se do madeiro, levantando o pilum de modo a que a rolha previamente impregnada de posca, tocasse nos lábios poeirentos do Mestre.

Naturalmente, não desperdicei a oportunidade. Jesus abriu a boca, mordendo ansiosamente a cortiça. O líquido limpou a terra mas, ao penetrar nas feridas, o ácido feriu novamente a carne do Nazareno, que logo afastou a cabeça. Arsenius baixou a lança e, ao observar que o prisioneiro não tinha intenções de repetir o umedecimento da boca, afastou-se.

Os lábios do Rabi acusavam com os seus tremores uma intensificação da crise febril. Peguei então num archote e, ao aproximá-lo do rosto de Jesus, descobri como a tetanização começara a reduzir o brilho do esmalte dentário e aumentara a opacidade do cristalino. O olho esquerdo continuava fechado pelos hematomas. (A insuficiência paratiroidéia, provocada pela tetanização, devia ser alarmante, com uma acentuada baixa da concentração de cálcio no sangue.) Não havia tempo a perder. Afastei-me uns passos, até chegar ao extremo do promontório e, de costas para os legionários, coloquei os crótalos nos olhos. Segundos antes, quando tirava as lentes de contato da bolsa, vi como João e o seu companheiro regressavam da cidade, unindo-se às mulheres.

Avisei Eliseu do exame iminente, anunciando-lhe que, se não me enganava, Jesus de Nazaré tinha entrado em pleno no processo pré-agônico e que, a fim de sincronizar a exploração médica com o tempo real, ajustasse os cronômetros do módulo com a ativação do circuito ultra-sônico, recordando-me a hora de cinco em cinco minutos. Recuei de novo, postando-me a três metros da cruz central, e ativei as ondas ultra-sônicas.

Eram catorze horas e trinta minutos...

A minha primeira preocupação foi conhecer a perda geral de sangue. As hemorragias constantes - em especial depois do encravamento - fizeram-me suspeitar de uma grave baixa da volemia. As ondas de 3,5 MHz procuraram as principais artérias e o efeito Doppler nas cavas e na aorta confirmaram os meus temores, naquele momento, o volume total de sangue foi calculado em quarenta e sete por cento. Portanto, pelas catorze horas e trinta minutos Jesus tivera uma perda de 2,82 litros. (Estes dados e outros mais complexos que preferi poupar no meu diário, foram obtidos, como anotei na devida altura, depois do termo daquela primeira parte da grande viagem.)

O Nazareno, pois, tinha perdido quase metade da volemia, continuava a sangrar e sem possibilidade de repor, pelo menos, parte do plasma perdido - fato este francamente difícil -, a anemia galopante acabaria por provocar um desfalecimento de que não poderia recompor-se. Naquele momento, supondo que isto pudesse ser possível, o corpo do Messias deveria ser colocado em posição horizontal:

- Catorze e trinta e cinco...

O imediato exame do baço veio confirmar a quase total destruição do circuito gerador de glóbulos vermelhos ou eritrócitos, que tinham descido ao alarmante número de dois milhões e setecentos mil por milímetro cúbico de sangue, o baço fora libertando as suas reservas, mas depressa ficou esgotado. Quanto à aceleração da eritropoiese na medula óssea e a estimulação da síntese protéica, havia tempo que tinham descido ao limite mínimo.

Estas perdas na corrente sanguínea e a não ingestão de líquidos compensadores desde que fora içado ao madeiro vertical estavam originando uma sede esmagadora - talvez um dos piores sofrimentos - e, conseqüentemente, um desmedido esforço cardíaco. A insuficiente ventilação pulmonar, cada vez mais precária, fizera disparar todos os alarmes e o coração, num esforço supremo, lutava para bombear sangue à musculatura dos ombros, braços e intercostais. Estes últimos, principalmente, tinham tomado a seu cargo, praticamente, noventa e, por vezes, cem por cento da responsabilidade respiratória.

O músculo cardíaco, enfim, que numa pessoa normal trabalhava à razão de sessenta a setenta pulsações por minuto, martelava a caixa torácica de Jesus a uma média de cento e vinte, cento e trinta pulsações, afligido pela dramática carência de oxigênio e de força das áreas nobres do organismo: cérebro, rins e, nestas circunstâncias, da musculatura que lutava pela entrada de ar nos pulmões. O instinto de sobrevivência estava a imprimir ao coração um débito que Cavalo de Tróia avaliou entre trinta e quarenta litros por minuto. No entanto, à medida que o tempo ia passando as formidáveis palpitações do Nazareno foram oscilando, com sucessivas baixas, conseqüência da menor atividade do bolbo raquidiano, que começava também a fraquejar, enviando muito menos impulsos nervosos ao coração.

Este, em suma, provocaria um círculo vicioso de caráter irreversível.

- Catorze e quarenta...

O Mestre, com as costelas tensas como arcos e as artérias pulsando sem descanso afastou o queixo do tórax. O olho direito começava a dar sinais de um ligeiro estrabismo ou desvio divergente. Franziu as sobrancelhas e com um gemido suplicante exclamou:

- Tenho sede!

Longino repetiu a manobra mas, nesta altura, os lábios de pergaminho mal roçaram a tampa esponjosa do cântaro. O centurião

oscilou o archote à altura do rosto do Galileu, com lentos movimentos da direita para a esquerda. Mas a pupila,
muito dilatada, não chegou a mover-se. Jesus começara a perder a visão! O olhar vidrado fez-me pensar na possível formação de um edema pupilar ou inchaço do nervo ótico no fundo daquele olho, certamente em conseqüência da hipertensão intracraniana ou do menor fluxo sanguíneo naquela região da cabeça.

O oficial examinou atentamente o rosto do Rabi. O nariz, apesar do hematoma e do possível desvio ou fratura dos ossos, começara a adquirir um sombreado alongado (sinal inequívoco da fase pré-mortal). Também as cavidades orbitais estavam mais acentuadas, registrando-se um afundamento da bolsa adiposa do pômulo direito. O esquerdo encontrava-se tão tumefacto e ensangüentado que nele era impossível descobrir sinal algum.

- Este - comentou Longino - está pronto.

E voltou para junto dos seus homens, movendo a cabeça com certo desalento.

Acocorei-me e dirigi o finíssimo laser avermelhado para baixo do último segmento do esterno o apêndice xifóide, procurando assim evitar o choque dos ultra-sons com as costelas falsas e as flutuantes. Ao encontrar a massa esponjosa e elástica dos pulmões, a catástrofe respiratória surgiu em todo o seu dramatismo. O pulmão esquerdo encontrava-se quase em colapso, por causa de um derrame pleural. As chicotadas e suas sucessivas pancadas e pontapés nos flancos - e concretamente no esquerdo - tinham originado, sem dúvida a acumulação de líquido na parte inferior do saco pleural que envolve o pulmão.

* Ao medir os mais importantes parâmetros da respiração de Jesus de Nazaré, o computador encarregado das avaliações e registros - um Dataspir, sistema on line, EDV 70 - calculou que naqueles momentos (Utilizando o chamado Sistema l, baseado em tabelas francesas elaboradas em Nancy foram desenvolvidos cerca de quarenta parâmetros. Por exemplo, a VC, ou capacidade vital VT ou volume corrente; RV, ou volume residual; TLC, ou capacidade pulmonar total; MV, ou volume-minuto; transferência ou difusão pulmonar do oxigênio; RAW, ou resistência de vias aéreas; distensibilidade pulmonar e torácica, e PST, ou pressão de retração elástico-pulmonar. (N. do M).

Catorze horas e quarenta minutos, tal como supunha, a capacidade vital do Galileu encontrava-se em fase crítica, com déficit superior a setenta por cento.

Esta diminuição generalizada das funções respiratórias ocasionara igualmente uma baixa no volume residual do ar, avaliado em condições normais em 1,67 litros. Enfim, as quebras da capacidade vital, volume residual e TLC, ou capacidade pulmonar total, tinham provocado em

Jesus a formação do chamado pulmão pequeno. Por outro lado, o aumento da freqüência respiratória - acima mesmo das quarenta respirações por segundo - só permitia um pobre arejamento dos chamados espaços mortos, boca, traquéia etc., sendo muito pouco efetiva na altura de transportar oxigênio aos alvéolos pulmonares. E, conseqüentemente, a hipoventilação que derivava da existência do pulmão pequeno originou imediatamente o aumento de CO2 ou anidrido carbônico, que contribuiu para o envenenamento progressivo e intoxicação do Rabi. Esta dosagem elevada de CO2 não tardaria em deprimir o sistema nervoso central.

Cavalo de Tróia considerou que o aumento do anidrido carbônico alcançara valores superiores aos cinqüenta, sessenta miligramas de pressão trinta minutos depois de ter sido pregado na cruz. O aumento do PaCO2, ou pressão arterial do anidrido carbônico teve, no entanto, uma repercussão que poderíamos qualificar como relativamente benéfica para o Nazareno, ao multiplicar-se a presença deste tóxico, o organismo de Jesus entrou numa fase de adormecimento que, sem dúvida, tornou mais suportável o tormento.

- Catorze e quarenta e cinco...

A baixa saturação de oxigênio em hemoglobina estimulou uma vez mais o instinto de sobrevivência do Mestre. E içando-se de novo nos cravos dos pulsos aspirou o que seria o último hausto de ar. A partir daquele momento, afetado por uma taquicardia muito mais agressiva, o Galileu - consciente dos poucos minutos de vida que Lhe restavam começou a recitar o que me pareceu passagens das Sagradas Escrituras. O centurião e vários legionários aproximaram-se, intrigados. Mas a Sua linguagem era quase ininteligível. As forças escapavam-lhe atropeladamente e só de vez em quando as suas palavras me chegavam com um mínimo de nitidez aos ouvidos. Ao reter algumas daquelas frases percebi que o Mestre não procurava dizer-nos coisa alguma. Estava simplesmente orando.

Pude assim escutar, por exemplo:

- Sei que o Senhor salvará a sua unção... ou A tua mão descobrirá todos os meus inimigos e, principalmente, a impressionante e polêmica Meu Deus, meu
Deus... por que me abandonaste?

Ao voltar ao módulo consultei o livro dos Salmos e, efetivamente, verifiquei que o Mestre recitara algumas das passagens deste texto sagrado. Entre os que consegui identificar encontravam-se parágrafos dos salmos XX, XXI e XXII. Este último (Salmo 22, 2) diz exatamente: Meu Deus, meu Deus: Por que me abandonaste? As palavras do meu brado não são por Vós ouvidas.

Não pude deixar de sorrir. Os teólogos, comentaristas e moralistas de todas as Igrejas escreveram durante séculos rios de tinta tratando de interpretar e acomodar estas últimas palavras de Jesus. Para alguns, principalmente para os padres latinos, este suposto lamento do

Nazareno era apenas uma expressão metafórica: Jesus, dizem, fala em nome da Humanidade pecadora e, na Sua pessoa, os pecadores são abandonados por Deus. Assim pensavam, por exemplo, Orígenes Atanásio, Gregório Nazianzeno, Cirilo de Alexandria e Agostinho, entre outros.

Uma segunda hipótese - defendida por Eusébio e Epifânio - chegou a propor o seguinte: A natureza de Jesus fala à Sua natureza divina, queixando-se ao Verbo de que vai abandonar a natureza humana no sepulcro por algum tempo.

Por último, uma terceira teoria aponta para o fato de Cristo chegar a sentir-se verdadeiramente abandonado pelo Pai.

Assim dizem, pelo menos, homens tão prestigiados como Tertuliano, Teodoreto, Ambrósio, Jerónimo, S Tomás e uma infinidade de teólogos modernos.

Em minha opinião, o Mestre, angustiado pela sombra da morte, refugiou-se em alguma coisa que é comum a muitos humanos quando se vêem em transe semelhante: a oração.

- Catorze e cinqüenta...

A fulminante baixa da acidose foi outro anúncio do final iminente do Nazareno. Ao voltar a observar a corrente sanguínea verificamos uma alarmante quebra do pH. De 7,20 - 7,30 no momento da crucifixão, tinha baixado para 7,15. O rim continuava ainda a fabricar angiotensina, lutando para fazer subir a tensão, mas tudo aquilo era pouco mais que inútil. Na realidade, os últimos movimentos respiratórios de Jesus de Nazaré, cada vez mais breves e acelerados, eram movidos pela hipoxia, ou baixa quantidade de oxigênio na hemoglobina do sangue. Porém, este último e sábio estímulo da natureza humana tinha os minutos contados.

A cianose dominava todas as mucosas e partes acras: pontas dos dedos das mãos e dos pés, língua, lábios e, até, algumas regiões da pele. De repente, o ritmo galopante do coração aumentou ainda mais, batendo à razão de cento e sessenta e nove pulsações por minuto. Cristo, com os dedos enclavinhados, tinha iniciado a sua última elevação muscular.

O pulso esquerdo girou pela segunda vez mas, nesta altura, o sangue que saiu era muito mais viscoso e arroxeado. Apesar disso, fios de sangue correram pelo antebraço, pingando na rocha do Calvário quando se detiveram no cotovelo. O pescoço inchou e os músculos intercostais passaram por novos espasmos, enquanto o rosto ganhava altura, milímetro a milímetro. Com os olhos e a boca muito abertos, o Mestre parecia querer apanhar a vida, que Lhe abandonava...

A caixa torácica, a ponto de estalar, inspirou o ar suficiente para que Jesus de Nazaré, com uma força que fez voltar a cabeça de todos os legionários, exclamasse:

- Acabei! Pai, ponho nas Tuas mãos o Meu espírito!

Naquele instante o Seu corpo descaiu, fazendo ranger todas as articulações. A voz de Eliseu anunciou-me as catorze e cinqüenta e cinco...

Ao escutar a retumbante frase do Condenado, o oficial correu para a base da estipe. E, antes que me esqueça, desejo explicar que, tal como assinala João no seu Evangelho (única testemunha entre os quatro escritores sagrados), não houve grito, no sentido literal da palavra. A voz propagou-se, estentórea, isso sim, e talvez por isso, com o passar dos anos, as mulheres e o próprio centurião tenham confundido a derradeira manifestação do Mestre com um grito. Tal como diz S. João, Jesus não deu semelhante grito.

Dito isto, continuemos.

Longino aproximou de novo o facho do rosto do Nazareno. Tinha o olho aberto e a pupila dilatada. Na revisão das filmagens pôde precisar-se como minutos antes da última perda de consciência, a córnea do olho se tornara opaca. Foi uma pena que o olho direito estivesse fechado. Muito provavelmente os analistas de Cavalo de Tróia teriam detectado o chamado sinal de Larchert. Exteriormente cessara toda a evidência respiratória. O Mestre, com o queixo enterrado no esterno, permanecia de boca entreaberta. Apressei-me a dirigir os ultra-sons para a região cardíaca. Cavalo de Tróia considerou que, a partir das catorze horas e cinqüenta e quatro minutos - quando as pulsações do coração tinham, havia uns três minutos aproximadamente, uma freqüência vertiginosa (que alcançou o seu ponto máximo nas mencionadas cento e sessenta e nove pulsações por minuto) - o pulso baixou em queda vertical. O nódulo senoauricular (que pulsa normalmente à razão de setenta e duas vezes por minuto) ficou muito abaixo dos sessenta impulsos e, em questão de segundos, todo o miocárdio entrou
numa fibrilação ventricular. Depois de trinta segundos de arritmia o Mestre tombou fulminado, embora a paragem cardíaca final só se desse dois minutos e meio depois. Segundo estas apreciações, o falecimento de Jesus de Nazaré deve ter ocorrido às catorze horas, cinqüenta e sete minutos e trinta segundos de sexta-feira, 7 de Abril de 30.

Apesar do esforço cardíaco, a circulação sanguínea que chegava ao cérebro não foi suficiente, provocando, entre outros efeitos, o referido desmaio ou perda de consciência, de que não haveria regresso.

- Morreu...

O centurião pronunciou aquela última palavra com uma certa piedade. Como se o desaparecimento do Justiçado tivesse representado alguma coisa para ele... Na realidade, como disse, a morte clínica do Nazareno só se daria uns segundos mais tarde. Porém, isto não o podia saber Longino.

O Mestre não tardaria a entrar na morte biológica. Suspenso dos cravos dos pulsos, o ventre aparecia muito inchado. O tórax ficara metido para dentro e os músculos peitorais – que não tinham parado de

oscilar e de ter convulsões - jaziam rígidos, desmaiados. Entre os ramos e espinhos da coroa notava-se, cada vez mais acentuado, um círculo violáceo em volta do nariz deformado. As têmporas, semi ocultas pelo cabelo, estavam encovadas e a orelha direita, um pouco visível, tinha-se retraído. A pele, situada imediatamente por cima da barba, enrugou-se e o globo ocular foi-se obscurecendo, como se o cobrisse uma espécie de teia viscosa. Pelas feridas dos cravos - especialmente na do pé direito - continuava emanando sangue, ainda que a coloração fosse muito mais rosada. (No momento do falecimento a volemia passara a barreira dos cinqüenta por cento. Ou seja, Cristo tinha derramado mais de metade do seu volume sanguíneo.)

* Este sinal bem conhecido dos médicos, que pode anteceder a morte, apresenta geralmente no olho direito uma opacidade da esclerótica um pouco mais pálida que a do esquerdo. Quase sempre se registra esta mancha ocular, primeiro num olho e depois no outro. (N. do M.)

Justamente naquele momento registrou-se o relaxamento dos esfíncteres, que juntaram ao tétrico aspecto de Jesus o cheiro fétido de excrementos quase líquidos e amarelentos, que escorreram pelas faces internas das pernas. Hesitei no momento de utilizar o circuito teletermográfico. No entanto, apesar do meu atordoamento, cumpri o estabelecido pelo Projeto.

Daquele último e rápido exame pôde deduzir-se, por exemplo, que a acumulação de sangue nos membros inferiores - apesar da ruptura de uma das artérias do pé direito – tinha sido considerável. Poucos segundos depois da morte, a temperatura dos membros inferiores, como conseqüência da sobrecarga sanguínea, era de um grau centígrado acima do normal.

Ao observar os tecidos superficiais verificou-se também que o agudo e decisivo processo de tetanização utilizara as pernas e coxas do Nazareno doze minutos depois da sua elevação e encravamento na árvore. Isto confirmava as minhas impressões sobre os esforços titânicos que o Rabi da Galiléia teve de fazer sempre que lutava por um hausto de ar. Ao faltarem os hipotéticos pontos de apoio dos cravos dos pés, como disse, foi a musculatura superior (ombros, antebraços e músculos intercostais) que arcou com o gasto energético. Porém, estas fibras se veriam bloqueadas também pela tetanização poucos minutos depois: aos dezoito, os deltóides, vasos externos dos braços e supinadores, palmares maiores, cubitais e ancôneos dos antebraços. Aos vinte minutos, aproximadamente, ficaram anulados os grandes peitorais e a poderosa rede muscular da zona superior da espádua: os trapézios. Este quase congelamento da formidável musculatura do Galileu precipitou a Sua morte, ao sinal principal e horrível da asfixia.

Entre os muitos déficits circulatórios, ventilatórios, renais e do sistema nervoso central que confluíram e O empurraram para o fim,

Cavalo de Tróia considerou sempre que a causa básica do óbito (se é que a esta morte se pode dar o qualificativo de natural) do Mestre foi a asfixia.

Pelas catorze horas e cinqüenta e cinco minutos, o cérebro de Jesus entrou em coma Depasé, com as trágicas conseqüências que isto significa...

As áreas das perfurações dos carpos e pés projetavam um azul intenso sinal evidente do importante processo inflamatório que tinham padecido e, conseqüentemente, de uma maior temperatura. Quando situei o laser no olho de Jesus, a dilatação da pupila ofereceu unicamente uma mancha escura, sinal claro de uma perda de visão. A temperatura das estreitas zonas periféricas da córnea, no entanto, ainda conservavam calor e foi possível registrar uns breves anéis azuis.

O cristalino, finalmente, ganhara opacidade e a íris estava assimétrica. Na realidade, pouco mais se podia fazer. O general Curtiss lutou para que os técnicos aperfeiçoassem o sistema de ressonância magnética nuclear, que nos teria permitido fazer o rastreio dos movimentos atômicos de algumas zonas-chave do cérebro do Nazareno, mas os trabalhos não chegaram a tempo.

Tristemente, Aquele Homem, que eu começara a admirar e querer, estava morto. Apesar de todo o meu treino, ao tirar os crótalos deixei-me cair no duro chão do Gólgota. A melancolia foi germinando no mais íntimo da minha alma e senti que uma parte de mim mesmo ia com aquele ser. Uma melancolia sem horizontes que sei, se afastará do meu angustiado coração quando a morte encerrar definitivamente a minha pobre existência. Entretanto, como naquele dia junto das cruzes, continuo a chorar.

Nem Eliseu nem ninguém do Projeto jamais soube. A partir do fatídico momento da morte de Jesus, algo ficou destruído no mais fundo do meu ser. As minhas últimas horas na Palestina quase não tiveram sentido. Cumpri o que fora programado por Cavalo de Tróia, mas quase como um autômato. E o pior é que nunca consegui recompor-me...

Pelas catorze horas, cinqüenta e sete minutos e trinta segundos - justamente quando o coração do Nazareno parou para sempre - aconteceu o inesperado. Com uma sincronização que ainda me aterra e que só pode ter uma explicação, aquela lua gigantesca começou a mover-se. E com a mesma lentidão com que encobrira o Sol, assim se foi deslocando para oriente, devolvendo-nos a transparente luminosidade daquela sexta-feira.

O meu companheiro no módulo apressou-se a confirmar o que eu estava vendo. Pouco a pouco, sem pressa, como que a deixar-se ver o objeto dirigiu-se para levante, desaparecendo atrás do monte das Oliveiras. Aquele singular amanhecer foi acolhido com vivos sinais de alegria e assombro pelos legionários e

pelo pequeno grupo de mulheres e saduceus que continuavam junto do penhasco. O mesmo aconteceu na cidade. Os seus habitantes consideraram esta libertação do Sol como um sinal de bom augúrio. Foi então, enquanto o gigantesco disco deixava o seu estacionário, afastando-se, que o centurião, voltando-se para a cruz, de onde o Mestre pendia, bateu na couraça que lhe protegia o tórax, com o punho direito e, apoiando esta atitude de saudação, sentenciou:

- Certamente era um homem íntegro!... Deve ter sido realmente o Filho de Deus...

Os soldados, inquietos, pediram instruções ao optio e ao oficial. Mas nem Arsenius nem Longino souberam que fazer.

Muito simplesmente, como medida de segurança, reforçaram a guarda. Aqueles homens, ao atuarem assim tinham a intuição de alguma coisa. E não se enganavam... Ao desaparecer a penumbra, a luz do Sol iluminou os crucificados, desvendando todo o horror dos corpos dessangrados, grotescamente contorcidos e cobertos de areia.

Os zelotas continuavam inconscientes e assim continuaram - felizmente para eles – até chegarem os três novos legionários...

A pele do Galileu, apesar da grossa película de pó que aderira às feridas, cabelo, coágulos e manchas de sangue, depressa começaria a sobressair com a típica tonalidade marmórea dos cadáveres. O cheiro das fezes tornava insuportável a permanência junto da cruz e os soldados que não estavam de guarda retiraram-se para a beira do patíbulo. A situação passou a ser um pouco melhor quando, mal voltando a nascer o Sol, o vento recomeçou a soprar de leste,
embora mais fraco que nas horas anteriores. É agora, com a perspectiva do tempo, que para mim faço uma pergunta que então nem me passou pela cabeça. Teve alguma coisa a ver a presença daquele formidável objeto com a estranha quietude que sobreveio ao mesmo tempo que as trevas e com o posterior regresso do vento? O cientista não tem resposta mas o homem intuitivo que também trago em mim diz-me que sim...

Notei um natural alarme entre as mulheres e em João e no irmão de Jesus. A absoluta imobilidade do Mestre começava a inquietá-los. O meu estado de ânimo era tão fraco que me voltei de costas, não desejando cruzar o meu olhar com o do jovem Zebedeu. Então, para ocidente, notei uma curiosa agitação entre os bandos de pássaros que geralmente tinham ninho nos muros da cidade. Apesar do vento, tinham levantado vôo, dispersando-se em total desordem. Encolhi os ombros.

Contudo, quase ao mesmo tempo, uma confusa barreira me fez voltar a cabeça para a muralha. O que vi deixou-me perplexo. Pela Porta de Efraim começara a sair um tropel de cães, latindo queixosamente. Eu sabia que havia cães em Jerusalém, mas nunca pensei que fossem tantos. Pareciam nervosos, muito excitados e, principalmente, assustados. Como se alguma coisa ou alguém os tivesse posto em fuga repentinamente. Mas o quê ou quem?

Longino e eu entreolhamo-nos sem compreender, igualmente alarmados. Que estava acontecendo em Jerusalém?

Os cães atravessaram o caminho em frente do penhasco, em direção aos campos de norte e de noroeste. Alguns, arquejantes, e farejando o terreno sem cessar treparam no alto do Gólgota, mas foram rapidamente expulsos pelos legionários. Poucos segundos depois, uma comunicação do berço causou-me um estremecimento, explicando em parte o anômalo comportamento dos animais: os sensores de bordo tinham começado a detectar uma série de gases, com elevado teor de enxofre, bem como um leve aumento da temperatura ao nível do solo.

Eliseu não tinha a certeza mas era possível que se aproximasse um movimento sísmico. Aquela hipótese, sim, podia esclarecer em parte a inquietude das aves e dos cães! (Os animais, e também o homem, ainda que em menor proporção, têm capacidade para inalar os gases que freqüentemente antecedem o
desencadeamento de um terremoto. Ao registrarem-se as primeiras perturbações no interior da Terra, os gases são expulsos através das estreitas fendas do solo e os animais podem inalá-los. Estes segregam imediatamente nos seus cérebros um volume de serotonina muito superior ao normal e s citados hormônios desencadeiam os mecanismos da excitabilidade do indivíduo. No caso dos cães, tinham fugido, retirando-se das perigosas áreas de edifícios de Jerusalém.

No entanto, os dois sismógrafos Teledyne e Geotech, instalados por Cavalo de Tróia para medir o terremoto a que alude o evangelista Mateus no seu texto sagrado (27, 51) - e do qual eu, sinceramente, me esquecera por completo - não registravam qualquer sinal. Ambos, especialmente desenhados pelos especialistas do Centro Nacional de Terremotos e Meteorologia de Tóquio - e nos quais colaborou decisivamente o professor Nagamune, chefe de Informação de Prognósticos de Terremotos -, foram colocados pelos técnicos em dois dos suportes ou trens de aterragem do berço. No delicado processo de miniaturização e adaptação à nossa nave, um dos aparelhos foi convertido em sismógrafo horizontal e o segundo em vertical. Os pesados pêndulos foram substituídos por feixes de luz laser, capazes de registrar as ondas dos sismos profundos (até setecentos e vinte quilômetros) e, naturalmente, as provenientes de movimentos intermédios ou superficiais, com uma profundidade limite de sete quilômetros abaixo da superfície. No horizontal - especialmente programado para os movimentos de vaivém ou de rolo do terreno - o espelho tradicional que serve como registro fotográfico tinha sido eliminado. Os impulsos do laser eram codificados imediatamente num papel especial, podendo ampliar as vibrações mais de cem mil vezes. Quanto ao pêndulo laser de conformação vertical, preparado para os movimentos de compressão, estava em contato com um papel térmico e um registro tradicional de fita magnética. Foi pouco depois - pelas quinze horas e um minuto - que sentimos o primeiro abalo.

Recordo um pequeno pormenor que, nos primeiros décimos de segundo, mais contribuiu ainda para aumentar a minha confusão. Um dos legionários, por ordem do optio, agarrara com ambas as mãos a vasilha envolvida na malha de corda e preparava-se para despejar parte da água nas chamas da fogueira. E assim fez.

Mas no instante em que deitava o líquido no fogo, o primeiro estremecimento do terreno desequilibrou-se e o jorro de água foi cair no rosto de um companheiro que estava sentado muito perto da fogueira.

O legionário caiu em cima da rocha e também o cântaro que se partiu em pedaços.

A oscilação do solo originou imediatamente que os soldados que estavam sentados se pusessem de pé e, atordoados, nem tiveram tempo de olhar uns para os outros. Embora nas verificações posteriores se considerasse que a primeira onda sísmica teve apenas uma duração de dezesseis segundos, a deslocação horizontal dos estratos - em forma de vaivém - trazia consigo força suficiente para derrubar vários soldados. No meu caso, o que mais me incomodou naqueles segundos iniciais foi o aflitivo enjôo que comecei a sentir. Era como se uma força invisível me estivesse a agitar o cérebro...

Ao sentirem o estremecimento, as mulheres começaram a gritar, vítimas do mesmo pânico que nos invadia a todos.

Mas, subitamente, da mesma maneira como chegara, desapareceu. Longino e o subalterno, pálidos como a pele de Jesus esperaram uns segundos. Os seus olhares estavam postos nas extremidades superiores das cruzes. Mas as estipes, ao cessar o tremor, tinham ficado tão Imóveis como antes do sismo. E o oficial, com muito bom critério, dirigiu-se aos seus homens, gritando-lhes:

- Para baixo!... Vamos todos para baixo!

A patrulha, incluindo as sentinelas obedeceu imediatamente precipitando-se para a fenda de acesso ao Gólgota. Na fuga precipitada do patíbulo, alguns dos soldados esqueceram os escudos e capacetes. Quando o oficial se preparava para descer pelo caminho parou e rodando nos calcanhares, foi até à fogueira, apagando-a com pisadelas.

Naquele momento, o meu coração encolheu-se de medo: um bramido surdo e longínquo começou a levantar-se de oriente. Quase imediatamente se fez sentir o segundo e mais vigoroso abalo. Todo o penhasco tremeu e oscilou - não estou muito certo se foi apenas um destes movimentos ou os dois ao mesmo tempo – e senti-me violentamente deslocado, caindo sobre a vibrante superfície do Calvário. (É curioso mas, ao ver e sentir aquelas vibrações da rocha veio-me à memória a cena dos espasmos da carne da vaca recém-sacrificada...)

Do solo, impotente para me levantar, vi como o centurião tinha caído também e como a cruzes acusavam a segunda réplica com uma espécie de matraquear rapidíssimo, que fez tremer os corpos dos judeus. Uma das estipes situada atrás dos crucificados - a que se

encontrava ligeiramente inclinada - bamboleou como um junco agitado pelo vento, acabando por tombar.

O pânico e o enjôo sufocante foram tais que – apesar de necessitar - não soube ou não pude gritar nem pronunciar palavra. Caído de barriga para baixo e aferrado às irregularidades da rocha, só fui capaz de formular um pensamento: sobreviver!

As sucessivas convulsões do terreno feriam-me incessantemente, chegando mesmo, a atirar-me ao ar a vários centímetros do solo.

Hoje, depois da amarga experiência, recordo muito bem como as pedras soltas do penhasco saltavam como bolas de borracha, se deslocavam horizontalmente como projéteis e chocavam violentamente contra as bases das cruzes e contra o meu corpo e o do oficial.

Submerso num pavor incontrolável e irracional, aqueles segundos não tiveram tempo nem medida. Foram, simplesmente, eternos. O trovão que parecia nascer de cada centímetro quadrado do solo e a agitação violenta da Natureza tiveram, no entanto, uma duração relativamente curta, quarenta e sete segundos, de acordo com os instrumentos do módulo.

Para mim, aqueles quarenta e sete segundos pareceram-me séculos...

Ao cabo daquele tempo, tudo voltou a serenar. E um silêncio de morte caiu sobre o penhasco e os seus arredores. Quando consegui levantar-me tive de me apoiar na vara de Moisés.

Agora era o estômago que me dava voltas, com uma angustiante vontade de vomitar. Um suor frio encheu-me o corpo quase ao mesmo tempo. Sei hoje que parte daquele mal-estar era conseqüência do medo...

Longino permaneceu uns instantes de joelhos, com o olhar fixo no solo da rocha, como se esperasse por um terceiro abalo. Mas não se repetiria. Ao constatar que o novo abalo não chegaria, o oficial levantou-se, fazendo-me um gesto com o braço para que o seguisse.

Creio que nunca obedeci tão cegamente a uma pessoa. Poucos segundos depois, o centurião e eu não corríamos, voávamos pela fenda do Calvário, saindo para campo aberto e juntando-nos ao pelotão.

Quase todas as mulheres estavam caídas por terra, gemendo e soltando uns gritos que acabaram por me eriçar os cabelos. João e Jude, tão aterrados como os outros, não sabiam se corriam para a campina ou se voltavam à cidade. Mas, pouco a pouco, à medida que o terremoto se ia distanciando na memória, os ânimos começaram a recompor-se e impôs-se a sensatez.

Pelo menos do lado dos oficiais romanos e do jovem Zebedeu. A trágica realidade dos crucificados - esquecida durante os abalos - apresentou-se logo aos olhos dos amigos e familiares do Mestre. Mas, antes de continuar, quero narrar um fato altamente misterioso detectado pelo módulo.

Segundo os dados recolhidos nos registros permanentes ou sismogramas do berço, os dois abalos tinham somado um total de sessenta e três segundos.

A primeira onda muito mais fraca que a segunda, correspondia ao tipo L, também chamadas longas ou superficiais. Os sismógrafos detectaram um predomínio da variante Love, mais de acordo com a natureza uniforme dos estratos superficiais daquela zona geológica. A velocidade calculada foi de 3,3 quilômetros por segundo. No entanto, neste primeiro sismo - cuja magnitude não foi excessivamente importante: 4,1 na escala de Richter - os aparelhos não receberam como teria sido de esperar, as séries de coleios das ondas P ou primárias nem o ziguezaguear posterior das ondas S, mais lentas que as P 1.

Ante o espanto geral, apenas surgiram as ondulantes, lentas e superficiais Love (que de amorosas nada tiveram). No segundo abalo, em contrapartida, apareceram as ondas P e S e, por último, as L.

Os cientistas, à vista dos dados acumulados pelos sismógrafos, classificaram este segundo e mais intenso sismo na magnitude de 6,8z. Até aqui, quase tudo normal dentro do que é e pressupõe um quadro sísmico, com exceção da mencionada ausência das ondas de impulso e das secundárias. Porém, o espanto dos homens de Cavalo de Tróia chegou ao limite quando, muito depois do
segundo abalo e dos correspondentes feixes de ondas, todo o módulo estremeceu e rangeu pela terceira vez.

Nesta altura, no entanto, os sismógrafos tinham emudecido. O que fez vibrar o berço - segundo os dados dos instrumentos de bordo - foi uma onda expansiva! E o mais inacreditável é que aquela onda expansiva viajando à razão de trezentos metros por segundo - tinha o seu nascimento na mesma área onde os especialistas em sismologia tinham localizado o epicentro do terremoto: a uns setecentos e cinqüenta quilômetros a sul-sudeste de Jerusalém, em pleno deserto, muito perto do atual limite entre a Jordânia e Arábia e ao sul da atual povoação de Sakaka.

* A energia libertada num terremoto desloca-se pela rocha sob a forma de onda. A referida rocha atua como um corpo elástico. As partículas individuais dos estratos rochosos vibram de um lado ao outro com grande rapidez, à medida que se transmite o movimento ondulatório. Ainda que os seus padrões sejam extremamente complexos, constantemente modificados pelas propriedades de reflexão, difração, refração e dispersão das ondas, foram divididas internacionalmente em três grandes grupos: Onda P ou primária, de impulso, compressional, ou longitudinal,, que viaja pelo interior da Terra a grande velocidade (entre 6 e 11,3 quilômetros por segundo), sendo que a primeira chega à estação registradora. Transmite-se como as ondas sonoras, por compressão e expansão alternadas do volume da rocha ao longo da direção de percurso das ondas.

Pode atravessar sólidos, líquidos e gases. Onda S ou secundária, de sacudida, de esforço cortante, distorcionais ou transversais. Formam um corpo de onda mais lento que as p, andando entre 3,5 e 7,5 quilômetros por segundo. São as segundas a chegar aos sismógrafos. Viajam também através do interior da Terra, sendo transmitidas - tal como as ondas de luz - por vibrações perpendiculares à trajetória em que viajam as ondas nas rochas. A sua velocidade é proporcional à rigidez do material que atravessam, não podendo atravessar os líquidos.

Por último, as ondas L, também conhecidas por longas, ou superficiais,. São lentas - cerca de 3,5 quilômetros por segundo -, variando a sua deslocação com a elasticidade da rocha. Tem uma natureza ondulatória, movendo-se fundamentalmente por baixo da superfície terrestre. São conhecidos dois tipos principais: as ondas Love, em sólidos uniformes, e as Raleigháem sólidos não uniformes. (N. do M.)
2 Como base puramente comparativa, o famoso terremoto de Lisboa de 1755, cuja magnitude foi avaliada em nove, provocou uma onda sísmica ou maremoto denominada tsunami, que destruiu a capital portuguesa e os seus arredores, provocando sessenta mil mortos. Trata-se do sismo mais forte da história moderna. Até o lago Lomond, na Escócia, oscilou por causa do abalo. (N. do M.)

Quando se concluíram as verificações, o general Curtiss e todos nós vimo-nos ultrapassados pelos resultados, aquele tipo de onda expansiva e parte das ondas sísmicas obedeciam aos efeitos de uma explosão nuclear subterrânea. Sinceramente, ficamos mudos com a surpresa...

Ao fato inquestionável da escassa sismicidade da Palestina - muito inferior às da Grécia, Itália e Espanha, para estabelecer algumas comparações (no período compreendido entre 1901 e 1955, por exemplo, registraram-se em Israel e zonas limítrofes do Libano e da Síria atuais, um total de treze tremores. Segundo Karnik, que tornou públicos os dados em 1971, destes, dez foram de uma magnitude compreendida entre 4,1 e 5,1, sempre segundo a escala de Richter. Dois oscilaram entre 5,2 e 5,6 e apenas um roçou os 6,2 graus de intensidade) - tivemos que acrescentar este novo e inesperado fator. Se era improvável que um sismo coincidisse quase com a morte de Jesus de Nazaré, o problema agravou-se quando os instrumentos captaram a enigmática explosão nuclear subterrânea. (Não quero, nem devo alongar-me mais neste fascinante acontecimento pela simples razão de que, justamente, foi mais um dos motivos que levou Cavalo de Tróia a programar e executar a segunda grande viagem.)

Dez ou quinze minutos depois do sismo, Longino e os soldados regressaram ao alto do Gólgota, recomeçando a guarda dos crucificados.

Minutos antes, o jovem João tinha-se aproximado do centurião, interrogando-o acerca da sorte do Mestre. Ao vê-lo mover a cabeça

negativamente e baixar os olhos, o apóstolo compreendeu que nada havia a fazer. Mas no seu coração não havia lágrimas e, simplesmente, limitou-se a pedir às mulheres que se fossem daquele lugar. No meio de uma explosão de dor, a maior parte do grupo – que acreditava firmemente que Jesus faria um milagre e se salvaria - obedeceu ao Zebedeu, retirando-se na companhia de Jude para casa de Elias Marcos, quartel-general dos mais chegados ao Mestre desde a definitiva dispersão de David Zebedeu e seus correios, perante a chegada dos levitas do Templo. Mas tentei não me antecipar aos acontecimentos, cingindo-me à mais rigorosa ordem cronológica dos fatos.

* 1 Um dos testemunhos mais antigos de que se dispõe na atualidade sobre os sismos em Israel procede de Flávio Josefo. No seu livro I, capítulo XIV da Guerra dos Judeus, e com o título As ciladas de Cleópatra contra Herodes e da guerra de Herodes contra os Árabes e um muito grande tremor de terra que então aconteceu, o historiador diz: ... perseguindo Herodes, o Grande, os inimigos, sucedeu-lhe por vontade de Deus outra desdita, pelos sete anos do seu reinado, e no tempo em que fervia a guerra de Accio, porque no começo da Primavera houve um tremor de terra, em que morreu muito gado e pereceram trinta mil homens, ficando a salvo e ileso todo o seu exército por estar no campo. O terremoto aconteceu portanto, pelo ano 35 antes de Cristo, justamente sessenta e quatro ou sessenta e cinco anos antes do sismo que os Evangelhos mencionam. (N. do M.)

João continuou à sombra do Gólgota, na companhia de quatro ou cinco hebréias que se negavam a regressar a Jerusalém.

Enquanto subia novamente ao cimo do penhasco, reparei nos saduceus. O pânico tinha-os paralisado. Pensei que, uma vez consumada a morte do odiado impostor, se retirariam.

Como estava enganado... Quando Jude e as mulheres se afastaram pelo poeirento caminho, Longino e Arsenius, que com vários homens verificavam os danos e estabilidade das cruzes, tiveram novo sobressalto. A Porta de Efraim começara a vomitar um rio de gente enlouquecida e vociferante que, segundo parecia, fugia da cidade.

Ante a terrível possibilidade de novo tremor, milhares de cidadãos e peregrinos, que os dois abalos tinham surpreendido em Jerusalém, decidiram pelo imediato abandono das vielas da Cidade Santa, em busca de terreno aberto.

Centenas de homens, mulheres e crianças - muitos carregando pesados volumes e puxando por cavalgaduras e conduzindo rebanhos - começaram a desfilar apressada e ininterruptamente em frente do Calvário, rumo às lombas próximas de Gareb.

Os soldados interromperam a sua inspeção, reforçando a guarda periférica do penhasco. Mas, para dizer a verdade aqueles rostos desencorajados pelo medo nem sequer repararam em Jesus e nos

zelotas. O seu verdadeiro problema era escapar, fugir o mais depressa possível dos muros da cidade.

Pouco antes do pôr do Sol, quando, por fim, tive oportunidade de entrar em
Jerusalém, fiz perguntas quanto aos possíveis danos causados pelos dois abalos. Segundo Elias Marcos e José de Arimatéia, os sismos tinham provocado muito mais medo que destroços materiais. As edificações, quase todas de um ou dois pisos e de materiais leves, tinham agüentado os sacões. Deram-se alguns pequenos desmoronamentos mas, felizmente, os feridos não eram muitos nem com gravidade. Um dos fatos que provocaria uma infinidade de comentários - chegando a ser registrado, até pelos evangelistas - foi a ruptura de um dos dois grandes véus ou cortinas postos em frente do Debir, ou lugar santíssimo (também chamado oráculo), do Hekal, ou lugar santo, que precedia o primeiro. Encontrando-se ambos no interior do Santuário, foi-me impossível verificar os rumores, ainda que todas as notícias - transmitidas pelos hebreus em voz baixa e com uma alta carga de superstição – façam referência ao primeiro e mais importante: o que fechava a passagem para a sempre misteriosa quadra cúbica de nove metros de lado, considerada a morada de Deus, e onde se erguiam os dois querubins de quatro metros e meio de altura, belamente esculpidos em madeira de oliveira e cobertos de ouro. Quanto eu teria dado para poder entrar no referido recinto e examinar o interior da arca da aliança, depositada no centro do pavimento sob as asas abertas dos anjos. Porém, isto era um sonho impossível... Quando a patrulha se convenceu de que a multidão só tentava pôr-se a salvo e que nem sequer se detinham à passagem pelos juízes, o oficial e os seus soldados recomeçaram a inspeção do patíbulo, tentando fazer o inventário dos possíveis danos causados pelo terremoto.

* Das dimensões deste grande véu nos dá idéia o seguinte dado do escrito rabínico Middot (III, 8): Se o véu do Templo foi manchado tem de ser lançado num banho que precisa da presença de trezentos sacerdotes. (N. do M.)

Juntei-me a eles, concentrando a minha atenção nos crucificados. As estipes tinham suportado bem as convulsões das rochas, salvo a voltada para ocidente e atrás dos condenados.

Os legionários firmaram-na de novo. Ao terminarem o que se tinha responsabilizado por apanhar os pedaços do cântaro de água reparou em qualquer coisa e chamou a atenção de Longino.

A poucos passos das cruzes, na direção sul, o penhasco estava aberto. Tratava-se de uma fenda não muito larga - de uns vinte e cinco centímetros - mas bastante funda. Talvez de dois metros ou mais. No entanto nenhum dos soldados pôde garantir se aquela fenda estava ali antes do sismo ou se, pelo contrário, acabava de se abrir. Nem o

centurião nem os outros romanos lhe concederam muita importância. E cada um voltou ao seu trabalho.

Pelo meu lado, também não podia garantir que a fenda no alto do Gólgota fosse conseqüência do abalo. O que é certo, sim, é que a pequena fenda não seguia a direção da estratificação natural do promontório. Pelo contrário, cortava a superfície da rocha transversalmente.

Pelas quinze horas e trinta e cinco minutos a saída de hebreus da cidade começou diminuindo consideravelmente. A calma foi-se restabelecendo e aquelas pessoas, acampadas nas cercanias de Jerusalém, começaram a perambular, indecisas, e perseguindo-se mutuamente com perguntas. Considero que o paulatino regresso das aves às muralhas do Templo e da cidade contribuiu decisivamente para serenar os ânimos.

Muitos receberam com alvoroço este regresso em massa das pombas e andorinhas a Jerusalém e ganharam coragem para atravessar novamente a Porta de Efraim. O centurião, Arsenius, os seus homens e eu próprio respiramos também com alívio quando, de repente, um punhado daquelas pombas cinzento-azuladas fez uma paragem no vôo, pousando nos madeiros transversais das cruzes.

Que triste e significativa me pareceu aquela imagem! Três ou quatro pacíficas aves descansavam no patibulum de Jesus de Nazaré, voltando a voar uns segundos mais tarde. O regresso da multidão espantada a Jerusalém foi muito mais tranqüilo.

Nesta altura chegando a parar diante do patíbulo, observando em silêncio ou interrogando os saduceus. Estes aproveitaram a oportunidade para anunciar aos quatro ventos que o Galileu tinha morrido e que quase com toda a certeza, o responsável por aquele terremoto era Jesus, aliado de Belzebu...

A maioria não prestou muita atenção a essas besteiras, mas alguns - arrastados pela veemência dos sacerdotes voltaram a insultar o Mestre, engrossando o número dos curiosos que continuava à beira da grande rocha.

A atenção do oficial e dos legionários viu-se subitamente desviada pela chegada ao patíbulo de três soldados vindos da Fortaleza Antonia. Depois de saudarem Longino explicaram-lhe o motivo da sua presença na rocha: traziam ordens expressas do procurador para darem o golpe de misericórdia nos condenados e levar os corpos para a vala comum aberta no vale da Geena, ao sul da cidade.

O oficial interrogou os legionários quanto à razão que levara Pilatos a tomar uma decisão aparentemente tão precipitada. Segundo explicaram, pouco antes do sismo, um grupo de homens do Sinédrio tinha visitado novamente o governador, expondo-lhe o que eles denominavam o desejo do povo de Jerusalém ou seja, que os corpos dos executados fossem despregados antes do pôr do Sol, tal como ordenava a Lei, que aquele era o dia da Preparação.

Pilatos - cujo estado de ânimo se encontrava fortemente impressionado pelas trevas - acedeu, dando as devidas ordens a Civilis para que enviasse alguns homens.

Longino não dissimulou a sua estranheza. Se os mensageiros, em vez de serem legionários, tivessem sido judeus do Sinédrio provavelmente não teria aceitado. No fundo, os costumes judeus não lhe davam cuidados. Por um lado, a mudança de planos aborrecia-o profundamente. Mal tinham passado duas horas e meia depois que se tinham iniciado os trabalhos de levantamento e encravamento dos zelotas e lhe exigiam a não menos trabalhosa e desagradável tarefa de os desencravar e transportar para a sepultura comum dos criminosos.

Claro que, por outro lado, a contra-ordem também apresentava um certo atrativo. Se as operações se fizessem com rapidez, não passariam aquela noite ao relento, expostos a novas tormentas nem ao rigor da vigilância. E assim, dispostos a terminar com o caso, o oficial e Arsenius ordenaram a descida dos zelotas e do Galileu. Longino avisou os recém-chegados de que Jesus tinha morrido.

Os três legionários, que vinham munidos de bastões, idênticos aos que eu vira usar no apaleamento do soldado romano, ocuparam posições. Dois na frente de Dimas e o terceiro à direita do segundo guerrilheiro, também, como os seus companheiros, a um escasso meio metro das extremidades inferiores de Gistas. Um quarto legionário, de espada na mão, completou o quadro, postando-se em frente da perna esquerda do zelota mais velho. Não houve sinal algum. Os quatro romanos firmaram bem as sandálias na dura crosta da rocha e, brandindo os bastões e a espada, deram quatro golpes, tremendos e secos, nas pernas dos infelizes. O estalar das tolas estilhaçadas por altura do terço inferior foi seguido por uma série de curtas e violentas convulsões. Os zelotas tinham sido despertados pela dor.

Provavelmente, as pancadas tinham afetado também o perônio porque, imediatamente, as pernas se inflamaram e os corpos, sem terem sequer o árduo consolo do apoio dos cravos dos pés, descaíram uns centímetros, enquanto os desgraçados, entre gritos, abriam as bocas desesperadamente, em pleno e irreversível processo da asfixia.

Gistas, nesta ocasião, tinha apanhado a pior parte. A espada do soldado cortara-lhe a perna. Em questão de segundos o choque traumático e uma possível embolia aceleraram a morte por asfixia.

Às quinze horas e quarenta e cinco minutos ambos deixavam de existir.

Apesar da advertência do centurião, um dos soldados encarregado de acabar com os condenados, colocou-se por baixo do cadáver do Mestre, examinando-O atentamente. A verdade é que, nem Longino nem o resto da tropa se aperceberam das intenções do soldado. A maior parte dos romanos esforçava-se nos preparativos para a descida dos justiçados.

Suponho que procurando livrar-se de qualquer responsabilidade, o romano deitou mão a um pilum e, sem pensar duas vezes, espetou o flanco direito do Mestre, enterrando a lança quinze a vinte centímetros. Mas o corpo do Nazareno, como era de esperar, não teve reação. O soldado, convencido do falecimento do Prisioneiro, procurou retirar a arma. No entanto, a ponta em flecha do pilum esbarrou ou enganchou-se nos tecidos, resistindo.

À segunda tentativa, o flanco cedeu e o ferro ensangüentado ficou livre. Pela ferida, de uns quatro centímetros e meio de comprimento, saíram mansamente uns dez centímetros cúbicos de sangue e, a seguir, uma pequena quantidade de um líquido seroso. Ao aproximar-me e examinar a lançada notei que tinha entrado entre a quinta e a sexta costelas, com uma trajetória logicamente ascendente e que, presumivelmente, trespassara o plano muscular intercostal, as pleuras parietal e visceral, o pulmão e o pericárdio, entrando em cheio na aurícula direita. Esta zona do coração conserva precisamente uma certa quantidade de sangue líquido, uma vez ocorrido o óbito.

Em minha opinião, foi este o sangue que se derramou. Quanto a água que João, o Evangelista, diz ter visto, e que surgiu imediatamente depois do derrame sanguíneo, é muito possível que se tratasse do referido humor de caráter seroso que enche a cavidade existente entre as túnicas das pleuras pulmonares. (A visceral, como se sabe, adere intimamente ao pulmão e a parietal forra as paredes do tórax; por baixo, cobre o pulmão e o diafragma exceto no centro. Por dentro protege a face mediastínica e por fora a face interna das costelas.)

Quando a lança rasgou estas pleuras, o referido líquido, ao variar a pressão, acabou por sair, derramando-se imediatamente depois do sangue. À sua maneira, o jovem João dissera a verdade... Mas as afrontas ao corpo de Cristo não tinham terminado.

Tendo passado a escuridão e o vento forte, as moscas e os insetos caíram sobre os corpos dos crucificados, convertendo as feridas em coroas negruscas e palpitantes. Com uma grande experiência neste tipo de execuções, o carrasco encarregado dos encravamentos sugeriu ao oficial que se iniciasse a operação da descida pelo condenado que tinha morrido há mais tempo. Longino concordou. Também ele sabia que a rigidez cadavérica não tardaria a começar, dificultando os trabalhos do transporte para Geena.

Era simplesmente assombroso. Naqueles momentos - quase às quatro da tarde - nenhum dos discípulos ou amigos do Mestre viera ainda pedir o corpo do Rabi. A idéia do centurião, tal como o dera a entender o procurador, era retirar os corpos das cruzes e transportá-los para a vala comum. João, que seguia atentamente os movimentos dos soldados, não saíra das proximidades do patíbulo. Atendeu durante breves minutos um dos correios de David Zebedeu - informando-o do falecimento do Mestre - e, uma vez afastado o mensageiro, continuou junto do cabeço, visivelmente desmoralizado.

Quando o oficial romano se postou por baixo da cruz de Jesus, vigiando os preparativos da descida, reparou imediatamente na nova e grande ferida do flanco. O sangue começara a formar grossos grumos no franjado lábio inferior da ferida. Compreendeu imediatamente que o cadáver fora lanceado e, com grande irritação, voltou-se para os seus homens repreendendo-os pela desobediência. Mas ninguém disse nada. Sem perda de tempo, o carrasco começou a manipular a cabeça do cravo que atravessava o pé direito do Mestre, enquanto outro soldado encostava a escada de mão atrás da estipe, preparando novamente a comprida corda que tinham utilizado nos levantamentos.

Com precisão estudada, o legionário aprisionou a base do cravo a mãos ambas, fazendo-o oscilar para cima e para baixo. Sabiamente, o responsável pelo encravamento tinha deixado a cabeça a uns dez centímetros acima da pele. Desta forma, dispunha de espaço suficiente para o manejar. Poucos segundos depois, com um forte puxão, a ponta metálica estava fora da madeira e a extremidade inferior do Galileu relaxou-se totalmente, oscilando ligeiramente no vazio. O soldado agarrou então o calcanhar com a mão esquerda, arrancando o cravo com a direita.

Ao desenterrá-lo do peito do pé, o sangue brotou novamente, formando uma enorme rosa avermelhada em volta da ferida.

Antes de se postar diante do pé esquerdo, o carrasco certificou-se se o seu companheiro, no alto da escada, tinha atado a corda ao patibulum. Esperou até que rematasse a laçada central e, em seguida, repetiu a extração do segundo cravo.

Também aqui não se registrou problema algum. O corpo do Mestre pendia, inerte, escorrendo sangue pelas pontas dos pés. Os dedos grandes, encontravam-se visivelmente separados dos outros, muito forçados para o eixo central do cadáver. Boa parte do volume sanguíneo acumulado nas pernas, e que ficara relativamente estancado pelos próprios cravos, ao desaparecer o efeito hemostático começou a fluir, convertendo aquela parte da rocha num extenso charco em que os legionários escorregaram várias vezes.

Livres os pés, mais dois soldados se aferraram a ambos os lados da árvore e um terceiro e um quarto legionários, saltando para os ombros daqueles, dispuseram-se a repetir a operação do levantamento do madeiro transversal. Suspenso das operações não me apercebi de que a minúscula representação do Sinédrio se vira aumentada por outro grupo de sacerdotes recém-chegados à base do Gólgota. Aqueles sacerdotes preparavam-se para protagonizar outro lamentável acontecimento...

Em uníssono, os soldados postados por baixo de cada uma das pontas do patibulum e o que agarrava a corda do alto da escada fizeram força elevando o lenho até à afiada ponta da estipe ficar fora do orifício central do madeiro.

Naquele preciso instante, o soldado da escada deu um grito, avisando os que controlavam a corda em baixo e atrás da cruz que podiam ir afrouxando. E assim fizeram. Jesus e o madeiro foram baixando lentamente, palmo a palmo. Uns centímetros antes de os pés tocarem na rocha, de modo que o cadáver chegou ao solo totalmente horizontal. Ao recuar, esbarrei sem querer com alguém. Quando ia desculpar-me, deparei com o ancião José de Arimatéia, que era acompanhado por outro judeu de pequena estatura, cerca de um metro e cinqüenta.

José alegrou-se ao ver-me. Esboçou um triste sorriso e apresentou-me o seu companheiro, Nicodemo, como ele membro do Conselho do Sinédrio e da chamada nobreza laica de Jerusalém.

Os dois homens, com uma coragem que, na minha humilde opinião, nunca foi devidamente valorizada, traziam uma ordem assinada pelo próprio Pôncio Pilatos, autorizando a transladação do cadáver do Nazareno para um túmulo privado.

José, conhecendo a triste sorte sempre reservada aos justiçados - cujos corpos eram geralmente devorados pelas ratazanas e animais selvagens na vala de Geena -, apressara-se a visitar o procurador, suplicando-lhe a custódia do Mestre. Pelo que se via, este tipo de petições não era raro. Muitos dos familiares e amigos dos executados tinham por costume recorrer à máxima autoridade romana e, a troco de dinheiro ou de ofertas, conseguiam os seus propósitos.

José levara uma grande quantia ao Pretório.

Mas, quando Pilatos teve conhecimento das intenções do seu velho amigo, recusou o dinheiro, assinando imediatamente a autorização.

Mau foi José e Nicodemo terem chegado ao patíbulo pouco depois dos seus fanáticos companheiros do Sinédrio...

O centurião desenrolou o papiro e, depois de ler atentamente o texto, concordou, dando a sua autorização.

Mas a inesperada presença dos membros demitidos do Conselho de Justiça judeu junto das cruzes mobilizou imediatamente os saduceus. Os sacerdotes viram perfeitamente como José entregava o rolo ao oficial e suspeitaram que os discípulos do Galileu procuravam apossar-se do cadáver. Entretanto, o carrasco conseguira desencravar o pulso esquerdo de Jesus. E quando se preparava para fazer o mesmo com o último cravo, uma súbita gritaria o deteve.

A patrulha e todos nós vimos então como alguns dos juízes, vermelhos de ira, se precipitavam para o alto do Gólgota, exigindo o direito de dispor dos corpos dos três justiçados. Longino fez um sinal aos seus homens e os quinze legionários, com Arsenius na primeira fila, cobriram o rebordo oriental da penha, cortando a passagem aos furiosos sacerdotes. Estes, ao chegarem ao final da fenda que dava acesso ao promontório, pararam de repente, estupefatos perante os reflexos das

ameaçadoras espadas. Mas, longe de recuarem, enfrentaram a escolta, exigindo o corpo do Mestre.

Parte dos curiosos que se tinham unido aos juízes, instigados e encorajados por estes, gritaram também, insultando os romanos e arremessando pedras. Os amotinados, enraivecidos, começaram a avançar para o Calvário.

Mas o centurião, desembainhando a espada, pôs-se à cabeça dos legionários e deu ordem de atacar. Em formação cerrada, os romanos começaram a avançar com passo firme e resoluto para os judeus que tinham subido até ao penhasco. Os seus rostos tensos, exprimindo uma raiva mal contida, fizeram-me tremer, pareciam estar dispostos a tudo.

Mas os sacerdotes, compreendendo o perigo, deram meia volta, fugindo em atropelo. Um ou dois, na sua precipitação, rolaram pelo caminho, sendo espezinhados sem piedade pela patrulha que, em fila, corria na direção dos hebreus furiosos.

O ataque não tardou a surtir efeito. Quando o populacho viu os soldados de espadas ao alto, dispostos a massacrá-los se fosse preciso, recuaram, dispersando em todas as direções.

Uma vez restabelecida a ordem, o pelotão voltou ao alto da rocha, formando um novo e mais numeroso cinturão de segurança em volta das cruzes.

João e as mulheres, que tinham sido obrigados a correr, fugindo da furiosa carga, viram de longe como o carrasco concluía o seu trabalho de desencravamento de Jesus. Os restantes sacerdotes e judeus que se tinham rebelado desapareceram pelos campos e no interior da cidade. Só uns poucos, de longe, e dispersos, se atreveram a espiar os movimentos dos guardas.

Mas em momento algum tiveram coragem para se aproximarem a menos de cem metros do patíbulo.

Apesar do forçado isolamento do Calvário, Longino - procurando agir sempre com um mínimo de justiça - chegou à beira do promontório e, levantando a voz, leu a ordem de Pilatos. Duvido muito que os enraivecidos juízes chegassem a escutar o oficial.

Depois, avançando para José de Arimatéia, comunicou-lhe solenemente:

- Este corpo pertence-te. Faz o que consideres necessário. Os meus soldados te ajudarão para que ninguém se oponha ao teu desejo.

O ancião, pálido ainda pelo susto, agradeceu as palavras de Longino e, na companhia de Nicodemo, dirigiu-se para o lugar onde se encontrava o cadáver do Mestre. O patibulum fora retirado e também o elmo espinhoso, que foi arremessado com força pelo carrasco para o pequeno penhasco situado a ocidente. Nem José nem o seu amigo nem os soldados prestaram a menor atenção à coroa de espinhos.

Só eu o vi perder-se no mato do terreno acidentado. Enquanto os soldados iniciavam a segunda descida, o velho José ajoelhou-se junto da

cabeça martirizada de Jesus e, depois de O contemplar em silêncio, estendeu a mão baixando a pálpebra direita do Mestre.

Depois de vinte ou trinta segundos retirou os dedos, mas o olho do Galileu voltou a abrir-se. José pousou de novo a mão sobre a pálpebra, e assim esteve durante quase dois minutos. Nesse momento, uma lágrima solitária correu pelo rosto do amigo do Nazareno.

Embora o rigor mortis - que se veria indubitavelmente acelerado pela tetanização - só começasse umas seis horas depois do falecimento, o certo é que a queda do maxilar inferior me fez suspeitar de que os músculos da boca, que ficara aberta, não tardariam a entrar em rigidez. Por outro lado, a perna esquerda do Mestre encontrava-se flexionada, possivelmente pela posição forçada e constante na cruz. Os dedos - em garra - e com os polegares virados para o centro das palmas, tinham-se tornado muito mais azulados.

Uma vez fechado aquele olho de Jesus, Nicodemo pousou no chão um par de saquinhos que, unidos por um cordel, pendiam do seu ombro esquerdo e dos quais não se separara durante todo aquele tempo.

Com a ajuda de José desdobrou por toda a zona seca da rocha um lençol branco que trazia dobrado debaixo do braço. (Segundo me confessaria naquela mesma noite no domicílio de Elias Marcos, José de Arimatéia tinha comprado aquelas seis varas de pano de um comerciante da vizinha localidade de Palmira, a norte.) Examinei o tecido e verifiquei que se tratava de um pano de linho. Medi-o dissimuladamente com a ajuda da vara de Moisés e deduzi que tinha uns 4,30 metros de comprimento por um pouco mais de um metro de largura. (Na nossa segunda aventura, as análises verificadas no interior do módulo sobre esse pano dariam assombrosos e desconcertantes dados quanto ao que pôde acontecer no sepulcro e que, sem dar lugar a dúvidas, coroaram a nossa missão. Na referida análise, verificamos, por exemplo, que as dimensões exatas do pano eram 4,36 x 1,10 metros, com um peso de 234 gramas por metro quadrado. Quer dizer, o peso total daqueles 4,80 metros quadrados elevava-se a 1123 gramas.

A fibra, efetivamente, era de linho e nas ampliações até cinco mil vezes apareceu uma estrutura denominada quatro em espiga ou em cauda de peixe. Este tecido de sarja, tal como Nicodemo me dissera, provinha dos teares de Palmira. Curiosamente, este tipo de confecção só entraria na Europa em meados do século XIV. Mas não desejo alongar-me sobre as nossas fascinantes descobertas no lençol que cobriu o cadáver de Cristo durante aquelas históricas trinta e seis horas...).

José de Arimatéia viu a posição do Sol e apressou Nicodemo para que o ajudasse a transportar o cadáver para o lençol estendido. O ancião postou-se junto da cabeça do Mestre e o amigo, por sua vez, aos pés. Ambos se inclinaram ao mesmo tempo. José enfiou as mãos por baixo dos ombros do Galileu, segurando-o pelas axilas. Nicodemo fez o mesmo, agarrando o Gigante pelos tornozelos. Trocaram um olhar e, quando consideraram estar preparados, tentaram levantar o pesado

corpo. E digo tentaram porque, naturalmente, só Arimatéia conseguiu levantá-lo uns centímetros.

Tentaram segunda vez, mas foi igualmente inútil. Os funcionários judiciais e aquelas pessoas que alguma vez se viram na obrigação de mover um cadáver sabem por experiência que não é nada fácil. E, menos ainda, se os pontos de apoio não forem os adequados. Era este o caso de Nicodemo...

Absolutamente impotentes para levantarem o Nazareno, José não teve outro remédio que não fosse o de solicitar o auxílio do oficial. Longino, compreendendo a delicada situação dos hebreus, suspendeu o desencravamento de Dimas, que ficou pendurado do patibulum. Um dos legionários, mais jovem e robusto que José, encarregou-se da parte superior do Mestre. Passou os braços pelas axilas, levantou o tronco do cadáver do Rabi. Ao mesmo tempo, outro soldado dobrou ao máximo os joelhos de Jesus, abraçando ambas as pernas pela altura das curvas. O corpo do Galileu formou então um V e, com a ajuda de mais dois soldados que colocaram as mãos nos rins e nas costas do Cristo - os oitenta ou oitenta e dois quilos do Filho do Homem puderam ser levantados e levados para o lençol.

O corpo foi depositado a uns vinte centímetros da ponta da mortalha mais perto das cruzes, com a cabeça quase ao centro do lençol. Naquela deslocação de apenas cinco metros, a intensa flexão do tronco comprimiu as vísceras torácicas e abdominais, dando lugar a uma hemorragia. Sem dúvida, a pressão esvaziou uma das veias cavas (possivelmente a inferior) e um largo fio de sangue brotou pela ferida da lança, jorrando pelo flanco direito, escorrendo ao longo das costas, até à cintura. Nicodemo tentou baixar o joelho esquerdo do Mestre mas, embora o fizesse descer uns centímetros, os hematomas, as articulações dilaceradas e a rigidez da perna tornaram impossível abaixá-la totalmente.

José de Arimatéia acabou com os esforços do seu companheiro, cobrindo o cadáver com os dois largos metros de linho que tinham ficado livres. O oficial, que acompanhava atentamente a manobra, compreendeu imediatamente que as dificuldades daquela voluntariosa parelha de sacerdotes não terminariam ali. Confusos, Nicodemo e José, ao compreenderem que o transporte de Jesus requeria a colaboração de, pelo menos, quatro homens, voltaram-se, implorando, para Longino. E este, sorrindo, entregou ao seu lugar-tenente a tarefa da descida dos zelotas, dizendo depois a quatro dos seus homens mais corpulentos que o acompanhassem bem como aos proprietários do cadáver até ao túmulo escolhido.

Nicodemo e José rogaram ao oficial que lhes permitisse ajudar no transporte do improvisado féretro. E assim se fez. Pelas dezesseis horas e trinta minutos, o próprio centurião, outro legionário e os dois amigos de Jesus levantaram a mortalha do frio solo do patíbulo, carregando os restos mortais do Filho do Homem. Atrás, os outros soldados, com as

espadas desembainhadas e eu, com a alma tão descarnada como aquela funesta rocha que nunca esquecerei.

Devia ter pensado nisso. Embora João fale na sua narrativa de um sepulcro situado no mesmo local onde o Mestre fora crucificado, por mais que olhasse enquanto estive no alto do Gólgota não consegui descobrir um só ponto - próximo do penhasco - que reunisse as principais características indicadas pelos evangelistas, quer dizer, um jardim e alguma penha onde se pudesse escavar um túmulo.

Mas depressa ficaria esclarecido este novo mistério. Mal tínhamos descido do maciço rochoso, o jovem Zebedeu e as mulheres vieram ao nosso encontro. José tranqüilizou o centurião que, ao ver aproximar-se o reduzido grupo, se pôs em guarda. Quase de joelhos, o apóstolo suplicou ao legionário que agarrava uma
das pontas da mortalha que lhe cedesse o seu lugar. Longino respondeu ao interrogativo olhar do seu soldado com um movimento de cabeça afirmativo e João substituiu-o na transladação.

Nenhum crucificado podia ser enterrado num cemitério judeu. Assim o estabelecia a Lei. José e Nicodemo sabiam-no e, antes mesmo de visitarem Pilatos, tinham previsto enterrar o Mestre numa das propriedades de Arimatéia. Mas o final daquela trágica sexta-feira aproximava-se a passos de gigante. As trombetas do Templo não tardariam a anunciar o anoitecer e, com ele, a entrada do sábado e da solene festa da Páscoa. Era preciso andar depressa.

E os antigos membros do Sinédrio, que seguravam a mortalha com os pés, apressaram o passo. Atrás, a quatro ou cinco metros, seguiam-nos Maria, a de Madalena, Maria, a mulher de Cleopás, Marta, outra das irmãs da mãe de Jesus, e Rebeca de Seforis.

Os legionários, por sua vez, tinham-se dividido, cobrindo os flancos do cadáver. Ao contemplar aquele cortejo fúnebre silencioso e esquivo, não pude reprimir uma tristíssima sensação de solidão. Abandonado pela maioria dos amigos e adeptos fiéis, ultrajado quase depois da descida por aquela turba de fanáticos, agora – a caminho do sepulcro - nem sequer podia receber um funeral com o mínimo de dignidade e repouso.

Até o mais pobre e miserável dos Judeus, segundo a Lei, tinha o direito, pelo menos, a um enterro com dois músicos de flauta e uma carpideira. Para o Nazareno não restavam lágrimas.

Os corações das mulheres e dos seus três amigos tinham secado. Quanto ao acompanhamento, tudo o que recordo foi os passos apressados da escolta e dos que carregavam o cadáver, arrastando cardos e abrolhos.

José de Arimatéia e Nicodemo orientaram a transladação, ladeando a muralha norte de Jerusalém e seguindo praticamente o mesmo itinerário da via dolorosa. Atravessamos a estrada de Samaria e dez ou quinze minutos depois de ter abandonado o patíbulo, suada e com os dedos doridos pelo peso do corpo, a comitiva parou diante de

um jardim. Encontrávamo-nos ao norte do Gólgota e relativamente perto da Torre Antonia, aproximadamente a uns cem ou cento e cinqüenta metros. (Era natural que os ricos proprietários de Jerusalém não situassem as suas herdades e plantações ou jardins de recreio perto daquele penhasco onde se justiçavam os ladrões e criminosos. Aquele, em contrapartida, parecia ser um lugar tranqüilo e formoso.) Uma das mulheres, julgo que foi Madalena, adiantou-se e soltou a corda que, à maneira de laço, prendia uma porta de madeira, de um metro de altura, a uma cerca de estacas impecavelmente caiadas. A sebe, de altura semelhante à da cancela de entrada, perdia-se, à direita e à esquerda, entre o emaranhado de uma infinidade de árvores frutíferas. Ao rodar, as ferragens articuladas dos gonzos gritaram como um animal ferido. O grupo precipitou-se para o interior da herdade. Caminhamos cerca de cinqüenta passos, sempre numa frondosa plantação de pequenas árvores selecionadas, até chegar a uma bifurcação do estreito caminho que começava precisamente no umbral da porta do jardim.

Após uma breve pausa, suficiente para recuperar o fôlego, José e Nicodemo deram indicações aos soldados e metemos por um caminho à direita. O da esquerda ia dar a uma casinha situada aí a uma centena de metros e que a julgar pela coluna de fumo coleante e espigada, que escapava pela chaminé, devia ser habitada.

Dois pequenos cães acorreram de entre as árvores, saltando e ladrando alegremente às pernas de José de Arimatéia. Mas o ancião, com um grito autoritário, mandou-os embora.

A uns vinte metros da bifurcação apareceu na minha frente uma suave elevação de terreno. Era uma formação calcária que não sobressairia mais de metro e meio do nível do chão.

Paramos, e José de Arimatéia anunciou ao oficial que podiam depositar o corpo de Jesus no solo. A dois passos do ponto onde repousava o cadáver do Nazareno, o terreno argiloso que rodeava a uma cunha rochosa tinha sido removido. José, proprietário do sítio, mandara construir umas escadas rústicas, que desciam atém uma estreita galeria de apenas dois metros de largura. Ao descer os cinco degraus, encontrávamo-nos num corredor diante de uma fachada, perfeitamente trabalhada na rocha viva. Grosso modo, calculei a altura daquela parede rochosa nuns três metros.

No centro havia uma pequeníssima porta quadrangular, de noventa centímetros de lado. José rogou-nos que o desculpássemos e afastou-se correndo em direção à casinha.

Enquanto os soldados aproveitavam a parada para sentar e descansar, acocorei-me e tentei dar uma olhadela no interior da cripta. Uma pedra redonda, muito parecida com uma mó de moinho, de um metro de diâmetro, repousava à esquerda da boca de entrada no sepulcro. Mesmo ao pé da fachada fora aberta uma calha de uns vinte centímetros de profundidade por uns trinta de lado que corria a toda a

largura. A pedra, cujo peso devia ser superior a quinhentos quilos, e tão toscamente polida quanto a fachada, estava colocada de tal maneira que, para tapar a estreita abertura que fazia às vezes de porta - bastava fazê-la rolar na calha, a que se ajustava quase matematicamente. Ao passar a mão por aquela mole redonda imaginei o enorme esforço que deviam ter tido os operários para a transportarem até ao fundo da galeria e, naturalmente, o que exigiria cada encerramento e abertura do sepulcro.

Mas, ao meter a cabeça dentro da cripta, a escuridão era tal que não consegui distinguir-lhe a profundidade nem a altura das paredes nem qualquer outro pormenor.

Levantei-me e enquanto esperava José, entreguei-me a medir aquela espécie de antecâmara ou galeria, da fachada ao último degrau eram 2,20 metros. As paredes da galeria, a céu aberto, iam baixando desde os três metros (altura máxima que correspondia à fachada do sepulcro) até pouco mais ou menos um metro ao nível do degrau mais alto.

As minhas medições foram interrompidas pelo regresso do ancião, que vinha acompanhado de um hebreu de cerca de cinqüenta anos de barba curta e cuidada e de corpulência que instintivamente me lembrou o falecido Mestre.

Trazia na cabeça um chapéu largo de palha e carregava uma volumosa e pesada ânfora. José trazia dois archotes de cabo curto e uma espécie de pequena trouxa. Pelas cinco da tarde, o dono do jardim ajoelhou-se na frente da câmara sepulcral e, com extremo cuidado, alongou a mão esquerda, colocando um dos archotes no interior da cripta. Depois entregou o segundo facho ao seu servo e jardineiro, que, hierático e mudo como uma estátua, não se moveria da galeria.

José, sempre naquela posição incômoda, arrastou-se, penetrando na gruta.

O tremeluzir avermelhado do archote dentro do sepulcro desapareceu segundos depois. E o ancião , assomando a cabeça pela abertura, pediu o segundo archote. O seu ajudante apressou-se a entregá-lo, fazendo o mesmo com a trouxa.

Quando José considerou que tudo estava preparado, saiu do sepulcro, dizendo a Nicodemo que descesse o corpo do Mestre. Os soldados cumpriram a ordem, colocando o cadáver sobre a terra vermelha e calcada da galeria, orientando-o de modo a que a cabeça ficasse voltada para a porta estreita. José de Arimatéia voltou então ao interior, seguido pelo centurião.

Uma vez lá dentro, ambos começaram a puxar pela mortalha, sendo ajudados de fora por mais três legionários. Quando, por fim, o corpo foi introduzido no sepulcro, Nicodemo passou a José o par de sacos, que ainda trazia pendurados do ombro, e a ânfora. Satisfeita esta última parte da laboriosa transladação aquele inclinou-se também e, de joelhos, perdeu-se na mortiça claridade do sepulcro, seguido por João.

Ignorando se tinha lugar, aventurei-me a seguir Nicodemo. O meu metro e oitenta de altura obrigou-me a dobrar a espinha e a arrastar-me por um piso tão rugoso quanto ingrato.

Ao levantar os olhos encontrei-me num espaço quadrado, de uns três metros de lado e 1,70 metros de altura, aproximadamente. (Deste último número estou bastante certo porque, durante o tempo que permaneci dentro da cripta, não tive outro remédio senão inclinar a cabeça para não bater no teto rochoso, duramente trabalhado à base de escopro de cantaria, a julgar pelos cortes em bisel da abóbada e das paredes.) A minha intromissão foi bem recebida. Quando me levantei, os quatro homens esforçavam-se por levantar o cadáver até uma espécie de banco de sessenta e cinco centímetros de altura, igualmente roubado da rocha e aberto na parede direita (tomando como referência a abertura da entrada).

Apressei-me a unir os meus esforços aos deles, colaborando no último levantamento do Nazareno. Sei que aquele pobre e insignificante gesto não teria sido aprovado pelo código rigoroso do Projeto, mas que importância pode isso ter agora... Os restos mortais de Jesus descansavam finalmente num leito de pedra de 1,89 metros de comprimento por 0,93 metros de largura. Para dizer a verdade, o túmulo parecia escavado expressamente para o grande corpo do Galileu.

José apressou-se a descobrir o cadáver, enquanto Nicodemo abria o saco de pano, extraindo, em primeiro lugar, duas penas totalmente brancas, que, à primeira vista, poderiam ser de algum tipo de ave doméstica.

À luz trêmula dos archotes - colocados por José em cada um dos cantos do altar ou poial de rocha - apareceu novamente diante de todos o ensangüentado, sujo e malcheiroso corpo de quem umas horas antes fora o majestoso Filho do Homem. As crostas de excrementos tinham acabado se secando na pele das coxas e pernas, exalando um fedor insuportável.

Embora só tivessem decorrido duas horas desde o momento da morte clínica, os pés, com as unhas azuladas, apresentavam uma contração post mortem com predomínio extensor dos dedos. A rigidez, tal como eu temia, avançava sem remédio. A cabeça, caída para o lado direito, conservava a boca aberta, apresentando um tom lívido e um acentuado arroxeado dos lábios. O tórax, totalmente relaxado, estava coberto por uma mistura de terra e sangue seco, com uma miríade de coágulos que não obedecia à lei da gravidade e que despontava sobre toda a caixa torácica.

Observei o afundamento do epigástrio e, com ele, as pregas do abdômen, especialmente na sua metade inferior. Mas o que mais me atraiu a atenção foi a mão direita. As costas e o bordo cubital encontravam-se praticamente ocultos por uma grande mancha de sangue coagulado e os quatro dedos longos, com uma acentuada cianose e dimensões ligeiramente superiores às da esquerda, que

conservavam o referido bloqueamento em forma de garra. Aquela hiper-extensão dos quatro dedos longos da mão direita, na minha opinião, só podia ser originada por alguma das terríveis lesões, nos correspondentes músculos extensores, derivadas da extração do cravo e da segunda perfuração do carpo.

O joelho esquerdo continuava dobrado e ambos os cotovelos rígidos, mantinham os braços em flexão.

Quando vi como Nicodemo introduzia as pequenas penas nas fossas nasais de Jesus compreendi as suas intenções. Se o suposto falecido conservasse um mínimo de vida, o roçar das penas irritava as mucosas, excitando assim a respiração. Era, tal como escrevera o rabino A. Levy, o certificado da morte.

Não é preciso dizer que o Galileu não manifestou reação alguma. Cumprido o trâmite, José voltou a assomar-se à entrada do sepulcro, logo regressando.

- Temos de andar depressa - disse em voz baixa. – Não tardar aí o sábado!

Abrindo a ânfora, verteu parte da água num pedaço de esponja, acinzentada e perfumada por centenas de minúsculos orifícios. Nicodemo postou-se aos pés do Mestre levantando a extremidade inferior esquerda até onde foi possível. José de Arimatéia despiu o manto e arregaçando a túnica, começou a esfregar e a limpar a face posterior da coxa e da perna.

Repetiu depois a lavagem da perna direita, concluindo com uma série de deficientes fricções nas nádegas, testículos e ânus de Jesus.

- Melhor deixá-lo assim... - disse Nicodemo, cada vez mais nervoso ante a aproximação do final da sexta-feira. José de Arimatéia arremessou a esponja para o chão e começou a desatar os sacos de raízes, enquanto o seu companheiro procurava no fundo do saco.

Um dos sacos continha entre quinze e vinte quilos de um pó granulado, de tom amarelo-ouro, muito aromático e que bastou abri-lo, para se espalhar uma fragrância deliciosa por toda a cripta.

Longino e eu entreolhamo-nos, agradecendo aquela súbita mudança no pesado ambiente do túmulo. No segundo saco, distingui um bojudo jarro de cobre perfeitamente lacrado com um tampão de pano, que foi aberto. José voltou-se para Nicodemo, repreendendo-o pela sua lentidão.

Por fim, entre as mãos peludas do antigo membro do Sinédrio, vi aparecer retalhos de pano. Eram umas tiras estreitas, esgarçadas e que, pela irregularidade dos fios, deviam ter sido rasgadas à mão e apressadamente de algum pano velho. Nicodemo escolheu uma daquelas vendas (de pouco mais de um metro de comprimento) e, puxando pelas duas pontas, esticou-a e estabilizou-a a uns dois palmos acima do saco que albergava o pó dourado. Sem perder um instante, José de Arimatéia enfiou a mão esquerda no saco, trazendo um punhado

daquela espécie de pó, e deixou-o cair pela parte inferior do punho, cobrindo mais que generosamente a superfície do pano.

O pulso trêmulo do ancião fez que boa parte do acíbara ou aloés - pois de tal se tratava - caísse no saco ou se derramasse no chão rude da câmara mortuária. Sem muita dissimulação guardei um pedacinho daquele pó. Uma vez de regresso ao módulo, e submetido à correspondente análise microscópica, Cavalo de Tróia soube que aquela substância era na realidade uma das variantes do acíbara, o chamado sucotrino, que deve o seu nome à ilha de Socotor , à entrada do golfo Arábico. Apresenta-se geralmente em blocos de fratura brilhante e como que vítrea, vermelhos, esverdeados ou amarelados e que submetidos a pulverização, proporcionam um produto granulado, idêntico ao que tinha em frente dos olhos. No caso do aloés originário de Socotor, a sua origem, como noutros tipos de acíbara - hepático ou das Barbadas, eqüino, etc. - está no sumo que se extrai de diferentes espécies botânicas. Trata-se de plantas grandes e vistosas, da família das Liliáceas (tribo das Asfodelos), que crescem nas regiões quentes da Ásia, África e América. Do centro de um conjunto de folhas grandes e carnudas, com bordos armados de espinhos, sai um talo ou pedúnculo vigoroso que eleva no topo uma longa espiga de flores tubulosas, geralmente bilabiadas e vermelhas.

Esse sumo é produzido pelas folhas. José levantou-se e, aproximando-se dos pés do Mestre, tentou juntá-los, levantando-os de modo a que o seu companheiro pudesse passar a peça de pano, impregnada de acíbara, por altura dos tornozelos.

A seguir, Nicodemo foi soprando o aloés e, para surpresa minha, o seu particular aroma tornou-se mais intenso e penetrante. Atou a venda nos artelhos e, voltando ao saco, repetiu a operação com uma segunda tira. Nesta altura, antes de atar as mãos do Galileu, José teve a precaução de as depositar reverente e pudicamente sobre o púbis do cadáver. A esquerda por cima da direita. Tanto aquela como esta apresentavam uma roseta de sangue coalhado na parte superior do pulso. A forma triangular da ferida, com os seus bordos negros e descarnados, fez-me estremecer. Uma vez atado, tal como indicava a Lei judaica, os amigos do Rabi inclinaram-se novamente para os saquitéis.

Nicodemo removeu o conteúdo do jarro enquanto José enchia ambas as mãos com uma apreciável quantidade de acíbara. Na palma esquerda do primeiro apareceu uma substância pastosa, de aspecto gomo-resinoso, que cintilou à luz dos archotes como um milhar de lágrimas avermelhadas. Era mirra. O seu cheiro forte, muito menos agradável que o do aloés, misturou-se em seguida com o do pó granulado, sufocando-me.

Nicodemo colocou-se na frente da metade superior do cadáver, enquanto o velho José fazia o mesmo junto dos membros inferiores de Jesus de Nazaré. José de Arimatéia permaneceu uns segundos com as

mãos firmemente fechadas, aprisionando o pó dourado. Quando as abriu, a acíbara tinha-se transformado numa massa macia, quase plástica. Ao mesmo tempo, ambos pegaram as massas de mirra e aloés, untando e fechando as brechas e orifícios naturais do corpo.

Nicodemo ocupou-se das fossas nasais, ouvidos e das grandes feridas das ilhargas. José dos profundos rasgões dos joelhos, cravos das mãos e pés e da rede de pequenos orifícios provocados pelas cardas das sandálias dos soldados (paradoxalmente, aqueles que O tinham defendido depois de morto...).

Ficavaevidente a pressa daqueles homens. Se tivessem atuado com menos rapidez, era bem provável que o tamponamento só tivesse sido feito por último. Uma prova do que digo surgiu quando José recordou que faltava o reto. Mas os membros inferiores de Jesus estavam atados e foi precisa a ajuda de Nicodemo que, resmungando, levantou novamente as pernas do Galileu, possibilitando que o ancião tamponasse o ânus. Naturalmente, ao levar a cabo esta manobra, grande parte do pó dourado depositado na faixa que mantinha unidos os pés escorregou, caindo na mortalha de linho.

Ao terminar, José, enervado pela chegada do crepúsculo, dirigiu-se novamente à pequena porta. Mas, na sua precipitação, tropeçou na ânfora e pouco faltou para que caísse de bruços. Uma vez verificada a posição do Sol, voltou ao banco de pedra, resmungando qualquer coisa em voz baixa.

Então, Nicodemo - mais sereno que José - tinha desatado do braço direito um comprido lenço cor de bago de romã, utilizado habitualmente por aquelas pessoas para enxugar o suor. Torceu-o habilmente, com ele rodeando a cabeça de Jesus.

O lenço fortemente atado no alto da cabeça levantou o maxilar inferior, fechando assim a boca do Cristo.

Tudo estava consumado naquele frenético e provisório enterro. Antes de abandonar a cripta, enquanto Nicodemo recolhia e levava para fora os diversos instrumentos, José pegou na sua bolsa e ao acaso, retirou duas pequenas moedas de bronze de uns dezesseis milímetros de diâmetro cada uma.

Cumprindo um velhíssimo costume, José de Arimatéia colocou-as sobre as pálpebras do Nazareno. Mas a grande inflamação do olho esquerdo fez escorregar o leptom.

Ainda que a cabeça do Mestre tivesse sido escorada – junto das orelhas - por apoios de mirra, a tremenda deformação da região malar mantinha o olho enterrado, tornando difícil a colocação da moeda sobre a pálpebra quase irreconhecível. Mas José insistiu, conseguindo um equilíbrio precário da moeda sobre os hematomas.

Os archotes, com o seu cintilar, puseram um lampejo de vida nas superfícies brilhantes dos leptones. Ao inclinar-me, verifiquei que a cunhagem de ambas era extremamente rudimentar, com uma efígie descentralizada e numerosas imperfeições. As duas provinham

certamente da mesma emissão, a julgar pelas inscrições idênticas e lituus ou cajado central e, principalmente, pelo mesmo erro ortográfico nas letras que cingiam em círculo a efígie do lituus ou cajado mágico 3. A legenda em questão dizia assim: TlsErIoY CaIcAroc. Ou seja, Tiberiou Kaisaris ou de Tibério César.

Com curiosidade, peguei na moedinha da pálpebra direita e, no reverso, descobri a não menos gasta silhueta de um simpulum ou caneca utilizada nas oferendas rituais das libações pagãs.

No centro, junto desta conhecida a péssima reputação do procurador romano como cunhador de moedas, não estranhei excessivamente. Outro erro, conseqüência do comodismo, dos moedeiros, aparece nos dois últimos C de CAICAPOC. Na realidade, a mencionada palavra grega deveria ter sido escrita com E (letra sigma). Provavelmente, os artesãos preferiram truncar o aborrecido
sinal, deixando-o reduzido a metade: <, ou C (N. do M.)

* Esta moeda. semelhante à perutaháde Agripa I, era cunhada em Jerusalém. Encontraram-se exemplares emitidos por Copônio, Valério Graco, Pôncio Pilatos e António Felix. O seu valor era mínimo: um denário de prata valia 192 perutah, aproximadamente. (N. do M.)
2 Ao consultar os principais catálogos mundiais de moedas judaicas do tempo de Cristo - especialmente o de moedas antigas do Museu Britânico e o livro de Madden sobre moedas judaicas, publicado em 1864 e reimpresso em 1967 - especialistas de Cavalo de Tróia verificaram que a maior parte das moedas cunhadas por Pôncio Pilatos (de 26 a 36 da nossa Era) se distinguiam precisamente por sinais como lituus simpulum, etc., que, pelo seu caráter pagão, ofendiam os sentimentos religiosos do povo hebreu. No caso do lituus, ou cajado do áugure ou adivinho é de supor que esta ousadia de Pilatos - único governador romano que se atreveu a ferir assim a fibra religiosa da Judéia - encerrasse também um alto grau de adulação a Tibério, grande entusiasta, como vimos dos astrólogos. (N. do M.)
3 Um dos erros de ortografia mais evidentes era o C inicial da palavra CAICAPOC. Natural seria que o responsável pela cunhagem tivesse cunhado o referido título com o K, grego: ,KAICAPOC ou Kaisarisô (de Césarô). Mas, por outro lado, escudela ou púcaro, lia-se o número 16, formado por um jota (equivalente ao 10 e o chamado episemon, que corresponde ao
6). Por outras palavras, a data 16 ano do reinado de Tibério César ou 29 da Era Cristã.

Antes de o cobrir definitivamente com metade da mortalha, o bom amigo de Jesus ajoelhou-se diante do cadáver e, baixando a cabeça, guardou uns minutos de silêncio. O Zebedeu imitou-o. Foram momentos especialmente intensos e emotivos. Compreendi, com desolação, que aquela era a última vez que veria o corpo sem vida do Mestre. Não devo

ocultar que, ao olhar para os Seus restos destroçados, me assaltou uma dúvida densa e aflitiva como aquela câmara funerária; ressuscitaria, tal como tinha anunciado? Aquela catástrofe devastadora tinha reduzido o Seu corpo à ruína...

Confesso com toda a sinceridade. O meu espírito científico rebelou-se. Ninguém que eu saiba, o conseguira em toda a história da humanidade. Como iria conseguir aquele Galileu, tão humano como os outros? Se realmente gozava de poderes tão extraordinários, porque não tinha evitado tanto suplício e, principalmente, uma morte tão cruel e humilhante? Nicodemo e quase todos os Seus amigos e discípulos também não estavam muito certos da ressurreição anunciada do Seu Mestre, o próprio José duvidava. Um sinal palpável do que disse estava justamente naquele rápido e provisório embelezamento do cadáver. As intenções do ancião de Arimatéia, do seu companheiro e das mulheres que esperavam fora da cripta, nada tinham a ver com a suposta ressurreição do Rabi. Se, na verdade, tivessem acreditado num acontecimento tão prodigioso, por que razão adiar o definitivo embalsamamento do corpo de Jesus para depois da festa de sábado?

O mais natural teria sido não fechar sequer as feridas nem cobri-las com aqueles produtos aromáticos, destinados unicamente a contrariar o fedor próximo da putrefação.

Curvado, aturdido e extremamente cansado por tantas emoções e pela falta de sono, não fui capaz de formular um só pensamento ou uma fugaz oração perante o Filho do Homem. Com grande desolação da minha parte descobri que não me lembrava de nenhuma daquelas poucas orações que aprendi na minha meninice. No entanto, também eu me uni, simbolicamente, a José de Arimatéia quando, levantando-se, se inclinou para a testa do amigo, nela depositando um terno e prolongado beijo. Depois, cobriu o corpo de Jesus com a mortalha, pegando nos archotes.

Apressei-me a apanhar o manto e naquele momento, ao baixar-me, descobri num dos cantos da câmara - meio escondidos na penumbra dois cestos de vime, cheios de entulho, e uma pequena picareta. José reparou no que eu observara, desculpando-se pela desordem do lugar. Segundo comentou, o sepulcro ainda se encontrava em obras...

Pelas dezessete horas e quarenta e cinco minutos, Longino, José e eu saímos da galeria. O resto foi relativamente fácil. Enquanto José de Arimatéia segurava os archotes, o centurião, os seus quatro soldados e o hortelão empurraram a rocha circular, pondo-a a rolar pela profunda ranhura até tapar totalmente a pequena abertura da fachada. E insisto no relativamente fácil porque, se não estivessem ali aqueles seis homens, não sei como se arranjariam José e Nicodemo para deslocar meia tonelada...

O rangido sinistro e aterrador da penha, no seu último roçar pela parede principal do sepulcro, pôs ponto final a muitas das esperanças daqueles homens e mulheres. Como era possível supor em tais momentos que o encerramento do sepulcro não era mais que um parêntese breve nesta inacreditável e desconcertante história?

Antes de partir para Jerusalém, José agradeceu a decisiva e inestimável ajuda dos legionários entregando a cada um deles uma generosa quantia. Julgo não me enganar mas, a partir daquela sexta-feira, a amizade entre Longino e José de Arimatéia germinou, firme e sincera. Ao abandonar o jardim, as mulheres, que tinham se mantido afastadas do sepulcro, tal como especificava a Lei judaica, uniram-se aos cansados passos de José, manifestando as suas dúvidas quanto à perfeição com que teria sido feito aquele apressado enterro do Mestre.

Tanto Nicodemo como o ancião concordaram com as apreciações das hebréias, autorizando-as a que, mal despontasse domingo, procedessem um embalsamamento mais correto. Nicodemo, inclusive, entregou-lhes o que restava de acibara e mirra, comentando que, embora eles tentassem estar presentes, não se esquecessem de aparar o cabelo e a barba de Jesus, de lavá-lo esmeradamente e colocar sobre o seu corpo a pena ou a chave, símbolo do seu celibato, tal como se fazia desde tempos imemoriais.

Diante da Porta dos Peixes, o oficial e os seus homens despediram-se dirigindo-se novamente para o Gólgota, com a expressa missão de transportar os corpos dos zelotas para a vala da Geena. Pelas seis horas daquela tarde, quando nos encontrávamos a poucos passos da casa de Elias Marcos, três toques de trompa vieram da cúpula do Templo, anunciando à cidade o final da jornada.

A partir daquele momento, em plena festividade da Páscoa, a atividade em Jerusalém foi decrescendo. As pessoas, alegres e recompostas do susto provocado pelos tremores de terra, corriam apressadas para os seus lares, dispostas a festejar e dar boa conta da ceia pascal. Não sei por que razão, mas aquela excitação e as constantes saudações dos hebreus, desejando mutuamente paz quando se cruzavam nas apertadas ruelas, trouxe-me à memória o ambiente festivo e tão especial das tardes que precediam o Natal e que eu tinha vivido no meu país.

Curiosamente, salvo Nicodemo, o jovem João e o grupo de mulheres, que caminhavam cabisbaixos, os restantes peregrinos e habitantes da Cidade Santa não se mostravam aflitos - nem nada que se parecesse - pelo que acabava de acontecer no penhasco do Calvário.

Estou convencido de que uma imensa maioria, não conhecia ainda a trágica morte do profeta da Galiléia. E se o sabiam, evidentemente o tinham esquecido ou não se preocupavam...

Este era o triste mas autêntico e real panorama de Jerusalém a 7 de Abril do ano 30. Um dia que, durante muito tempo, seria recordado,

não pela crucifixão de Jesus de Nazaré, mas pelo nefasto augúrio do obscurecimento do Sol e sismo posterior.

Nicodemo e João despediram-se à porta do domicilio de Marcos. O primeiro, resolvido a reunir-se com os apóstolos que se tinham refugiado em sua casa e a celebrar com eles a obrigatória Páscoa. O jovem Zebedeu, por sua vez, desalentado e mergulhado numa tristeza infinita, dirigiu-se a sua casa, onde o esperava Maria, a mãe do Nazareno.

José aceitou acompanhar as mulheres até à mansão dos Marcos, onde se encontravam as companheiras que Jude trouxera do patíbulo. A família, desolada pelos acontecimentos, acolheu o ancião e as hebréias com grande solicitude, rogando-lhes que a pusessem ao corrente de quanto acontecera a partir da morte do Mestre. O eficaz serviço de mensageiros de David Zebedeu mantivera pontualmente informados os núcleos principais e amigos e adeptos do Rabi. Por meio destes correios, Elias Marcos e os restantes apóstolos, distribuídos em Jerusalém, Betânia e Betfagé, souberam do falecimento do Galileu entre uma e duas horas depois de verificado o óbito.

Quando o ancião concluiu o seu relato, a mulher de Elias voltou a encher os nossos copos com aquele vinho quente e reconfortante. E antes de José tomar a decisão de abandonar os Marcos, pedi-lhe que me informasse quanto ao que acontecera desde o momento em que o vi afastar-se para o Templo, em pleno incidente com os juízes e judeus que tentavam alterar o texto do inri do Nazareno. José olhou-me com profundo cansaço.

- Para quê recordar essa triste história? - comentou, sem entusiasmo. Contudo, eu tinha de averiguar o sucedido no interior do Santuário. Que se passara na reunião do Sinédrio? Que tinha acontecido a Judas Iscariotes?

O filho de Elias Marcos não se encontrava em casa ou, pelo menos, eu não conseguira vê-lo, e por isso preocupava-me. Supliquei-lhe com tal ansiedade que o bom José acabou por ceder.

- Dos muros da Torre Antonia - começou o ancião - dirigi-me ao Templo. Tal como tínhamos falado, no meu coração havia uma suspeita: os cegos saduceus, leais ao clã de Caifás e do seu sogro, podiam conspirar também contra os íntimos do Mestre. O seu temor de um levantamento dos adeptos e amigos de Jesus não se dissipara com a condenação à morte aprovada por Pilatos. Muito pelo contrário. Precisamente a partir daquele momento - segundo eles - a situação tornara-se mais delicada. E da mesma forma que tinham tentado capturar Lázaro, adotaram as medidas necessárias para prender e encarcerar os discípulos.

- Medidas? Que medidas? - interrompi.

- Assim que voltaram ao seu quartel-general no Santuário, os levitas, cumprindo instruções do sumo sacerdote, formaram uma escolta e saíram para a herdade de Simão, o Leproso, em Getsémani. Graças à infinita bondade de Deus - bendito seja o Seu nome! - pouco antes da

partida pude estabelecer contato com um dos emissários de David Zebedeu. Ao informá-lo do que o Sinédrio pretendia correu para o monte das Oliveiras, dando o alerta. Mas, quanto à sorte dos ali acampados não posso acrescentar grande coisa. Sei apenas que, no seu regresso, o capitão da guarda do Templo se mostrou furioso. Os adeptos do impostor, explicou a Caifás, fugiram como covardes, porém, incendiamos o seu acampamento... O sumo sacerdote e a maioria dos membros do Sinédrio tranqüilizaram-se considerando que a debandada dos homens do Nazareno reduzia consideravelmente o perigo de um motim. E Caifás, reunido com o Conselho na sala das pedras talhadas, continuou o seu relatório quanto ao sucedido na noite e madrugada até ao momento em que o nosso Mestre foi introduzido definitivamente no Pretório.

- O cúmulo de mentiras, injúrias e arbitrariedades esgrimidas pelo genro de Anás foi tal que, enjoado, me retirei do tribunal. Mas, quando me dispunha a sair do Templo, apareceu Judas. Olhamo-nos em silêncio e o traidor entrou na sala do Sinédrio. Regressei de novo à sede do Conselho, disposto a destruir aquele miserável. Mas não foi preciso. Ao verem o Iscariotes, Caifás e os seus homens começaram a murmurar entre si. Mas ninguém lhe dirigiu a palavra. Segundo parecia, Judas esperava uma recepção triunfal. Pensou, erradamente, que aquela ralé o cumularia de honras, enaltecendo o seu grande serviço à nação. Pobre desgraçado!

- A um sinal do sumo sacerdote, um dos servidores dirigiu-se a Judas e, tocando-lhe nas costas, convidou-o a que o acompanhasse. Visivelmente confuso e desiludido, o traidor obedeceu e ambos saíram da sala. Então, o servo, entregando-lhe uma bolsa, disse-lhe: Judas, fui encarregado de te pagar por teres traído Jesus, o Galileu. Aqui tens a tua recompensa.

- Judas Iscariotes, pálido, abriu a bolsa e com um sangue frio que ainda me aterra contou as moedas...

José fez uma pausa e, quando eu dava como certo que me iria dizer o montante da recompensa, esquivou-se ao assunto. Vi-me obrigado a interrompê-lo novamente e interessar-me pela soma.

- Trinta moedas... - replicou o ancião com repugnância.

- Denários de prata? - insisti.

José, aborrecido com a minha insistência, esclareceu:

- Não, trinta seqel.

(Esta moeda de prata, conhecida popularmente como siclo de Tiro, constituía, como disse, o dinheiro habitual no pagamento dos tributos do Templo. Era, enfim, uma moeda usada habitualmente pelos sacerdotes na maior parte das suas transações comerciais. A sua equivalência, naquela época, era de uns quatro denários de prata por seqel. Uma soma, portanto moderada. Tem de se ter em conta que, segundo o testemunho evangélico de Mateus (29,9), os sacerdotes compraram um

campo com o dinheiro que Judas tinha recusado. Hoje, aqueles cento e vinte denários de prata poderiam valer cerca de duzentos dólares.)

José de Arimatéia prosseguiu:

- Quando o traidor se certificou do valor da bolsa, lívido e mudo de estupor lançou-se para a porta do Conselho, disposto - suponho - a protestar. Mas o porteiro não o deixou passar, proibindo-lhe a entrada. Derrotado, Judas passou da cólera à sua habitual frieza. Deixou cair a bolsa na algibeira, afastando-se da sala das pedras talhadas. A partir daí não o voltei a ver...

Foi inútil a minha insistência. José de Arimatéia, efetivamente, perdera a pista do traidor. Ignorava a sua sorte e, naturalmente, não podia conhecer o incidente do Templo e o gesto desesperado de Judas Iscariotes, arremessando as
moedas ao tesouro do Santuário. Eu estava a par desta última atitude de Judas pela leitura prévia de Mateus, mas, as coisas tinham acontecido tal como descreve o autor sagrado?

Quis a sorte que pudesse desvendar esta incógnita pouco depois da saída do ancião da casa de Elias Marcos.

Havia dois assuntos que me levavam a permanecer naquele domicílio e que, sem ter essa intenção, foram um magnífico pretexto para averiguar outro dado. Cavalo de Tróia tinha-me confiado a iniludível missão de recuperar o microfone que ficara camuflado no candeeiro posto na sala onde tivera lugar a última ceia de Jesus.

Uma das normas básicas do Projeto especificava que os astronautas não podiam deixar na área de exploração nenhum resto, sinal ou indício da sua passagem. Também não era lícito transportar para o nosso tempo real nada que pudesse pertencer à referida época.

A recuperação desta peça, por conseqüência, era obrigatória. Por outro lado, era imprescindível que eu falasse com o jovem João Marcos. Mas o adolescente tardava em aparecer.

Foi assim que, invocando um sentimental desejo de ver pela última vez o cenáculo, convenci a mulher de Elias a que me acompanhasse ao andar de cima.

Quando entramos na quadra, o meu coração quase parou. A Pantera tinha desaparecido!

A hebréia notou a minha palidez, confundindo a minha angústia com uma natural e honrosa emoção ao pisar de novo o recinto onde ceara o Mestre. Tentando não me enervar passeei o olhar pela sala, procurando teimosamente a maldita lanterna. Mas, evidentemente, alguém a tirara dali.

À beira do colapso, interroguei a dona da casa sobre o paradeiro da formosa peça. A mulher, desconcertada, explicou-me sem dar importância ao caso que se partira durante o tremor de terra. Um dos serventes tinha-a levado a uma oficina de Jerusalém para que fosse consertada.

Agradeci a sua gentileza por me permitir ver o cenáculo e, voltei ao andar de baixo. Sabia que, a partir do toque das trombetas e tratando-se de uma festa tão solene como aquela, as atividades artesanais e de qualquer outro tipo cessavam automaticamente, e só recomeçariam terminada a Páscoa. Como podia recuperar o microfone se o regresso ao módulo fora estabelecido para as sete da manhã de domingo? Como julgo ter insinuado, este contratempo veio juntar-se à série de razões que aconselhavam Cavalo de Tróia à repetição do grande salto ao ano 30.

Preocupado com o inesperado incidente, quase não percebi a passagem do tempo. A família de Marcos, ocupada nos preparativos da ceia pascal, pouco notou a minha presença.

Pelas oito da noite, quando o sono começava a vencer-me, alguém me arrancou aos meus confusos pensamentos. Ao levantar os olhos encontrei na minha frente rostos bem conhecidos.

Um, sorridente - do ativo David Zebedeu - e outro, pelo contrário, triste e angustiado, o do jovem filho dos meus hospitaleiros anfitriões.

A presença de ambos aliviou-me momentaneamente. David, com um alegria que não conseguia entender, pôs nas minhas mãos um manto de linho branco que eu comprara na tarde da quinta-feira na tinturaria de Malkiyas e do qual, honestamente, me tinha esquecido.

- Considero que estás informado de tudo o que aconteceu - disse por fim o chefe dos emissários.

Assenti em silêncio.

Ao ver o meu desalento, David abraçou-me carinhosamente, exclamando com uma convicção que me deixou atônito :

- Ressuscitará! Prometeu...

Perscrutei os olhos cansados daquele hebreu e fiquei maravilhado. David Zebedeu acreditava realmente no que estava dizendo. Era assombroso. Tinha na minha frente o único que cria cega e firmemente na promessa do Mestre. Nem o audacioso João, o Evangelista, nem José de Arimatéia nem qualquer outro discípulo ou amigo de Jesus tinha manifestado uma fé como a daquele homem... E, paradoxalmente, quase não é citado nos textos evangélicos...

Estava clara a razão da sua alegria.

Antes da sua partida para casa de Nicodemo, para onde transferira o seu centro de correios, David informou-me das suas últimas peripécias no acampamento de Getsémani. Efetivamente, ao receber o aviso de José, desmontou velozmente as tendas de campanha, transferindo o seu posto de comando para o ponto mais alto do monte das Oliveiras. Dali, uma vez superada a ameaça dos levitas, continuou a enviar o mensageiro a todos os pontos onde sabia que se encontravam os apóstolos, amigos e familiares do Nazareno.

Logo que foi informado por um dos seus agentes a ordem de crucifixão, outros tantos velozes mensageiros correram para Péla,

Betsaida, Filadélfia, Sídon, Damasco e Alexandria, com a notícia da iminente morte de Jesus, por ordem do procurador romano.

Durante parte daquela jornada, David não parou de enviar correios a Jerusalém e a Betânia, informando pontualmente os discípulos e a família de Jesus de quanto estava acontecendo. Se não fosse a perícia e valentia deste judeu, a maior parte dos apóstolos, escondidos e temerosos, teriam tardado algum
tempo a conhecer o triste fim do Mestre.

Por último, com o anoitecer, David Zebedeu suspendeu os correios, permitindo aos seus mensageiros que fossem descansar e celebrar a obrigatória festa pascal. No entanto, a sua convicção na ressurreição do Rabi era tão firme que, antes de partirem, lhes comunicou em segredo a obrigação de se concentrarem na casa de Nicodemo, às primeiras horas da manhã de domingo.

A sua intenção era transmitir a boa nova quando ela se desse.

A minha admiração por aquele homem não teve limites...

E antes que o filho dos Marcos se juntasse à família no banquete da Páscoa a minha curiosidade viu-se satisfeita ao desvendar, por fim, a sorte de Iscariotes.

Deu-me muito trabalho persuadir o jovem João Marcos a que falasse.

Naquelas últimas dez horas, a sua alma de criança consumira-se entre a dor a raiva e a impotência. Ele nunca esqueceria a ensangüentada figura do seu ídolo e amigo: Jesus de Nazaré.

Como também não poderia apagar a imagem dos sacerdotes fanáticos e a de um populacho que, pouco antes aclamara as intervenções lúcidas e corajosas do Mestre no Átrio dos Gentios e que, agora, teria lapidado o Galileu na mesmíssima fachada do Pretório romano. Tentei serená-lo, recordando-lhe as palavras que acabava de pronunciar David Zebedeu sobre a ressurreição.

Mas João olhou-me sem compreender.

Aquela expressão - e ressuscitarei ao terceiro dia - ia além do seu entendimento de criança.

Tanto João Marcos como a sua família sabiam que eu tinha permanecido junto da cruz e, como reconhecimento do que eles consideravam um gesto de amor e valentia pelo Rabi, o rapaz acabou por me narrar o que vira e ouvira desde que lhe pedira para seguir Judas. Foi este o seu entrecortado e lacônico relato:

- Quando o traidor viu como os legionários acabavam de pregar os pés de Jesus, com a cabeça coberta pelo manto, afastou-se do patíbulo. Tu viste-o...

Encorajei-o a continuar.

- Então, Judas foi diretamente ao Templo. Não lhe consegui ver a cara, porque ia sempre atrás dele, mas vendo as suas grandes passadas e os empurrões com que abria caminho no adro do Santuário, diria que estava furioso.

- Caminhou até às portas da Sala do Conselho de Justiça mas, ao tentar abri-la, o porteiro pôs-se na sua frente. Judas, com uma maldição que não me atrevo a repetir, esmurrou-o no rosto, derrubando-o e deixando-o como morto. (A reação, estava de acordo com a violência que, em certos momentos explode nos grandes tímidos. E Iscariotes era um deles.) - Abriu a grande porta da sala das pedras talhadas e, descobrindo-se, entrou no Tribunal. Eu não me atrevi a passar o limiar da porta. Se alguém me tivesse posto a mão em cima, com certeza que me açoitavam...

Correspondi com um sorriso de gratidão e João Marcos continuou:

- Só pude ver Caifás e alguns dos saduceus, escribas e fariseus sentados nos seus bancos de madeira. Quando Judas Iscariotes avançou até aos degraus, os juízes emudeceram. Nos seus rostos havia surpresa. Pelo que se via, não esperavam o traidor. E Judas, arquejando e num tom que quase me fez pena disse-lhes:

- Pequei por ter traído um sangue inocente... Haveis-me oferecido dinheiro por este serviço – o preço de um escravo - e, com isso, me insultastes...

- Os sacerdotes, atônitos, pareciam não acreditar no que estavam ouvindo. E Judas concluiu assim:

- ... Arrependo-me do meu ato. Aqui tendes o vosso dinheiro. Tirou então uma bolsa da faixa e mostrou-a ao Conselho.

- Por fim, exclamou com voz imperiosa:

- ... Quero libertar-me desta culpa!

- As gargalhadas não tardaram a encher a grande sala. Aqueles hipócritas, dando grandes palmadas nos assentos, troçaram e ridicularizaram-no cruelmente. Um dos que ocupava um lugar perto de Judas levantou-se e aproximando-se dele convidou-o com a mão a que se retirasse. Mas antes disse em voz alta: O teu Mestre foi condenado pelos romanos. Quanto à tua culpa, em que é que isso nos diz respeito? Trata tu do assunto e vai-te embora!

- Judas Iscariotes deu meia volta e de cabeça baixa afastou-se do Tribunal, enquanto os risos e insultos começavam novamente. Quando passou a meu lado, a sua cara meteu-me medo. Levava a bolsa na mão esquerda e os olhos no chão. Acho que nem me viu.

- Com grandes passadas seguiu na direção do Átrio das Mulheres, entrando na sala das caixas. Com grande calma pegou num punhado de moedas e arremessou-as como quem atira uma bola, atirando os restantes siclos contra os ladrilhos. Quando viu que não tinha mais moedas, atirou a bolsa para o pavimento, espezinhando-a com fúria.

- Então, abrindo caminho violentamente entre os atônitos homens que ali se encontravam, saiu em direção ao Átrio dos Gentios.

Acho que esta aparentemente insólita atitude de Judas Iscariotes, livrando-se das trinta moedas de prata, merece um comentário. As palavras do traidor diante do Tribunal

– Aqui tendes o vosso dinheiro e quero libertar-me desta culpa – não foram uma simples e humana reação de arrependimento.

Judas sabia, como todos os judeus, que a Lei protegia os vendedores de algo ou de alguém. A Misn , na sua Ordem Quinta: Votos de Avaliação (arajin), estabelece, num total de nove capítulos as disposições em volta dos chamados votos de avaliação, quer dizer, aqueles pelos quais uma pessoa se compromete a entregar ao Templo o valor de uma determinada pessoa tal como é determinado no Levítico (27, 1-8), em relação com a idade e o sexo. Além disso, abarca uma minuciosa normativa sobre a compra e doação de terras herdadas e de casas como, também, sobre o seu resgate e os votos de extermínio. Pois bem, tendo em vista a atuação de Judas Iscariotes, entendo que este considerou - ou tentou considerar perante os sinedristas - que a entrega do seu Mestre entrava plenamente no que poderíamos denominar um venda ou transação comercial pelo que, inclusivamente, recebera uma compensação econômica.

Neste sentido, pelo menos no que concerne a bens puramente materiais - casas, campos, etc. - se o vendedor, uma vez efetuada a operação, não a considerava justa ou, simplesmente, resolvia voltar atrás, podia recorrer dentro de um prazo de doze meses, a contar do dia da venda. A Misn , no capítulo IX (4) do citado artigo sobre Votos de Avaliação, reza textualmente neste sentido: Se chegou o último dia dos doze meses e não foi redimida a casa, por exemplo, torna-se definitivamente sua quer dizer, do comprador) quer a tivesse comprado ou recebido em oferta, uma vez estar escrito no Levítico (25,30): Em perpetuidade.

Antigamente o comprador escondia-se quando chegava o último dia dos doze meses a fim de que se tornasse definitivamente sua a casa. Mas Hilel, o velho dispôs que o vendedor que pudesse colocar o dinheiro na câmara do Templo, poderia arrombar a porta e entrar na casa e que o outro pudesse vir quando quisesse a receber o dinheiro.

Por conseqüência, Judas tinha agido de acordo com a Lei. Não estava de acordo com a venda de Jesus de Nazaré e fez uso do seu direito, no próprio dia do pagamento da transação. E embora Judas Iscariotes soubesse também que no capítulo primeiro (artigo 3) do referido tema dos Votos se esclarece que o moribundo e o que é conduzido à morte por sentença de um tribunal judeu, que não admite apelo não podem ser objeto de voto nem podem ser avaliados, forçou os seus direitos ao máximo, acreditando ingenuamente que aquele gesto anularia a venda.

Tem de se reconhecer, para atenuar a culpa de Judas Iscariotes, que, pelo menos, esgotou todas as possibilidades jurídicas, em benefício do Mestre.

De pouco serviu, naturalmente, mas creio que é justo esclarecer este fato, tão pouco contado pelo escritor sagrado.

Muitas pessoas poderão perguntar-se - também eu o fiz - por que razão Judas aceitou esta venda, se sabia que a sua traição acabaria com o justiçamento do Nazareno.

Pessoalmente, dado o comportamento de Judas Iscariotes na sala do Sinédrio e, posteriormente, na do Tesouro, creio que Judas nunca chegou a pensar que o Mestre fosse condenado à morte. Tinha-O entregado aos dignitários das castas sacerdotais, convencido de que estes se limitariam a custodiá-lo, interrogá-lo e, quando muito, encarcerá-lo e desterrá-lo.

Não tento fazer uma extrema defesa do traidor, mas a sua fria vingança contra o Galileu e o seu movimento teria visto suficientemente satisfeita com a vergonhosa captura e a possível dispersão dos discípulos.

Porém, os acontecimentos, como sabemos, seguiram outros rumos.

Do que não posso estar certo é quanto à razão que mais teria pesado no coração perturbado de Judas Iscariotes, a iminente morte do Rabi ou o ridículo a que se viu submetido pelos sacerdotes. Como referi, não era o dinheiro que Judas
perseguia. A sua obsessão era o reconhecimento público e as honras prometidas e sonhadas e que, infelizmente para ele, nunca chegaram.

Logicamente, se as suas maquinações tivessem como base o objetivo final o dinheiro, porque iria prescindir daquelas trinta moedas de prata? Em todo o caso, as teria levado para o túmulo. A luta íntima do traidor naquelas horas deve ter sido tão aguda que não teve coragem para o julgar nem para julgar a sua trágica e última decisão...

É curioso, mas, se Jesus não tivesse sido condenado à morte, talvez Judas tivesse tido êxito na sua tentativa de anulação da venda. A Lei, pelo menos, previa o prazo de um ano para que o comprador - neste caso, o Sinédrio - se retratasse e
devolvesse a mercadoria. João Marcos, meio adormecido, concluiu o seu testemunho com uma notícia que modificava - em parte - o que afirma Mateus no seu evangelho:

- Judas desceu pelo Bairro Baixo. Primeiro, pensei que se dirigia a minha casa ou a Betânia. Ia com muita pressa. Não cumprimentava ninguém. Saiu da cidade pela porta da Fonte e, para espanto meu, virou à direita, em direção à garganta do Hinnon. Começou a subir entre os penhascos e ao chegar a uma das rochas mais altas e pontiagudas tirou o manto e o cinto. Eu estava tão assustado que me colei ao chão, tremendo de medo.

- Então, vi Judas, à beira do precipício, amarrando uma das pontas do cinto ao ramo de uma pequena figueira que crescia entre as fendas da rocha. Quando percebi o que queria fazer pus-me de pé, resolvido a pedir-lhe que não o fizesse. Mas nem sequer tive tempo para abrir a boca. O Iscariotes deu outro nó em volta do pescoço e, em silêncio, saltou da rocha...

O rapaz, com uma extrema palidez, tapou a cara com as mãos e começou a soluçar. Tive de esperar que serenasse. Por fim, choramingando, concluiu:

- Foi horrível, Jasão... Corri para a figueira. Naquele momento só tive um pensamento, cortar, morder, arranhar o cinto... Tudo menos deixar que se enforcasse.

- Quando cheguei à beira do abismo, o corpo do pobre Judas balançava no ar, esperneando e girando sobre si mesmo como um zevivon 1... Tinha as mãos agarradas ao pescoço, tentando lutar contra a asfixia, e os olhos muito abertos, quase fora das órbitas.

Os meus joelhos tremiam e a garganta ficou seca, como se tivesse engolido uma colher de areia. Mas, quando me preparava para subir na árvore e partir o ramo, o nó soltou-se e Judas caiu no precipício, indo esmagar-se contra as pedras.

- Foi tudo tão rápido que não pude fazer absolutamente nada.

- Fiquei ali em cima, como um poste, contemplando o corpo imóvel de Judas. Depois, nem sequer com força para chorar, regressei à cidade e, quando tentava voltar ao Gólgota, veio o tremor de terra... Foi tão grande o meu terror que voltei à Porta da Fonte, fugindo para o acampamento. Foi ali que David me encontrou...

Ao perguntar-lhe se o corpo de Iscariotes continuava ainda no fundo do barranco, João Marcos encolheu os ombros. Pelo que parecia, não falara do caso a ninguém. Era eu o primeiro a saber. Agradeci-lhe a informação, pedindo-lhe que fosse descansar.

- Amanhã, pela hora primeira, se não vês inconveniente - disse-lhe - quero que me acompanhes até essa garganta...

João Marcos concordou como um autômato, desaparecendo no pátio onde estava prestes a começar a ceia pascal.

A versão do rapaz variava ligeiramente a sempre trágica sorte do traidor. Tinha de confirmar se Judas morrera por enforcamento ou pela queda. Embora as suas intenções, no fundo, fossem claras - suicidar-se - quem sabe se a sua morte verdadeira (calculando que tivesse morrido) teria sido a que sempre conhecemos e aceitamos.

E, abusando da generosidade daquela família, escolhi um dos cantos do andar de baixo, envolvendo-me no manto. Ao ficar só estabeleci uma última ligação com o módulo, anunciando a Eliseu a minha intenção de visitar o Hinnon e, calculando que ainda ali estivesse, examinar o cadáver de Judas. Pelas vinte e uma horas e trinta minutos, o sono dissipou a minha fadiga e as minhas angústias. Pareceu-me estranho, muito estranho, que Jesus da Nazaré não estivesse vivo e perto. Sem querer, tinha-me habituado à sua presença majestosa.

* Nos relatos tradicionais da festividade judaica das luminárias ou Januk (que costuma coincidir com as Natalícias), conta-se que, durante a ocupação romana no século I, estava proibida a reunião de grupos para estudar a Tora. Quando um vigia alertava o grupo de estudiosos da

proximidade de legionários, alguém tirava um zevivon ou pequeno dado, com base pontiaguda e uma asa superior para o pó-lo a girar. Desta forma dissimulavam apostando na face do dado que ficaria para cima. Mesmo atualmente é freqüente ver as crianças israelitas brincando com um destes zevivon durante os dias da Januk . (N. do M.)

8 DE ABRIL, SÁBADO

Pouco antes do amanhecer, Eliseu arrancou-me de um sono profundo, que teve pesadelos nos quais, curiosamente, se misturavam as mais absurdas situações e vicissitudes, tanto do tempo real em que me movia como do meu verdadeiro século.

As condições atmosféricas tinham mudado. O dia prometia serenidade. Vento fraco, excelente visibilidade, baixa umidade relativa e temperatura de dez graus centígrados, em ascensão. Do módulo, os radares de longo alcance desenhavam com toda a nitidez os perfis do árido Negev.

João Marcos não tardou em se apresentar. Trazia uma grande caneca de leite de cabra e algum pão, fabricado durante a manhã de sexta-feira. O meu esgotamento tinha desaparecido e praticamente devorei o frugal desjejum.

Com a primeira claridade da manhã e o som das trombetas do Santuário, anunciando o novo dia o meu jovem amigo e eu atravessamos as ruas desertas de Jerusalém. O barulho habitual da moenda tinha desaparecido.

Ninguém parecia ter pressa de se levantar. Por um lado alegrei-me. Se o corpo de Judas continuasse entre as penhas, preferia que ninguém nos visse junto dele. Assim era muito mais seguro. Uma vez fora de muralhas, o rapaz guiou-me para ocidente, seguindo quase paralelamente ao muro sul da cidade. A escassos metros da Porta da Fonte, por onde tínhamos saído, o terreno modificou-se. Entramos naquilo a que os Judeus chamavam a Geena ou inferno. Suponho que pelo acidentado da depressão e pelas numerosas fogueiras que se levantavam aqui e além, numa permanente queima de lixo.

Efetivamente à medida que caminhávamos, observei como aquele lugar tétrico tinha sido convertido numa imensa esterqueira, por onde vagueavam uma quantidade de cães vadios e ratazanas grandes como lebres.

João Marcos parou. Observou a paisagem e, poucos segundos depois, reatou a marcha. Cinco minutos de caminho e a Geena convertia-se num labirinto de penhascos, barrancos estéreis e pequenos mas agudos precipícios. De acordo com as cotas dos nossos mapas, o extremo sul de Jerusalém oscilava entre os 612 e 630 metros, nas proximidades da Porta da Fonte e, os 685, nas cercanias da Porta dos Essênios. Entre ambos os pontos o perfil do terreno sofria bruscas variações, com desníveis de vinte, trinta e mesmo quarenta metros.

Ao percorrer aquele inferno, pensei que se Judas Iscariotes tinha caído em algum daqueles barrancos, o mais provável é que estivesse despedaçado nas arestas cortantes das penhas. Por fim, João Marcos parou. Nos encontrávamos a uns duzentos metros em linha reta da muralha e num daqueles calvos promontórios.

Apontou-me uma figueira nova nascida milagrosamente entre as rochas e fendas da rocha, que, tal como me tinha explicado, crescia com metade da ramagem para ocidente e por cima do abismo. Lentamente, aproximei-me da beira do precipício.

O rapaz, inquieto e trêmulo agarrou-se ao meu braço. De início, nada distingui de anormal. O barranco caía quase na vertical, de uns trinta e cinco ou quarenta metros. Mas a meia claridade da madrugada era suficiente para ver lá em baixo com nitidez.

Depois de uns dois minutos de nervosa busca João Marcos deu um grito que por pouco não me fez perder o equilíbrio.

- Ali!... Olha, está ali!

Segui a direção do dedo e, com efeito, confundido entre as pedras, avistei um vulto leitoso, imóvel e que, do meu ponto de observação, parecia um homem envolvido em qualquer coisa semelhante a uma túnica ou manta branca.

Ordenei a João Marcos que não saísse dali e escolhi um dos atalhos para começar a descida. Depois de não poucas voltas, escorregadias e sobressaltos entre as paredes resvaladiças do precipício, vi-me por fim no fundo do barranco, a pouco mais de quatro metros do corpo.

Observei-o sem mover um só músculo. Parecia desmaiado ou morto. Evidentemente, era um homem, envolto numa túnica cor de marfim, semelhante à que Judas usava. Estava de barriga para baixo, com a perna esquerda violentamente flexionada por baixo do abdômen.

Quando, finalmente, me decidi a avançar para ele, uma coisa negra, grande e peluda, como um coelho saltou por baixo dele, fugindo para as sarças próximas. Parei. Um calafrio correu-me pelas entranhas. As ratazanas tinham começado a devorá-lo...

Apressei-me a virá-lo e o rosto imberbe, pálido e afilado de Judas Iscariotes apareceu na minha frente. Tinha os olhos abertos com a expressão do horror nas pupilas. Um dos globos oculares tinha desaparecido, com as investidas dos roedores.

Por mais que examinasse o corpo não notei sinal de sangue. Só um delgadíssimo fio seco, vinha da comissura direita da boca. Tinha o cinto atado ao pescoço. Ao observá-lo, vi que não estava partido ou esgarçado. Simplesmente, como dissera João Marcos, tinha-se desatado. Apertava a garganta de Judas mas, para surpresa minha a conjuntiva ou membrana mucosa que forra as pálpebras e a zona anterior dos olhos não apresentava as características manchas vermelhas dos enforcados.

Afastei o cabelo negro e fino mas também não observei aquele tipo de equimose atrás das orelhas.

A língua não estava presa entre os dentes nem exibia o habitual tom de azul, sinais característicos entre os enforcados.

Se realmente se tivesse registrado a obstrução completa de toda a irrigação e circulação cerebral, a cara de Judas estaria embotada. No entanto, o seu aspecto - apesar das quinze horas que possivelmente teriam decorrido desde o óbito - era quase normal. As pupilas que primeiro se haviam dilatado, tinham começado diminuindo, entrando na fase de miose (possivelmente, a partir das nove da noite de sexta-feira). Apresentava também a lividez própria do estado post-mortem, mas, insisto, as veias jugulares e artérias carótidas não apresentavam sinais de estrangulamento, habituais nos enforcados 1.

Perante aquele conjunto de provas negativas, a minha impressão pessoal foi a seguinte: Judas Iscariotes não tinha morrido por enforcamento, mas de queda.

* Em Medicina legal está perfeitamente determinado que para se dar a obstrução total das jugulares são precisos uns cinco quilojoules. No caso das carótidas, entre dez a quinze quilojoules (N. do M.)

Esta teoria viu-se apoiada com a palpação dos membros e do resto do corpo. As pernas e um dos braços tinham sofrido fraturas quádruplas e os derramamentos internos eram generalizados.

Mas o que acabou por me convencer foi o som do crânio, ao agitá-lo nas mãos. Aquele som - parecido com o de um saco de nozes - era típico das pessoas que sofreram uma queda de grande altura. Embora fosse verossímil que o traidor, no seu desespero, não desse convenientemente o nó do cinto, caindo antes de morrer por enforcamento nunca pude compreender como aquele homem - geralmente meticuloso - pôde cometer tal erro.

Voltei a deixar o corpo sobre as pedras e, depois de lhe fechar os olhos (ou o que deles restava), permaneci uns minutos de pé e em silêncio contemplando o desgraçado.

Perguntei-me se aquele Iscariotes ou homem de Carioth, filho de Simão, um homem ilustre e endinheirado da Judéia, discípulo de João Baptista e atormentado investigador da Verdade, merecia realmente um fim tão desolador...

Regressei para junto do meu amigo, confirmando-lhe a morte de Judas. João Marcos tinha recuperado o manto do renegado e, lentamente, em silêncio, voltamos a Jerusalém. Uma vez na cidade, depois de lhe pedir que me levasse até
casa de João Zebedeu, solicitei-lhe que se pusesse em contato com a família de Judas, a fim de ir levantar os seus restos mortais antes que as ratazanas e os animais da Geena acabassem por desfigurá-lo.

Com grande diligência, como era seu hábito, o filho dos Marcos cumpriu o meu novo pedido.

João Zebedeu não me esperava. Mas recebeu-me com um abraço caloroso. Dispunha de uma casinha de um só piso, muito humilde e quase vazia, na zona norte da cidade. Num bairro que, então, começava a crescer e era conhecido por Bazatha. Evitei um caldeiro em que ardiam alguns pequenos troncos e que estava destinado geralmente a afugentar os insetos e mosquitos, e atravessei o umbral da porta. Dentro da única dependência, muito mal iluminada por uma candeia de azeite, logo distingui quatro mulheres. Eram Maria, mãe de Jesus, sua irmã, Miriam, Salomé, mãe de João, e a jovem Ruth, irmã do Nazareno.

Não havia cadeiras nem bancos e o Zebedeu convidou-me a que me sentasse numa das esteiras estendidas sobre a terra batida que era o chão da casa. Estranhei a singular austeridade daquela morada, com um telhado leve à base de ramadas cobertas de terra e barro e sem uma só janela ou fresta. Soube depois que aquela não era a residência habitual dos Zebedeus. Esta situava-se ao norte, na Galiléia.

João não me apresentou às mulheres. Não era costume, mas, além disso, também não era preciso. Todas as hebréias se mostravam especialmente solícitas com Maria. Uma delas acabava de lhe oferecer uma escudela de madeira com leite. Mas a mãe do Galileu não o queria beber. Quando os meus olhos se foram habituando à penumbra, verifiquei que tinha a cabeça descoberta. O cabelo era muito mais negro do que pensara.

Penteava-se com risca ao meio, recolhendo na nuca uma sedosa e negríssima massa de cabelo. As olheiras, muito mais acentuadas que no momento do encontro com o Crucificado refletiam uma noite sem dormir e sofrimento. Estava sentada numa daquelas grosseiras esteiras de palma e de junco, com o corpo e a cabeça encostados à parede de adobe, olhos semi cerrados. De vez em quando, um suspiro profundo agitava todo o seu ser e os bonitos olhos rasgados entreabriam-se. Por um momento, ao perceber da amargura resignada daquela hebréia, senti-me desfalecer.

Não tinha coragem para a interrogar. As forças e o ânimo pareciam fugir-me, diminuído como me sentia perante a angústia de uma mãe que acabava de perder o filho primogênito.

Como podia iniciar o diálogo? Com que coragem ia enfrentar aquela mulher, destruída pela dor, para lhe pedir que me falasse de seu Filho, da sua infância e da sua não menos ignorada juventude?

Foi João quem, sem querer, me facilitou tão árduo trabalho, previsto por Cavalo de Tróia, como um dos últimos objetivos da minha missão. Depois de sacudir um velho e enegrecido couro de cabra, o discípulo encheu outra escudela de madeira com um leite espesso e ácido, pedindo-me que aceitasse o humilde alimento.

- Não te incomodes com o cheiro - disse-me. - Sacia melhor a sede...

Não quis melindrá-lo e bebi a escudela pestilenta, esforçando-me por fechar os olhos e reter a respiração.

Quando acabei, o Zebedeu recebeu o recipiente e apontando o manto de linho branco que eu trazia suspenso do cinto, exclamou:

- Vejo que não esqueceste o teu presente...

Baixei os olhos e compreendi. E embora aquela espécie de xale tivesse sido comprado para Marta, a irmã de Lázaro, a genial sugestão do discípulo alterou os meus planos.

Efetivamente: aquele podia ser o meio ideal para ganhar a estima e confiança de Maria... Como não me ocorrera aquilo antes?

Tomei-o nas mãos e, levantando-me, aproximei-me do canto onde descansava. Ajoelhei-me na sua frente e estendendo para ela o rico presente roguei-lhe que se dignasse aceitá-lo.

Maria e as mulheres que a rodeavam olharam-me e entreolharam-se. Mas, por fim, a mãe do Rabi, afastando-se da parede, pegou no manto e envolveu-me no seu olhar profundo. Um olhar que me lembrou o do Filho.

João, atento e solícito, aproximou a candeia de barro, para que Maria pudesse contemplar melhor a finíssima textura do linho. Então à luz da lanterna de azeite, os olhos daquela mulher surgiram na minha frente em toda a sua formosura, eram verdes!

Depois de acariciar o tecido, Maria levantou de novo os seus olhos para mim e mostrando-me uma dentadura branca e perfeita, exclamou:

- Obrigado, filho!

Era a primeira vez que escutava aquela voz forte e, no entanto, quente e firme. A partir daquele instante - oito da manhã, aproximadamente - e depois de João Zebedeu lhe explicar quem eu era e porque estava ali, Maria acedeu com agrado a falar-me de Jesus dos seus primeiros anos em Nazaré, das viagens pelo Mediterrâneo e, da morte em acidente de trabalho de seu esposo, o construtor e carpinteiro chamado José.

Tentando ordenar as idéias e os milhares de temas que se agitavam na minha mente, comecei por lhe fazer perguntas sobre o nascimento do Gigante 1..

Pelas onze horas e trinta minutos a nossa conversa viu-se interrompida com a chegada de Jude e José de Arimatéia. Traziam as últimas notícias.

Uma vez terminada a ceia da Páscoa, os homens do Sinédrio tinham voltado a reunir-se desta vez em casa de Caifás. Segundo o ancião, o único tema discutido foi a profecia feita por Jesus de ressuscitar ao terceiro dia. Os sacerdotes, em especial os saduceus, não concediam grande crédito às palavras do Justiçado. Mas os intriguistas membros do Sinédrio consideraram que o mais prudente seria vigiar o sepulcro.

Segundo afirmaram, prosseguiu José podia dar-se o caso de os amigos e crentes em Jesus roubarem o cadáver, propagando depois a mentira da Sua ressurreição. Com o fim de abortar qualquer tentativa de

roubo, o sumo sacerdote nomeou uma comissão, encarregada de visitar o procurador romano à primeira hora da manhã de sábado. Pois bem, aquele grupo de sacerdotes acabava de se encontrar com Pilatos. Avisado por um dos seus confidentes, José apressara-se a ir ao Templo. Ali, depois de não poucas troças e ferinas insinuações por parte desta comissão - conhecedora da sua ligação ao Nazareno – o proprietário do jardim onde o Mestre fora sepultado conheceu finalmente os pormenores da conversa entre os sacerdotes e Pilatos.

- Senhor - disseram os juízes ao governador -, recordamos-te que Jesus de Nazaré, esse falsário, disse em vida: Passados três dias ressuscitarei. Por conseguinte, apresentamo-nos perante ti para te rogar que dês as instruções necessárias para que o sepulcro seja devidamente protegido contra os Seus discípulos, enquanto não se passarem estes três dias. Tememos que os Seus fiéis tentem roubar o corpo durante a noite e, a seguir, proclamem ao povo que ressuscitou de entre os mortos. Se o consentíssemos seria um erro maior do que se O tivéssemos deixado com vida.

E Pilatos, depois de escutar este pedido, respondeu:

- Dar-vos-ei uma escolta de dez soldados. Vão e organizem a guarda em frente do sepulcro. Prosseguiu José de Arimatéia:

- Aquela escolta romana e mais dez levitas, recrutados numa das seções semanais do Templo encontram-se na frente do sepulcro, tal como pude verificar antes de vos vir procurar.

- Aquelas bestas hipócritas que rodeiam e adulam Caifás não tiveram o menor escrúpulo em violar o sagrado sábado e invadiram a minha propriedade. Quando tentei descer à cripta, alguns dos guardas do Santuário cortaram-me o caminho, obrigando-me a sair do jardim. É indigno!

* 1 O extenso relatório do Major sobre esta apaixonante conversa com a mãe de Jesus de Nazaré, em que aparecem uma infinidade de dados novos e fascinantes sobre a infância, juventude e maturidade do Galileu, foi retirado do diário e incluído - devido à sua extensão - num próximo volume. Lamento, sinceramente, deixar o leitor com água na boca...
(Nota de J. J. B.)

- Então - insinuei -, ninguém pode aproximar-se do sepulcro.

- Ninguém, a não ser a guarnição de Antonia ou o corpo de levitas. Os selvagens retiraram até lousa que tapava o poço do hortelão, encostando-a à rocha que fecha a câmara sepulcral. Depois, colocaram o selo de Pilatos, para que ninguém as possa remover.

A notícia deixou-me francamente preocupado. Precisamente, os últimos minutos da minha missão deviam decorrer o mais perto possível do sepulcro. Cavalo de Tróia tinha especial interesse, como é natural, em averiguar se a ressurreição do Mestre da Galiléia fora ou não uma realidade objetiva ou, pelo contrário, uma lenda. Como podia levar a

cabo a minha observação se o caminho para o sepulcro estava impedido pelas vinte sentinelas?

Ainda me restavam muitas horas e preferi não me atormentar com tal dilema. De alguma coisa me lembraria...

A mudança de tema na conversa de José ajudou-me a esquecer temporariamente o assunto. Com grande surpresa minha uma das grandes preocupações do ancião era compor o epitáfio que devia ser gravado na fachada rochosa do sepulcro, onde repousava o corpo do Mestre. José trazia, até, algumas frases escritas que deu lendo a Jude e a João.

Em atitude grave, os três homens discutiram quanto ao possível texto, chegando à conclusão de que a última era talvez a mais adequada. Pedi a João que me deixasse ver o pedaço de pergaminho e, em aramaico, li o seguinte:

"Este é Jesus, o Messias
Não há aqui ouro nem prata
mas sim os Seus ossos.
Maldito seja o homem
que o abra."

Eu sabia que o saque de túmulos estava na ordem do dia em Israel, mas não podia aceitar a falta de fé daqueles íntimos de Jesus de Nazaré que não hesitavam em qualificar o Galileu como Messias, renunciando por completo à idéia da Sua ressurreição. Era tão triste quanto anacrônico...

Uma vez decidido o epitáfio, José mostrou a frase escolhida à mãe de Jesus. Mas Maria negou-se a lê-la. E pondo os olhos em cada um dos presentes, censurou-lhes a falta de confiança com um comentário lapidar:

- O Messias escreverá o seu epitáfio com uma só palavra: Ressuscitou.

Um pesado silêncio caiu sobre todos durante alguns minutos. José de Arimatéia moveu a cabeça negativamente e Jude e João limitaram-se a baixar o rosto, manifestando assim as suas dúvidas.

Mas a senhora não insistiu. Novamente se encostou à parede e semicerrou os olhos. José de Arimatéia rompeu a embaraçosa situação, tentando convencer-nos e convencer-se de que não devíamos acalentar falsas ilusões José de Arimatéia comentou:

- A notícia da promessa da Sua ressurreição acabou por invadir as ruas e Jerusalém inteira fala do caso. Se o Mestre não cumpre o que prometeu, em que situação ficarão os Seus discípulos e Ele próprio?

Infelizmente, aquela atitude, própria de um homem inteligente e com um grande bom senso, era compartilhada pela quase totalidade dos apóstolos, escondidos desde a noite de quinta-feira em diferentes casas de Jerusalém e Betânia, mortos de medo e sem a menor esperança quanto ao seu futuro.

Se aqueles rudes galileus tivessem a fé de David Zebedeu, para dar um exemplo, as coisas teriam sido muito diferentes...

Ainda que com o risco de me repetir, creio ser de extrema importância salientar esta ingrata mas muito humana disposição dos apóstolos e adeptos do Filho do Homem em relação ao tema da ressurreição. Estão enganados os que possam pensar que os discípulos esperavam ansiosos pelo amanhecer do terceiro dia. Ninguém em seu são juízo podia aceitar que um cadáver, trinta e seis horas após o falecimento, fosse capaz de se levantar e de viver. Mas o surpreendente Rabi nunca falava em vão...

Meia hora antes do ocaso - pelas seis - Jude e sua irmã Ruth puseram-se a caminho, acompanhando sua mãe, à residência de Lázaro, em Betânia. João, obedecendo à recomendação feita por André, acorreu a casa de Elias Marcos, onde se marcara uma reunião de urgência de todos os discípulos e fiéis de Jesus que se encontrassem na Cidade Santa.

Ofereci-me para acompanhar a família do Nazareno e, desta forma, pude ampliar os meus conhecimentos sobre a vida de Jesus. Pelas dezenove horas e trinta minutos, as irmãs do Mestre receberam-nos no seu lar, manifestando-nos muitas atenções.

Mas a noite chegava e, depois de me despedir dos meus novos amigos, agradeci a Marta e a Maria a sua generosa hospitalidade, anunciando-lhes que ia fazer uma longa viagem e que, quase com toda a certeza, não tardaria em regressar.

Aquela mentira piedosa, que talvez tenha aliviado o aflito coração de Marta, acabaria por ser realidade. Uma realidade que foi ao encontro das aspirações deste cada vez menos incrédulo e cético oficial da Força Aérea norte-americana. A irmã mais velha de Lázaro, com os olhos inundados de lágrimas, confiou-me em segredo que seu irmão tivera de se refugiar em Filadélfia e que elas, logo que pudessem vender as suas terras e bens, seguiriam os passos dele. Eu conhecia a primeira parte da informação, mas - estúpido que fui! - naquele instante, enquanto me despedia, não soube adivinhar o que verdadeiramente encerrava a sua confissão...

Pouco antes da meia-noite, preocupado com o tardio da hora e em encontrar alguma maneira que me permitisse observar a entrada do sepulcro com o máximo de clareza e segurança, iniciei a ascensão do monte das Oliveiras. Iria realmente acontecer o grande feito? Teria realmente a grandiosa oportunidade de
verificar com os meus próprios olhos o anunciado prodígio da ressurreição?

9 DE ABRIL, DOMINGO

Pela uma da madrugada, sem ar nos pulmões e escorrendo suor por todo o corpo, avistei por fim a cerca de madeira da herdade de José de Arimatéia. Tudo se encontrava em silêncio. Solitário. Caminhei nervosamente para cima e para baixo da cerca, pensando nalguma maneira que me conduzisse são e salvo ao interior do jardim. Mas o cérebro, com toda aquela pressa, negava-se a trabalhar. Eliseu, à minha passagem pelo cume do monte das Oliveiras, tinha-me recordado a imperiosa necessidade de contar com a minha presença antes das cinco horas. Os preparativos para o regresso exigiam um mínimo de verificações e a definitiva regularização do computador. Penso que lhe prometi voltar muito antes daquela hora. Não me lembro bem. A excitação ia tomando conta de mim, à medida que corria ladeira abaixo, em direção à zona norte da cidade.

Agora, com a missão quase concluída, sentia-me incapaz de coroar com êxito o que, sem dúvida, podia ser a fase decisiva de todo o Projeto.

Inspirei profundamente e, sem mais demoras, saltei para dentro da propriedade. Podia ter aberto a cancela mas pensei melhor. Os gonzos ferrugentos podiam denunciar-me.

Uma vez entre as árvores frutíferas permaneci uns minutos agachado, atento ao menor ruído. Tudo continuava calmo. E, a mim mesmo encorajando, arrastei-me pelo seco terreno argiloso, apoiando-me, a cada lanço, nos antebraços e cotovelos. Tinha saltado à esquerda da porta, com uma intenção: tentar alcançar a parte posterior da casinha do hortelão. Uma vez lá, se os guardas não me descobrissem muito antes, logo se veria...

Fui fazendo pequenas pausas, escondendo-me atrás dos fracos troncos das árvores de fruto e tentando penetrar no pequeno bosque com os olhos. A lua, praticamente cheia, irradiava uma claridade que, aqueles decisivos minutos, podia trair-me. Uns metros mais, disse para comigo, estou quase conseguindo. Arquejando com a túnica avermelhada pelo barro escondi-me, por fim, atrás do muro de pedra do poço, situado a uma dezena de passos da casa do jardineiro. Levantei lentamente a cabeça por cima do poço e verifiquei com alívio que a porta se encontrava fechada. Dentro não havia luz alguma e a chaminé estava inativa. Talvez os soldados o tenham obrigado a largar a casa, pensei, e naquele instante uma dúvida mortal me secou a garganta.

E se tivesse chegado demasiado tarde? E se a ressurreição já tivesse acontecido? O único indício neste sentido aparece no texto evangélico de Mateus (28, 1-8). Se o autor sagrado tinha razão e o prodígio devia acontecer ao amanhecer do primeiro dia - quer dizer, de domingo – tudo estava perdido. O orto ou aparecimento do limbo superior do Sol no horizonte fora estabelecido por Papai Noel com uma precisão matemática: dada a latitude aproximada de Jerusalém - 32 graus norte - esse instante ocorreria pelas cinco horas e quarenta e dois

minutos. O ocaso, como referi na devida altura, se registraria, conseqüentemente, pelas dezoito horas e vinte e dois minutos.

Os planos do general Curtiss, pelo menos neste sentido, teriam falhado. O meu regresso ao berço, como mencionei anteriormente, tinha de se dar, o mais tardar, pelas cinco dessa madrugada.

Mas um inesperado acontecimento me arrancou destas meditações, fazendo-me tremer dos pés à cabeça. De repente, os cães de José de Arimatéia começaram a ladrar furiosamente.

Não tinha contado com aquele novo problema!

Colei-me à parede do poço, tentando adivinhar a posição dos cães. Não tardaria a descobri-lo. Dois ou três minutos depois senti nas minhas costas o rosnar dos animais. Tinham-me localizado, permanecendo a dois ou três metros, com as faces abertas e ameaçadoras. Voltei-me, disposto a bater-lhes e a pô-los fora de combate se fosse preciso.

Na realidade, tratava-se de dois pequenos animais e pensei que não seria muito difícil amedrontá-los ou bater-lhes com a vara de Moisés.

O que mais me preocupava era que a escolta romana ou levítica pudesse aparecer e descobrir-me. Preparei-me e, pondo-me de pé, decidi afugentá-los. Mas o meu sangue gelou-se, uma mão rude e pesada caiu-me no ombro direito...

Ao virar-me, quando considerava que tudo estava perdido, encontrei na minha frente a imensa silhueta do hortelão!

Antes que pudesse dar-lhe uma explicação, levou o indicador aos lábios, pedindo-me para manter silêncio. Logo a seguir, fez-me sinal para que o acompanhasse. Surpreendido, obedeci como um autômato.

Os cães, ao verem o inquilino da casa, ficaram em silêncio, seguindo-nos docilmente até dentro da residência. Uma vez ali, o hortelão soube das minhas intenções. Tinha me reconhecido e, como adepto dos ensinamentos do Mestre, mostrou-se contente ante a minha suposta fé, prometendo ajudar-me a encontrar o lugar indicado e satisfazer assim o meu aparentemente insólito e louco desejo. Muito devagar, medindo cada passo, aquele homem rodeou a casa, entrando num pequeno vinhedo a ocidente da cripta e que eu vira rapidamente durante a minha primeira visita ao jardim.

Próximo do promontório onde fora sepultado o corpo do Nazareno levantava-se uma espécie de enorme caixote, de uns dois metros de altura. Ele escondeu-se atrás de um dos muros de tábuas do misterioso cubo e eu fiz o mesmo.

– Daqui poderás observar sem perigo...

Abriu depois o pequeno alçapão existente na base daquele lado do caixote, fazendo-me sinal para que me abaixasse e entrasse. Sem saber o que me esperava, pus-me de joelhos, e entrei. Na minha precipitação esqueci a vara de Moisés no solo. Mas quando quis recuar, o hortelão baixara o alçapão.

Empurrei mas... estava fechada por fora! Desesperado, escutei os passos do jardineiro, afastando-se em direção à casa.

Que podia fazer? Se gritasse, pedindo a presença do guarda, os soldados ouviriam. Além disso - pensei com descontrolado nervosismo como vou sair daqui? Sons de asas esvoaçando reconduziram-me ao presente. Levantei o rosto, tentando identificar aqueles sons e, ao levantar-me as trevas do caixote converteram-se num bombardeamento de pequenos corpos brancos, chocando entre si, contra a minha cabeça e contra as paredes do cubículo.

Instintivamente, defendi-me com ambos os braços. Mas o aterrador e aterrado ir e vir daqueles seres continuou pelo espaço de alguns minutos. Acocorei-me novamente e, pouco a pouco, tudo foi serenando.

O chão, de terra, estava atapetado com penas. Ao examiná-las, compreendi, estava num pombal! Apesar do susto, não pude evitar uma gargalhada abafada. O bom hortelão tinha-me metido num pombal...

Para dizer a verdade, durante mais de meia hora, a minha preparação de anos como astronauta, os meus estudos, investigações e aprendizagem para tão importante projeto, de nada me serviram. Simplesmente, o general Curtiss não tinha previsto aquela ridícula situação e, naturalmente, eu não tinha a menor idéia de como serenar trinta pombos, certamente assustados com a brusca entrada de um estranho em sua casa.

Se não conseguisse tranqüiliza-los seria muito difícil espreitar pela rede metálica existente na parte superior do caixote.

Duas vezes tentei, mas o resultado foi igualmente caótico. Apesar dos meus suaves assobios, ternas palavras e meus gestos apaziguadores, as inquietas aves entraram em alvoroço em ambas as ocasiões.

Rendido, deixei-me cair no fundo do pombal. Cheguei a pensar em matá-los. Mas só a idéia me repugnou. Durante uns minutos com a cabeça pousada nos joelhos, tentei lembrar quanto sabia ou tinha visto relacionado com aqueles animais. No escasso caudal de recordações veio-me à memória a figura de meu avô, velho caçador de patos nas lagoas de Baton Rouge, na Luisiana.

Relembrei algumas alvoradas na sua companhia durante as minhas saudosas férias da juventude nas margens do lago Pontchartrain. Lembrei as garças e - céus - de repente, como um milagre, no meu cérebro surgiu a cara de meu avô, com um raminho entre os dentes, dando estalos com as mandíbulas e movendo a cabeça para cima e para baixo, numa imitação das garças no cio. Aquela cena, que sempre me divertira, podia ser a solução...

Procurei mas não encontrei um só ramo. Sem desanimar, peguei na pena mais comprida que havia no chão e, metendo-a entre os dentes, comecei a oscilar a cabeça umas oito ou dez vezes por minuto. Depois, com uma lentidão que me pareceu desesperante fui-me

levantando em direção aos poleiros e aos ninhos, tentando emitir qualquer coisa parecida com um arrulho.

A meio caminho parei, observando-os, sem deixar de mover a cabeça. Aquele velho sistema para atrair a atenção das garças-fêmeas na América parecia ser bom. Alguns esvoaçaram inquietos mas a maioria continuou impassível. (Ignoro se absortos ou surpreendidos - ou ambas as coisas ao mesmo tempo - com aquele pobre estúpido que pretendia fazer-se passar por mais um pombo.) Dez ou quinze minutos depois, Cavalo de Tróia ficava em dívida com o meu desaparecido e imaginativo avô, os pombos, tranqüilos, acabaram por me aceitar ou me esquecer. (Porque este pormenor nunca ficou muito claro...)

Sem deixar de mexer a cabeça, com a ponta da pena entre os dentes, assomei à rede de metal.

A minha posição, tal como dissera o hortelão, era privilegiada. Encontrava-me a uns oito ou dez metros do final do estreito caminho que conduzia às escadas do sepulcro. A Lua iluminava muito bem a parte superior da penha, bem como os soldados que estavam de guarda mesmo à entrada da galeria ou ante-sala da cripta.

Tinham acendido uma fogueira, formando dois grupos perfeitamente diferenciados e distanciados entre si uns três ou quatro metros. Pouco a pouco, fui reconhecendo as sentinelas. Os que se reuniam em volta do fogo eram legionários romanos.

Porém, não vi oficial algum. O segundo pelotão, também de dez homens, era constituído por levitas. Era curioso, durante mais de meia hora, nenhum dos guardas do Templo se dirigiu aos seus companheiros de serviço.

Ou muito me enganava ou se ignoravam mutuamente. Aquela situação era perfeitamente verossímil, tendo em conta o ódio recíproco de ambos os povos...

Apesar da minha proximidade, a boca da câmara funerária não era visível do improvisado observatório. Estando abaixo do nível do terreno, era praticamente impossível avistá-la. Quando muito, e levantando-me até ao teto do pombal, conseguia ver um pedaço da zona superior da fachada sepulcral.

Aquilo inquietou-me, mas tentei acalmar-me. Apesar de tudo, se acontecesse alguma coisa, os primeiros a notar seriam os próprios guardas. Bastava não os perder de vista. O fato de ali estarem, tranqüilamente sentados ou deitados no terreno, era sinal de que, de momento, nada de estranho tinha acontecido.

E pelas duas horas e trinta minutos, tal como programara Cavalo de Tróia, Eliseu efetuou a primeira das chamadas ligações em cadeia. Até às três horas e trinta minutos daquela madrugada, o meu companheiro no módulo iria me recordando o horário de meia em meia hora. A partir desse momento - e até às cinco horas - as chamadas, porque de tal se tratava, se efetuariam de quinze em quinze minutos. O

Projeto tinha previsto - e assim foi por todos os componentes da missão - que, em caso de alta emergência, o módulo descolaria mesmo com um só astronauta. (Nesta altura da operação, alta emergência significava apenas uma coisa: que eu não pudesse ir ao encontro do berço antes da decolagem automática.)

Naturalmente, não quis inquietar o meu irmão, explicando-lhe que me encontrava fechado num pombal...

E pelas duas horas e quarenta minutos aconteceu o inexplicável. Quando vigiava os movimentos do guarda, notei algo de estranho...

Não saberia como o explicar.

Foi como que um abalo. Não, talvez a palavra mais exata fosse vibração...

Mas uma vibração seca. Quase instantânea. Sem ruído...

Cessou nuns décimos de segundo.

A minha primeira impressão foi confusa. Pensei que talvez o pombal tivesse oscilado devido a alguma rajada de vento. Mas logo apercebi dois fatos importantes. Em primeiro lugar, não havia vento. E, segundo, os pombos também tinham sentido aquela espécie de descarga elétrica... para de algum modo lhe dar um nome. Desta vez tenho a certeza, não fui eu o causador do agitar dos pombos, que abriram as asas e começaram a soltar um som parecido com o gluglu dos perus. Se tratasse de um novo sismo, Eliseu imediatamente o registraria e me avisaria. Mas a voz do meu companheiro continuou muda.

Agarrei-me com força à rede metálica e concentrei os meus cinco sentidos nos soldados. Dois ou três legionários tinham-se levantado, mas, a não ser isto, tudo parecia tranqüilo.

Ainda nem dois minutos tinham decorrido quando um novo abalo, ou vibração, ou descarga - juro que não sei como o classificar - fustigou o pombal e, a julgar pelo espanto das sentinelas, as cercanias do sepulcro.

As aves começaram a esvoaçar. As vibrações pareciam encadeadas. Sucediam-se quase sem interrupção e com uma força que fez tremer a frágil estrutura de tábuas onde me encontrava prisioneiro. Ao mesmo tempo, e creio que foi isto o pior, um zumbido agudíssimo - infinitamente mais forte e agudo que o de um gerador – me feriu os ouvidos, perfurando-me os tímpanos. Pensei que fosse enlouquecer. Tentei proteger os ouvidos com as mãos, mas foi inútil. Aquele silvo continuava cravado no meu cérebro com uma freqüência muito próxima dos dezesseis mil Hertz.

Caí no chão, meio inconsciente e, quando pensava que a cabeça me ia rebentar, tudo cessou. As vibrações e zumbidos desapareceram inteiramente. Ao levantar o rosto, vi alguns pombos no chão, mortos ou com os espasmos da agonia.

Levantei-me, como que movido por uma mola.

Que era aquilo? Que estava acontecendo?...

Ao olhar para fora vi os soldados meio caídos por terra, gritando e agarrando a cabeça com as mãos. O zumbido, não havia qualquer dúvida também os atingira.

Chamei Eliseu, pedindo-lhe informação sobre a hora e um possível registro nos sismógrafos. Eram duas horas e quarenta e quatro minutos e, tal como suspeitava, os instrumentos de bordo não detectavam oscilação alguma de terreno. Sem poder conter-me relatei a Eliseu o sucedido, manifestando-lhe a minha preocupação pelo que estava acontecendo.

Durante os minutos seguintes, a calma foi completa. Os soldados foram-se recompondo, travando uma viva discussão quanto ao sucedido. Uns diziam que fora um novo terremoto.

Outros, em contrapartida, falaram de uma tempestade.

Tempestade disse para comigo. Observei o céu. Continuava transparente, sem o menor sinal de nuvens.

Impossível, disse para comigo. Não conheço uma tempestade que seja capaz de originar um zumbido como este. Além disso, como explicar os abalos?

Alguns levitas insinuaram que deviam avisar os chefes, mas, finalmente, perante a falta de motivos, desistiram e voltaram a sentar-se. Às três horas Eliseu fez a segunda chamada.

Perguntou-me se tudo continuava em ordem e, ao responder-lhe afirmativamente, sugeriu-me que não me descuidasse.

- Às cinco - comentou - tomaremos chá...

Agradeci o gracejo do meu irmão. Bem precisava. Aquela tensão estava me destruindo. Quando começava a acreditar que tudo aquilo podia ter sido fruto da minha imaginação, um novo acontecimento veio agitar este parêntese. Sete ou oito minutos depois da última ligação com o módulo, um silêncio estranho e anormal - muito semelhante ao que tinha sentido em Getsémani - caiu sobre a zona. Observei os pombos.

Inexplicavelmente, estavam encolhidos no fundo dos pequenos ninhos, visivelmente assustados.

Escutei.

Nada. Não se ouvia o mais ligeiro som.

Os soldados romanos, intrigados com o silêncio, tinham-se posto de pé.

Pelas três horas e dez minutos, no meio daquele espesso silêncio, um calafrio percorreu-me dos pés à cabeça. Como um rugido, como uma mão de ferro que se arrastasse sobre uma rocha, assim comecei a ouvir o lento, muito lento, roçar de uma pedra por outra.

Se não tivesse assistido ao encerramento do sepulcro do Nazareno com a enorme lousa acho que não teria associado aquele bramido com o ruído da mó ao rolar pelo fundo da ranhura.

O meu pressentimento viu-se confirmado quando, subitamente, um dos levitas foi à galeria do sepulcro, lançando um grito assustador. Os seus companheiros e também os legionários acorreram. Poucos

segundos depois começaram a recuar, gemendo e tropeçando uns nos outros.

- As pedras - gritavam em plena confusão. - As pedras estão se movendo sozinhas!... As pedras!

Os guardas do Templo, invadidos por um pânico indescritível, fugiram em todas as direções, berrando e batendo nos ramos mais baixos das árvores frutíferas.

Quanto à escolta romana, alguns recuaram até à fogueira, desembainhando as espadas.

Dois, não sei se paralisados pelo terror ou mais audazes que os seus companheiros, mantiveram-se à beira dos degraus que conduziam ao sepulcro. Durante segundos que me pareceram séculos, o rugido da pedra circular, rolando e arranhando a fachada do sepulcro, tudo encheu.

Os levitas tinham desaparecido do jardim. Quanto aos legionários, embora continuassem a poucos metros da abertura do túmulo, os seus rostos estavam banhados por um suor frio.

De repente, o barulho da lousa cessou. E quase simultaneamente, da galeria brotou uma labareda de luz. Não foi fogo. E também não o poderia definir como uma explosão, entre outras razões, porque não ouvi estampido algum. Só posso dizer que se tratou de luz. Uma língua, ou bolha, ou radiação luminosa, de um branco azulado indescritível.

Aquela explosão luminosa - não encontro palavras para a descrever - saiu do sepulcro. Disso, sim, estou certo. E prolongou-se instantaneamente até às árvores mais próximas, situadas a pouco mais de quatro metros dos degraus de acesso ao sepulcro.

A sua trajetória foi oblíqua, seguindo uma lógica via de escape. De certo modo, lembrou-me uma onda expansiva mas luminosa. Em décimos de segundo desapareceu e tudo ficou no mais absoluto silêncio. Os soldados jaziam por terra, como mortos. Agitei-me, inquieto, tentando ver alguém. Ali, era evidente, acontecera algo de anormal e inexplicável à luz de toda a razão. Mas, por mais que percorresse o local com os olhos, o sepulcro e as suas proximidades continuavam solitárias. A fogueira estava crepitando e do túmulo - tinha certeza disso - não saíra ninguém. Mas, quem podia aparecer por aqueles degraus que não fosse o próprio Jesus de Nazaré?

Jesus de Nazaré?

Sem saber como nem porquê, sentei-me no chão do pombal, atirando furiosos pontapés à portinhola. Tinha de sair. Tinha de entrar no sepulcro e desvendar a tremenda dúvida que acabava de me assaltar. Ainda estaria lá o cadáver de Jesus de Nazaré?

Maldita porta! Abra-se!

E num daqueles violentos pontapés, a portinhola saltou.

Enfiei-me como um louco pela abertura, seguido por um não menos enlouquecido turbilhão de pombos. Recuperei a minha vara e

corri, corri sem fôlego. Os legionários, com os olhos muito abertos, continuavam por terra.

E comecei a descer os degraus. Mas, de repente, tive medo. Um pânico irracional que me eriçou os cabelos. Dei meia volta e saí dali correndo, sufocado e com a língua endurecida como cartão.

Mas, quando me preparava para me aventurar por entre as árvores, sem rumo certo qualquer coisa me deteve. É possível que fosse o bater do coração acelerado para lá das cento e oitenta pulsações por minuto. Respirei fundo, encostei-me ao tronco de uma das árvores e tentei pensar.

Tinha de voltar! Era preciso...

Contactei o módulo e pedi a Eliseu que não me perguntasse nada:

- Fala-me só, fala-me sem parar até que eu te avise.

Eliseu, bendito seja, não fez perguntas, mas, consciente de que algo de grave acontecia, procurou animar-me...

- Tenho um livro nas mãos - começou - e vou ler uma passagem. Olha a oriente... Olha a oriente do teu coração...Nasce um novo sol...

Enquanto aqueles versos me soavam no cérebro como uma mão mágica (nunca soube quem era o autor), voltei ao caminho, aproximando-me entre tremores do fosso da cripta.

.. Dizem que deixa sulcos de liberdade... Dizem que é a esperança. A esperança adormecida até hoje na outra margem...

Um, dois, três, quatro degraus... Só me faltava um. Respirei fundo muitas vezes e, à luz da Lua, aproximei-me da fachada do sepulcro. As duas pedras, efetivamente, tinham sido empurradas para a esquerda, deixando a descoberto a escura cavidade da gruta. Mas, disse para comigo, se os vinte guardas estavam ali em cima, quem rolou estes penedos? O seu peso total devia ser mais de setecentos quilos... Os selos do procurador estavam destruídos e tinham sido atirados para a galeria.

Comecei a suar... Entrava?... E se não estivesse?...

.. Olha para oriente... Para oriente de ti mesmo...

Tenho de entrar. E, acocorando-me, enfiei a cabeça. Mas a escuridão no interior da cripta era total: cerrada como goela de lobo. É impossível, disse para comigo. Preciso de um archote.

Voltei atrás pegando num dos lenhos chamejantes da fogueira.

Ainda que paralisados, os soldados estavam vivos. O pulso não oferecia dúvidas.

... Está amanhecendo na costa do teu olhar... Brilha Já uma nova estrela...

Desci as escadas e com o coração à beira de uma síncope, introduzi o facho pelo buraco da entrada. A luz avermelhada da madeira ardente logo inundou a câmara sepulcral. Rastejei um pouco mais e ao levantar os olhos, um abalo me destruiu a alma. O archote caiu no chão e eu ali fiquei, de joelhos, de boca aberta e olhos fitos naquele banco de pedra... vazio!

... Já chega... JÁ tens o meu sinal nas tuas mãos...

E sem poder conter-me, as lágrimas começaram a correr-me pelo rosto. O medo tinha desaparecido. Jesus de Nazaré não estava!... Mas aos meus ouvidos continuavam soando os últimos versos de Eliseu:

... Já chega... Já tens o meu sinal...

Deixei que as minhas lágrimas caíssem no chão do Sepulcro, enquanto uma paz infinita me aliviava o coração torturado.

Sem pestanejar, sem me mover, examinei as mortalhas. O lençol mortuário estava no lugar que o Nazareno ocupava. E entre ambos os lados da mortalha, no lugar onde pousara a cabeça do Mestre, distinguia-se o relevo do sudário, ou lenço, com que Nicodemo lhe prendera o maxilar inferior. Era como se o cadáver tivesse sido retirado dali por sucção.

Como se aquele grande corpo se tivesse evaporado. A posição da mortalha
Vazia - não deixava dúvidas. Se alguém tivesse roubado ou transportado o cadáver, os lençóis nunca teriam ficado naquela posição impressionante.

Mas como?

Como?, repetia eu para mim, constantemente.

Primeiro foram as trepidações. Depois as pedras que rolam, empurradas por uma força invisível e, por último, aquele fogo luminoso... Como?

E agora, como o maior prodígio de todos os tempos, um sepulcro vazio.

Seria preciso esperar pela minha segunda grande viagem à Palestina do ano 30 para começar a ter a intuição do que acontecera dentro daquele sepulcro. Foi a análise dos lençóis que nos deu uma pista. Como antecipação, posso dizer que a ressurreição do Galileu - o fato físico e milagroso da sua ressurreição - se deu poucos minutos ANTES da desintegração dos seus restos mortais. Nada teve a ver uma coisa com a outra. O cadáver evolara-se, sim, mas ANTES, insisto, Jesus tinha feito o grande prodígio.

Finalmente, avisei o meu companheiro de que ia começar o meu caminho de regresso à nave. E pelas três horas e trinta minutos, depois de beijar o solo rochoso da cripta, deixei o jardim de José de Arimatéia. Os soldados da Fortaleza Antonia ali continuavam, desmaiados, como testemunhas mudas da mais formidável notícia: a Ressurreição do Filho do Homem.

Pelas cinco horas e quarenta e dois minutos daquele domingo de glória, 9 de Abril do ano 30 da nossa Era, o módulo decolou ao nascer do Sol. Ao elevarmo-nos para o futuro, uma parte do meu coração ficou para sempre naquele tempo e Naquele homem a quem chamam Jesus de Nazaré.

JANEIRO DE 1984

Fim do Livro